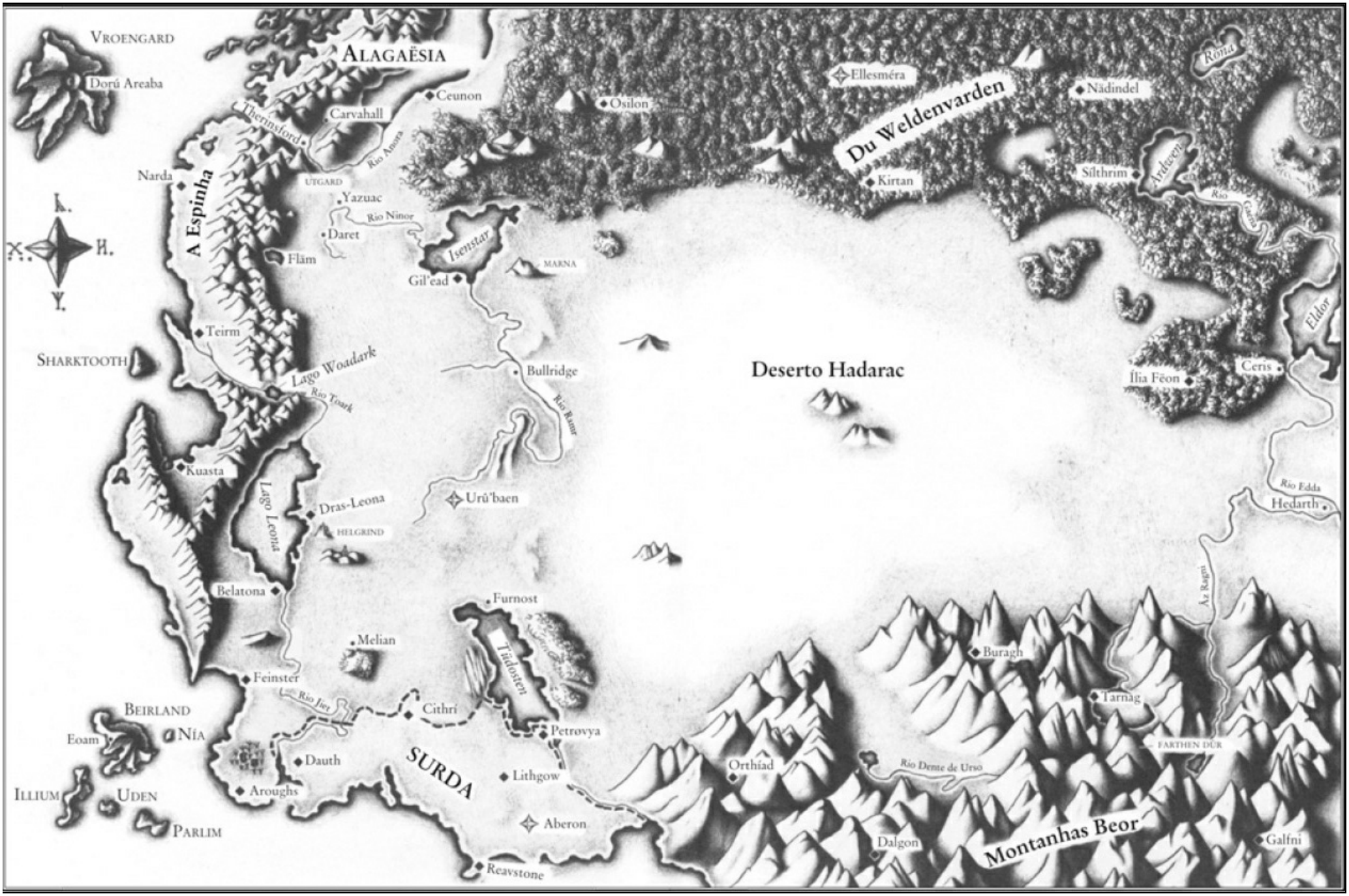
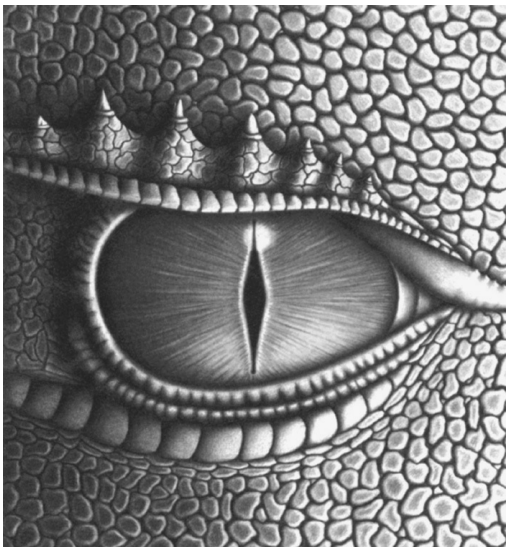
Christopher Paolini

ERAGON

ROCCO JUNIOR


Vroengard
Dorú Areaba
Alagaësia
Ceunon
Carvahall
Therinsford
Rio Anora
Narda
A Espinha
UTGARD
Yazuac
Rio Ninor
Daret
Fläm
Isenstar
Gil'ead
MARNA
Ellesméra
Osilon
Du Weldenvarden
Nädindel
Rona
Kirtan
Silthrim
Ardveen
Rio Gaeris
Eldor
Teirm
Sharktooth
Lago Woadark
Rio Toark
Bullridge
Rio Ramr
Deserto Hadarac
Ilia Fëon
Ceris
Kuasta
Lago Leona
Dras-Leona
HELGRIND
Urû'baen
Rio Edda
Hedarth
Belatona
Furnost
Tûdosten
Melian
Az Ragni
Buragh
Feinster
Rio Jiet
Cithri
Tarnag
Beirland
Nía
Eoam
Petrovya
Dauth
SURDA
Lithgow
Orthiad
Rio Dente de Urso
FARTHEN DÛR
Illium
Uden
Aroughs
Aberon
Parlim
Dalgon
Montanhas Beor
Galfni
Reavstone



ERAGON

A H E R A N Ç A

LIVRO UM

Christopher Paolini

Tradução
Nelson Rodrigues Pereira Filho

ROCCO DIGITAL

Este livro é dedicado à minha mãe, por me mostrar a magia no mundo;
a meu pai, por ter revelado uma nova maneira de ver a vida.
E também à minha irmã, Angela, por me ajudar quando estou triste.

ERAGON

PRÓLOGO:
ESPECTRO DO MEDO

O vento uivava na noite, carregando um aroma que mudaria o mundo. Um Espectro alto ergueu a cabeça e cheirou o ar. Ele parecia humano, exceto pelo cabelo carmesim e olhos castanho-avermelhados.

Surpreso, piscou os olhos. A mensagem estava correta: eles estavam aqui. Ou seria uma armadilha? Ele ponderou e, depois, disse friamente:

– Espalhem-se. Escondam-se atrás das árvores e dos arbustos. Detenham qualquer criatura que se aproximar... ou morrerão.

À sua volta doze Urgals moviam-se desordenadamente, empunhando espadas curtas e escudos de ferro redondos com símbolos pretos. Pareciam homens de pernas curvadas e de braços grossos e brutos, feitos para destruir. Um par de chifres retorcidos brotava acima de suas pequenas orelhas. Os monstros foram correndo em direção aos arbustos, grunhindo enquanto se escondiam. Logo, o barulho de folhas sendo agitadas parou, e a floresta ficou silenciosa de novo.

O Espectro olhou em volta de uma grande árvore e, depois, para a trilha. Estava escuro demais para que qualquer humano pudesse enxergar, mas para ele o fraco luar parecia a luz do sol descendo por entre as árvores. Cada detalhe mostrava-se nítido e exato para o seu olhar inquiridor. Permaneceu estranhamente em silêncio, segurando uma longa espada fosca. A arma era fina o bastante para penetrar entre duas costelas, porém era suficientemente forte para atravessar a armadura mais resistente.

Os Urgals não podiam enxergar tão bem quanto o Espectro; tateavam como mendigos cegos, manuseando suas armas atabalhoadamente. Uma coruja piou, rasgando o silêncio. Ninguém relaxou até o pássaro voar dali. Os monstros tremiam na noite fria. Um deles quebrou um graveto com a sua bota pesada. O Espectro sibilou furioso, e os Urgals se encolheram, imóveis. O Espectro conteve sua repulsa – os monstros fediam a carne podre – e se virou. Eles eram meros instrumentos, nada mais.

O Espectro pôs sua paciência à prova quando os minutos se tornaram horas. O aroma se propagava muito à frente dos que o exalavam. Ele não deixou que os Urgals se levantassem ou se esquentassem. Também negava esses luxos a si mesmo, permanecendo atrás de uma árvore, observando a trilha. Outra rajada de vento cortou a floresta. O cheiro estava mais forte dessa vez. Excitado, ergueu o lábio fino, mostrando os dentes.

– Preparem-se – sussurrou. Seu corpo todo tremia. A ponta de sua espada se movia em pequenos círculos. Foram necessários muitos planos e muito sacrifício para colocá-lo ali, naquele momento. Não podia perder o controle agora.

Os olhos dos Urgals brilhavam abaixo das grossas sobrancelhas, e as criaturas seguravam suas armas com mais força. À sua frente, o Espectro ouviu um tinido, como se algo tivesse batido com força em uma pedra solta. Vultos indistintos emergiram da escuridão e avançaram pela trilha.

Três cavalos brancos e seus cavaleiros galopavam em direção à emboscada. Eles estavam de cabeça erguida, orgulhosos, suas mantas ondulavam sob o luar, parecendo prata líquida.

No primeiro cavalo ia um elfo de orelhas pontudas e de sobrancelhas elegantes e oblíquas. Tinha o corpo esguio, porém forte, como um florete. Um poderoso arco pendia em suas costas. Uma espada pressionava a lateral de seu corpo e estava oposta a uma aljava cheia de flechas guarnecidas com penas de cisnes.

O último cavaleiro tinha o rosto igualmente belo e feições angulosas parecidas com as do outro. Transportava uma longa lança na mão direita e um punhal branco na cinta. Um elmo extraordinariamente trabalhado, forjado com âmbar e ouro, repousava em sua cabeça.

Entre eles dois cavalgava uma elfa, que, com perfeito equilíbrio, observava o entorno. Enquadrados por tranças longas e negras, seus olhos profundos brilhavam com uma força instigante. Suas roupas não tinham adornos, entretanto, isso não diminuía sua beleza. Na sua lateral pendia uma espada e, nas costas, um arco e uma aljava. Levava no colo uma bolsa para a qual olhava frequentemente, como se precisasse se certificar de que ainda estava lá.

Um dos elfos sussurrou algo, mas o Espectro não conseguiu ouvir. A dama respondeu com uma autoridade óbvia, e os guardas trocaram de lugar. O que estava com o capacete tomou a frente, passando a empunhar a lança em prontidão. Passaram pelo esconderijo do Espectro e pelos primeiros Urgals sem suspeitarem de nada.

O Espectro já estava saboreando a vitória quando o vento mudou de direção, soprando para cima dos elfos o ar pesado do fedor dos Urgals. Os cavalos bufaram alarmados e sacudiram suas cabeças. Os cavaleiros ficaram alertas, seus olhos perscrutando a área de um lado a outro. Então repentinamente mudaram de direção e saíram galopando.

O cavalo da dama disparou na frente, deixando os guardas bem atrás. Abandonando seus esconderijos, os Urgals levantaram-se e dispararam uma chuva

de flechas negras. O Espectro saltou de trás de uma árvore, ergueu a mão direita e gritou:

– Garjzla!

Um raio vermelho saiu da palma de sua mão rumo à dama, iluminando as árvores com uma luz sangrenta. O raio atingiu o corcel da elfa. O cavalo tombou, com um guincho estridente, caindo de peito no chão. Ela pulou de cima do animal com uma velocidade sobre-humana, aterrissou suavemente e olhou para trás, para os guardas.

As flechas mortíferas dos Urgals abateram rapidamente os dois elfos. Eles caíram dos seus cavalos nobres, e poças de sangue se formaram na terra. Como os Urgals corriam para trucidar os elfos, o Espectro gritou:

– Atrás dela! É ela que eu quero!

Os monstros grunhiram e saíram correndo pela trilha.

Um grito escapou dos lábios da elfa quando viu os companheiros mortos. Deu um passo em direção a eles, amaldiçoou os inimigos e se embrenhou na floresta.

Enquanto os Urgals abriam caminho em meio às árvores, o Espectro subiu em uma pedra de granito que se projetava acima deles. De seu poleiro, podia ver toda a floresta circundante. Ele ergueu a mão e gritou:

– Böetq istalri!

E uma área de quatrocentos metros da floresta explodiu, ardendo em chamas. De modo assustador, incendiou trechos após trechos de mata até formar um anel de fogo, em um raio de mais de dois quilômetros em volta do local da emboscada. As chamas pareciam uma coroa derretida repousando sobre a floresta. Satisfeito, examinou o anel de fogo com cautela para evitar falhas.

O círculo de fogo aumentou, diminuindo a área que os Urgals tinham de vasculhar. De repente, o Espectro ouviu berros e um grito de guerra. Pelas árvores, viu três dos seus soldados caírem em fila, feridos mortalmente. Ainda conseguiu ver de relance a elfa correndo para longe dos Urgals remanescentes.

Ela fugiu rumo à grande pedra de granito a uma velocidade tremenda. O Espectro examinou o solo seis metros abaixo e pulou, aterrissando agilmente na frente da elfa, que mudou de direção rapidamente e voltou correndo para a trilha. O sangue preto dos Urgals pingava de sua espada, manchando a bolsa que levava na mão.

Os monstros chifrudos saíram da floresta e circundaram-na, bloqueando todas as passagens existentes. Ela virou a cabeça rapidamente, tentando achar um modo de fugir dali. Como não viu nenhuma saída, levantou-se com um desdém régio. O

Espectro aproximou-se de mão erguida, deliciando-se com a impotência dela.

– Peguem-na.

Quando os Urgals correram em sua direção, a elfa abriu a bolsa, pôs a mão lá dentro e depois a deixou cair no chão. Nas mãos, ela segurava uma grande pedra de safira que refletia a luz furiosa do fogo; suspendeu-a acima da cabeça, e seus lábios pronunciaram palavras em um ritmo frenético. Desesperado, o Espectro berrou:

– Garjzla!

Uma bola vermelha de fogo, veloz como uma flecha, saiu da mão do Espectro e voou em direção à elfa. Mas não foi rápida o bastante. O brilho de uma luz esmeralda iluminou a floresta de repente, e a pedra desapareceu. Depois, o fogo vermelho atingiu a elfa, e ela desmaiou.

O Espectro urrou de raiva e andou para a frente, lançando sua espada contra uma árvore. A arma penetrou até a metade do caule, onde parou vibrando. Disparou nove raios de energia da palma da mão, matando os Urgals instantaneamente. Arrancou a espada com violência e caminhou com passadas largas até a elfa.

Profecias de vingança, faladas em um idioma maldito, apenas conhecido pelo Espectro, saíram de sua boca. Fechou com força suas mãos finas e olhou para o céu. As estrelas frias olhavam-no sem piscar, como observadoras de um outro mundo. O desgosto contorceu-lhe os lábios enquanto se voltava para a elfa inconsciente.

A beleza dela, que teria encantado qualquer homem mortal, não tinha nenhuma graça para o Espectro. Confirmou o sumiço da pedra e pegou seu cavalo escondido entre as árvores. Depois de amarrar a elfa à sela, montou no animal e seguiu em direção à saída da floresta.

Extinguiu o fogo em seu caminho, mas deixou todo o resto ardendo.

A DESCOBERTA

Eragon ajoelhou-se no tapete de grama pisado e examinou atentamente as pegadas com seu olhar experiente. As marcas disseram-lhe que o cervo estivera naquela campina havia apenas meia hora. Logo, todos iriam dormir. Seu alvo, uma pequena corça que mancava da pata esquerda dianteira, ainda estava com o rebanho. Ele estava surpreso por ela ter conseguido ir tão longe sem que um lobo ou urso a tivesse capturado.

O céu estava limpo e escuro, e uma brisa suave agitava o ar. Uma nuvem prateada pairava sobre as montanhas que o cercavam, cujos cumes resplandeciam com a luz avermelhada da lua da época da colheita, aninhada entre dois picos. Riachos corriam montanha abaixo, brotando das frias geleiras e das brilhantes camadas de neve. Uma névoa pesada arrastava-se acima do solo do vale, quase espessa o bastante para ocultar os seus pés.

Eragon tinha quinze anos, faltava menos de um ano para a idade adulta. Sobrancelhas escuras repousavam acima dos seus vivos olhos castanhos. Suas roupas eram surradas por causa do trabalho. Uma faca de caça, com o cabo feito de osso, estava presa à cinta. E um tubo de pele de veado protegia da neblina o arco feito de teixo. Carregava também uma saca com estrutura de madeira.

A corça levou-o até os recônditos da Espinha, uma cadeia de montanhas indomadas que se estendia do começo ao fim das terras da Alagaësia. Frequentemente histórias estranhas e homens surgiam dessas montanhas trazendo maus agouros e doenças. Apesar disso, Eragon não temia a Espinha, ele era o único caçador perto de Carvahall que ousava caçar em seus recantos mais íngremes.

Era a terceira noite da caçada e metade de sua ração já havia sido consumida. Se não abatesse a corça, seria forçado a voltar para casa de mãos vazias. Sua família precisava da carne para o inverno que se aproximava rapidamente. Eles não tinham condições financeiras para comprá-la em Carvahall.

Eragon estava em pé, confiante, sob o luar enevoado. Logo, entrou na floresta em direção a um vale estreito e profundo, onde tinha certeza de que o animal estaria. As árvores bloqueavam a visão do céu e produziam sombras diáfanas no chão. Só olhava para as pegadas ocasionalmente, pois conhecia o caminho.

No vale estreito, esticou o arco com segurança, sacou três flechas, pondo uma na arma e segurando as outras com a mão esquerda. O luar revelou uns vinte pequenos montes imóveis. Eram os cervos deitados na grama. A corça que ele queria estava na ponta do rebanho, com a pata dianteira esquerda esticada de

uma maneira peculiar.

Eragon aproximou-se sorrateiramente, mantendo o arco em prontidão. Todo o trabalho que teve nos últimos três dias levou-o a este momento. Respirou fundo pela última vez, e... uma explosão quebrou o silêncio da noite.

O rebanho disparou. Eragon pulou para a frente, saiu correndo pela grama enquanto o vento queimava seu rosto. Parou de repente e lançou uma flecha em direção ao animal que saltava. Errou por um triz, e a flecha se perdeu na escuridão. Praguejou e virou-se, preparando instintivamente outra flecha.

Atrás dele, onde os cervos haviam estado, ardia sem chama um grande círculo de árvores e grama. Muitos dos pinheiros estavam desprovidos de seus galhos. A grama do lado de fora do círculo estava aplanada. Uma coluna de fumaça subia, enroscando-se pelo ar e propagando um cheiro de queimado. No centro do lugar onde aconteceu a explosão, repousava uma pedra azul polida. A névoa serpenteava pela área incendiada e envolvia a pedra.

Eragon esperou para ver se não havia perigo durante longos minutos, mas a única coisa que se movia era a névoa. Cautelosamente, afrouxou a tensão do arco e avançou. O luar produziu uma pálida sombra sobre ele quando parou em frente à pedra. Tocou-lhe com uma flecha e saltou para trás. Como nada aconteceu, pegou a pedra com muito cuidado.

A natureza jamais havia polido uma pedra como aquela. Na superfície não havia uma falha sequer, era azul-escura, exceto pelas finas veias brancas que se espalhavam sobre ela como uma teia de aranha. A pedra era fria e não produzia atrito quando tocada, como seda endurecida. Era oval e tinha uns trinta centímetros de comprimento. Pesava alguns quilos, embora parecesse mais leve do que deveria.

Eragon achou a pedra tão bela quanto assustadora. De onde ela veio? Para que servirá?, pensou. Depois, um pensamento mais perturbador surgiu em sua mente: Será que ela veio parar aqui por acidente ou estarei destinado a possuí-la? Se ele tinha aprendido algo com as antigas histórias, era tratar com muito cuidado a magia e aqueles que a usavam.

Mas o que farei com a pedra? Seria cansativo carregá-la e havia a chance de ser perigoso. Talvez fosse melhor deixá-la para trás. Um tremor de indecisão percorreu-o, e ele quase a deixou cair, mas algo acalmou sua mão. Pelo menos, poderei comprar um pouco de comida com ela, decidiu ele, dando de ombros e enfiando a pedra em sua saca.

O vale estava muito exposto para servir como abrigo seguro, então voltou para a

floresta e estendeu sua manta de dormir embaixo das raízes de uma árvore caída. Depois de um jantar frio de pão e queijo, se enrolou nos cobertores e adormeceu, meditando no que havia acontecido.

Vale Palancar

O sol nasceu na manhã seguinte com uma bela mistura de chamas rosadas e amarelas. O ar estava fresco, doce e muito frio. Havia gelo às margens dos riachos e poças pequenas estavam completamente congeladas. Depois de comer um mingau no desjejum, Eragon voltou para o vale e examinou a área queimada. A luz da manhã não revelou novos detalhes, então ele seguiu em direção a sua casa.

A trilha tosca estava ligeiramente desgastada e, em certos lugares, não existia. Por ter sido feita pelos animais, ela frequentemente retrocedia e fazia longos desvios. Mesmo assim, com todas as suas falhas, ainda era o caminho mais rápido para sair das montanhas.

A Espinha era um dos poucos lugares que o rei Galbatorix não podia dizer que era dele. Ainda contavam histórias sobre como metade do exército dele desapareceu depois de marchar para dentro da antiga floresta. Uma nuvem de fatalidade e de má sorte parecia pairar sobre o lugar. Embora as árvores crescessem bem altas, e o céu fosse brilhante, poucas pessoas conseguiam ficar um bom tempo na Espinha sem sofrer um acidente. Eragon era um dos poucos que conseguiam, não por causa de um dom em particular, ele achava, mas por causa de sua constante vigilância e reflexos aguçados. Já caminhava naquelas montanhas há vários anos, mesmo assim ainda procedia com muita cautela. Todas as vezes em que achava que tinha desvendado os segredos das montanhas, algo acontecia para frustrar a compreensão que ele tinha delas, como o aparecimento da pedra.

Mantinha o passo acelerado, e os quilômetros desapareciam rapidamente. No final da tarde, chegou à beira do precipício de uma ravina. O rio Anora corria lá embaixo, na direção do vale Palancar.

Alimentado por centenas de pequenos riachos, o rio era uma força bruta que lutava contra as rochas e pedras que barravam seu caminho. Um rugido baixo enchia o ar.

Acampou em um pequeno bosque perto da ravina e viu a lua nascer antes de se deitar.

O tempo ficou ainda mais frio no dia seguinte e na primeira metade do outro. Eragon viajava rapidamente e viu pouco da vida selvagem. Logo depois do meio-dia, ouviu as cataratas Igualda cobrindo tudo com o som abafado de milhares de litros de água caindo. A trilha levou-o até uma chapada de ardósia úmida, por onde o rio havia passado, que se lançava no vazio do ar e caía por encostas cheias de

musgo.

Perante ele estava o vale Palancar, exposto como um mapa aberto. A base das cataratas Igualda, a mais de oitocentos metros abaixo, era o ponto mais ao norte do vale. Perto das cataratas ficava Carvahall, um punhado de edificações de cor marrom. A fumaça branca subia das chaminés, desafiando a área selvagem em volta. Naquela altura, as fazendas eram pequenos retalhos quadrados, menores do que a ponta do dedo dele. A terra em volta delas era ressecada ou arenosa, onde o mato seco dançava ao vento. O rio Anora cortava a terra desde as cataratas até o lado sul de Palancar, refletindo grandes porções da luz do sol. Longe, ele corria por fora do vilarejo de Therinsford e pela solitária montanha Utgard. Além daquilo, ele sabia apenas que o rio virava para o norte e corria para o oceano.

Depois de uma pausa, Eragon saiu da chapada e começou a descer a trilha, contraindo o rosto durante o percurso. Quando chegou lá embaixo, o suave crepúsculo banhava todas as coisas, reduzindo cores e formas a massas cinzentas. As luzes de Carvahall brilhavam bem perto, sob o sol que se punha. As casas projetavam sombras compridas. Além de Therinsford, Carvahall era o único vilarejo no vale Palancar. O povoado era isolado, cercado por uma terra rude e bela. Poucos passavam por ali, com exceção dos mercadores e caçadores.

O vilarejo era formado por edificações resistentes feitas de madeira com tetos baixos – alguns eram feitos de sapê e outros de tábua. A fumaça subia das chaminés, dando ao ar um cheiro amadeirado. As casas tinham varandas largas, onde as pessoas se reuniam para conversar ou comerciar. Ocasionalmente, uma janela brilhava quando uma vela ou lampião era aceso. Eragon ouviu homens falando alto sob o ar da noite enquanto as esposas vinham buscar seus maridos, brigando por estarem atrasados.

Eragon seguiu caminho por entre as casas até o açougue, que era um casarão com grossas pilastras de madeira. Lá em cima, a chaminé expelia fumaça preta.

Ele abriu a porta. O salão espaçoso estava quente e bem iluminado pelo fogo aceso na lareira de pedra. Um balcão se esticava até a outra extremidade do salão. Havia palha salpicada por todo o piso. Tudo estava extremamente limpo, como se o dono passasse o tempo livre raspando todas as rachaduras do lugar para remover a sujeira. Atrás do balcão estava o açougueiro Sloan. Era um homem pequeno, usava camisa de algodão e um longo avental manchado de sangue. Uma variedade impressionante de facas pendia de seu cinto. Tinha um rosto pálido com marcas de espinhas, e seus olhos negros eram suspeitos. Limpava o balcão com um trapo.

A boca de Sloan retorceu-se quando Eragon entrou.

– Ora, o poderoso caçador veio se juntar ao resto dos mortais. Quantos você pegou desta vez?

– Nenhum. – Foi a resposta curta de Eragon. Ele nunca gostou de Sloan. O açougueiro sempre o tratou com desdém, como se ele fosse sujo. Viúvo, Sloan parecia se importar com apenas uma pessoa: a filha dele, Katrina, a quem ele amava.

– Estou impressionado – disse Sloan, surpreso. Ele deu as costas para Eragon para raspar algo da parede. – E é por isso que você veio aqui?

– É – admitiu Eragon constrangido.

– Então, se esse é o caso, pode ir mostrando o dinheiro. – Sloan tamborilava os dedos enquanto Eragon movia os pés e continuava em silêncio. – Vamos, você tem dinheiro ou não tem. E então?

– Eu não tenho dinheiro, mas tenho...

– O quê? Não tem dinheiro? – interrompeu-o o açougueiro rispidamente. – E espera comprar carne! Os outros comerciantes estão dando mercadorias? Acha que devo dar carne a você sem cobrar nada? Além do mais, está tarde. Volte amanhã com dinheiro. O expediente encerrou por hoje.

Eragon olhou fixamente para ele.

– Não posso esperar até amanhã, Sloan. Garanto que não vai perder seu tempo. Encontrei algo com o qual posso pagá-lo. – Ele tirou a pedra da mochila e colocou-a gentilmente em cima do balcão todo cortado, onde ela brilhou com as luzes das chamas dançantes.

– Deve ter roubado – resmungou Sloan, inclinando-se para a frente com uma expressão interessada.

Ignorando o comentário, Eragon perguntou:

– Isso basta?

Sloan pegou a pedra e sentiu o peso dela, tentando determinar seu valor. Passou as mãos em sua superfície suave e examinou as veias brancas. Com um olhar de quem calculava, a pôs no balcão.

– É bonita, mas quanto vale?

– Não sei – admitiu Eragon. – Mas ninguém se daria ao trabalho de poli-la se não tivesse algum valor.

– Obviamente – concordou Sloan, demonstrando impaciência. – Mas quanto vale? Como você não sabe, sugiro que procure um mercador que saiba ou que aceite a minha oferta de três coroas.

– Isso é uma oferta desprezível! Deve valer, pelo menos, dez vezes mais –

rebelou-se Eragon. – Três coroas não seriam suficientes para comprar carne para uma semana.

Sloan deu de ombros.

– Se não gostou da minha oferta, espere os mercadores chegarem. De qualquer forma, estou farto desta conversa.

Os mercadores formavam um grupo nômade de vendedores e artistas que visitavam Carvahall toda primavera e todo inverno. Compravam o excedente que os aldeões e os fazendeiros locais produziam e vendiam o que eles precisavam para enfrentar outro ano: sementes, animais, tecidos e suprimentos como sal e açúcar.

Mas Eragon não queria esperar os mercadores chegarem. Ia demorar, e a sua família precisava de carne agora.

– Tudo bem, eu aceito – disse Eragon de repente.

– Ótimo. Pegarei a carne. Não que seja importante, mas onde você achou isto?

– Há duas noites, na Espinha...

– Fora! – ordenou Sloan, empurrando a pedra para longe. Caminhou pesadamente, furioso, até o fim do balcão e começou a raspar manchas de sangue velhas com uma faca.

– Por quê? – indagou Eragon. Ele puxou a pedra para perto, como se a estivesse protegendo da fúria de Sloan.

– Não quero ter nada a ver com qualquer coisa que você traga daquelas montanhas amaldiçoadas! Leve a sua pedra enfeitiçada para outro lugar. – A mão de Sloan, de repente, escorregou, e ele cortou um dedo na faca, mas parecia que nem havia notado. Continuou a raspar, manchando a lâmina com sangue novo.

– Você está se recusando a me vender!

– Estou! A não ser que você pague com moedas – resmungou Sloan e levantou a faca, apontando-a para a frente. – Vá, antes que eu espete você!

A porta atrás deles abriu-se com violência. Eragon virou-se rapidamente, pronto para enfrentar mais problemas. Horst entrou dando passos fortes, ele era um homem corpulento. A filha de Sloan, Katrina – uma garota alta de dezesseis anos –, entrou atrás dele com uma expressão determinada no rosto. Eragon ficou surpreso ao vê-la, pois ela, geralmente, não se metia em discussões que envolvessem o pai. Sloan olhou para eles com um ar preocupado e começou a acusar Eragon:

– Ele não...

– Silêncio – determinou Horst com uma voz de trovão enquanto estalava os

dedos. Ele era o ferreiro de Carvahall, como atestavam seu pescoço grosso e seu avental de couro, todo cortado pelas ferramentas. Seus braços fortes não tinham pelos até os cotovelos, uma grande parte de seu peito peludo e musculoso era visível pela parte de cima da camisa. Uma barba preta, desleixadamente aparada, acompanhava os movimentos dos músculos da mandíbula. – Sloan, o que você fez desta vez?

– Nada. – Ele olhou furiosamente para Eragon e, depois, soltou: – Este... garoto entrou aqui e começou a me atormentar. Pedi para que fosse embora, mas ele não saiu do lugar. Cheguei a ameaçá-lo, mas ele continuou a me ignorar! – Sloan parecia encolher enquanto olhava para Horst.

– É verdade? – perguntou o ferreiro.

– Não! – respondeu Eragon. – Ofereci esta pedra como pagamento por uma porção de carne, e ele aceitou. Mas quando eu disse que a achei na Espinha, ele se recusou a tocá-la. Que diferença faz de onde a pedra veio?

Horst olhou para a pedra com curiosidade e, depois, voltou sua atenção para o açougueiro.

– Por que você não quer negociar com ele, Sloan? Eu também não morro de amores pela Espinha, mas se for uma questão de quanto a pedra vale, posso dar uma garantia com o meu próprio dinheiro.

A questão pairou no ar por um momento. Sloan passou a língua nos lábios e disse:

– Esta loja é minha. Posso fazer aqui o que bem quiser.

Katrina saiu de trás de Horst e jogou para trás seus cabelos castanho-avermelhados como uma onda de cobre derretido.

– Pai, Eragon está querendo pagar. Dê a carne a ele e, depois, poderemos ir jantar.

Os olhos de Sloan estreitaram-se perigosamente.

– Volte para casa. Você não tem nada a ver com isso... Já mandei você ir!

A expressão do rosto de Katrina se fechou, e ela saiu do salão empertigada.

Eragon observou tudo com um ar de reprovação, mas não interferiu. Horst puxou a barba antes de falar com um tom de censura:

– Tudo bem, você pode negociar comigo. Quanto você pedia por ela, Eragon? – A voz dele ecoou por todo o salão.

– O máximo que eu pudesse receber.

Horst pegou uma bolsa e contou uma pilha de moedas.

– Pode me dar suas melhores carnes para assados e bifes. Que seja o bastante

para encher a saca de Eragon.

O açougueiro hesitou. Ele lançava o olhar como uma flecha de Horst para Eragon.

– Não vender para mim será uma péssima ideia – afirmou Horst.

Olhando com uma expressão de muita raiva, Sloan dirigiu-se para a sala dos fundos. Um barulho frenético de carnes sendo cortadas e o de um resmungar baixo chegou até eles. Depois de vários minutos constrangedores, ele voltou com o braço carregado de carne embrulhada. Seu rosto estava inexpressivo quando aceitou o dinheiro de Horst. Depois foi limpar a faca, fingindo que não estavam ali.

Horst pegou a carne e saiu andando da loja. Eragon saiu depressa atrás dele, carregando a sua saca e a pedra. O ar revigorante da noite batia em seus rostos, refrescando-os depois do abafamento do açougue.

– Obrigado, Horst. O tio Garrow ficará feliz.

Horst riu baixinho.

– Não me agradeça. Eu queria fazer aquilo há muito tempo. Sloan é um tremendo encrenqueiro. Um pouco de humilhação será bom para ele. Katrina ouviu o que estava acontecendo e foi correndo me chamar. Foi bom eu ter chegado, pois vocês estavam prestes a brigar. Infelizmente, duvido que ele venderá para você ou para alguém de sua família quando forem à loja dele, mesmo tendo moedas na mão.

– Por que ele ficou com raiva daquela forma? Nós nunca fomos amigos, mas sempre aceitou o nosso dinheiro. E eu nunca vi Sloan tratar Katrina daquela maneira – disse Eragon, abrindo a parte de cima da saca.

Horst deu de ombros.

– Pergunte ao seu tio. Ele sabe mais sobre isso do que eu.

Eragon enfiou a carne em sua saca.

– Bem, agora tenho mais uma razão para ir depressa para casa: resolver esse mistério. Tome, por direito, isto é seu. – Ele ofereceu a pedra.

Horst deu uma risada.

– Não, fique com a sua pedra estranha. Albriech planeja ir para Feinster na primavera. Ele quer se tornar um mestre-ferreiro, e vou precisar de um ajudante. Você pode ir trabalhar comigo nos seus dias de folga para pagar a dívida.

Eragon curvou-se levemente, satisfeito. Horst tinha dois filhos, Albriech e Baldor, os dois trabalhavam na ferraria. Ficar no lugar de um deles era uma oferta generosa.

– Mais uma vez, obrigado! Estou ansioso para trabalhar com o senhor. – Ele

estava feliz por haver uma maneira de pagar Horst. O tio nunca aceitaria caridade. Em seguida, Eragon lembrou o que seu primo disse antes de ele partir para a caçada.

– Roran queria que eu desse um recado a Katrina, mas como isso não será possível, será que o senhor poderia dar o recado a ela?

– Claro.

– Ele quer que ela saiba que ele irá à cidade assim que os mercadores chegarem e que vai até lá encontrá-la.

– Só isso?

Eragon estava levemente constrangido.

– Não, ele também quer que ela saiba que é a garota mais linda que ele já viu e que não consegue tirá-la da cabeça.

Horst abriu um sorriso largo e piscou para Eragon.

– Ele está querendo um compromisso sério, não é?

– Está sim, senhor – respondeu Eragon com um sorriso rápido. – Poderia também agradecer a ela por mim? Foi muita gentileza da parte dela enfrentar o pai por minha causa. Espero que não seja castigada por isso. Roran ficaria furioso se eu a colocasse em encrencas.

– Eu não me preocuparia com isso. Sloan não sabe que ela me chamou, então duvido que ele seja duro com ela. Antes de ir, não quer jantar conosco?

– Sinto muito, mas não posso. Garrow está me esperando – explicou Eragon, verificando se a saca estava fechada. Levantou-a, colocando-a nas costas, e começou a andar pela estrada, acenando um adeus.

O peso da carne o fez ir mais devagar, mas, como estava ansioso para chegar em casa, um vigor renovado deu força a seus passos. O vilarejo terminou abruptamente, e ele deixou as luzes quentes do lugar para trás. A lua perolizada observava tudo por cima das montanhas, banhando a terra com um reflexo fantasmagórico da luz do dia. Tudo parecia estar desbotado e plano.

Perto do fim da jornada, Eragon saiu da estrada, que continuava rumo ao sul. Uma trilha simples passava por um trecho de grama alta, que batia na cintura, e subia um pequeno monte, quase escondido pelas sombras de olmeiros protetores. Subiu a colina e viu uma luz suave brilhando em sua casa.

A casa tinha cobertura de telhas e uma chaminé de tijolos. Os beirais do telhado pendiam sobre as paredes de cor branca desbotada, produzindo uma sombra no chão abaixo. Um lado da varanda cercada estava repleto de lenha cortada, pronta para o fogo. Uma mistura de ferramentas para o trabalho na fazenda estava do

outro lado.

A casa ficou abandonada durante meio século até eles se mudarem, depois que a esposa de Garrow, Marian, morreu. A casa ficava a dezesseis quilômetros de Carvahall, mais longe do que a de qualquer outra pessoa. O povo achava que toda aquela distância era perigosa, pois a família não podia contar com a ajuda do vilarejo quando tinha problemas, mas o tio de Eragon não dava ouvidos a ninguém.

A uns trinta metros da casa, em um galpão de cor apagada, viviam dois cavalos, Birka e Brugh, junto com algumas galinhas e uma vaca. Às vezes, também havia um porco, mas eles não tiveram dinheiro para comprar um este ano. Uma carroça ficava espremida entre as baias. No limite da propriedade, uma grossa linha de árvores acompanhava o rio Anora.

Ele viu uma luz se mover atrás de uma janela enquanto, cansado, se aproximava da varanda.

– Tio, sou eu, Eragon. Deixe-me entrar.

Uma cortininha foi puxada para trás por um instante e, depois, a porta foi aberta para dentro.

Garrow permaneceu com a mão na porta. Suas roupas muito usadas vestiam-no como andrajos numa carcaça. Um rosto magro, faminto, com olhos intensos, observava tudo por baixo de cabelos que começavam a ficar grisalhos. Tinha a aparência de um homem que havia sido parcialmente mumificado antes de descobrirem que ainda estava vivo.

– Roran está dormindo. – Foi a resposta dele para o olhar inquisidor de Eragon.

A luz de um lampião tremeluzia em cima de uma mesa de madeira tão velha que os nós e veios da madeira sobressaíam em relevo como uma impressão digital gigantesca. Perto de um fogão a lenha ficavam carreiras de utensílios de cozinha, pendurados na parede em pregos feitos em casa. Uma segunda porta dava acesso ao resto da casa. O piso era feito de tábuas, polidas pelos pés que as pisaram durante anos.

Eragon tirou a saca das costas e pegou a carne.

– O que é isso? Por que você comprou carne? Onde conseguiu o dinheiro? – perguntou com rispidez seu tio ao ver os embrulhos.

Eragon respirou fundo antes de responder:

– Não, Horst comprou a carne para nós.

– Você deixou que ele pagasse? Eu já disse que não vou pedir comida a ninguém. Se não formos capazes de nos alimentarmos, talvez seja melhor nos mudarmos para a cidade. Quando menos esperarmos, estarão nos mandando

roupas usadas e perguntando se conseguiremos sobreviver ao inverno. – O rosto de Garrow estava empalidecido pela raiva.

– Eu não aceitei caridade de ninguém – respondeu Eragon. – Horst concordou em me deixar pagar a dívida trabalhando para ele nesta primavera. Ele precisará de alguém para ajudá-lo, pois Albriech vai viajar.

– E onde você vai arranjar tempo para trabalhar para ele? Vai ignorar todas as coisas que precisam ser feitas aqui? – perguntou Garrow, forçando o tom de sua voz para baixo.

Eragon pendurou o arco e a aljava em uns ganchos ao lado da porta da frente.

– Não sei como farei – respondeu ele, irritado. – Além disso, encontrei algo que pode valer algum dinheiro. – Ele pôs a pedra em cima da mesa.

Garrow inclinou-se sobre ela: o olhar faminto em seu rosto tornou-se voraz, e os dedos dele contraíam-se de um modo estranho.

– Você achou isso na Espinha?

– Achei – respondeu Eragon. Ele explicou o que aconteceu. – E para piorar as coisas, perdi a minha melhor flecha. Terei de fazer mais flechas logo. – Olharam para a pedra em meio à escuridão incipiente.

– Como estava o tempo? – perguntou o tio, enquanto levantava a pedra. Suas mãos apertaram-na como se temessem que a pedra fosse desaparecer de repente.

– Frio. – Foi a resposta de Eragon. – Não nevou, mas as noites eram congelantes. – Garrow ficou preocupado com essas notícias.

– Amanhã você deve ajudar Roran a acabar de colher a cevada. Se conseguirmos colher as abóboras também, o frio não nos incomodará. – Ele passou a pedra para Eragon. – Tome, fique com ela. Quando os mercadores chegarem, descobriremos o valor disto. Vendê-la será a melhor coisa a fazer. Quanto menos nos envolvermos com magia, melhor. Por que Horst pagou pela carne?

Eragon levou apenas um minuto para explicar sua briga com Sloan.

– Não entendo o que o deixou tão zangado.

Garrow deu de ombros.

– A esposa de Sloan, Ismira, caiu das cataratas Igualda um ano antes de você ser trazido para cá. Ele não passa perto da Espinha desde então. Não passa perto de lá e não quer ter nada a ver com aquele lugar. Mas isso não era motivo para recusar o seu pagamento. Acho que ele queria arranjar um problema com você.

Eragon inclinou-se para a frente e disse:

– É bom estar de volta.

O olhar de Garrow suavizou-se, e ele concordou com a cabeça. Eragon entrou

tropeçando em seu quarto, colocou a pedra embaixo da cama e jogou-se em cima do colchão. Casa. Pela primeira vez, desde o começo da caçada, relaxou completamente quando o sono tomou conta dele.

HISTÓRIAS DE DRAGÕES

Ao amanhecer, os raios de sol entraram pela janela, aquecendo o rosto de Eragon. Esfregando os olhos, sentou na beira da cama. O piso de pinho estava frio sob seus pés. Esticou as pernas doloridas e coçou as costas enquanto bocejava.

Ao lado da cama havia uma carreira de prateleiras cobertas com os objetos que ele colecionava. Havia pedaços retortos de madeira, fragmentos estranhos de conchas, pedras quebradas que revelavam um interior brilhante e pedaços de grama seca amarrados em nós. Seu item favorito era uma raiz tão retorcida que ele nunca se cansava de olhar para ela. O resto do quarto estava vazio, exceto pela pequena cômoda e pela mesa de cabeceira.

Colocou as botas e olhou para o chão, pensando. Este era um dia especial. Foi mais ou menos a esta hora, há dezesseis anos, que sua mãe, Selena, voltou para casa, Carvahall, sozinha e grávida. Ela ficou longe durante seis anos, vivendo nas cidades. Quando retornou, usava roupas caras e tinha o cabelo preso por uma rede de pérolas. Foi procurar o irmão, Garrow, e pediu para ficar com ele até o bebê nascer. Depois de cinco meses, o menino nasceu. Todos ficaram chocados quando Selena, chorosa, implorou para que Garrow e Marian o criassem. Quando eles perguntaram por que, ela apenas chorou e disse:

– Eu preciso.

Os apelos dela aumentaram desesperadamente até que eles finalmente concordaram. Deu a ele o nome de Eragon. Partiu cedo na manhã seguinte e nunca mais voltou.

Eragon ainda se lembrava de como se sentiu quando Marian contou-lhe a história antes de morrer. Saber que Garrow e Marian não eram seus pais verdadeiros perturbava-o muito. Coisas que eram inalteráveis e indiscutíveis de repente foram colocadas em questão. Finalmente, acabou aprendendo a viver com aquilo, mas sempre desconfiava que não tinha sido bom o bastante para a mãe. Sei que havia um bom motivo para ela ter feito o que fez. Eu só queria saber qual.

Outra coisa o incomodava: quem era seu pai? Selena não tinha contado a ninguém e, seja lá quem fosse, nunca foi procurar Eragon. Queria saber quem era, nem que fosse apenas o nome. Seria bom conhecer a linhagem dele.

Suspirou e foi até a mesa de cabeceira, onde lavou o rosto, tremendo enquanto a água escorria pelo pescoço. Refrescado, pegou a pedra que estava embaixo da cama e colocou-a em uma prateleira. A luz da manhã a acariciava, projetando uma

sombra na parede. Tocou-a mais uma vez, depois foi depressa para a cozinha, ansioso para rever sua família. Garrow e Roran já estavam lá, comendo frango. Enquanto Eragon os cumprimentava, Roran ficou em pé sorrindo.

Roran era dois anos mais velho do que Eragon, musculoso, forte e meticuloso em seus movimentos. Não poderiam ser mais próximos mesmo se fossem irmãos de verdade.

Roran sorriu.

– Estou feliz porque você voltou. Como foi a viagem?

– Difícil – respondeu Eragon. – O tio contou a você o que aconteceu? – Eragon pegou um pedaço de frango que devorou avidamente.

– Não – informou Roran, e a história rapidamente foi contada. Devido à insistência de Roran, Eragon largou a comida para mostrar-lhe a pedra. Esta provocou uma admiração considerável em Roran, mas ele logo perguntou nervosamente:

– Você conseguiu falar com Katrina?

– Não. Não surgiu uma oportunidade depois da discussão com Sloan. Mas ela vai esperá-lo quando os mercadores chegarem. Dei o recado a Horst, e ele o passará a ela.

– Você contou a Horst? – indagou Roran, incrédulo. – Isso era segredo. Se eu quisesse que todos soubessem, poderia ter acendido uma fogueira e ter feito sinais de fumaça. Se Sloan descobrir, não me deixará vê-la de novo.

– Horst será discreto – garantiu Eragon. – Ele não deixará que ninguém fique à mercê de Sloan, muito menos você. – Roran não parecia estar muito convencido, porém não discutiu mais. Voltaram para as suas refeições ante a presença taciturna de Garrow. Quando as últimas mordidas foram dadas, os três foram trabalhar no campo.

O sol estava frio e pálido, provendo pouco conforto. Sob seus olhos atentos, os últimos grãos de cevada foram armazenados no galpão. Juntaram abóboras, repolhos, beterrabas, ervilhas, nabos, feijões e guardaram tudo no porão dos legumes. Depois de horas de trabalho, esticaram seus músculos doloridos, sentindo a satisfação de terem terminado a colheita.

Os dias que se seguiram foram ocupados preparando a comida para o inverno, fazendo conservas, salgando e descascando alimentos.

Nove dias depois da volta de Eragon, uma nevasca cruel veio das montanhas e pairou em cima do vale. A neve caía como um lençol, cobrindo todo o campo de branco. Só ousavam sair de casa para pegar lenha para o fogo e para alimentar os

animais, pois temiam perder-se no meio dos ventos uivantes e da paisagem descaracterizada. Passavam o tempo aconchegados perto do fogão enquanto golpes de vento faziam tremer as pesadas cortinas nas janelas. Dias depois, finalmente, a tempestade passou, revelando um mundo exótico de suaves montes brancos.

– Temo que os mercadores não venham este ano por causa deste tempo tão ruim – disse Garrow. – Eles já estão atrasados. Vamos dar-lhes uma chance, esperando mais um pouco antes de irmos a Carvahall. Mas se não aparecerem logo, teremos de comprar as provisões que sobrarem do povo da cidade. – Seu semblante era resignado.

Ficavam mais ansiosos conforme os dias se arrastavam sem dar nenhum sinal dos mercadores. A conversa era pouca, e a depressão estendia-se sobre a casa.

Na oitava manhã, Roran foi andando até a estrada e confirmou que os mercadores ainda não haviam chegado. Levaram o dia preparando a viagem para Carvahall, juntando, com sorrisos amargos, itens que podiam ser vendidos. Naquela tarde, sem esperança, Eragon foi verificar a estrada de novo. Viu cortes profundos na neve e numerosas pegadas entre eles. Exultante, voltou correndo para casa, gritando, dando novo vigor a seus preparativos.

Carregaram a carroça com o excedente dos produtos agrícolas antes do amanhecer. Garrow colocou o dinheiro ganho naquele ano em uma sacola de couro e amarrou-a cuidadosamente no cinto. Eragon pôs a pedra embrulhada entre os sacos de grãos para que ela não rolasse com o sacolejo da carroça.

Depois de um café da manhã apressado, arrearam os cavalos e limparam a trilha que desembocava na estrada. As carroças dos mercadores já haviam aberto sulcos na neve, fazendo-os avançarem mais depressa. Ao meio-dia, já podiam ver Carvahall.

Sob a luz do dia, aquele era um vilarejo tosco, repleto de gritos e risos. Os mercadores instalaram-se em um campo baldio nas cercanias da cidade. Grupos de carroças, barracas e fogueiras estavam espalhados pelo lugar. Eram pontos coloridos na neve. As quatro tendas dos trovadores eram decoradas com muitas cores. Um fluxo constante de pessoas ligava o acampamento ao vilarejo.

Multidões agitavam-se em volta de uma fila de barracas e tendas iluminadas, enchendo a rua principal. Cavalos relinchavam por causa do barulho. A neve foi amassada, dando à rua uma superfície escorregadia. Em outros lugares, as fogueiras derreteram a neve. Castanhas assadas acrescentavam um rico aroma aos cheiros que os envolviam.

Garrow estacionou a carroça e prendeu os cavalos. Em seguida, tirou moedas da sacola.

– Vão comer alguma coisa. Roran, faça o que quiser, só não deixe de estar na casa de Horst na hora do jantar. Eragon, pegue aquela pedra e venha comigo. – Eragon sorriu para Roran e guardou o dinheiro, já planejando como gastá-lo.

Roran partiu imediatamente com uma expressão de determinação no rosto. Garrow guiou Eragon no meio do povo, abrindo caminho naquela agitação. As mulheres compravam tecidos enquanto, bem perto, os maridos examinavam fechaduras novas, anzóis ou alguma ferramenta. Crianças corriam para cima e para baixo na rua, gritando de alegria. Facas eram expostas aqui, temperos acolá. E panelas foram colocadas em fileiras brilhantes perto dos arreios de couro.

Eragon, curioso, olhava para os mercadores. Pareciam menos prósperos do que no ano passado. Seus filhos exibiam um olhar assustado no rosto, e suas roupas estavam remendadas. Homens magros levavam espadas e punhais de uma nova maneira bem peculiar, e até as mulheres tinham adagas presas na cintura.

O que será que aconteceu para deixá-los desse jeito? E por que será que eles se atrasaram tanto?, pensou Eragon. Ele se lembrava dos mercadores como pessoas cheias de alegria, mas estavam muito diferentes agora. Garrow continuou abrindo caminho, descendo a rua, procurando Merlock, um mercador especializado em bugigangas diferentes e em joias.

Encontraram-no atrás de uma tenda, mostrando broches para um grupo de mulheres. A cada nova peça revelada, ouviam-se exclamações de admiração. Eragon desconfiou que logo várias bolsas seriam esvaziadas. Merlock parecia ganhar novo vigor e crescer cada vez que suas mercadorias eram elogiadas. Usava um cavanhaque, tinha modos tranquilos e parecia encarar o resto do mundo com um leve toque de desprezo.

O animado grupo não deixou que Garrow e Eragon se aproximassem do mercador. Sentaram em um degrau e esperaram. Assim que Merlock ficou desocupado, correram até ele.

– O que os senhores desejam ver? – perguntou Merlock. – Um amuleto ou uma bijuteria para uma dama? – Girando a mão, pegou uma rosa entalhada em prata de excelente qualidade artística. O metal polido chamou a atenção de Eragon, ele ficou apreciando-o. O mercador continuou: – Não custa nem três coroas, embora isto tenha vindo de longe, dos famosos artesãos de Belatona.

Garrow esclareceu com um tom de voz baixo:

– Não queremos comprar. Queremos vender. – Merlock, imediatamente, cobriu a

rosa e olhou para eles com um novo interesse.

– Entendo. Talvez, se esse item tiver algum valor, vocês possam trocá-lo por uma ou duas dessas lindas peças. – Ele fez uma pausa por um momento, enquanto Eragon e o seu tio ficaram parados de maneira desconfortável. Depois, continuou: – Vocês trouxeram o item a ser avaliado?

– Trouxemos, mas acho melhor mostrá-lo em outro lugar – disse Garrow com uma voz firme.

Merlock levantou uma sobrancelha, mas falou de modo suave:

– Sendo assim, permita-me convidá-los a entrar na minha tenda. – Juntou suas joias e, gentilmente, colocou-as em uma arca de ferro, a qual trancou. Depois, seguiu na frente, pelo caminho até o acampamento temporário.

Andaram entre as carroças até uma barraca afastada. Era avermelhada em cima e negra embaixo, com pequenos triângulos coloridos que se entrelaçavam. Merlock desamarrou a corda que fechava a barraca e jogou o pano para o lado.

Pequenas bijuterias e alguns móveis estranhos, como uma cama redonda e três assentos entalhados em três pedaços de tronco, enchiam a barraca. Uma adaga retorcida, que tinha um rubi no punho, estava em cima de uma almofada branca.

Merlock fechou o pano que servia de porta da barraca e virou-se para eles.

– Por favor, sentem-se. – Depois de sentarem, continuou: – Agora, mostrem-me o porquê de nos encontrarmos em particular. – Eragon desembrulhou a pedra e colocou-a entre os dois homens. Merlock aproximou-se para observá-la com um brilho nos olhos. Então, parou e perguntou: – Posso? – Quando Garrow deu a permissão, Merlock pegou-a.

Colocou a pedra no colo e inclinou-se para o lado, tentando alcançar uma caixa fina. Depois de aberta, ela revelou um grande conjunto de balanças de cobre, que ele pousou no chão. Quando acabou de pesar a pedra, examinou a superfície com uma lente de joalheiro, bateu nela gentilmente com um martelinho de madeira e marcou um ponto com outra pedrinha em cima dela. Mediu o comprimento e o diâmetro, depois escreveu os números em uma lousa.

– Vocês sabem quanto isto vale?

– Não – admitiu Garrow. A bochecha dele pulava, e ele se ajeitava desconfortavelmente em seu assento.

Merlock fez uma careta.

– Infelizmente, eu também não sei. Mas sei o seguinte: essas veias brancas são feitas do mesmo material azul que as cercam, só têm uma cor diferente. E que material é este, de fato, não faço a menor ideia. É mais duro do que qualquer outra

pedra que eu já tenha visto, mais duro do que um diamante. Seja lá quem for que a tenha lapidado usou ferramentas que eu nunca vi... ou usou magia. E mais uma coisa, a pedra é oca.

– O quê? – admirou-se Garrow.

Um tom irritado surgiu na voz de Merlock.

– Você já ouviu uma pedra fazer este barulho? – Ele pegou a adaga em cima da almofada e bateu na pedra com a parte chata da lâmina. Uma nota pura encheu o ar e foi desaparecendo suavemente. Eragon ficou assustado, com medo de a pedra ser avariada. Merlock inclinou a pedra na direção deles.

– Vocês não verão nenhum arranhão ou marca no lugar onde a adaga bateu. Duvido que pudesse fazer qualquer coisa que avariasse esta pedra, mesmo se eu desse uma martelada nela.

Garrow cruzou os braços com uma expressão contida. Um muro de silêncio parecia rodeá-lo. Eragon estava intrigado. Eu sei que a pedra apareceu na Espinha por meio de magia, mas será que ela também foi feita pela magia? Para que e por quê? Ele disse de repente:

– Mas quanto ela vale?

– Não sei dizer – respondeu Merlock com uma voz triste. – Sei que há pessoas que pagariam bem para tê-la, mas nenhuma delas mora em Carvahall. Você teria de ir até as cidades do sul para encontrar um comprador. Isto é apenas uma curiosidade para a maioria das pessoas e não um item com o qual devam gastar dinheiro, já que há tantas outras coisas mais necessárias.

Garrow olhava para o teto da barraca como um jogador calculando os riscos.

– Você vai comprá-la?

O mercador respondeu instantaneamente:

– O risco não vale a pena. Eu poderia encontrar um comprador rico durante as minhas viagens na primavera, mas não há como ter certeza. E mesmo se eu achasse, você não seria pago até eu voltar no ano que vem. Você terá de achar outra pessoa com quem negociar. Mas, entretanto, estou curioso, por que insistiram em falar comigo em particular?

Eragon guardou a pedra antes de responder.

– Porque – ele olhou para o homem, imaginando se o mercador explodiria de raiva como Sloan – encontrei isto na Espinha, e o pessoal daqui não gosta daquele lugar.

Merlock olhou para ele espantado.

– Sabe por que meus amigos mercadores e eu nos atrasamos este ano?

Eragon balançou a cabeça.

– Nossas viagens têm sido assoladas pelo infortúnio. Parece que o caos está reinando na Alagaësia. Não conseguimos evitar doenças, ataques e a mais amaldiçoada sorte negra. Como os ataques dos Varden aumentaram, Galbatorix forçou as cidades a mandarem mais soldados para as fronteiras, homens necessários para combater os Urgals. Os brutos têm migrado para o sudeste, em direção ao deserto Hadarac. Ninguém sabe por que e isso não é da nossa conta, exceto que eles estavam passando por áreas povoadas. Eles têm sido vistos em estradas e perto das cidades. Os piores relatos são sobre um Espectro, embora as histórias não sejam confirmadas. Poucas pessoas sobrevivem a tal enfrentamento.

– Por que não ouvimos nada disso? – inquiriu Eragon.

– Porque – respondeu Merlock com raiva – só começou há alguns meses. Vilarejos inteiros foram forçados a se mudar porque os Urgals destruíram os campos, e a fome se tornou ameaçadora.

– Quanta bobagem! – resmungou Garrow. – Não vimos nenhum Urgal. O único que passou por aqui deixou os chifres pendurados na taverna do Morn.

Merlock arqueou uma sobrancelha.

– Pode ser, mas este é um vilarejo escondido pelas montanhas. Não é surpresa vocês terem passado despercebidos. Entretanto, acho que isso não vai durar muito. Só falei nesses fatos porque coisas estranhas estão acontecendo aqui também, já que você achou a pedra na Espinha. – Com um falar sóbrio, despediu-se deles curvando-se e dando um leve sorriso.

Garrow tomou o caminho para Carvahall com Eragon bem atrás dele.

– O que você acha? – perguntou Eragon.

– Vou obter mais informações antes de tirar conclusões. Leve a pedra de volta para a carroça e, depois, faça o que quiser. Encontrarei vocês no jantar na casa do Horst.

Eragon esquivou-se pelo meio da multidão e, feliz, correu para a carroça. As vendas ocupariam seu tio durante horas, tempo que ele planejava aproveitar totalmente. Escondeu a pedra embaixo das bolsas e partiu para a cidade com um passo presunçoso.

Ele andava de uma barraquinha a outra, avaliando as mercadorias com seu olhar de comprador, apesar de seu humilde estoque de moedas. Quando falava com os mercadores, eles confirmavam o que Merlock havia dito sobre a instabilidade em Alagaësia. Várias vezes, a mensagem era repetida: a segurança do ano passado nos abandonou, novos perigos apareceram. Nada mais é seguro.

Mais tarde, naquele dia, comprou três bastões de doce maltado e uma tortinha de cereja extremamente quente. Aquele calor foi bom depois de passar horas em pé na neve. Lambeu a calda grudenta dos dedos com pena, querendo mais. Sentou-se à beira de uma varanda e mordiscou um pedaço do doce. Dois meninos de Carvahall pelejavam perto dele, mas Eragon não sentiu nenhuma vontade de se juntar a eles.

Conforme o dia chegava ao final da tarde, os mercadores iam negociar nas casas das pessoas. Eragon esperava impaciente pela noite, quando os trovadores apareciam para contar histórias e fazer truques. Ele adorava ouvir contos sobre magia, deuses e, se tivesse muita sorte, sobre os Cavaleiros de Dragões. Carvahall tinha o seu próprio contador de histórias, Brom, amigo de Eragon, mas os contos dele ficaram velhos, ao passo que os trovadores sempre tinham histórias novas que ele ouvia avidamente.

Eragon tinha acabado de quebrar uma ponta de gelo do beiral da varanda quando viu Sloan ali perto. O açougueiro não o viu, então Eragon abaixou a cabeça e saiu correndo, virando uma esquina, em direção à taverna do Morn.

O interior estava quente e repleto da fumaça oleosa das velas feitas de gordura. Os chifres do Urgal, pretos e brilhantes – cuja envergadura retorcida tinha a extensão dos braços dele esticados –, estavam pendurados acima da porta. O bar era comprido e baixo, com uma pilha de pedaços de madeira de um lado para os clientes cortarem. Morn atendia no bar com as mangas enroladas até os cotovelos. A metade de baixo de seu rosto era curta e amassada, como se tivesse encostado o queixo em uma roda de moagem. As pessoas lotavam as sólidas mesas de carvalho e ouviam dois mercadores que tinham encerrado seus negócios mais cedo e foram beber cerveja.

Morn olhou por cima de uma caneca que ele limpava.

– Eragon! Que bom ver você! Onde está o seu tio?

– Comprando – disse Eragon, dando de ombros. – Ele ainda vai demorar.

– E Roran? Ele está aqui? – perguntou Morn enquanto passava o pano em outra caneca.

– Está, não havia nenhum animal doente para evitar que ele viesse este ano.

– Que bom, que bom!

Eragon apontou para os dois mercadores.

– Quem são eles?

– Compradores de grãos. Compraram o estoque de todo mundo por preços ridiculamente baixos e, agora, estão contando histórias fantásticas, esperando que

acreditemos nelas.

Eragon entendeu por que Morn estava tão chateado. As pessoas precisam daquele dinheiro. Não podemos viver sem ele.

– Que tipo de histórias?

Morn bufou.

– Eles disseram que os Varden fizeram um pacto com os Urgals e que estão formando um exército para nos atacar. Supostamente, foi apenas pela graça do nosso rei que fomos protegidos por tanto tempo, como se Galbatorix se importasse se nosso vilarejo fosse completamente destruído. Vá ouvi-los. Tenho muito mais a fazer do que ficar explicando as mentiras deles.

O primeiro mercador enchia a cadeira com a sua enorme cintura. Todos os seus movimentos faziam-na protestar bem alto. Não havia um sinal sequer de pelos no rosto, suas mãos gordas eram lisas como as de um bebê, e ele tinha lábios projetados para fora que pendiam petulantemente quando bebia em um garrafão. O segundo homem tinha um rosto avermelhado. A pele em volta da mandíbula era ressecada e gorda, recheada com caroços de banha dura, como manteiga rançosa fria. Contrastando com o pescoço e com o papo, o resto do corpo era magro de uma forma incomum.

O primeiro mercador tentava, em vão, puxar para dentro da cadeira as laterais do seu corpo que escorregavam para fora. Ele disse:

– Não, não, vocês não entendem. Foi só pelos incessantes esforços do rei em favor de vocês que podemos conversar agora em segurança. Se ele, em toda a sua sabedoria, retirasse o seu apoio, vocês estariam arruinados!

Alguém gritou:

– Certo, então por que você também não nos conta que os Cavaleiros voltaram e que cada um de vocês matou uns cem elfos? Acha que somos crianças para acreditarmos na sua história? Podemos cuidar de nós mesmos. – O grupo riu.

O mercador começou a responder quando o companheiro magro interferiu com um aceno de mão. Nos dedos, joias vistosas brilhavam.

– Vocês não entenderam direito. Nós sabemos que o Império não pode tomar conta de cada um de nós, como vocês desejam, mas pode evitar que Urgals e outras abominações invadam este – ele procurou vagamente pelo termo correto – lugar.

O mercador continuou:

– Vocês estão com raiva do Império por tratar pessoas injustamente, é uma preocupação legítima, mas um governo não pode agradar a todos.

Inevitavelmente, haverá discussões e conflitos. Entretanto, a maioria de nós não tem nada do que reclamar. Todo país tem um pequeno grupo de pessoas descontentes que não estão satisfeitas com o equilíbrio do poder.

– É – gritou uma mulher –, se você quiser chamar os Varden de "pequeno grupo"!

O homem gordo suspirou.

– Já explicamos que os Varden não têm interesse em ajudá-los. Isso é apenas uma mentira perpetuada pelos traidores em uma tentativa de abalar o Império e nos convencer de que a verdadeira ameaça está dentro, e não fora, das nossas fronteiras. Tudo o que eles querem é depor o rei e tomar posse das nossas terras. Eles têm espiões por toda parte enquanto preparam a invasão. Nunca se sabe quem está trabalhando para eles.

Eragon não concordou, mas as palavras dos mercadores eram serenas, e as pessoas concordavam com a cabeça. Ele deu um passo à frente e disse:

– Como vocês sabem disso? Posso dizer que as nuvens são verdes, mas não quer dizer que isso seja verdade. Provem que não estão mentindo. – Os dois homens olharam furiosamente para ele enquanto o povo do vilarejo esperava a resposta em silêncio.

O mercador magro falou primeiro. Ele evitou os olhos de Eragon.

– Vocês não ensinam seus filhos a respeitarem os mais velhos? Ou vocês deixam garotos desafiarem homens quando bem entendem?

Os ouvintes ajeitaram-se de modo inquieto e olharam fixamente para Eragon. Aí, um homem disse:

– Responda à pergunta.

– É o senso comum – disse o gordo, com gotas de suor em cima do lábio superior. A resposta dele irritou o pessoal do vilarejo, e a discussão recomeçou.

Eragon voltou ao bar com um gosto amargo na boca. Ele nunca havia encontrado alguém que favorecesse o Império e reprovasse seus inimigos. Havia um ódio do Império entranhado em Carvahall, a natureza disso era quase hereditária. O Império nunca os ajudou nos anos difíceis, quando eles quase passaram fome. E os cobradores de impostos eram impiedosos. Ele sentiu-se justificado ao discordar dos mercadores quanto à misericórdia do rei, mas especulou, de fato, sobre os Varden.

Os Varden formavam um grupo rebelde que invadia e atacava o Império constantemente. A identidade do líder deles era um mistério, como também quem havia formado o grupo nos anos seguintes à ascensão de Galbatorix ao trono há mais de um século. O grupo ganhava muita simpatia quando conseguia se livrar

dos esforços do rei para destruí-los. Pouco se sabia dos Varden exceto que se você fosse um fugitivo e tivesse de se esconder, ou se odiasse o Império, aí eles o aceitariam. O único problema era achá-los.

Morn inclinou-se sobre o bar e disse:

– Incrível, não é? Eles são piores do que abutres voando em círculos sobre um animal morto. Haverá encrenca se ficarem aqui por muito mais tempo.

– Para nós ou para eles?

– Para eles – disse Morn, enquanto vozes zangadas enchiam a taverna. Eragon saiu quando a discussão ameaçou ficar violenta. A porta bateu atrás dele, cortando as vozes. Estava no começo da noite, e o sol desaparecia rapidamente. As casas projetavam sombras compridas no chão. Enquanto Eragon descia a rua, notou Roran e Katrina em pé numa viela.

Roran disse algo que Eragon não conseguiu ouvir. Katrina olhou para baixo, para as mãos dela, e respondeu em voz baixa. Depois, ficou nas pontas dos pés e beijou-o antes de sair correndo. Eragon foi andando depressa na direção de Roran e brincou:

– Está se divertindo? – Roran resmungou de forma não-comprometedora uma resposta conforme começou a andar.

– Você ouviu as novidades que os mercadores contaram? – perguntou Eragon, seguindo-o. A maioria das pessoas do vilarejo estava dentro de casa, conversando com os mercadores ou esperando até ficar escuro o bastante para a atuação dos trovadores.

– Ouvi. – Roran parecia estar distraído. – Qual é a sua opinião sobre Sloan?

– Achei que isso fosse óbvio.

– Haverá sangue entre nós quando ele descobrir sobre mim e Katrina – afirmou Roran. Um floco de neve caiu no nariz de Eragon, que olhou para cima. O céu havia ficado cinza. Ele não conseguia pensar em nada apropriado para dizer. Roran estava certo. Segurou forte no ombro do primo enquanto continuavam descendo pela pequena rua secundária.

O jantar na casa de Horst era farto. O salão estava repleto de conversas e risos. Licores doces e cervejas encorpadas eram consumidos em generosas doses, contribuindo para nutrir aquela atmosfera ruidosa. Quando os pratos estavam vazios, os convidados de Horst saíram da casa e dirigiram-se para o acampamento dos mercadores. Um círculo de postes, com velas no topo, foi montado no chão em volta de uma grande clareira. Fogueiras ardiam ao fundo, pintando o chão com sombras dançantes. O povo do vilarejo juntou-se lentamente em volta do círculo e

esperou, ansioso, no frio.

Os trovadores saíram das suas barracas, fazendo acrobacias vestidos com roupas com franjas, seguidos por menestréis mais velhos e mais pomposos. Os menestréis proviam a música e a narração, enquanto seus companheiros mais jovens encenavam as histórias. As primeiras peças eram puro entretenimento: dissolutas, cheias de graça, quedas e personagens ridículos. Mais tarde, entretanto, quando as velas começaram a espocar em seus pedestais e quando todos haviam se reunido, formando um círculo coeso, o velho contador de histórias, Brom, deu um passo à frente. Uma barba branca, com pequenos nós, ondulava sobre o peito dele. E uma capa preta comprida escondia seus ombros curvados, obscurecendo o corpo. Abriu os braços e, imitando garras com as mãos, recitou para todos:

– As areias do tempo não podem ser detidas. Os anos passam, quer queiramos ou não... mas podemos nos lembrar. O que foi perdido pode, entretanto, viver na nossa memória. O que vocês estão para ouvir é imperfeito e fragmentado, mas guardem tudo com cuidado, pois, sem vocês, isso não poderá existir. Passo a vocês agora uma lembrança que foi esquecida, escondida na bruma nebulosa que repousa atrás de nós.

Seus olhos entusiasmados examinavam os rostos interessados. O olhar dele demorou-se em Eragon, o último de todos.

– Antes dos pais dos seus avós nascerem, e sim, até mesmo antes dos pais deles, a ordem dos Cavaleiros de Dragões foi formada. Proteger e guardar era a missão e, durante milhares de anos, eles tiveram sucesso. A proeza na batalha era inigualável, pois cada um tinha a força de dez homens. Eram imortais, a não ser que uma lâmina ou um veneno os atacasse. Seus poderes eram usados apenas para o bem e, sob a proteção deles, cidades e altas torres foram construídas. Enquanto mantiveram a paz, a terra prosperava. Foi uma época de ouro. Os elfos eram nossos aliados, e os anões, nossos amigos. A riqueza enchia nossas cidades, e os homens prosperavam. Mas chorem, pois isso não podia durar muito tempo.

Brom olhou para baixo, silenciosamente. Uma tristeza infinita ressoava em sua voz.

– Embora nenhum inimigo pudesse destruí-los, eles não tinham como se protegerem de si mesmos. E aconteceu, no auge do poder, que um menino, chamado Galbatorix, nasceu na província de Inzilbêth, que deixou de existir. Aos dez anos ele foi testado, segundo o costume, e descobriu-se que um grande poder residia nele. Os Cavaleiros aceitaram-no como um deles.

"Ele passou pelo treinamento, superando todos os outros em habilidade. Dotado

de uma mente veloz e um corpo forte, ele ascendeu rapidamente na hierarquia dos Cavaleiros. Alguns viram a rápida ascensão como um perigo e alertaram os outros, mas os Cavaleiros ficaram arrogantes por causa do seu poder e ignoraram o aviso. Infelizmente, o infortúnio nasceu naquele dia.

"Então, logo depois que o seu treinamento terminou, Galbatorix fez uma imprudente viagem com dois amigos. Voaram para longe, para o norte, noite e dia, e passaram pelo território remanescente dos Urgals, imprudentemente pensando que seus novos poderes os protegeriam. Lá, em um grosso lençol de gelo, que não se derrete nem no verão, sofreram uma emboscada enquanto dormiam. Embora os amigos e os dragões deles tivessem sido assassinados, e ele tivesse sofrido grandes ferimentos, Galbatorix matou seus adversários. Tragicamente, durante a luta, uma flecha perdida atingiu o coração do seu dragão. Sem ter o conhecimento necessário para salvá-lo, o animal morreu em seus braços. Assim, as sementes da loucura foram semeadas."

O contador de histórias apertou as mãos e olhou lentamente em volta, as sombras oscilavam em seu rosto desgastado pelo tempo. As palavras seguintes soaram como o som fúnebre de um réquiem.

– Só, despojado de grande parte de sua força e quase louco por causa da perda, Galbatorix vagou sem esperança naquela terra desolada, procurando a morte. Ela não conseguia atingi-lo, embora ele se lançasse sem medo contra qualquer coisa viva. Os Urgals e outros monstros, logo, fugiram de sua forma assombrada. Durante esse tempo, presumiu que os Cavaleiros poderiam conceder a ele outro dragão. Incentivado por esse pensamento, iniciou a árdua jornada de volta, a pé, atravessando a Espinha. O território que sobrevoou, sem fazer nenhum esforço nas costas de um dragão, exigia dele agora meses para atravessá-lo. Ele podia caçar usando magia, mas frequentemente passava por lugares onde os animais não andavam. Então, quando seus pés finalmente deixaram as montanhas, ele estava à beira da morte. Um fazendeiro encontrou-o caído na lama e chamou os Cavaleiros.

"Inconsciente, foi levado para os domínios deles, e seu corpo foi curado. Dormiu durante quatro dias. Ao acordar, não deu sinal de que sua mente estava perturbada. Quando foi levado perante um conselho reunido para julgá-lo, Galbatorix exigiu outro dragão. O desespero no pedido revelou a sua demência, e o conselho viu quem ele realmente era. Depois de ter recebido uma negativa, Galbatorix, através do espelho retorcido da sua loucura, começou a crer que a culpa do dragão dele ter morrido era dos Cavaleiros. Noite após noite, ele remoía essa ideia e bolou um plano para se vingar."

O volume das palavras de Brom caiu para o de um sussurro hipnotizante.

– Encontrou um Cavaleiro que simpatizou com ele e, ali, suas palavras traiçoeiras criaram raízes. Devido a uma argumentação persistente e ao uso de segredos obscuros que aprendeu com um Espectro, ele incitou o Cavaleiro contra os mais velhos. Juntos, traiçoeiramente, enganaram e mataram um dos anciãos. Quando o ato detestável foi realizado, Galbatorix voltou-se contra o seu aliado e exterminou-o sem dar qualquer aviso. Os Cavaleiros encontraram-no depois, com sangue ainda pingando das mãos. Um grito partiu dos seus lábios, e ele fugiu para dentro da noite. Devido a ser sagaz na sua loucura, não conseguiram achá-lo.

"Durante anos ele se escondeu nas terras desoladas como um animal caçado, sempre vigilante contra seus perseguidores. A atrocidade cometida não foi esquecida, mas, com o passar do tempo, as buscas cessaram. Depois, devido a um momento de infortúnio, ele encontrou um jovem Cavaleiro, Morzan, forte de corpo, mas de mente fraca. Galbatorix convenceu-o a deixar um portão destrancado na cidadela Ilirea, que hoje é chamada de Urû'baen. Por esse portão, Galbatorix entrou e roubou um filhote de dragão.

"Ele e seu novo discípulo se esconderam em um lugar maléfico onde os Cavaleiros não ousavam se aventurar. Lá, Morzan virou aprendiz das artes ocultas, aprendendo segredos e magias proibidas que nunca deveriam ser reveladas. Quando seu aprendizado terminou e o seu dragão negro, Shruikan, estava crescido, Galbatorix revelou-se ao mundo, tendo Morzan ao seu lado. Juntos, lutavam contra qualquer Cavaleiro que encontrassem. A cada morte a força deles crescia. Doze dos Cavaleiros juntaram-se a Galbatorix por desejarem o poder e por quererem vingança contra atos vistos como ofensas. Aqueles doze, com Morzan, viraram os Treze Renegados. Os Cavaleiros não estavam preparados e não resistiram ao massacre. Os elfos também lutaram amargamente contra Galbatorix, mas foram sobrepujados e forçados a fugir para os seus locais secretos, de onde nunca mais saíram.

"Somente Vrael, líder dos Cavaleiros, conseguiu resistir a Galbatorix e aos Renegados. Mais velho e sábio, lutou para salvar o que podia e evitou que os dragões restantes caíssem nas mãos dos seus inimigos. Na última batalha, perante os portões de Dorú Areaba, Vrael derrotou Galbatorix, mas hesitou no golpe final. Galbatorix aproveitou o momento e feriu-o no lado. Gravemente ferido, Vrael fugiu para a montanha Utgard, onde ele esperava recuperar as forças. Mas isso não aconteceria, pois Galbatorix o encontrou. Durante a luta, Galbatorix deu um chute entre as pernas de Vrael. Com esse golpe baixo, ele ganhou domínio sobre Vrael e

decepou a cabeça dele com uma espada flamejante.

"Depois, conforme o poder corria por suas veias, Galbatorix proclamou-se rei de toda a Alagaësia.

"E, desde aquele dia, ele tem nos governado."

Ao final da história, Brom retirou-se com o resto dos trovadores. Eragon achou ter visto uma lágrima brilhando no rosto dele. As pessoas cochichavam baixinho, umas com as outras, enquanto eles saíam. Garrow disse para Eragon e Roran:

– Considerem-se afortunados. Eu só ouvi essa história duas vezes na vida. Se o Império souber que Brom a contou, ele não viverá o bastante para ver um novo mês.

UM PRESENTE DO DESTINO

Na noite após a volta de Carvahall, Eragon decidiu testar a pedra como Merlock havia feito. Sozinho em seu quarto, ele a colocou na cama e pôs três ferramentas ao lado dela. Começou com um martelinho de madeira e bateu na pedra levemente. Aquilo produziu uma reverberação sutil. Satisfeito, pegou a ferramenta seguinte, um pesado martelo para couro. Um toque lúgubre repercutiu no momento do impacto. Finalmente, bateu com uma pequena talhadeira na pedra. O metal não lascou ou arranhou a pedra, mas produziu um som bem claro. Quando a nota final ia se esmorecendo, achou ter ouvido um fraco grunhido.

Merlock disse que a pedra era oca. Poderia haver algo valioso dentro dela. Mas eu não sei como abri-la. Deve haver algum bom motivo para alguém tê-la esculpido, mas seja lá quem tenha mandado a pedra para a Espinha não se deu ao trabalho de ir pegá-la ou não sabia onde ela estava. Mas não acho que um mago que tivesse poderes bastante para transportá-la não fosse capaz de reencontrá-la. Então, será que era o meu destino ficar com ela? Ele não conseguia responder à pergunta. Submisso a um mistério insolúvel, recolheu as ferramentas e voltou a colocar a pedra na prateleira.

Naquela noite, foi despertado abruptamente. Escutou com cuidado. Tudo estava em silêncio. Inquieto, passou a mão por baixo do colchão e agarrou sua faca. Esperou alguns minutos, depois, lentamente, voltou a cair no sono.

Um chiado quebrou o silêncio, voltando a despertá-lo repentinamente. Saiu da cama e puxou a faca para fora da bainha. Manejando atabalhoadamente uma pederneira, acendeu uma vela. A porta do quarto estava fechada. Embora o chiado tivesse sido alto demais para ser o de um camundongo ou de um rato, ele, ainda assim, olhou embaixo da cama. Nada. Sentou na beirada do colchão e esfregou os olhos, com sono. Outro chiado encheu o ar, dando-lhe um grande susto.

De onde vinha aquele barulho? Nada poderia estar no piso ou nas paredes, pois eram feitas de madeira maciça. O mesmo valia para sua cama, e ele teria notado se algo tivesse entrado no seu colchão de palha durante a noite. Seus olhos depararam-se com a pedra. Ele tirou-a da prateleira e segurou-a distraidamente enquanto examinava o quarto. Um chiado ecoou nos ouvidos dele e reverberou em seus dedos. O som emanava da pedra.

A pedra não lhe tinha dado nada além de frustração e raiva e, agora, nem o deixava dormir! Ela ignorou seu olhar furioso e ficou imóvel, piando ocasionalmente. Depois, soltou um chiado muito alto e ficou em silêncio. Eragon

guardou-a cuidadosamente e voltou para debaixo dos lençóis. Qual fosse o segredo que a pedra guardava, teria de esperar até a manhã seguinte.

A lua brilhava através da janela quando ele acordou de novo. A pedra estava se chacoalhando rapidamente na prateleira, batendo contra a parede. Estava banhada pela fria luz do luar, que deixou sua superfície esbranquiçada. Eragon pulou da cama, faca na mão. Os movimentos pararam, mas ele continuou tenso. Depois, a pedra começou a chiar e a chacoalhar mais rápido do que nunca.

Reclamando, começou a se vestir. Não queria saber o valor que a pedra poderia ter, ele ia levá-la para longe e enterrá-la. A pedra parou de chacoalhar e ficou quieta. Tremulou, depois rolou para a frente e caiu no chão, produzindo um baque seco. Ele afastou-se em direção à porta, assustado, pois a pedra rolava na sua direção.

De repente uma rachadura apareceu na pedra. Mais outra e outra. Petrificado, Eragon inclinou-se para a frente, ainda segurando a faca. No topo da pedra, onde todas as rachaduras se encontravam, um pequeno pedaço se mexeu, como se estivesse se equilibrando em cima de alguma coisa, em seguida se ergueu e caiu no chão. Depois de outra série de chiados, uma pequena cabeça escura saiu pelo buraco, seguida de um estranho corpo distorcido. Eragon agarrou a faca com mais força e segurou-a imóvel. Logo, a criatura havia saído completamente da pedra. Ela ficou parada por um momento, depois, agitou-se em direção ao luar.

Eragon recuou, chocado. Em pé, na frente dele, lambendo a membrana que o envolvia, estava um dragão.

O DESPERTAR

O dragão não era maior do que seu antebraço, porém era magnífico e nobre. As escamas dele eram de um azul-safira forte, da mesma cor da pedra. E ele percebeu que não era uma pedra, era um ovo. O dragão bateu as asas. Eram elas que fizeram-no parecer tão distorcido. As asas eram muito mais compridas do que o corpo e guarnecidas de dedos finos, com ossos que se esticavam da borda dianteira da asa, formando uma linha de garras bem separadas. A cabeça do dragão era mais ou menos triangular. Duas pequenas presas brancas diminutas, curvadas para baixo, despontavam da sua mandíbula superior. Pareciam ser muito afiadas. Suas garras também eram muito brancas, como marfim polido, e ligeiramente serrilhadas na curvatura interna. Uma fileira de pequenos espinhos descia pelas costas da criatura, desde a base da cabeça até a ponta da cauda. Uma depressão, onde seu pescoço e seus ombros se juntavam, criava um vão maior do que o normal entre os espinhos.

Eragon moveu-se um pouco, e a cabeça do dragão virou-se depressa. Firmes olhos azul-claros fixaram-se nele, que continuou imóvel. Aquele bicho poderia ser um inimigo formidável se resolvesse atacar.

O dragão perdeu o interesse por Eragon e, desajeitado, explorou o quarto, gritando quando batia em uma parede ou em um móvel. Com um bater das asas, pulou em cima da cama e engatinhou até o travesseiro, chiando. A boca estava aberta de modo piedoso, como a de um pássaro jovem, exibindo carreiras de dentes pontudos. Eragon sentou-se cuidadosamente na beira da cama. O dragão cheirou a mão dele e mordiscou sua manga. Ele puxou o braço para trás.

Um sorriso tomou os lábios de Eragon enquanto olhava para a pequena criatura. Hesitante, esticou o braço e, com a mão direita, tocou o flanco do animal. Uma explosão de energia gelada entrou pela mão dele e correu pelo braço, queimando-lhe as veias como fogo líquido. Caiu para trás dando um forte grito. Um barulho metálico encheu seus ouvidos, e ele ouviu um silencioso grito de fúria. Todas as partes de seu corpo queimavam de dor. Fez força para se mover, mas não conseguiu. Depois do que pareceram ser horas, o calor voltou aos seus membros, deixando-os formigantes. Tremendo incontrolavelmente, fez força e pôs-se de pé. Sua mão estava dormente, e seus dedos, paralisados. Assustado, ele observava o meio da palma de sua mão brilhar e formar um desenho oval branco e difuso. A pele coçava e queimava como em uma mordida de aranha. Seu coração batia freneticamente.

Eragon piscou, tentando entender o que havia acontecido. Algo tocava sua consciência como um dedo passando em cima da pele. Sentiu novamente, mas,

desta vez, tomou a forma de uma corrente de pensamentos, pela qual ele sentia uma curiosidade crescente. Era como se um muro invisível que cercava seus pensamentos tivesse caído e, agora, estivesse livre para explorar a sua mente. Temia que, sem nada para segurá-lo, pudesse flutuar para fora do corpo e ser incapaz de voltar, virando um espírito etéreo. Com medo, ele se afastou. Esse novo sentido desapareceu como se tivesse fechado os olhos. Lançou um olhar desconfiado para o dragão imóvel.

Uma perna escamosa raspou nele, e Eragon se afastou. Porém, a energia não deu outro choque. Confuso, acariciou a cabeça do dragão com a mão direita. Um formigamento leve subiu pelo braço. O dragão tocou-o com o nariz, arqueando as costas como um gato. Eragon passou um dedo por cima das finas membranas da asa dele. Pareciam um pergaminho velho, aveludadas e quentes, mas ainda estavam levemente úmidas. Centenas de veias finas pulsavam no meio delas.

Novamente, a corrente de pensamentos tocou a sua mente, mas, em vez de curiosidade, ele sentiu uma fome voraz, avassaladora. Levantou-se com um suspiro. Aquele era um animal perigoso, Eragon sabia disso. Entretanto, o dragão parecia tão indefeso engatinhando na sua cama, que ele não podia ver mal algum em ficar com o animal. O dragão chorou em tom fraco, como se pedisse comida. Eragon coçou a cabeça dele rapidamente para que o bicho ficasse quietinho. Decidiu que pensaria nisso depois e saiu do quarto, fechando a porta cuidadosamente.

Ao voltar com dois pedaços de carne-seca, encontrou o dragão sentado no peitoril da janela, olhando a lua. Cortou a carne em pequenos quadrados e ofereceu um ao dragão. O animal cheirou o quadrado com cuidado e, depois, lançou a cabeça para a frente como uma cobra, arrancando o pedaço de carne dos dedos dele, engolindo-o inteiro com um movimento peculiar. O dragão procurou mais comida na mão de Eragon.

Alimentou o dragão, tendo o cuidado de não deixar os dedos no caminho. Quando restava apenas um pedaço de carne, a barriga do dragão estava enorme. Ele ofereceu a última porção, o dragão hesitou por um momento e, em seguida, preguiçosamente mordeu-a. Depois de comer, o animal engatinhou para o braço do rapaz e aninhou-se no peito dele. Por fim, bufou, e uma pequena nuvem de fumaça preta saiu de seu nariz. Eragon olhou maravilhado para aquilo.

Exatamente quando ele percebeu que o dragão havia adormecido, um zumbido baixo saiu da garganta do animal, que vibrava. Gentilmente, levou o bicho para a cama e colocou-o perto do seu travesseiro. O dragão, de olhos fechados, passou a

cauda em volta da cabeceira, satisfeito. Eragon deitou-se ao seu lado, esticando as mãos na escuridão.

Eragon se deparou com um difícil dilema: se criasse o dragão, poderia se tornar um Cavaleiro. Mitos e histórias sobre os Cavaleiros eram muito apreciados, e ser um deles o colocaria automaticamente entre essas lendas. Entretanto, se o Império descobrisse o dragão, ele e a sua família seriam mortos, a não ser que se juntasse ao rei. Ninguém podia, ou iria, ajudá-los. A solução mais simples seria matar o dragão, mas a ideia era repugnante, e ele a rejeitou. Respeitava demais os dragões para sequer considerar tal possibilidade. Além disso, o que poderia nos entregar?, pensou ele. Moramos em uma área isolada e não fizemos nada para chamar a atenção.

O problema seria convencer Garrow e Roran a deixá-lo ficar com o dragão. Nenhum deles gostaria de ter um dragão por perto. Eu poderia criá-lo em segredo. Em um mês ou dois, o dragão estará grande o bastante para Garrow poder se livrar dele, mas será que ele vai aceitá-lo? E mesmo que aceite, será que conseguirei arranjar comida bastante para alimentar o dragão enquanto estiver escondido? Ele não é maior do que um gatinho, mas comeu uma mão cheia de carne! Acho que ele será capaz de caçar um dia, mas quanto tempo isso levará? Será que ele conseguirá sobreviver ao frio lá fora? Ao mesmo tempo, Eragon queria o dragão. Quanto mais pensava nisso, mais certeza tinha. Não importava como as coisas ficariam com Garrow, Eragon ia fazer de tudo para proteger o animal. Determinado, adormeceu encostado ao dragão.

Quando a aurora chegou, o dragão estava sentado em cima da cabeceira da cama, como uma antiga sentinela dando as boas-vindas ao novo dia. Eragon maravilhou-se com a sua cor. Nunca havia visto um azul tão claro e firme. As escamas pareciam centenas de pequenas pedras preciosas. Notou que a marca oval na palma da sua mão, onde havia tocado o dragão, tinha um brilho prateado. Esperava manter aquilo escondido ao deixar as mãos sujas.

O dragão saltou da cama e planou até o chão. Eragon pegou-o com cuidado e saiu da casa silenciosa, parando para pegar carne, algumas tiras de couro e o máximo de panos velhos que podia carregar. A fria manhã estava bonita. Uma camada fresca de neve cobria a fazenda. Sorriu quando a criaturinha, na segurança dos seus braços, olhou em volta, interessada.

Atravessando os campos depressa, entrou silenciosamente na floresta escura, procurando um lugar seguro para deixar o dragão. Finalmente, achou uma sorveira, sozinha em uma pequena colina árida. Os galhos dela, dedos cinza cobertos de

neve nas pontas, apontavam para o céu. Pôs o dragão perto da base do tronco e jogou o couro no chão.

Com alguns movimentos habilidosos, ele fez um laço corrediço e passou-o pela cabeça do dragão, enquanto o animal explorava os pequenos montes de neve que cercavam a árvore. O couro estava gasto, mas ia aguentar. Ele viu o dragão rastejando em volta da árvore, então soltou o laço corrediço do pescoço do animal e, para evitar que o bicho se enforcasse, fez uma cinta improvisada para as pernas dele. Depois, juntou uma braçada de gravetos, fez uma pequena cabana rudimentar nos galhos – cobrindo o interior com os panos velhos – e guardou a carne. Quando a árvore balançava, a neve caía em seu rosto. Pendurou mais alguns trapos na frente do abrigo para manter o calor lá dentro. Satisfeito, apreciou seu trabalho.

– Chegou a hora de apresentá-lo à sua nova casa – disse, e ergueu o dragão até os galhos. O animal se contorceu, querendo se soltar, entrou na cabana, onde comeu um pedaço de carne, enrolou-se e piscou envergonhadamente para ele.

– Você não terá problemas enquanto ficar aqui – explicou. O dragão piscou de novo.

Certo de que o animal não o havia entendido, Eragon procurou em sua mente até sentir a consciência do dragão. Novamente, sentiu a terrível sensação de abertura, de um espaço tão grande que o pressionava como um pesado cobertor. Juntando suas forças, concentrou-se no dragão e tentou impor-lhe a ideia: Fique aqui. O dragão parou de se mexer e virou a cabeça para ele. Eragon tentou com mais força: Fique aqui. Uma sensação de entendimento sutil surgiu naquela ligação, mas Eragon tinha dúvidas se o dragão havia entendido a mensagem. Afinal, ele é apenas um animal. Desfez aquele contato com certo alívio, voltando a sentir a segurança de sua própria mente envolvendo-o.

Eragon deixou a árvore, olhando de vez em quando para trás. O dragão colocou a cabeça para fora do abrigo e observou, com seus olhos grandes, Eragon distanciar-se.

Depois de uma caminhada apressada para casa, entrou escondido no quarto para se livrar dos pedaços da casca do ovo. Tinha certeza de que Garrow e Roran não dariam falta do ovo, pois os dois tiraram-no da mente depois que souberam que não poderia ser vendido. Quando sua família acordou, Roran disse ter ouvido alguns barulhos à noite, mas, para o alívio de Eragon, não continuou no assunto.

O entusiasmo de Eragon fez o dia passar depressa. A marca em sua mão era fácil de ser escondida, então não levou muito tempo para deixar de se preocupar com

ela. Logo, voltou à árvore, levando salsichas que havia roubado no porão. Apreensivo, ele se aproximou da árvore. Será que o dragão conseguirá sobreviver ao inverno aqui fora?

Seu receio era infundado. O dragão estava empoleirado em um galho, mordiscando alguma coisa que estava entre suas patas dianteiras. Começou a chiar animadamente quando viu Eragon, que ficou feliz ao ver que o animal não havia saído da árvore, acima do alcance dos predadores maiores. Assim que Eragon colocou as salsichas na base do tronco, o dragão voou para baixo. Enquanto o bicho devorava com voracidade a comida, Eragon examinou o abrigo. Toda a carne que ele havia deixado desapareceu, mas a cabaninha estava intacta e havia tufos de penas espalhados pelo chão. Que bom! Ele pode caçar a sua própria comida.

De repente, lembrou que não sabia se o dragão era ele ou ela. Eragon levantou o animal e virou-o de cabeça para baixo, ignorando os gritos de reprovação do bicho. Mas Eragon não conseguiu encontrar nenhum sinal característico. Parece que ele não vai revelar seus segredos sem um pouco de resistência.

Eragon passou um longo tempo com o dragão. Ele soltou-o, colocou-o no ombro e foi explorar a floresta. As árvores carregadas de neve observavam-nos como os solenes pilares de uma grande catedral. Naquele isolamento, Eragon mostrou ao dragão o que sabia sobre a floresta, sem se importar com o fato de o animal estar entendendo ou não. O que importava mesmo era o simples ato de compartilhar aquilo com o bicho. Eragon falava com ele sem parar. O dragão olhava para baixo, para ele, com olhos brilhantes, absorvendo as palavras. Durante um tempo, Eragon apenas ficou sentado com o dragão pousado em seus braços, observando-o maravilhado, ainda impressionado com os eventos acontecidos recentemente. Eragon tomou o caminho de casa no pôr do sol, consciente de que dois olhos azuis fulminavam suas costas, indignados por terem sido deixados para trás.

Naquela noite, pensou em todas as coisas que poderiam acontecer com um pequeno animal desprotegido. Pensamentos sobre tempestades de neve e animais malvados atormentavam-no. Demorou horas para cair no sono. Seus sonhos eram sobre raposas e lobos negros comendo o dragão com dentes sangrentos.

Com o brilho do sol da manhã, Eragon saiu correndo de casa com comida e com pedaços de pano que serviriam de proteção extra para a pequena cabana. Encontrou o dragão acordado e a salvo, observando o sol nascer do alto da árvore. Agradeceu fervorosamente a todos os deuses, conhecidos e desconhecidos. O dragão desceu até o solo, quando Eragon se aproximou, e pulou nos braços dele, aconchegando-se ao peito do rapaz. O frio não havia feito mal ao bichinho, mas ele

parecia assustado. Uma baforada de fumaça preta saiu de suas narinas. Eragon acariciou-o carinhosamente, sentou, encostando-se na árvore, e sussurrou baixinho. Ele ficou imóvel quando o dragão enfiou a cabeça embaixo do seu casaco. Depois de um tempo, saiu do abraço do rapaz e foi para o ombro dele. Eragon alimentou-o e então ajeitou os novos trapos em volta da cabana. Brincaram por um tempo, mas Eragon tinha de voltar logo para casa.

Uma rotina tranquila foi rapidamente estabelecida. Todas as manhãs, Eragon corria até a árvore e dava o café da manhã ao dragão antes de voltar correndo. Durante o dia, Eragon tentava acabar suas tarefas o mais rápido possível para poder visitar o dragão de novo. Tanto Garrow quanto Roran notaram seu comportamento e perguntaram por que ele passava tanto tempo fora de casa. Eragon deu de ombros e começou a se certificar de que não estava sendo seguido até a árvore.

Depois dos primeiros dias, ele parou de achar que algo ruim aconteceria com o dragão. O crescimento do animal era incrível. Logo, o bicho estaria seguro contra quase todos os perigos. O dragão dobrou de tamanho na primeira semana. Quatro dias depois, o dragão já batia nos joelhos dele. Ele não cabia mais dentro da cabana que fora feita na árvore, e Eragon foi forçado a construir um abrigo escondido no chão. Essa tarefa custou-lhe três dias.

Quando o dragão tinha duas semanas de idade, Eragon estava compelido a deixá-lo solto, pois ele precisava de muita comida. Na primeira vez em que Eragon desamarrou o animal, bastou usar a força da mente para evitar que o dragão o seguisse até a fazenda. Sempre que o bicho tentava, Eragon o afastava com a mente, até o dragão aprender a evitar a casa e seus habitantes.

E ele incutia no dragão a importância de caçar somente na Espinha, onde havia menos chances de ser visto. Os fazendeiros notariam se animais começassem a desaparecer do vale Palancar. Quando o dragão estava mais longe, Eragon sentia-se, ao mesmo tempo, mais seguro e mais preocupado.

O contato mental que compartilhava com o dragão fortalecia-se a cada dia. Eragon descobriu que, embora o dragão não entendesse as palavras, ele podia comunicar-se com o animal através de imagens ou emoções. Entretanto, era um método impreciso, e, frequentemente, Eragon era interpretado erroneamente. A distância em que um podia alcançar o pensamento do outro aumentava rapidamente. Logo, Eragon podia fazer contato com o dragão em qualquer lugar em um raio de catorze quilômetros. Eragon sempre fazia contato, e o dragão, em resposta, tocava levemente a mente dele. Essas conversas mudas enchiam as horas de trabalho do rapaz. Sempre havia uma pequena parte dele conectada ao

dragão, às vezes ignorada, mas nunca esquecida. Quando ele conversava com as pessoas, o contato podia distraí-lo, como uma mosca zumbindo no ouvido.

Conforme o dragão amadurecia, os guinchos foram engrossando e viraram um rugido. E o zumbido virou um ronco baixo; porém o dragão não cuspia fogo, o que o preocupava. Eragon tinha visto o dragão soltar fumaça quando estava triste, mas nunca houve sequer um sinal de chama.

Quando o mês terminou, o ombro do dragão já batia no cotovelo de Eragon. Naquele breve período de tempo, o dragão deixou de ser um animal pequeno e fraco e se transformou em uma poderosa fera. Suas duras escamas eram tão resistentes quanto uma armadura de ferro, e seus dentes pareciam adagas.

Eragon dava longas caminhadas à tarde com o dragão a seu lado. Quando encontravam uma clareira, ele se recostava em uma árvore e observava o dragão voar alto no céu. Eragon adorava vê-lo voar e lamentava o animal ainda não ser grande o bastante para levá-lo. Ele sempre se sentava ao lado do dragão e acariciava o pescoço dele, sentindo tendões e músculos se contraindo sob suas mãos.

Apesar dos esforços de Eragon, a floresta em volta da fazenda estava repleta de sinais da existência do dragão. Era impossível apagar na neve todas as pegadas fundas das enormes patas com quatro garras. E Eragon recusava-se a tentar esconder os gigantescos montes de estrume que se tornavam cada vez mais comuns. O dragão esfregava-se contra as árvores, arrancando a casca, e afiava as garras em pedaços de madeira, deixando sulcos com quase três centímetros de profundidade. Se Garrow ou Roran fossem um pouco além dos limites da fazenda, descobririam o dragão. Eragon não podia imaginar maneira pior para a verdade ser revelada, então decidiu se prevenir explicando tudo a eles.

Porém, queria fazer duas coisas primeiro: dar ao dragão um nome apropriado e aprender mais sobre sua espécie. Para isso, precisava falar com Brom, mestre das epopéias e lendas, os únicos locais onde o folclore sobre dragões havia sobrevivido.

Então, quando Roran foi levar uma talhadeira para ser consertada em Carvahall, Eragon se ofereceu para ir junto.

No anoitecer, antes de partirem, Eragon foi a uma pequena clareira na floresta e chamou o dragão usando sua mente. Depois de um instante, viu uma mancha que se movia velozmente no céu quase escuro. O dragão mergulhou em sua direção, subiu abruptamente e depois nivelou o voo acima das árvores. Ele ouvia um assovio baixo quando o vento passava por cima das asas do animal. O bicho inclinou-se lentamente para a esquerda e foi descendo suavemente em espiral até

o chão. Bateu as asas para trás, para se equilibrar, e pousou produzindo um baque grave e abafado: tum!

Eragon abriu a mente, ainda sentindo-se desconfortável com aquela sensação estranha, e disse ao dragão que ia partir. O animal bufou preocupado. Tentou acalmá-lo com uma imagem mental tranquila, mas o dragão chicoteava com a cauda, insatisfeito. Eragon colocou a mão no ombro do dragão e tentou irradiar paz e serenidade. As escamas levantavam-se sob os seus dedos quando as acariciava gentilmente.

Uma única palavra ressoou em sua cabeça, de modo intenso e claro.

Eragon.

Tinha um tom solene e melancólico, como se um pacto inquebrável estivesse sendo selado. Olhou fixamente para o dragão e um formigamento frio correu pelo seu braço.

Eragon.

Ele sentiu um forte aperto no estômago enquanto dois insondáveis olhos da cor de safira olhavam-no. Pela primeira vez, não pensou no dragão como um animal. Era algo mais, algo... diferente. Eragon voltou correndo para casa, tentando fugir do dragão. O meu dragão.

Eragon.

CHÁ PARA DOIS

Roran e Eragon separaram-se nas cercanias de Carvahall. Eragon foi andando lentamente para a casa de Brom, absorto em seus pensamentos. Parou no degrau da porta e ergueu a mão para bater.

Uma voz falou alto:

– O que você quer, rapaz?

Ele se virou depressa. Atrás dele, Brom estava apoiado em uma bengala retorcida, decorada com entalhes estranhos. Usava um manto marrom com capuz, como um frade. Uma bolsa pendia do cinto de couro gasto. Acima da barba branca, um orgulhoso nariz de águia curvava-se sobre sua boca e dominava seu rosto. Observou Eragon atentamente com olhos profundos, sombreados por uma testa enrugada, e esperou pela resposta.

– Informações – disse Eragon. – Roran foi levar uma talhadeira para o conserto, e como fiquei com tempo livre, vim ver se o senhor poderia responder a algumas perguntas.

O homem velho bufou e esticou a mão para abrir a porta. Eragon notou um anel de ouro na mão direita dele. A luz brilhou sobre uma safira, destacando um símbolo estranho entalhado na superfície da pedra.

– É melhor você entrar, vamos conversar durante um bom tempo. Parece que as suas perguntas nunca acabam. – Dentro da casa, o ambiente estava mais escuro do que carvão, um aroma forte e ácido pairava no ar. – Agora, um pouco de luz. – Eragon ouviu o ancião se mover e, depois, um xingamento baixo quando alguma coisa caiu no chão. – Ah, pronto. – Uma faísca branca brilhou, e uma chama ganhou existência.

Brom estava em pé, segurando uma vela diante de uma lareira de pedra. Pilhas de livros cercavam uma cadeira de madeira toda entalhada, de espaldar alto, que ficava de frente para a moldura da lareira. As quatro pernas da cadeira tinham a forma de garras de águia, e o assento e o encosto tinham um acabamento almofadado de couro, que era ornamentado com um desenho de rosas em alto-relevo. Um grupo de cadeiras menores sustentava pilhas de pergaminhos. Potes de tinta e penas estavam espalhados em cima de uma escrivaninha.

– Fique à vontade, mas pelos reis perdidos tenha cuidado. Todas essas coisas são valiosas.

Eragon passou por cima de pergaminhos cobertos de runas angulosas. Ele, gentilmente, tirou os rolos antigos de uma cadeira e colocou-os no chão. Uma

nuvem de poeira encheu o ar assim que ele se sentou. Eragon prendeu um espirro.

Brom abaixou-se e acendeu o fogo com a vela.

– Que bom! Nada como se sentar perto de uma lareira para conversar. – Ele jogou o capuz para trás, revelando cabelos que não eram brancos, mas prateados, pendurou uma chaleira em cima das chamas e sentou na cadeira de espaldar alto.

– Bem, o que você quer? – dirigiu-se de maneira incisiva a Eragon, sem ser rude.

– Bem – disse Eragon, imaginando qual seria a melhor forma para abordar aquele assunto. – Sempre ouço falar nos Cavaleiros de Dragões e nos seus supostos feitos. Quase todo mundo quer que eles voltem, mas nunca ouvi histórias sobre como surgiram, de onde os dragões vinham ou sobre o que tornava os Cavaleiros tão especiais, além dos dragões.

– Esse é assunto muito vasto – resmungou Brom. Ele olhou para Eragon cuidadosamente. – Se eu contasse a você a história completa, ainda estaríamos sentados aqui quando o próximo inverno chegasse. Tudo terá de ser resumido para um tamanho aceitável. Mas, antes de começarmos apropriadamente, preciso do meu cachimbo.

Eragon esperou pacientemente enquanto Brom comprimia o tabaco. Ele gostava de Brom. Às vezes, o velho era irascível, mas parecia que nunca se importava de reservar um tempo a Eragon. Uma vez, o rapaz perguntou a Brom de onde ele tinha vindo, e o ancião riu e disse:

– De um vilarejo bem parecido com Carvahall, só que não tão interessante.

A curiosidade aumentou, e Eragon indagou ao tio. Mas Garrow só pôde dizer a ele que Brom comprou uma casa em Carvahall há quase quinze anos e que morava lá, em paz, desde então.

Brom usou uma pederneira para acender o cachimbo. Ele deu algumas baforadas e disse:

– Então... não teremos de parar, exceto pelo chá. Agora, quanto aos Cavaleiros, ou Shur'tugal, como são chamados pelos elfos. Começar por onde? Eles existiram durante incontáveis anos e, no auge do poder, dominaram por duas vezes as terras do Império. Numerosas histórias foram contadas sobre eles, na maioria, falsas. Se acreditássemos em tudo que era dito, acharíamos que eles tinham poderes parecidos com os de um semideus. Estudiosos dedicaram a vida à separação das fantasias dos fatos, mas duvida-se que algum deles tenha obtido sucesso. Entretanto, não será uma tarefa impossível se nos concentrarmos nas três áreas que você especificou: Como os Cavaleiros surgiram? Por que eram tão conceituados? E de onde vieram os dragões? Começarei com o último item.

Eragon recostou-se e escutou a voz hipnotizante do homem.

– Os dragões não tiveram um começo específico, a não ser que isso tenha acontecido junto com a criação da própria Alagaësia. E se terão um fim, isso acontecerá quando este mundo perecer, pois sofrem junto com esta terra. Eles, os anões, e alguns poucos outros são seus verdadeiros habitantes. Vivem aqui antes de todos os outros, fortes e orgulhosos em sua glória primária. O mundo deles era imutável até que os primeiros elfos atravessaram o mar com seus navios prateados.

– De onde os elfos vieram? – interrompeu Eragon. – E por que são chamados de "povo justo"? Eles existem de verdade?

Brom fechou a cara.

– Você quer que eu responda às primeiras perguntas ou não? Isso não acontecerá se você quiser explorar todas as informações sobre as quais não tiver conhecimento.

– Sinto muito – disse Eragon. Ele abaixou a cabeça e tentou parecer arrependido.

– Você não sente, não – Brom disse com um certo prazer. Ele desviou o olhar para o fogo e observou-o lamber a parte de baixo da chaleira. – Se você realmente quer saber, os elfos não são lendas e são chamados de "povo justo" por serem mais amáveis do que as outras raças. Eles vieram do que chamam de Alalea, embora ninguém, apenas eles, saiba o que seja ou onde fique.

"Bem", ele olhou de modo zangado por baixo de suas grossas sobrancelhas para garantir que não haveria mais interrupções, "os elfos eram uma raça orgulhosa e forte na magia. No começo, viam os dragões como meros animais. Dessa crença despontou um erro fatal. Um jovem elfo impetuoso caçou um dragão, do modo como caçaria um gamo, e o matou. Indignados, os dragões acuaram e mataram o elfo. Infelizmente, o banho de sangue não parou por aí. Os dragões se uniram e atacaram a nação élfica. Apavorados com o terrível mal-entendido, os elfos tentaram pôr um fim às hostilidades, mas não conseguiam uma maneira de se comunicarem com os dragões.

"Portanto, para abreviar bastante uma série de eventos complicados, houve uma guerra muito longa e sangrenta, pela qual ambos os lados lamentaram-se depois. No começo, os elfos lutavam apenas para se defender, pois eles se opunham a aumentar o conflito. A ferocidade dos dragões, no entanto, forçou-os a atacar para garantir a própria sobrevivência. Isso durou cinco anos e teria continuado por muito mais tempo se um elfo chamado Eragon não tivesse achado um ovo de dragão." Eragon piscou surpreso. "Ah, já vi que você não conhecia o seu xará", disse Brom.

– Não. – A chaleira soltou um assovio estridente. Por que eu ganhei o nome de um elfo?

– Então, você vai achar isso muito mais interessante – disse Brom. Ele tirou a chaleira de cima do fogo com um gancho e colocou a água fervente em duas canecas. Ao dar uma a Eragon, alertou:

– Essas folhas não precisam ficar em infusão por muito tempo. É melhor você beber logo antes que fique forte demais.

Eragon tentou dar um gole, mas queimou a língua. Brom pôs a sua caneca de lado e continuou a fumar o cachimbo.

– Ninguém sabe por que aquele ovo foi abandonado. Alguns dizem que os pais foram mortos em um ataque dos elfos. Outros acreditam que os dragões deixaram o ovo lá de propósito. Seja como for, Eragon enxergou o valor de criar um dragão amigo. Cuidou do animal em segredo e, segundo o costume da língua antiga, chamou-o de Bid'Daum. Quando Bid'Daum atingiu um bom tamanho, eles viajaram juntos entre os dragões e os convenceram a viver em paz com os elfos. Tratados foram feitos entre as duas raças. Para garantir que nunca haveria guerra de novo, decidiram que era necessário criar os Cavaleiros.

"No começo, os Cavaleiros deviam servir meramente como um meio de comunicação entre os elfos e os dragões. Contudo, com o passar do tempo, o valor deles foi reconhecido, e eles ganharam mais autoridade. Finalmente, adotaram a ilha Vroengard como lar e lá construíram uma cidade, Dorú Areaba. Antes que Galbatorix os depusesse, os Cavaleiros tinham mais poder do que todos os reis na Alagaësia. Agora, acredito ter respondido a duas das suas perguntas."

– Respondeu – disse Eragon distraidamente. Parecia uma coincidência incrível ele ter recebido o nome do primeiro Cavaleiro. Por algum motivo, sentia que seu nome não era mais o mesmo. – O que quer dizer Eragon?

– Eu não sei – respondeu Brom. – É muito antigo. Duvido que alguém lembre, exceto os elfos, e a sorte terá sorrido para você antes de conseguir falar com um deles. Porém, é um bom nome de se ter, você devia se orgulhar. Nem todos têm um nome tão honroso.

Eragon tentou tirar essa questão da mente e se concentrou no que estava aprendendo com Brom. Mas ainda faltava alguma coisa.

– Eu não entendo. Onde nós estávamos quando os Cavaleiros foram criados?

– Nós? – perguntou Brom, erguendo uma sobrancelha.

– O senhor sabe, todos nós. – Eragon gesticulou com as mãos indistintamente. – Os humanos em geral.

Brom riu.

– Nós não somos mais nativos desta terra do que os elfos. Nossos ancestrais precisaram de trezentos anos para chegar aqui e se juntarem aos Cavaleiros.

– Não pode ser – protestou Eragon. – Nós sempre vivemos no vale Palancar.

– Isso é um fato para algumas gerações, mas, antes disso, não. Isso nem se aplica a você – disse Brom gentilmente. – Embora você se considere parte da família de Garrow, e com razão, o seu pai não era daqui. Pode perguntar por aí e descobrirá muitas pessoas que não estão aqui há muito tempo. Este vale é antigo, mas nem sempre nos pertenceu.

Eragon olhou com uma expressão zangada e deu um gole no chá, que ainda estava quente o bastante para queimar sua garganta. Aquele era seu lar, apesar de quem o seu pai fosse!

– O que aconteceu com os anões depois que os Cavaleiros foram destruídos?

– Ninguém sabe ao certo. Eles lutaram com os Cavaleiros nas primeiras batalhas, mas, quando ficou claro que Galbatorix venceria, fecharam todas as entradas dos túneis e desapareceram no subsolo. Pelo que sei, nenhum anão foi visto desde então.

– E os dragões? – perguntou ele. – O que houve com eles? Com certeza, não foram todos mortos.

Brom respondeu pesaroso:

– Esse é o maior mistério na Alagaësia hoje em dia: quantos dragões sobreviveram ao massacre de Galbatorix? Ele poupou os que concordaram em servi-lo, mas só os dragões dos Renegados participariam da loucura dele. Se quaisquer dragões além de Shruikan ainda estão vivos, devem estar escondidos para não serem nunca achados pelo Império.

Então, de onde o meu dragão veio?, pensou Eragon.

– Os Urgals estavam aqui quando os elfos vieram para Alagaësia? – perguntou ele.

– Não. Eles seguiram os elfos, cruzando o mar, como carrapatos atrás de sangue. Eles foram uma das razões por que os Cavaleiros ganharam valor por sua proeza na batalha e por sua capacidade de manter a paz... Muita coisa pode ser aprendida com essa história. É uma pena o rei fazer dela um tópico delicado – lamentou Brom.

– É, ouvi a sua história na última vez em que estive na cidade.

– Como história! – berrou Brom. Os olhos dele faiscavam. – Se aquilo foi apenas uma história, então os rumores da minha morte são verdadeiros, e você está

falando com um fantasma! Respeite o passado, você nunca sabe como ele poderá afetá-lo.

Eragon esperou a expressão no rosto de Brom melhorar antes de ousar perguntar:

– Qual era o tamanho dos dragões?

Uma nuvem escura de fumaça rodopiava em cima de Brom como uma tempestade em miniatura.

– Eram maiores do que uma casa. Até mesmo os menores tinham asas cuja envergadura passava de trinta metros. Eles nunca paravam de crescer. Alguns dos mais antigos, antes de o Império matá-los, podiam se passar por grandes colinas.

O medo tomou conta de Eragon. Como conseguirei esconder meu dragão daqui a alguns anos? Ele ficou com raiva, mas manteve a voz calma.

– Quando chegavam à idade adulta?

– Bem – disse Brom, coçando o queixo –, eles só conseguiam cuspir fogo depois dos cinco ou seis meses de idade, que era a época em que eles podiam acasalar. Quanto mais velho um dragão fosse, maior era a chama que podia cuspir. Alguns deles podiam manter a chama acesa durante vários minutos. – Brom fez um anel de fumaça e observou-o flutuar até o teto.

– Ouvi dizer que as escamas deles brilhavam como pedras preciosas.

Brom inclinou-se para a frente e murmurou:

– Você ouviu direito. Eles tinham todas as cores e tonalidades. Conta-se que um grupo deles parecia um arco-íris vivo, constantemente se movimentando e brilhando. Mas quem lhe contou isso?

Eragon ficou paralisado por um segundo e mentiu:

– Um mercador.

– Como se chamava? – perguntou Brom. Suas sobrancelhas emaranhadas encontraram-se, formando uma grossa linha branca, as rugas na testa se aprofundavam. Ignorado, o cachimbo se apagou.

Eragon fingiu pensar.

– Sei lá. Ele estava conversando na taverna do Morn, mas não descobri quem era.

– Gostaria que tivesse descoberto – resmungou Brom.

– Ele também disse que um Cavaleiro podia ler os pensamentos do seu dragão – Eragon disse rapidamente, esperando que o mercador fictício o protegeria de qualquer suspeita.

Os olhos de Brom se estreitaram. Lentamente, ele pegou a pederneira e produziu

uma faísca. Uma fumaça subiu, e ele deu um longo trago em seu cachimbo, exalando bem devagar. Em um tom de voz sem emoção, ele disse:

– O mercador estava errado. Isso não está em nenhuma das histórias, e eu conheço todas elas. Ele disse mais alguma coisa?

Eragon deu de ombros.

– Não. – Brom estava interessado demais no mercador para ele continuar mentindo. Naturalmente, ele perguntou:

– Os dragões vivem muito tempo?

Brom não respondeu imediatamente. Afundou o queixo no peito enquanto, pensativo, seus dedos apertavam o cachimbo. A luz refletia em seu anel.

– Desculpe, meus pensamentos estavam longe. Sim, um dragão vive durante um bom tempo, para sempre, de fato, viverá enquanto não for morto ou até que o seu Cavaleiro morra.

– Como se tem certeza disso? – retrucou Eragon. – Se os dragões morrem quando seus Cavaleiros morrem, então eles só vivem uns sessenta ou setenta anos. O senhor disse durante a sua... narrativa que os Cavaleiros viveram centenas de anos, mas isso é impossível. – O pensamento de viver mais do que sua família e seus amigos o incomodava.

Um calmo sorriso mexeu os lábios de Brom, enquanto ele falou com sagacidade:

– O que é possível é algo subjetivo. Alguns dizem que ninguém sobrevive a uma viagem pela Espinha, mas você sobreviveu. É uma questão de perspectiva. Você tem que ser muito sábio para saber tanto com tão pouca idade. – Eragon ficou com o rosto corado, e o velho homem riu. – Não fique zangado. Não se pode esperar que você saiba essas coisas. Você esquece que os dragões eram mágicos, eles afetavam tudo em volta deles de um modo estranho. Os Cavaleiros eram as pessoas mais próximas deles e, como tal, eram os que mais vivenciavam isso. O efeito colateral mais comum era ter a vida prolongada. Nosso rei já viveu tempo o bastante para provar isso, mas as pessoas atribuem sua vida longa aos seus poderes mágicos. Também havia outras mudanças menos notáveis. Todos os Cavaleiros tinham o corpo mais forte, a mente mais perspicaz e a visão mais aguçada do que os homens normais. Junto com tudo isso, um Cavaleiro humano adquiria, lentamente, orelhas pontudas, embora elas nunca fossem tão proeminentes quanto as de um elfo.

Eragon teve de se controlar para não tocar a ponta das orelhas. De que outro modo esse dragão mudará a minha vida? Além de entrar na minha mente, ele também está fazendo alterações no meu corpo!

– Os dragões eram muito inteligentes?

– Você não prestou atenção no que eu lhe contei antes! – reclamou Brom. – Como os elfos poderiam fazer acordos e tratados de paz com criaturas rudes e burras? Eles eram tão inteligentes quanto você ou eu.

– Mas eram animais – insistiu Eragon.

Brom bufou.

– Eles não eram mais animais do que nós. Por alguma razão as pessoas elogiam tudo o que os Cavaleiros faziam, entretanto ignoram os dragões, achando que eles não eram nada mais do que um meio de transporte exótico para ir de uma cidade a outra. Eles não eram nada disso. Os maiores feitos dos Cavaleiros só se tornaram possíveis por causa dos dragões. Quantos homens desembainhariam a espada se soubessem que um lagarto gigante que cuspia fogo, um mais sagaz e sábio do que qualquer rei pudesse esperar, logo apareceria para acabar com a violência? Hein? – Ele soprou outro anel de fumaça e olhou-o flutuar para longe.

– O senhor já viu um deles?

– Não – respondeu Brom. – Isso aconteceu bem antes de eu nascer.

Agora, preciso de um nome.

– Eu venho tentando me lembrar do nome de um certo dragão, mas ele vive escapando da minha memória. Acho que eu o ouvi quando os mercadores estavam em Carvahall, mas não tenho certeza. O senhor poderia me ajudar?

Brom deu de ombros e rapidamente recitou uma lista de nomes.

– Havia Jura, Hírador e Fundor, que lutaram contra a grande serpente marinha. Galzra, Briam, Ohen, o Forte, Gretiem, Beroan, Roslarb... – Ele citou muitos outros. Já bem no final, ele falava tão baixinho que Eragon mal conseguia ouvir. – ... e Saphira. – Brom esvaziou o cachimbo em silêncio. – Foi algum desses?

– Temo que não – respondeu Eragon. Brom deu-lhe muita coisa para pensar e estava ficando tarde. – Bem, Roran já deve ter terminado o serviço com Horst. Preciso voltar, embora quisesse ficar.

Brom levantou uma sobrancelha.

– Ora, é só isso? Eu esperava responder às suas perguntas até ele vir chamá-lo. Não tem nenhuma pergunta sobre as táticas de batalha dos dragões ou dúvidas sobre os ataques aéreos de tirar o fôlego? Já terminamos?

– Por enquanto – riu Eragon. – Eu aprendi o que queria e muito mais. – Ele se levantou, e Brom o acompanhou.

– Então, tudo bem. – Ele levou Eragon até a porta. – Até logo. Cuide-se. E não esqueça: se você lembrar o nome do mercador, venha me dizer.

– Farei isso. Obrigado. – Eragon saiu, banhando-se na ofuscante luz do sol de inverno, apertando os olhos. Ele foi andando lentamente, meditando sobre tudo o que havia aprendido.

UM NOME PODEROSO

No caminho para casa, Roran disse:

– Havia um estranho de Therinsford lá na ferraria do Horst hoje.

– Qual era o nome dele? – perguntou Eragon. Ele evitou um pedaço de gelo que estava no caminho e continuou a andar com um passo apressado. Suas bochechas e os olhos queimavam por causa do frio.

– Dempton. Ele veio até aqui para Horst forjar algumas bases metálicas – disse Roran. Suas pernas fortes abriam caminho na neve, abrindo passagem para Eragon.

– Mas Therinsford não tem o seu próprio ferreiro?

– Tem – respondeu Roran. – Mas ele não é hábil o bastante. – Roran olhou para Eragon. Dando de ombros, ele acrescentou: – Dempton precisa das bases metálicas para o moinho dele. Ele está expandindo e me ofereceu um emprego. Se eu aceitar, terei de partir com ele quando for pegar as peças prontas.

Os moleiros trabalhavam o ano todo. Durante o inverno, moíam qualquer coisa que as pessoas levassem, mas na temporada da colheita, compravam grãos e vendiam como farinha. Era um trabalho duro e perigoso. Os operários frequentemente perdiam dedos, ou mãos, nas mós gigantes.

– Você vai contar isso a Garrow? – perguntou Eragon.

– Vou. – Um sorriso preocupante surgiu no rosto de Roran.

– Por quê? Você sabe a opinião dele sobre nós irmos embora. Se você disser algo, só vai nos arranjar encrenca. Esqueça isso para podermos jantar hoje em paz.

– Não posso. Vou aceitar o emprego.

Eragon parou de andar.

– Por quê?

Eles ficaram um de frente para o outro, a respiração deles era visível no ar.

– Sei que não é fácil ganhar dinheiro, mas sempre conseguimos dar um jeito para sobreviver. Você não precisa ir embora.

– Não preciso. Mas o dinheiro será para mim. – Roran tentou recomeçar a caminhada, mas Eragon se recusou a sair do lugar.

– Para que você precisa de dinheiro? – perguntou.

Os ombros de Roran se aprumaram levemente.

– Eu quero casar.

Perplexidade e surpresa tomaram conta de Eragon. Ele lembrou ter visto Katrina e Roran se beijando durante a visita dos mercadores, mas casamento?

– Katrina? – perguntou baixinho, só para confirmar. Roran concordou com a cabeça. – Você já pediu a mão dela?

– Ainda não, mas na primavera, quando eu puder construir uma casa, pedirei.

– Há trabalho demais na fazenda para você partir agora – protestou Eragon. – Espere até estarmos preparados para o plantio.

– Não – respondeu Roran, rindo levemente. – Vocês precisarão mais de mim na primavera. O solo terá de ser lavrado e semeado. Teremos de tirar as ervas daninhas das plantações e sem falar em todas as outras tarefas. Não, esta é a melhor época para eu sair, pois o que fazemos na realidade é ficar esperando pela mudança da estação. Você e Garrow podem se virar sem mim. Se tudo der certo, logo estarei trabalhando na fazenda com uma esposa.

Relutante, Eragon reconheceu que o que Roran falou fazia sentido. Ele balançou a cabeça, mas não sabia se foi por surpresa ou raiva.

– Eu só posso lhe desejar toda a sorte do mundo. Mas Garrow pode não aceitar muito bem essa história.

– É o que veremos.

Recomeçaram a caminhada; havia uma barreira de silêncio entre os dois. O coração de Eragon estava perturbado. Ainda levaria algum tempo para que ele se conformasse de modo favorável com essa história. Quando chegaram em casa, Roran não contou seus planos a Garrow, mas Eragon tinha certeza de que ele logo contaria.

Eragon foi ver o dragão pela primeira vez desde que o animal havia falado com ele. Eragon aproximou-se apreensivo, agora estando consciente de que eles eram iguais.

Eragon.

– Você só sabe falar isso? – perguntou Eragon depressa.

Só.

Ele arregalou os olhos por causa da resposta inesperada e sentou-se de qualquer maneira. Agora, ele até tem senso de humor. O que ainda está por vir? Impulsivamente, quebrou um galho morto com o pé. O comunicado de Roran deixou-o de mau humor. Um pensamento questionador veio do dragão, e Eragon contou o que havia acontecido. Conforme falava, o tom da voz dele ia aumentando até que ele começou a gritar sem motivo para o alto. Ele reclamou até extravasar as suas emoções, depois, socou o chão em vão.

– Eu não quero que ele vá, é só isso – disse triste. O dragão olhava tudo de modo impassível, ouvindo e aprendendo. Eragon resmungou, xingando baixinho, e

esfregou os olhos. Ele olhou para o dragão pensativo. – Você precisa de um nome. Ouvi alguns nomes interessantes hoje. Talvez, você goste de algum deles. – Mentalmente, ele repassou a lista de nomes que Brom havia dito até achar dois que pareciam ser heroicos, nobres e que agradavam aos ouvidos. – O que você acha de Vanilor? Ou do sucessor dele, Eridor? Os dois foram grandes dragões.

– Não – disse o dragão. O animal parecia estar encantado com os esforços do rapaz. – Eragon.

– Esse é o meu nome, você não pode se chamar assim – disse, coçando o queixo. – Bem, se você não gostou desses, há outros.

Ele continuou a repassar a lista, mas o dragão recusava todos os nomes que ele sugeria. O dragão parecia rir de algo que Eragon não entendia, mas o rapaz ignorou e continuou a sugerir nomes.

– Havia Ingothold, que matou a... – Uma revelação fez que ele parasse. Já sei qual é o problema! Eu só falei nomes masculinos e você é um dragão fêmea!

Isso. O dragão dobrou as asas, satisfeito.

Agora que sabia o que procurar, Eragon pensou em mais uma meia dúzia de nomes. Ele pensou em Miremel, mas não ficou bom, pois, afinal, esse era o nome de um dragão marrom. Ofélia e Lenora também foram descartados. Ele já estava prestes a desistir quando se lembrou do último nome que Brom havia sussurrado. Eragon gostou, mas será que o dragão gostaria?

Ele perguntou:

– Você é Saphira? – Ela olhou para ele com olhos inteligentes. No fundo da mente, sentiu a satisfação dela.

Sou. Algo disparou em sua mente, e a voz dela ecoou, como se viesse de uma grande distância. Ele deu um sorriso largo como resposta. Saphira começou a zumbir.

A FUTURA MILLER

O sol já havia se posto quando o jantar foi servido. Um vento forte uivava lá fora, estremecendo a casa. Eragon olhava Roran atentamente, esperando o inevitável. Finalmente:

– Eu recebi uma oferta de emprego em um moinho em Therinsford... que pretendo aceitar.

Garrow acabou de mastigar o conteúdo de sua boca cheia com uma lentidão proposital e pôs o garfo na mesa. Ele se recostou na cadeira, cruzou os dedos atrás da cabeça e pronunciou uma única pergunta seca:

– Por quê?

Roran explicava enquanto Eragon pegava a sua comida distraidamente.

– Entendo. – Foi o único comentário de Garrow. Ele ficou em silêncio e olhou para o teto. Ninguém se moveu enquanto esperavam a resposta. – Bem, quando você vai partir?

– O quê? – perguntou Roran.

Garrow inclinou-se para a frente com um brilho nos olhos.

– Você pensou que eu o impediria? Eu já esperava que você casasse logo. Será bom ver esta família crescendo novamente. Katrina será afortunada por ter você. – Uma expressão de grande surpresa tomou conta do rosto de Roran. Depois, ele deu um grande sorriso aliviado. – Então, quando você vai partir? – perguntou Garrow.

Roran recuperou a voz.

– Quando Dempton voltar para pegar as peças para o moinho.

Garrow concordou com a cabeça.

– E isso será em...

– Duas semanas.

– Ótimo. Assim teremos tempo para nos preparar. Será diferente ter a casa só para nós. Mas se tudo der certo, não será assim por muito tempo. – Ele olhou por cima da mesa e perguntou: – Eragon, você sabia disso?

Eragon deu de ombros pesaroso.

– Até hoje, não... É uma loucura.

Garrow passou a mão em seu rosto.

– Esse é o curso natural da vida. – Ele se levantou da cadeira. – Tudo vai dar certo, o tempo acertará tudo. Mas, por enquanto, vamos lavar a louça. – Eragon e Roran ajudaram-no em silêncio.

Os dias seguintes foram difíceis. O humor de Eragon não foi dos melhores. Exceto

pelas respostas curtas para perguntas diretas, ele não falava com ninguém. Havia pequenos lembretes da partida de Roran por toda parte. Garrow fazia uma mala para ele, havia coisas faltando nas paredes e um vazio estranho que tomava conta da casa. Fazia quase uma semana que ele havia percebido que a distância entre ele e Roran havia aumentado. Quando eles se falavam, as palavras não saíam facilmente. Sentiam-se pouco à vontade.

Saphira era um bálsamo para a frustração de Eragon. Ele podia conversar abertamente com ela. Suas emoções estavam completamente abertas para a mente dela, e ela o entendia melhor do que ninguém. Durante as semanas antes da partida de Roran, ela passou por outro ímpeto de crescimento. Saphira ganhou trinta e um centímetros nos ombros, deixando-a mais alta do que Eragon. Ele descobriu que a pequena depressão entre o pescoço e os ombros dela era um lugar perfeito para se sentar. Ele, frequentemente, sentava ali à tarde, acariciando o pescoço dela enquanto explicava o significado de várias palavras. Logo, ela entendia tudo o que ele dizia e, com frequência, fazia comentários.

Para Eragon, essa parte da vida era muito boa. Saphira era tão real e tão complexa quanto qualquer pessoa. A personalidade dela era eclética e, às vezes, completamente diferente, entretanto os dois se entendiam em um nível bem profundo. As ações e os pensamentos dela constantemente revelavam novos aspectos de sua índole. Uma vez, pegou uma águia e, em vez de devorá-la, a soltou, dizendo: Nenhuma caçadora dos céus deve acabar como uma presa. É melhor morrer voando do que presa no chão.

Os planos de Eragon deixar sua família ver Saphira foram dissipados pela decisão de Roran e pelos conselhos da própria Saphira para ter cautela. Ela estava relutante quanto a ser vista, e ele, em parte por egoísmo, concordou.

No momento em que a existência dela fosse divulgada, sabia que gritos, acusações e medo seriam direcionados a ele... então, Eragon deixou isso para outra hora. Decidiu que esperaria um sinal que indicasse o momento certo.

Na noite anterior à partida de Roran, Eragon foi falar com ele. Aproximou-se lentamente pelo corredor até a porta aberta do quarto de Roran. Uma lamparina de óleo estava em cima da mesa de cabeceira, pintando as paredes com uma luz quente e oscilante. A cabeceira da cama projetava compridas sombras nas prateleiras vazias, chegando até o teto. Roran, de olhos ocultos pelas sombras e com os músculos da nuca tensos, enrolava cobertores em volta de suas roupas e de seus pertences. Ele fez uma pausa e, depois, pegou uma coisa no travesseiro e ficou jogando-a para cima e para baixo com a mão. Era uma pedra polida que

Eragon lhe dera há vários anos. Roran começou a colocá-la na mala, mas depois parou e colocou-a na prateleira. Um nó se formou na garganta de Eragon e ele saiu.

ESTRANHOS EM CARVAHALL

O café estava frio, mas o chá estava quente. O gelo por dentro das janelas havia se derretido com o fogo da manhã, molhando o piso de madeira, marcando-o com poças escuras. Eragon olhou para Garrow e Roran ao lado do fogão e lembrou que essa seria a última vez que ele veria todos juntos durante vários meses.

Roran estava sentado em uma cadeira, amarrando as botas. Sua bolsa cheia estava no chão, perto dele. Garrow estava em pé entre eles, com as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos. A camisa dele pendia bem solta, sua pele demonstrava que estava tenso. Apesar da insistência do jovem, ele se recusou a ir com eles. Quando foi pressionado a dizer o porquê, apenas explicou que seria melhor assim.

– Você já pegou tudo? – perguntou Garrow a Roran.

– Já.

Ele concordou com a cabeça e pegou uma bolsinha de dentro do bolso. As moedas fizeram barulho quando deu a bolsa a Roran.

– Vim economizando isto para você. Não é muito, mas se quiser comprar alguma besteira, será o suficiente.

– Obrigado, mas não pretendo gastar meu dinheiro com besteiras – disse Roran.

– Faça o que quiser, o dinheiro é seu – afirmou Garrow. – Não tenho mais nada para dar a você, a não ser a minha bênção de pai. Você pode aceitá-la ou não, mas ela pode valer alguma coisa.

A voz de Roran estava embargada por causa da emoção.

– Eu ficaria honrado de recebê-la.

– Então, receba-a e vá em paz – disse Garrow e beijou-o na testa. Ele se virou e acrescentou com uma voz mais alta: – Não pense que esqueci de você, Eragon. Tenho algumas palavras para dizer a vocês dois. Chegou a hora de dizê-las, pois vocês precisarão enfrentar o mundo. Prestem atenção, e elas serão muito úteis.

Garrow olhou com severidade para os dois.

– Primeiro: nunca deixem ninguém dominar seu corpo ou sua mente. Tenham cuidado especial para que seus pensamentos permaneçam livres. Um indivíduo pode ser livre, contudo pode estar mais preso do que um escravo. Deem seus ouvidos às pessoas, mas nunca o coração. Demonstrem respeito por aqueles que estão no poder, mas nunca os sigam cegamente. Julguem com lógica e razão, mas nunca façam comentários. Nunca considerem alguém como superior a vocês, não importa que posto ou situação eles tenham na vida. Tratem todos com justiça, ou

poderão querer se vingar. Tenham cautela com o dinheiro. Atenham-se às suas crenças, e os outros ouvirão. – Garrow continuou em um ritmo mais lento. – Quanto aos assuntos do amor... o meu único conselho é que vocês sejam sinceros. É a ferramenta mais poderosa para abrir um coração ou ganhar um perdão. É tudo o que eu tinha a dizer.

Ele parecia estar um pouco constrangido com seu discurso. Pegou a bolsa de Roran do chão.

– Agora, você deve ir. O alvorecer se aproxima, e Dempton estará esperando.

Roran colocou a bolsa no ombro e abraçou Garrow.

– Voltarei assim que puder – disse.

– Que bom! – respondeu Garrow. – Mas, agora, vá e não se preocupe conosco.

Eles se separaram relutantes. Eragon e Roran saíram, se viraram e acenaram. Garrow ergueu sua mão magra, seus olhos estavam tristes; ficou observando enquanto eles caminhavam com dificuldade até a estrada. Depois de um longo momento, fechou a porta. Quando o som desse ato correu pelo ar da manhã, Roran parou.

Eragon olhou para trás e examinou o campo. Seus olhos pararam nas construções solitárias pequenas. Pareciam frágeis. Um fio fino de fumaça subia e ele era a única prova de que aquela fazenda tomada pela neve estava habitada.

– Esse é o nosso mundo – acrescentou Roran melancolicamente.

Eragon tremeu impaciente e resmungou:

– E é muito bom também.

Roran concordou com a cabeça, esticou os ombros e seguiu em direção a seu novo futuro. A casa saiu de vista quando eles desceram a colina.

Ainda era muito cedo quando chegaram a Carvahall, mas já encontraram as portas da ferraria abertas. O ar lá dentro estava prazerosamente quente. Baldor trabalhava lentamente em duas peças metálicas que estavam do lado de uma fornalha repleta de carvões em brasa. Na frente da fornalha, havia uma bigorna preta e um barril cheio de água com sal. Em uma fileira de estacas enfiadas na parede, na altura do pescoço, pendiam vários itens: tenazes gigantes, alicates, martelos de todas as formas e tamanhos, talhadeiras, esquadros, cinzéis, limas, lixas, tornos, barras de ferro e de aço esperando para serem moldadas, tornilhos, tesouras, picaretas e pás. Horst e Dempton estavam perto de uma mesa comprida.

Dempton se aproximou com um sorriso embaixo do seu exuberante bigode ruivo.

– Roran! Que bom que você veio! Terei muito trabalho, mais do que poderei dar conta, com as minhas novas mós. Você está pronto para ir?

Roran mostrou o peso da sua bolsa.

– Estou. Vamos demorar para partir?

– Tenho de tratar de alguns detalhes, mas partiremos em menos de uma hora. – Eragon virou-se de lado quando Dempton dirigiu-se a ele, puxando a ponta do bigode. – Você deve ser Eragon. Eu também ofereceria um emprego a você, mas Roran preencheu a única vaga disponível. Quem sabe, daqui a um ano ou dois, não é?

Eragon sorriu sem jeito e apertou a mão dele. O homem era amigável. Sob outras circunstâncias, Eragon até gostaria dele, mas agora ele desejava amargamente que o moleiro nunca tivesse aparecido em Carvahall. Dempton bufou.

– Bom, muito bom. – Ele voltou a atenção para Roran e começou a explicar como um moinho funcionava.

– As peças já estão prontas – interrompeu Horst, apontando para a mesa onde estavam vários pacotes. – Pode levá-las quando quiser. – Eles apertaram as mãos, e Horst deixou a ferraria, chamando Eragon com um aceno.

Interessado, Eragon seguiu-o. Ele viu o ferreiro em pé, na rua, de braços cruzados. Eragon apontou com o polegar para trás, em direção ao moleiro, e perguntou:

– O que você acha dele?

Horst falou com a sua voz grossa:

– É um bom homem. Ele vai se dar bem com Roran. – Distraidamente, ele espanou algumas limalhas que estavam em seu avental e depois pousou a sua enorme mão no ombro de Eragon. – Rapaz, você se lembra da briga que teve com Sloan?

– Se está se referindo ao pagamento da carne, eu não esqueci.

– Não, acredito em você, rapaz. Mas eu queria saber se você ainda tem aquela pedra azul.

O coração de Eragon disparou. Por que ele quer saber? Talvez alguém tenha visto Saphira! Fazendo esforço para não entrar em pânico, respondeu:

– Tenho, mas por que você pergunta?

– Assim que você voltar para casa, livre-se dela. – Horst ignorou a surpresa de Eragon. – Dois homens chegaram aqui ontem. Camaradas estranhos, vestidos de preto e carregando espadas. Senti arrepios de medo só de olhar para eles. Na noite passada, começaram a perguntar às pessoas se uma pedra como a sua foi achada. Eles voltaram a perguntar ao povo hoje. – Eragon ficou pálido. – Ninguém com

juízo bastante disse nada. Eles reconhecem encrenca quando a veem, mas sei que algumas pessoas podem falar demais.

O temor encheu o coração de Eragon. Seja lá quem tenha enviado a pedra para a Espinha, finalmente, achou o rastro dela. Ou, talvez, o Império tivesse descoberto tudo sobre Saphira. Ele não sabia distinguir o que era pior. Pense! Pense! O ovo se foi. Será impossível eles o acharem agora. Mas se eles souberem o que era na verdade, o que aconteceu será algo lógico... Saphira pode estar em perigo. Ele usou todo o seu autocontrole para não ficar ofegante.

– Obrigado por ter me contado. Você sabe onde eles estão? – Ele estava orgulhoso, pois mal se notava o medo em sua voz.

– Eu não falei sobre eles para que você vá encontrá-los! Saia de Carvahall! Vá para casa!

– Tudo bem – disse Eragon para acalmar o ferreiro. – Se é o que pensa, assim farei.

– Isso mesmo. – A expressão no rosto de Horst se suavizou. – Eu posso estar exagerando, mas aqueles estranhos me passaram um mau pressentimento. Será melhor que você fique em casa até eles partirem. Tentarei mantê-los longe da sua fazenda, embora isso talvez não adiante muito.

Eragon olhou para ele com gratidão. Ele desejava poder contar tudo sobre Saphira.

– Irei agora – disse e correu de volta até Roran. Eragon agarrou o braço do primo e despediu-se dele.

– Você não vai ficar mais um pouco? – perguntou Roran surpreso.

Eragon quase riu. Por algum motivo, aquela pergunta pareceu engraçada para ele. – Eu não tenho nada para fazer aqui e não quero ficar à toa até você partir.

– Bem – disse Roran desconfiado –, acho que esta é a última vez que nos vemos até daqui alguns meses.

– Tenho certeza de que o tempo vai passar rápido – disse Eragon apressadamente. – Cuide-se e volte logo. – Ele abraçou Roran e saiu. Horst ainda estava na rua. Consciente de que o ferreiro estava olhando, Eragon seguiu em direção às cercanias de Carvahall. Mas, assim que o ferreiro ficou fora do alcance da vista, ele se escondeu atrás de uma casa e voltou sorrateiramente para o vilarejo.

Eragon escondia-se nas sombras enquanto examinava cada rua, tendo cuidado com o menor ruído. Os pensamentos dele se voltaram para seu quarto, onde seu arco pendia. Eragon queria estar com ele nas mãos. Rondou por Carvahall,

evitando todas as pessoas até ouvir uma voz sibilante por trás de uma casa. Embora a audição dele fosse muito boa, ele teve de se esforçar para ouvir o que estava sendo dito.

– Quando isso aconteceu? – As palavras eram suaves, como um vidro untado, e pareciam serpentear pelo ar. Sob a fala, havia um assovio estranho que arrepiou seus cabelos.

– Há uns três meses – respondeu outra pessoa. Eragon identificou a voz de Sloan.

Sangue de Espectro! Ele está contando tudo... Decidiu que daria um soco em Sloan na próxima vez em que o encontrasse.

Uma terceira pessoa falou. A voz era grave e pesada. Fazia lembrar imagens de putrefação assustadora, de mofo e de outras coisas nas quais não se deve tocar.

– Tem certeza? Odiaríamos pensar que você cometeu um engano. Se isso acontecesse, seria muito... desagradável. – Eragon podia imaginar perfeitamente o que eles poderiam fazer. Alguém, exceto membros do Império, ousaria ameaçar as pessoas assim? Talvez não, mas quem enviou o ovo devia ter poder bastante para usar a força impunemente.

– Tenho certeza. Estava com ele. Não estou mentindo. Muita gente sabe disso. Pode perguntar. – Sloan parecia estar abalado. Ele falou algo mais que Eragon não conseguiu ouvir.

– As pessoas foram... pouco cooperativas. – As palavras tinham um tom sarcástico. Houve uma pausa. – A sua informação foi útil. Não esqueceremos você. – Eragon acreditou nele.

Sloan balbuciou algo, e depois Eragon ouviu alguém se afastando com pressa. Espiou pela esquina para ver o que estava acontecendo. Dois homens altos estavam em pé na rua. Ambos vestiam longos mantos pretos, levantados por bainhas de espadas que passavam pelas pernas deles. Nas camisas havia uma insígnia ricamente ornamentada com um fio prateado. Capuzes escondiam seus rostos, e suas mãos estavam enluvadas. Suas costas eram estranhamente curvadas, como se as roupas tivessem enchimento.

Eragon virou-se levemente para obter uma visão melhor. Um dos estranhos parou e sussurrou de modo peculiar para o amigo. Os dois se viraram de repente e se agacharam. Eragon ficou sem respiração. Um medo mortal tomou conta dele. Seus olhos se fixaram nos rostos escondidos, e uma força imobilizante dominou sua mente, mantendo-o parado no lugar. Lutou contra aquilo e gritou para si mesmo: Mova-se! Suas pernas tremeram, mas isso de nada adiantou. Os estranhos

aproximaram-se silenciosamente dele com um modo de andar suave e sutil. Sabia que podiam ver o seu rosto agora. Estavam quase na esquina, suas mãos seguravam espadas...

– Eragon! – Ele fez um movimento abrupto quando chamaram seu nome. Os estranhos pararam de repente e chiaram como cobras. Brom correu na direção dele, vindo pelo lado, com a cabeça descoberta e cajado na mão. Os estranhos estavam fora do alcance da visão do velho. Eragon tentou avisá-lo, mas sua língua e seus braços ainda não podiam se mexer. – Eragon! – gritou Brom de novo. Os estranhos deram uma última olhada para Eragon e desapareceram entre as casas.

Eragon caiu no chão, tremendo. Havia gotas de suor em sua testa, e as palmas das mãos também estavam molhadas. O velho estendeu a mão para Eragon e puxou-o para cima com um braço forte.

– Você parece doente. Está tudo bem?

Eragon engoliu em seco e concordou com a cabeça sem falar nada. Seus olhos piscaram, olhando em volta, procurando algo incomum.

– Fiquei tonto de repente... mas já passou. Foi muito estranho. Não sei por que isso aconteceu.

– Você vai se recuperar – vaticinou Brom. – Mas acho que seria melhor se você fosse para casa.

Isso. Tenho de ir para casa! Preciso chegar lá antes deles.

– Acho que o senhor tem razão. Talvez, eu esteja ficando doente.

– Então, a sua casa é o melhor lugar para você ficar agora. É uma longa caminhada, mas tenho certeza de que você estará melhor quando chegar. Deixe-me acompanhá-lo até a estrada. – Eragon não protestou quando Brom pegou seu braço e levou-o para longe em um passo apressado. O cajado de Brom afundava na neve conforme passavam pelas casas.

– Por que o senhor estava me procurando?

Brom deu de ombros.

– Por pura curiosidade. Soube que você estava na cidade e achei que poderia ter lembrado o nome daquele mercador.

Mercador? O que ele está falando? Eragon olhou-o de modo inexpressivo. A perturbação dele chamou a atenção dos olhos investigativos de Brom.

– Não – disse ele e depois tentou se redimir. – Temo que ainda não lembre.

Brom suspirou de forma rude, como se algo tivesse sido confirmado, e esfregou seu nariz curvado.

– Bem, então... se você lembrar, vá me contar. Estou muito interessado nesse

mercador que diz saber tanto sobre dragões. – Eragon concordou com a cabeça, com um ar distraído.

Caminharam em silêncio até a estrada, e Brom disse:

– Vá depressa para casa. Não acho uma boa ideia demorar-se no caminho. – Ele esticou uma das mãos retorcidas.

Eragon apertou-a, mas quando ele ia soltando-a, algo na mão de Brom prendeu na luva dele, puxando-a. A luva caiu no chão. O velho pegou-a.

– Fui desajeitado – desculpou-se e entregou-a ao rapaz. Quando Eragon pegou a luva, os fortes dedos de Brom agarraram seu pulso e viraram-no rapidamente. A palma da mão do rapaz ficou voltada para cima por alguns instantes, revelando a marca prateada. Os olhos de Brom brilharam, mas ele permitiu que Eragon puxasse a mão para trás e que a enfiasse na luva.

– Até logo – disse Eragon forçadamente, perturbado, e saiu depressa pela estrada. Atrás dele, ouviu Brom assoviando uma música alegre.

O VOO DO DESTINO

A mente de Eragon agitava-se enquanto ele se apressava no caminho. Corria o mais rápido que podia, recusando-se a parar até mesmo quando sua respiração ficava difícil, provocando grandes arfadas. Enquanto vencia a estrada fria, tentou fazer um contato mental com Saphira, mas ela ainda estava longe demais. Pensou no que falaria para Garrow. Agora, não havia escolha: teria de revelar a existência de Saphira.

Eragon chegou em casa, ofegante e com o coração disparado. Garrow estava perto do galpão com os cavalos. Eragon hesitou. Será que devo falar com ele agora? Ele não acreditará, a não ser que Saphira esteja aqui. É melhor eu achá-la primeiro. Ele contornou a fazenda e entrou na floresta. Saphira!, gritou ele com o pensamento.

Estou indo, foi a fraca resposta. Por essas palavras, ele percebeu a apreensão dela. Esperou impaciente, embora não tenha demorado muito para que o som das asas batendo enchesse o ar. Aterrissou em meio a uma nuvem de fumaça. O que houve?, perguntou ela.

Ele tocou-a no ombro e fechou os olhos. Acalmando a mente, contou a ela rapidamente o que havia acontecido. Quando falou nos estranhos, Saphira recuou. Ela se ergueu e soltou um rugido ensurdecedor e depois chicoteou com a cauda acima de sua cabeça. Ele, surpreso, arrastou-se para trás, abaixando-se, enquanto a cauda dela atingia um monte de neve. Sede de sangue e medo emanaram dela em grandes ondas atordoantes. Fogo! Inimigos! Morte! Assassinos!

Qual é o problema? Ele pôs todas as suas forças nas palavras, mas uma muralha de ferro cercava a mente de Saphira, isolando seus pensamentos. Ela soltou outro rugido e sulcou a terra com as suas garras, rasgando o chão congelado.

Pare! Garrow vai ouvir!

Juramentos quebrados, almas assassinadas, ovos quebrados! Sangue por toda parte. Assassinos!

De modo frenético, ele bloqueou as emoções de Saphira e ficou observando sua cauda. Quando ela passou por ele, Eragon se jogou para o lado e agarrou um dos espinhos nas costas. Segurando com força, ele puxou a si mesmo até a pequena cavidade que havia na base do pescoço dela e se agarrou com mais força quando ela se levantou de novo.

– Chega, Saphira! – gritou bem alto. O fluxo de pensamentos dela parou abruptamente. Ele passou a mão em cima das escamas. – Tudo vai dar certo. – Ela se agachou, e as suas asas ficaram para cima. Elas ficaram paradas por um

instante, mas depois se abaixaram, enquanto ela se lançava para o céu.

À medida que Eragon gritava, o chão ficava distante, e eles subiam mais alto do que as árvores. A turbulência do ar batia nele, deixando-o sem fôlego para falar. Saphira ignorou o pavor dele e inclinou-se em direção à Espinha. Lá embaixo, ele observou a fazenda e o rio Anora. Seu estômago ficou embrulhado. Apertou os braços em volta do pescoço de Saphira e se concentrou nas escamas que estavam na frente do nariz dele, tentando não vomitar enquanto ela subia cada vez mais. Quando ela nivelou o voo, ele ganhou coragem para olhar em volta.

O ar estava tão frio que gelo se formou em seus cílios. Chegaram às montanhas muito mais rápido do que poderia imaginar. Do ar, os picos pareciam dentes gigantes, afiados como navalhas, esperando para cortá-los em fatias. Saphira deu uma guinada inesperada, e Eragon vomitou sobre a lateral do corpo dela. Ele lambeu os lábios, sentindo o gosto de bílis, e pressionou a cabeça contra o pescoço do dragão.

Precisamos voltar, implorou. Os estranhos estão indo para a fazenda. Garrow precisa ser avisado. Faça a volta! Não houve resposta. Tentou entrar na mente dela, mas estava bloqueada por uma barreira de onda de medo e raiva. Determinado a fazê-la dar a volta, ele, de modo assustador, penetrou em sua armadura mental. Fez pressão nos pontos mais fracos, minou as partes mais fortes e lutou para fazê-la ouvir, mas não obteve nenhum resultado.

Logo, as montanhas cercaram-nos, formando gigantescas paredes brancas quebradas por precipícios de granito. Havia geleiras azuis entre os picos, como rios congelados. Vales e ravinas compridas se abriam no solo. Ele ouvia os gritos apavorados dos pássaros lá embaixo quando Saphira aparecia. E viu um rebanho de cabritos lanosos pulando de pedra em pedra em um penhasco.

Eragon era açoitado pelos fortes golpes de ar produzidos pelas asas de Saphira, e sempre que ela mexia o pescoço, ele era jogado de um lado para o outro. Ela parecia incansável. Temia que ela fosse voar durante a noite toda. Finalmente, quando ficou escuro, ela se inclinou, mergulhando devagar.

Ele olhou para a frente e viu que estavam na direção de uma pequena clareira em um vale. Saphira desceu voando em espiral, planando prazerosamente sobre as copas das árvores. Ela se jogou para trás quando o chão se aproximou, enchendo as asas com ar, aterrissando nas patas traseiras. Seus poderosos músculos formaram pequenas ondas quando absorveram o impacto da descida. Ela se apoiou nas quatro patas e deu um pulo para não perder o equilíbrio. Eragon pulou sem esperar que dobrasse as asas.

Ao bater no chão, seus joelhos cederam, e ele caiu de rosto na neve. Ele arfava, enquanto uma dor alucinante lacerava suas pernas, enchendo os olhos de lágrimas. Os músculos, que estavam com câimbras por ter se agarrado durante tanto tempo, tremiam violentamente. Ele rolou de costas, tremendo, e esticou seus membros o máximo que podia. Depois, forçou a si mesmo a olhar para baixo. Duas grandes manchas escureceram a calça de lã na parte interior das coxas. Ele tocou o tecido. Estava molhado. Assustado, tirou a calça e fez uma careta. As pernas, na parte interna, estavam esfoladas e cheias de sangue. Não havia mais pele, arrancada pelas duras escamas de Saphira. Ele, cuidadosamente, tocou as lesões e ficou horrorizado. O frio o castigava enquanto vestia a calça, e gritou quando ela raspou nas feridas sensíveis. Tentou ficar em pé, mas suas pernas não suportaram seu peso.

A noite, que chegava rápido, escureceu a área que o cercava. As montanhas sombreadas não eram familiares. Estou na Espinha. Não sei onde, no meio do inverno, com um dragão enlouquecido e sem poder andar ou achar abrigo. A noite está caindo. Preciso voltar à fazenda amanhã. E o único modo de fazer isso é voando, o que eu não aguento mais fazer. Ele respirou fundo. Oh, como eu queria que Saphira pudesse cuspir fogo. Ele virou a cabeça e a viu perto dele, agachada bem baixo no chão. Ele pôs a mão no lado do corpo dela e sentiu que ela tremia. A barreira na mente dela havia desaparecido. Sem ela, o medo de Saphira o queimou. Ele apertou-a e, lentamente, acalmou-a com imagens tranquilizantes. Por que os estranhos assustam você?

Assassinos, sussurrou ela.

Garrow está em perigo, e você me sequestrou nessa viagem ridícula! Você não é capaz de me proteger? Ela rosnou profundamente e bateu as mandíbulas com força. Ah, mas se você acha que é capaz, por que fugiu?

A morte é um veneno.

Ele se apoiou em um cotovelo e reprimiu a frustração.

Saphira, veja onde estamos! O sol se pôs, e o seu voo tirou a pele das minhas pernas com tanta facilidade quanto eu descamaria um peixe. Era isso que você queria?

Não.

Então, por que fez isso?, perguntou. Através do elo que tinha com Saphira, Eragon sentiu o arrependimento dela pela dor que ele sentia, mas não quanto às suas ações. A baixa temperatura adormeceu suas pernas. Embora o frio tivesse aplacado a dor, ele sabia que sua condição não era boa. Ele mudou de assunto.

Vou congelar a não ser que você faça um abrigo ou um buraco onde eu possa me manter aquecido. Até mesmo uma pilha de galhos e ramos de pinheiro já serve.

Ela parecia estar aliviada por ele ter parado de interrogá-la. Não há necessidade disso. Vou me enrolar ao seu redor e cobri-lo com as minhas asas. O fogo dentro de mim manterá o frio longe.

Eragon deixou a cabeça cair para trás, batendo no chão. Tudo bem, mas raspe a neve do chão. Ficará mais confortável. Em resposta, Saphira raspou um monte de neve com a cauda, limpando o lugar com um poderoso golpe. Ela varreu a área de novo para remover os poucos e últimos centímetros de neve endurecida. Ele olhou para a terra exposta com aversão. Não posso andar até lá. Você terá de me ajudar. A cabeça dela, maior do que o tronco dele, passou por cima do rapaz e foi repousar ao seu lado. Ele olhou fixamente para os grandes olhos cor de safira e segurou um dos seus espinhos cor de marfim. Saphira levantou a cabeça e arrastou-o lentamente até a área limpa. Devagar. Devagar. Viu estrelas quando passou por cima de uma pedra, mas suportou firme.

Depois que ele a soltou, Saphira deitou-se de lado, expondo seu abdômen quente. Ele se encolheu, encostando-se nas escamas macias do lado de baixo. Ela esticou a asa direita sobre ele, deixando-o em completa escuridão, formando uma tenda viva. Quase que imediatamente, o ar começou a perder a sua frigidez.

Enfiou os braços dentro do casaco e enrolou as mangas vazias em volta do pescoço. Pela primeira vez, notou que a fome corroía seu estômago. Mas isso não o distraiu de sua maior preocupação: será que conseguiria voltar à fazenda antes que os estranhos chegassem? E se não conseguisse, o que aconteceria? Mesmo que eu me esforce para montar em Saphira de novo, só conseguiremos chegar lá pelo meio da tarde. Os estranhos podem chegar à fazenda muito antes disso. Ele fechou os olhos e sentiu uma única lágrima escorrendo em seu rosto. O que eu fiz?

O FIM DA INOCÊNCIA

Quando Eragon abriu os olhos na manhã seguinte, pensou que o céu havia caído. Uma superfície lisa e azul esticava-se sobre sua cabeça e inclinava-se até o chão. Ainda meio adormecido, ergueu a mão titubeante e sentiu uma fina membrana com os dedos. Precisou de um longo minuto para perceber o que estava olhando. Virou o pescoço levemente e olhou fixamente para as ancas escamosas onde sua cabeça repousava. Lentamente, tirou as pernas da sua posição fetal, fazendo as cascas dos machucados se romperem. A dor estava um pouco menos intensa do que ontem, mas ele se encolheu quando pensou em andar. Uma fome lancinante lembrou-o de suas refeições perdidas. Conseguiu juntar energia para se mexer e bateu de modo fraco na lateral do corpo de Saphira.

– Ei! Acorde! – gritou.

Ela se virou e levantou a asa, permitindo a entrada da luz do sol. Eragon apertou os olhos quando a neve cegou-o momentaneamente. A seu lado, Saphira espreguiçou-se como um gato e bocejou, exibindo fileiras de dentes brancos. Quando os olhos de Eragon se adaptaram à luz, ele examinou o lugar onde estavam. Montanhas imponentes e desconhecidas cercavam-nos, projetando sombras compridas na clareira. Perto dali, viu uma trilha cortando a neve em direção à floresta de onde vinha o gorgolejo abafado de um riacho.

Gemendo, ficou em pé e cambaleou, indo mancando até uma árvore. Agarrou um dos galhos e jogou seu peso contra ele. O galho aguentou, mas acabou se quebrando, produzindo um estalo bem alto. Arrancou os ramos, colocou uma das extremidades do galho embaixo do braço e firmou a outra no chão. Com a ajuda da muleta improvisada, foi mancando até o riacho coberto de gelo. Quebrou a dura cobertura, fez uma concha com as mãos e bebeu a água limpa e amargosa. Saciado, voltou para a clareira. Quando saiu do meio das árvores, reconheceu finalmente as montanhas e aquele pedaço de terra.

Foi naquele lugar, em meio a um som ensurdecedor, onde o ovo de Saphira apareceu pela primeira vez. Ele se recostou em um tronco rugoso. Não havia erro, pois viu as árvores acinzentadas que foram arrancadas pela explosão. Como Saphira conhecia este lugar? Ela ainda estava no ovo. Minha memória deve ter passado informações suficientes para que ela pudesse achá-lo. Balançou a cabeça em um assombro silencioso.

Saphira esperava pacientemente.

Você vai me levar para casa?, perguntou ele. Ela empinou a cabeça. Eu sei que você não quer, mas precisa me levar. Nós dois temos uma obrigação com Garrow.

Ele cuidou de mim e, através de mim, de você também. Você ignoraria essa dívida? O que dirão de nós daqui a alguns anos se não voltarmos – que nos escondemos como covardes enquanto meu tio corria perigo? Já posso até ouvir a história do Cavaleiro e do seu dragão covarde! Se vai haver uma briga, vamos enfrentá-la e não vamos nos esconder. Você é um dragão! Até mesmo um Espectro fugiria de você! Entretanto, você se encolhe nas montanhas como um coelho assustado.

Eragon quis deixá-la com raiva e conseguiu. Um rosnado correu por sua garganta enquanto arremessava a cabeça, que parou a poucos centímetros do rosto dele. Saphira mostrou as presas e o olhou fixamente, exalando fumaça pelo nariz. Ele esperava não ter ido longe demais. Os pensamentos dela alcançaram-no, vermelhos de raiva.

Sangue encontrará sangue. Eu lutarei. Nossos wyrds – nossos destinos – nos unem, mas não me provoque. Farei isso pela dívida que temos, mas voaremos na direção da insensatez.

– Insensatez ou não – disse ele olhando para o alto –, não há escolha. Nós temos de ir. – Rasgou a camisa ao meio e enfiou um pedaço em ambos os lados da calça. Cuidadosamente, colocou-se em cima de Saphira e segurou com força o pescoço dela. Desta vez, ele disse a ela, voe mais baixo e mais depressa. O tempo vale ouro.

Segure firme, ela o alertou e depois alçou voo. Subiram acima da floresta e nivelaram sua altura imediatamente, ficando pouco acima dos galhos. O estômago de Eragon ficou embrulhado, e ele ficou feliz por estar de barriga vazia.

Mais rápido, mais rápido, insistiu. Ela não disse nada, mas o bater de suas asas aumentou. Ele fechou os olhos com força e curvou os ombros. Eragon achou que a proteção extra, oferecida por sua camisa, protegeria suas pernas, mas todos os movimentos de Saphira produziam pontadas de dor. Logo, fios de sangue quente escorriam por suas panturrilhas. Sentia a preocupação emanando de Saphira. Agora, ela voava ainda mais rápido. Suas asas faziam um tremendo esforço. A terra passava depressa, como se estivesse sendo puxada embaixo deles. Eragon achava que para as pessoas no chão eles pareciam apenas um borrão.

No começo da tarde, o vale Palancar se abriu à frente. Nuvens prejudicavam a visão para o sul. Carvahall ficava ao norte. Saphira diminuía a altitude enquanto Eragon procurava a fazenda. Quando a avistou, o pavor tomou conta dele. Uma nuvem negra, com chamas alaranjadas em sua base, subia.

Saphira!, apontou ele. Quero descer na fazenda. Agora!

Ela fechou as asas e deu uma guinada, entrando em um mergulho acentuado,

lançando-se em direção ao solo a uma velocidade vertiginosa. Depois, diminuiu o mergulho e seguiu em direção à floresta. Ele gritou contra o vento que soprava forte: – Pouse no campo! – Eragon segurou-se com mais força quando entraram em um mergulho vertical. Saphira esperou até que estivessem a apenas alguns metros do chão para bater suas asas com força para trás. Pousou pesadamente, fazendo-o se soltar. Ele caiu no chão e levantou-se cambaleante e ofegante.

A casa foi feita em pedaços por uma explosão. Madeiras e tábuas que antes formavam paredes e telhados estavam espalhadas por uma grande área. A madeira foi destruída como se um martelo gigante a tivesse quebrado. Telhas de madeira, cobertas de fuligem, estavam por toda parte. Poucas placas de metal retorcido era o que restava do fogão. A camada de neve no chão foi perfurada por pedaços quebrados de louça branca e pelos tijolos da chaminé. Uma fumaça densa e oleosa subia do celeiro, que ardia ferozmente. Os animais da fazenda desapareceram. Alguns foram mortos e outros fugiram assustados.

– Tio! – Eragon correu na direção dos destroços, procurando Garrow no meio dos cômodos destruídos. Não havia sinal dele. – Tio! – gritou de novo Eragon. Saphira andou em volta da casa e parou do lado dele.

A dor mora aqui, disse ela.

– Isso não teria acontecido se você não tivesse fugido comigo!

Você não estaria vivo se não tivéssemos partido.

– Olhe para isso! – gritou ele. – Nós poderíamos ter avisado Garrow! A culpa por ele não ter fugido é sua! – Eragon socou uma trave de madeira com força, rasgando a pele em suas articulações. Sangue pingava dos dedos enquanto ele saía da casa silenciosamente. Foi cambaleante até a trilha que levava à estrada e se abaixou para examinar a neve. Havia várias pegadas na frente dele, mas sua visão estava embaçada e mal podia enxergar. Será que estou ficando cego?, pensou ele. Com a mão trêmula, tocou as bochechas e sentiu que estavam molhadas.

Uma sombra caiu sobre ele quando Saphira apareceu acima, protegendo-o com suas asas. Tenha calma. Talvez, nem tudo esteja perdido. Ele olhou para cima, para ela, buscando um pouco de esperança. Examine a trilha. Meus olhos veem apenas dois pares de pegadas. Garrow não deve ter sido levado daqui.

Ele concentrou o olhar na neve pisada. Dois fracos pares de pegadas de botas de couro dirigiam-se em direção à casa. Em cima desses pares, havia rastros dos mesmos pares de botas deixando o local. Seja lá quem tenha feito as pegadas ao sair, carregava o mesmo peso de quando chegou. Você tem razão. Garrow deve

estar aqui! Ele ficou de pé com um pulo e voltou correndo depressa para casa.

Vou procurar em volta das edificações e na floresta, disse Saphira.

Eragon subiu com dificuldade nos destroços da cozinha e começou a revirar freneticamente o monte de entulhos. Pedaços de pedras que ele, normalmente, não conseguiria levantar agora pareciam não oferecer tanta resistência para sair do lugar. Um armário, quase intacto, impediu seu progresso por um segundo, mas ele o levantou e jogou para o alto. Quando puxou uma tábua, algo agitou-se embaixo dele. Ele se virou, pronto para responder a um ataque.

Uma mão surgiu em meio aos destroços do telhado caído. Ela se movia de modo muito fraco, e ele agarrou-a gritando:

– Tio, você pode me ouvir?

Não houve resposta. Eragon enfiou as mãos no meio dos pedaços de madeira, sem se importar com as farpas que rasgavam a sua pele. Ele, rapidamente, fez um braço e um ombro aparecerem, mas o caminho estava impedido por uma pesada viga. Ele jogou seu ombro contra ela e empurrou-a com toda a força do seu ser. Mas a viga venceu os esforços dele.

– Saphira, preciso de você!

Ela veio imediatamente. Pedaços de madeira quebravam embaixo dos pés dela enquanto se deslocava por cima das paredes destruídas. Sem dar uma palavra, passou cautelosamente por ele e encostou o lado do seu corpo na pesada viga. Saphira enfiou as garras no que restava do piso, e seus músculos se retesaram. Com um rangido, a viga foi erguida, e Eragon entrou depressa embaixo dela. Garrow estava deitado de bruços, quase todas as suas roupas estavam rasgadas. Eragon puxou-o para fora dos destroços. Assim que eles estavam em segurança, Saphira soltou a viga, deixando-a cair no chão.

Eragon arrastou Garrow para fora da casa destruída e colocou-o com cuidado no chão. Apavorado, tocou o tio com cuidado. A pele estava acinzentada, parecendo sem vida, e ressecada como se uma febre o tivesse desidratado. Seu lábio estava partido e havia um arranhão comprido no rosto dele, mas isso não era o pior. Queimaduras fundas e irregulares cobriam a maior parte do corpo. Elas estavam esbranquiçadas e cobertas por um líquido claro e gosmento. Um odor nauseativo e repugnante pairava sobre ele – era um cheiro de frutas podres. A respiração acontecia em pequenas arfadas, e cada uma delas parecia ser seu último suspiro.

Assassinos, sussurrou Saphira.

Não fale isso. Ele ainda pode ser salvo! Precisamos levá-lo até a Gertrude. Mas não posso carregá-lo até Carvahall.

Saphira mentalmente mostrou a ele uma imagem de Garrow pendurado embaixo dela enquanto ela voava.

Você consegue levantar nós dois?

Eu tenho que conseguir.

Eragon escavou em meio aos destroços até achar uma prancha de madeira e algumas tiras de couro. Pediu a Saphira que fizesse um buraco em cada uma das extremidades da prancha usando uma de suas garras; passou uma tira de couro por cada um dos buracos e as amarrou em suas patas dianteiras. Depois de verificar se os nós estavam firmes, ele rolou Garrow para cima da prancha e prendeu-o bem firme. Ao fazer isso, um pedaço de pano preto caiu da mão do tio. E era igual às roupas dos estranhos. Com raiva, enfiou o pedaço de pano no bolso e montou em Saphira, fechando os olhos quando seu corpo se assentava em meio a uma forte onda de dor. Agora!

Ela pulou para cima, suas pernas traseiras afundaram no chão. Suas asas rasgavam o ar enquanto decolava lentamente. Tendões esticavam-se e destacavam-se enquanto ela lutava contra a gravidade. Por um longo e doloroso segundo, nada aconteceu, mas ela se jogou para a frente com força, e eles subiram mais alto. Assim que estavam em cima da floresta, Eragon disse a ela: Siga a estrada. Assim, você terá espaço se precisar pousar.

Eu posso ser vista.

Isso não tem mais importância! Ela não argumentou mais, visto que deu uma guinada na direção da estrada e seguiu para Carvahall. Garrow balançou com força embaixo deles. Só as delgadas tiras de couro impediram que ele caísse.

O peso extra deixou Saphira mais lenta. Logo, a cabeça se curvava e havia espuma em sua boca. Lutou para continuar, mas eles ainda estavam a quase cinco quilômetros de Carvahall quando fechou as asas e mergulhou na direção da estrada.

As patas traseiras tocaram o chão, produzindo uma chuva de neve. Eragon caiu de cima dela, de lado, pesadamente para evitar machucar ainda mais as pernas. Fez um grande esforço para ficar em pé e foi desamarrar as tiras de couro das patas de Saphira. A forte respiração ofegante do dragão enchia o ar.

Ache um lugar seguro para descansar, disse ele. Não sei por quanto tempo ficarei longe, então você terá de se cuidar por um tempo.

Eu esperarei, disse ela.

Ele cerrou os dentes e começou a arrastar Garrow pela estrada. Os primeiros passos provocaram uma explosão de agonia pelo seu corpo.

– Não consigo fazer isso! – berrou ele para o alto e depois deu mais alguns passos. Fechou a boca com um rosnado. Eragon olhava para o chão entre seus pés enquanto se forçava a manter um passo constante. Foi uma luta contra seu corpo debilitado, uma luta que ele se recusava a perder. Os minutos arrastavam-se em uma velocidade agonizante. Cada metro vencido parecia ser muitas vezes maior. Ansioso imaginava se Carvahall ainda existia ou se os estranhos também a tinham incendiado. Depois de um tempo, em meio a uma onda de dor, ouviu gritos e olhou para cima.

Brom corria em sua direção, de olhos arregalados, cabelos despenteados e com um lado da cabeça repleto de sangue seco. Agitava os braços freneticamente antes de largar seu cajado e agarrar os braços de Eragon, falando algo em voz alta. Eragon piscou sem entender nada. Sem dar nenhum aviso, o chão aproximou-se dele rapidamente. Sentiu o gosto de sangue e desmaiou.

VIGÍLIA DE MORTE

Sonhos perturbavam a mente de Eragon, reproduzindo-se e vivendo segundo suas próprias leis. Ele observava um grupo de pessoas, montadas em cavalos pomposos, que se aproximavam de um rio solitário. Muitas tinham cabelos prateados e portavam grandes lanças. Um navio belo e estranho esperava por elas, sob o luar. As figuras embarcaram lentamente no navio, e duas delas, mais altas do que as outras, andavam de braços dados. Seus rostos estavam encobertos por capuzes, mas ele podia distinguir que uma delas era uma mulher. Ficaram em pé no convés do navio e olharam para a terra. Um homem estava sozinho em uma praia coberta de cascalhos, o único que não embarcou no navio. Jogou a cabeça para trás e soltou um longo grito de dor. Conforme ficava mais fraco, o navio descia o rio, sem brisa ou sem a ajuda dos remos, indo em direção à terra plana e vazia. A visão ficou embaçada, mas pouco antes de desaparecer, Eragon viu de relance dois dragões no céu.

Eragon percebeu os rangidos pela primeira vez: para a frente e para trás, para a frente e para trás. O som persistente o fez abrir os olhos e ver a parte de baixo de um telhado feito com finas telhas de madeira. Um cobertor pesado estava sobre ele, escondendo sua nudez. Alguém colocou ataduras em suas pernas e um pedaço de pano limpo em volta das articulações dos seus dedos.

Ele encontrava-se em uma cabana de um cômodo. Um pilão estava em uma mesa com tigelas e plantas. Fileiras de ervas secas pendiam nas paredes e enchiam o ar com fortes aromas naturais. Chamas crepitavam dentro de uma lareira, na frente da qual estava sentada uma mulher rotunda em uma cadeira de balanço de vime – a curandeira da cidade, Gertrude. A cabeça dela estava caída para a frente; seus olhos, fechados. Um par de agulhas de tricô e uma bola de linha de lã repousavam em seu colo.

Embora sentindo-se muito enfraquecido, Eragon conseguiu sentar-se. Isso o ajudou a clarear os pensamentos. Repassou as lembranças dos últimos dois dias. Seu primeiro pensamento foi sobre Garrow, o segundo sobre Saphira. Espero que ela esteja em um lugar seguro. Tentou contatá-la, mas não conseguiu. Onde quer que ela estivesse, era longe de Carvahall. Pelo menos, Brom me trouxe até Carvahall. O que será que aconteceu com ele? Havia todo aquele sangue.

Gertrude se mexeu e abriu seus olhos brilhantes.

– Oh! – disse ela. – Você acordou. Que bom! – Sua voz era forte e aconchegante. – Como você está se sentindo?

– Estou bem. Onde está Garrow?

Gertrude arrastou a sua cadeira para perto da cama.

– Está na casa do Horst. Não havia espaço suficiente para vocês dois aqui. E, devo admitir, isso tem me deixado bem ocupada, indo para lá e para cá, vendo se vocês dois estão bem.

Eragon deixou o medo de lado e perguntou:

– Como ele está?

Houve uma longa pausa enquanto ela examinava as mãos.

– Não está bem. Ele tem uma febre que se recusa a ceder, e as feridas não estão secando.

– Eu preciso vê-lo. – Eragon tentou levantar-se.

– Só depois de comer – disse com firmeza, empurrando-o para baixo. – Não gastei esse tempo todo, ficando sentada ao seu lado, para que você se levante e se machuque por aí. Metade da pele das suas pernas foi arrancada, e a sua febre só cedeu ontem à noite. Não se preocupe com Garrow. Ele ficará bem. Ele é um homem forte. – Gertrude pendurou uma chaleira acima do fogo e começou a picar cenouras para a sopa.

– Há quanto tempo estou aqui?

– Há dois dias inteiros.

Dois dias! Isso significava que sua última refeição foi há quatro manhãs! Só de pensar nisso, Eragon sentiu-se fraco. Saphira está sozinha esse tempo todo. Espero que ela esteja bem.

– A cidade inteira quer saber o que aconteceu. Eles mandaram homens até a sua fazenda e a viram destruída. – Eragon concordou com a cabeça; já esperava isso. – O seu galpão foi queimado... Foi assim que Garrow se feriu?

– Eu... Eu não sei – disse Eragon. – Não estava lá quando tudo aconteceu.

– Bem, não importa. Sei que tudo vai se resolver. – Gertrude voltou a tricotar enquanto esperava a sopa ferver. – Você tem uma bela cicatriz na palma da sua mão.

Ele, por reflexo, fechou o punho.

– Tenho.

– Como você a arranjou?

Várias respostas possíveis vieram à sua mente, mas ele escolheu a mais simples:

– Eu a tenho desde que nasci. Nunca perguntei ao Garrow como ela apareceu.

– Humm. – O silêncio não foi quebrado até a sopa começar e ferver. Gertrude colocou-a em uma tigela e passou-a para Eragon, junto com uma colher. Ele aceitou-a agradecido e provou-a com cuidado. Estava deliciosa.

Quando terminou, ele perguntou:

– Posso visitar Garrow agora?

Gertrude suspirou.

– Você é um rapaz bem determinado, não é? Bem, se você quer ir de verdade, não vou impedi-lo. Vista as roupas, e nós iremos.

Ela ficou de costas enquanto ele lutava para vestir a calça, se contraindo quando a roupa se arrastava em cima das ataduras. E, depois, vestiu a camisa. Gertrude ajudou-o a ficar em pé. Suas pernas estavam fracas, mas já não doíam tanto quanto antes.

– Dê alguns passos – ordenou ela e, depois, falou friamente: – Pelo menos você não terá de ir rastejando até lá.

Do lado de fora, um vento forte soprou a fumaça das casas vizinhas nos seus rostos. Nuvens de tempestade escondiam a Espinha e cobriam todo o vale enquanto uma cortina de neve avançava na direção do vilarejo, escurecendo a região montanhosa. Eragon apoiava-se pesadamente em Gertrude à medida que eles atravessavam Carvahall.

Horst construiu sua casa de dois andares em uma colina para poder apreciar a vista das montanhas. Empregou nela toda a habilidade que tinha. O telhado feito de lascas de pedra de xisto encobria uma varanda cercada, que se estendia a partir de uma janela alta no segundo andar. Em cada uma das saídas do escoamento de água havia uma gárgula zangada. E todas as janelas e portas eram enfeitadas com entalhes de serpentes, cervos, corvos e videiras torcidas.

A porta foi aberta por Elain, a esposa de Horst, que era uma mulher pequena e magrinha, com feições refinadas e com os sedosos cabelos louros presos em um coque.

Seu vestido era discreto e elegante, e seus movimentos graciosos.

– Por favor, entrem – disse baixinho. Eles atravessaram o portal e entraram em uma grande sala bem iluminada. Uma escada, que tinha um corrimão polido, ziguezagueava até o chão. As paredes tinham a cor do mel. Elain deu um sorriso triste para Eragon, mas se dirigiu a Gertrude:

– Eu já ia mandar chamá-la. Ele não está nada bem. Você devia vê-lo imediatamente.

– Elain, você terá de ajudar Eragon a subir a escada – disse Gertrude e subiu correndo, dois degraus de cada vez.

– Está tudo bem. Consigo subir sozinho.

– Tem certeza? – perguntou Elain. Ele concordou com a cabeça, mas ela olhou

para ele desconfiada. – Bem... quando terminar, desça e vá falar comigo na cozinha. Fiz uma torta fresquinha que acho que você vai gostar. – Assim que ela saiu, ele se jogou contra a parede, agradecendo ter conseguido aquele apoio. Depois, começou a subir a escada, um doloroso passo por vez. Quando chegou ao topo, contemplou um corredor comprido pontilhado por várias portas. A última estava levemente aberta. Respirando fundo, moveu-se com dificuldade até ela.

Katrina estava ao lado de uma lareira, fervendo panos. Ela levantou o olhar, sussurrou uma condolência e voltou a trabalhar. Gertrude estava ao lado dela, moendo ervas para fazer um curativo. Um balde a seus pés continha neve que se derretia, virando água gelada.

Garrow estava deitado em uma cama, embaixo de uma pilha alta de cobertores. O suor cobria sua testa, e seus olhos agitavam-se cegamente embaixo de suas pálpebras. A pele do rosto estava contraída como a de um cadáver. Estava imóvel, salvo os suaves tremores de sua leve respiração. Eragon tocou a testa do tio com uma sensação de irrealidade. Ela queimava contra a mão dele. Apreensivo, levantou os cobertores e viu que as várias feridas de Garrow estavam cobertas com pedaços de pano. As queimaduras das quais as ataduras estavam sendo trocadas estavam expostas ao ar. Elas não tinham começado a sarar. Eragon olhou para Gertrude com uma expressão desesperançada.

– Você não pode fazer nada acerca dessas feridas?

Ela apertou um pano dentro do balde de água gelada e, depois, colocou o pano frio em cima da cabeça de Garrow.

– Eu já tentei tudo: pomadas, cataplasmas, tinturas, mas nada adianta. Se as feridas fechassem, ele teria uma chance muito melhor. Mas, ainda assim, as coisas podem melhorar. Ele é vigoroso e forte.

Eragon chegou para o canto e se agachou no chão. As coisas não deviam ter acontecido assim! O silêncio engoliu seus pensamentos. Ele olhava admirado para a cama. Depois de um tempo, notou Katrina ajoelhada ao seu lado. Ela pôs o braço em volta dele. Como ele não respondeu, saiu envergonhada.

Algum tempo depois, a porta abriu, e Horst entrou. Ele falou baixinho com Gertrude e se aproximou de Eragon.

– Vamos. Você precisa sair daqui. – Antes que Eragon pudesse protestar, Horst puxou-o, colocando-o de pé, e conduziu-o porta afora.

– Eu quero ficar – reclamou.

– Você precisa de descanso e de ar fresco. Não se preocupe, poderá voltar logo – consolou-o Horst.

Eragon, relutante, deixou que o ferreiro o ajudasse a descer até a cozinha. O aroma inebriante de meia dúzia de pratos – ricos em temperos e ervas – enchia o ar. Albriech e Baldor estavam lá, falando com a mãe enquanto ela misturava a massa do pão. Os irmãos ficaram em silêncio quando viram Eragon, mas ele conseguiu ouvir o suficiente para notar que falavam sobre Garrow.

– Venha, sente-se – disse Horst, oferecendo uma cadeira.

Eragon jogou-se nela agradecido.

– Obrigado. – Suas mãos tremiam levemente, então ele as fechou com força em cima do colo. Um prato, com uma pilha de comida, foi posto na sua frente.

– Você não precisa comer – disse Elain. – Mas a comida está aí, caso queira. – Ela voltou a cozinhar enquanto ele pegava um garfo. Eragon mal conseguiu engolir umas poucas garfadas.

– Como você está se sentindo? – perguntou Horst.

– Horrível.

O ferreiro esperou por um momento.

– Sei que esta não é a melhor hora, mas nós precisamos saber... o que aconteceu?

– Eu não me lembro.

– Eragon – começou Horst, inclinando-se para a frente –, eu sou uma das pessoas que foram até a sua fazenda. A sua casa não desabou simplesmente, alguma coisa a fez em pedaços. Em volta dela havia pegadas de uma fera gigante que eu nunca vi ou ouvi antes. Outras pessoas também as viram. Ouça, se houver um Espectro ou um monstro rondando por aí, precisamos saber. Você é o único que pode nos dizer.

Eragon sabia que tinha de mentir.

– Quando deixei Carvahall... – calculou o tempo – há quatro dias, havia... estranhos na cidade perguntando sobre uma pedra como a que eu achei. – Ele apontou para Horst. – Você falou comigo sobre eles e, por causa disso, voltei correndo para casa. – Todos os olhares estavam em cima dele. Ele lambeu os lábios. – Nada... nada aconteceu naquela noite. Na manhã seguinte, terminei as minhas tarefas e fui andar na floresta. Não demorou muito, ouvi uma explosão e vi fumaça acima das árvores. Voltei correndo, o mais rápido que pude, mas seja lá quem tenha feito isso já havia ido embora. Cavei nos escombros e... encontrei Garrow.

– Aí, você o colocou em cima da maca e o arrastou até aqui? – perguntou Albriech.

– Isso – respondeu Eragon. – Mas, antes de sair, examinei a trilha até a estrada. Havia dois pares de pegadas, eram de homem. – Ele enfiou a mão no bolso e tirou o pedaço de pano preto. – Isto estava preso na mão de Garrow. Acho que combina com as roupas que aqueles estranhos usavam. – Ele colocou o trapo na mesa.

– Combina – disse Horst. Ele parecia estar pensativo e zangado ao mesmo tempo. – E o que houve com as suas pernas? Como você as machucou?

– Não sei ao certo – respondeu Eragon, balançando a cabeça. – Acho que me machuquei quando tirei Garrow dos escombros, mas não sei. Só notei quando o sangue começou a escorrer por elas.

– Isso é horrível! – exclamou Elain.

– Nós devíamos perseguir aqueles homens – sugeriu Albriech zangado. – Eles não podem ficar impunes! Podemos alcançá-los amanhã com um par de cavalos e trazê-los de volta para cá.

– Tire essa bobagem da sua cabeça – rebateu Horst. – Eles, provavelmente, poderiam levantar você como um bebê e jogá-lo em cima de uma árvore. Lembra o que aconteceu com a casa? Não queremos nos meter com essa gente. Além disso, eles já conseguiram o que queriam. – Ele olhou para Eragon. – Pegaram a pedra, não é?

– A pedra não estava em casa.

– Então, não há motivo para eles voltarem, já que estão com ela. – Ele lançou um olhar fulminante para Eragon. – Você não falou nada sobre aquelas pegadas estranhas. Sabe de onde elas vieram?

Eragon balançou a cabeça.

– Eu não vi as pegadas.

Baldor falou de repente:

– Não gosto disso. Está me cheirando à magia. Quem são esses homens? Será que são Espectros? Por que queriam a pedra? E como poderiam ter destruído a casa se não usaram magia negra? O senhor pode estar certo, pai, a pedra poderia ser tudo o que eles queriam, mas acho que vamos vê-los novamente.

Fez-se silêncio em seguida às palavras dele.

Algo passou despercebido, embora Eragon não estivesse certo sobre o que era. Depois, ele lembrou. Com o coração pesado, ele expressou suas suspeitas:

– Roran ainda não sabe, não é? – Como eu pude esquecer dele?

Horst balançou a cabeça.

– Ele e Dempton partiram um pouco depois de você. A não ser que tenham enfrentado alguma dificuldade na estrada, já devem estar em Therinsford há

alguns dias. Nós íamos mandar um mensageiro, mas o tempo ficou frio demais ontem e anteontem.

– Baldor e eu íamos partir, quando você acordou – informou Albriech.

Horst passou a mão pela barba.

– Podem ir, vocês dois. Vou ajudar a selar os cavalos.

Baldor se virou para Eragon.

– Falarei com ele com cautela – prometeu, e seguiu Horst e Albriech para fora da cozinha.

Eragon continuou à mesa, seus olhos se concentravam em um nó na madeira. Todos os detalhes marcantes estavam bem claros para ele: as partículas retorcidas, uma saliência assimétrica, três pequenos sulcos com um resto de tinta colorida. O nó estava repleto de infinitos detalhes: quanto mais ele olhava, mais ele via. Eragon procurou respostas nele, mas se elas estavam ali, se esquivavam.

Um fraco chamado interrompeu seus pensamentos pungentes. Parecia um grito que vinha lá de fora. Ele o ignorou. Deixe outra pessoa cuidar disso. Alguns minutos depois, ouviu o grito novamente, mais alto do que antes. Zangado, tentou ignorá-lo. Será que eles não podem fazer silêncio? Garrow está descansando. Olhou para Elain, mas ela não parecia estar incomodada com o barulho.

ERAGON!, o rugido foi tão forte que ele quase caiu da cadeira. Olhou em volta, assustado, mas nada havia mudado. Percebeu, de repente, que os gritos estavam dentro de sua cabeça.

Saphira?, perguntou ansioso.

Houve uma pausa. Sou eu, ouvido de pedra.

Uma sensação de alívio tomou conta dele. Onde você está?

Ela enviou-lhe uma imagem de um pequeno grupo de árvores. Tentei fazer contato várias vezes, mas você estava fora de alcance.

Eu estava doente... mas estou melhor agora. Por que não pude pressentir você antes?

Depois de duas noites esperando, a fome tomou conta de mim. Eu tive de caçar.

E pegou alguma coisa?

Um gamo jovem. Ele foi sábio o bastante para evitar os predadores da terra, mas esqueceu os do céu. Quando eu o peguei com as minhas mandíbulas, ele se debateu vigorosamente e tentou fugir, mas eu fui mais forte e quando a derrota tornou-se inevitável, ele desistiu e morreu. Será que Garrow também lutará com o inevitável?

Não sei. Ele contou-lhe todos os detalhes e, depois, disse: Vai demorar muito, ou

uma eternidade, para eu voltar para casa. E não poderei vê-la durante, pelo menos, alguns dias. Acho melhor você achar um lugar confortável para ficar.

Chateada, ela disse: Farei o que você falou. Mas não demore muito.

Eles se separaram relutantes. Eragon olhou pela janela e ficou surpreso ao ver que o sol já havia se posto. Sentindo-se muito cansado, foi mancando até Elain, que estava enrolando tortas de carne com um pedaço de pano impermeabilizado.

– Voltarei para a casa de Gertrude para dormir – disse ele.

Ela terminou de embrulhar e perguntou:

– Por que você não fica com a gente? Assim, ficará mais perto do seu tio, e Gertrude terá a cama dela de volta.

– E vocês têm um lugar para mim? – perguntou ele, hesitante.

– Claro. – Ela limpou as mãos. – Venha comigo. Vou aprontar as coisas para você. – Ela levou-o até um quarto desocupado no andar superior. Ele se sentou na beira da cama. – Você precisa de mais alguma coisa? – perguntou ela. Eragon balançou a cabeça. – Nesse caso, estarei lá embaixo. Se precisar de ajuda, pode me chamar.

Ouviu-a descendo a escada. Depois, ele abriu a porta e atravessou o corredor até o quarto de Garrow. Gertrude deu-lhe um sorrisinho por cima de suas velozes agulhas de tricô.

– Como ele está? – sussurrou Eragon.

A voz dela estava arrastada por causa do cansaço.

– Ele está fraco, mas a febre baixou um pouco, e algumas das queimaduras estão melhorando. Precisamos esperar para ver, mas isso pode significar que ele vai se recuperar.

As boas notícias melhoraram o ânimo de Eragon, e ele voltou para seu quarto. A escuridão não parecia amigável enquanto ele se ajeitava embaixo das cobertas. Finalmente, conseguiu dormir, curando as feridas que o corpo e a alma sofreram.

A LOUCURA DA VIDA

Estava escuro quando Eragon acordou de repente, assustado e ofegante, sentando na cama. O quarto estava frio, sentiu arrepios nos braços e nos ombros. Faltavam algumas horas para o amanhecer. Era aquela hora em que nada se move, em que a vida espera pelos primeiros toques quentes da luz do sol.

Seu coração batia forte por causa da terrível premonição que lhe tomou conta. Parecia que um manto havia coberto o mundo e o lugar mais escuro era o seu quarto. Levantou-se da cama silenciosamente e vestiu-se. Apreensivo, atravessou o corredor. O pavor tomou conta dele ao ver a porta do quarto de Garrow aberta e várias pessoas amontoadas lá dentro.

Garrow estava deitado pacificamente na cama. Ele estava vestido com roupas claras, o cabelo estava penteado para trás, e o rosto estava calmo. Poderia estar dormindo se não fosse pelo amuleto de prata amarrado em volta de seu pescoço e pelo ramo seco de cicuta-da-europa em seu peito, que eram os últimos presentes dos vivos para os mortos.

Katrina estava ao lado da cama, com o rosto pálido e os olhos baixos. Ele a ouviu sussurrando:

– Eu esperava chamá-lo de pai um dia...

Chamá-lo de pai, pensou ele amargamente. Um direito que nem eu tinha. Ele se sentia como um fantasma, exaurido de toda vitalidade. Tudo perdeu o sentido, exceto o rosto de Garrow. As lágrimas inundaram a face de Eragon. Ele ficou parado, com os ombros tremendo, mas chorava sem fazer nenhum ruído. Mãe, tia, tio – perdeu todos. O peso de sua dor era esmagador, uma força monstruosa que o fez cambalear. Alguém o conduziu de volta para o quarto, falando palavras de consolo.

Ele caiu na cama, cobriu a cabeça com os braços e soluçou convulsivamente.

Eragon sentiu Saphira fazendo contato, mas a ignorou e se deixou levar pelo pesar. Ele não podia aceitar que Garrow houvesse partido. Se aceitasse, não restaria mais nada em que acreditar. Apenas um mundo implacável, impiedoso, que apagava as vidas como a chama de uma vela ao vento. Frustrado e apavorado, virou seu rosto encharcado pelas lágrimas em direção ao céu e gritou:

– Que deus faria isso? Mostre-se! – Ele ouviu pessoas correndo para o quarto dele, mas nenhuma resposta veio lá de cima. – Ele não merecia isso!

Mãos confortantes tocaram-no, e ele viu que Elain estava sentada a seu lado. Ela o abraçou enquanto ele chorava e, finalmente, por pura exaustão, relutantemente,

adormeceu.

A ESPADA DE UM CAVALEIRO

A aflição tomou conta de Eragon quando ele acordou. Embora mantivesse os olhos fechados, não conseguia deter uma nova torrente de lágrimas. Ele tentava se lembrar de alguma coisa, procurava alguma ideia que o ajudasse a preservar a sanidade. Não posso viver assim, lastimou-se.

Então, não viva assim. As palavras de Saphira reverberaram na mente dele.

Como? Garrow partiu para sempre! E, com o tempo, terei o mesmo destino. Amor, família, realizações – tudo isso é tirado de nós, e ficamos sem nada. Que valor têm as coisas que fazemos?

O valor está no ato. O seu valor acaba quando você se rende ao desejo de mudar, de viver a vida. As opções estão à sua frente, escolha uma e dedique-se a ela. As ações darão a você uma nova esperança e um novo propósito.

Mas o que posso fazer?

A única orientação verdadeira está dentro do seu coração. Nada menos do que o seu desejo supremo pode ajudá-lo.

Ela o deixou pensando em suas afirmações. Eragon examinou suas emoções. Ficou surpreso ao ver que, mais do que o pesar, também achou dentro de si uma raiva abrasadora.

O que você quer que eu faça? Que vá atrás dos estranhos?

Isso.

A resposta franca o confundiu. Ele respirou fundo, tremendo.

Por quê?

Recorda-se do que você disse na Espinha? Como você me lembrou dos meus deveres enquanto dragão? E como voltei com você apesar de meus instintos dizerem o contrário? Então, você também deve se controlar. Eu pensei e refleti muito nos últimos dias e percebi o que significa ser um dragão e um Cavaleiro: o nosso destino é tentar fazer o impossível, tentar realizar grandes feitos apesar do medo. É a nossa responsabilidade quanto ao futuro.

Não importa o que você diga, essas razões não são fortes o bastante para eu partir!, gritou Eragon.

Então, aqui vão mais outras. As minhas pegadas foram vistas, e as pessoas estão cientes da minha presença. Finalmente, eu serei exposta. Além disso, não resta mais nada aqui para você. Não há mais fazenda, família e...

Roran não morreu!, disse ele com veemência.

Mas, se você ficar, terá de explicar o que aconteceu de verdade. Ele tem o direito

de saber como e por que o pai dele morreu. O que ele fará assim que souber da minha existência?

Os argumentos de Saphira giravam na mente de Eragon, mas ele não queria pensar na ideia de deixar o vale Palancar, pois lá era seu lar. Entretanto, o pensamento de se vingar contra os estranhos era algo extremamente confortante. Eu sou forte o bastante para isso?

Você me tem.

A dúvida o assolava. Seria uma coisa desesperada e radical de se fazer. O desprezo por sua indecisão aumentou, e um sorriso hostil surgiu em seus lábios. Saphira estava certa. Nada importava mais, exceto o ato em si. Agir é o certo. E o que lhe daria mais satisfação do que caçar os estranhos? Uma energia incrível e uma grande força começaram a crescer dentro dele, reunindo suas emoções e forjando-as em uma barra sólida de ira, com uma palavra gravada nela: vingança. A cabeça dele latejou quando falou com convicção: Eu vou me vingar.

Interrompeu o contato com Saphira e levantou-se da cama. Seu corpo estava tenso como uma mola de aço apertada. Ainda era de manhã bem cedo. Dormira apenas algumas horas.

Nada é mais perigoso do que um inimigo que não tem nada a perder, pensou ele. E é isso que eu virei.

Ontem, ele tinha dificuldade para andar aprumado, mas agora movia-se com mais segurança, era mantido ereto por sua força de vontade implacável. A dor que seu corpo produzia foi desafiada e ignorada.

Quando saía sorrateiramente da casa, ouviu o murmúrio de duas pessoas conversando. Curioso, parou para escutar. Elain falava com sua voz delicada:

– ... um lugar onde ficar. Nós temos espaço de sobra.

Horst respondeu algo inaudível com sua voz grave.

– É, o pobre rapaz – respondeu Elain.

Desta vez, Eragon conseguiu ouvir a resposta de Horst.

– Talvez... – Houve uma longa pausa. – Andei pensando no que Eragon disse e acho que ele não nos contou tudo.

– Como assim? – quis saber Elain. Havia um tom de preocupação em sua voz.

– Quando fomos até a fazenda, havia marcas na estrada ao lado da maca na qual ele arrastou Garrow. Depois, chegamos a um ponto em que a neve estava repleta de pegadas, remexida. Os rastros e os sinais da maca pararam ali, mas também vimos as mesmas pegadas gigantes da fazenda. E quanto às pernas dele? Não acredito que ele não tenha notado a perda de tanta pele. Eu não queria

pressioná-lo antes, mas acho que agora farei mais pressão.

– Talvez o que viu o assustou tanto que não quer falar sobre isso – sugeriu Elain. – Você viu como ele estava confuso.

– Isso ainda não explica como conseguiu trazer Garrow até perto da cidade sem deixar nenhum rastro.

Saphira estava certa, pensou Eragon. É hora de partir. Muitas perguntas de muitas pessoas. Mais cedo ou mais tarde, todos descobrirão as respostas. Ele continuou a andar pela casa, ficando tenso sempre que o piso rangia.

As ruas estavam vazias, poucas pessoas saíam a essa hora do dia. Ele parou um instante e fez força para se concentrar. Não preciso de um cavalo. Saphira será a minha montaria, mas preciso de uma sela. Ela pode caçar para nós dois, então não preciso me preocupar com a comida – embora eu deva arranjar um pouco agora. E as outras coisas de que preciso acharei enterradas na nossa casa.

Ele foi até o curtume de Gedric nos arredores de Carvahall. O cheiro horrível o fez encolher-se, mas não parou e seguiu em direção a um barracão, perto de uma colina, onde as peles curadas eram guardadas. Ele pegou três peles grandes de vaca da fileira pendurada no teto. O roubo fez Eragon sentir-se culpado, mas ele ponderou: Não é um roubo de verdade. Pagarei Gedric algum dia, e ao Horst também. Eragon enrolou o couro grosso e levou-o até um aglomerado de árvores longe do vilarejo. Ele escondeu as peles entre os galhos de uma árvore e voltou para Carvahall.

Agora, vou arranjar comida. Foi até a taverna, com a intenção de tirar comida de lá, mas depois deu um sorriso maroto e mudou de direção. Se ia roubar, que fosse de Sloan.

Entrou sorrateiramente na casa do açougueiro. A porta da frente ficava trancada sempre que Sloan não estava lá, mas a porta lateral ficava fechada com uma fina corrente, que ele conseguiu quebrar facilmente. Os cômodos lá dentro estavam escuros. Tateou cegamente até que suas mãos encontraram pilhas de carne enroladas com panos. Eragon enfiou o máximo possível de peças de carne embaixo de sua camisa, voltando correndo para a rua e, furtivamente, fechando a porta.

Uma mulher gritou o nome dele ali perto. Ele segurou a parte de baixo de sua camisa para que a carne não caísse e se abaixou ao virar uma esquina. Tremeu quando Horst passou entre duas casas, a poucos metros de distância.

Eragon correu assim que Horst saiu de vista. Suas pernas queimavam enquanto corria por um beco, de volta às árvores. Escondeu-se em meio aos troncos e virou-se para ver se estava sendo perseguido. Não havia ninguém por perto. Aliviado,

respirou mais tranquilo e foi pegar o couro na árvore. Mas não estava mais lá.

– Está indo a algum lugar?

Eragon se virou depressa. Brom fez uma cara feia para ele. Havia uma ferida feia na lateral de sua cabeça. Um espadim pendia de seu cinto em uma bainha marrom. As peles estavam nas mãos dele.

Eragon estreitou os olhos, irritado. Como aquele velho conseguiu espionar o que ele estava fazendo? Tudo estava tão quieto, que podia jurar que não havia ninguém por perto.

– Trate de me devolver isso! – disparou.

– Por quê? Para que você possa fugir antes mesmo de Garrow ser enterrado? – A acusação foi dura.

– Isso não é da sua conta! – gritou, visivelmente nervoso. – Por que você me seguiu?

– Eu não segui – resmungou Brom. – Estava esperando você aqui. Bem, aonde está indo?

– A lugar nenhum. – Eragon jogou-se em direção às peles e tirou-as das mãos de Brom, que não fez nada para impedi-lo.

– Espero que tenha carne o bastante para alimentar o seu dragão.

Eragon ficou paralisado.

– O que você está falando?

Brom cruzou os braços.

– Não brinque comigo. Sei de onde vem aquela marca na sua mão, a gedwëy ignasia, a palma brilhante: você tocou um dragão recém-nascido. Sei por que você me procurou para fazer todas aquelas perguntas e sei, mais uma vez, que os Cavaleiros vivem.

Eragon soltou o couro e a carne. Finalmente, aconteceu... eu preciso fugir! Não posso correr mais do que ele com as pernas machucadas, mas se... Saphira!, gritou.

Durante alguns segundos agonizantes, ela não respondeu, mas depois: Sim.

Nós fomos descobertos! Preciso de você! Ele enviou-lhe uma imagem de onde estava, e ela decolou imediatamente. Agora, ele tinha apenas de se livrar de Brom.

– Como você descobriu? – perguntou Eragon com uma voz cavernosa.

Brom olhou para o horizonte e mexeu os lábios sem produzir som algum, como se estivesse falando com outra pessoa. Depois, ele disse:

– Havia pistas e detalhes por toda parte. Eu só tive de prestar atenção. Qualquer um com o conhecimento apropriado teria feito o mesmo. Diga, como está o seu

dragão?

– Ela está bem – disse Eragon. – Nós não estávamos na fazenda quando os estranhos chegaram.

– Ah, as suas pernas. Você estava voando?

Como Brom deduziu? E se os estranhos o tivessem forçado a fazer isso? Talvez eles queiram que Brom descubra aonde estou indo, para preparar uma emboscada. E onde está Saphira? Ele a procurou com a mente e achou-a circulando no alto, acima deles. Venha!

Não, esperarei a hora certa.

Por quê?

Por causa do massacre em Dorú Areaba.

O quê?

Brom se recostou em uma árvore com um leve sorriso no rosto.

– Eu falei com ela, e ela concordou ficar acima de nós até resolvermos as nossas diferenças. Como pode ver, você não tem escolha a não ser responder às minhas perguntas. Agora diga: aonde você está indo?

Confuso, Eragon pôs a mão em sua têmpora. Como Brom conseguiu falar com a Saphira? Sua nuca doía, e as ideias se agitavam em sua mente. Mas voltava sempre à mesma conclusão: ele tinha de contar alguma coisa ao velho. Ele disse:

– Eu ia encontrar um lugar seguro para ficar até minhas feridas sararem.

– E depois disso?

A pergunta não podia ser ignorada. A dor na cabeça piorou. Era impossível pensar, nada mais parecia estar claro. Tudo o que queria era contar a alguém os eventos ocorridos nos últimos meses. Ele ficava arrasado ao pensar que seus segredos causaram a morte de Garrow. Ele desistiu e disse trêmulo:

– Eu ia atrás dos estranhos para matá-los.

– É uma tarefa gigantesca para alguém tão jovem – opinou Brom em um tom de voz normal, como se Eragon tivesse proposto a coisa mais óbvia e apropriada para se fazer. – Certamente, é um esforço válido e você está apto a realizá-lo, mas também me ocorre que alguma ajuda não seria nada mal. – Esticou o braço para trás de um arbusto e pegou um grande embrulho. O tom de sua voz ficou mais ríspido. – E também não ficarei para trás enquanto um jovem sai por aí com um dragão.

Será que ele está oferecendo ajuda de verdade ou está preparando uma armadilha? Eragon tinha medo do que seus inimigos misteriosos podiam fazer. Mas Brom convenceu Saphira a acreditar nele, e eles conseguiram conversar por

telepatia. Se ela não está preocupada... Decidiu, então, deixar as suspeitas de lado por hora.

– Eu não preciso de ajuda – disse Eragon e acrescentou rudemente: – Mas você pode vir.

– Então, é melhor irmos logo – disse Brom. Seu rosto ficou imóvel por um momento. – Acho que o seu dragão vai ouvi-lo de novo.

Saphira?, perguntou Eragon.

Fale.

Ele resistiu à ânsia de interrogá-la. Você pode nos encontrar na fazenda?

Posso. Vocês chegaram a um acordo?

Acho que chegamos. Ela interrompeu o contato e voou para longe. Eragon olhou para Carvahall e viu pessoas correndo de casa em casa.

– Acho que estão procurando por mim.

Brom levantou uma sobrancelha.

– Provavelmente. Vamos?

Eragon hesitou.

– Eu gostaria de deixar uma mensagem para Roran. Não parece certo fugir sem contar a ele o motivo.

– Já cuidei disso – tranquilizou-o Brom. – Deixei uma carta para ele com a Gertrude, explicando algumas coisas. Também tive o cuidado de alertá-lo quanto a certos perigos. Isso será satisfatório?

Eragon concordou com a cabeça. Enrolou a carne com o couro e começou a andar. Tiveram o cuidado de ficar fora de vista até chegarem à estrada, depois apertaram o passo, ansiosos para se distanciarem de Carvahall. Eragon avançava determinado, suas pernas queimavam. O ritmo acelerado da caminhada liberou sua mente para pensar. Assim que chegarmos em casa, não darei mais um passo com Brom até obter algumas respostas, pensou decidido. Espero que ele possa me falar mais sobre os Cavaleiros e sobre quem vou enfrentar.

Quando os restos da fazenda ficaram ao alcance da vista, as sobrancelhas de Brom se ergueram com raiva. Eragon ficou consternado quando viu como a natureza reclamava a fazenda de volta. Neve e terra já começavam a se empilhar dentro da casa, ocultando a violência do ataque dos estranhos. Tudo que restava do galpão era um retângulo de fuligem que se deteriorava rapidamente.

Brom virou depressa a cabeça para o alto quando o som das asas de Saphira surgiu acima das árvores. Vindo por trás, ela mergulhou na frente deles, quase raspando na cabeça dos dois. Cambalearam quando um golpe de ar os atingiu. As

escamas de Saphira brilharam quando circundou a fazenda e pousou graciosamente.

Brom andou para a frente com uma expressão ao mesmo tempo solene e alegre. Os olhos dele brilhavam. Uma lágrima brilhou na maçã do seu rosto antes de desaparecer em sua barba. Ele ficou parado um tempo, ofegante, enquanto a observava e ela, a ele. Eragon ouviu-o balbuciando algo e se aproximou para escutar.

– Então... vai começar de novo. Mas como e onde terminará? Minha visão está encoberta. Não posso dizer se será uma tragédia ou uma farsa, pois elementos dessas duas coisas estão presentes... Seja lá como for, minha posição não mudou, e eu...

O que ele dizia foi sumindo aos poucos enquanto Saphira se aproximava orgulhosamente deles. Eragon passou por Brom, fingindo não ter ouvido nada, e cumprimentou-a. Havia algo diferente entre eles agora, como se se conhecessem mais intimamente, embora ainda fossem estranhos. Ele acariciou o pescoço dela, e a palma da mão dele formigou quando suas mentes se tocaram. Uma grande curiosidade veio dela.

Nunca vi humanos, exceto você e Garrow, e ele estava muito ferido, explicou.

Você já viu pessoas através dos meus olhos.

Não é a mesma coisa. Ela se aproximou e virou sua cabeça comprida para poder examinar Brom com um grande olho azul. Vocês, realmente, são criaturas esquisitas, disse de modo crítico e continuou a olhar para ele. Brom ficou imóvel enquanto ela farejava o ar e, depois, estendeu a mão a ela. Saphira abaixou a cabeça lentamente e deixou que ele tocasse a sua testa. Soltando um bufo, ela pulou para trás e se escondeu atrás de Eragon. A cauda abanava no chão.

O que foi?, perguntou Eragon, mas ela não respondeu.

Brom virou-se para ele e perguntou em voz baixa:

– Qual é o nome dela?

– Saphira. – Uma expressão peculiar se formou no rosto de Brom. Ele bateu com a ponta do seu cajado no chão com tanta força que as juntas dos seus dedos ficaram brancas. – De todos os nomes que você me deu, esse foi o único que ela gostou. E acho que era apropriado para ela – acrescentou Eragon rapidamente.

– De fato – aquiesceu Brom. Havia algo na voz dele que Eragon não conseguiu identificar. Será que era perda, admiração, medo, inveja? Ele não tinha certeza, poderia ser tudo isso ou nada disso. Brom elevou o tom da voz e disse:

– Saudações, Saphira. É uma honra conhecê-la. – Ele fez um trejeito estranho

com a mão e se curvou.

Eu gosto dele, disse Saphira baixinho.

É claro que gosta, todo mundo gosta de ser bajulado. Eragon tocou-a no ombro e foi para a casa em ruínas. Saphira foi atrás dele com Brom. O velho estava com uma aparência vibrante, viva.

Eragon entrou na casa e arrastou-se por baixo da porta, atrás da qual estavam os restos do seu quarto. Ele mal o reconheceu sob as pilhas de madeira quebrada. Guiado pela memória, procurou no lugar onde ficava uma parede interna e achou a sua saca vazia. Parte da armação estava quebrada, mas o dano podia ser reparado facilmente. Ele continuou a remexer nos destroços e, por acaso, achou a ponta do seu arco, que ainda estava em seu tubo de pele de veado.

Embora o couro estivesse arranhado e gasto, ele ficou feliz ao ver que a madeira do arco estava intacta. Até que enfim, um pouco de sorte. Ele esticou o arco e puxou para testá-lo. O arco se curvou graciosamente, sem estalar ou rachar. Satisfeito, começou a caçar a aljava das flechas, que achou soterrada bem perto. Muitas das flechas estavam quebradas.

Afrouxou o arco e passou-o, junto com a aljava, para Brom, que disse:

– É preciso ter um braço forte para puxar isto. – Eragon aceitou o elogio em silêncio. Procurou no resto da casa outros itens que poderiam ser úteis e jogou os objetos perto de Brom. Era uma pilha bem pequena. – E agora? – perguntou Brom. Os olhos dele estavam brilhantes e inquisidores. Eragon olhou para o lado.

– Acharemos um lugar para nos esconder.

– Tem algum em mente?

– Tenho. – Eragon embrulhou todos os suprimentos, exceto o arco, formando um embrulho apertado, e o amarrou. Jogando-o nas costas, ele disse: – Por aqui – e saiu na direção da floresta. Saphira, siga-nos pelo ar. As suas pegadas são facilmente visíveis e fáceis de seguir.

Tudo bem. Ela decolou atrás deles.

O destino deles ficava perto, mas Eragon tomou uma rota tortuosa para confundir quem quisesse persegui-los. Passou mais de uma hora até que ele finalmente parasse perto de um arbusto bem escondido.

A clareira que havia no meio do bosque era grande o bastante para abrigar uma fogueira, duas pessoas e um dragão. Esquilos vermelhos corriam nas árvores, reclamando em protesto da intrusão deles. Brom se soltou dos galhos de uma videira e olhou em volta interessado.

– Alguém mais conhece este lugar? – perguntou ele.

– Não. Eu o achei quando nos mudamos para cá. Levei uma semana para chegar até o centro e outra para retirar todos os galhos mortos. – Saphira pousou ao lado deles e dobrou as asas, tendo o cuidado de evitar os espinhos. Ela se enroscou, quebrando galhos finos com suas escamas duras, e descansou a cabeça no chão. Seus olhos misteriosos os observavam atentamente.

Brom inclinou-se sobre o seu cajado e fixou o olhar nela. Seu escrutínio deixou Eragon nervoso.

Eragon os observou até que a fome o forçou a agir. Ele fez uma fogueira, encheu uma panela com neve e a colocou em cima das chamas para derretê-la. Quando a água estava quente, cortou pedaços de carne e os jogou na panela junto com uma pitada de sal. Não é uma refeição de primeira, pensou com raiva, mas vai servir. Provavelmente, comerei só isso por algum tempo, então é melhor ir me acostumando.

O cozido fervia em fogo brando silenciosamente, soltando um rico aroma na clareira. A ponta da língua de Saphira saiu de sua boca e provou o ar. Quando a carne estava macia, Brom se aproximou, e Eragon serviu a comida. Eles comeram em silêncio, evitando cruzar os olhares. Depois, Brom pegou o cachimbo e acendeu-o vagarosamente.

– Por que você quer viajar comigo? – perguntou Eragon.

Uma nuvem de fumaça saiu dos lábios de Brom e subiu em espiral através das árvores até desaparecer.

– Tenho interesse pessoal em mantê-lo vivo – disse.

– Como assim? – exigiu uma resposta Eragon.

– Falando diretamente, sou um contador de histórias e acho que você dará uma boa história. Você é o primeiro Cavaleiro a existir fora do controle do rei em mais de cem anos. O que acontecerá? Você perecerá como um mártir? Você se juntará aos Varden? Ou matará o rei Galbatorix? São perguntas fascinantes. E estarei presente para ver todos os detalhes, não importa o que eu tenha de fazer.

Um nó se formou no estômago de Eragon. Ele não podia se ver fazendo nenhuma daquelas coisas, muito menos se tornar um mártir. Eu quero a minha vingança, mas quanto ao resto... não tenho nenhuma ambição.

– Tudo bem, mas diga-me: como consegue falar com a Saphira?

Brom colocou mais fumo em seu cachimbo sem pressa. Depois de acendê-lo mais uma vez e de colocá-lo na boca, ele disse:

– Muito bem, se você quer respostas, respostas você terá. Mas talvez nem todas sejam do seu agrado. – Ele se levantou, trouxe o seu embrulho para perto do fogo

e tirou um longo objeto envolvido com um pano. Devia ter mais ou menos um metro e meio e, pelo jeito como ele o segurava, devia ser bem pesado.

Retirou o pano, faixa por faixa, como se uma múmia estivesse sendo descoberta. Eragon olhava admirado, imobilizado, quando uma espada foi revelada. O botão da espada era dourado e tinha a forma de uma lágrima, com as laterais cortadas, e tinha um rubi do tamanho de um pequeno ovo. O punho estava envolto por um fio prateado, polido até que brilhasse como uma estrela. A bainha era vermelha como o vinho e lisa como vidro, adornada unicamente por um estranho símbolo negro, entalhado nela. Ao lado da espada estava um cinto de couro com uma pesada fivela. A última faixa de pano caiu, e Brom passou a arma para Eragon.

O punho encaixou-se na mão de Eragon como se tivesse sido feito para ele. Eragon desembainhou a espada lentamente. Ela deslizou para fora da bainha sem produzir nenhum ruído. A lâmina lisa tinha uma cor vermelha que refletia todas as cores do arco-íris e brilhou com a luz da fogueira. As laterais afiadas se curvavam graciosamente até formarem uma ponta afiada. Uma duplicata do símbolo negro estava inscrita no metal. O balanceamento da espada era perfeito, parecia uma extensão do braço dele, ao contrário das ferramentas brutas da fazenda com as quais ele estava acostumado. Um ar poderoso pairava sobre ela, como se uma força que não pudesse ser detida residisse em seu âmago. Ela foi criada para as convulsões violentas da batalha, para tirar a vida dos homens, porém também contava com uma beleza incrível.

– Uma vez, essa espada já foi de um Cavaleiro – disse Brom sério. – Quando um Cavaleiro terminava o seu treinamento, os elfos o presenteavam com uma espada. Os métodos do forjamento continuam sendo segredo. Portanto, as espadas deles são eternamente afiadas e nunca enferrujam. O costume era que a cor da lâmina combinasse com a cor do dragão do Cavaleiro, mas acho que podemos fazer uma exceção neste caso. O nome dessa espada é Zar'roc. Não sei o que significa. Talvez, algo pessoal para o Cavaleiro que a possuía. – Ele observou Eragon brandindo a espada.

– Onde a conseguiu? – quis saber Eragon. Ele, relutantemente, voltou a colocar a espada na bainha e tentou entregar a arma, mas Brom não fez nenhum movimento para pegá-la.

– Não importa – respondeu Brom. – Apenas direi que tive de passar por uma série de aventuras perigosas e desagradáveis para obtê-la. Considere-a sua. Você tem mais direito de reclamá-la do que eu e, antes de tudo, acho que precisará dela.

A oferta pegou Eragon desprevenido.

– É um presente magnífico. Obrigado. – Sem saber mais o que dizer, ele correu a mão pela bainha. – Que símbolo é este? – perguntou Eragon.

– Essa era a insígnia do Cavaleiro. – Eragon tentou interromper, mas Brom olhou fixamente para ele até que ficasse em silêncio. – Bem, se você realmente quer saber, qualquer pessoa pode aprender a falar com um dragão se tiver o treinamento apropriado. E – ele ergueu um dedo para dar ênfase – aprender somente não significa nada. Eu sei mais sobre dragões e sobre suas habilidades do que quase qualquer outra pessoa viva. Sozinho, você poderia levar anos para aprender o que tenho para lhe ensinar. Ofereço o meu conhecimento como um atalho. E quanto a como eu sei tantas coisas, guardarei isso para mim.

Saphira levantou-se quando Brom acabou de falar e foi zanzando até Eragon, que desembainhou a espada e mostrou-lhe a lâmina. A espada tem poder, disse Saphira, tocando a ponta da arma com o nariz. A cor iridescente do metal ondulou como água ao encostar nas escamas. Saphira ergueu a cabeça, bufando satisfeita, e a espada voltou à sua aparência normal. Eragon, perplexo, colocou-a na bainha.

Brom ergueu uma sobrancelha.

– É sobre esse tipo de coisa que estou falando. Os dragões nos surpreendem constantemente. Coisas... acontecem em volta deles, coisas misteriosas que seriam impossíveis de acontecer em qualquer outro lugar. Embora os Cavaleiros trabalhassem com os dragões durante séculos, eles nunca entenderam completamente todas as habilidades dessas criaturas. Alguns dizem que até mesmo os dragões não conhecem a completa magnitude de seus próprios poderes. Estão ligados com esta terra de tal forma que conseguem superar grandes obstáculos. O que Saphira acabou de fazer ilustrou o que falei antes: há muitas coisas que você não sabe.

Houve uma longa pausa.

– Pode ser. Mas posso aprender – argumentou Eragon. – E os estranhos são a coisa mais importante que preciso conhecer melhor agora. Você tem alguma ideia de quem eles sejam?

Brom respirou fundo.

– Eles são chamados de Ra’zac. Ninguém sabe se esse é o nome da raça deles ou se é como escolheram chamar a si mesmos. Não importa, e se eles têm nomes individuais, os mantêm em segredo. Os Ra’zac nunca foram vistos antes de Galbatorix tomar o poder. Ele deve tê-los achado em uma de suas viagens e alistou-os para servi-lo. Sabe-se pouco ou quase nada sobre eles. Entretanto, posso

garantir isso: não são humanos. Quando vi de relance a cabeça de um deles, parecia ter algo que lembrava um bico e tinha olhos negros do tamanho do meu punho, e ainda é um mistério para mim como conseguem falar. Sem dúvida nenhuma, o resto do corpo deles não é menos estranho. É por isso que se cobrem com mantos o tempo todo, independentemente da temperatura.

"Quanto ao poder deles, são mais fortes do que qualquer homem e podem saltar a alturas incríveis, mas não podem usar magia. Você deve agradecer por isso, pois, se pudessem, você estaria há muito tempo sob o domínio deles. Também sei que têm uma forte aversão à luz do sol, embora isso não possa detê-los se estiverem determinados. Nunca cometa o erro de subestimar um Ra'zac, pois eles são espertos e cheios de golpes baixos."

– Quantos deles existem? – perguntou Eragon imaginando como Brom poderia saber tantas coisas.

– Pelo que sei, somente os dois que você viu. Pode haver mais, porém nunca ouvi falar deles. Talvez sejam os últimos de uma raça em extinção. Sabe, eles são os caçadores de dragões pessoais do rei. Sempre que chegam a Galbatorix boatos de que há um dragão à solta, ele manda os Ra'zac para investigar. Geralmente, um rastro de morte os segue. – Brom soprou uma série de anéis de fumaça e observou-os flutuar para cima, entre os arbustos. Eragon ignorou os anéis até notar que eles mudavam de cor e que corriam de um lado para o outro. Brom piscou o olho de modo maroto.

Eragon estava certo de que ninguém havia visto Saphira, então como Galbatorix poderia saber da existência dela? Quando ele expressou as suas objeções, Brom disse:

– Você está certo, parece pouco provável que alguém de Carvahall tenha informado o rei. Por que você não me conta onde achou o ovo e como criou Saphira? Isso pode ajudar a esclarecer a questão.

Eragon hesitou, mas contou todos os eventos desde que havia encontrado o ovo na Espinha. Era maravilhoso poder, enfim, confidenciar aquilo tudo a alguém. Brom fez algumas perguntas, mas ouviu atentamente na maior parte do tempo. O sol estava para se pôr quando Eragon terminou de contar sua história. Os dois estavam em silêncio quando as nuvens começaram a ganhar uma coloração suave cor-de-rosa. Eragon, finalmente, quebrou o silêncio:

– Eu só queria saber de onde ela veio. Mas Saphira não lembra.

Brom ergueu a cabeça.

– Não sei... Você esclareceu muitas coisas para mim. Tenho certeza de que

ninguém além de nós dois viu Saphira. Os Ra'zac devem ter um informante fora deste vale, alguém que, provavelmente, deve estar morto. Você passou por maus pedaços e conseguiu fazer muitas coisas sozinho. Estou impressionado.

Eragon olhava perplexo para o horizonte e, depois, perguntou:

– O que aconteceu com a sua cabeça? Parece que alguém bateu em você com uma pedra.

– Não foi nada disso, mas é um bom palpite. – Ele deu uma forte tragada no cachimbo. – Eu estava espionando no acampamento dos Ra'zac à noite, tentando aprender o máximo possível sobre eles, quando fui surpreendido nas sombras. Foi uma boa armadilha, mas eles me subestimaram e consegui despistá-los. Mas, entretanto – disse, se contorcendo –, não consegui sair de lá sem ganhar esta lembrança da minha estupidez. Atordoado, caí no chão e só recuperei a consciência no dia seguinte. Mas, já era tarde demais, pois eles já haviam chegado à sua fazenda. Eu não poderia detê-los, mas fui atrás deles assim mesmo. Foi quando nos encontramos na estrada.

Quem ele pensa que é para achar que poderia lutar com os Ra'zac sozinho? Eles o cercaram no escuro, e ele só ficou atordoado? Eragon perguntou irritado:

– Quando você viu a marca, a gedwëy ignasia, na minha mão, por que não me disse quem eram os Ra'zac? Eu teria alertado Garrow em vez de ter ido primeiro até Saphira e nós três poderíamos ter fugido.

Brom suspirou.

– Eu não tinha certeza do que fazer naquela hora. Achei que poderia manter os Ra'zac longe de você, e assim que eles fossem embora, eu falaria com você sobre Saphira. Mas eles foram mais espertos do que eu. É um erro que lamento profundamente e que custou extremamente caro para você.

– Quem é você? – quis saber Eragon, ficando amargo de repente. – Como é que um simples contador de histórias de um vilarejo tem uma espada verdadeira de Cavaleiro? Como você sabe sobre os Ra'zac?

Brom bateu o seu cachimbo.

– Acho que já deixei bem claro que não falaria sobre isso.

– Meu tio está morto por causa disso. Morto! – exclamou Eragon, fazendo um movimento brusco com a mão. – Só confiei em você até agora porque Saphira o respeita, só isso! Você não é aquela pessoa que vi em Carvahall durante todos esses anos. Explique-se!

Durante um longo tempo, Brom olhou fixamente para a fumaça que serpenteava entre eles, rugas profundas marcavam sua testa. Quando se mexeu, foi para dar

apenas outra tragada. Finalmente, ele disse:

– Provavelmente, você não deve ter pensado nisso, mas passei a maior parte da minha vida fora do vale Palancar. Foi apenas em Carvahall que adotei o status de contador de histórias. Já desempenhei vários papéis para muitas pessoas diferentes, tenho um passado complicado. Foi, em parte, por causa do desejo de fugir dele que vim para cá. Então, não sou o homem que você pensa que sou.

– Ah! – disparou Eragon. – Então, quem você é?

Brom sorriu gentilmente.

– Sou a pessoa que está aqui para ajudá-lo. Não despreze essas palavras, são as mais verdadeiras que já falei. Mas não responderei às suas perguntas. Por enquanto, você não precisa conhecer a minha história e, além disso, ainda não fez nada para merecer esse direito. Sim, tenho certos conhecimentos que Brom, o contador de histórias, nunca teria, mas sou mais do que ele. Você terá de aprender a viver com o fato de que eu não revelo detalhes da minha vida a qualquer um que pergunte!

Eragon ficou olhando fixamente para ele.

– Vou dormir – disse, deixando o fogo.

Brom não pareceu surpreso, mas havia tristeza em seus olhos. Esticou sua manta ao lado da fogueira enquanto Eragon se deitava ao lado de Saphira. Um silêncio frio pairou sobre o acampamento.

FAZENDO SELAS

Quando os olhos de Eragon se abriram, a lembrança da morte de Garrow caiu pesadamente sobre ele. Puxou o cobertor até a cabeça e chorou silenciosamente sob aquela proteção escura e aquecida. Era bom ficar ali embaixo... escondido do mundo exterior. Finalmente as lágrimas pararam de cair. Ele xingou Brom. Depois, relutante, enxugou o rosto e se levantou.

Brom preparava o café da manhã.

– Bom-dia – disse ele. Eragon resmungou em resposta. Colocou os dedos gelados nas axilas e ficou agachado perto do fogo até a comida ficar pronta. Comeram rapidamente, tentando consumir a comida antes que ficasse fria. Quando terminou, Eragon lavou sua tigela com neve e estendeu o couro roubado no chão.

– O que você vai fazer com isso? – perguntou Brom. – Não podemos levar conosco.

– Vou fazer uma sela para Saphira.

– Hum – disse Brom, andando para a frente. – Bem, os dragões costumavam ter dois tipos de selas. O primeiro era duro e moldado como a sela de um cavalo. Mas era demorado fazer esse tipo de sela, além de exigir ferramentas apropriadas, coisas que não temos agora. O outro tipo era fino e levemente acolchoado, nada mais do que uma camada de proteção extra entre o Cavaleiro e o dragão. Essas selas eram usadas sempre que a velocidade e a flexibilidade fossem as prioridades, embora não chegassem nem perto das moldadas, com relação ao conforto.

– Você sabe como elas eram? – perguntou Eragon.

– Melhor, sei como fazê-las.

– Então, por favor, faça – pediu Eragon, afastando-se para o lado.

– Como queira, mas preste atenção. Algum dia, você pode precisar fazer isso sozinho.

Com a permissão de Saphira, Brom mediu o pescoço e o peito dela. Depois, cortou cinco pedaços de couro e fez, mais ou menos, uma dúzia de marcações nas peles. Após terem sido cortados, fez várias tiras compridas do que restou.

Brom usou as tiras para costurar tudo, mas ele tinha de fazer dois buracos no couro para cada ponto. Eragon ajudou-o com essa tarefa. Nós complicados eram usados em vez de fivelas, e cada peça da sela era feita bem maior para acompanhar o crescimento de Saphira nos meses seguintes.

A parte principal da sela foi feita com três pedaços idênticos, costurados com um pouco de enchimento entre eles. Na frente, havia uma presilha grossa, que se

encaixava confortavelmente em volta de uma das escamas do pescoço de Saphira, enquanto os pedaços costurados dos lados cobriam a barriga e eram amarrados embaixo. Em vez de estribos, havia uma série de laços que desciam pelos dois lados. Apertados, manteriam as pernas de Eragon no lugar. Uma longa tira foi feita para passar entre as patas dianteiras de Saphira, dividida em duas, e fazia a volta por trás dessas mesmas patas, voltando a se unir à sela.

Enquanto Brom trabalhava, Eragon consertava a sua saca e organizava os suprimentos. O dia terminou perto da hora em que completaram as suas tarefas. Cansado por causa do trabalho, Brom colocou a sela em Saphira e viu se servia. Ele fez pequenos ajustes e depois, satisfeito, tirou-a.

– Você fez um belo trabalho – Eragon reconheceu com má vontade.

Brom inclinou a cabeça.

– Tentei fazer o melhor. A sela deve servi-lo bem. O couro era bem forte.

Você não vai experimentar?, perguntou Saphira.

Amanhã, talvez, respondeu Eragon, guardando a sela com seus cobertores. Está muito tarde agora. Na verdade, não estava com vontade de voar de novo, ainda mais depois do resultado desastroso da última tentativa.

O jantar foi feito rapidamente. Estava gostoso, embora fosse simples. Enquanto comiam, Brom olhou para Eragon, por cima da fogueira, e perguntou:

– Nós partiremos amanhã?

– Não há nenhuma razão para ficarmos aqui.

– Suponho que não... – Parou de falar. – Eragon, devo me desculpar pelo modo como tudo aconteceu. Eu não queria que todas essas coisas tivessem ocorrido. A sua família não merecia tamanha tragédia. Se houvesse algo que eu pudesse fazer para reverter tudo isso, eu faria. Esta é uma situação terrível para todos nós. – Eragon continuou sentado em silêncio, evitando o olhar de Brom. Depois, Brom disse: – Nós precisaremos de cavalos.

– Você, talvez. Mas eu tenho Saphira.

Brom balançou a cabeça.

– Não existe cavalo que possa ser mais veloz do que um dragão voando, mas Saphira é jovem demais para aguentar nós dois. Além disso, será mais seguro se ficarmos juntos, e cavalgar é mais rápido do que andar.

– Mas assim será mais difícil alcançar os Ra’zac – reclamou Eragon. – Com Saphira, eu poderia achá-los em um dia ou dois. Com cavalos, vai demorar muito mais, isso se for possível diminuir a vantagem que eles têm de nós seguindo por terra!

Brom falou lentamente:

– Essa é uma possibilidade, mas é preciso correr esse risco se eu for junto com você.

Eragon refletiu sobre o assunto.

– Tudo bem – resmungou. – Arranjaremos alguns cavalos. Mas teremos de comprá-los. Eu não tenho dinheiro e não quero roubar de novo. Isso é errado.

– Depende do seu ponto de vista – corrigiu-o Brom, com um leve sorriso no rosto. – Antes de partir nessa empreitada, lembre que os seus inimigos, os Ra'zac, são servos do rei. Eles estarão protegidos aonde quer que vão. Leis não vão detê-los. Nas cidades, terão acesso a recursos em abundância e a servos dispostos a ajudá-los. Também tenha em mente que nada é mais importante para Galbatorix do que recrutar ou matar você, embora notícias sobre a sua existência talvez ainda não tenham chegado até ele. Quanto mais você conseguir iludir um Ra'zac, mais desesperado ele ficará. Ele saberá que, a cada dia, você ficará mais forte e que cada momento dará a você uma chance de se juntar aos inimigos dele. Você deve tomar muito cuidado, pois pode, rapidamente, deixar de ser o caçador para virar a caça.

Eragon ficou perplexo com as palavras fortes. Pensativo, ele rolava um graveto entre os dedos.

– Chega de conversa – cortou Brom. – Já está tarde e meus ossos estão doendo. Podemos conversar mais amanhã. – Eragon concordou com a cabeça e arrumou a fogueira para que ela queimasse por mais tempo e de modo mais lento.

THERINSFORD

O amanhecer estava acinzentado, nublado e com um vento cortante. A floresta estava silenciosa. Depois de um café da manhã leve, Brom e Eragon jogaram água em cima da fogueira e colocaram suas sacas no ombro, preparando-se para partir. Eragon pendurou o seu arco e as suas flechas ao lado de sua saca, onde poderia pegá-los facilmente. Saphira usava a sela, teria de carregá-la até que eles arranjassem cavalos. Eragon amarrou Zar'roc cuidadosamente nas costas também, pois não queria carregar aquele peso extra. Além disso, em suas mãos, aquela espada não seria mais eficaz do que uma clava.

Eragon sentia-se seguro na clareira, mas, fora dela, a cautela regia seus movimentos. Saphira levantou voo e circulava acima deles. As árvores escasseavam conforme voltavam à fazenda.

Eu verei este lugar de novo, insistia Eragon consigo mesmo, olhando as construções destruídas. Isso não pode ser, não será um exílio definitivo. Um dia, quando for seguro, eu voltarei... Jogando os ombros para trás, ele se virou para o sul, para as terras estranhas e selvagens que estavam à sua frente.

Conforme caminhavam, Saphira mudou de direção, indo para o oeste, rumo às montanhas, saindo de vista. Eragon não ficou tranquilo ao vê-la ir embora. Até mesmo agora, sem ninguém por perto, não podiam ficar juntos. Saphira tinha de ficar escondida caso encontrassem algum viajante.

As pegadas dos Ra'zac estavam quase apagadas na neve, mas Eragon não estava preocupado. Era improvável que tivessem seguido por outro caminho que não fosse pela estrada, que era o melhor para sair do vale, indo pela floresta. Uma vez fora de Palancar, contudo, a estrada se dividia em várias direções. Seria difícil determinar qual os Ra'zac tomaram.

Viajavam em silêncio, priorizando a velocidade. As pernas de Eragon continuavam a sangrar onde as cascas dos machucados eram arrancadas. Para afastar a mente desse desconforto, perguntou:

– O que exatamente os dragões podem fazer? Você disse que sabia algumas coisas sobre as habilidades deles.

Brom riu. Seu anel de safira brilhava no ar enquanto ele gesticulava.

– Infelizmente, sei muito pouco comparado ao que eu gostaria de saber. As pessoas tentam responder a sua pergunta há séculos. Então, entenda que o que eu disser estará, por sua própria natureza, incompleto. Os dragões sempre foram misteriosos, embora não façam isso de propósito.

"Antes que eu possa verdadeiramente responder à sua pergunta, você precisa

aprender algumas coisas básicas sobre dragões. Seria extremamente confuso começar no meio de um tópico muito complexo sem entender primeiro a base de todo esse assunto. Começarei com o ciclo de vida dos dragões. E se isso não cansar você, poderemos passar para outro tópico."

Brom explicou como os dragões acasalavam e quais eram as condições para os ovos deles eclodirem.

– Sabe – prosseguiu –, quando um dragão fêmea põe um ovo, o filhote dentro dele está pronto para nascer. Mas ele espera, às vezes durante anos, pelas circunstâncias adequadas. Quando os dragões viviam nas florestas, tais circunstâncias eram ditadas pela disponibilidade de alimento. Porém, depois que eles fizeram uma aliança com os elfos, um certo número de ovos, não mais do que um ou dois, eram dados aos Cavaleiros todos os anos. Esses ovos, ou os filhotes dentro deles, não eclodiam até que a pessoa destinada a ser o Cavaleiro ficasse diante deles, embora não seja conhecido o modo como eles pressentiam isso. As pessoas faziam filas para tocar os ovos, esperando serem escolhidas.

– Quer dizer então que Saphira poderia não ter nascido para mim?

– É bem provável, se ela não tivesse gostado de você.

Sentiu-se honrado, pois de todas as pessoas na Alagaësia, ela o escolheu. Ficou pensando em quanto tempo Saphira esperou e afligiu-se ao imaginar que ela permaneceu confinada dentro de um ovo, cercada pela escuridão.

Brom continuou a sua aula. Explicou o que e quando os dragões comiam. Um dragão adulto, sedentário, poderia ficar meses sem comer, mas na temporada do acasalamento, tinham de se alimentar toda semana. Algumas plantas podiam curar suas doenças. Outras podiam causar enfermidades. Havia várias maneiras de cuidar de suas garras e de limpar suas escamas.

Ele explicou as técnicas que se deviam usar ao se atacar montado em um dragão e o que fazer se estivesse lutando contra um deles a pé, a cavalo ou em outro dragão. A barriga deles era protegida, mas suas axilas não eram. Eragon interrompia frequentemente para fazer perguntas, e Brom parecia satisfeito com as indagações. As horas passaram rápido enquanto conversavam.

Quando a noite chegou, estavam perto de Therinsford. Enquanto o céu escurecia e eles procuravam um lugar para acampar, Eragon perguntou:

– Qual Cavaleiro era dono da Zar'roc?

– Era um poderoso guerreiro – informou Brom. – Era muito temido em sua época e tinha muito poder.

– Qual era o nome dele?

– Não direi. – Eragon protestou, mas Brom se manteve firme. – Não quero que você ignore os fatos, longe disso, mas saber de certos detalhes seria perigoso e iria distraí-lo agora. Não há nenhum motivo para eu perturbá-lo com tais coisas, até você ter o tempo e o poder para lidar com elas. Eu só desejo protegê-lo daqueles que poderiam usá-lo para o mal.

Eragon olhou fixamente para ele.

– Sabe de uma coisa? Acho que você adora falar por meio de enigmas. Já estou com vontade de abandoná-lo para não ter de me aborrecer mais com isso. Se for dizer alguma coisa, fale de uma vez e não fique dando voltas com frases vagas.

– Paz. Tudo será dito ao seu tempo – disse Brom calmamente. Eragon resmungou, duvidoso.

Encontraram um lugar confortável para passar a noite e armaram acampamento. Saphira juntou-se a eles quando o jantar estava sendo colocado no fogo.

Você teve tempo para caçar alguma coisa para comer?, indagou Eragon.

Ela bufou fazendo graça.

Se vocês dois andassem um pouco mais devagar, eu teria tempo para atravessar o oceano voando e voltar para cá sem ficar para trás.

Você não precisa nos insultar. Além disso, viajaremos mais rápido quando tivermos cavalos.

Ela soltou uma pequena nuvem de fumaça.

Talvez, mas será o bastante para pegar os Ra'zac? Eles têm uma vantagem de vários dias e muitos quilômetros. E temo que eles suspeitem que os estejamos seguindo. Por que eles destruíram a fazenda de uma maneira tão impressionante? Só podia ser para provocá-lo e para que fôssemos atrás deles.

Sei lá, disse Eragon perturbado. Saphira enroscou-se ao lado dele, e ele recostou-se na barriga dela, aproveitando seu calor. Brom sentou no outro lado da fogueira, cortando duas longas varas com um canivete. De repente, Brom jogou uma para Eragon, que a pegou por reflexo depois que ela passou voando por cima das chamas crepitantes.

– Defenda-se! – gritou Brom, ficando em pé.

Eragon olhou para a vara que segurava na mão e reparou que tinha a forma improvisada de uma espada. Será que Brom queria lutar? Que chance aquele velho teria? Se ele quer brincar, tudo bem, mas se ele acha que vai me vencer, terá uma surpresa.

Eragon se levantou enquanto Brom rodeava a fogueira. Eles se encararam por um momento, até que Brom atacou, balançando sua vara. Eragon tentou bloquear

o ataque, mas foi lento demais. Gritou quando Brom o atingiu nas costelas e tropeçou para trás.

Sem pensar, jogou-se para a frente, mas Brom impediu o ataque sem a menor dificuldade. Eragon chicoteou com a vara em direção à cabeça de Brom, mas desviou no último minuto, tentando atingir o lado do corpo. A batida seca de madeira batendo em madeira ecoou pelo acampamento.

– Improvisação... bom! – exclamou Brom com um brilho nos olhos. O braço dele deslocou-se com uma velocidade incrível, produzindo um borrão, e Eragon sentiu uma explosão de dor no lado de sua cabeça. Eragon caiu como um saco vazio, atordoado.

Um jato de água gelada despertou-o, e ele sentou, esbravejando. A cabeça latejava e havia sangue seco em seu rosto. Brom estava em pé, perto dele, segurando uma panela com água produzida com a neve derretida.

– Você não precisava ter feito isso – disse Eragon zangado, colocando-se de pé. Sentia-se tonto e confuso.

Brom arqueou uma de suas sobrancelhas.

– É? Um inimigo de verdade jamais bateria com menos força, então eu também tenho de fazer isso. Será que devo levar em conta a sua... incompetência, para você se sentir melhor? Acho que não. – Pegou a vara que Eragon havia deixado cair e a ofereceu a ele. – Agora, defenda-se.

Eragon olhou perplexo para o pedaço de madeira e balançou a cabeça.

– Esqueça. Já chega. – Ele se virou e tropeçou quando foi atingido com força nas costas. Voltou-se rosnando.

– Nunca vire as costas para o inimigo! – berrou Brom, depois jogou a vara para ele e atacou. Eragon recuou para trás da fogueira, tentando se livrar do ataque.

– Braços para a frente. Joelhos flexionados – gritava Brom. Continuou a dar instruções, depois parou para ensinar a Eragon como aplicar um certo golpe com perfeição. – Faça novamente, mas, desta vez, mais devagar! – Eles ensaiaram os movimentos antes de recomeçarem uma calorosa luta. Eragon aprendia rapidamente, mas não importava quanto tentasse, ele não conseguia deter mais do que alguns golpes de Brom.

Quando terminaram, Eragon caiu pesadamente em seus cobertores e gemeu. Sentia dores em todas as partes do corpo. Brom não foi nem um pouco clemente com sua vara. Saphira soltou um rosnado longo e tossido e ergueu o lábio até que um conjunto formidável de dentes aparecesse.

O que há de errado com você?, perguntou irritado.

Nada, respondeu ela. É engraçado ver um filhote como você ser derrotado por um ancião. Ela produziu aquele som de novo, e Eragon ficou vermelho quando notou que ela estava rindo. Tentando preservar um pouco de dignidade, virou-se para o lado e dormiu.

Sentia-se ainda pior no dia seguinte. Hematomas cobriam seus braços e o corpo doía demais, dando aquela vontade de não se mexer. Brom olhou por cima do mingau que servia e sorriu.

– Como está se sentindo?

Eragon resmungou e engoliu apressadamente seu desjejum.

Na estrada, viajaram rápido para chegar a Therinsford antes do meio-dia. Depois de cinco quilômetros, o caminho se alargou, e eles viram fumaça ao longe.

– É melhor você dizer a Saphira para voar distante e nos esperar do outro lado de Therinsford – orientou Brom. – Ela deve tomar muito cuidado por aqui, pois as pessoas poderão notar sua presença.

– Por que você não lhe diz isso? – desafiou Eragon.

– É considerado falta de educação interferir com o dragão de outra pessoa.

– Você não teve nenhum problema para fazer isso em Carvahall.

Os lábios de Brom se agitaram em um sorriso.

– Fiz o que tinha de fazer.

Eragon olhou para ele de modo ameaçador, mas acabou passando as instruções. Saphira alertou: Cuidado. Os servos do Império podem estar escondidos em qualquer lugar.

Conforme os sulcos na estrada ficavam mais fundos, Eragon notava mais pegadas. Fazendas indicavam que eles se aproximavam de Therinsford. O povoado era maior do que Carvahall, mas havia sido construído desordenadamente. As casas não seguiam nenhum padrão de alinhamento.

– Mas que bagunça! – observou Eragon. Ele não podia ver o moinho de Dempton. Baldor e Albriech já devem ter falado com Roran agora. Mas isso não importava, pois Eragon não queria falar com o primo naquele momento.

– No mínimo, é feio – concordou Brom.

O rio Anora corria entre eles e a cidade e era cruzado por uma ponte resistente. Ao se aproximarem dela, um homem sujo saiu de trás de um arbusto e impediu a passagem. A camisa dele era curta, e sua barriga imunda transbordava por cima do cinto de corda. Atrás de seus lábios rachados, os dentes pareciam lápides deterioradas.

– Vocês não podem ficar parados aí. Esta ponte é minha. Quem quiser passar

tem que pagar.

– Quanto? – indagou Brom com um tom de voz resignado. Ele pegou uma bolsa, e os olhos do dono da ponte brilharam.

– Cinco coroas – declarou, abrindo um largo sorriso. Eragon ficou irritado por causa do preço exorbitante e começou a reclamar calorosamente, mas Brom silenciou-o com um rápido olhar. As moedas foram passadas de uma mão para outra em silêncio. O homem colocou-as em um saco que pendia em seu cinto.

– Muito agradecido – disse com um tom de deboche e saiu da frente.

Ao andar para a frente, Brom tropeçou e se agarrou no braço do dono da ponte para não cair no chão.

– Olha onde pisa – resmungou o homem sujo, saindo do caminho.

– Sinto muito – desculpou-se Brom e continuou a atravessar a ponte com Eragon.

– Por que você não pechinchou? Ele quase arrancou o seu couro! – exclamou Eragon quando eles estavam fora do alcance da audição do homem. – Ele nem deve ser o dono da ponte. Poderíamos ter forçado nossa passagem por ele.

– Provavelmente – concordou Brom.

– Então, por que você o pagou?

– Porque não podemos discutir com todos os tolos do mundo. É mais fácil deixar que eles pensem que conseguiram o que queriam e enganá-los quando não estiverem prestando atenção. – Brom abriu a mão, e um monte de moedas brilhou.

– Você cortou a bolsa dele! – exclamou Eragon incrédulo.

Brom colocou o dinheiro no bolso enquanto piscava o olho.

– E havia uma quantia muito boa. Ele não devia deixar tantas moedas em um só lugar. – Eles ouviram um grito zangado do outro lado do rio. – Eu diria que nosso amigo descobriu a sua perda. Se você vir algum vigia, avise-me. – Ele agarrou o ombro de um menino que corria entre as casas e perguntou: – Você sabe onde podemos comprar cavalos? – A criança olhou para eles com a cara fechada e apontou para um grande galpão que ficava perto dos limites de Therinsford. – Obrigado – disse Brom, jogando uma pequena moeda para o garoto.

As grandes portas duplas do galpão estavam abertas, revelando duas longas fileiras de estábulos. A parede oposta estava coberta por selas, arreios e outros apetrechos. Um homem de braços musculosos estava lá no fundo, escovando um garanhão branco. Ergueu a mão e fez sinal para que eles se aproximassem.

Quando chegaram mais perto, Brom disse:

– Este é um belo animal.

– Sem dúvida. O nome dele é Fogo na Neve. E o meu é Haberth. – Estendeu a

mão grossa e cumprimentou vigorosamente Eragon e Brom. Houve uma pausa de cortesia, enquanto ele esperava ouvir os nomes dos estranhos. Quando percebeu que eles não diriam nada, Haberth perguntou:

– Posso ajudá-los?

Brom concordou com a cabeça.

– Precisamos de dois cavalos e arreios para ambos. Os animais devem ser velozes e fortes. Vamos viajar muito.

Haberth ficou pensativo por alguns momentos.

– Não tenho muitos animais assim. E os que tenho não são baratos. – O garanhão se movia impacientemente. Haberth acalmou-o com alguns tapinhas.

– O preço não é problema. Levarei os melhores que você tiver – declarou Brom.

Haberth concordou e amarrou silenciosamente o garanhão em uma baia. Ele foi até a parede e começou a pegar as selas e outros itens. Logo, montou duas pilhas idênticas. Depois, dirigiu-se até as baias e pegou dois cavalos. Um era castanho-claro e o outro tinha pelo branco com malhas escuras. O castanho fazia resistência à corda que o puxava.

– Ele é um pouco nervoso, mas quem tiver a mão firme não terá problemas com ele – disse Haberth, passando a corda para Brom.

Brom deixou que o cavalo cheirasse sua mão, e o animal, por sua vez, deixou que ele acariciasse seu pescoço.

– Vamos levá-lo – assegurou e olhou para o cavalo malhado. – Mas não estou certo com relação ao outro.

– Ele tem patas muito fortes.

– Humm... Quanto você cobraria pelo Fogo na Neve?

Haberth olhou com carinho para o garanhão.

– Eu preferia não vendê-lo. É o melhor animal que já criei. Espero começar uma bela linhagem com ele.

– Se você estivesse disposto a se separar dele, quanto isso me custaria? – perguntou Brom.

Eragon tentou pôr a mão no cavalo castanho como Brom havia feito, mas o animal se afastou. Ele, automaticamente, tentou fazer contato mental com o animal para tranquilizá-lo e ficou surpreso ao conseguir tocar a mente do cavalo. O contato não foi claro ou direto como era com Saphira, mas conseguiu se comunicar com o cavalo castanho em um certo nível. Hesitante, fez o animal entender que era um amigo. O cavalo acalmou-se e olhou para ele com seus olhos castanho-claros.

Haberth usou os dedos para calcular o preço da compra.

– Duzentas coroas e nada menos do que isso – sorriu, confiante de que ninguém pagaria tanto dinheiro. Em silêncio, Brom abriu a bolsa e contou o dinheiro.

– Isto basta? – quis saber.

Houve um longo silêncio enquanto Haberth alternava o olhar entre as moedas e Fogo na Neve. Depois de suspirar, disse:

– Ele é todo seu, embora meu coração queira o contrário.

– Vou tratá-lo como se ele fosse filho de Gildintor, o maior cavalo de todos os tempos – garantiu Brom.

– As suas palavras me deixaram satisfeito – disse Haberth, curvando a cabeça levemente. Ele os ajudou a selar os cavalos. Quando estavam prontos para sair, Haberth declarou: – Então, adeus. Pelo bem de Fogo na Neve, faço votos que o infortúnio não caia sobre vocês.

– Não tema, cuidarei bem dele – prometeu Brom enquanto partiam. – Tome – disse ele, passando as rédeas de Fogo na Neve para Eragon. – Vá para o outro lado de Therinsford e espere lá.

– Por quê? – perguntou Eragon, mas Brom já estava se afastando.

Aborrecido, ele saiu de Therinsford com os dois cavalos e parou ao lado da estrada. Ao sul ele viu o contorno nebuloso de Utgard, parecendo um monólito gigante no final do vale. Sua parte mais alta cortava as nuvens e subia ainda mais, saindo de vista, elevando-se acima das outras montanhas menores que a cercavam. Sua aparência escura e sinistra fez Eragon sentir arrepios.

Brom voltou logo depois, fazendo um gesto para Eragon segui-lo. Eles andaram até que Therinsford ficasse escondida pelas árvores. Depois, Brom disse:

– Sem dúvida nenhuma, os Ra'zac passaram por este lugar. Parece que eles pararam aqui para pegar alguns cavalos, como nós fizemos. Achei um homem que os viu. Ele descreveu-os com medo e disse que saíram galopando de Therinsford como demônios fugindo de um homem santo.

– Eles causaram uma impressão e tanto.

– Sem dúvida.

Eragon acariciou os cavalos.

– Quando estávamos no galpão, consegui tocar a mente do cavalo castanho por acidente. Não sabia que era possível fazer isso.

Brom franziu o rosto.

– É incomum alguém tão jovem ter essa habilidade. Na maioria, os Cavaleiros tinham de treinar durante anos até serem fortes o bastante para fazer contato com qualquer outra coisa além de seu dragão. – O rosto dele estava pensativo

enquanto observava Fogo na Neve. Então, ordenou: – Tire todos os objetos de sua bolsa, coloque nos alforjes e amarre a bolsa em cima de tudo. – Eragon obedeceu enquanto Brom montava em Fogo na Neve.

Eragon olhou receoso para o cavalo castanho. Ele era muito menor do que Saphira, mas por um momento absurdo, imaginou se o cavalo poderia suportar o seu peso. Com um suspiro, montou de modo desajeitado na sela. Ele só havia montado em cavalos no pelo e em curtas distâncias.

– Isso fará com as minhas pernas o mesmo que a montada em Saphira causou a elas? – perguntou.

– Como estão agora?

– Não doem muito, mas acho que qualquer solavanco mais forte poderá abrir as feridas de novo.

– Nós seguiremos com cuidado – prometeu Brom. Deu algumas instruções a Eragon, e eles começaram a cavalgar em um passo moderado. Logo, a paisagem começou a mudar, passando de campos cultivados para áreas mais selvagens. Arbustos e ervas daninhas ladeavam a estrada, juntamente com grandes roseiras, que espetavam suas roupas. Pedras altas erguiam-se do chão, testemunhas cinzentas da presença deles. Havia um clima pouco amigável no ar, uma animosidade aos intrusos.

Acima, crescente a cada passo, Utgard aparecia indistintamente, seus precipícios íngremes eram sulcados por cânions nevados. A rocha negra da montanha absorvia a luz como uma esponja e escurecia as áreas vizinhas. Havia uma fenda profunda entre Utgard e a fileira de montanhas que se formava no lado leste do vale Palancar. Era a única saída prática. A estrada levava até ela.

Os cascos dos cavalos batiam fortemente no cascalho. A estrada diminuiu, virando uma pequena trilha que rodeava a base de Utgard. Eragon olhou para cima, para o pico que se elevava sobre eles, e ficou surpreso ao ver uma torre lá no alto. A construção estava em mau estado de conservação, mas não deixava de ser uma solene sentinela de todo o vale.

– O que é aquilo? – apontou Eragon.

Brom não olhou para cima, mas respondeu com tristeza e amargura:

– Era um posto avançado dos Cavaleiros. Ele data dos tempos da fundação da ordem. Foi onde Vrael se refugiou e onde, por traição, ele foi encontrado e derrotado por Galbatorix. Quando Vrael caiu, esta área ficou maculada. Edoc'sil, "Inconquistável", era o nome desse bastião, pois a montanha é tão íngreme que quase ninguém consegue chegar ao topo, a não ser que possa voar. Depois da

morte de Vrael, os cidadãos começaram a chamar o lugar de Utgard, mas ele tem outro nome, Ristvak'baen, o Lugar da Dor. Era conhecido assim pelos últimos Cavaleiros, antes de serem mortos pelo rei.

Eragon admirava com veneração. Aqui estava algo remanescente e tangível da glória dos Cavaleiros, embora estivesse escurecido pela inclemente ação do tempo. De repente, percebeu como os Cavaleiros eram antigos. Um legado de tradição e heroísmo, que datava da Antiguidade, pairava sobre ele.

Viajaram durante longas horas contornando Utgard. A montanha formava uma parede sólida, à direita deles, quando entraram na ruptura que dividia a cordilheira. Eragon ficou em pé em seus estribos, pois estava impaciente para ver o que havia fora do vale Palancar, mas tudo ainda estava longe demais. Durante um tempo, andaram por uma passagem inclinada, contornando a colina e um fosso, acompanhando o rio Anora. Depois, com o sol baixo atrás deles, chegaram a uma parte elevada onde podiam ver por cima das árvores.

Eragon ficou surpreso. Havia montanhas em ambos os lados, mas, abaixo deles, se estendia uma enorme planície que alcançava o horizonte distante, fundindo-se com o céu. O campo tinha uma cor uniforme, como a de grama seca. Nuvens grandes e nebulosas passavam por cima, moldadas pelos fortes ventos.

Agora, ele entendeu por que Brom insistiu nos cavalos. Eles levariam semanas, ou meses, para vencer tamanha distância a pé. Bem lá em cima, viu Saphira voando em círculos. Ela estava alto o suficiente para ser confundida com um pássaro.

– Esperaremos até amanhã para começarmos a descida – informou Brom. – Vamos levar quase o dia todo. Então, devemos acampar agora.

– Quanto tempo leva para atravessar a planície? – quis saber Eragon, ainda impressionado.

– De dois a três dias até mais de duas semanas, dependendo da direção que tomemos. Além das tribos nômades que vagam por esta parte da planície, ela é quase tão desabitada quanto o deserto Hadarac ao leste. Então, não encontraremos muitos vilarejos. Contudo, ao sul, as planícies são menos áridas e mais habitadas.

Saíram da trilha e desmontaram perto do rio Anora. Ao desselarem os animais, Brom apontou para o cavalo baio.

– Você deve dar um nome a ele.

Eragon pensou por um instante enquanto prendia a rédea do animal em um pedaço de madeira.

– Bem, não pensei em nada tão nobre quanto Fogo na Neve, mas talvez este sirva. – Ele pôs a mão em cima do cavalo baio e disse: – Eu o nomeio Cadoc. Era o nome do meu avô, portanto use-o bem.

Brom assentiu com a cabeça em sinal de aprovação, mas Eragon sentiu-se um pouco tolo.

Quando Saphira pousou, ele perguntou: Como são as planícies?

Entediantes. Não há nada lá, a não ser coelhos e arbustos raquíticos em todas as direções.

Depois do jantar, Brom ficou em pé e gritou:

– Pegue!

Eragon mal teve tempo para erguer o braço e pegar o pedaço de madeira antes que atingisse a sua cabeça. Ele resmungou ao ver outra espada improvisada.

– De novo, não – reclamou.

Brom apenas sorriu e acenou com uma das mãos. Eragon, relutante, ficou em pé. Giraram rapidamente em meio à agitação das madeiras, e Eragon recuou com um braço dolorido.

O treinamento foi mais curto do que o primeiro, mas foi longo o bastante para que Eragon juntasse uma nova coleção de hematomas. Quando terminaram o treino, Eragon jogou, desgostoso, a vara no chão e afastou-se da fogueira para cuidar dos seus ferimentos.

TROVOADAS E RELÂMPAGOS

Na manhã seguinte, Eragon evitou relembrar qualquer um dos eventos mais recentes, eram dolorosos demais. Em vez disso, concentrou suas energias em descobrir um meio de achar e matar os Ra'zac. Vou matá-los com o meu arco, decidiu, imaginando como aquelas figuras que usavam mantos ficariam com flechas atravessadas em suas silhuetas.

Ele tinha dificuldade até para ficar em pé. Seus músculos doíam com o menor movimento. E um dos seus dedos estava quente e inchado. Quando estavam prontos para partir, montou em Cadoc e disse amargamente:

– Se isso continuar, você vai me fazer em pedacinhos.

– Eu não exigiria tanto se achasse que você não é suficientemente forte.

– Pelo menos uma vez, eu não me importaria em ser menosprezado – resmungou Eragon.

Cadoc empinou nervosamente quando Saphira se aproximou. Ela olhou para ele com uma expressão muito próxima da repugnância e disse: Não há onde se esconder nas planícies. Então, não vou me preocupar em tentar ficar fora de vista. Voarei acima de vocês a partir de agora.

Ela decolou, e eles começaram a descer a vereda íngreme. Em alguns locais, a trilha desaparecia por completo, deixando por conta deles achar o caminho. Às vezes, tinham de desmontar e guiar os cavalos a pé, segurando-se em árvores para que não caíssem lá embaixo. O chão estava salpicado de pedras soltas, o que tornava a caminhada traiçoeira. A provação os deixou com calor, apesar do frio, e irritados.

Pararam para descansar quando chegaram lá embaixo, por volta do meio-dia.

O rio Anora virava para a esquerda e corria rumo ao norte. Um vento cortante varria a terra, açoitando-os sem piedade. O solo estava ressecado, e a poeira voava, caindo nos olhos.

Eragon sentiu-se intimidado por tudo ser tão plano. Não havia outeiros ou montículos. Viveu a vida inteira cercado por montanhas e colinas. Sem elas, sentia-se exposto e vulnerável, como um rato sob o olhar aguçado de uma águia.

A trilha dividiu-se em três assim que eles chegaram à planície. A primeira ramificação voltava-se para o norte, na direção de Ceunon, uma das maiores cidades daquela área. A segunda atravessava a planície. E a última se dirigia para o sul. Examinaram as três em busca dos rastros dos Ra'zac e, finalmente, acharam as pegadas deles, que seguiam diretamente para a savana.

– Parece que eles foram para Yazuac – deduziu Brom com um ar de perplexidade.

– Onde fica isso?

– Para o leste, a quatro dias de distância, se tudo der certo. É um pequeno vilarejo situado perto do rio Ninor. – Ele apontou para o Anora, que corria para longe, em direção ao norte. – Essa é a nossa última fonte de água. Devemos reabastecer os nossos odres antes de tentar atravessar a planície. Não há outro lago ou riacho entre onde estamos e Yazuac.

A emoção da caçada começou a aumentar dentro de Eragon. Em poucos dias, talvez em menos de uma semana, usaria suas flechas para vingar a morte de Garrow. E depois... Ele se recusou a pensar no que poderia acontecer depois.

Encheram os odres, deram água aos cavalos e beberam o máximo que podiam no rio. Saphira juntou-se a eles e tomou vários goles de água. Refeitos, seguiram para leste e começaram a travessia da planície.

Eragon concluiu que seria o vento que o enlouqueceria primeiro. Tudo que dificultava sua vida – seus lábios rachados, sua língua seca, seus olhos ardidos – era causado pelo vento. As rajadas incessantes acompanhavam-nos durante o dia. A noite fortalecia o vento ainda mais, ao invés de enfraquecê-lo.

Como não havia abrigo, eram forçados a acampar sob o céu aberto. Eragon achou uns arbustos, plantas pequenas e resistentes que sobreviviam naquele ambiente inóspito, e os arrancou da terra. Cuidadosamente fez uma pilha e tentou tocar fogo nela, mas os galhos só produziam fumaça e exalavam um odor horrível. Frustrado, jogou a pederneira para Brom.

– Não consigo fazer isso pegar fogo, ainda mais com este vento insuportável. Veja se você consegue. Se não conseguir, comeremos nosso jantar frio.

Brom se ajoelhou perto da pilha de arbustos e olhou para ela de modo crítico. Mudou alguns galhos de lugar e tentou acender o fogo, jogando uma cascata de fagulhas em cima das plantas. Surgiu uma fumaça, mas nada além disso. Brom fez uma cara feia e tentou novamente, mas ele não teve mais sorte do que Eragon.

– Brisingr! – gritou com raiva, batendo a pederneira de novo. De repente, chamas apareceram, e ele recuou com uma expressão satisfeita no rosto. – Pronto. Já devia estar queimando no meio.

Eles treinaram com espadas improvisadas enquanto a comida cozinhava. O cansaço falou mais alto para os dois, e então fizeram este treino mais curto do que os outros. Depois de comerem, deitaram perto de Saphira e dormiram, gratos por sua proteção.

O mesmo vento frio os saudou pela manhã, varrendo aquela planície ameaçadora. Os lábios de Eragon racharam durante a noite. Sempre que sorria ou falava, gotas de sangue cobriam-nos. Lamber o sangue só piorava as coisas. O mesmo valia para Brom. Antes de montar, deixaram os cavalos beber um pouco da água que tinham. O dia resumiu-se a uma jornada monótona e cansativa.

No terceiro dia, Eragon acordou descansado. Isto, somado ao fato de que o vento havia parado, deixou-o de bom humor. Mas a alegria dele ficou um pouco ofuscada quando viu que o céu à frente estava escuro e carregado de pesadas nuvens.

Brom olhou para as nuvens e fez uma cara feia.

– Normalmente, eu não entraria em uma tempestade como aquela, mas nosso destino é enfrentar tudo o que vier pela frente, não importa o que façamos. Então, vamos tentar vencer mais um pouco da distância que nos separa deles.

Tudo ainda estava calmo quando chegaram perto da tempestade. Ao entrarem em sua sombra, Eragon olhou para cima. A nuvem tinha uma estrutura exótica, parecia formar uma enorme catedral natural com um gigantesco teto arqueado. Com um pouco de imaginação, ele conseguia ver as pilastras, as janelas, as galerias que subiam e as gárgulas zangadas. Tinha uma beleza selvagem.

Conforme Eragon baixava o olhar, ele viu uma onda gigante na relva vindo em direção a eles, achatando-a. Levou um segundo para perceber que aquela onda era provocada por uma fortíssima rajada de vento. Brom também viu aquilo, e eles encolheram os ombros, preparando-se para o vendaval.

A ventania estava quase em cima deles quando Eragon pensou em algo horrível e se virou em cima da sela, gritando com a voz e com a mente:

– Saphira! Pouse! – O rosto de Brom ficou branco. Lá em cima, eles a viram mergulhando rumo ao solo. Ela não vai conseguir!

Saphira virou-se para a direção de onde eles tinham vindo para ganhar tempo. Enquanto viam aquilo, a fúria do vendaval os atingiu como um golpe de um martelo. Eragon respirou fundo e agarrou-se à sela enquanto um uivo incessante enchia seus ouvidos. Cadoc balançou e firmou seus cascos no chão, a crina dele chicoteava no ar. O vento rasgava suas roupas com dedos invisíveis, enquanto o ar se escurecia, repleto de nuvens de poeira.

Eragon comprimiu os olhos, procurando por Saphira. Ele a viu pousar bruscamente e se encolher, cravando suas garras no chão. O vento a alcançou no momento em que ela começava a dobrar as asas. Com um puxão violento, o vento as abriu e arrastou-a para o alto. Por um momento, ela ficou no ar, suspensa pela força do vendaval. Depois, caiu de costas no chão.

Por meio de uma forte puxada, Eragon fez Cadoc virar e galopar para trás na trilha, estimulando o cavalo tanto com os calcanhares quanto com a mente. Saphira!, gritou ele. Tente ficar no chão! Estou chegando! Sentiu um agradecimento amargo da parte dela. Ao chegarem perto de Saphira, Cadoc empacou, e Eragon desmontou e correu em direção a ela.

O arco bateu na cabeça dele. Uma forte rajada de vento desequilibrou-o, e ele voou para a frente, caindo de peito. Escorregou e voltou a se pôr de pé rangendo os dentes, ignorando os profundos arranhões em sua pele.

Saphira estava a apenas três metros de distância, mas ele não podia chegar mais perto por causa de suas asas que se debatiam. Ela lutava contra a ventania para tentar dobrá-las.

Correu depressa até a sua asa direita, com a intenção de segurá-la para baixo, mas o vento pegou Saphira e deu-lhe uma cambalhota por cima dele. Os espinhos das costas passaram a poucos centímetros de sua cabeça. Saphira enfiou as garras no chão, tentando se firmar.

As asas começaram a levantar-se de novo, mas, antes que o vento a virasse, Eragon atirou-se para cima da asa esquerda. A asa se dobrou em suas juntas, e ela apertou-a com força contra o seu corpo. Eragon arqueou-se sobre as costas de Saphira e tombou em direção a outra asa. Sem dar o menor aviso, ela foi soprada para cima, jogando-o direto para o chão. Ele amortizou a sua queda dando um rolamento, em seguida pulou e agarrou a asa novamente. Saphira começou a dobrá-la, e ele a empurrou com todas as forças. O vento lutou com eles por um segundo, mas, com um último golpe, conseguiram vencê-lo.

Eragon encostou-se em Saphira, ofegante. Você está bem? Ele podia sentir que ela estava tremendo.

Ela demorou um momento para responder. Eu... acho que estou. Parecia estar abalada. Não há nada quebrado... Eu não podia fazer coisa nenhuma, o vento não me deixava ficar no chão. Eu estava indefesa. Com um tremor, ela ficou em silêncio.

Ele olhou para ela apreensivo. Não se preocupe. Agora, você está segura. Ele viu Cadoc ali perto, em pé, de costas para o vento. Usando a mente, Eragon instruiu o cavalo a voltar até Brom. Depois, ele se voltou para Saphira. Ela se arrastava no chão, lutando contra o vento, enquanto ele continuava agarrado às suas costas, mantendo a cabeça abaixada.

Quando alcançaram Brom, ele gritou em meio à tempestade:

– Ela está ferida?

Eragon sacudiu a cabeça e desmontou. Cadoc foi trotando até ele, relinchando. Enquanto acariciava a bochecha comprida do cavalo, Brom apontou para uma escura cortina de chuva que se deslocava em direção a eles, formando ondas cinzentas.

– O que mais pode acontecer? – bradou Eragon, apertando suas roupas. Ele se encolheu quando a torrente chegou. A chuva pungente estava fria como gelo. Logo, estavam ensopados e tremendo.

Relâmpagos cortavam o céu, perdendo e ganhando vida em um piscar de olhos. Raios azuis, com alguns quilômetros de altura, marcavam o horizonte, seguidos pelos estrondos dos trovões que faziam o solo tremer. Tudo era bonito, mas também muito perigoso. Em vários locais, incêndios eram provocados pelos raios e apagados pela chuva.

Os elementos da Natureza acalmavam-se lentamente, mas conforme o dia passava, eles se dirigiam para outro lugar. Mais uma vez, o céu ficou exposto, e o sol que se punha brilhou com fulgor. Quando os raios de luz pintaram as nuvens com cores ardentes, tudo ganhou um contraste marcante: um lado ficou brilhante, e o outro com sombras profundas. Os objetos tinham um incomparável sentido de conjunto; os talos da relva pareciam fortes pilastras de mármore. Coisas corriqueiras ganharam uma beleza extraordinária. Eragon sentiu como se eles estivessem dentro de um quadro.

A terra revigorada tinha um cheiro estimulante, limpando suas mentes e elevando seus espíritos. Saphira esticou-se, suspendendo o pescoço, e rugiu feliz. Os cavalos afastaram-se dela, mas Eragon e Brom sorriram por causa de sua exuberância.

Antes que não houvesse mais luz, pararam para passar a noite em uma pequena depressão. Cansados demais para treinar esgrima, foram dormir imediatamente.

Revelação em Yazuac

Embora tenham conseguido reabastecer seus odres, ainda que parcialmente durante a tempestade, eles beberam a última reserva de água que tinham naquela manhã.

– Espero que estejamos na direção certa – disse Eragon, apertando o odre vazio. – Pois estaremos encrencados se não chegarmos a Yazuac hoje.

Brom não parecia estar perturbado.

– Já viajei por aqui. Yazuac estará ao alcance da vista antes de anoitecer.

Eragon sorriu de modo duvidoso.

– Talvez você veja algo que eu não veja. Como pode ter certeza disso se tudo parece ser exatamente igual a centenas de quilômetros?

– É porque eu não me guio pela terra, mas pelas estrelas e pelo sol. Eles não nos deixam sair do caminho. Venha! Vamos continuar. É tolice criar temor se tal temor não existe. Yazuac estará bem à nossa frente.

As palavras dele provaram ser verdadeiras. Saphira avistou o vilarejo primeiro, mas foi só no final do dia que o resto o viu, parecendo uma elevação escura no horizonte. Yazuac ainda estava muito longe, só visível devido à uniformidade do terreno da planície. Conforme se aproximavam, uma linha sinuosa aparecia em ambos os lados da cidade e desaparecia ao longe.

– É o rio Ninor – disse Brom, apontando para ele.

Eragon puxou as rédeas, fazendo Cadoc parar.

– Saphira será vista se ficar conosco por muito tempo. Será que ela não deveria se esconder enquanto estivermos em Yazuac?

Brom coçou o queixo e olhou para a cidade.

– Está vendo aquela curva do rio? Peça que ela nos espere lá. Fica longe o bastante de Yazuac para alguém poder vê-la, mas também fica perto o suficiente para ela não ficar para trás. Nós iremos à cidade, compraremos o que precisamos e, depois, vamos encontrá-la.

Não gostei disso, disse Saphira quando Eragon explicou-lhe o plano. Isso está me deixando irritada, ter de viver me escondendo como se fosse uma criminosa.

Você sabe o que aconteceria se fôssemos descobertos.

Ela reclamou, mas acabou cedendo e voou para longe, bem perto do chão.

Eles mantiveram o passo acelerado pensando nas comidas e nas bebidas das quais desfrutariam em breve. Quando se aproximaram das casinhas, viram fumaça saindo de uma dúzia de chaminés, mas não havia ninguém nas ruas. Um silêncio

anormal tomava conta do vilarejo. Sem falarem nada, pararam em frente à primeira casa. Eragon disse de repente:

– Não há nenhum cachorro latindo.

– Não.

– Mas isso não quer dizer nada.

– ... Não.

Eragon fez uma pausa.

– Alguém já deve ter nos visto.

– Já.

– Então, por que ninguém saiu?

Brom apertou os olhos em direção ao sol.

– Podem estar com medo.

– Pode ser – ponderou Eragon. Ele ficou em silêncio por um momento. – E se isso for uma armadilha? Os Ra'zac podem estar esperando por nós.

– Precisamos de provisões e água.

– Lá está o Ninor.

– Ainda precisamos de provisões.

– De fato. – Eragon olhou em volta. – Então, vamos entrar?

Brom bateu com suas rédeas.

– Vamos, mas não como tolos. Esta é a entrada principal de Yazuac. Se prepararam uma emboscada, deve ter sido por aqui. Ninguém espera que cheguemos de uma direção diferente.

– Então, vamos dar a volta pelo lado? – quis saber Eragon. Brom concordou com a cabeça e desembainhou sua espada, atravessando a lâmina em cima de sua sela. Eragon esticou seu arco e preparou uma flecha.

Deram a volta na cidade em silêncio e entraram cuidadosamente. As ruas estavam vazias, exceto por uma pequena raposa que saiu correndo quando eles se avizinharam. As casas estavam escuras e sinistras, com janelas quebradas.

Muitas portas pendiam nas dobradiças danificadas. Os cavalos moviam os olhos de uma maneira tensa. As palmas das mãos de Eragon formigavam, mas resistiu ao ímpeto de coçá-las. Quando entravam no centro da cidade, agarrou seu arco com mais força e ficou pálido.

– Meu Deus do céu – sussurrou.

Uma montanha de corpos erguia-se acima deles, os cadáveres estavam duros e tinham expressões horríveis no rosto. As roupas estavam ensopadas de sangue, que também manchava o solo pisoteado. Havia homens mortos deitados em cima

das mulheres que tentaram proteger, mães ainda agarradas a seus filhos, e namorados que tentaram salvar um ao outro jaziam mortos em um frio abraço. Havia flechas negras espetadas em todos eles. Nem as crianças nem os idosos foram poupados. Mas o pior daquilo tudo era uma lança bem pontuda que sobressaía no topo da pilha, nela estava espetado o corpo branco de um bebê.

As lágrimas embaçaram a visão de Eragon; ele tentou desviar o olhar, mas os rostos mortos prendiam sua atenção. Fitava os olhos abertos e pensava em como a vida se esvaiu tão facilmente. Qual é o sentido da nossa existência quando acabamos dessa maneira? Uma onda de desânimo tomou conta dele.

Um corvo desceu, vindo do céu, como uma sombra preta e se empoleirou na lança. Ele jogou a cabeça para o lado e começou a examinar o corpo da criança.

– Ah, não! Nada disso! – proferiu Eragon irritado enquanto esticava seu arco e liberava a corda, produzindo um estalo. Soltando um monte de penas, o corvo caiu para trás, uma flecha saía do seu peito. Eragon preparou outra flecha no arco, mas um enjoo subiu de seu estômago e vomitou ao lado de Cadoc.

Brom deu-lhe alguns tapinhas nas costas. Quando Eragon terminou, Brom perguntou delicadamente:

– Quer esperar por mim fora de Yazuac?

– Não... eu ficarei – respondeu Eragon, trêmulo, limpando a boca. Evitou olhar novamente a cena terrível que estava diante deles. – Quem poderia ter feito... – Ele não conseguia pronunciar as palavras.

Brom inclinou a cabeça.

– Aqueles que sentem prazer na dor e no sofrimento dos outros. Têm muitos rostos e usam muitos disfarces, mas há apenas um nome para eles: maldade. Não há explicação para isso. Tudo o que podemos fazer é lamentar e honrar as vítimas.

Ele desmontou de Fogo na Neve e andou pelo local, examinando cuidadosamente os rastros no solo.

– Os Ra’zac passaram por aqui – disse lentamente. – Mas não foi obra deles. Isso foi trabalho dos Urgals, a lança foi feita por eles. Uma guarnição passou por aqui, talvez uns cem. É estranho. Sei apenas de algumas raras ocasiões em que eles se reuniram em tamanha...

Ele se ajoelhou e examinou uma das pegadas cautelosamente. Xingando, voltou correndo para Fogo na Neve e pulou para cima dele.

– Corra! – ordenou com um sussurro, dando esporadas no cavalo para andar para a frente. – Ainda há Urgals aqui!

Eragon cravou seus calcanhares em Cadoc. O cavalo deu um pulo para a frente e

correu atrás de Fogo na Neve. Passaram pelas casas em disparada e estavam quase na saída da cidade quando a palma da mão de Eragon formigou de novo. Ele viu, de relance, um movimento à sua direita, e depois um punho gigantesco atingiu-o, derrubando-o da sela. Ele voou para trás, por cima de Cadoc e caiu batendo em uma parede, mas sem soltar seu arco por puro instinto. Ofegante e abalado, cambaleante, ficou em pé, apertando o lado do corpo.

Um Urgal estava em sua frente, com um olhar malicioso no rosto. O monstro era alto, forte e mais largo do que os umbrais de uma porta. Tinha pele cinzenta e olhos suínos e amarelados. Os músculos se destacavam nos braços e no peito, que estava protegido por uma pequena placa de metal. Um capacete de metal estava sobre o par de chifres de carneiro que se enroscavam a começar de suas têmporas. E um escudo redondo estava preso em um de seus braços. Sua mão forte segurava uma espada curta e de aspecto malévolo.

Atrás dele, Eragon viu Brom puxar as rédeas de Fogo na Neve e fazer a volta, mas foi interrompido pela aparição de um segundo Urgal; este empunhava um machado.

– Corra, seu tolo! – gritou Brom para Eragon, afastando-se de seu inimigo. O Urgal na frente de Eragon rosnou e brandiu sua espada majestosamente. Eragon jogou-se para trás, gritando, quando a arma passou assoviando perto de sua bochecha. Ele virou-se e correu para o centro de Yazuac, seu coração batia freneticamente.

O Urgal o perseguiu, pesadas botas retumbavam. Eragon enviou um pedido de socorro desesperado a Saphira e tentou correr ainda mais rápido. O Urgal ganhou terreno rapidamente apesar dos esforços de Eragon; suas grandes presas eram separadas por um bramido insondável. Com o Urgal quase em cima, Eragon preparou uma flecha, virou, parou, mirou e disparou. O Urgal levantou o braço rapidamente e aparou o projétil com o seu escudo. O monstro se chocou com Eragon antes que ele pudesse atirar de novo, os dois caíram, engalfinhando-se no chão.

Eragon ficou de pé rapidamente e correu em direção a Brom, que trocava golpes com seu oponente enquanto estava montado em Fogo na Neve. Onde está o resto dos Urgals?, pensou freneticamente Eragon. Será que só há estes dois em Yazuac? Ouviu-se um estalo alto, e Fogo na Neve recuou, relinchando. Brom se curvou inconsciente sobre sua sela, o sangue corria em seu braço. O Urgal ao lado dele uivou triunfante e ergueu seu machado para dar o golpe final.

Um grito ensurdecedor saiu de Eragon quando ele mergulhou para cima do Urgal.

O monstro parou perplexo e começou a encará-lo com um ar de desdém, balançando seu machado. Eragon conseguiu esquivar-se do golpe dado com as duas mãos e feriu o lado do corpo do Urgal, produzindo sulcos ensanguentados. O rosto do monstro contorceu-se de raiva. Ele deu outro golpe, mas errou de novo, pois Eragon se atirou para o lado e correu para um beco.

Eragon concentrou-se em atrair os Urgals para longe de Brom. Esgueirou-se por uma passagem estreita entre duas casas, percebeu que era um beco sem saída e parou derrapando. Tentou voltar, mas os Urgals já haviam bloqueado a entrada. Eles avançaram, xingando-o com suas vozes roucas. Eragon virou a cabeça de um lado para o outro, procurando uma saída, mas não havia nenhuma.

Quando encarava os Urgals, imagens passavam por sua mente: aldeões mortos empilhados em volta de uma lança e um bebê inocente que nunca chegaria à idade adulta. Ao pensar no destino deles, uma força ardente, que queimava, emanou de todas as partes de seu corpo. Era mais do que o desejo por justiça. Era seu corpo inteiro rebelando-se contra a realidade da morte: ele deixaria de existir. A força aumentava cada vez mais, até que se sentiu preparado para liberar toda aquela energia contida.

Ele se pôs ereto, esticando o tronco, e todo o medo havia desaparecido. Ergueu seu arco suavemente. Os Urgals riram e levantaram seus escudos. Eragon alinhou o olho à flecha, como já havia feito centenas de vezes, e apontou-a para o alvo. A energia dentro dele ardia em um nível quase insuportável. Tinha de liberá-la ou ela iria consumi-lo. De repente, uma palavra escapou de seus lábios. Ele disparou, gritando:

– Brisingr!

A flecha sibilava no ar, brilhando com uma luz azul crepitante.

Ela atingiu o primeiro Urgal na testa, e uma explosão ressoou no ar. Uma onda de choque azul emanou da cabeça do monstro, matando o outro Urgal instantaneamente. Ela chegou a Eragon antes que ele tivesse tempo para reagir, mas passou por ele sem produzir nenhum mal, dissipando-se contra as casas.

Eragon estava em pé, ofegante, e olhou para a palma da sua mão gelada. A gedwëy ignasia brilhava como um metal branco derretido, e, enquanto olhava, ela voltou ao normal. Fechou o punho, e uma onda de cansaço tomou conta dele. Sentiu-se estranho e fraco, como se não comesse há dias. Seus joelhos bambearam, e ele sucumbiu, recostando-se em uma parede.

REPREENSÕES

Assim que um pouco de força voltou, Eragon saiu cambaleante do beco, contornando os monstros mortos. Não precisou andar muito, Cadoc logo trotava a seu lado.

– Ótimo, você não se feriu – balbuciou Eragon.

Notou, sem dar muita importância, que suas mãos tremiam violentamente e que seus movimentos estavam instáveis. Ele se sentia alheio, como se tudo o que viu tivesse acontecido com outra pessoa.

Eragon viu Fogo na Neve empinando perto de uma casa, com as narinas dilatadas e com as orelhas abaixadas, encostadas na cabeça, pronto para sair correndo. Brom ainda estava caído e imóvel na sela. Eragon fez contato mental e acalmou o cavalo. Assim que Fogo na Neve ficou calmo, Eragon aproximou-se de Brom.

Havia um corte grande, ensopado de sangue, no braço direito do velho sábio. A ferida sangrava muito, mas não era profunda nem era larga. Ainda assim, Eragon sabia que tinha de estancar o sangramento antes que Brom perdesse muito sangue. Acariciou Fogo na Neve por alguns instantes e tirou Brom da sela. O peso era grande demais para ele, e Brom caiu pesadamente no chão. Eragon ficou chocado com sua própria fraqueza.

Um grito de raiva encheu sua cabeça. Saphira apareceu mergulhando no céu e pousou violentamente à sua frente, mantendo as asas meio erguidas. Ela sibilava furiosa, seus olhos queimavam. Saphira chicoteou a cauda, e Eragon recuou quando ela estalou em cima da cabeça dele. Você está ferido?, perguntou, a raiva fervia em sua voz.

– Não – respondeu enquanto colocava Brom deitado de costas.

Ela rosnou e exclamou: Onde estão os monstros que fizeram isso? Vou fazê-los em pedaços!

Ele, de um modo que demonstrava sua exaustão, apontou para a direção do beco.

– Não vai adiantar nada, eles já estão mortos.

Você os matou?, Saphira parecia surpresa.

Ele respondeu que sim com a cabeça. – Ainda não sei como. – Com palavras sucintas, contou a ela o que aconteceu enquanto mexia em seu alforje, procurando os panos em que a Zar'roc estava embrulhada.

Saphira disse com um tom soberbo: Você cresceu.

Eragon resmungou. Ele achou um pedaço de pano comprido e, cuidadosamente, arregaçou a manga de Brom. Com alguns golpes hábeis, limpou o corte e apertou-o com o pano. Eu queria que nós ainda estivéssemos no vale Palancar, disse a Saphira. Lá, pelo menos, eu saberia que plantas usar para tratá-lo. Aqui, não tenho a menor ideia do que posso fazer para ajudá-lo. Ele pegou a espada do chão, limpou-a e colocou-a de volta na bainha, que estava na cintura de Brom.

Devemos partir, aconselhou Saphira. Pode haver mais Urgals à espreita.

Você consegue carregar Brom? A sela não vai deixá-lo cair, e você poderá protegê-lo.

Consigo, mas não vou deixá-lo sozinho.

Tudo bem, voe perto de mim, mas vamos sair daqui. Colocou a sela em Saphira e pôs os braços em volta de Brom para tentar levantá-lo, mas, novamente, suas poucas forças não permitiram que isso acontecesse. Saphira... ajude-me.

Ela passou a cabeça por cima dele e prendeu a parte de trás do manto de Brom entre seus dentes. Arqueando o pescoço, ela levantou o velho do chão, como uma gata levanta seu filhote, e colocou-o em suas costas. Depois, Eragon prendeu as pernas de Brom nas correias da sela e ajustou-as. Levantou o olhar quando o ancião gemeu e se virou.

Brom piscou por causa da vista ofuscada, colocando a mão na cabeça. Ele baixou o olhar em direção a Eragon, preocupado.

– Saphira chegou aqui a tempo?

Eragon sacudiu a cabeça.

– Explicarei tudo mais tarde. Seu braço está ferido. Fiz o melhor curativo que pude, mas você precisa de um lugar seguro para descansar.

– Isso – disse Brom, tocando seu braço com cuidado. – Você sabe onde a minha espada... Ah, já vi que você a encontrou.

Eragon terminou de ajeitar as correias.

– Saphira levará você e me seguirá pelo ar.

– Tem certeza que quer que eu monte nela? – perguntou Brom. – Posso ir montado no Fogo na Neve.

– Não com o braço ferido. Em Saphira, mesmo se você desmaiar, não cairá.

Brom concordou com a cabeça.

– Sinto-me honrado. – Ele segurou o pescoço dela com seu braço bom, e ela decolou de modo agitado, subindo alto no céu. Eragon afastou-se, depois de ser atingido pelos golpes de vento produzidos pelas asas, e voltou aos cavalos.

Amarrou Fogo na Neve atrás de Cadoc e saiu de Yazuac, voltando para a trilha e

seguindo-a em direção ao sul. O caminho levava a uma área rochosa, desviando-se para a esquerda, e continuava ao longo das margens do rio Ninor. Samambaias, musgos e arbustos pontilhavam os lados da trilha. O clima embaixo das árvores era refrescante, mas Eragon não deixou que o ar reconfortante o iludisse, passando uma falsa sensação de segurança. Ele parou rapidamente para encher os odres e deixar os cavalos beberem água. Ao olhar para baixo, viu o rastro dos Ra'zac. Pelo menos, estamos na direção certa. Saphira dava voltas no céu, tomando conta dele.

Ficou perturbado por terem visto apenas dois Urgals. Os aldeões foram mortos e Yazuac foi saqueada por um bando grande. Entretanto, onde eles estavam? Talvez os que encontramos cobriam a retaguarda ou cuidavam de uma armadilha que foi deixada para quem quisesse seguir o grupo principal.

Seus pensamentos se voltaram para como ele matou os Urgals. Uma ideia, uma revelação, foi se esgueirando lentamente em sua mente. Ele, Eragon, um menino de uma fazenda do vale Palancar, havia usado magia. Magia! Era a única palavra que podia descrever o que aconteceu. Parecia impossível, mas ele não podia negar o que tinha visto. De alguma maneira, virei um feiticeiro ou mago! Mas ele não sabia como usar seu novo poder novamente e desconhecia as limitações e os perigos que podiam existir. Como posso ter esta habilidade? Isso era comum entre os Cavaleiros? Se Brom sabia disso, por que não me contou? Ele balançou a cabeça pensativo e confuso.

Ele falou com Saphira para checar o estado de Brom e para compartilhar seus pensamentos. Ela estava tão surpresa quanto ele com relação à magia. Saphira, você consegue achar um lugar onde possamos ficar? Não posso ver o que está muito longe daqui. Enquanto ela procurava, ele continuou a acompanhar a margem do Ninor.

O chamado chegou bem na hora em que a luz do dia se esvaía. Venha. Saphira enviou para ele a imagem de uma clareira oculta pelas árvores perto do rio. Eragon virou os cavalos para a nova direção e os fez trotar. Com a ajuda de Saphira, foi fácil achar a clareira, mas era tão bem escondida que ele duvidava que alguém mais soubesse de sua existência.

Uma pequena fogueira, que não produzia muita fumaça, já estava acesa quando ele entrou na clareira. Brom estava sentado próximo a ela, cuidando de seu braço, que mantinha em um ângulo estranho. Saphira estava deitada do lado dele, seu corpo estava tenso. Ela olhou seriamente para Eragon e perguntou: Você tem certeza de que não está ferido?

Pelo menos, no lado de fora... mas não tenho tanta certeza quanto ao resto de

mim.

Eu devia ter chegado antes.

Não se culpe. Todos nós cometemos erros hoje. O meu foi não ter ficado perto de você. A gratidão dela pelo comentário ficou evidente naquele momento. Ele olhou para Brom.

– Como você está?

O ancião olhou para o braço.

– É um arranhão grande e dói terrivelmente, mas deve sarar rápido. Preciso de uma atadura limpa, esta não durou tanto quanto eu esperava.

Ferveram água para lavar a ferida de Brom, que depois amarrou um trapo limpo em seu braço e disse:

– Preciso comer. E você também parece estar com fome. Vamos comer primeiro, conversaremos depois.

Quando a barriga deles estava cheia e aquecida, Brom acendeu o cachimbo.

– Bem, acho que chegou a hora de você me contar o que se passou enquanto eu estava inconsciente. Estou muito curioso. – O rosto refletia a luz crepitante do fogo, e suas espessas sobrancelhas projetavam-se, demonstrando curiosidade.

Eragon apertou suas mãos nervosamente e contou a história sem acrescentar nenhum encanto. Brom ficou em silêncio o tempo todo, o rosto trazia uma expressão enigmática. Quando Eragon terminou, Brom olhou para o chão. Durante um longo tempo, o único som que se ouvia era o crepitar do fogo. Até que, finalmente, Brom se mexeu.

– Você já usou esse poder antes?

– Não. Você sabe alguma coisa sobre ele?

– Um pouco. – Brom tinha uma expressão pensativa no rosto. – Parece que estou em dívida com você por ter salvado a minha vida. Espero poder retribuir o favor algum dia. Você devia se orgulhar; poucos escaparam ilesos depois de enfrentar seu primeiro Urgal. Mas o modo como você fez isso foi muito perigoso. Poderia ter destruído a si mesmo e a cidade inteira.

– Eu não tive escolha – defendeu-se Eragon. – Os Urgals estavam quase em cima de mim. Se eu tivesse esperado, eles teriam me feito em pedaços!

Brom mordeu com força o tubo do cachimbo, deixando nele a marca dos seus dentes.

– Você não tinha a menor ideia do que estava fazendo.

– Então, me diga o que fiz – desafiou Eragon. – Vivo procurando respostas para esse mistério, mas nada faz o menor sentido. O que aconteceu? Como eu poderia

ter usado magia? Nunca ninguém me ensinou ou me mostrou como fazer um encanto.

Os olhos de Brom faiscaram.

– Isso não é algo que você deveria aprender, muito menos usar!

– Bem, eu já usei e pode ser que precise usar de novo em uma luta. Mas não poderei fazer se você não me ajudar. O que há de errado? Há algum segredo que não devo saber até ser velho e sábio? Ou será que você não sabe nada sobre magia?

– Rapaz! – urrou Brom. – Você exige respostas com uma insolência que raramente é vista. Se você soubesse o que está pedindo, não teria tanta pressa em perguntar. Não me provoque. – Ele fez uma pausa, depois relaxou, adotando um semblante mais gentil. – O conhecimento que você almeja é mais complexo do que a sua capacidade de compreendê-lo.

Eragon protestou exaltado:

– Sinto como se tivesse sido jogado em um mundo cheio de regras estranhas que ninguém consegue explicar.

– Entendo – disse Brom. Ele pegou um pedaço de grama e começou a brincar. – Já está tarde e devemos dormir, mas direi algumas coisas para que você pare de me perturbar. Esta magia, pois é magia mesmo, tem suas regras como tudo no mundo. Se você desobedecer às regras, o castigo é a morte, sem exceção. Seus atos são limitados pela sua força, pelas palavras que você sabe e pela sua imaginação.

– O que quer dizer com palavras?

– Mais perguntas! – gritou Brom. – Por um instante, pensei que você não tinha mais nenhuma pergunta em mente. Mas fez bem ao perguntar. Quando atirou nos Urgals, você não disse alguma coisa?

– Disse brisingr. – O fogo aumentou e um calafrio correu pelo corpo de Eragon. Algo naquela palavra o fez sentir-se incrivelmente vivo.

– Foi o que pensei. Brisingr vem de uma língua antiga que todas as coisas viventes falavam. Contudo, ela foi esquecida com o passar do tempo e ficou sem ser falada durante um longo período em Alagaësia, até que os elfos levaram-na de volta para o mar. Eles a ensinaram a outras raças, que a usaram para fazer coisas poderosas. A língua tem um nome para cada coisa, se você conseguir achar.

– Mas o que isso tem a ver com magia? – interrompeu Eragon.

– Tudo! Isso é a base de todo poder. A língua descreve a natureza verdadeira das coisas e não o aspecto superficial que todos veem. Por exemplo, o fogo se

chama brisingr. Esse não é apenas um nome para o fogo, este é o nome do fogo. Se você tiver força o bastante, pode usar brisingr para que o fogo faça o que você quiser. E foi o que aconteceu hoje.

Eragon pensou durante um momento.

– Por que o fogo era azul? Como ele fez exatamente o que eu queria, se tudo o que falei foi fogo?

– A cor varia de pessoa para pessoa. Depende de quem diga a palavra. Quanto a por que ele fez o que você queria, tudo é uma questão de prática. A maioria dos iniciantes tem de dizer exatamente o que querem que aconteça. Ao ganharem mais experiência, isso não se torna tão necessário. Um verdadeiro mestre poderia dizer apenas água e criar algo completamente diferente, como uma pedra preciosa. Você não seria capaz de entender, mas o mestre teria visto a ligação entre a água e a pedra e feito disso o ponto central do seu poder. A prática é mais uma arte do que qualquer outra coisa. Você fez algo extremamente difícil.

Saphira interrompeu os pensamentos de Eragon: Brom é um mágico! É por isso que ele conseguiu acender a fogueira na planície. Além de saber tudo sobre magia, ele também é capaz de fazê-la!

Eragon arregalou os olhos. Você tem razão!

Pergunte sobre o poder dele, mas tenha cuidado com o que vai dizer. Não é prudente implicar com quem tem tais habilidades. Se ele for um mago ou feiticeiro, quem sabe quais motivos o levaram a passar a viver em Carvahall?

Eragon manteve isso em mente quando disse com cautela:

– Saphira e eu percebemos uma coisa. Você pode fazer magia, não é? É por isso que você conseguiu acender a fogueira no nosso primeiro dia na planície.

Brom inclinou a sua cabeça levemente.

– Sou perito até certo nível.

– Então, por que não a usou para lutar com os Urgals? De fato, posso citar várias ocasiões em que ela teria sido útil. Você poderia ter nos protegido na tempestade e evitado que a poeira caísse em nossos olhos.

Depois de reabastecer seu cachimbo, Brom disse:

– Por alguns motivos simples, na verdade. Eu não sou um Cavaleiro, o que significa que, até quando você está mais fraco, é mais forte do que eu. E já não sou mais jovem, não sou tão forte quanto costumava ser. Está ficando cada vez mais difícil usar magia.

Eragon baixou o olhar, envergonhado.

– Sinto muito.

– Não sinta – disse Brom enquanto movia o braço. – Isso acontece com todo mundo.

– Onde você aprendeu a usar magia?

– Este fato eu guardarei para mim mesmo... É suficiente dizer que foi em uma área isolada e com um professor muito bom. Posso, no mínimo, repassar o que ele me ensinou. – Brom apagou o cachimbo com uma pedrinha. – Sei que você tem mais perguntas, e vou responder a elas, mas precisa esperar pelo amanhecer.

Ele se inclinou para a frente, seus olhos brilhavam.

– Até lá, falarei algo para desencorajar quaisquer experiências: a magia consome tanta energia quanto usar seus braços e costas. Foi por isso que você se sentiu exausto depois de destruir os Urgals. E foi por isso que fiquei zangado. Você correu um risco enorme. Se a magia tivesse usado mais energia do que havia em seu corpo, ela o teria matado. Só devemos usar magia para as tarefas que não podem ser realizadas de um modo mundano.

– Como saber se um feitiço usará toda a sua energia? – perguntou Eragon assustado.

Brom ergueu as mãos.

– Na maioria das vezes, não sabemos. É por isso que os mágicos precisam conhecer bem seus limites e, mesmo assim, devem ter muito cuidado. Uma vez que você se comprometa a fazer uma magia, não é possível revertê-la, mesmo que possa matá-lo. Isto é um aviso: não tente fazer nada até ter aprendido mais. Agora, basta por esta noite.

Enquanto eles esticavam seus cobertores, Saphira comentou com satisfação: Estamos ficando mais fortes, Eragon, nós dois. Logo, ninguém poderá ficar em nosso caminho.

É, mas qual caminho vamos escolher?

O caminho que quisermos, respondeu ela presunçosamente, preparando-se para dormir.

A MAGIA É UMA COISA MUITO SIMPLES

– Por que você acha que aqueles dois Urgals ainda estavam em Yazuac? – perguntou Eragon depois que eles estavam na trilha já há algum tempo. – Não parece que havia nenhum motivo para que tivessem ficado para trás.

– Suspeito que tenham abandonado o grupo principal para saquearem a cidade. O que acho mais estranho em tudo isso, pelo que sei, é que os Urgals se uniram para atacar em conjunto apenas duas ou três vezes na história. É perturbador estarem fazendo isso agora.

– Você acha que os Ra'zac provocaram o ataque?

– Não sei. O melhor que podemos fazer é afastar-nos de Yazuac o mais depressa que pudermos. Além disso, estamos na direção que os Ra'zac tomaram: sul.

Eragon concordou.

– Mas ainda precisamos de provisões. Há outra cidade por perto?

Brom balançou a cabeça.

– Não, mas Saphira pode caçar para nós se precisarmos comer apenas carne para sobreviver. Este bosque pode parecer pequeno para você, mas há muitos animais nele. O rio é a única fonte de água em um raio de vários quilômetros, então a maioria dos animais da planície vem aqui para beber. Não passaremos fome.

Eragon permaneceu em silêncio, satisfeito com a resposta de Brom. Conforme eles cavalgavam, pássaros barulhentos passavam voando rapidamente em volta deles, e o rio corria pacificamente. Era um lugar ruidoso, cheio de vida e energia. Eragon perguntou:

– Como aquele Urgal pegou você? As coisas aconteceram tão rápido e eu não vi nada.

– Foi falta de sorte – resmungou Brom. – Ele não era páreo para mim, então deu um chute no Fogo na Neve. O imbecil do cavalo recuou e me desequilibrou. Era tudo que aquele Urgal precisava para me dar este corte. – Ele coçou o queixo. – Suponho que ainda esteja pensando sobre a magia. O fato de tê-la descoberto lhe apresentou um problema delicado. Poucos sabem, mas todos os Cavaleiros podiam usar magia, embora cada um tivesse um poder diferente. Eles mantinham essa habilidade em segredo, mesmo no auge de seu poder, pois lhes dava uma vantagem sobre o inimigo. Se todos tivessem sabido, teria sido difícil lidar com as pessoas comuns. Muitos acham que os poderes mágicos do rei vêm do fato de ele

ser um bruxo ou feiticeiro. Não é verdade. Ele faz magia porque é um Cavaleiro.

– Qual é a diferença? O fato de eu ter feito magia não faz de mim um feiticeiro?

– É claro que não! Um feiticeiro, como um Espectro, usa espíritos para realizar os seus desejos. É algo completamente diferente do seu poder. E também não faz de você um mágico, cujos poderes surgem sem a ajuda de espíritos ou de dragões. E você, com certeza, também não é um bruxo ou um mago, que consegue poder ao fazer poções e encantos. E isso me leva ao ponto de partida: o problema que você arranjou. Jovens Cavaleiros, como você, passavam por um treinamento rigoroso para fortalecer o corpo e aprimorar o controle mental. Isso se estendia durante vários meses, ocasionalmente anos, até que os Cavaleiros tivessem responsabilidade bastante para lidar com a magia. Até lá, não se revelava aos alunos o potencial de seus poderes. Se um deles descobrisse a magia por acidente, ele ou ela era separado do grupo para receber um treinamento particular. Era raro alguém descobrir a magia sozinho. – Ele inclinou a cabeça em direção a Eragon. – Contudo, eles nunca sofreram a mesma pressão que você sofreu.

– Então, quando eles, finalmente, eram treinados para usar a magia? – perguntou Eragon. – Não vejo como você poderia ensinar isso a alguém. Se tentasse me explicar isso há dois dias, nada faria o menor sentido.

– Os alunos deveriam fazer vários exercícios tolos que visavam apenas frustrá-los. Por exemplo: recebiam a ordem de deslocar pilhas de pedras usando apenas os pés, como também encher barris de drenagem com água e outras coisas impossíveis. Depois de um tempo, eles ficavam com raiva o bastante para usar a magia. Na maior parte das vezes, isso dava certo.

"O que isso significa é que você estará em desvantagem se, um dia, encontrar um inimigo que tenha recebido esse treinamento. Ainda há alguns inimigos velhos que estão bem vivos; o rei é um deles, sem falar nos elfos. Qualquer um deles poderia acabar com você facilmente."

– Então, o que posso fazer?

– Não temos tempo para uma instrução formal, mas podemos fazer muita coisa enquanto viajamos – informou Brom. – Conheço muitas técnicas que você pode praticar e que lhe darão força e controle, mas você não pode obter a disciplina que os Cavaleiros tinham da noite para o dia. Você – ele olhou para Eragon jocosamente – terá de acumular todo esse conhecimento durante a nossa viagem. Será difícil no começo, mas as recompensas serão grandes. Acho que vai deixá-lo satisfeito saber que nenhum Cavaleiro na sua idade conseguiu usar magia do modo como você usou ontem contra aqueles dois Urgals.

Eragon sorriu com o elogio.

– Obrigado. Esta língua tem um nome?

Brom riu.

– Tem, mas ninguém sabe. Seria uma palavra de um poder incrível, algo com o qual você poderia controlar a língua inteira e todos que a usassem. As pessoas procuram por ela há muito tempo, mas ninguém a encontrou.

– Ainda não entendo como esta magia funciona – disse Eragon. – Como vou usá-la, exatamente?

Brom ficou surpreso.

– Já não deixei isso claro?

– Não.

Brom respirou fundo e disse:

– Para usar a magia, a pessoa precisa ter um poder inato, o que está cada vez mais raro nos dias de hoje. Você também tem a capacidade de convocar este poder à vontade. Uma vez que o tenha convocado, você deve usá-lo ou liberá-lo. Entendeu? Bem, se quiser utilizar esse poder, deve pronunciar a palavra ou frase da linguagem antiga que descreva a sua intenção. Por exemplo: se você não tivesse dito brisingr ontem, nada teria acontecido.

– Então, sou limitado pelo meu conhecimento dessa linguagem?

– Exatamente – exclamou Brom. – E também, enquanto a estiver falando, é impossível mentir.

Eragon balançou a cabeça.

– Impossível. As pessoas sempre mentem. Os sons das palavras antigas não podem evitar que uma pessoa minta.

Brom ergueu uma sobrancelha e disse:

– Fethrblaka, eka weohnata néiat haina ono. Blaka eom iet lam.

De repente, um pássaro voou rapidamente de um galho e pousou na mão dele. Ele cantou alegremente e olhou para eles com seus olhos grandes. Depois de um instante, Brom disse:

– Eitha. – E o passarinho saiu voando.

– Como você fez isso? – perguntou Eragon espantado.

– Prometi não lhe fazer mal. Ele pode não saber exatamente o que falei, mas na linguagem do poder, o significado das minhas palavras estavam evidentes. O pássaro acreditou em mim porque sabe o que todos os animais sabem: aqueles que falam nessa língua estão presos à sua palavra.

– E os elfos falam essa língua?

– Falam.

– Então, eles nunca mentem?

– Não é bem assim – admitiu Brom. – Eles afirmam que não mentem, e de certa forma isso é verdade, mas eles aperfeiçoaram a arte de dizer uma coisa que significa outra. Nunca sabemos exatamente qual é a intenção deles ou se compreendemos o que falaram. Muitas vezes, revelam apenas parte da verdade e ocultam o resto. Só uma mente refinada e sutil pode lidar bem com a cultura deles.

Eragon ponderou sobre isso.

– O que os nomes próprios significam nessa língua? Eles dão poder sobre as pessoas?

Os olhos de Brom brilharam em sinal de aprovação.

– É claro. Aqueles que falam essa língua têm dois nomes. O primeiro é para ser usado no dia a dia e tem pouca autoridade. Mas o segundo é o nome verdadeiro e só é compartilhado com algumas pessoas de confiança. Houve uma época em que ninguém escondia seu nome verdadeiro, mas não vivemos em tempos melhores do que aqueles. Quem conhecer o seu nome verdadeiro terá um poder enorme sobre você. É como pôr a sua vida nas mãos de outra pessoa. Todo mundo tem um nome oculto, mas poucos o conhecem.

– Como descobrimos nosso nome verdadeiro?

– Os elfos sabem os deles instintivamente. Ninguém mais tem esse dom. Os Cavaleiros humanos, geralmente, faziam expedições para descobri-lo, ou achavam um elfo que lhes pudesse dizer, o que era raro, pois os elfos não repassam esse dom gratuitamente – respondeu Brom.

– Eu gostaria de saber o meu – disse Eragon desejosamente.

A expressão do rosto de Brom se fechou.

– Tenha cuidado. Pode ser um conhecimento terrível. Saber quem você é, sem qualquer ilusão ou piedade, é um momento de revelação do qual ninguém sai ileso. Algumas pessoas ficaram loucas por causa dessa realidade absoluta. A maioria tenta esquecer. Assim como o nome pode dar poder aos outros, você também poderá ganhar poder sobre si mesmo, se a verdade não acabar com você.

E tenho certeza de que isso não aconteceria, afirmou Saphira.

– Ainda assim, quero saber – insistiu Eragon, determinado.

– Você não é dissuadido facilmente. Isso é bom, pois só os determinados descobrem sua identidade, mas não posso ajudá-lo. É uma busca que você terá de realizar sozinho. – Brom mexeu seu braço ferido e fez uma cara feia por causa do desconforto.

– Por que você, ou eu, não se cura usando a magia? – interrogou Eragon.

Brom piscou o olho.

– Por nenhum motivo. Eu nunca pensei nisso, pois está além das minhas forças. Você, talvez, seria capaz de fazer isso com a palavra certa, mas não quero que se canse.

– Eu poderia livrá-lo de muitos problemas e de muita dor – protestou Eragon.

– Vou superar isso – disse Brom categoricamente. – Usar magia para curar uma ferida gasta tanta energia quanto gastaria se ela fosse cicatrizar sozinha. Não quero que fique cansado nos próximos dias. Você não deveria tentar realizar uma tarefa tão difícil assim ainda.

– Bem, se eu poderia curar o seu braço, será que poderia ressuscitar os mortos?

A pergunta surpreendeu Brom, mas ele respondeu rapidamente:

– Lembra-se do que falei sobre alguns projetos que poderiam matar você? Este é um deles. Os Cavaleiros foram proibidos de tentar ressuscitar os mortos, por causa de sua própria segurança. Há um abismo além da vida onde a magia não significa nada. Basta cair nele para que toda a sua força se esgote, e sua alma desaparecerá na escuridão. Magos, feiticeiros e Cavaleiros, todos falharam e morreram naquele portal. Atenha-se ao que é possível, cortes, machucados e, talvez, alguns ossos quebrados, mas, sem dúvida, fique longe dos mortos.

Eragon franziu o rosto.

– Isso é muito mais complexo do que eu pensava.

– Exatamente! – exclamou Brom. – Se você não entender o que estiver fazendo, fará algo grande demais e morrerá. – Ele virou-se na sela e inclinou-se para baixo, pegando um punhado de seixos no chão. Fazendo um certo esforço, ajeitou-se e jogou todas as pedrinhas fora, menos uma. – Está vendo esta pedra?

– Estou.

– Pegue-a. – Eragon a pegou e olhou fixamente para aquela massa desinteressante. Era bem preta, lisa e do tamanho da ponta de seu polegar. Havia inúmeras pedras como aquela na trilha. – Este será o seu treinamento.

Eragon olhou de volta para ele, confuso.

– Não entendo.

– É claro que não – impacientou-se Brom. – É por isso que estou ensinando você e não o contrário. Agora, pare de falar ou não chegaremos a lugar algum. Quero que você tente o seguinte: faça a pedra levitar na palma da sua mão e mantenha-a no ar o máximo que puder. As palavras que você usará serão stenr reisa. Diga-as.

– Stenr reisa.

– Muito bem. Tente.

Eragon concentrou-se, de mau humor, na pedra, buscando em sua mente um resquício qualquer da energia que ardeu dentro dele um dia antes. A pedra ficou imóvel enquanto ele olhava fixamente para ela, suando e frustrado. Como conseguirei fazer isso? Finalmente, ele cruzou os braços e disparou:

– É impossível.

– Não – disse Brom rispidamente. – Eu digo o que é impossível ou não. Lute pelo que quer! Não desista tão fácil. Tente novamente.

Franzindo o rosto, Eragon fechou os olhos, deixando de lado todos os pensamentos que o distraíam. Respirou fundo e explorou os limites mais distantes da sua consciência, tentando achar onde o poder dele habitava. Procurando, encontrou apenas pensamentos e lembranças, até que sentiu algo diferente: uma pequena região que era parte dele e que, ao mesmo tempo, não era. Animado, ele entrou, tentando ver o que ela guardava.

Sentiu resistência, uma barreira em sua mente, mas sabia que o poder estava no outro lado. Tentou violá-la, mas ela resistiu a seus esforços. Com mais raiva, Eragon lançou-se contra aquela barreira, empurrou-a com toda a sua força, até que ela se estilhaçasse como um fino painel de vidro, inundando sua mente com um rio de luz.

– Stenr reisa – sussurrou.

O seixo oscilou no ar acima da palma de sua mão, que brilhava fracamente. Esforçou-se para mantê-lo no ar, mas o poder escapou e esvaiu-se para trás da barreira. A pedrinha caiu em sua mão produzindo um baque bem suave, e a palma voltou à normalidade. Sentiu-se um pouco cansado, mas sorriu por causa de seu sucesso.

– Nada mal para a primeira vez – avaliou Brom.

– Por que a minha mão fica daquele jeito? Parece uma pequena lanterna.

– Ninguém sabe ao certo – admitiu Brom. – Os Cavaleiros sempre preferiam canalizar seu poder para a mão que continha a gedwëy ignasia. Você pode usar a outra mão, mas não é tão fácil. – Ele olhou para Eragon durante um instante. – Comprarei luvas para você na próxima cidade, se não estiver destruída. Você consegue esconder essa marca muito bem, mas não queremos que ninguém a veja por acaso. Além disso, poderá haver situações em que não desejará alertar o inimigo.

– Você também tem essa marca?

– Não. Só os Cavaleiros as têm – esclareceu Brom. – E também você deve saber

que a magia é afetada pela distância, como uma flecha ou uma lança. Se tentar levantar ou mover algo que esteja a mais de um quilômetro, isso exigirá mais energia do que se estivesse perto. Então, se vir inimigos se aproximando a mais de um quilômetro de distância, espere até eles chegarem mais perto antes de usar a magia. Agora, de volta ao trabalho! Tente levantar a pedrinha de novo.

– De novo? – perguntou Eragon desanimado por lembrar de todo o esforço que teve de fazer para levantá-la apenas uma vez.

– É! E, desta vez, que seja mais rápido.

Continuaram a fazer os exercícios durante a maior parte do dia. Quando Eragon finalmente parou, estava cansado e mal-humorado. Durante aquelas horas, odiou a pedrinha e tudo relacionado a ela. Ele já ia atirá-la longe quando Brom disse:

– Não faça isso. Guarde-a. – Eragon olhou fixamente para ele e, relutante, enfiou a pedra em um bolso.

– Ainda não terminamos – alertou-o Brom. – Então, não relaxe.

Ele apontou para uma pequena planta.

– Isto se chama delois. – A partir daí, começou a ensinar a língua antiga a Eragon, dando palavras para ele decorar, desde vöndr, um galho fino e reto, até estrela da manhã, Aiedail.

Naquela noite, treinaram esgrima em volta da fogueira. Embora Brom tenha lutado com a mão esquerda, sua habilidade não diminuiu.

Os dias seguiam um mesmo padrão. Primeiro, Eragon se esforçava muito para aprender as palavras antigas e para manipular a pedrinha. Depois, à noite, ele lutava com Brom usando as espadas improvisadas. Eragon sentia um desconforto constante, mas começou a mudar gradualmente, quase sem notar. Logo, a pedrinha deixou de vacilar quando ele a fazia levitar. Ao conseguir dominar os primeiros exercícios, Brom começou a passar outros mais difíceis, e seu conhecimento sobre a língua antiga aumentou.

Nos treinos de espada, Eragon ganhou segurança e velocidade, atacando como uma cobra. Seus golpes tornaram-se mais fortes, e o braço não tremia mais quando repelia os ataques. Os combates duravam mais tempo conforme ele aprendia a se defender dos golpes de Brom. Agora, quando iam dormir, Eragon não era o único com hematomas.

Saphira também continuou a crescer, porém mais lentamente do que antes. Seus voos demorados, juntamente com as caçadas periódicas, mantinham-na em forma e saudável. Ela agora estava mais alta do que os cavalos e muito mais comprida. Devido ao tamanho e por causa do modo como suas escamas brilhavam, era

extremamente visível. Brom e Eragon preocupavam-se com isso, mas não conseguiram convencê-la a se deixar sujar de terra para ocultar o seu brilho.

Continuaram seguindo em direção ao sul, atrás dos Ra'zac. Eragon ficava frustrado, pois não importava a velocidade que eles imprimiam, os monstros sempre ficavam alguns dias à frente. Às vezes, ele estava a ponto de desistir, mas, quando achavam algum rastro ou pegada, seu ânimo era renovado.

Não havia sinal de qualquer habitação ao longo do Ninor ou na planície, deixando os três companheiros imperturbáveis ao passar dos dias. Finalmente eles se aproximaram de Daret, o primeiro vilarejo desde Yazuac.

Na noite anterior à chegada ao vilarejo, os sonhos de Eragon foram particularmente realistas.

Ele viu Garrow e Roran em casa, sentados na cozinha destruída. Eles pediram a ele ajuda para reconstruir a fazenda, mas ele simplesmente balançou a cabeça, sentindo uma pontada no coração.

– Estou perseguindo seus assassinos – sussurrou para o tio.

Garrow olhou para ele desconfiado e perguntou:

– Por acaso, eu pareço estar morto?

– Não posso ajudá-lo – murmurou Eragon, sentindo as lágrimas em seus olhos.

De repente, houve um estrondo, e Garrow se transformou em um Ra'zac.

– Então, morra – eles sussurraram e pularam para cima de Eragon.

Ele acordou sentindo-se mal e ficou observando as estrelas no céu.

Tudo vai dar certo, pequenino, disse Saphira gentilmente.

DARET

Daret ficava às margens do rio Ninor, e tinha de ser assim para que o lugar sobrevivesse. O vilarejo era pequeno e de aspecto selvagem, sem revelar nenhum sinal de seus habitantes. Eragon e Brom aproximaram-se com extremo cuidado. Saphira escondeu-se perto da cidade desta vez: se surgisse algum problema, ela estaria ao lado deles em poucos segundos.

Entraram em Daret montados em seus cavalos, esforçando-se para fazer silêncio. Brom segurou a espada com sua mão saudável, seus olhos examinavam todos os lugares. Eragon manteve seu arco parcialmente puxado quando eles passavam pelas casas silenciosas, olhando apreensivo para cada uma delas. Isto não está me cheirando bem, disse Eragon para Saphira. Ela não respondeu, mas ele sentiu que se preparava para ir correndo até eles. Ele olhou para o chão e ficou mais tranquilo quando viu pegadas de crianças. Mas onde elas estavam?

Brom ficou tenso quando chegaram ao centro de Daret e viram o local vazio. O vento soprava na cidade erma, e pequenos redemoinhos de poeira passavam esporadicamente. Brom fez Fogo na Neve mudar de direção.

– Vamos sair daqui. Não estou gostando deste clima. – Usando as esporas, fez Fogo na Neve iniciar um galope. Eragon o seguiu, fazendo Cadoc ir avante.

Deram apenas alguns passos até que várias carroças saíram de trás das casas, bloqueando o caminho. Cadoc bufou e fincou seus cascos no chão, indo parar ao lado de Fogo na Neve. Um homem moreno pulou por cima da carroça ficando em pé na frente deles. Havia uma grande espada pendurada em sua cintura e um arco retesado em suas mãos. Eragon ergueu seu próprio arco e apontou para o estranho, que ordenou:

– Alto! Abaixem as armas! Vocês estão cercados por sessenta arqueiros. Eles atirarão se vocês se mexerem.

Como se aquilo fosse uma ordem, uma coluna de homens se formou nos telhados das casas que os rodeavam.

Fique longe, Saphira!, gritou Eragon. Há muitos deles. Se aparecer, vão atirar em você ainda no céu. Fique longe! Ela ouviu, mas ele não tinha certeza se ela iria obedecer. Preparou-se para usar magia. Eu terei de deter as flechas antes que elas atinjam a mim ou a Brom.

– O que vocês querem? – perguntou Brom calmamente.

– Por que vieram aqui? – inquiriu o homem.

– Para comprar suprimentos e saber das notícias. Nada mais. Estamos a caminho

da casa do meu primo em Dras-Leona.

– Vocês estão fortemente armados.

– Vocês também – disse Brom. – Estamos vivendo tempos perigosos.

– De fato. – O homem olhou para eles cuidadosamente. – Não acho que queiram nos fazer mal, mas tivemos encontros demais com os Urgals e com vários bandidos para eu poder confiar apenas na sua palavra.

– Se o que falamos não vale nada, o que acontecerá agora? – contestou Brom. Os homens em cima das casas não se mexeram. Devido à imobilidade deles, Eragon estava certo de que eram extremamente disciplinados ou que estavam mortos de medo. Ele esperava que a última alternativa fosse a correta.

– Vocês dizem que querem apenas comprar suprimentos. Então, concordam em ficar aqui enquanto pegamos o que precisam, em pagar e partir imediatamente?

– Concordamos.

– Tudo bem – disse o homem, abaixando o arco, embora o mantivesse esticado. Ele fez um sinal para um dos arqueiros, que desceu até o chão e correu. – Digam a ele o que precisam.

Brom ditou uma pequena lista e acrescentou:

– E se você tiver um par de luvas que caibam no meu sobrinho, eu também gostaria de comprá-las. – O arqueiro consentiu com a cabeça e correu.

– Meu nome é Trevor – disse o homem que estava na frente deles. – Normalmente, eu apertaria a mão de vocês, mas sob essas circunstâncias, não me aproximarei. Diga, de onde você vem?

– Do norte – respondeu Brom. – Mas não vivi em lugar nenhum tempo o bastante para chamá-lo de lar. Os Urgals são os responsáveis por vocês tomarem essa medida?

– São – respondeu Trevor. – E outros inimigos piores. Vocês têm alguma notícia sobre as outras cidades? Raramente, sabemos das novidades sobre elas, mas ouvimos rumores de que também estão cercadas por suas tropas.

Brom ficou com uma expressão pesarosa no rosto.

– Eu não queria ser o arauto dessas notícias. Há quase duas semanas, passamos por Yazuac e a encontramos saqueada. Os aldeões foram mortos e empilhados. Nós tentaríamos dar a eles um enterro decente, mas fomos atacados por dois Urgals.

Chocado, Trevor deu um passo atrás e olhou para baixo, com lágrimas nos olhos.

– Infelizmente, este é de fato um dia triste. Ainda assim, não sei como dois Urgals poderiam dizimar toda a população de Yazuac. O povo de lá lutava bem,

alguns eram meus amigos.

– Havia sinais de que um bando de Urgals atacou a cidade – explicou Brom. – Acho que os que encontramos eram desertores.

– Qual era o tamanho do grupo?

Brom mexeu em seu alforje durante um instante.

– Grande o bastante para aniquilar a cidade, mas pequeno o suficiente para não ser notado ao se deslocar pelo campo. Não deviam ser mais de cem ou menos do que cinquenta. Se não estou enganado, tal número seria fatal para vocês. – Trevor concordou, preocupado. – Vocês deviam considerar a possibilidade de deixar a cidade – continuou Brom. – Esta área tornou-se perigosa demais para qualquer pessoa viver em paz.

– Eu sei, mas o povo daqui se recusa a mudar. Aqui é o lar deles; é meu lar também, embora eu viva aqui há apenas alguns anos; e eles põem o valor do local acima da vida. – Trevor olhou para Brom com seriedade. – Já expulsamos Urgals que vieram sozinhos, e isso deu ao povo uma confiança maior do que as habilidades deles. Temo que acordaremos um dia com a garganta cortada.

O arqueiro saiu correndo de uma casa com uma pilha de suprimentos nos braços. Ele pôs tudo perto dos cavalos, e Brom pagou a ele. Conforme o homem se afastava, Brom perguntou:

– Por que escolheram você para defender Daret?

Trevor deu de ombros.

– Eu servi no exército do rei durante alguns anos.

Brom examinou os itens, deu o par de luvas a Eragon e pôs o resto dos suprimentos em seus alforjes.

Eragon calçou as luvas, tendo o cuidado de deixar a palma virada para baixo, e flexionou as mãos. O couro era confortável e forte, embora estivesse gasto devido ao uso.

– Bem – disse Brom –, conforme prometemos, partiremos agora.

Trevor concordou com a cabeça.

– Quando chegarem a Dras-Leona, podem nos fazer um favor? Alertem o Império quanto ao nosso problema e das outras cidades. Se os relatos sobre esses fatos não chegaram ao rei até agora, este será mais um motivo para nos preocuparmos. Se chegaram, porém ele escolheu não fazer nada, isto também é causa de preocupação.

– Passaremos o seu recado. Que as suas espadas permaneçam afiadas – desejou Brom.

– E as suas.

As carroças foram tiradas do caminho, e eles saíram de Daret, indo acompanhar as árvores que margeavam o rio Ninor. Eragon enviou seus pensamentos para Saphira: Estamos voltando. Tudo acabou bem. A única resposta dela foi passar seus sentimentos de raiva contida.

Brom puxou a sua barba.

– O Império está em piores condições do que imaginei. Quando os mercadores visitaram Carvahall, passaram relatos de intranquilidade, mas nunca pensei que tal sentimento houvesse se espalhado tanto. Com todos esses Urgals por perto, parece que o próprio Império está sendo atacado, embora nenhuma tropa ou soldados tenham sido enviados. É como se o rei não quisesse defender seus domínios.

– Isso é estranho – concordou Eragon.

Brom se abaixou ao passar por um galho baixo.

– Você usou algum de seus poderes enquanto estávamos em Daret?

– Não havia motivo para isso.

– Errado – corrigiu-o Brom. – Você poderia ter pressentido as intenções de Trevor. Mesmo com as minhas habilidades limitadas, fui capaz de fazer isso. Se os aldeões tivessem a intenção de nos matar, eu não ficaria parado daquele jeito. Contudo, senti que havia uma grande chance de sairmos de lá argumentando com eles, e foi o que fiz.

– Como eu poderia saber o que Trevor estava pensando? – perguntou Eragon. – Devo ser capaz de ver dentro da mente das pessoas?

– Ora, ora – repreendeu Brom. – A esta altura, você já devia saber a resposta para esta pergunta. Poderia ter descoberto a intenção de Trevor da mesma maneira como se comunica com Cadoc ou Saphira. A mente dos homens não é muito diferente da mente de um dragão ou de um cavalo. É algo simples de se fazer, mas é um poder que deve ser usado raramente e com grande cautela. A mente de uma pessoa é o seu último santuário. Você nunca deve violá-la a não ser que as circunstâncias forcem-no a fazer tal coisa. Os Cavaleiros tinham regras muito rígidas quanto a isso. Se elas fossem desrespeitadas sem uma causa justa, a punição era severa.

– E você é capaz de fazer isso mesmo não sendo um Cavaleiro? – perguntou Eragon.

– Como já disse antes, com a instrução adequada, qualquer pessoa pode se comunicar mentalmente, mas com diferentes níveis de aproveitamento. Se isso é magia, é difícil dizer. Habilidades mágicas, certamente, despertarão este talento,

ou estabelecer alguma ligação com um dragão, mas conheci muitas pessoas que aprenderam a fazer isso sozinhas. Pense bem: você pode se comunicar com qualquer ser sensitivo, embora o contato nem sempre seja bem claro. Você poderia passar o dia inteiro ouvindo os pensamentos de um pássaro ou analisando como uma minhoca se sente durante uma tempestade. Mas eu nunca achei os pássaros muito interessantes. Sugiro que comece com um gato. Eles têm personalidades incomuns.

Eragon apertou as rédeas de Cadoc nas mãos, considerando as implicações do que Brom havia dito.

– Mas se posso entrar na mente de uma pessoa, isso não significa que podem fazer o mesmo comigo? Como posso saber se há alguém invadindo a minha mente? Há uma maneira de evitar isso? – Como posso saber se Brom pode dizer em que estou pensando neste momento?

– Há, sim. Saphira já bloqueou o acesso à mente dela?

– Ocasionalmente – admitiu Eragon. – Quando Saphira me levou para a Espinha, eu não conseguia falar com ela. Não é que estivesse me ignorando, acho que ela não podia me ouvir. Havia muralhas em volta da mente dela impedindo o meu acesso.

Brom mexeu em sua atadura durante alguns instantes, posicionando-a mais alto no braço.

– Poucas pessoas podem notar que há alguém invadindo suas mentes, e destas só algumas podem evitar que tal invasão aconteça. É uma questão de treino e de como pensar do modo correto. Devido aos seus poderes mágicos, você sempre saberá se alguém estiver entrando em sua mente. Ao conseguir fazer isso, bloquear o acesso a ela será uma simples questão de se concentrar em um pensamento e excluir o resto. Por exemplo, se você pensar apenas em uma parede de tijolos, o inimigo verá só isso na sua mente. Entretanto, é preciso uma grande quantidade de energia e disciplina para bloquear por um tempo o acesso de uma pessoa. Se você for distraído pela menor coisa, a sua parede irá desmoronar, e o seu oponente se aproveitará da sua fraqueza.

– Como posso aprender a fazer isso? – quis saber Eragon.

– Só há um meio: treinando, treinando e treinando ainda mais. Imagine algo em sua mente e mantenha aquilo lá, excluindo todo o resto, pelo maior período de tempo que você puder. Essa é uma habilidade muito avançada, poucos conseguem dominá-la satisfatoriamente – respondeu Brom.

– Não preciso de perfeição, só de segurança. – Se eu puder entrar na mente de

uma pessoa, poderei mudar a maneira dela pensar? Sempre que aprendo algo novo sobre magia, fico mais desconfiado com relação a ela.

Quando chegaram onde estava Saphira, ela os assustou ao jogar a cabeça na direção deles. Os cavalos recuaram nervosos. Saphira olhou para Eragon cuidadosamente e soltou um sibilo baixo. Seus olhos tinham um aspecto cruel. Eragon olhou preocupado para Brom. Ele nunca havia visto Saphira tão zangada daquele jeito. Então, perguntou: Qual é o problema?

Você, rosnou ela. Você é o problema.

Eragon franziu o rosto e desceu de Cadoc. Assim que seus pés tocaram o chão, Saphira bateu em suas pernas com a cauda e segurou-o com as garras.

– O que você está fazendo? – gritou, lutando para se pôr em pé, mas ela era muito mais forte do que ele. Brom observava atentamente montado em Fogo na Neve.

Saphira baixou sua cabeça até Eragon, olhando-o olhos nos olhos. Ele se contorceu sob o olhar determinado dela. Você! Sempre que você sai da minha vista, arranja problemas. Você parece até um filhote, enfiando o focinho em tudo. E o que acontecerá quando você encontrar algo que possa atacá-lo? Como poderá sobreviver? Não posso ajudá-lo quando estou a vários quilômetros de distância. Permaneci escondida para que ninguém me visse, mas acabou! Não farei isso quando você correr o risco de perder a vida.

Entendo sua inquietação, disse Eragon. Mas sou muito mais velho do que você e posso cuidar de mim. Pelo que sei, quem precisa de proteção é você.

Ela rangeu e bateu os dentes perto do ouvido dele. Você realmente acredita nisso?, perguntou. Amanhã, você montará em mim e não naquele animal digno de pena que você chama de cavalo. Caso contrário, vou carregá-lo em minhas garras. Você é ou não é um dos Cavaleiros de Dragões? Você não liga para mim?

A pergunta ardeu em seu peito, e ele baixou o olhar. Eragon sabia que ela estava certa, mas ele tinha medo de montar nela. Os voos deles foram as maiores provações que já havia enfrentado.

– E então? – inquiriu Brom.

– Quer que eu monte nela amanhã – respondeu Eragon de maneira pouco convincente.

Brom pensou na possibilidade com um brilho nos olhos.

– Bem, você já tem a sela. Acho que se vocês dois ficarem fora de vista, não haverá problema algum. – Saphira dirigiu o olhar para ele e, depois, voltou-o para Eragon.

– Mas e se você for atacado ou se houver um acidente? Eu posso não chegar a tempo e...

Saphira apertou ainda mais o peito dele, fazendo-o parar de falar. É exatamente o que estou tentando dizer, pequenino.

Brom parecia esconder um sorriso.

– Vale a pena correr o risco. E você precisa mesmo aprender a montá-la. Pense desta maneira: com você voando na minha frente, observando o chão, será capaz de ver com antecedência quaisquer armadilhas, emboscadas e outras surpresas desagradáveis.

Eragon voltou a olhar para Saphira e disse: Tudo bem, farei isso. Mas me solte.

Pode me dar a sua palavra?

Isso é necessário?, questionou ele. Saphira piscou o olho. Tudo bem. Dou a minha palavra de que voarei com você amanhã. Satisfeita?

Estou.

Saphira deixou que ele ficasse em pé e, dando impulso com as pernas, decolou. Um tremor percorreu o corpo de Eragon quando ele a viu se contorcendo, ganhando altura em pleno ar. Resmungando, voltou para Cadoc e seguiu Brom.

O sol já estava quase se pondo quando acamparam. Como sempre, Eragon lutou com Brom antes do jantar. No meio da luta, Eragon desferiu um golpe tão forte que quebrou as duas varas que usavam, como se fossem dois gravetos. Os pedaços voaram por toda parte, produzindo uma nuvem de fragmentos. Brom jogou o que restava de sua vara na fogueira e disse:

– Chega de usar esses galhos. Jogue o seu também no fogo. Você aprendeu bem, mas já fizemos o máximo que podíamos usando galhos. Você não ganhará mais nada ao treinar só com eles. Chegou a hora de usar a espada. – Ele tirou Zar'roc da saca de Eragon e entregou-lhe.

– Nós vamos fazer picadinho um do outro – reclamou Eragon.

– Nada disso. Novamente você se esqueceu da magia – disse Brom. Ele levantou a sua espada e virou-a de modo que a luz do fogo refletisse na lâmina. Brom colocou um dedo em cada lado da arma e concentrou-se nela intensamente, tornando mais profundas as rugas em sua testa. Durante um momento, nada aconteceu. Depois, ele proferiu:

– Gëuloth du knífr! – E uma pequena fagulha vermelha apareceu entre seus dedos. Conforme ela crepitava para a frente e para trás, ele correu os dedos por toda a extensão da espada. Depois, ele a girou e fez a mesma coisa do outro lado. A fagulha desapareceu no momento em que seus dedos deixaram de tocar o metal.

Brom esticou a mão, com a palma virada para cima, e passou a lâmina com força. Eragon deu um pulo para a frente, mas não foi rápido o bastante para detê-lo. Ele ficou surpreso quando Brom, com um sorriso nos lábios, ergueu a mão intacta.

– O que você fez? – indagou Eragon.

– Sinta a lâmina – ordenou Brom.

Eragon a tocou e sentiu uma superfície invisível sob seus dedos. A barreira tinha uns seis milímetros de largura e era muito escorregadia.

– Agora, faça o mesmo em Zar'roc – instruiu-o Brom. – A sua barreira será um pouco diferente da minha, mas produzirá o mesmo efeito.

Ele ensinou Eragon a pronunciar as palavras e orientou-o quanto ao procedimento. Eragon fez várias tentativas, mas, logo, conseguiu proteger a lâmina de Zar'roc. Confiante, ele se pôs em posição para lutar. Antes de começarem, Brom advertiu:

– Estas espadas não nos cortarão, mas elas ainda podem quebrar ossos. Eu gostaria de evitar que isso acontecesse, então não bata como você está acostumado. Um golpe no pescoço pode ser fatal.

Eragon concordou com a cabeça e atacou sem avisar. Fagulhas saíram de sua espada, e o som de metal se chocando encheu o ar do acampamento quando Brom desviou o golpe. Eragon sentia a espada lenta e pesada depois de ter treinado tanto tempo com varas. Sem conseguir mover Zar'roc rápido o bastante, recebeu uma pancada firme no joelho.

Os dois tinham grandes hematomas quando pararam. Eragon tinha muito mais do que Brom. Ele ficou maravilhado ao ver que Zar'roc não tinha nenhum arranhão ou amassado depois dos fortes golpes que recebeu.

PELOS OLHOS DO DRAGÃO

Na manhã seguinte, Eragon acordou com os membros doloridos e cheio de hematomas. Viu Brom levar a sela para Saphira e tentou aplacar sua ansiedade. Quando o desjejum ficou pronto, Brom já havia prendido a sela em Saphira e nela pendurado as bolsas de Eragon.

Quando sua tigela ficou vazia, Eragon, silenciosamente, pegou seu arco e foi até Saphira. Brom disse:

– Lembre-se: firme-se com os joelhos, guie-a com seus pensamentos e mantenha o tronco o máximo que puder na horizontal quando estiver em seu dorso. Nada dará errado se você não entrar em pânico. – Eragon concordou com a cabeça, colocando o arco em seu tubo de couro, e Brom ajudou-o a ir para a sela.

Saphira esperou, impacientemente, Eragon apertar as correias em volta das pernas. Você está pronto?, perguntou.

Ele inspirou o frio ar da manhã. Não, mas vamos lá! Ela concordou entusiasmada. Eragon se segurou com força quando ela agachou. Suas pernas poderosas deram um impulso, e o ar passava açoitando o rosto, arrebatando sua respiração. Com três batidas suaves das asas, ela já estava no céu, subindo rapidamente.

Na última vez em que Eragon montou em Saphira, cada batida das asas era forçada. Agora, o voo era estável e sem esforço. Apertou os braços em volta do pescoço de Saphira quando ela virou, inclinando-se. O rio encolheu, transformando-se em uma fina linha cinzenta lá embaixo. As nuvens flutuavam em volta deles.

Quando nivelaram a altura bem acima da planície, as árvores no solo não eram mais do que pequenos pontos. O ar era rarefeito, frio e perfeitamente claro.

– Isto é maravilho... – As palavras dele perderam-se quando Saphira se inclinou e girou no ar. O solo rodopiou de uma maneira estonteante, e a vertigem fez Eragon se agarrar com mais força. – Não faça isso! – gritou. – Parece que vou cair.

Você deve se acostumar com isso. Se eu for atacada no ar, esta será uma das manobras mais simples que eu farei, respondeu ela. Ele não conseguiu pensar em nenhuma resposta e se concentrou em controlar o estômago. Saphira inclinou-se para dar um mergulho suave e aproximou-se lentamente do chão.

Embora o estômago de Eragon se contraísse a cada guinada, ele começou a aproveitar o passeio. Relaxou os braços um pouco e esticou o pescoço para trás para olhar a paisagem. Saphira deixou que ele admirasse a vista por um tempo e depois disse: Mostrarei a você como é voar de verdade.

Como?, perguntou.

Relaxe e não sinta medo, disse ela.

A mente dela puxou a dele, extraindo-o de seu corpo. Eragon resistiu por um momento, mas depois se rendeu ao controle dela. Sua visão ficou embaçada, e começou a ver pelos olhos de Saphira. Tudo estava distorcido: as cores tinham tonalidades estranhas, exóticas; os tons de azul eram mais proeminentes agora, enquanto os tons de verde e vermelho ficaram suavizados. Eragon tentou virar sua cabeça e seu corpo, mas não conseguiu. Ele sentia-se como um fantasma que havia descido de um plano etéreo.

Pura alegria emanava de Saphira quando ela subia mais alto no céu. Ela adorava aquela liberdade de poder ir a qualquer lugar. Quando estavam bem acima do chão, olhou para trás, em direção a Eragon. Ele viu a si mesmo como Saphira o via, agarrado em seu dorso com um olhar vazio. Podia sentir o corpo dela fazendo resistência contra o ar, usando as correntes ascendentes para subir. Todos os músculos dela eram como se fossem seus. Ele sentiu a cauda movendo-se no ar como um leme gigante corrigindo o curso. Eragon ficou surpreso ao ver como ela dependia daquilo.

A ligação entre eles foi ficando mais forte até não haver mais distinção entre a identidade de ambos. Eles fecharam as asas juntos e mergulharam, como uma flecha que tivesse sido atirada lá do alto. Eragon não sentiu o menor medo de cair, pois estava completamente absorto na euforia de Saphira. O ar passava veloz no rosto deles. A cauda de ambos chicoteava no ar, e suas mentes, fundidas, alegravam-se com aquela experiência.

Até mesmo quando eles deram um mergulho vertical em direção ao solo, ele não sentiu medo de colidir. Abriram suas asas no momento certo, saindo do mergulho ao combinarem suas forças. Tomando a direção do céu, subiram depressa e continuaram a voar, dando no ar um giro gigante de trezentos e sessenta graus.

Quando iniciaram o nivelamento do voo, suas mentes começaram a separar-se, tornando-se personalidades distintas novamente. Por uma fração de segundo, Eragon sentiu o corpo dele e o de Saphira. Depois, sua visão ficou embaçada, e ele, de novo, viu-se sentado em seu dorso. Suspirou e desmoronou na sela. Levou alguns minutos para que o ritmo do coração voltasse ao normal e para que a sua respiração ficasse estável. Assim que se recuperou, exclamou: Isso foi incrível! Como você suporta aterrissar se gosta tanto de voar?

Eu preciso comer, disse surpresa. Mas estou feliz por você ter sentido prazer ao voar comigo.

Essas palavras não podem descrever uma experiência como essa. Sinto muito por não ter voado com você mais vezes. Nunca achei que poderia ser assim. Você sempre vê tanto azul?

Eu sou assim. Nós voaremos juntos com mais frequência agora?

Claro! Em todas as chances que tivermos.

Ótimo, ela retrucou com um tom de satisfação.

Eles trocaram vários pensamentos enquanto ela voava, conversavam como se não tivessem feito isso há semanas. Saphira mostrou a Eragon como ela usava colinas e árvores para se esconder e como podia se ocultar na sombra de uma nuvem. Eles examinaram a trilha para Brom, que provou ser mais árdua do que Eragon achava. Só conseguiam ver o caminho se Saphira voasse bem próximo dele, arriscando ser vista.

Perto do meio-dia, um zumbido irritante encheu os ouvidos de Eragon, e ele notou uma pressão estranha em sua mente. Balançou a cabeça, tentando livrar-se daquilo, mas a tensão aumentava cada vez mais. As palavras de Brom sobre as pessoas que tentavam invadir a mente de outras passaram de relance pela cabeça de Eragon, e ele tentou, freneticamente, limpar seus pensamentos. Ele se concentrou em uma das escamas de Saphira e se esforçou para ignorar todo o resto. A pressão cedeu por um momento, mas depois voltou mais forte do que nunca. Um golpe de vento repentino balançou Saphira, e a concentração de Eragon se desfez. Antes que pudesse aprontar qualquer defesa, a força invadiu sua mente. Mas em vez de sentir a presença invasiva de outra mente, só havia palavras: O que você pensa que está fazendo? Desça aqui. Achei algo importante.

Brom?, perguntou Eragon.

Isso, respondeu o ancião irritado. Faça essa sua lagarta superdesenvolvida pousar. Estou aqui... Enviou a Eragon uma imagem do local onde estava. Eragon disse rapidamente a Saphira aonde ir, e ela tomou a direção do rio que estava lá embaixo. Nesse meio-tempo, Eragon preparou seu arco e pegou várias flechas.

Se houver problema, estarei pronto.

Eu também, disse Saphira.

Quando chegaram perto de Brom, Eragon viu-o em pé em uma clareira, agitando os braços. Saphira pousou, e Eragon pulou de seu dorso, procurando o perigo. Os cavalos estavam presos em uma árvore à margem da clareira e Brom estava sozinho. Eragon foi correndo até ele e perguntou:

– O que há de errado?

Brom coçou o queixo e balbuciou várias palavras de xingamento.

– Nunca mais me bloqueie daquela maneira. Já é muito difícil eu fazer contato com você sem precisar lutar para me fazer ouvido.

– Desculpe.

Ele bufou.

– Eu já havia percorrido um bom pedaço na margem do rio quando notei que as pegadas dos Ra'zac haviam desaparecido. Voltei na trilha até o ponto em que elas sumiram. Olhe para o chão e diga-me o que vê.

Eragon se ajoelhou, examinou a terra e viu uma mistura de pegadas que era difícil de decifrar. Havia várias pegadas de Ra'zac, uma em cima da outra. Eragon viu que as pegadas tinham poucos dias. Sobrepostos em cima delas, havia sulcos compridos e profundos abertos no chão. Aquilo parecia familiar, mas Eragon não sabia como.

Ele ficou ali em pé, balançando a cabeça.

– Não tenho a menor ideia do que seja...

O olhar dele foi parar em Saphira, e ele percebeu o que havia feito aqueles sulcos. Sempre que ela decolava, as garras traseiras eram cravadas no chão, produzindo sulcos daquela mesma maneira.

– Isso não faz o menor sentido, mas não posso deixar de pensar que os Ra'zac voam usando dragões. Ou eles montaram pássaros gigantes e desapareceram nos céus. Você tem uma explicação melhor para isso?

Brom deu de ombros.

– Ouvi relatos sobre os Ra'zac indo de um lugar para outro com uma velocidade incrível, mas esta é a primeira prova que tenho. Será quase impossível achá-los se tiverem cavalos voadores. Não são dragões, sei disso. Um dragão nunca consentiria que um Ra'zac montasse em seu dorso.

– O que faremos? Saphira não pode persegui-los no céu. E mesmo se pudesse, você ficaria muito para trás.

– Não existe uma solução fácil para esta charada – disse Brom. – Vamos almoçar enquanto pensamos nisso. Talvez fiquemos inspirados enquanto comemos. – Eragon, triste, foi pegar comida em sua saca. Eles comeram em silêncio, olhando para o céu azul.

Novamente, Eragon pensou em sua casa e imaginou o que Roran estaria fazendo. Uma visão da fazenda incendiada surgiu na mente dele e a tristeza ameaçou dominá-lo. O que farei se não encontrarmos os Ra'zac? Qual será o meu propósito? Eu poderia voltar para Carvahall... Ele apanhou um galho do chão e o quebrou entre dois dedos. Ou poderia viajar com Brom e continuar o meu

treinamento. Eragon ficou contemplando a planície, tentando acalmar seus pensamentos.

Quando Brom acabou de comer, ficou em pé e tirou seu capuz.

– Pensei em todos os truques que sei, em todas as palavras de poder que conheço, em todas as habilidades que temos, mas ainda não descobri como podemos achar os Ra'zac. – Eragon tombou em cima de Saphira, desesperado. – Saphira poderia se mostrar em alguma cidade. Isso atrairia os Ra'zac como moscas até o mel. Mas seria uma coisa extremamente arriscada. Os Ra'zac poderiam trazer soldados com eles, e o próprio rei poderia ficar interessado demais a ponto de aparecer pessoalmente, o que seria sinônimo de morte certa para você e para mim.

– E agora? – perguntou Eragon, jogando as mãos para o alto. Você tem alguma ideia, Saphira?

Não.

– Depende de você – disse Brom. – Esta é a sua cruzada.

Eragon rangeu os dentes raivosamente e afastou-se de Brom e de Saphira.

Quando estava para entrar no meio das árvores, seu pé bateu em algo duro. Um frasco de metal, com uma tira de couro comprida o bastante para deixá-lo pendurado no ombro de alguém, estava caído no chão. Uma insígnia prateada, que Eragon reconheceu como sendo dos Ra'zac, estava forjada nele.

Animado, ele pegou o frasco e desatarraxou a tampa. Um cheiro enjoativo encheu o ar, o mesmo que sentiu quando achou Garrow em meio aos destroços da casa. Virou o frasco, e uma gota de um líquido claro e brilhante caiu no dedo dele. Imediatamente, o dedo de Eragon queimava como se estivesse pegando fogo. Ele gritou e esfregou o dedo no chão. Depois de um momento a dor cedeu, virando um latejar moderado. Um pedaço da pele foi arrancado.

Fazendo caretas, voltou correndo até Brom.

– Vejam o que achei!

Brom pegou o frasco, examinou-o e jogou um pouco do líquido na tampa. Eragon começou a alertá-lo:

– Cuidado, isso queima...

– A pele. Eu sei – disse Brom. – E suponho que você tenha se adiantado e derramado um pouco na sua mão. No seu dedo? Bem, pelo menos demonstrou um pouco de bom senso ao não tentar beber isto. Tudo o que restaria de você seria uma poça.

– O que é isso? – perguntou Eragon.

– Óleo das pétalas da planta Seithr, que cresce em uma ilhota nos mares gelados do norte. Em seu estado natural, o óleo é usado para preservar pérolas, ele as deixa brilhosas e resistentes. Mas quando certas palavras são pronunciadas em cima do óleo, juntamente com um sacrifício de sangue, ele ganha a propriedade de dissolver qualquer tipo de carne. Somente isso não o tornaria especial, já que existem vários ácidos que são capazes de dissolver músculos e ossos, mas sim a capacidade de deixar todo o resto intocado. Você pode jogar qualquer coisa dentro deste óleo e tirá-la sem que ela sofra nenhum dano, a não ser que seja parte de um humano ou de um animal. Essa capacidade tornou este óleo uma arma predileta de muitos para cometerem assassinatos e torturas. Ele pode ser armazenado em madeira, pode ser posto na ponta de uma lança ou derramado em lençóis, para que a próxima pessoa que os toque seja queimada. Há inúmeros usos para este óleo, são limitados apenas pela sua inventividade. Qualquer ferimento demora a sarar. Ele é raro e muito caro, especialmente em sua forma convertida.

Eragon lembrou-se das terríveis queimaduras que cobriam Garrow. Foi o que usaram nele, percebeu Eragon horrorizado.

– Por que será que os Ra'zac deixaram para trás algo tão valioso?

– Deve ter caído por acidente quando saíram voando.

– Mas por que não voltaram para pegá-lo? Duvido que o rei ficará satisfeito ao saber que o perderam.

– Não, ele não ficará – assentiu Brom. – Mas ele ficaria mais zangado ainda se eles demorassem muito para levar notícias sobre você. De fato, se os Ra'zac já chegaram até ele agora, pode ter certeza de que o rei já sabe seu nome. Isso significa que precisaremos ter muito mais cuidado ao entrarmos nas cidades. Haverá avisos e cartazes falando de você espalhados por todo o Império.

Eragon parou para pensar.

– Este óleo, ele é muito raro mesmo?

– Como diamantes na gamela dos porcos – comparou Brom. Ele se corrigiu depois de alguns segundos. – Na verdade, o óleo normal é usado por joalheiros, mas só por aqueles que têm condição de comprá-lo.

– Então, há pessoas que o comercializam?

– Talvez, uma ou duas.

– Bom – disse Eragon. – As cidades ao longo da costa mantêm registros dos embarques que fazem?

Os olhos de Brom faiscaram.

– É claro que mantêm. Se tivéssemos acesso a esses registros, saberíamos quem

trouxe o óleo para o sul e para onde foi enviado depois.

– E o registro da compra do Império nos diria onde os Ra'zac moram! – concluiu Eragon. – Não sei quantas pessoas podem comprar este óleo, mas não deve ser difícil descobrir quem não trabalha para o Império.

– Genial! – exclamou Brom sorrindo. – Eu queria ter tido esse pensamento há alguns anos. Isso teria me poupado muita dor de cabeça. A costa está repleta de vários vilarejos e cidades onde os navios podem atracar. Suponho que devíamos começar por Teirm, que controla grande parte do comércio. – Brom fez uma pausa. – Pelo que soube, meu velho amigo Jeod mora lá. Não nos vemos há muitos anos, mas ele pode estar disposto a nos ajudar. E por ser comerciante, talvez tenha acesso àqueles registros.

– E como chegamos a Teirm?

– Devemos seguir rumo a sudoeste até chegarmos a uma passagem em um desfiladeiro na Espinha. Assim que estivermos do outro lado, podemos ir em direção à costa, até Teirm – disse Brom. Um vento suave agitou seus cabelos.

– Podemos chegar a essa passagem em uma semana?

– Facilmente. Se nos afastarmos do curso do Ninor e seguirmos à direita, poderemos ver as montanhas amanhã.

Eragon foi até Saphira e montou nela.

– Então, nos veremos no jantar.

Quando estavam a uma boa altura, disse a ela: Amanhã, montarei em Cadoc. Antes que você reclame, saiba que só farei isso porque quero conversar com Brom.

Você devia cavalgar com ele dia sim, dia não. Dessa maneira, continuará a receber seus ensinamentos, e eu terei tempo para caçar.

Você não ficará chateada?

É algo necessário.

Quando pousaram ao final do dia, ficou satisfeito por perceber que suas pernas não doíam. A sela protegeu-o muito bem das escamas de Saphira.

Eragon e Brom travaram sua luta diária, mas não foi tão enérgica, pois ambos estavam preocupados com os eventos daquele dia. Quando terminaram, os braços de Eragon ardiam por não estarem acostumados com o peso de Zar'roc.

UMA CANÇÃO NA ESTRADA

No dia seguinte, enquanto cavalgavam, Eragon perguntou a Brom:

– Como é o mar?

– Você já deve ter ouvido alguma descrição – respondeu Brom.

– Já, mas como é de verdade?

Os olhos de Brom ganharam um ar misterioso, como se estivesse contemplando uma cena oculta.

– O mar é a emoção encarnada. Ele ama, odeia e chora. Desafia todas as tentativas de registrar tal emoção com palavras e rejeita todos os grilhões. Não importa o que digamos sobre ele, sempre haverá algo que não conseguimos descrever. Lembra-se do que falei sobre como os elfos vieram do mar?

– Lembro.

– Embora vivam muito longe da costa, ainda preservam um grande fascínio e paixão pelo oceano. O som das ondas quebrando, o cheiro do ar salgado, isso os afeta profundamente e inspirou várias de suas músicas mais belas. Se você quiser ouvir, há uma canção que fala sobre esse amor.

– Eu quero – interessou-se Eragon.

Brom limpou a garganta e disse:

– Vou traduzi-la da língua antiga o melhor que puder. Não ficará perfeita, mas talvez possa lhe dar uma ideia de como é a música original. – Ele fez Fogo na Neve parar e fechou os olhos. Brom ficou em silêncio por um tempo e cantou de modo suave:

Ó sedução líquida sob o azul-celeste,
Sua formosa extensão me chama, me chama.
Na qual eu navegaria eternamente,
Não fosse pela elfa,
Que me chama, me chama.
Ela prendeu meu coração com um laço branco como o lírio,
Que nunca será rompido, protegido pelo mar,
Que pode ser retorcido pelas árvores e pelas ondas.

As palavras ecoaram repetidamente na mente de Eragon.

– Ainda há muito mais trechos dessa música, a "Du Silbena Datia". Recitei apenas alguns versos. Ela conta a triste história de dois amantes, Acallamh e Nuada, que foram separados por um desejo pelo mar. Os elfos veem um grande

significado nela.

– É bonita – disse Eragon, simplesmente.

A Espinha era uma sombra tênue no horizonte ao pararem naquela noite.

Quando chegaram ao contraforte da Espinha, mudaram de direção e seguiram para o sul. Eragon sentia-se feliz por estar junto das montanhas de novo; elas impunham ao mundo limites confortáveis. Três dias depois, chegaram a uma estrada larga sulcada por rodas de carroças.

– Esta é a via principal entre a capital, Urû'baen, e Teirm – informou Brom. – Ela é muito usada e é uma das rotas favoritas dos mercadores. Devemos ter mais cuidado. Esta não é a época mais movimentada do ano, mas algumas pessoas devem usar a estrada.

Os dias passavam rapidamente conforme continuavam a viajar acompanhando a Espinha, procurando a passagem no desfiladeiro. Eragon não podia reclamar de tédio. Quando não estava estudando a língua dos elfos, estava aprendendo a cuidar de Saphira ou praticando magia. Eragon também aprendeu a matar animais selvagens usando magia, o que poupava o tempo que eles gastavam caçando. Ele segurava uma pedra pequena na mão e a atirava na presa. Era impossível errar. Os frutos de seus esforços eram assados sobre a fogueira todas as noites. E, depois do jantar, Brom e Eragon lutavam usando espadas e, às vezes, os punhos.

Os dias longos e o trabalho exaustivo acabaram com quase todo o excesso de gordura do corpo de Eragon. Seus braços ficaram fortes; sua pele bronzeada era delineada por músculos definidos. Tudo relacionado a mim está ficando mais endurecido, pensou ele amargamente.

Quando, finalmente, chegaram à passagem, Eragon viu que um rio corria no meio dela e atravessava a estrada.

– Este é o Toark – explicou Brom. – Vamos acompanhá-lo até o mar.

– Como? – riu Eragon. – Se ele corre para fora da Espinha nesta direção? Não iremos parar no oceano a não ser que ele faça a volta em torno de si mesmo.

Brom rodou o anel em seu dedo.

– No meio das montanhas fica o lago Woadark. De cada uma das extremidades corre um rio e os dois se chamam Toark. Este que vemos é o que segue em direção ao oriente. Ele corre para o sul e atravessa o bosque até se unir ao lago Leona. O outro vai para o mar.

Depois de dois dias na Espinha, chegaram a uma plataforma na montanha de onde podiam ver muito além da cordilheira. Eragon notou como o terreno ficava plano ao longe e reclamou por causa dos quilômetros que ainda teriam de

percorrer. Brom apontou:

– Lá embaixo, ao norte, fica Teirm. É uma cidade antiga. Alguns dizem que foi o primeiro lugar em que os elfos aportaram na Alagaësia. Suas fortificações nunca sucumbiram e seus guerreiros nunca foram derrotados. – Ele tocou Fogo na Neve com as esporas e saiu da plataforma.

Cavalgaram até o começo da tarde do dia seguinte para descer até o sopé da montanha e chegar ao outro lado da Espinha, onde o terreno coberto de florestas rapidamente se nivelava. Sem as montanhas para se esconder, Saphira voava perto do chão, fazendo uso de todas as depressões e declives na terra para se ocultar.

Além da floresta, notaram uma mudança. O terreno estava coberto por uma grama macia e por uma vegetação suave, na qual os pés deles afundavam. O musgo prendia-se a todas as pedras e galhos e delineavam a orla dos riachos que rendavam o terreno. Poças de lama pontilhavam a estrada onde os cavalos haviam pisado. Logo, tanto Brom quanto Eragon estavam cobertos de respingos de lama.

– Por que tudo é verde? – quis saber Eragon. – Eles não têm inverno aqui?

– Têm, mas a estação é branda. A névoa e a neblina que vêm do mar mantêm tudo vivo. Alguns gostam disso, mas, para mim, é sombrio e deprimente.

Quando a noite caiu, armaram acampamento no lugar mais seco que conseguiram achar.

Enquanto comiam, Brom comentou:

– Você devia montar Cadoc até chegarmos a Teirm. É bem provável que encontremos outros viajantes, agora que saímos da Espinha, e será melhor se você estiver comigo. Um velho viajando sozinho levantará suspeitas. Com você ao meu lado, ninguém fará perguntas. Além disso, não quero aparecer na cidade e fazer alguém que me viu na estrada ficar imaginando de onde você surgiu de repente.

– Usaremos nossos nomes verdadeiros? – inquiriu Eragon.

Brom pensou por um instante.

– Não seremos capazes de enganar Jeod. Ele já sabe o meu nome, e acho que posso confiar o seu nome a ele. Mas, para todos os outros, eu serei Neal e você será o meu sobrinho Evan. Se nossas línguas nos traírem, acho que isso não fará muita diferença, mas não quero nossos nomes na memória de ninguém. As pessoas têm o irritante hábito de lembrar-se de coisas que não deviam.

Um gostinho de Teirm

Depois de dois dias viajando em direção ao oceano, Saphira avistou Teirm. Uma névoa densa agarrava-se ao chão, prejudicando a visão de Brom e de Eragon, até que uma brisa vinda do oeste soprou a neblina para longe. Eragon ficou boquiaberto quando Teirm revelou-se em frente a eles de repente, aninhada à beira do mar cintilante, onde imponentes navios estavam atracados com suas velas recolhidas. O barulho contínuo das ondas estourando podia ser ouvido ao longe.

A cidade ficava protegida atrás de uma muralha branca – que tinha trinta metros de altura e nove metros de largura –, com carreiras de fendas retangulares para os arqueiros lançarem as flechas em toda a sua extensão e uma passarela no topo para os soldados e sentinelas. A superfície lisa da muralha era quebrada por duas grandes portas metálicas levadiças em forma de grade, uma voltada para o mar ocidental, e a outra, para o sul, na direção da estrada. Acima da muralha – e assentada sobre sua porção nordeste – erguia-se uma enorme fortaleza, construída com pedras gigantescas e munida de várias torres. No torreão mais alto, a luz de um farol brilhava cintilante. O castelo era a única coisa visível acima das fortificações.

Soldados guardavam o portão sul, mas seguravam suas lanças negligentemente.

– Este será o nosso primeiro teste – disse Brom. – Vamos torcer para que não tenham recebido um alerta do Império contra nós e que não nos detenham. Não importa o que aconteça, não entre em pânico e não se comporte de modo misterioso.

Eragon disse a Saphira: Agora, você devia pousar em algum lugar e se esconder. Nós vamos entrar.

Metendo o nariz onde não deve. De novo, disse ela de mau humor.

Eu sei. Mas Brom e eu temos alguns trunfos que a maioria das pessoas não tem. Nós ficaremos bem.

Se acontecer alguma coisa, vou prendê-lo nas minhas costas e nunca mais vou soltá-lo.

Eu também amo você.

Então, vou prendê-lo ainda mais forte.

Eragon e Brom cavalgaram em direção ao portão, tentando agir de modo casual. Uma flâmula amarela, que ostentava o contorno de um leão rugindo e um braço segurando um lírio, tremulava acima da entrada. Ao se aproximarem da muralha, Eragon perguntou admirado:

– Qual é o tamanho deste lugar?

– É maior do que qualquer cidade que você já viu – respondeu Brom.

Na entrada para Teirm, a postura dos guardas era mais ereta e bloqueavam o portão com suas lanças.

– Qual é o nome de vocês? – perguntou um deles, com um tom de voz desinteressado.

– Eu me chamo Neal – respondeu Brom com uma voz asmática, caminhando sem aprumo e com uma feliz expressão de tolice no rosto.

– E quem é o outro? – perguntou o guarda.

– Ora, eu já ia falar. Este é o meu sobrinho Evan. Ele é filho de minha irmã, não é...

O guarda sacudiu a cabeça impacientemente.

– Sei, sei. E o que veio fazer aqui?

– Ele veio visitar um velho amigo – respondeu Eragon, forçando um sotaque. – Só vim junto para ele não se perder, se é que você me entende. Ele já não é jovem... e pegou muito sol na cabeça quando era garoto. Parece que fritou os miolos, sabe?

Brom sacudiu a cabeça prazerosamente.

– Certo. Podem passar – disse o guarda, acenando e abaixando a lança. – Só tome cuidado para que ele não cause nenhum problema.

– Oh, ele não fará nada disso – prometeu Eragon. Ele tocou Cadoc para a frente, e entraram em Teirm. A rua calçada com pedras estalava embaixo dos cascos dos cavalos.

Assim que ficaram longe dos guardas, Brom sentou-se e reclamou:

– Parece que fritou os miolos, sabe?

– Eu não podia deixar você se divertir sozinho – provocou Eragon.

Brom limpou a garganta como um sinal de reprovação e olhou para o lado.

As casas eram austeras e sinistras. Janelas pequenas e profundas deixavam entrar apenas poucos raios de luz. Portas estreitas ficavam recuadas dentro das edificações.

Os telhados eram planos, exceto por algumas armações de metal, e cobertos por telhas de pedra. Eragon notou que as casas mais próximas à muralha de Teirm não tinham mais de um andar de altura e que as edificações iam ficando, gradativamente, mais altas conforme se afastavam. As mais perto da cidadela eram as mais altas de todas, embora fossem insignificantes comparadas à fortaleza.

– Este lugar parece estar pronto para a guerra - comentou Eragon.

Brom anuiu com a cabeça.

– A história de Teirm está repleta de ataques de piratas, Urgals e outros inimigos. Há muito tempo é um centro de comércio. Sempre haverá conflito onde os ricos ganham em abundância. As pessoas daqui foram forçadas a tomar medidas extraordinárias para evitar que fossem pilhadas. E o fato de Galbatorix dar-lhes soldados para protegerem a cidade também ajuda muito.

– Por que há casas mais altas do que outras?

– Olhe para a fortaleza – disse Brom apontando. – Tem uma vista sem obstruções de toda Teirm. Se a muralha for invadida, os arqueiros podem se posicionar em todos os telhados. E porque as casas da frente, perto da muralha, são mais baixas, os arqueiros das casas mais atrás podem atirar sem medo de atingir os seus colegas. Além disso, se os inimigos tomassem aquelas casas e colocassem seus arqueiros em cima delas, seria muito fácil atingi-los.

– Nunca vi uma cidade planejada dessa maneira – disse Eragon maravilhado.

– De fato, mas isso só foi feito depois que Teirm quase foi completamente incendiada por um ataque pirata – comentou Brom. Enquanto continuavam a subir a rua, as pessoas olhavam para eles desconfiadas, mas também não demonstravam um interesse demasiado.

Comparada à nossa recepção em Daret, desta vez fomos recebidos de braços abertos. Talvez Teirm ainda não saiba nada sobre os Urgals , pensou Eragon. Mas mudou de opinião quando um homem grande, de ombros largos, passou com uma espada na cintura. Havia outros sinais sutis de tempos conturbados: não havia crianças nas ruas, as pessoas ficavam de rosto fechado e muitas casas estavam vazias, com ervas daninhas crescendo entre as pedras que cobriam seus jardins.

– Parece que eles tiveram algum problema – observou Eragon.

– Igual a todos os outros lugares – disse Brom fechando a carranca. – Precisamos achar Jeod. – Dirigiram seus cavalos para o outro lado da rua, até uma taverna, e os amarraram em um pequeno poste. – A Castanha Verde... excelente – resmungou Brom, olhando para o letreiro desgastado enquanto ele e Eragon entravam no local.

O salão sombrio parecia ser inseguro. O fogo ardia lentamente na lareira, mas ninguém parecia se incomodar ao ponto de querer alimentá-lo com mais um pedaço de lenha. Poucas pessoas solitárias nos cantos bebericavam seus drinques com expressões mal-humoradas no rosto. Um homem que não tinha dois dedos, sentado em uma mesa mais distante, observava sua mão mutilada. O homem atrás do balcão do bar tinha um toque de cinismo nos lábios e segurava com as duas

mãos um copo que não parava de limpar, embora estivesse quebrado.

Brom se encostou no balcão e perguntou:

– O senhor sabe onde posso encontrar um homem chamado Jeod?

Eragon ficou ao lado dele, mexendo na ponta do seu arco, que estava na altura de sua cintura. Embora a arma estivesse pendurada nas suas costas, Eragon queria que, naquele momento, ela estivesse em suas mãos.

O homem no bar disse em um tom de voz mais alto do que o normal:

– Ora, por que eu deveria saber? Acha que fico tomando conta de todos os grosseirões que vivem neste lugar no meio do nada? – Eragon recuou quando todos os olhos do lugar se voltaram para eles.

Brom continuou a falar suavemente:

– Será que isto poderia melhorar a sua memória? – Ele deslizou três moedas em cima do balcão do bar.

O homem ficou mais alegre e deixou o copo de lado.

– Pode ser – respondeu, abaixando seu tom de voz. – Mas a minha memória precisa de muito incentivo.

A expressão no rosto de Brom ficou mais séria, contudo ele deslizou mais moedas sobre o balcão. O homem atrás do bar chupava um dos lados das suas bochechas, demonstrando indecisão.

– Tudo bem – disse finalmente e fez o gesto de que ia pegar as moedas.

Mas, antes que ele as tocasse, o homem que não tinha dois dedos disse lá da mesa dele:

– Gareth, o que você acha que está fazendo? Qualquer um na rua pode dizer a eles onde Jeod mora. Por que você está cobrando dinheiro deles?

Brom passou a mão nas moedas, jogando-as de volta na sua bolsa. Gareth lançou um olhar fulminante para o homem na mesa e, depois, se virou para eles e pegou o copo de novo. Brom foi até o estranho e disse:

– Obrigado. Meu nome é Neal. Este é Evan.

O homem ergueu sua caneca para eles.

– Martin. E, claro, já conheceram Gareth. – A voz dele era grave e áspera. Martin apontou para algumas cadeiras vazias. – Vamos, sentem-se. Não me incomodo. – Eragon pegou uma cadeira e ajeitou-a de modo que ficasse de costas para a parede e de frente para a porta. Martin ergueu uma sobrancelha, mas não fez nenhum comentário.

– Você acabou de me fazer economizar algumas coroas – disse Brom.

– O prazer foi todo meu. Mas não posso culpar Gareth, pois os negócios não têm

sido muito bons ultimamente. – Martin coçou o queixo. – Jeod mora no lado oeste da cidade, bem ao lado de Angela, a herbolária. Vai fazer algum negócio com ele?

– Mais ou menos – respondeu Brom.

– Bem, ele não estará interessado em comprar nada, pois perdeu outro navio há poucos dias.

Brom aproveitou a divulgação desta notícia e perguntou com interesse:

– O que aconteceu? Não foram os Urgals, não é?

– Não – respondeu Martin. – Eles saíram da área. Ninguém os vê há quase um ano. Parece que foram para o sul e para o leste. Mas eles não são nosso maior problema. A maioria dos nossos negócios é feita com o comércio marítimo, como você deve saber muito bem. Então... – Ele parou para dar um gole em sua caneca. – Já faz alguns meses que alguém vem atacando nossos navios. Não são atos de pirataria comuns, pois só os navios que levam as mercadorias de certos comerciantes é que são atacados. Jeod é um deles. A coisa está tão feia que nenhum comandante aceita mercadorias daqueles comerciantes, o que dificulta a nossa vida aqui. Especialmente porque alguns deles dirigem as maiores empresas de comércio marítimo do Império. Estão sendo forçados a despachar suas mercadorias por terra, o que elevou os custos de modo absurdo, e suas caravanas nem sempre chegam aos seus destinos.

– Vocês têm alguma ideia de quem seja o responsável? Deve haver alguma testemunha – disse Brom.

Martin balançou a cabeça.

– Ninguém sobrevive aos ataques. Os navios saem e desaparecem, nunca mais voltam a ser vistos.

Martin se inclinou em direção a eles e disse baixinho:

– Os marinheiros dizem que é magia. – Ele concordou com a cabeça, piscou o olho e recostou-se na cadeira.

Brom pareceu ficar preocupado com as palavras dele.

– O que você acha?

Martin deu de ombros.

– Não sei. E acho que nunca saberei, a não ser que me aconteça a infelicidade de estar em um daqueles navios capturados.

– O senhor é marinheiro? – indagou Eragon.

– Não – resmungou Martin. – Pareço com um? Os comandantes me contratam para defender os navios contra os piratas. E aqueles ordinários não têm demonstrado muita atividade recentemente. Ainda assim, é um bom trabalho.

– Mas é perigoso – afirmou Brom. Martin deu de ombros de novo e bebeu o que restava de sua cerveja. Brom e Eragon saíram do bar e dirigiram-se para o lado oeste da cidade, que era a região mais bonita em Teirm. As casas eram limpas, enfeitadas e grandes. As pessoas nas ruas usavam roupas caras e andavam com um ar de autoridade. Eragon sentiu-se deslocado, fora do seu ambiente.

UM VELHO AMIGO

A loja da herbolária tinha um letreiro alegre e foi fácil de encontrar. Uma mulher baixa, de cabelos encaracolados, estava sentada perto da porta. Segurava uma rã com uma das mãos e escrevia com a outra. Eragon presumiu que fosse Angela, a herbolária. Havia uma casa em cada lado da loja.

– Qual você acha que é a dele? – perguntou Eragon.

Brom pensou e, depois, disse:

– Vamos descobrir.

Ele aproximou-se da mulher e perguntou educadamente:

– A senhora poderia nos informar qual é a casa de Jeod?

– Poderia. – Ela continuou a escrever.

– E vai nos dizer?

– Sim. – Ela ficou em silêncio, mas sua caneta escrevia mais rápido do que nunca. A rã, que estava na mão dela, coaxou e olhou para eles com olhos perversos. Brom e Eragon esperaram de maneira desconfortável, mas ela não falou mais nada. Eragon estava prestes a falar qualquer coisa quando Angela olhou para cima. – É claro que posso falar! Tudo o que vocês têm a fazer é pedir. Sua primeira pergunta foi se eu poderia falar e a segunda, se eu diria. Mas, de fato, não me fizeram a pergunta que realmente queriam.

– Então, deixe-me perguntar apropriadamente – disse Brom sorrindo. – Qual é a casa de Jeod? E por que a senhora está segurando uma rã?

– Agora estamos fazendo progresso – disse com bom humor. – Jeod mora na casa à direita e quanto à rã, na verdade, é um sapo. Estou tentando provar que sapos não existem, só rãs.

– Como não existem sapos se a senhora está com um deles na mão agora? – interrompeu Eragon. – Além disso, que bem isso irá fazer, provar que só existem rãs?

A mulher balançou a cabeça vigorosamente, seus cachos escuros pularam.

– Não, não, você não entendeu. Se eu provar que sapos não existem, então este sapo sempre foi uma rã. Portanto, o sapo que você está vendo agora não existe. E – ela ergueu um dedinho –, se eu puder provar que só existem rãs, os sapos não poderão fazer nada de mau, como fazer os dentes caírem, provocar verrugas, envenenar ou matar pessoas. Além disso, as bruxas não poderão fazer mais seus feitiços para o mal, pois, é claro, não haverá nenhum sapo por perto.

– Entendi – respondeu Brom delicadamente. – Parece interessante, e gostaria de

ouvir mais sobre isso, mas tenho de falar com Jeod.

– Claro – disse ela, fazendo um gesto com a mão e voltando a escrever.

Assim que eles estavam fora do alcance dos ouvidos da herbolária, Eragon disse:

– Ela é biruta!

– É possível – disse Brom. – Mas nunca se sabe. Ela pode descobrir algo útil, então não a critique. Quem sabe se os sapos não são rãs na verdade?

– E os meus sapatos são feitos de ouro – retrucou Eragon.

Eles pararam perante uma porta que tinha um batedor de ferro fundido e uma soleira de mármore. Brom bateu três vezes. Ninguém respondeu. Eragon sentiu-se levemente como um tolo.

– Talvez seja a casa errada. Vamos tentar a outra – sugeriu ele.

Brom ignorou-o e bateu novamente, desta vez com mais força.

Novamente, ninguém respondeu. Eragon virou-se irritado, mas ouviu alguém correndo até a porta. Uma jovem mulher, de pele bem clara e cabelos louros, a abriu. Os olhos dela estavam inchados, parecia que estava chorando, mas sua voz estava perfeitamente firme.

– Pois não, o que vocês desejam?

– Jeod mora aqui? – perguntou Brom educadamente.

A mulher deixou a cabeça cair um pouco.

– Sim, mora. É o meu marido. Ele está esperando vocês? – Ela não abriu mais a porta do que já estava aberta.

– Não, mas precisamos falar com ele – disse Brom.

– Ele está muito ocupado.

– Nós viemos de muito longe. É muito importante falar com ele.

A expressão no rosto dela fechou-se.

– Ele está ocupado.

Brom ficou irritado, mas a voz dele continuou em seu tom educado.

– Já que não está disponível, será que poderia dar um recado a ele?

A boca da mulher contorceu-se, mas ela consentiu.

– Diga que um amigo de Gil'ead está esperando aqui fora.

A mulher ficou desconfiada, mas disse:

– Tudo bem. – Ela fechou a porta de repente. Eragon ouviu seus passos afastando-se.

– Isso não foi muito educado – comentou.

– Guarde suas opiniões para si mesmo – disparou Brom. – E não diga nada. Deixe que eu falarei. – Ele cruzou os braços e bateu de leve com os dedos. Eragon

fechou a boca e olhou para longe.

De repente a porta se abriu e um homem alto irrompeu de dentro da casa. Suas roupas caras estavam amarrotadas, seus cabelos grisalhos eram escassos e ele tinha um rosto triste com sobrancelhas curtas. Uma longa cicatriz atravessava seu couro cabeludo, chegando até suas têmporas.

Ao vê-los, seus olhos arregalaram-se, e ele recostou-se no portal, sem fala. Sua boca abriu-se e fechou-se várias vezes, como a de um peixe fora d'água. Perguntou baixinho, com uma voz incrédula:

– Brom...?

Brom pôs um dedo na frente dos lábios e andou para a frente, segurando o braço do homem.

– É muito bom ver você, Jeod! Estou feliz porque a memória não o abandonou, mas não pronuncie esse nome. Não seria nada bom se alguém soubesse que estou aqui.

Jeod olhou para os lados freneticamente, com um ar espantado no rosto.

– Pensei que você estivesse morto – sussurrou. – O que aconteceu? Por que não fez contato comigo antes?

– Tudo será explicado. Você tem um lugar onde possamos conversar em segurança?

Jeod hesitou, oscilando seu olhar entre Eragon e Brom, o rosto enigmático. Finalmente, ele disse:

– Não podemos conversar aqui, mas se esperar um pouco vou levá-los a um local onde poderemos.

– Ótimo – disse Brom. Jeod concordou com a cabeça e desapareceu atrás da porta.

Espero poder descobrir algo sobre o passado do Brom, pensou Eragon.

Havia um espadim na cinta de Jeod quando reapareceu. Uma sobrecapa bordada pendia de modo folgado em seus ombros, combinando com o chapéu emplumado. Brom lançou um olhar crítico para aquele luxo, e Jeod deu de ombros, seguro de si.

Ele os guiou, cruzando Teirm, em direção à fortaleza. Eragon guiava os cavalos atrás dos dois homens. Jeod apontava para o destino deles.

– Risthart, senhor de Teirm, decretou que todos os comerciantes devem ter seus escritórios no castelo dele. Embora a maioria de nós conduza seus negócios de outros locais, ainda assim temos de alugar salas lá. Não faz sentido, mas nós obedecemos para mantê-lo calmo. Lá ninguém poderá nos ouvir. As paredes são grossas.

Passaram pelo portão principal da fortaleza, entrando no pátio. Jeod andou rapidamente até uma porta lateral e apontou para um anel de ferro. – Pode amarrar os cavalos ali. Ninguém irá incomodá-los. – Quando Cadoc e Fogo na Neve estavam amarrados com segurança, ele abriu a porta com uma chave de ferro e os deixou entrar.

Lá dentro havia um corredor comprido e vazio, iluminado por tochas presas na parede. Eragon ficou surpreso por ser o lugar tão frio e úmido daquela maneira. Ao tocar na parede, seus dedos deslizaram por cima de uma camada de limo. Ele tremeu.

Jeod pegou uma tocha e guiou-os pelo corredor. Pararam diante de uma pesada porta de madeira. Ele a abriu e mandou que entrassem depressa em uma sala dominada por um tapete de pele de urso, ladeado por poltronas estofadas. Prateleiras, repletas de livros com capas de couro, cobriam as paredes.

Jeod pôs lenha na lareira e jogou a tocha dentro dela. O fogo pegou rapidamente.

– Você, seu velho, tem muita coisa a me explicar.

O rosto de Brom se enrugou com um sorriso.

– Quem você está chamando de velho? A última vez em que o vi não havia nenhum fio de cabelo branco na sua cabeça. Agora, parece que eles estão nos estágios finais de decomposição.

– E você está a mesma coisa de vinte anos atrás. Parece que o tempo o vem preservando como um velhote excêntrico só para poder passar sabedoria para as novas gerações. Chega de tudo isso! Vá contando a sua história. Você sempre foi bom nisso – disse Jeod impaciente. Eragon preparou os ouvidos e esperou ansiosamente para ouvir o que Brom diria.

Brom relaxou, sentando em uma cadeira, e pegou seu cachimbo. Lentamente soprou um anel de fumaça que ficou verde, entrou como uma flecha pela lareira e voou pela chaminé.

– Você se lembra do que estávamos fazendo em Gil'ead?

– Lembro, claro – respondeu Jeod. – Aquele tipo de coisa é difícil de esquecer.

– Uma narração incompleta, mas não deixa de ser correta – disse Brom secamente. – Quando nós fomos... separados, não consegui achá-lo. No meio da confusão, deparei com um pequeno quarto. Não havia nada de extraordinário nele, só caixotes e caixas, mas, por pura curiosidade, fui investigar. A sorte sorriu para mim naquele momento, pois achei o que estávamos procurando. – Uma expressão de espanto passou pelo rosto de Jeod. – Assim que aquilo estava em minhas mãos,

eu não podia esperar por você. Eu poderia ser descoberto a qualquer segundo, e tudo estaria perdido. Eu me disfarcei o melhor que pude, fugi da cidade e corri para os... – Brom hesitou, olhou para Eragon e continuou: – Corri para os nossos amigos. Eles guardaram aquilo em um cofre, para que ficasse bem seguro, e fizeram-me prometer cuidar de quem o recebesse. Até o dia em que as minhas habilidades fossem requeridas, eu tinha de desaparecer. Ninguém podia saber que eu estava vivo, nem mesmo você, embora tenha me doído ter-lhe causado sofrimento sem necessidade. Aí, fui para o norte e me escondi em Carvahall.

Eragon apertou suas mandíbulas, furioso porque Brom continuava a deixá-lo sem saber de sua história de propósito.

Jeod franziu o rosto e perguntou:

– Então, nossos... amigos sabiam que você estava vivo esse tempo todo?

– Sabiam.

Ele suspirou.

– Suponho que o estratagema tenha sido inevitável, embora eu preferisse que eles tivessem me contado. Carvahall não fica bem ao norte, do outro lado da Espinha? – Brom inclinou a cabeça. Pela primeira vez, Jeod examinou Eragon. Seus olhos cinzentos repararam em todos os detalhes. Ele ergueu as sobrancelhas e disse:

– Presumo, então, que você esteja cumprindo a sua missão.

Brom balançou a cabeça.

– Não, não é tão simples assim. Aquilo foi roubado há algum tempo, pelo menos é o que presumo, pois não recebi nenhum alerta dos nossos amigos e suspeito que os mensageiros deles foram pegos em ciladas, então decidi descobrir o que pudesse. Por acaso, Eragon viajava na mesma direção. Agora, estamos viajando juntos.

Jeod parecia confuso.

– Mas se eles não mandaram nenhum mensageiro, como você poderia saber que era a sua...

Brom interrompeu-o rapidamente dizendo:

– O tio de Eragon foi brutalmente assassinado pelos Ra’zac. Incendiaram a casa dele e quase o mataram também. Ele merece vingança, mas estamos sem nenhuma pista para seguir, e precisamos de ajuda para achá-los.

A expressão do rosto de Jeod ficou mais tranquila.

– Entendo... Mas por que você veio até aqui? Não sei onde os Ra’zac podem estar escondidos e quem souber não vai dizer a você.

Em pé, Brom enfiou a mão no bolso do seu manto e pegou o frasco dos Ra'zac. Ele o jogou para Jeod.

– Havia óleo de Seithr aí dentro, do tipo perigoso. Os Ra'zac estavam com isso. Eles o perderam na trilha, e nós o achamos. Precisamos ver os registros de despachos marítimos de Teirm para acompanharmos as compras do Império desse óleo. Isso nos mostrará onde fica o esconderijo dos Ra'zac.

Linhas de expressão apareceram no rosto de Jeod enquanto pensava. Ele apontou para as estantes de livros.

– Estão vendo aquilo? São os registros dos meus negócios. De um comerciante. Vocês querem iniciar um projeto que pode levar meses. E há outro problema, maior do que esse. Os registros que vocês procuram ficam guardados neste castelo, mas apenas Brand, o gerente de comércio de Risthart, pode consultá-los regularmente. Comerciantes como eu não têm a permissão de examiná-los. Eles temem que possamos falsificar os números, enganando o Império quanto aos seus preciosos impostos.

– Poderei lidar com isso quando chegar o momento – asseverou Brom. – Mas precisamos de alguns dias de descanso antes de podermos pensar em pôr o plano em prática.

Jeod sorriu.

– Parece que chegou a minha vez de ajudá-lo. Minha casa é sua, claro. Estão usando outros nomes enquanto estão aqui?

– Estamos – retorquiu Brom. – Sou Neal, e o rapaz é Evan.

– Eragon – avaliou Jeod. – Você tem um nome singular. Poucas pessoas receberam o nome do primeiro Cavaleiro. Na minha vida toda, li somente sobre três pessoas que eram chamadas dessa maneira. – Eragon ficou surpreso com o fato de Jeod saber a origem de seu nome.

Brom olhou para Eragon.

– Você poderia ir ver se os cavalos estão bem? Acho que não amarrei direito o arreio de Fogo na Neve.

Eles estão tentando esconder algo de mim. Assim que eu sair, eles vão falar sobre isso. Eragon levantou abruptamente da cadeira e saiu da sala, batendo a porta. Fogo na Neve não havia se mexido, o nó que o segurava estava bem firme. Coçando os pescoços dos cavalos, Eragon recostou-se, emburrado, na parede do castelo.

Isso não é justo, reclamava consigo mesmo. Eu queria poder ouvir o que eles estão falando. Ficou ereto de repente, animado. Brom ensinou algumas palavras a

ele que poderiam melhorar sua audição. Ouvidos aguçados não é exatamente o que quero, mas talvez consiga fazer aquelas palavras trabalharem a meu favor. Afinal, veja o que consegui fazer com brisingr!

Ele se concentrou intensamente, buscando seu poder. Assim que ele o atingiu, disse: "Thverr stenr un atra eka hórna!", e imbuiu essas palavras de seu desejo. Quando o poder emanou dele, ouviu um fraco sussurro em seus ouvidos, mas nada mais. Desapontado, voltou a sentar e deu um pulo quando Jeod disse: – ... e estou fazendo isso há quase oito anos.

Eragon olhou em volta. Não havia ninguém por perto, exceto alguns guardas que tomavam conta do portão que dava acesso ao pátio. Sorrindo, sentou no pátio e fechou os olhos.

– Eu nunca podia imaginar que você viraria um comerciante – disse Brom. – Depois de todo o tempo que você passou com os livros. E achar a passagem daquela maneira! O que fez você abraçar o comércio em vez de continuar sendo um estudioso?

– Depois de Gil'ead, perdi o gosto de ficar sentado em salas úmidas, lendo pergaminhos. Decidi ajudar Ajihad da melhor maneira possível, mas não sou um guerreiro. Meu pai também era mercador, você deve se lembrar disso. Ele me ajudou no começo. Entretanto, o objetivo de meu negócio não é nada mais do que ser apenas uma fachada para levar mercadorias até Surda.

– Mas soube que as coisas não andam bem.

– É, nenhum dos carregamentos tem conseguido chegar ao destino, e Tronjheim está ficando com os estoques baixos. De alguma forma, o Império, pelo menos eu acho que seja ele, descobriu aqueles de nós que vêm ajudando Tronjheim. Mas ainda não estou convencido de que seja o Império. Ninguém vê soldados. Não entendo. Talvez Galbatorix tenha contratado mercenários para nos atacar.

– Soube que você perdeu um navio recentemente.

– Era o último que eu possuía – respondeu Jeod amargamente. – Toda a tripulação era leal e corajosa. Duvido que os veremos novamente... A única opção que me resta é mandar caravanas até Surda ou Gil'ead, que sei que nunca chegarão lá, não importa quantos guardas eu contrate, ou alugar o navio de outra pessoa para levar as mercadorias. Mas ninguém aceitará fazer isso agora.

– Quantos comerciantes têm ajudado você? – interrogou Brom.

– Oh, um bom número por todo o litoral. Todos eles têm sido vítimas desse mesmo problema. Sei o que você está pensando, outro dia também pensei nisso, mas não posso aceitar a ideia de um traidor com tanto conhecimento e poder. Se

houver um, todos corremos perigo. Você devia voltar a Tronjheim.

– E levar Eragon até lá? – interrompeu Brom. – Eles acabariam com ele. É o pior lugar onde ele poderia estar agora. Talvez, em alguns meses, ou melhor, daqui a um ano. Você pode imaginar como os anões reagiriam? Todos tentariam influenciá-lo, especialmente Islanzadi. Ele e Saphira não ficarão seguros em Tronjheim até que eu, pelo menos, os faça passar pela tuatha du orothrim.

Anões!, pensou Eragon animado. Onde fica Tronjheim? E por que Brom falou sobre Saphira a Jeod? Ele não devia contar isso a ninguém sem falar comigo primeiro!

– Ainda assim, sinto que eles precisam de seu poder e de sua sabedoria.

– Sabedoria – murmurou Brom. – Sou apenas o que você disse antes, um velhote excêntrico.

– Muitos não concordariam com isso.

– Deixe estar. Não preciso ficar me explicando. Não, Ajihad terá de se virar sem mim. O que estou fazendo agora é muito mais importante. Mas a possibilidade de um traidor levanta questões perturbadoras. Imagino como o Império soube onde seria... – A voz dele sumiu.

– E fico pensando por que ainda não falaram comigo sobre isso.

– Talvez eles tenham tentado, mas se houver um traidor... – Brom fez uma pausa. – Preciso mandar uma mensagem para Ajihad. Você tem um mensageiro de confiança?

– Acho que tenho. Vai depender de onde ele terá de ir.

– Não sei – disse Brom. – Fiquei isolado durante tanto tempo que a maioria dos meus contatos deve ter morrido ou esquecido de mim. Você poderia mandá-lo até quem recebe seus carregamentos?

– Poderia, mas será arriscado.

– E o que não é hoje em dia? Quando ele pode partir?

– Pela manhã. Vou mandá-lo até Gil'ead. Será mais rápido – disse Jeod. – O que ele pode levar para convencer Ajihad de que a mensagem é sua mesmo?

– Tome, dê o meu anel ao seu mensageiro. E diga a ele que, se o perder, eu, pessoalmente, arrancarei seu fígado. Quem me deu este anel foi a rainha.

– Você não está animado – comentou Jeod.

Brom resmungou. Depois de um longo silêncio, ele disse:

– É melhor sairmos logo e irmos ter com Eragon. Fico preocupado quando ele fica sozinho. Aquele garoto tem uma propensão natural para sempre ficar perto de onde existe problema.

– Está surpreso com isso?

– Nem um pouco.

Eragon ouviu cadeiras sendo puxadas para trás. Ele, rapidamente, desviou seu pensamento e abriu os olhos. O que será que está acontecendo?, falou para si mesmo. Jeod e outros comerciantes estão encrencados porque estão ajudando pessoas de quem o Império não gosta. Brom achou algo em Gil'ead e foi se esconder em Carvahall. O que poderia ser tão importante para ele deixar seu amigo pensar que estava morto durante quase vinte anos? Ele falou em uma rainha, mas não há rainha nenhuma nos reinos que conhecemos. E em anões, que, segundo o que ele mesmo me disse, desapareceram no subsolo há muito tempo.

Ele queria respostas! Mas não podia confrontar Brom agora e pôr em risco a missão deles. Não, teria de esperar até que saíssem de Teirm para pressionar o velho até que ele explicasse seus segredos. Os pensamentos de Eragon ainda estavam em ebulição quando a porta abriu.

– Os cavalos estavam bem? – quis saber Brom.

– Ótimos – retorquiu Eragon. Eles soltaram os cavalos e saíram do castelo.

Quando voltaram à parte principal de Teirm, Brom disse:

– Então, Jeod, você finalmente se casou e... – ele piscou de modo maroto – com uma bela jovem. Parabéns.

Jeod não parecia feliz com o cumprimento. Ele curvou os ombros e ficou olhando para baixo, para a rua.

– Não sei se suas congratulações fazem muito sentido agora. Helen está muito triste.

– Por quê? O que ela quer? – perguntou Brom.

– O de sempre – respondeu Jeod, dando de ombros resignado. – Uma boa casa, filhos felizes, comida na mesa e companhia agradável. O problema é que ela vem de uma família rica, o pai dela investiu muito no meu negócio. Se eu continuar sofrendo tantas perdas, não haverá condições para que ela viva do modo com o qual está acostumada – continuou Jeod. – Mas, por favor, você não tem nada a ver com os meus problemas. Um anfitrião nunca deve perturbar os hóspedes com suas preocupações pessoais. Enquanto estiver na minha casa, não deixarei que nada mais do que uma barriga cheia demais o perturbe.

– Obrigado – disse Brom. – Agradecemos a sua hospitalidade. Nossas viagens têm sido muito longas e sem qualquer tipo de conforto. Você sabe onde podemos encontrar uma loja barata? De tanto cavalgar, nossas roupas ficaram muito surradas.

– Claro. Esse é o meu trabalho – disse Jeod, ficando mais animado. Ele falou de modo entusiasmado sobre preços e lojas até a casa dele ficar ao alcance da vista. Depois, perguntou:

– Vocês se incomodariam se fôssemos comer em outro lugar? Talvez seja constrangedor se vocês entrarem agora.

– Faça o que for melhor para você – concordou Brom.

Jeod ficou aliviado.

– Obrigado. Vamos deixar seus cavalos no meu estábulo.

Fizeram como ele sugeriu e seguiram-no até uma grande taverna. Ao contrário da Castanha Verde, esta era barulhenta, limpa e cheia de pessoas que falavam alto. Quando o prato principal chegou, um suculento leitão recheado, Eragon comeu a carne de modo entusiasmado, mas saboreou mais as batatas, cenouras, nabos e as maçãs doces que o acompanhavam. Fazia muito tempo que ele comia apenas animais de caça.

Estenderam a refeição durante horas, enquanto Brom e Jeod se revezavam contando histórias. Eragon não se incomodou. Estava aquecido, uma música alegre era tocada ao fundo e havia comida mais do que o suficiente. O burburinho animado da taverna soava prazerosamente aos seus ouvidos.

Quando finalmente saíram da taverna, o sol aproximava-se do horizonte.

– Vocês dois podem ir na frente, preciso cuidar de uma coisa – avisou Eragon. Ele queria ver Saphira e saber se ela estava escondida em segurança.

Brom concordou distraidamente:

– Tenha cuidado. Não demore muito.

– Espere – disse Jeod. – Você vai sair de Teirm?

Eragon hesitou, mas concordou com a cabeça de modo relutante.

– Então, certifique-se de estar dentro das muralhas antes do anoitecer. Os portões são fechados e os guardas só o deixarão entrar pela manhã.

– Não vou demorar – prometeu Eragon. Ele virou-se e andou a passos largos por uma rua lateral, em direção à muralha de Teirm. Assim que estava fora da cidade, respirou fundo, aproveitando o ar puro. Saphira!, chamou. Onde você está? Ela o guiou para fora da estrada, até a base de um penhasco coberto de musgo e cercado por bordos. Ele viu a cabeça dela saindo de uma das árvores, lá no topo, e acenou. Como vou subir até aí?

Se achar uma clareira, posso descer para pegá-lo.

Não, disse, olhando para o penhasco. Não será necessário. Vou subir.

É muito perigoso.

Você se preocupa demais. Deixe eu me divertir um pouco.

Eragon tirou as luvas e começou a escalar. Gostou do desafio físico. Havia muitos locais onde pôr a mão e a subida foi fácil. Logo, ele estava acima das árvores. No meio do caminho, parou na saliência de uma pedra para recuperar o fôlego.

Assim que suas forças voltaram, esticou-se para alcançar a pedra mais próxima, mas o braço dele não era comprido o bastante. Frustrado, procurou outra fenda ou sulco onde pudesse pôr a mão. Não havia. Tentou voltar, mas suas pernas não podiam alcançar o ponto de apoio mais próximo. Saphira observava tudo sem piscar. Ele desistiu e disse: Eu poderia ter alguma ajuda.

A culpa é sua.

É! Eu sei! Vai me ajudar a descer ou não?

Se eu não estivesse por perto, você estaria muito encrencado.

Eragon levantou os olhos. Não precisa me dizer isso.

Está certo. Afinal, como um simples dragão pode achar que está autorizado a dizer a um homem como você o que fazer? De fato, todos deviam ficar admirados com sua inteligência ao conseguir ter achado apenas um beco sem saída. Ora, se você tivesse começado a escalada a apenas alguns metros na outra direção, o caminho até o topo seria bem tranquilo. Ela jogou a cabeça em direção a ele, seus olhos brilhavam.

Tudo bem! Eu errei! Agora, por favor, você poderia me tirar daqui?, pediu.

Ela afastou sua cabeça da beira do penhasco. Depois de um instante, ele chamou:

– Saphira? – Acima dele estavam apenas as árvores que balançavam. – Saphira! Volte aqui! – gritou.

Com um estrondo, Saphira passou em alta velocidade pelo topo do penhasco, dando uma pirueta em pleno ar. Flutuou até Eragon como um grande morcego e agarrou a camisa dele com suas garras, arranhando as costas do rapaz. Ele soltou a pedra quando ela o puxou para cima, em pleno ar. Depois de um breve voo, colocou-o gentilmente no topo do penhasco e tirou as garras da camisa dele.

Tolice, disse Saphira educadamente.

Eragon olhou ao longe, estudando a paisagem. O penhasco fornecia uma vista maravilhosa do lugar que os cercava, especialmente do mar que espumava na praia, como também um bom esconderijo contra olhos inconvenientes. Só os pássaros podiam ver Saphira ali. O local era ideal.

O amigo de Brom é de confiança?, perguntou ela.

Não sei. Eragon começou a relatar os eventos do dia. Há forças ao nosso redor

sobre as quais não temos conhecimento. Às vezes penso se podemos entender as intenções verdadeiras das pessoas que nos cercam. Parece que todos têm segredos.

O mundo é assim. Ignore todos os esquemas e confie na natureza de cada pessoa. Brom é bom. Ele não nos deseja o mal. Não devemos ter receio quanto aos planos dele.

É o que espero, disse ele, olhando para as suas mãos.

Tentar achar os Ra'zac examinando alguns registros é um modo estranho de procurar alguém, ponderou ela. Será que existe uma magia para ver os registros sem estar dentro da sala?

Não sei. A pessoa teria de combinar a palavra que dá poderes para ver com a palavra distância... ou talvez luz e distância. De qualquer maneira, parece ser algo bem difícil. Vou perguntar ao Brom.

Isso seria bom. Eles ficaram em um tranquilo silêncio.

Sabe, talvez tenhamos de ficar algum tempo por aqui.

A resposta de Saphira foi amarga.

E, como sempre, terei de ficar esperando aqui fora.

Não é o que eu desejo. Logo, viajaremos juntos novamente.

Que esse dia chegue rápido.

Eragon sorriu e a abraçou. Ele notou que a luz se esvaía rapidamente. Preciso ir agora, antes que fique preso do lado de fora de Teirm. Saia para caçar amanhã, virei vê-la à tarde.

Ela abriu as asas. Venha, vou levá-lo até lá embaixo. Ele montou em seu dorso repleto de escamas e agarrou-se firmemente quando ela pulou do penhasco, pairou sobre as árvores e pousou em um pequeno monte. Eragon a agradeceu e voltou correndo para Teirm.

Avistou a porta corrediça quando ela estava começando a ser fechada. Gritando para que o esperassem, apertou o passo da corrida e conseguiu entrar segundos antes de o portão se fechar.

– Você quase não conseguiu – comentou um dos guardas.

– Não vai acontecer de novo – garantiu Eragon, agachando-se para recuperar o fôlego. Percorreu as ruas da cidade escura até a casa de Jeod. Uma lanterna, que estava pendurada do lado de fora, parecia um farol.

Um mordomo rechonchudo abriu a porta e levou-o para dentro sem dar uma palavra. Tapeçarias cobriam as paredes de pedra. Tapetes adornados pontilhavam o chão de madeira polida que brilhava com a luz dos três candelabros de ouro que

pendiam do teto. Uma fumaça pairava pelo ar e subia.

– Por aqui, senhor. Seu amigo está na sala de leitura.

Passaram por várias portas até que o mordomo abrisse a que dava para a sala de leitura.

Livros cobriam as paredes do cômodo. Mas ao contrário daqueles no escritório de Jeod, estes tinham várias formas e tamanhos. Uma lareira cheia de toras ardentes aquecia o local. Brom e Jeod estavam sentados na frente de uma mesa oval, conversando amigavelmente. Brom ergueu seu cachimbo e falou com uma voz jovial:

– Ah, aí está você. Já estávamos ficando preocupados. Como foi a caminhada?

O que será que o deixou de bom humor? Por que ele não pergunta logo como a Saphira está?

– Foi agradável, mas os guardas quase me deixaram do lado de fora da cidade. E Teirm é grande. Tive dificuldade para achar a casa.

Jeod riu.

– Depois que você vir Dras-Leona, Gil'ead ou até mesmo Kuasta, não ficará tão facilmente impressionado com esta cidadezinha litorânea. Mas gosto daqui. Quando não está chovendo, Teirm é muito bonita.

Eragon se virou para Brom.

– Tem alguma ideia de quanto tempo ficaremos aqui?

Brom abriu as mãos e as esticou para cima.

– É difícil dizer. Vai depender de quando teremos acesso aos registros e de quanto tempo levaremos para achar o que precisamos. Nós todos teremos de ajudar, será um trabalho enorme. Falarei com Brand amanhã para ver se ele nos deixará ver os registros.

– Acho que não poderei ajudar – Eragon disse, virando-se constrangido.

– Por quê? – indagou Brom. – Haverá muito trabalho para você.

Eragon baixou a cabeça.

– Eu não sei ler.

Brom esticou-se na cadeira, descrente.

– Quer dizer que Garrow nunca o ensinou a ler?

– E ele sabia ler? – perguntou Eragon, intrigado. Jeod os observava com interesse.

– É claro que sabia – resmungou Brom. – Aquele tolo orgulhoso, o que achava? Eu devia ter percebido que ele nunca o ensinaria a ler. Provavelmente, considerava um luxo desnecessário. – Brom franziu a testa e puxou sua barba com raiva. – Isso

atrapalha os meus planos, mas não de modo irreparável. Terei de ensinar você a ler. Não vai demorar muito se você se dedicar.

Eragon apertou os olhos. Qualquer aula de Brom, geralmente, era muito intensa e brutalmente direta. Quanta coisa posso aprender de uma vez só?

– Suponho que isso seja necessário – disse Eragon com melancolia.

– Você vai gostar. Podemos aprender muitas coisas com os livros e pergaminhos – declarou Jeod. Ele apontou para as paredes. – Estes livros são meus amigos e companheiros. Eles me fazem rir e chorar, dão sentido à vida.

– Isso parece ser fascinante – admitiu Eragon.

– Sempre o estudioso, não é? – perguntou Brom.

Jeod deu de ombros.

– Não sou mais. Acho que regredi e virei um bibliófilo.

– Um o quê? – quis saber Eragon.

– Uma pessoa que ama os livros – explicou Jeod e voltou a conversar com Brom. Entediado, Eragon olhou para as prateleiras. Um livro elegante, com pinos dourados, chamou sua atenção. Ele o tirou da estante e o observou curiosamente.

Era encapado com couro preto e havia misteriosas runas entalhadas. Eragon passou os dedos por cima da capa e apreciou sua suavidade gelada. As letras dentro dele foram impressas com uma tinta avermelhada e brilhante. Deixou as páginas correrem por seus dedos. Uma coluna de escritos, destacada do texto normal, chamou sua atenção. As palavras eram longas e fluentes, havia muitas linhas elegantes e pontos nítidos.

Eragon levou o livro até Brom.

– O que é isto? – perguntou, apontando para o texto estranho.

Brom examinou a página atentamente e ergueu suas sobrancelhas em surpresa.

– Jeod, você aumentou a sua coleção. Onde conseguiu isto? Não vejo um destes há muito tempo.

Jeod esticou o pescoço para ver o livro.

– Ah, sim, o Domia abr Wyrda. Um homem passou por aqui há alguns anos e tentou vendê-lo a um comerciante no cais. Felizmente, eu estava lá por acaso e pude salvar o livro, como também o pescoço dele. Ele nem imaginava de qual assunto o livro tratava.

– É estranho, Eragon, você ter escolhido este livro, o Domínio do destino – disse Brom. – De todos os livros nesta casa, este deve ser o que tem mais valor. Descreve em detalhes a história completa da Alagaësia, começando muito antes de os elfos chegarem aqui e terminando poucas décadas atrás. O livro é muito raro e é

um dos melhores do seu gênero. Quando foi escrito, o Império o condenou como uma blasfêmia e queimou seu autor vivo, Heslant, o monge. Eu achava que não existia mais nenhuma cópia. As letras sobre as quais você pergunta são da língua antiga.

– E o que diz aí? – perguntou Eragon.

Brom levou alguns instantes para ler o texto.

– É parte de um poema élfico que fala sobre os anos em que eles lutaram com os dragões. Este trecho descreve um dos reis deles, Ceranthor, que foi marchando para a batalha. Os elfos adoram este poema e o recitam frequentemente, embora sejam precisos três dias para fazer isso de modo apropriado. Isso é feito para que eles não repitam os erros do passado. Às vezes, eles o recitam de uma maneira tão bela que parece que até as pedras vão chorar.

Eragon voltou à sua cadeira, segurando o livro delicadamente. É impressionante que um homem que já esteja morto possa falar com essas pessoas através destas páginas. Enquanto este livro sobreviver, as ideias dele terão vida. Será que ele contém alguma informação sobre os Ra'zac?

Folheava o livro enquanto Brom e Jeod conversavam. Horas se passaram, e Eragon começou a ficar com sono. Condoído com o cansaço dele, Jeod deu boa-noite:

– O mordomo os levará aos seus quartos.

No caminho para o andar superior, o criado disse:

– Se precisarem de ajuda, toquem a sineta que fica ao lado da cama.

Ele parou perto do grupo de três portas e, depois, retrocedeu.

Quando Brom ia entrando no quarto à direita, Eragon perguntou:

– Posso falar com você?

– Você já falou, mas pode entrar assim mesmo.

Eragon fechou a porta assim que entrou.

– Saphira e eu tivemos uma ideia. Será que há...

Brom ergueu a mão, fazendo sinal para ele parar e puxou a cortina o máximo possível para cobrir a janela.

– Quando falar essas coisas, certifique-se de que não haja nenhum ouvido inconveniente presente.

– Desculpe – disse Eragon, repreendendo-se por causa do deslize. – Bem, mas é possível evocar uma imagem de algo que você não pode ver?

Brom sentou na beira de sua cama.

– Você está falando de adivinhação usando-se uma bola de cristal. Isso é

possível e extremamente útil em certas situações, mas tem uma grande desvantagem. Só podemos observar pessoas, lugares e coisas que já tenhamos visto. Se quiséssemos ver os Ra'zac, nós os veríamos, sim, mas não o lugar que os cercava. E também há outros problemas. Digamos que você quisesse ver certa página de um livro, uma que já tivesse visto. Você só conseguiria ver a página se o livro estivesse aberto. Se o livro estivesse fechado quando você tentasse vê-la, a página apareceria toda preta.

– Por que não podemos ver objetos que nunca vimos? – perguntou Eragon. Mesmo com essas limitações, ele achava que usar uma bola de cristal poderia ser muito útil. Será que posso ver alguma coisa quilômetros à frente e usar a magia para mudar o que estiver acontecendo lá?

– Porque – respondeu Brom pacientemente – para usar uma bola de cristal você precisa conhecer o que está procurando e deve saber para onde dirigir o seu poder. Mesmo se descrevessem um estranho para você, seria praticamente impossível vê-lo, sem falar no lugar e nas coisas que estivessem em volta dele. Você precisa conhecer o que quer ver na bola de cristal antes de poder vê-lo ali de fato. Isso responde à sua pergunta?

Eragon pensou por um instante.

– Mas como se faz isso? Você evoca a imagem em pleno ar?

– Nem sempre – respondeu Brom, sacudindo sua cabeça branca. – Fazer isso requer mais energia do que projetar uma imagem em uma superfície como um lago ou um espelho. Alguns Cavaleiros viajavam o máximo que podiam, tentavam conhecer o máximo de coisas possíveis. Então, quando havia uma guerra ou algum tipo de calamidade, eles podiam ver o que acontecia por toda a Alagaësia.

– Posso tentar fazer isso? – inquiriu Eragon.

Brom olhou para ele cuidadosamente.

– Não, agora, não. Você está cansado e usar uma bola de cristal exige muita força. Vou dizer as palavras a você, mas prometa que não tentará fazer isso hoje. E prefiro que espere até sairmos de Teirm, tenho muito mais a lhe ensinar.

Eragon sorriu.

– Prometo.

– Muito bem. – Brom se curvou e sussurrou bem baixinho "Draumr kópa", no ouvido de Eragon.

Eragon parou um instante para memorizar as palavras.

– Talvez, depois que sairmos de Teirm, eu tente ver Roran. Gostaria de saber como ele está passando. Temo que os Ra'zac possam ir atrás dele.

– Não quero assustá-lo, mas essa é uma possibilidade – ponderou Brom. – Embora Roran já tivesse deixado Carvahall quando os Ra'zac chegaram, tenho certeza de que fizeram perguntas sobre ele. Quem sabe, eles devem até tê-lo encontrado quando passaram por Therinsford. De qualquer modo, duvido que a curiosidade deles tenha sido saciada. Você está à solta, afinal, e o rei deve estar ameaçando-os com um castigo terrível se você não for encontrado. Se não tiverem sucesso, deverão voltar e interrogar Roran. É só uma questão de tempo.

– Se isso for verdade, então o único modo de manter Roran em segurança é deixar os Ra'zac saberem onde estou, para que venham atrás de mim e não persigam Roran.

– Não, isso não adiantaria. Você não está raciocinando – advertiu Brom. – Se você não entender seus inimigos, como espera poder antecipar o que eles farão? Mesmo se você expuser seu esconderijo, os Ra'zac ainda iriam atrás de Roran. Sabe por quê?

Eragon esticou-se e ponderou todas as possibilidades.

– Bem, se eu ficar escondido durante muito tempo, eles podem ficar frustrados e capturar Roran para me forçar a revelar onde estou. Se isso não der certo, eles vão matá-lo só para me magoar. Além disso, se eu virar um inimigo do Império, eles podem usá-lo como isca para me capturar. E se eu me encontrar com Roran e eles souberem disso, vão torturá-lo para descobrir onde eu estava.

– Muito bem. Você previu tudo muito bem – parabenizou-o Brom.

– Mas qual é a solução? Não posso permitir que ele seja morto!

Brom fechou as mãos sem apertá-las.

– A solução é óbvia. Roran terá de aprender a se defender. Isso pode parecer algo frio, mas como você mesmo destacou, não pode arriscar encontrá-lo. Talvez você não se lembre disso, pois estava delirando na ocasião, mas quando saímos de Carvahall, eu disse que tinha deixado uma carta alertando Roran para que ele não ficasse completamente ignorante quanto ao perigo. Se ele tiver algum senso de autopreservação, quando os Ra'zac aparecerem em Carvahall novamente, ouvirá o meu conselho e fugirá.

– Não gosto disso – disse Eragon insatisfeito.

– Ah, mas você esqueceu uma coisa.

– O quê? – inquiriu.

– Há algo bom nisso tudo. O rei não pode se dar ao luxo de ter um Cavaleiro sobre o qual ele não tenha controle andando por aí. Galbatorix é o único Cavaleiro vivo conhecido, além de você, mas ele gostaria de ter mais um Cavaleiro sob seu

comando. Antes que tente matar você ou Roran, ele lhe oferecerá a chance de servi-lo. Infelizmente, se conseguir se aproximar o bastante para lhe fazer essa proposta, será tarde demais para você recusá-la e sair vivo de lá.

– E você diz que isso é bom?

– Isso é tudo que está protegendo Roran agora. Enquanto o rei não souber o lado que você escolheu, não arriscará perdê-lo ao ferir seu primo. Mantenha sempre isso em mente. Os Ra'zac mataram Garrow, mas acho que não foi uma decisão acertada da parte deles. Pelo que conheço de Galbatorix, ele não deve ter aprovado isso, a não ser que tenha tido alguma vantagem.

– E como poderei negar um desejo do rei se ele estiver me ameaçando de morte? – perguntou Eragon severamente.

Brom suspirou. Ele foi até a sua penteadeira e molhou os dedos em uma bacia com água de rosas.

– Galbatorix quer que você coopere com ele de bom grado. Sem isso, você será pior do que algo inútil para ele. Então, a pergunta é: se um dia se deparar com essa escolha, você estará preparado para morrer pelo que acredita? Essa é a única maneira com a qual você poderá dizer "não" a ele.

A pergunta pairou no ar.

Brom, finalmente, disse:

– É uma pergunta difícil e só podemos responder a ela verdadeiramente quando nos depararmos com ela. Tenha em mente que muitas pessoas morreram por aquilo em que acreditavam. De fato, isso é bem comum. A verdadeira coragem é viver e sofrer por aquilo em que você acredita.

A BRUXA E O MENINO-GATO

A manhã já ia alta quando Eragon acordou. Ele vestiu-se, lavou o rosto na bacia e levantou o espelho para ajeitar os cabelos. Algo em seu reflexo o fez parar e olhar com mais atenção. Seu rosto havia se modificado desde que saíra de Carvahall pouco tempo atrás. As feições rechonchudas de menino haviam desaparecido agora, eliminadas pelas viagens, lutas e treinamentos. As maçãs do seu rosto estavam mais proeminentes, a linha do seu maxilar estava mais definida. Seus olhos ganharam um visual que, quando observou mais atentamente, deram ao rosto dele uma aparência selvagem, exótica. Segurou o espelho com o braço esticado, e seu rosto voltou a ter a aparência normal, mas ainda assim não parecia que era a dele.

Um pouco confuso, pôs o arco e a aljava nas costas e saiu do quarto. Antes de chegar ao final do corredor, o mordomo o alcançou.

– Senhor, Neal foi com o meu patrão para o castelo mais cedo. Ele disse que você pode fazer o que quiser hoje, pois só voltará à noite.

Eragon agradeceu-lhe o recado e, ansioso, começou a explorar Teirm. Durante horas vagou pelas ruas, entrando em todas as lojas que chamavam a sua atenção e conversou com várias pessoas. Finalmente foi forçado a voltar para a casa de Jeod por estar com a barriga e os bolsos vazios.

Quando chegou à rua onde o comerciante morava, parou perto da loja vizinha, da herbolária. Era um local incomum para uma loja. Todos os outros estabelecimentos comerciais ficavam próximos à muralha da cidade e não espremidos entre casas caras. Tentou olhar pelas janelas, mas estavam cobertas por dentro por uma grossa camada de plantas. Curioso, entrou.

Em um primeiro instante, não viu nada, pois a loja estava muito escura, mas seus olhos foram se acostumando à fraca luz esverdeada que entrava pelas janelas. Um pássaro colorido, que tinha uma cauda com penas compridas e largas e um bico forte e afiado, olhou curioso para Eragon de sua gaiola perto de uma janela. As paredes estavam cobertas por plantas, vinhas agarravam-se no teto, ocultando tudo, exceto um velho candelabro. E no chão havia um grande vaso com uma flor amarela. Uma coleção de pilões, potes e bacias de metal, além de uma bola de cristal do tamanho da cabeça de Eragon, estavam em cima de um balcão comprido.

Ele foi andando até o balcão, desviando com cuidado de máquinas complexas, engradados com pedras, pilhas de pergaminhos e outros objetos que não reconhecia. A parede atrás do balcão estava repleta de gavetas de todos os

tamanhos. Algumas não eram maiores do que seu dedo mindinho, enquanto outras eram grandes o bastante para comportar um barril. Havia um espaço de trinta centímetros nas prateleiras na parte de cima.

Um par de olhos vermelhos, de repente, apareceu no meio da escuridão e um gato grande e forte pulou em cima do balcão. Tinha um corpo delgado com ombros poderosos e patas bem maiores do que as dos gatos com o tamanho dele têm. Uma pequena juba felpuda cercava sua cara angular. As orelhas tinham pequenos tufos pretos nas pontas. Presas brancas curvavam-se sobre sua mandíbula. No geral, não se parecia com nenhum gato que Eragon já havia visto. O animal o examinou com olhos argutos, depois abanou sua cauda de modo desdenhoso.

Por impulso, Eragon forçou sua mente e tocou a consciência do gato. Gentilmente, examinou seus pensamentos, tentando fazê-lo entender que ele era amigo.

Você não precisa fazer isso.

Eragon olhou em volta, assustado. O gato ignorou-o e lambeu uma pata. Saphira? Onde você está?, perguntou. Ninguém respondeu. Intrigado, inclinou-se sobre o balcão e tentou pegar o que parecia ser uma vara de madeira.

Isso não seria inteligente.

Pare de brincar comigo, Saphira, disparou ele e pegou a vara. Um choque elétrico percorreu todo o seu corpo, e ele caiu no chão contorcendo-se. A dor foi passando lentamente, deixando-o ofegante. O gato pulou para o chão e olhou para ele.

Você não é muito inteligente para um Cavaleiro de Dragão. Eu avisei.

Foi você que falou!, exclamou Eragon. O gato bocejou, espreguiçou-se e andou lentamente pelo lugar, costurando seu caminho entre os objetos.

Quem mais poderia ter falado?

Mas você é apenas um gato!, objetou.

O gato estrilou e voltou correndo para Eragon. Pulou no peito do rapaz e curvou-se ali, olhando-o com olhos brilhantes. Eragon tentou levantar-se, mas o animal rosnou, mostrando suas presas. Eu me pareço com os outros gatos?

Não...

Então, o que faz você pensar que eu seja um? Eragon começou a falar alguma coisa, mas a criatura apertou as garras no peito dele. Obviamente, sua educação não foi das melhores. Eu – corrigindo seu erro – sou um menino-gato. Não restam muitos de nós, mas acho que até um garoto do campo já devia ter ouvido falar de nós.

Eu não sabia que vocês existiam de verdade, disse Eragon fascinado. Um

menino-gato! Ele, de fato, estava com sorte. Essas criaturas estavam sempre presentes em todas as histórias, apenas observando ou dando conselhos. Se as lendas fossem verdadeiras, os meninos-gato tinham poderes mágicos, viviam mais do que os humanos e, geralmente, sabiam mais do que falavam.

O menino-gato piscou preguiçosamente. Saber independe de ser. Eu não sabia que você existia até que entrou aqui e estragou a minha soneca. Entretanto, isso não significa que você não existia antes de me acordar.

Eragon ficou perdido com a argumentação do animal. Sinto muito se perturbei você.

Eu já ia levantar mesmo, disse ele, pulou de volta para cima do balcão e lambeu a pata. Se eu fosse você, não ficaria segurando essa vara por muito tempo. Ela vai lhe dar outro choque em alguns segundos.

Eragon pôs a vara rapidamente onde a havia encontrado. O que é isso?

Um artefato comum e sem graça, ao contrário de mim.

Mas para que serve?

Você não descobriu? O menino-gato terminou de limpar sua pata, espreguiçou-se mais uma vez e com um pulo voltou para o lugar onde estava dormindo. Sentou-se, pôs as patas embaixo do peito e fechou os olhos, ronronando.

Espere, disse Eragon. Qual é o seu nome?

Um dos olhos oblíquos do menino-gato abriu-se. Tenho muitos nomes. Se você quiser saber meu nome correto, terá de procurar em outro lugar. O olho se fechou. Eragon desistiu e virou-se para sair. Contudo, você pode me chamar de Solembum.

Obrigado, respondeu Eragon com um tom sério. O ronronar de Solembum ficou mais alto. A porta da loja abriu-se, deixando passar um feixe de luz do sol. Angela entrou com uma bolsa de pano cheia de plantas. Os olhos dela brilharam ao ver Solembum e ela ficou admirada.

– Solembum disse que você falou com ele.

– Você também pode falar com ele? – perguntou Eragon.

Ela fez um meneio com a cabeça.

– É claro, mas isso não significa que ele vai responder. – Ela pôs as plantas no balcão, foi para trás dele e encarou o rapaz. – Ele gostou de você, isso não é muito comum. Na maioria das vezes, Solembum não se mostra aos clientes. De fato, ele diz que você tem um futuro promissor, depois de alguns anos de trabalho árduo.

– Obrigado.

– Vindo dele, isso é um elogio. Você é apenas a terceira pessoa que veio aqui e que conseguiu falar com ele. A primeira foi uma mulher, há muitos anos. A segunda

foi um mendigo cego. E, agora, você. Mas não tenho uma loja só para ficar tagarelando. Você deseja alguma coisa? Ou só entrou para olhar?

– Só para olhar – respondeu Eragon, ainda pensando no menino-gato. – Além disso, não preciso de nenhuma erva.

– Eu não faço só isso – disse Angela sorrindo. – Os senhores ricos e tolos me pagam para fazer poções de amor e coisas assim. Nunca digo que funcionarão, contudo, por algum motivo, eles sempre voltam. Mas não acho que você precise dessas bobagens. Gostaria que eu lesse a sua sorte? Posso fazer isso também, para as damas ricas e tolas.

Eragon riu.

– Não, temo que o meu futuro seja muito difícil de ler. E não tenho dinheiro.

Angela olhou para Solembum de modo curioso.

– Eu acho... – Ela apontou para a bola de cristal que estava em cima do balcão. – É só para fazer vista, não serve para nada. Mas eu tenho... Espere aqui. Voltarei já. – Ela foi correndo até um cômodo nos fundos da loja.

Voltou, ofegante, segurando uma bolsa de couro, que pôs no balcão.

– Não uso isto há muito tempo, quase esqueci onde estava. Bem, sente em frente a mim e mostrarei por que tive todo esse trabalho. – Eragon pegou um banquinho e sentou. Os olhos de Solembum brilhavam por entre as frestas nas gavetas.

Angela esticou um pano grosso no balcão e jogou um punhado de ossos lisos, que eram um pouco mais longos do que um dedo. Havia runas e outros símbolos entalhados em suas laterais.

– Estes – disse ela, tocando-os gentilmente – são ossos dos dedos de um dragão. Não pergunte onde os consegui, é um segredo que não revelarei. Mas ao contrário das folhas de chá, das bolas de cristal ou até das cartas de adivinhação, estes ossos têm poder de verdade. Não mentem, mas entender o que eles dizem é... complicado. Se quiser, posso jogá-los e lê-los para você. Mas saiba que conhecer o próprio destino pode ser uma coisa terrível. Você deve estar seguro quanto à sua decisão.

Eragon olhou para os ossos sentindo medo. Ali estão partes dos restos de um semelhante de Saphira. Conhecer o próprio destino... Como posso tomar essa decisão se não sei o que me aguarda e se eu gostarei disso ou não? A ignorância, de fato, é uma bênção.

– Por que está me oferecendo isso? – perguntou ele.

– Por causa de Solembum. Ele pode ter sido rude, mas o fato de ele ter falado

com você o torna especial. Afinal, ele é um menino-gato. Ofereci fazer essa mesma coisa para as outras duas pessoas que falaram com ele. Só a mulher concordou. Ela se chamava Selena. Ah, e ela lamentou também. O futuro dela era sombrio e doloroso. Acho que ela não acreditou, pelo menos no começo.

A emoção tomou conta de Eragon, seus olhos ficaram marejados.

– Selena – disse baixinho. Era o nome de sua mãe. Será que teria sido ela? O destino dela era tão horrível a ponto de me abandonar? – A senhora se lembra de algo sobre o futuro dela? – perguntou, sentindo-se enjoado.

Angela balançou a cabeça e suspirou.

– Faz muito tempo, e os detalhes já se fundiram com o resto da minha memória, que não costuma ser tão boa quanto antes. Além disso, não contarei a você o que lembro. O que contei foi para ela somente. Mas foi triste. Nunca esquecerei o olhar no rosto dela.

Eragon fechou os olhos e lutou para recuperar o controle de suas emoções.

– Por que a senhora reclama da sua memória? – perguntou para se distrair. – Não é tão velha assim.

Covinhas apareceram nas bochechas de Angela.

– Fiquei lisonjeada, mas não se iluda, sou muito mais velha do que pareço. A aparência jovem deve ser fruto de ingerir as minhas ervas quando os negócios não vão muito bem.

Sorrindo, Eragon respirou fundo. Se aquela moça era a minha mãe, e se ela conseguiu suportar saber o que o futuro lhe reservava, eu também conseguirei.

– Jogue os ossos para mim – pediu em um tom solene.

A expressão no rosto de Angela ficou bem séria quando agarrou os ossos com as mãos. Fechou os olhos e seus lábios se mexeram em um murmúrio inaudível. Depois, disse bem alto: "Manin! Wyrda! Hugin!", e jogou os ossos no pano. Caíram amontoados, brilhando na luz fraca.

As palavras retumbaram nos ouvidos de Eragon; reconheceu-as da língua antiga e percebeu preocupado que, para poder usá-las para fazer magia, Angela devia ser uma bruxa. Ela não mentiu, estava prevendo o futuro de verdade. Os minutos passavam lentamente enquanto ela estudava os ossos.

Finalmente Angela jogou-se para trás e soltou um longo suspiro. Ela esfregou a sobrancelha e pegou um odre de vinho embaixo do balcão.

– Quer um pouco? – perguntou Angela. Eragon balançou a cabeça. Ela encolheu os ombros e tomou um grande gole. – Esta – disse ela, limpando a boca – foi a leitura mais difícil que já fiz. Você estava certo. Seu futuro é quase impossível de se

ver. Nunca vi o futuro de alguém tão conturbado e nebuloso. Mas eu, contudo, consegui arrancar algumas respostas.

Solembum pulou para cima do balcão e ficou lá, olhando ambos. Eragon fechou suas mãos com força quando Angela apontou para um dos ossos. – Vou começar aqui – disse lentamente –, pois é o mais fácil de se entender.

O símbolo no osso era uma longa linha horizontal com um círculo em cima.

– Infinito ou longa vida – interpretou Angela baixinho. – É a primeira vez que vejo isso aparecer no futuro de alguém. A maioria das vezes vejo um choupo ou um olmo, os dois são sinais de que a pessoa viverá um número normal de anos. Agora se isso significa que você viverá eternamente ou se terá uma vida extraordinariamente longa, eu não sei. Não importa o que isso diga, tenha certeza de que muitos anos o esperam pela frente.

Isso não é surpresa nenhuma, sou um Cavaleiro, pensou Eragon. Será que Angela só ia dizer a ele coisas que já sabia?

– Agora os ossos estão mais difíceis de se ler, pois o resto forma um monte confuso. – Angela tocou em três deles. – Estes são o caminho errante, o raio e o navio e todos estão juntos. É um padrão que nunca vi antes, só ouvi falar dele. O caminho errante mostra que há muitas escolhas no seu futuro, algumas com as quais você lida neste momento. Vejo grandes batalhas acontecendo ao seu redor, algumas sendo travadas para seu próprio bem. Vejo grandes poderes desta terra lutando para controlar a sua vontade e o seu destino. Inúmeras possibilidades o esperam em seu futuro, todas elas repletas de sangue e conflito, mas apenas uma delas lhe dará felicidade e paz. Cuidado ao escolher seu caminho, pois você é um dos poucos que são verdadeiramente livres para escolher o próprio destino. Essa liberdade é um dom, mas também é uma responsabilidade que prende mais do que grilhões e correntes.

Depois, o rosto dela ficou triste.

– Entretanto, para se contrapor a isso, aqui está o raio. É um presságio terrível. Um destino cruel paira sobre você, mas não sei de que espécie. Parte dele está sobre uma morte que se aproxima rapidamente e que causará muita dor. Mas o resto espera por você em uma grande jornada. Olhe atentamente para este osso. Veja como a ponta dele está em cima de um navio. É impossível interpretar isso errado. O seu destino será deixar esta terra para sempre. Não sei aonde você irá parar, mas nunca mais porá os pés em Alagaësia. Isso é inevitável. Acontecerá, mesmo que você tente evitar.

As palavras dela assustaram Eragon. Outra morte... quem perderei agora? Seus

pensamentos dirigiram-se imediatamente para Roran. Depois, pensou em sua terra natal. O que poderia me fazer partir? E aonde eu iria? Se há terras além do mar ou ao leste, só os elfos as conhecem.

Angela esfregou as têmporas e respirou profundamente.

– O próximo osso é fácil de ler e, talvez, um pouco mais prazeroso. – Eragon examinou-o e viu uma rosa entalhada entre as pontas de uma lua crescente.

Angela sorriu e disse:

– Há um romance épico no seu futuro, extraordinário, como a lua indica, pois esse é um símbolo mágico, e é forte o bastante para durar mais do que impérios. Não posso dizer se essa paixão acabará de modo feliz, mas o seu amor nasceu em berço nobre e tem tradição. Ela é poderosa, sábia e tem uma beleza sem igual.

De berço nobre, pensou Eragon surpreso. Como isso poderia acontecer? Não tenho mais bens do que o mais pobre dos fazendeiros.

– Agora, os dois últimos ossos, a árvore e a raiz de espinheiro, que se cruzam fortemente. Queria que não fosse assim, pois só pode significar mais problemas, mas a traição está bem clara. E ela virá de dentro da sua família.

– Roran não faria isso! – protestou Eragon de repente.

– Eu não sei – disse Angela com cuidado. – Mas os ossos nunca mentiram, e é isso o que eles dizem.

A dúvida assolou a mente de Eragon, mas tentou ignorá-la. Que razão poderia existir para que Roran o traísse? Angela quis confortá-lo ao pôr a mão em seu ombro e oferecer o vinho novamente. Dessa vez, Eragon aceitou a bebida, o que o fez se sentir melhor.

– Depois disso tudo, a morte pode ser até bem-vinda – brincou ele nervosamente. Traição de Roran? Isso não pode acontecer! Não vai acontecer!

– Talvez – disse Angela solene e depois riu levemente. – Mas você não deve se atormentar com o que ainda está para acontecer. O único modo como o futuro pode nos prejudicar é causando preocupações. Garanto que você se sentirá melhor assim que estiver ao sol.

– Talvez. – Infelizmente, refletiu ele preocupado, nada que ela disse fará sentido até que tenha acontecido. Se acontecer mesmo, corrigiu. – Você usou palavras de poder – comentou baixinho.

Os olhos de Angela faiscaram.

– O que eu não daria para ver o resto da sua vida. Você pode falar com meninos-gato, conhece a língua antiga e tem um futuro muito interessante. Além disso, poucos jovens de bolsos vazios e roupas surradas podem esperar serem amados

por uma mulher de origem nobre. Quem é você?

Eragon percebeu que o menino-gato não dissera a Angela que ele era um Cavaleiro. Ele quase disse "Evan", mas mudou de ideia e falou simplesmente:

– Eu sou Eragon.

Angela arqueou as sobrancelhas.

– É quem você é ou é o seu nome? – perguntou.

– As duas coisas – disse Eragon, com um pequeno sorriso no rosto, pensando na origem do seu nome, o primeiro Cavaleiro.

– Agora, fiquei mais interessada ainda para saber como será a sua vida. Quem era o homem maltrapilho que estava com você ontem?

Eragon decidiu que mais um nome não faria mal.

– O nome dele é Brom.

De repente, Angela soltou uma gargalhada, fazendo-a se contorcer de alegria. Ela enxugou os olhos e tomou um grande gole de vinho e lutou para conter outro ataque de alegria. Finalmente, tentando recuperar o fôlego, ela forçou-se a dizer:

– Oh... aquele homem! Eu nem imaginava!

– O que foi? – perguntou Eragon.

– Não, não fique chateado – disse Angela escondendo um sorriso. – É só que... bem, ele é muito conhecido pelas pessoas da minha profissão. Temo que o destino do pobre homem, ou futuro se preferir, é uma piada para nós.

– Não o insulte! É um homem muito bom, é difícil achar alguém como ele! – disparou Eragon.

– Paz, paz – censurou Angela, divertindo-se. – Eu sei disso. Se nos encontrarmos de novo em um momento apropriado, falarei tudo a você sobre isso. Mas por enquanto, você devia... – Ela parou de falar quando Solembum andou entre eles. O menino-gato olhou para Eragon sem piscar.

O que foi?, indagou Eragon irritado.

Ouça com atenção, pois lhe direi duas coisas: quando chegar a hora e você precisar de uma arma, olhe embaixo das raízes da árvore Menoa. Depois, quando tudo parecer perdido e o seu poder não for suficiente, vá até a pedra de Kuthian e diga o seu nome para abrir o Cofre das Almas.

Antes que Eragon pudesse perguntar o que Solembum queria dizer com aquilo, o menino-gato afastou-se, abanando a cauda de modo muito gracioso. Angela inclinou a cabeça, cachos de cabelo espesso encobriam sua testa. – Não sei o que ele disse e não quero saber. Ele falou com você, somente para você. Não conte isso a mais ninguém.

– Acho que preciso ir – disse Eragon, abalado.

– Se você deseja... – disse Angela sorrindo de novo. – Você é bem-vindo para ficar quanto tempo quiser, especialmente se comprar alguma das minhas mercadorias. Mas vá, se é o que deseja. Sei que demos o bastante para você meditar durante algum tempo.

– Deram, sim. – Eragon saiu rapidamente pela porta. – Obrigado por ter lido o meu futuro. – Eu acho.

– Não há de quê – respondeu Angela, ainda sorrindo.

Eragon saiu da loja e parou na rua, apertando os olhos enquanto se ajustavam à claridade. Passaram-se alguns minutos até que pudesse pensar com calma sobre o que havia descoberto. Começou a andar, seus passos foram ficando mais rápidos, inconscientemente, até ter saído de Teirm, seus pés voavam enquanto rumava para o lugar onde Saphira se escondera.

Eragon chamou-a do pé do penhasco. Um minuto depois, ela desceu voando bem rápido, o pegou e o levou para o topo. Quando os dois estavam em segurança no solo, contou sobre o dia que teve. Então, concluiu, acho que Brom está certo, parece que sempre estou perto de onde há problemas.

Não esqueça o que o menino-gato lhe disse. É importante.

Como sabe disso?, perguntou curioso.

Não sei, mas os nomes que ele usou parecem ser poderosos. Kuthian, disse ela, enrolando a palavra. Não devemos esquecer o que ele disse.

Você acha que devo contar ao Brom?

A escolha é sua, mas pense nisso: ele não tem o direito de conhecer o seu futuro. Falar a ele sobre Solembum e suas palavras só levantará perguntas que você talvez não queira responder. E se você decidir perguntar a ele o que essas palavras significam, ele vai querer saber onde você as ouviu. Acha que pode mentir de modo convincente a ele?

Não, admitiu Eragon. Talvez eu não diga nada. Ainda assim, isso pode ser importante demais para manter escondido. Conversaram até esgotarem o assunto. Depois, sentaram juntos, amigavelmente, olhando as árvores até quase anoitecer.

Eragon voltou correndo para Teirm e logo estava batendo na porta de Jeod. – Neal já voltou? – perguntou ao mordomo.

– Já, senhor. Creio que esteja na sala de leitura agora.

– Obrigado – disse Eragon. Ele foi com passos largos até aquele cômodo e espiou. Brom estava sentado na frente da lareira, fumando.

– Como foram as coisas? – perguntou Eragon.

– Muito ruins! – reclamou Brom, segurando seu cachimbo.

– Então, falou com Brand?

– E não adiantou nada. Esse gerente de comércio é do pior tipo de burocrata. Obedece a todas as regras, adora fazer as suas próprias se puder causar inconveniência a alguém e, ao mesmo tempo, acredita que está fazendo o certo.

– Então, ele não nos deixará ver os registros? – indagou Eragon.

– Não – disparou Brom, furioso. – Nada que eu dissesse poderia convencê-lo. Recusou até um suborno! Um bem gordo! Não pensei que conheceria um nobre que não fosse corrupto. Agora que conheci, acho que gostava mais quando os via como patifes gananciosos. – Ele tragava seu cachimbo furiosamente e balbuciava uma série de pragas.

Quando ele parecia estar mais calmo, Eragon perguntou hesitante:

– E agora?

– Na semana que vem, vou ensinar você a ler.

– E depois disso?

Um sorriso dividiu o rosto de Brom.

– Depois disso, nós vamos dar a Brand uma surpresa desagradável. – Eragon perturbou-o, querendo mais detalhes, mas Brom se recusou a continuar o assunto.

O jantar foi servido em uma sala suntuosa. Jeod sentou em uma ponta da mesa e Helen, de cara fechada, na outra. Brom e Eragon estavam entre eles, onde Eragon achava ser um lugar perigoso para se ficar. Havia cadeiras vazias a seu lado, mas ele não se importava com o espaço. Isso ajudava a protegê-lo dos olhares de sua anfitriã.

A comida foi servida em silêncio, e Jeod e Helen começaram a comer sem pronunciar uma palavra. Eragon acompanhou-os, pensando: Já vi refeições mais animadas em funerais.

E já tinha visto mesmo, em Carvahall. Lembrou vários enterros que foram tristes, sim, mas não tão excessivamente. Isso era diferente, ele podia sentir o ressentimento ardendo dentro de Helen durante todo o jantar.

LEITURAS E TRAMAS

Brom rabiscou uma runa em um pergaminho com um pedaço de carvão e mostrou a Eragon.

– Esta é a letra "a" – ensinou ele. – Aprenda.

Assim, Eragon iniciou a tarefa de se tornar alfabetizado. Foi difícil e estranho, exigiu o máximo de sua inteligência, mas gostou. Sem mais nada para fazer e tendo um bom, mas às vezes impaciente professor, ele progrediu rapidamente.

Logo uma rotina foi estabelecida. Todos os dias, Eragon levantava, comia na cozinha e ia à sala de leitura para ter suas lições, onde aprendia a relacionar os sons com as letras e as regras de gramática. Mergulhou tão fundo nisso que, quando fechava os olhos, as letras e palavras dançavam em sua mente. Quase não pensou em outra coisa durante esse tempo.

Antes do jantar, ele e Brom iam para os fundos da casa de Jeod treinar esgrima. Os criados, junto com um pequeno grupo de crianças curiosas, iam assistir. Se sobrasse tempo depois de tudo isso, Eragon praticava magia em seu quarto, com as cortinas bem fechadas.

Sua única preocupação era Saphira. Ele a visitava todas as tardes, mas isso não era suficiente para nenhum dos dois. Durante o dia, Saphira passava o tempo a muitos quilômetros de distância, procurando comida. Ela não podia caçar perto de Teirm sem levantar suspeitas. Eragon fazia o que podia para ajudá-la, mas sabia que a única solução tanto para a fome dela quanto para sua solidão era deixar a cidade bem longe.

Todos os dias, mais notícias sombrias chegavam a Teirm. Comerciantes relatavam ataques terríveis ao longo da costa. Havia relatos de pessoas poderosas desaparecendo de suas casas à noite e de seus cadáveres mutilados descobertos pela manhã.

Eragon sempre ouvia Brom e Jeod falando sobre tais eventos à meia-voz, mas paravam quando ele se aproximava.

Os dias passavam rapidamente, e logo uma semana se foi. As habilidades de Eragon eram rudimentares, mas agora ele já podia ler páginas inteiras sem pedir ajuda a Brom. Lia devagar, mas sabia que a velocidade viria com o tempo. Brom o encorajava:

– Não importa, você está bom o bastante para fazer o que planejei.

Foi durante uma tarde quando Brom chamou Jeod e Eragon para a sala de leitura. Brom apontou para Eragon: – Agora que você pode nos ajudar, acho que é

hora de irmos em frente.

– O que você tem em mente? – perguntou Eragon.

Um sorriso cruel dançou no rosto de Brom. Jeod suspirou:

– Conheço este olhar. Foi o que nos meteu em encrencas na primeira vez.

– Você está exagerando um pouco – disse Brom. – Mas não é injustificável. Muito bem, eis o que faremos...

Nós partiremos hoje à noite ou amanhã, Eragon falou com Saphira de dentro do seu quarto.

Isso é inesperado. Você estará em segurança durante essa aventura?

Eragon deu de ombros. Não sei. Podemos ter de fugir de Teirm com os soldados no nosso encalço. Ele sentiu a preocupação dela e tentou acalmá-la. Vai dar tudo certo. Brom e eu podemos fazer magias e somos bons lutadores.

Deitou na cama e olhou para o teto. Suas mãos tremiam levemente e havia um bolo em sua garganta. Quando o sono tomava conta dele, seus pensamentos ficavam confusos. Eu não quero sair de Teirm, percebeu de repente. O tempo que passei aqui foi... quase normal. O que eu não daria para não ficar pulando de um lugar para o outro? Ficar aqui e ser normal como todo mundo seria algo maravilhoso. Depois, outro pensamento ardia: Mas eu nunca poderei fazer isso enquanto Saphira estiver por perto. Nunca.

Os sonhos dominaram sua consciência, levando-o à beira do que podia ser considerado são. Às vezes, tremia de medo. Em outras, ria de prazer. Depois, algo ficou diferente. Foi como se os seus olhos tivessem se aberto pela primeira vez, e o sonho tornou-se mais claro do que qualquer outro.

Viu uma jovem mulher, curvada devido à aflição, acorrentada em uma cela fria e opressiva. Um raio de luar entrava por uma janela fechada por barras no alto da parede e caía em seu rosto. Uma única lágrima escorria pelo rosto dela, parecendo diamante líquido.

Eragon levantou-se espantado e viu que estava chorando de modo descontrolado antes de voltar a cair em um sono intermitente.

LADRÕES NO CASTELO

Eragon acordou de sua soneca e viu um pôr do sol dourado. Raios vermelhos e alaranjados invadiam o quarto e caíam em cima da cama. Aqueciam as suas costas de modo prazeroso, fazendo-o relutar em se mover. Cochilou, mas os raios saíram de cima dele, e ficou com frio. O sol se escondeu atrás do horizonte, colorindo o mar e o céu. Está quase na hora!

Ele jogou o arco e sua aljava nas costas, mas deixou Zar'roc no quarto, a espada só o deixaria mais lento, além de não sentir vontade de usá-la. Se ele tivesse de deter alguém, o faria usando magia ou uma flecha. Jogou um casaco curto em cima da camisa e amarrou-o firmemente.

Esperou nervosamente em seu quarto até que a luz desaparecesse. Entrou no corredor e levantou os ombros, para que a aljava se assentasse confortavelmente em suas costas. Brom juntou-se a ele, carregando sua espada e seu cajado.

Jeod, vestindo um gibão preto e um meião, esperava por eles do lado de fora. De sua cintura pendia um elegante espadim e uma bolsa de couro. Brom olhou para o espadim e disse:

– Esse graveto é fino demais para uma briga de verdade. O que você fará se alguém for atrás de você empunhando uma espada de folha larga ou um espadão?

– Seja realista – disse Jeod. – Nenhum dos guardas usa espadão. Além disso, este graveto é muito mais rápido do que uma espada de folha larga.

Brom deu de ombros.

– A vida é sua.

Andaram de modo casual pela rua, evitando vigias e soldados. Eragon estava tenso e seu coração batia forte. Quando passaram pela loja de Angela, um movimento rápido no telhado chamou a atenção dele, mas não viu ninguém. A palma de sua mão formigava. Olhou para o telhado de novo, mas não havia nada por lá.

Brom guiou-os junto à muralha de Teirm. Quando chegaram ao castelo, o céu estava negro. Os muros fechados da fortaleza fizeram Eragon tremer. Odiaria ter de ficar preso lá. Jeod tomou a dianteira silenciosamente e andou até os portões, tentando parecer relaxado. Bateu no portão e esperou.

Uma portinhola abriu-se, e um guarda mal-encarado olhou para fora.

– Quem é? – rosnou. Eragon podia sentir o cheiro da bebida no hálito dele.

– Nós precisamos entrar – disse Jeod.

O guarda examinou Jeod mais atentamente.

– Para fazer o quê?

– O rapaz esqueceu algo muito valioso na minha sala. Precisamos pegá-lo imediatamente. – Eragon baixou a cabeça, envergonhado.

O guarda fez uma cara feia, claramente impaciente para voltar à sua garrafa.

– Ah, não importa – disse ele balançando o braço. – Basta dar uma boa sova no moleque por mim.

– Farei isso – afirmou Jeod quando o guarda destrancou a pequena porta que havia no portão. Entraram no pátio, e Brom deu algumas moedas ao guarda.

– Obrigado – resmungou o homem, afastando-se cambaleante. Assim que ele estava longe, Eragon pegou seu arco e esticou-o. Jeod levou-os rapidamente até a parte principal do castelo. Correram até o seu destino, prestando atenção nos guardas que poderiam estar fazendo patrulha. Na sala dos registros, Brom tentou abrir a porta. Estava trancada. Encostou a mão nela e balbuciou uma palavra que Eragon não reconheceu. Ela abriu-se com um clique fraco. Brom pegou uma tocha da parede e eles entraram correndo, fechando a porta silenciosamente.

O cômodo apertado estava repleto de estantes de madeira cheias de pergaminhos. Havia uma janela fechada por barras na parede oposta. Jeod costurou seu caminho por entre as estantes, passando os olhos nos pergaminhos. Parou nos fundos do cômodo.

– Aqui – disse ele. – Estes são os registros de embarque dos últimos cinco anos. Posso ver isso pela data impressa na cera do lacre.

– E o que faremos agora? – perguntou Eragon satisfeito por terem avançado tanto sem terem sido descobertos até agora.

– Comecem de cima para baixo – disse Jeod. – Alguns pergaminhos falam apenas de impostos. Podemos ignorá-los. Procurem qualquer coisa que fale de óleo de Seithr. – Ele pegou um pedaço de pergaminho em sua bolsa e esticou-o no chão. Depois, pôs uma pena e um pote de tinta do lado dele. – Assim, não perderemos de vista o que descobrirmos – explicou.

Brom abraçou o máximo de pergaminhos que podia do topo da pilha e colocou-os no chão. Sentou-se e desenrolou o primeiro. Eragon juntou-se a ele, posicionando-se de modo que pudesse ver a porta. Aquele trabalho entediante era particularmente difícil para ele, pois as letras apertadas dos pergaminhos eram bem diferentes das que Brom ensinou a ele.

Só de olhar os nomes dos navios que foram para as regiões ao norte, descartaram muitos pergaminhos. Mesmo assim, desciam lentamente a pilha da estante, acompanhando cada carregamento de óleo de Seithr que achavam.

Estava tudo calmo do lado de fora do cômodo, exceto por um vigia que passava ocasionalmente. De repente, os pelos na nuca de Eragon ficaram em pé. Tentou continuar trabalhando, mas aquela sensação perturbadora continuou. Irritado, ele olhou para cima e jogou-se para trás, surpreso, pois havia um menininho agachado no peitoril da janela. Seus olhos eram um pouco vesgos e um ramo de azevinho estava trançado em seus cabelos pretos despenteados.

Você precisa de ajuda?, uma voz perguntou na cabeça de Eragon. Seus olhos arregalaram-se, chocados. Parecia Solembum.

É você?, perguntou ele incrédulo.

Quem mais poderia ser?

Eragon engoliu em seco e concentrou-se no pergaminho.

Se meus olhos não me enganam, é você mesmo.

O garoto sorriu levemente, revelando seus dentes pontudos.

A minha aparência não muda quem eu sou. Você não acha que eu me chamo menino-gato à toa, não é?

O que você está fazendo aqui?

O menino-gato jogou a cabeça para a frente, pensando se aquela pergunta merecia uma resposta.

Vai depender do que você estiver fazendo aqui. Se estiver lendo esses pergaminhos por pura distração, não vejo nenhum motivo para a minha visita. Mas se o que você está fazendo for ilegal e se não quiser ser descoberto, eu poderia muito bem avisá-lo de que o guarda que vocês subornaram acabou de falar sobre vocês ao superior dele e que esse outro guarda do Império mandou alguns soldados procurarem vocês.

Muito obrigado por me contar, disse Eragon.

Eu contei alguma coisa a você? Suponho que tenha contado. E sugiro que faça uso disso.

O garoto ficou em pé e jogou para trás seus cabelos rebeldes. Eragon perguntou rapidamente:

O que você quis dizer da última vez com uma árvore e um cofre?

Exatamente aquilo que eu disse.

Eragon tentou perguntar mais, no entanto o menino-gato desapareceu na janela. Ele afirmou de repente:

– Os guardas estão nos procurando.

– Como sabe disso? – perguntou Brom agressivamente.

– Ouvi o guarda. A rendição dele mandou soldados nos procurarem. Precisamos

sair daqui. Eles já devem ter descoberto que a sala de Jeod está vazia.

– Tem certeza? – perguntou Jeod.

– Tenho! – disse Eragon impaciente. – Eles estão vindo.

Brom pegou outro pergaminho da estante.

– Não importa. Precisamos terminar isso agora! – Eles trabalharam intensamente no minuto seguinte, examinando os registros o mais rápido que podiam. Quando o último pergaminho foi visto, Brom voltou a jogá-lo na pilha, e Jeod enfiou seu pergaminho, sua tinta e sua pena na bolsa. Eragon pegou a tocha.

Saíram correndo da sala e fecharam a porta, mas assim que fizeram isso, ouviram as pisadas fortes das botas dos soldados no final do corredor. Viraram-se para sair, mas Brom sussurrou furiosamente: – Maldição! Não está trancada. – Ele encostou a mão na porta. A fechadura fez um clique no mesmo instante em que os soldados ficaram à vista deles.

– Ei! Afaste-se dessa porta! – um deles gritou. Brom deu um passo atrás, fazendo uma expressão de surpresa. Três homens marcharam até eles. O mais alto deles ordenou:

– Por que estão tentando entrar na sala dos registros? – Eragon agarrou seu arco com força e preparou-se para correr.

– Temo que estejamos perdidos. – A tensão estava evidente na voz de Jeod. Uma gota de suor correu pelo seu pescoço.

O soldado olhou para eles desconfiado.

– Vejam dentro da sala – ordenou ele para um de seus homens.

Eragon prendeu a respiração quando o soldado se aproximou da porta, tentou abri-la e bateu nela com seu punho protegido por uma armadura.

– Está trancada, senhor.

O líder coçou o queixo.

– Tudo bem. Não sei o que vocês tramavam, mas já que a porta está fechada, vocês podem ir. Venham. – Os soldados os cercaram e marcharam de volta até o pátio.

Não acredito nisso, pensou Eragon. Eles estão nos ajudando a sair!

No portão principal, o soldado apontou e disse:

– Agora, podem sair e não tentem fazer mais nada assim. Estaremos vigiando. Se tiverem que voltar, esperem até amanhecer.

– Claro – prometeu Jeod.

Eragon podia sentir os olhos dos soldados perfurando suas costas ao saírem depressa do castelo. Assim que os portões se fecharam atrás deles, um sorriso

triunfante tomou conta de seu rosto e ele deu um pulo no ar. Brom lançou-lhe um olhar de reprovação e fechou o rosto.

– Volte andando para casa normalmente. Poderá comemorar lá.

Censurado, Eragon adotou uma conduta mais sossegada, mas borbulhava de energia por dentro. Assim que eles entraram correndo em casa e na sala de leitura, Eragon exclamou:

– Nós conseguimos!

– De fato, mas agora temos de ver se o risco valeu a pena – disse Brom. Jeod pegou um mapa da Alagaësia da prateleira e o esticou na mesa.

No lado esquerdo do mapa, o oceano se alastrava até o oeste desconhecido. Junto com a costa, estendia-se a Espinha, uma imensa extensão de montanhas. O deserto Hadarac enchia o centro do mapa, a parte leste estava em branco. Em algum lugar naquele vazio, os Varden escondiam-se. Ao sul ficava Surda, uma pequena região que cortou relações com o Império depois da queda dos Cavaleiros. Disseram a Eragon que Surda apoiava os Varden secretamente.

Perto da fronteira leste de Surda havia uma cordilheira chamada montanhas Beor. Eragon ouviu falar delas em muitas histórias, deviam ser dez vezes mais altas do que as da Espinha, embora ele achasse que isso era um exagero. O mapa estava vazio ao leste das montanhas Beor.

Cinco ilhas ficavam perto da costa de Surda: Nía, Parlim, Uden, Illium e Beirland. Nía não era nada mais do que um pedaço de formação rochosa, mas Beirland, a maior ilha de todas, tinha vilarejo. Mais para cima, perto de Teirm, havia uma ilha irregular chamada Dente de Tubarão. E para o alto, ao norte, havia mais uma ilha, imensa, que tinha a forma de uma mão nodosa. Eragon sabia o nome dela de cor: Vroengard, o lar ancestral dos Cavaleiros, que já foi um local de glórias, mas que agora não era mais do que uma casca vazia e saqueada, assombrada por feras estranhas. No centro de Vroengard, ficava a cidade abandonada de Dorú Areaba.

Carvahall era um pequeno ponto no topo do vale Palancar. No mesmo nível dela, mas além das planícies, ficava a floresta Du Weldenvarden. Como as montanhas Beor, suas fronteiras ao leste não eram mapeadas. Partes da fronteira oeste de Du Weldenvarden contavam com alguns povoados, mas seu centro continuava misterioso e inexplorado. A floresta era mais selvagem do que a Espinha. Os poucos que ousavam entrar em suas entranhas quase sempre voltavam loucos ou, simplesmente, não voltavam mais.

Eragon tremeu ao ver Urû'baen no centro do Império. O rei Galbatorix reinava de lá com o dragão negro, Shruikan, a seu lado. Eragon pôs o dedo em cima de

Urû'baen.

– Os Ra'zac, com certeza, devem ter um esconderijo aqui.

– É melhor torcer para que esse não seja o único refúgio deles – disse Brom sem rodeios. – Caso contrário, nunca mais chegará perto deles. – Esticou o mapa com suas mãos enrugadas.

Jeod tirou o pergaminho de sua bolsa e disse:

– Pelo que vi nos registros, houve envio de óleo de Seithr para todas as cidades principais do Império nos últimos cinco anos. Pelo que me consta, os pedidos devem ter sido feitos por ricos joalheiros. Não sei como podemos restringir a lista sem mais informações.

Brom correu a mão por cima do mapa.

– Acho que podemos eliminar algumas cidades. Os Ra'zac têm de viajar para onde o rei queira, e sei que ele os mantêm ocupados. Se precisam estar prontos para partirem para qualquer lugar, a qualquer momento, o único local razoável onde deviam ficar seria em um ponto central onde poderiam ir facilmente para qualquer parte do país. – Ele agora estava animado e andava pelo cômodo. – Esse ponto central tem de ser grande o bastante para que os Ra'zac não levantem suspeitas. E também deve fazer bastante comércio, para que pedidos incomuns, como o alimento especial para as suas montarias, por exemplo, passem despercebidos.

– Isso faz sentido – disse Jeod, concordando com a cabeça. – Seguindo esse raciocínio, podemos eliminar a maioria das cidades ao norte. As únicas grandes são Teirm, Gil'ead e Ceunon. Sei que não estão em Teirm e duvido que o óleo tenha sido enviado costa acima até Narda, pois é pequena demais. Ceunon é muito isolada... assim resta apenas Gil'ead.

– Os Ra'zac devem estar lá – admitiu Brom. – Seria uma certa ironia.

– Seria, sim – aquiesceu Jeod baixinho.

– E quanto às cidades ao sul? – perguntou Eragon.

– Bem – começou Jeod –, claro, há Urû'baen, mas não é um destino provável. Se alguém morresse por causa de óleo de Seithr na corte do rei Galbatorix, seria fácil demais para um conde, ou outro nobre, descobrir que o Império estava comprando grandes quantidades disso. Ainda assim há muitas outras, qualquer uma pode ser a que queremos.

– É – disse Eragon –, mas o óleo não foi enviado para todas elas. O pergaminho lista apenas Kuasta, Dras-Leona, Aroughs e Belatona. Kuasta não seria boa para os Ra'zac, pois fica na costa e é cercada por montanhas. Aroughs é isolada como

Ceunon, embora seja um centro de comércio. Assim restam Belatona e Dras-Leona, que são bem próximas. Das duas, acho que a mais provável seria Dras-Leona. É maior e está mais bem situada.

– E é por onde quase todos os bens do Império passaram em um momento ou outro, incluindo os de Teirm – disse Jeod. – Seria um bom lugar para os Ra'zac se esconderem.

– Então... Dras-Leona – disse Brom, ao se sentar e acender o cachimbo. – O que os registros mostram?

Jeod consultou o pergaminho. – Aqui está. No começo do ano, três carregamentos de óleo de Seithr foram enviados para Dras-Leona. Foram feitos em um espaço de apenas duas semanas um do outro, e os registros mostram que foram transportados pelo mesmo comerciante. O mesmo aconteceu no ano passado e no ano retrasado. Duvido que qualquer joalheiro, ou até mesmo um grupo deles, teria dinheiro bastante para comprar tanto óleo.

– E quanto a Gil'ead? – perguntou Brom, levantando uma sobrancelha.

– A cidade não tem o mesmo acesso ao resto do Império. E – Jeod bateu no pergaminho – eles só receberam o óleo duas vezes nesses últimos anos. – Pensou por um instante e disse: – Além disso, acho que esquecemos uma coisa: Helgrind.

Brom concordou com a cabeça.

– Ah, sim, os Portões Negros. Faz muito tempo desde que ouvi falar deles. Você tem razão, isso faria de Dras-Leona o lugar perfeito para os Ra'zac. Então, acho que está decidido: é para lá que nós vamos.

Eragon sentou-se de repente, desanimado demais até para perguntar o que era Helgrind. Achei que ficaria feliz em recomeçar a caçada, mas, em vez disso, parece que um abismo se abriu à minha frente. Dras-Leona! Fica tão longe...

O pergaminho estalava enquanto Jeod enrolava lentamente o mapa. Ele o passou para Brom e disse:

– Temo que você precisará disto. Suas expedições frequentemente levam-no a regiões obscuras. – Concordando com a cabeça, Brom aceitou o mapa. Jeod bateu no ombro dele. – Não é certo você partir sem mim. Meu coração deseja ir junto, mas o resto do meu corpo me lembra da minha idade e das minhas responsabilidades.

– Eu sei – disse Brom. – Mas você tem uma vida em Teirm. Chegou a hora de a próxima geração começar a agir. Você já fez a sua parte, seja feliz.

– E quanto a você? – perguntou Jeod. – A estrada nunca terá um fim?

Uma risada vazia escapou dos lábios de Brom.

– Estou vendo o fim chegar, mas ainda não. – Ele apagou o cachimbo, e cada um foi para o seu quarto, exaustos. Antes de dormir, Eragon contatou Saphira para relatar as aventuras da noite.

UM ERRO QUE CUSTOU CARO

De manhã, Eragon e Brom pegaram seus alforjes no estábulo e prepararam-se para partir. Jeod cumprimentou Brom enquanto Helen observava tudo da porta. Com olhares sérios, os dois homens apertaram as mãos.

– Sentirei a sua falta, meu velho – disse Jeod.

– E eu, a sua – respondeu Brom rapidamente. Ele inclinou a sua cabeça branca em cumprimento e virou-se para Helen. – Obrigado pela sua hospitalidade, foi muito agradável. – O rosto dela ficou corado. Eragon achou que ela fosse dar um tapa nele, mas Brom continuou, tranquilo: – A senhora tem um bom marido, cuide bem dele. Existem poucos homens tão corajosos e determinados quanto ele. Mas não pode resistir aos tempos difíceis sem o apoio daqueles a quem ama. – Brom se curvou de novo e disse gentilmente: – Isso é apenas uma sugestão, cara senhora.

Eragon viu indignação e mágoa passarem pelo rosto de Helen. Os olhos dela faiscavam quando fechou a porta de repente. Suspirando, Jeod passou os dedos pelos cabelos. Eragon agradeceu-lhe toda a ajuda e montou em Cadoc. Depois das últimas despedidas, ele e Brom partiram.

No portão sul de Teirm, os guardas os deixaram passar sem olhá-los uma segunda vez. Quando cavalgavam sob a grande muralha da cidade, Eragon viu um movimento nas sombras. Solembum estava agachado no chão, abanando sua cauda. O menino-gato os seguiu com olhos inescrutáveis. Conforme a cidade ia ficando mais longe, Eragon perguntou:

– O que são os meninos-gato?

Brom pareceu surpreso com a pergunta.

– Por que a curiosidade repentina?

– Ouvi alguém falar neles em Teirm. Eles não são reais, são? – disse Eragon, fingindo ignorância.

– Eles são bem reais. Durante os anos de glória dos Cavaleiros, eram tão famosos quanto os dragões. Reis e elfos os tinham como companhia, embora os meninos-gato fossem livres para fazerem o que quisessem. Muito pouco se sabe sobre eles. Temo que essa raça tenha se tornado bem rara ultimamente.

– Eles podiam fazer magia? – perguntou Eragon.

– Ninguém sabe, mas eles, sem dúvida, podiam fazer coisas incomuns. Parecia que sempre sabiam o que estava acontecendo e, de alguma maneira, conseguiam se envolver. – Brom puxou o capuz para se proteger de um vento frio.

– O que é Helgrind? – perguntou Eragon, depois de parar para pensar por um momento.

– Você verá quando chegarmos a Dras-Leona.

Quando Teirm estava fora do alcance da vista, Eragon abriu sua mente e chamou: Saphira! A força do seu grito mental era tão grande que Cadoc, incomodado, sacudiu as orelhas.

Saphira respondeu e foi correndo até eles com toda a sua força. Eragon e Brom aguardavam quando uma mancha escura saiu de uma nuvem, então, ouviram um ruflar grave quando as asas de Saphira abriram-se. O sol brilhava atrás das finas membranas, tornando-as translúcidas, destacando as veias escuras. Pousou causando um grande golpe de ar.

Eragon jogou as rédeas de Cadoc para Brom. – Encontrarei você na hora do almoço.

Brom concordou com a cabeça, mas parecia preocupado. – Divirta-se – disse ele e depois olhou para Saphira e sorriu. – É bom revê-la.

E a você também.

Eragon pulou nos ombros de Saphira e agarrou-se o mais forte possível quando ela alçou voo. Com o vento na cauda, Saphira cortava o ar. Segure-se, ela alertou Eragon e, soltando um rosnado selvagem, foi para o alto, dando uma grande cambalhota no ar. Eragon gritou de emoção quando jogou os braços para cima, segurando-se apenas com as pernas.

Eu não sabia que podia me segurar assim sem estar preso na sela, disse ele rindo intensamente.

Nem eu, admitiu Saphira, rindo de sua maneira peculiar. Eragon a abraçou com força, e nivelaram o voo, senhores do céu.

Ao meio-dia, as suas pernas estavam doídas por ter montado sem a sela, e suas mãos e seu rosto estavam dormentes por causa do ar gelado. As escamas de Saphira sempre eram quentes ao toque, mas ela não podia evitar que ele ficasse com frio. Quando pousaram para o almoço, enfiou as mãos nas roupas e procurou um lugar ensolarado e quente para se sentar. Enquanto ele e Brom comiam, Eragon perguntou a Saphira: Você se importaria se eu montasse em Cadoc? Ele havia decidido questionar Brom sobre seu passado.

Não, mas me conte o que ele disser. Eragon não estava surpreso por Saphira saber seus planos. Era quase impossível esconder qualquer coisa dela quando estavam ligados mentalmente. Ao fim da refeição, voou para longe, enquanto ele se juntava a Brom na trilha. Depois de um tempo, Eragon fez Cadoc andar mais

devagar e disse:

– Preciso falar com você. Queria fazer isso desde que chegamos a Teirm, mas decidi esperar até agora.

– Falar sobre o quê? – perguntou Brom.

Eragon fez uma pausa.

– Há muitas coisas acontecendo que não entendo. Por exemplo, quem são seus "amigos" e por que você estava se escondendo em Carvahall? Confio em você com toda a minha alma, e é por isso que ainda estou viajando a seu lado, mas preciso saber mais sobre você e o que está fazendo. O que roubou em Gil'ead? E o que é essa tal de tuatha du orothrim pela qual estou passando? Acho que depois de tudo que aconteceu, mereço uma explicação.

– Você andou nos escutando às escondidas.

– Só uma vez – revelou Eragon.

– Vejo que ainda precisa aprender boas maneiras – zangou-se Brom, puxando a barba. – O que o faz pensar que isso tudo tem a ver com você?

– Na verdade, nada – retorquiu Eragon, dando de ombros. – Mas foi apenas uma coincidência estranha você estar escondido em Carvahall quando eu achei o ovo da Saphira, além do fato de você saber tanto sobre dragões. Quanto mais penso sobre isso, menos coincidência isso me parece. Havia outras pistas que ignorei, mas, ao olhar para trás, vejo que são óbvias. Como o jeito que você reconheceu os Ra'zac e o modo como eles fugiram quando você se aproximou. E não posso deixar de imaginar se você não teve algo a ver com o aparecimento do ovo da Saphira. Há muitas coisas que não nos contou, e Saphira e eu não podemos ignorar nada que possa ser perigoso.

Rugas fundas apareceram na testa de Brom quando puxou as rédeas para fazer Fogo na Neve parar.

– Você não quer esperar? – perguntou. Eragon balançou a cabeça teimosamente.

Brom suspirou.

– Isso não seria problema se você não fosse tão desconfiado, mas acho que você não seria digno do meu tempo se não fosse assim. – Eragon não sabia se encarava isso como um elogio. Brom acendeu seu cachimbo e, lentamente, soprou uma nuvem de fumaça para o alto. – Vou contar – disse –, mas você deve entender que não posso revelar tudo. – Eragon começou a protestar, mas Brom o cortou. – Não é a minha vontade esconder informações de você, mas não posso revelar segredos que não são meus. Há outras histórias entrelaçadas nesta narrativa. Você terá de falar com os outros envolvidos para saber do resto.

– Tudo bem. Explique o que puder – aceitou Eragon.

– Tem certeza? – perguntou Brom. – Há razões para o meu segredo. Venho tentando protegê-lo ao escondê-lo de forças que poderiam acabar com você. Assim que conhecê-las e os seus propósitos, nunca mais terá a chance de viver tranquilamente. Você terá de escolher um lado e tomar um partido. Quer realmente saber?

– Não posso viver na ignorância – disse Eragon calmamente.

– É um objetivo nobre... Muito bem: há uma grande guerra na Alagaësia entre os Varden e o Império. O conflito deles, entretanto, vai muito além de suas eventuais batalhas armadas. Eles travam uma luta titânica pelo poder... cujo centro é você.

– Eu? – indagou Eragon descrente. – Isso é impossível. Não tenho nada a ver com nenhum deles.

– Ainda não – disse Brom. – Mas a sua existência é o foco das batalhas. Os Varden e o Império lutam para dominar esta terra ou o seu povo. O objetivo deles é controlar a próxima geração de Cavaleiros, da qual você é o primeiro. Quem controlar esses Cavaleiros, será o indiscutível senhor de Alagaësia.

Eragon tentou absorver as afirmações de Brom. Parecia incompreensível que tantas pessoas estivessem interessadas nele e em Saphira.

Ninguém além de Brom achava que ele era importante. A ideia de o Império e os Varden estarem lutando por causa dele era algo abstrato demais para que entendesse tudo completamente. Objeções formaram-se rápido na sua mente.

– Mas todos os Cavaleiros foram mortos, exceto pelos Renegados, que se juntaram a Galbatorix. E pelo que sei, até esses já morreram. E você me disse em Carvahall que ninguém sabia se ainda havia dragões em Alagaësia.

– Eu menti sobre os dragões – afirmou Brom sem rodeios. – Embora os Cavaleiros não existam mais, ainda restam três ovos de dragões, todos eles estão sob a posse de Galbatorix. Na verdade, agora só restam dois, já que Saphira nasceu. O rei pegou os três ovos durante sua última grande batalha com os Cavaleiros.

– Então, logo haverá dois novos Cavaleiros leais ao rei? – perguntou Eragon, sentindo-se triste.

– Exatamente – confirmou Brom. – Há uma corrida fatídica em andamento. Galbatorix tenta achar desesperadamente as pessoas para quem os ovos eclodirão, enquanto os Varden tentam de toda maneira matar os candidatos ou roubar os ovos.

– Mas de onde veio o ovo da Saphira? Como alguém conseguiu roubá-lo do rei? E

por que você sabe disso tudo? – perguntou Eragon confuso.

– Perguntas demais – riu Brom amargamente. – Há outro capítulo nisso tudo, algo que aconteceu muito antes de você nascer. Na época, eu era um pouco mais jovem, mas, talvez, não tão sábio. Eu odiava o Império, por questões que prefiro guardar para mim mesmo, e queria prejudicá-lo de todas as maneiras possíveis. Meu fervor me levou até um estudioso, Jeod, que alegava ter descoberto um livro que mostrava uma passagem secreta para o castelo de Galbatorix. Ansioso, levei Jeod até os Varden, que são os meus "amigos", e eles bolaram um plano para roubar os ovos.

Os Varden!

– Entretanto, algo deu errado, e nosso ladrão pegou apenas um ovo. Por algum motivo, fugiu com o ovo e não voltou para os Varden. Quando ele não foi encontrado, Jeod e eu fomos enviados para trazê-lo e o ovo de volta.

Os olhos de Brom ficaram distantes, e ele falou com uma voz estranha.

– Esse foi o começo de uma das maiores buscas da história. Nós corremos contra os Ra'zac e Morzan, o último dos Renegados e o melhor servo do rei.

– Morzan! – interrompeu Eragon. – Mas foi ele que entregou os Cavaleiros a Galbatorix! – E isso aconteceu há muito tempo! Morzan devia ser muito velho. Ficou perturbado ao se lembrar de quanto tempo os Cavaleiros viviam.

– E daí? – perguntou Brom erguendo uma sobrancelha. – Sim, ele era velho, porém era forte e cruel. Foi um dos primeiros seguidores do rei e, de longe, o mais leal. Como já havia escorrido sangue entre nós antes, a corrida pelo ovo tornou-se uma batalha pessoal. Quando ele foi localizado em Gil'ead, corri para lá e lutei com Morzan pela sua posse. Foi uma luta terrível, mas, no final, eu o matei. Durante o conflito, fui separado de Jeod. Não havia tempo para procurá-lo, então peguei o ovo e o entreguei aos Varden, que me pediram para treinar quem se tornaria o novo Cavaleiro. Concordei e decidi me esconder em Carvahall, onde eu já havia estado várias vezes antes, até que os Varden fizessem contato. Eu nunca fui convocado.

– Então, como o ovo da Saphira apareceu na Espinha? Foi outro ovo roubado do rei? – quis saber Eragon.

Brom resmungou:

– Seria difícil isso acontecer. Ele guarda os dois últimos com tanto afinco que seria suicídio tentar roubá-los. Não, Saphira foi roubada dos Varden, e acho que sei como. Para protegê-lo, seu guardião deve ter tentado mandá-lo para mim usando magia.

“Os Varden não fizeram contato comigo para explicar como perderam o ovo, então suspeito que os mensageiros foram interceptados pelo Império, e os Ra’zac foram enviados no lugar deles. Tenho certeza de que estão ansiosos para me achar, pois consegui estragar vários planos que eles tinham.”

– Então, os Ra’zac não sabiam nada sobre mim quando chegaram a Carvahall – disse Eragon pasmado.

– Exatamente – respondeu Brom. – Se aquele idiota do Sloan tivesse mantido o bico fechado, talvez não descobrissem nada sobre você. Os eventos poderiam ter sido bem diferentes. De certa forma, devo agradecer a você o fato de ainda estar vivo. Se os Ra’zac não tivessem ficado preocupados com você, poderiam ter me pegado desprevenido, e esse teria sido o fim de Brom, o contador de histórias. A única razão de terem fugido é que sou mais forte do que eles dois, especialmente durante o dia. Deviam ter planejado me pegar durante a noite, quando me interrogariam sobre o ovo.

– Você mandou uma mensagem para os Varden falando sobre mim?

– Mandei. Sei que eles vão querer que eu leve você a eles o mais rápido possível.

– Mas você não vai levar, não é?

Brom balançou a cabeça.

– Não vou.

– Por quê? Ficar com os Varden deve ser mais seguro do que perseguir os Ra’zac, especialmente para um novo Cavaleiro.

Brom bufou e olhou para Eragon com afeto:

– Os Varden são pessoas perigosas. Se você for até eles, ficará envolvido em suas politicagens e tramas. Os líderes poderiam mandá-lo em várias missões só para chamar a atenção, mesmo que ainda não estivesse preparado para elas. Quero que você esteja muito bem preparado antes de chegar perto dos Varden. Pelo menos, enquanto estivermos perseguindo os Ra’zac, não preciso me preocupar se alguém poderá envenenar a água que você beberá. Esse é o menor dos males. E – disse ele com um sorriso – ficará feliz enquanto eu o estiver treinando... Tuatha du orothrim é apenas um estágio no seu treinamento. Eu o ajudarei a achar, e talvez até a matar, os Ra’zac, pois eles são tão meus inimigos quanto seus. Mas depois você terá de fazer uma escolha.

– Que será...? – perguntou Eragon desconfiado.

– Se juntar ou não aos Varden – disse Brom. – Se você matar os Ra’zac, as únicas alternativas para escapar da ira de Galbatorix serão: procurar a ajuda dos Varden; fugir para Surda; ou implorar a misericórdia do rei e juntar-se a ele.

Mesmo que não mate os Ra'zac, no final você terá que fazer essa escolha.

Eragon sabia que a melhor maneira de ganhar proteção seria se juntar aos Varden, mas ele não queria passar a vida inteira lutando contra o Império como eles faziam. Ponderou sobre os comentários de Brom, tentando considerá-los sob todos os aspectos.

– Você ainda não me explicou como sabe tanto sobre dragões.

– Não expliquei, não é mesmo? – disse Brom com um sorriso maroto no rosto. – Isso terá de esperar outra oportunidade.

Por que eu?, Eragon perguntava a si mesmo. O que fez dele tão especial para que se tornasse um Cavaleiro?

– Você conheceu a minha mãe? – indagou de repente.

Brom ficou com uma expressão séria.

– Sim, conheci.

– Como ela era?

O velho suspirou.

– Ela era cheia de dignidade e orgulho, como Garrow. No final das contas, essa foi a causa de sua ruína, mas era um de seus maiores dons... Ela sempre ajudava os pobres e os menos afortunados, não importava qual era sua situação.

– Você a conhecia bem? – quis saber Eragon surpreso.

– Bem o bastante para sentir sua falta quando partiu.

Enquanto Cadoc andava pesadamente, Eragon tentou se lembrar de quando pensava que Brom era apenas um velhote que contava histórias. Pela primeira vez, Eragon entendeu como ele era desinformado.

Contou a Saphira o que ficou sabendo. Ela ficou intrigada com as revelações de Brom, mas horrorizou-se ao pensar que foi uma das posses de Galbatorix. Finalmente, ela disse: Você não está feliz por não ter ficado em Carvahall? Pense em todas as experiências interessantes que teria perdido! Eragon suspirou fingindo agonia.

Quando pararam naquele dia, Eragon foi buscar água enquanto Brom fazia o jantar. Ele esfregava suas mãos para esquentá-las no momento em que entrou em um grande círculo, seguindo o som de um riacho ou de uma fonte. Estava sombrio e úmido entre as árvores.

Achou um riacho afastado do acampamento. Agachou-se na margem e observou a água cair em cima das pedras molhando a ponta de seus dedos. A água gelada da montanha escorreu em volta de sua pele, deixando-a dormente. Não importa o que aconteça conosco ou com qualquer outra pessoa, pensou Eragon. Ele tremeu e

ficou em pé.

Uma pegada diferente do outro lado da margem chamou a sua atenção. Tinha uma forma incomum e era muito grande. Curioso, saltou da margem para cima de um banco de areia. Ao pousar, seu pé atingiu um monte de musgos. Agarrou um galho para tentar se equilibrar, mas este quebrou, e Eragon esticou o braço para aparar sua queda. Sentiu seu pulso direito quebrar ao bater no chão. A dor subiu lancinante por seu braço.

Uma sequência contínua de xingamentos saiu de trás de seus dentes cerrados, pois ele tentava não berrar. Sem ver direito por causa da dor, ele se enrolou no chão, protegendo o braço.

Eragon!, ele ouviu o grito assustado de Saphira. O que aconteceu?

Quebrei o pulso... fiz uma besteira... caí.

Estou indo, disse Saphira.

Não... Eu posso voltar. Não... venha. As árvores estão juntas demais para você... abrir as asas.

Ela enviou a Eragon uma breve imagem dela dizimando a floresta para chegar até ele e disse: Rápido.

Gemendo, ficou em pé, cambaleante. A pegada estava impressa fundo no solo a poucos metros de distância. Era a marca de uma bota pesada. Eragon lembrou imediatamente das pegadas que cercavam a pilha de corpos em Yazuac.

– Urgal – ele falou com raiva, desejando que Zar'roc estivesse com ele, pois não podia usar o arco com apenas uma das mãos. Ele jogou a cabeça para cima e gritou com a mente: Saphira! Urgals! Mantenha Brom em segurança.

Eragon voltou a pular por cima do riacho e correu de volta ao acampamento, sacando a sua faca de caça. Ele viu inimigos em potencial atrás de todos os arbustos. Espero que seja só um Urgal. Ele entrou correndo no acampamento, abaixando-se quando a cauda de Saphira passou por cima da cabeça dele.

– Para, sou eu! – gritou ele.

Opa!, disse Saphira. Suas asas estavam dobradas na frente do peito, como uma parede.

– Opa? – Eragon resmungou, correndo até ela. – Você poderia ter me matado! Onde está Brom?

– Estou bem aqui – a voz de Brom soou depressa atrás das asas de Saphira. – Quer mandar esse dragão maluco me soltar? Ela não quer me ouvir.

– Solte-o – ordenou Eragon irritado. – Você não contou a ele?

Não, disse ela envergonhada. Você apenas me disse para mantê-lo em

segurança. Ergueu as asas e Brom, zangado, deu um passo à frente.

– Achei uma pegada de Urgal. E está fresca.

Brom ficou sério imediatamente.

– Sele os cavalos. Vamos partir. – Ele apagou o fogo, mas Eragon não se mexeu. – O que houve com o seu braço?

– Meu pulso está quebrado – disse ele cambaleante.

Brom xingou e selou Cadoc. Ele ajudou Eragon a montar e disse:

– Teremos de pôr uma tala no seu braço o mais rápido possível. Tente não mover seu pulso até então. – Eragon segurou as rédeas com força com a mão esquerda. Brom disse a Saphira: – Está quase escuro. Você poderia voar na nossa frente. Se os Urgals aparecerem, pensarão duas vezes em atacar com você por perto.

É melhor que pensem assim ou nunca mais pensarão de novo, comentou Saphira ao decolar.

A luz desaparecia rapidamente, e os cavalos estavam cansados, mas eles davam esporeadas nos animais sem trégua. O pulso de Eragon, inchado e vermelho, continuava a latejar. A quase dois quilômetros do acampamento, Brom parou.

– Ouça – alertou ele.

Eragon ouviu o chamado fraco de uma trombeta de caça atrás deles. Quando ela se silenciou, o pânico tomou conta dele.

– Eles devem ter achado onde estávamos – disse Brom – e, provavelmente, as pegadas de Saphira. Eles vão nos perseguir agora. Não é da natureza deles deixar uma presa escapar. – Depois, duas trombetas soaram. Elas estavam mais perto. Um calafrio percorreu o corpo de Eragon. – Nossa única chance é fugir – sugeriu Brom. Ele levantou a cabeça para o céu e seu rosto ficou pálido ao chamar Saphira.

Ela surgiu no meio do céu escuro e pousou.

– Deixe Cadoc. Vá com ela. Você ficará em segurança – ordenou Brom.

– Mas e você? – protestou Eragon.

– Eu ficarei bem. Agora, vá! – Sem energia para discutir, Eragon montou em Saphira enquanto Brom fez Fogo na Neve disparar com uma chicotada e cavalgou para longe com Cadoc. Saphira voou atrás dele, batendo as asas acima dos cavalos galopantes.

Eragon agarrou-se a Saphira da melhor maneira que podia, ele apertava os olhos cada vez que os movimentos dela empurravam seu pulso. As trombetas soavam bem perto, causando uma nova onda de pavor. Brom atravessava os arbustos, levando os cavalos aos seus limites. As trombetas tocaram em uníssono bem atrás

dele, depois, ficaram em silêncio.

Os minutos passaram. Onde estão os Urgals?, pensou Eragon. Uma trombeta soou, desta vez, distante. Suspirou aliviado, encostando-se no pescoço de Saphira, enquanto, no chão, Brom diminuía o passo do seu galope.

Essa foi perto, constatou Eragon.

Foi, mas não podemos parar até... Saphira foi interrompida quando uma trombeta soou bem embaixo deles. Eragon pulou surpreso, e Brom recomeçou a sua retirada frenética. Urgals chifrudos, gritando com vozes roucas, movimentavam-se a cavalo em alta velocidade na trilha, ganhando terreno rapidamente. Estavam quase à vista de Brom, o velho não poderia correr mais do que eles.

Precisamos fazer alguma coisa, exclamou Eragon.

O quê?

Pouse na frente dos Urgals!

Você perdeu o juízo?, disse Saphira.

Pouse! Sei o que estou fazendo!, ordenou Eragon. Não temos tempo para mais nada. Eles vão alcançar Brom!

Tudo bem. Saphira passou a frente dos Urgals, fez a volta e preparou para pousar na trilha. Eragon concentrou-se para ter acesso ao seu poder e sentiu a resistência familiar na mente dele que o separava da magia. Ele não tentou usá-la ainda. Um músculo pulava em seu pescoço.

Enquanto os Urgals marchavam na trilha, ele gritou:

– Agora!

Saphira, de modo abrupto, fechou as asas e desceu direto de cima das árvores, pousando na trilha, produzindo uma chuva de terra e pedras.

Os Urgals gritaram assustados e puxaram as rédeas dos seus cavalos. Os animais ficaram com as pernas duras e bateram uns nos outros, mas os Urgals se ajeitaram rapidamente para encarar Saphira com as armas expostas. O ódio ficou estampado em seus rostos quando olharam fixamente para ela. Havia doze deles, eram animais feios e zombeteiros. Eragon pensou por que não fugiram. Achou que a visão de Saphira iria assustá-los, fazendo-os correr para longe. Por que estão esperando? Eles vão nos atacar ou não?

Ficou chocado quando o maior Urgal se aproximou dele e disse cuspindo: – O nosso chefe quer falar com você, humano! – O monstro falou com uma voz grave e gutural.

É uma armadilha!, alertou Saphira antes que Eragon pudesse falar qualquer

coisa. Não lhe dê ouvidos.

Pelo menos, vamos ver o que ele tem a dizer, argumentou Eragon curioso, mas extremamente cauteloso. – Quem é o seu chefe? – perguntou Eragon.

O Urgal olhou com desdém. – O nome dele não deve ser dito a alguém tão inferior quanto você. Ele governa o céu e domina a terra. Você não é nada mais do que uma formiga desgarrada para ele. Porém, ele decretou que você deve ser levado até ele, vivo. Fique grato por ter sido digno de tal graça!

– Eu nunca irei com você ou com nenhum de meus inimigos! – declarou Eragon, lembrando-se de Yazuac. – Não importa que você sirva um Espectro, um Urgal ou algum outro inimigo do qual eu nunca tenha ouvido falar, não tenho nenhuma vontade de conversar com ele.

– Esse será um grave erro – rosnou o Urgal, mostrando as presas. – Não há como fugir dele. No final, você ficará perante o nosso chefe. Se resistir, ele encherá os seus dias com agonia.

Eragon pensou em quem teria o poder de unir os Urgals sob uma só bandeira. Será que havia uma terceira força à solta na terra, junto com o Império e os Varden?

– Guarde a sua oferta e diga ao seu chefe que pouco me importa se os corvos comerem as entranhas dele!

A raiva correu entre os Urgals. O líder uivou, rangendo os dentes.

– Então, vamos levá-lo arrastado até ele! – Ele fez um gesto com o braço, e os Urgals avançaram para cima de Saphira.

Levantando a mão direita, Eragon gritou:

– Jierda!

Não!, berrou Saphira, mas já era tarde demais.

Os monstros tropeçaram quando a palma da mão de Eragon brilhou. Raios de luz emanavam da mão dele, atingindo cada um deles no estômago. Os Urgals foram jogados para o alto, contra as árvores, caindo desmaiados no chão.

A fadiga, de repente, exauriu as forças de Eragon, e ele tombou do dorso de Saphira. Sua mente estava nebulosa e obscura. Quando Saphira se curvou sobre ele, Eragon percebeu que podia ter ido longe demais. A energia necessária para levantar e arremessar doze Urgals foi gigantesca. O medo tomou conta dele quando ele tentava se manter consciente.

Pelo canto do olho, viu um dos Urgals ficar em pé, cambaleante, empunhando a espada.

Eragon tentou avisar Saphira, mas estava fraco demais.

Não... pensou ele com fraqueza. O Urgal arrastou-se em direção a Saphira até passar da cauda dela. Depois, ergueu a espada para atingi-la no pescoço. Não!... Saphira girou em volta do monstro, rugindo de modo selvagem. Suas garras cortaram-no em uma velocidade incrível. Sangue espirrou por toda parte quando o Urgal foi dividido em dois.

Saphira fechou as mandíbulas com força, produzindo um estalo, determinada, e voltou para Eragon. Envolveu gentilmente suas garras ensanguentadas no tronco dele, soltou um rosnado e pulou para o alto. A noite virou um borrão repleto de dor. O som hipnótico das asas de Saphira fizeram-no entrar em um transe escuro: para cima, para baixo, para cima, para baixo, para cima, para baixo...

Quando finalmente Saphira pousou, Eragon, vagamente consciente, ouviu Brom conversando com ela. Não entendeu o que disseram, mas uma decisão deve ter sido tomada, pois Saphira alçou voo de novo.

Seu torpor rendeu-se ao sono, cobrindo-o como um cobertor macio.

VISÃO DA PERFEIÇÃO

Eragon contorceu-se embaixo das cobertas, relutando em abrir os olhos. Cochilou e um pensamento impreciso tomou conta de sua mente... Como eu cheguei aqui? Confuso, apertou os cobertores com mais força e sentiu algo duro em seu braço direito. Tentou mexer o pulso, mas sentiu uma dor aguda. Os Urgals! Ele sentou-se de repente.

Estava em uma pequena clareira vazia, exceto por uma fogueirinha que esquentava uma panela cheia de cozido. Um esquilo rangia os dentes em um galho. O arco e a aljava estavam ao lado das cobertas. A tentativa de ficar em pé obrigou-o a fazer uma cara feia, pois seus músculos estavam fracos e doloridos. Havia uma pesada tala em seu braço direito ferido.

Onde está todo mundo?, pensou desolado. Tentou chamar Saphira, mas para seu temor, não conseguiu senti-la. Uma fome descomunal tomou conta dele, então comeu o cozido. Ainda faminto, procurou os alforjes, tentando achar um pedaço de pão. Mas nem os alforjes nem os cavalos estavam na clareira. Sei que deve haver um bom motivo para tudo isso, pensou, suprimindo um ímpeto de desconforto.

Andou em volta da clareira, mas voltou às suas cobertas e as enrolou. Sem nada melhor a fazer, sentou, recostando-se em uma árvore, e ficou vendo as nuvens no céu. Horas se passaram, mas Brom e Saphira não apareceram. Espero que não haja nada errado.

Conforme a tarde se arrastava, Eragon foi ficando entediado e começou a explorar a floresta que o cercava. Quando ficou cansado, foi repousar embaixo de uma árvore sempre-verde, que se inclinava sobre uma pedra que tinha uma depressão cheia de água de orvalho.

Eragon olhou fixamente para a água e lembrou as instruções de Brom quanto a ver o futuro em superfícies cristalinas. Talvez eu possa ver onde Saphira está. Brom disse que fazer isso requer muita energia, mas eu sou mais forte do que ele... Eragon respirou fundo e fechou os olhos. Em sua mente, formou uma imagem de Saphira, tornando-a a mais real possível. Aquilo era mais desgastante do que ele esperava. Então, ele disse:

– Draumr kópa! – E olhou fixamente para a água.

A superfície ficou completamente lisa, congelada por uma força invisível. Os reflexos desapareceram e a água ficou bem clara. Nela, brilhava uma imagem de Saphira. O ambiente que a cercava era completamente branco, mas Eragon podia ver que ela estava voando. Brom estava sentado nas costas dela, a barba dele

voava ao vento e havia uma espada em seus joelhos.

Eragon, exausto, deixou a imagem desaparecer. Pelo menos, eles estão bem. Deu a si mesmo alguns minutos para se recuperar e voltou a inclinar-se sobre a água. Roran, como vai você? Em sua mente, viu o primo claramente. Por impulso, invocou a magia e pronunciou as palavras.

A água ficou imóvel e a imagem se formou em sua superfície. Roran apareceu, sentado em uma cadeira invisível. Como Saphira, o ambiente que o cercava era branco. Havia novas rugas no rosto de Roran, mais do que nunca, ele estava parecido com Garrow. Eragon segurou a imagem o máximo que podia. Será que Roran está em Therinsford? Certamente ele está em um lugar onde eu nunca estive.

O esforço causado pelo uso da magia formou gotas de suor em sua testa. Ele suspirou e por um longo tempo ficou satisfeito em apenas ficar sentado. Depois, uma ideia absurda tomou conta dele. E se eu tentasse visualizar algo que criei na minha imaginação ou que vi em um sonho? Ele sorriu. Talvez visse o que a minha própria consciência produziu.

Aquela era uma ideia atraente demais para ser deixada de lado. Ajoelhou-se perto da água mais uma vez. O que eu devo procurar? Pensou em algumas coisas, mas descartou todas elas quando se lembrou do sonho sobre a mulher na cadeia.

Depois de fixar a cena na mente, Eragon pronunciou as palavras e observou a água com atenção. Esperou, mas nada aconteceu. Decepcionado, estava prestes a liberar a magia quando uma escuridão pesada rodopiou na água, cobrindo sua superfície. A imagem de uma vela solitária brilhava no escuro, iluminando uma cela de pedra. A mulher no seu sonho estava sobre um catre em um dos cantos do lugar. Levantou a cabeça, seus cabelos pretos caíram para trás, e olhou fixamente, direto para Eragon. Ele ficou imóvel, a força do olhar o manteve no lugar. Calafrios percorreram sua espinha quando seus olhos se encontraram. A mulher tremeu e caiu fracamente.

A água clareou. Eragon jogou-se para trás, ofegante.

– Isso é impossível! – Ela não devia ser real. Eu só sonhei com ela! Como ela poderia saber que eu estava olhando para ela? E como eu poderia ter visto um calabouço que nunca vi na vida? Balançou a cabeça, pensando se algum dos seus outros sonhos também foram visões.

A batida rítmica das asas de Saphira interrompeu seus pensamentos. Eragon voltou correndo para a clareira, chegando no momento em que Saphira pousava. Brom estava montado em seu dorso, como Eragon havia visto, só que sua espada

agora estava muito ensanguentada. O rosto de Brom estava retorcido, as pontas de sua barba estavam pintadas de vermelho.

– O que aconteceu? – perguntou Eragon temendo que Brom estivesse ferido.

– O que aconteceu? – bravejou o velho. – Estou tentando consertar a besteira que você fez! – Ele cortou o ar com a sua espada, jogando uma trilha de sangue durante a sua trajetória. – Você sabe o que fez com aquele truquezinho? Sabe?

– Evitei que os Urgals pegassem você – disse Eragon, sentindo um peso no estômago.

– Isso – reclamou Brom –, mas aquele ato de magia quase o matou! Você está dormindo há dois dias! Havia doze Urgals. Doze! Mas isso não evitou que você tentasse jogar todos eles até Teirm, não é? O que você estava pensando? Jogar uma pedra com força na cabeça de cada um deles seria o certo a fazer. Mas, não, você queria deixá-los inconscientes para que pudessem fugir depois. Passei os últimos dois dias caçando todos eles. Mesmo com a Saphira, três escaparam!

– Eu não queria matá-los – disse Eragon sentindo-se diminuído.

– Mas não teve esse problema em Yazuac.

– Lá eu não tive escolha, não sabia controlar a magia. Desta vez, parecia... um exagero.

– Um exagero! – gritou Brom. – Não seria um exagero, pois eles não teriam a mesma misericórdia com você. E, por que, por que você se mostrou a eles?

– Você disse que eles tinham achado as pegadas de Saphira. Não faria diferença se me vissem – Eragon defendeu-se.

Brom enfiou sua espada na terra e disparou:

– Eu disse que eles provavelmente tinham achado as pegadas dela. Não sabíamos com certeza. Podiam achar que seguiam alguns viajantes erráticos. Mas como eles acharão isso agora? Afinal, você pousou bem na frente deles! E como você os deixou viver, devem estar correndo pelos campos contando um monte de histórias fantásticas! Elas podem chegar até o Império! – Ele jogou as mãos para o ar. – Você não merece ser chamado de Cavaleiro depois dessa, rapaz. – Brom arrancou sua espada do chão e foi andando pesadamente até a fogueira. Pegou um trapo dentro do seu manto e, zangado, começou a limpar a lâmina.

Eragon estava chocado. Tentou pedir um conselho a Saphira, mas tudo o que ela dizia era: Fale com Brom.

Hesitante, Eragon caminhou até a fogueira e perguntou: – Ajudaria se dissesse que eu sinto muito?

Brom suspirou e embainhou sua espada. – Não, não ajudaria. Seus sentimentos

não podem mudar o que aconteceu. – Ele golpeou o peito de Eragon com seu dedo. – Você fez escolhas muito ruins que podem ter repercussões perigosas. Sem falar que você quase morreu. Morreu, Eragon! A partir de agora, você terá de pensar. Há um motivo pelo qual nascemos com um cérebro e não com pedras na cabeça.

Eragon concordou, envergonhado. – Mas não é tão ruim quanto você pensa, os Urgals já sabiam da minha existência. Tinham ordens para me capturar.

A surpresa arregalou os olhos de Brom. Ele enfiou seu cachimbo apagado na boca.

– Não, não é tão ruim quanto eu pensava. É pior! Saphira me disse que você falou com os Urgals, mas ela não mencionou isso.

As palavras saíam desordenadas da boca de Eragon quando descreveu rapidamente o confronto a Brom.

– Então, eles têm uma espécie de líder agora, não é? – perguntou Brom.

Eragon concordou com a cabeça.

– E você desafiou os desejos dele, o insultou e atacou seus soldados? – Brom balançou a cabeça. – Eu pensava que isso não poderia ficar pior. Se os Urgals tivessem morrido, suas ofensas não seriam ouvidas, mas agora serão impossíveis de serem ignoradas. Parabéns, você agora é inimigo de uma das criaturas mais poderosas da Alagaësia.

– Tudo bem, eu errei – assumiu Eragon com tristeza.

– Sim, errou – concordou Brom com olhos faiscantes. – Mas, contudo, o que me preocupa é quem será o líder dos Urgals.

Tremendo, Eragon perguntou baixinho: – E o que acontecerá agora?

Houve uma pausa desconfortável. – O seu braço levará, pelo menos, algumas semanas para ficar bom. Empregarei bem esse tempo implantando um pouco de bom senso na sua cabeça. Suponho que tenho uma parte de culpa nisso tudo. Só venho ensinando a você como fazer as coisas, mas não como deveria fazê-las. É preciso ter prudência, algo que você não tem. Toda a magia em Alagaësia não vai ajudá-lo se você não souber como usá-la.

– Mas ainda vamos para Dras-Leona, não é? – perguntou Eragon.

Brom levantou os olhos. – Sim, podemos continuar procurando os Ra’zac, mas mesmo se os acharmos, não adiantará nada se você não estiver curado. – Ele começou a desselar Saphira. – Está se sentindo capaz de cavalgar?

– Acho que sim.

– Ótimo, então podemos percorrer alguns quilômetros hoje.

– Onde estão Cadoc e Fogo na Neve?

Brom apontou para o lado. – Mais ali embaixo. Eu os prendi onde havia grama. – Eragon preparou-se para partir e seguiu Brom até os cavalos.

Saphira disse enfaticamente:

Se você tivesse me dito o que pretendia fazer, nada disso teria acontecido. Eu teria dito que seria uma má ideia não matar os Urgals. Só concordei com o que você pediu porque presumi que era mais ou menos razoável!

Não quero falar sobre isso.

Como queira, disse ela, torcendo o nariz.

Enquanto cavalgavam, todos os montes e depressões na trilha faziam Eragon ranger os dentes de dor. Se ele estivesse sozinho, já teria parado. Com Brom presente, não ousou reclamar. Além disso, Brom começou a desafiá-lo com situações difíceis envolvendo Urgals, magia e Saphira. As lutas imaginárias eram muitas e variadas. Às vezes, um Espectro ou outros dragões eram incluídos. Eragon descobriu que era possível torturar corpo e a mente ao mesmo tempo. Respondeu errado à maior parte das questões e ficou ainda mais frustrado.

Quando pararam para dormir, Brom resmungou de modo ríspido:

– Isso já é um começo. – Eragon sabia que ele estava decepcionado.

Mestre da espada

O dia seguinte foi mais tranquilo para os dois. Eragon sentia-se melhor e conseguia responder corretamente às perguntas de Brom. Depois de um exercício particularmente difícil, Eragon falou sobre a mulher que visualizou na água. Brom puxou a barba.

– Você disse que ela estava presa?

– Isso.

– E viu o rosto dela? – indagou Brom de modo sério.

– Não muito claramente. A iluminação estava ruim, mas pude ver que ela era bonita. É estranho, não tive dificuldade para ver os olhos dela. E ela olhou para mim.

Brom balançou a cabeça.

– Pelo que sei, é impossível a pessoa saber que está sendo visualizada.

– Você sabe quem ela poderia ser? – perguntou Eragon surpreso pela ansiedade em sua própria voz.

– Não – admitiu Brom. – Se fizesse um esforço, poderia pensar em alguns nomes, mas nenhum deles seria plausível. Este seu sonho é muito peculiar. De alguma maneira, você conseguiu visualizar algo que nunca viu antes, sem dizer as palavras de poder. Os sonhos, de fato, ocasionalmente tocam no reino dos espíritos, mas isso é diferente.

– Talvez para entendermos isso, deveríamos procurar em todas as prisões e calabouços até acharmos a mulher – brincou Eragon. Realmente, ele achava que essa seria uma boa ideia. Brom riu e continuou cavalgando.

O treinamento rígido de Brom preenchia todas as horas à medida que os dias lentamente se tornavam semanas. Por causa da tala, Eragon foi forçado a usar a mão esquerda quando treinavam. Logo, ele podia duelar tão bem com a mão esquerda quanto com a direita.

Depois que atravessaram a Espinha e chegaram às planícies, a primavera tomou conta da Alagaësia, produzindo uma enorme variedade de flores. As árvores, antes temporariamente nuas, estavam repletas de brotos, enquanto novas folhas de grama começavam a surgir entre os ramos secos do ano passado. Os pássaros voltaram da sua ausência invernal para acasalarem e construírem ninhos.

Os viajantes seguiram o rio Toark rumo ao sudeste, acompanhando os limites da Espinha. O rio crescia gradualmente à medida que afluentes desaguavam nele, vindos de todos os lados, aumentando seu diâmetro. Quando o rio estava com mais

de uma légua de largura, Brom apontou para as ilhas de assoreamento que pontilhavam a água.

– Estamos chegando perto do lago Leona agora – disse. – Deve estar a uns dez quilômetros de distância.

– Será que chegaremos lá antes do anoitecer? – perguntou Eragon.

– Podemos tentar.

O anoitecer logo tornou a trilha difícil de ser seguida, mas o som do rio ao lado os guiava. Quando a lua surgiu, o disco brilhante proveu luz suficiente para que pudessem ver o que estava à frente.

O lago Leona parecia uma folha fina de prata que havia sido batida em cima da terra. A água estava tão calma e lisa que nem parecia que era um líquido. Além de um feixe brilhante do luar que se refletia em sua superfície, quase não dava para distingui-lo do chão. Saphira estava na margem rochosa, batendo as asas para secá-las. Eragon cumprimentou-a, e ela disse: A água está adorável: profunda, gelada e limpa.

Talvez eu nade amanhã, respondeu. Acamparam sob um grupo de árvores e logo caíram no sono.

De manhã, Eragon correu ansioso para ver o lago à luz do dia. Pequenas cristas, com espuma, formavam-se na água onde o vento batia. Só o tamanho do lago já foi um deleite para ele. Eragon gritou entusiasmado e correu para a água. Saphira, onde está você? Vamos nos divertir!

No instante em que Eragon montou nela, Saphira pulou por cima da água. Subiram bem alto, circulando sobre o lago e mesmo àquela altura, a outra margem ainda não estava visível.

Você gostaria de tomar um banho?, perguntou Eragon casualmente a Saphira.

Ela sorriu de maneira selvagem. Segure-se! Fechou as asas e atirou-se para cima das ondas, cortando as cristas com suas garras. A água espirrava sob a luz do sol enquanto eles sobrevoavam o lago. Eragon gritou de novo. Saphira fechou as asas e mergulhou, a cabeça e o pescoço entraram como uma lança.

A água atingiu Eragon como uma parede gelada, deixando-o sem ar e quase tirando-o de cima de Saphira. Segurou-se firme enquanto ela nadava até a superfície. Com três golpes com os pés, saltou para fora do lago, jogando uma cortina de águas brilhantes para cima. Eragon respirou fundo e sacudiu seus cabelos enquanto Saphira deslizava por cima do lago, usando sua cauda como leme.

Pronto?

Eragon concordou com a cabeça e respirou fundo, apertando os braços. Dessa vez, ela deslizou gentilmente para baixo d'água. Podiam ver metros à frente sob o líquido límpido. Saphira virou-se e deu voltas de formas incríveis, cortando a água como uma enguia. Eragon sentiu como se estivesse montando em uma serpente marinha de uma das lendas que ouviu.

Assim que os pulmões dele começaram a pedir mais ar, Saphira arqueou as costas e apontou a cabeça para cima. Uma explosão de gotas os cercou quando ela voou para o alto, abrindo as asas completamente. Com duas batidas fortes, ganhou altitude.

Uau! Isso foi fantástico!, exclamou Eragon.

Foi, disse Saphira feliz. Mas é uma pena você não conseguir prender o fôlego por mais tempo.

Não posso fazer nada quanto a isso, disse, torcendo os cabelos para tirar o excesso de água. As roupas dele estavam ensopadas, e o vento das asas de Saphira o fez sentir frio. Puxou a tala, seu pulso coçava.

Assim que Eragon estava seco, ele e Brom selaram os cavalos e, animados, começaram a contornar o lago Leona enquanto Saphira brincava, mergulhando e saindo da água.

Antes do jantar, Eragon bloqueou a lâmina de Zar'roc ao se preparar para o seu combate diário. Nem ele nem Brom se mexeram, pois um esperava o outro atacar primeiro. Eragon analisou o ambiente que o cercava, procurando alguma coisa que pudesse lhe dar vantagem. Um galho perto da fogueira chamou a sua atenção.

Eragon jogou-se para baixo, agarrou o galho e o atirou para Brom. Mas a tala o atrapalhou, e Brom desviou-se facilmente do pedaço de madeira. O velho avançou depressa para a frente, lançando sua espada. Eragon abaixou-se no momento em que a lâmina passou assoviando por cima de sua cabeça. Grunhiu e atacou Brom com ferocidade.

Caíram no chão, cada um lutando para ficar por cima. Eragon rolou para o lado e deu um golpe com Zar'roc na direção das pernas de Brom. O velho aparou o golpe com o cabo da sua espada e, com um pulo, ficou em pé. Girando no mesmo lugar onde estava, Eragon atacou novamente, fazendo movimentos complexos com Zar'roc. Fagulhas saíam das espadas quando se chocavam repetidamente. Brom bloqueou todos os golpes, o rosto dele estava sério devido à tamanha concentração. Mas Eragon podia notar que Brom se cansava. Os golpes incessantes continuaram enquanto cada um procurava uma brecha na defesa do outro.

Então, Eragon sentiu a batalha mudar. Golpe a golpe, ele ganhava vantagem, as

defesas de Brom ficavam mais lentas e ele perdia terreno. Eragon bloqueou facilmente um golpe direto de Brom. As veias pulsavam na testa do velho e os vasos do seu pescoço estavam dilatados devido ao grande esforço.

De repente, mais confiante, Eragon golpeava com Zar'roc mais rápido do que nunca, tecendo uma teia de aço na espada de Brom. Aumentando sua velocidade, bateu com a parte chata de sua lâmina contra a guarda de Brom, jogando a espada dele no chão. Antes que Brom pudesse reagir, Eragon tocou levemente a garganta de Brom com a espada.

Estavam em pé, ofegantes, com a ponta da espada vermelha tocando a clavícula de Brom. Eragon, lentamente, abaixou o braço e se afastou. Foi a primeira vez que ele ganhou de Brom sem usar nenhum truque. Brom pegou sua espada e a colocou na bainha. Ainda com a respiração difícil, ele disse: – Chega por hoje.

– Mas nós apenas começamos – disse Eragon surpreso.

Brom balançou a cabeça. – Eu não posso lhe ensinar mais nada com relação à espada. De todos os guerreiros que conheci, só três deles poderiam ter me vencido dessa maneira, e duvido que algum deles conseguiria fazer isso usando a mão esquerda. – Ele sorriu com melancolia. – Posso não ser tão jovem quanto antes, mas posso afirmar que você é um espadachim de talento singular.

– Isso quer dizer que não vamos mais lutar todas as noites? – perguntou Eragon.

– Oh, você não vai se livrar tão fácil disso – riu Brom. – Mas iremos mais devagar a partir de agora. Não fará tanta falta se deixarmos de treinar uma noite de vez em quando. – Ele enxugou sua sobrancelha. – Mas lembre-se disso: se acontecer a infelicidade de lutar com um elfo, treinado ou não, macho ou fêmea, espere perder. Eles, juntamente com dragões e outras criaturas mágicas, são muitas vezes mais fortes do que a Natureza os concebeu. Até mesmo o mais fraco dos elfos poderá subjugá-lo facilmente. O mesmo vale para os Ra'zac, eles não são humanos e se cansam muito mais lentamente do que nós.

– Há alguma maneira de ficar igual a eles? – indagou Eragon. Ele sentou de pernas cruzadas perto de Saphira.

Você lutou bem, disse ela. Ele sorriu.

Brom sentou-se, dando de ombros.

– Há algumas, mas nenhuma está disponível para você agora. A magia pode fazer que você vença todos os seus inimigos, menos os mais fortes. Para esses, você precisará da ajuda de Saphira, além de uma boa dose de sorte. Lembre que criaturas mágicas usam magia, elas podem fazer coisas que matariam um humano devido às suas habilidades aprimoradas.

– Como se luta com magia? – quis saber Eragon.

– Como assim?

– Bem – disse ele apoiando-se em um cotovelo –, suponha que eu seja atacado por um Espectro. Como eu poderia bloquear a magia dele? A maioria dos encantos funciona instantaneamente, o que torna o tempo de reação praticamente nulo. E mesmo se eu pudesse reagir, como poderia anular a magia do meu inimigo? Parece que eu teria de saber a intenção do meu adversário antes que ele agisse. – Ele fez uma pausa. – Só não vejo como isso pode ser feito. Venceria quem atacasse primeiro.

Brom suspirou.

– Você está falando de um "duelo de magos", por assim dizer, e que é extremamente perigoso. Você nunca pensou em como Galbatorix conseguiu vencer todos os Cavaleiros com a ajuda de apenas uns doze traidores?

– Eu nunca havia pensado nisso – reconheceu Eragon.

– Existem vários modos. Você aprenderá sobre alguns deles depois, mas o principal é que Galbatorix era, e ainda é, mestre ao invadir a mente das pessoas. Sabe, em um duelo de magos há regras rígidas que devem ser seguidas, caso contrário os dois oponentes morrerão. Para começar, ninguém usa magia até que um dos participantes ganhe acesso à mente do outro.

Saphira enrolou a sua cauda confortavelmente em volta de Eragon e perguntou: Por que esperar? Quando o inimigo perceber que você atacou, será tarde demais para ele reagir. Eragon repetiu a pergunta em voz alta.

Brom balançou a cabeça.

– Não, não seria. Se eu fosse usar o meu poder, de repente, contra você, Eragon, você provavelmente morreria, mas no instante antes de ser destruído, haveria tempo para um contra-ataque seu. Portanto, a não ser que um combatente tenha o desejo de morrer, nenhum dos lados atacará até que um deles tenha tido acesso às defesas do outro.

– E o que acontece depois? – perguntou Eragon.

Brom deu de ombros e disse:

– Uma vez que você esteja dentro da mente do seu inimigo, é bem fácil antecipar o que ele fará e evitar sua ação. Mesmo com essa vantagem, ainda é possível perder se você não souber como contra-atacar os encantos.

Ele encheu o cachimbo e acendeu-o.

– E isso requer um raciocínio extremamente rápido. Antes de poder se defender, você deve entender a natureza das forças que vêm na sua direção. Se estiver

sendo atacado com calor, terá de saber se virá em forma de vapor, fogo, luz ou por outros meios. Só depois de saber isso é que poderá combater a magia, por exemplo, esfriando o material aquecido.

– Parece ser difícil.

– Extremamente – confirmou Brom. Uma nuvem de fumaça subiu do seu cachimbo. – Raramente uma pessoa sobrevive a um duelo como esse por mais de alguns segundos. A quantidade maciça de esforço e destreza condena qualquer um que não tenha o treinamento adequado a uma morte rápida. Assim que você for avançando, começarei a ensinar os métodos necessários. Enquanto isso, se você se achar travando um duelo de magos, sugiro que fuja o mais rápido possível.

A SUJEIRA DE DRAS-LEONA

Eles almoçaram em Fasaloft, um movimentado vilarejo perto do lago. Era um lugar encantador, posicionado em uma elevação que dava vista para o espelho-d'água. Enquanto comiam no salão da estalagem, Eragon prestou atenção no que as pessoas falavam e ficou satisfeito ao não ouvir nenhum boato sobre ele e Saphira.

A trilha, agora uma estrada, piorou constantemente nos dois dias anteriores. As rodas das carroças e os cascos ferrados contribuíram para destruir a pista, tornando muitos trechos intransponíveis. O aumento de viajantes forçou Saphira a se esconder de dia e depois alcançar Brom e Eragon à noite. Durante dias eles continuaram em direção ao sul acompanhando a vasta margem do lago Leona. Eragon começou a pensar se, um dia, conseguiriam contorná-lo e ficou muito satisfeito quando encontraram dois homens que disseram que Dras-Leona estava a apenas um dia tranquilo de cavalgada à frente deles.

Eragon acordou cedo na manhã seguinte. Seus dedos agitavam-se por causa da expectativa de, finalmente, encontrar os Ra'zac. Vocês dois devem ter cuidado, disse Saphira. Os Ra'zac podem ter espiões procurando viajantes com as suas descrições.

Faremos o melhor possível para passarmos despercebidos, garantiu a ela.

Saphira abaixou a cabeça até que os olhos deles se encontraram: Talvez, mas saiba que não poderei ir protegê-lo como fiz com os Urgals. Estarei longe demais para poder vir em seu socorro e também não sobreviveria por muito tempo, naquelas ruas estreitas, se fosse atender os seus pedidos. Siga os conselhos de Brom nesta caçada, ele tem bom senso.

Eu sei, disse em tom melancólico.

Você irá com Brom até os Varden? Assim que os Ra'zac estiverem mortos, ele vai querer levá-lo até eles. E como Galbatorix ficará furioso por causa da morte dos Ra'zac, talvez essa seja a coisa mais sensata a fazer.

Eragon esfregou os braços. Não quero lutar contra o Império o tempo todo como os Varden fazem. A vida é muito mais do que uma guerra constante. Teremos tempo para pensar nisso assim que os Ra'zac forem eliminados.

Não tenha tanta certeza disso, alertou-o e, em seguida, foi se esconder até a noite.

A estrada estava repleta de fazendeiros que levavam seus produtos para o mercado em Dras-Leona. Brom e Eragon foram forçados a diminuir a velocidade de

sua cavalgada, pois tinham de esperar as carroças que bloqueavam a passagem.

Embora tenham visto fumaça antes do meio-dia, ainda tiveram de percorrer mais uns cinco quilômetros até a cidade ficar claramente visível. Ao contrário de Teirm, que foi planejada, Dras-Leona era uma confusão embaralhada que se espalhava até perto do lago Leona. Construções caindo aos pedaços ladeavam ruas curvas. E o coração da cidade era cercado por uma parede amarelada, suja de lama.

A vários quilômetros ao leste, uma montanha de rocha nua arranhava o céu com torres e colunas, como um navio tenebroso. Suas laterais quase verticais erguiam-se do chão como um pedaço irregular do osso da terra.

Brom apontou.

– Aquilo é Helgrind. É o motivo pelo qual Dras-Leona foi originalmente construída. As pessoas são fascinadas por aquilo, embora seja uma coisa doentia e maligna. – Ele apontou para as construções dentro das muralhas da cidade. – Devemos ir ao centro primeiro.

Enquanto caminhavam lentamente na estrada para Dras-Leona, Eragon viu que a construção mais alta na cidade era uma catedral que se avultava atrás dos muros. Era muito parecida com Helgrind, especialmente quando seus arcos e torres elevadas ficavam iluminados.

– O que eles adoram? – perguntou Eragon.

Brom fez uma expressão de desgosto.

– As orações vão para Helgrind. Eles praticam uma religião cruel, pois bebem sangue humano e fazem oferendas de carne humana. Os sacerdotes quase sempre carecem de partes do corpo, pois acreditam que quanto mais carne e ossos abandonam, menos ficam presos ao mundo mortal. Passam grande parte do tempo debatendo sobre qual dos três picos de Helgrind é o mais alto, sobre qual deles é o mais importante e se o quarto, que é o menor, devia ser incluído na adoração deles.

– Isso é horrível – disse Eragon, tremendo.

– É – concordou Brom fechando o rosto. – Mas nunca diga isso a um dos seus seguidores. Logo, você perderá uma de suas mãos como "penitência".

Nos enormes portões de Dras-Leona, guiavam seus cavalos no meio de uma multidão de pessoas. Dez soldados estavam posicionados em cada um dos lados dos portões, examinando o povo aleatoriamente. Eragon e Brom entraram na cidade sem maiores incidentes.

As casas dentro das muralhas da cidade eram altas e finas para compensar a falta de espaço. As mais próximas da muralha ficavam encostadas nela. A maioria

das casas ficava em cima das ruas estreitas e sinuosas, encobrindo o céu, tornando difícil dizer se era noite ou dia. Quase todas as construções eram feitas com a mesma madeira marrom-escura, o que escurecia a cidade ainda mais. O ar cheirava mal como um esgoto, as ruas eram imundas.

Um grupo de crianças maltrapilhas corria por entre as casas, brigando por causa de pedaços de pão. Mendigos deformados agachavam-se perto dos portões de entrada, pedindo dinheiro. Seus clamores por auxílio pareciam um coro dos condenados. Não tratamos nem os animais desse jeito, pensou Eragon, de olhos bem abertos, com raiva.

– Eu não ficarei aqui – disse ele, revoltando-se com aquela visão.

– A situação melhora mais para o interior da cidade – afirmou Brom. – Agora, precisamos encontrar uma estalagem e bolar uma estratégia. Dras-Leona pode ser um lugar perigoso até para os mais cautelosos. Não quero ficar nas ruas mais do que o necessário.

Avançaram para dentro de Dras-Leona, deixando a sórdida entrada para trás. Ao chegarem às partes mais ricas da cidade, Eragon pensou: Como essas pessoas podem viver em paz quando o sofrimento ao redor delas é tão óbvio?

Acharam acomodações na Globo Dourado, que era uma estalagem barata, mas não decrépita. Uma cama estreita estava espremida contra uma das paredes do cômodo, tendo ao seu lado uma mesa bamba e uma bacia. Eragon deu uma olhada no colchão e disse: – Vou dormir no chão. Deve haver naquela coisa insetos bastante para me devorarem vivo.

– Bem, não quero privá-los de uma refeição – disse Brom, jogando suas bolsas no colchão. Eragon colocou as suas no chão e tirou seu arco.

– E agora? – perguntou ele.

– Vamos procurar comida e cerveja. Depois disso, dormir. Amanhã, podemos começar a procurar pelos Ra'zac. – Antes de saírem do quarto, Brom alertou: – Não importa o que aconteça, tenha cuidado para não soltar a língua. Teremos de partir imediatamente se formos descobertos.

A comida da estalagem era suportável, mas a cerveja era excelente. Quando voltaram cambaleantes para o quarto, a cabeça de Eragon zumbia prazerosamente. Desenrolou seus cobertores no chão e jogou-se embaixo deles enquanto Brom despencava na cama.

Pouco antes de dormir, Eragon fez contato com Saphira: Ficaremos aqui durante alguns dias, mas não serão tantos quanto em Teirm. Quando descobrirmos onde os Ra'zac estão, você poderá nos ajudar a pegá-los. Falarei com você de manhã. Não

estou pensando claramente agora.

Você andou bebendo, veio o pensamento acusador. Eragon ponderou sobre isso por um instante e teve de concordar que ela estava absolutamente correta. A reprovação era clara, mas tudo o que ela disse foi: Não sentirei inveja de você pela manhã.

Não, resmungou Eragon, mas Brom sentirá. Ele bebeu duas vezes mais do que eu.

A TRILHA DO ÓLEO

O que eu tinha em mente?, pensou Eragon de manhã. Sua cabeça latejava e sua língua estava áspera e grossa. Quando um rato passou correndo sob o piso, Eragon apertou os olhos por causa do barulho.

Como você está se sentindo?, perguntou Saphira de forma convencida.

Eragon a ignorou.

Um instante depois, Brom levantou-se da cama e resmungou. Mergulhou a cabeça na bacia cheia de água fria e saiu do quarto. Eragon o seguiu até o corredor.

– Aonde você vai? – perguntou ele.

– Vou me recuperar.

– Irei junto. – No bar, Eragon descobriu que o método de recuperação de Brom envolvia beber grandes quantidades de chá quente e água gelada e fazer tudo isso descer com conhaque. Quando voltaram para o quarto, Eragon sentiu que estava um pouco melhor.

Brom pôs a espada na cinta e alisou as partes amarrotadas do seu manto.

– Primeiro, precisamos fazer algumas perguntas com discrição. Quero ver se o óleo de Seithr foi entregue em Dras-Leona e qual foi o destino dele depois disso. Provavelmente, soldados ou trabalhadores estiveram envolvidos no transporte do óleo. Precisamos achar esses homens e fazer que um deles fale.

Saíram da Globo Dourado e procuraram pelos armazéns onde o óleo de Seithr poderia ter sido entregue. Perto do centro de Dras-Leona, as ruas começaram a subir em direção a um palácio de granito polido. Ele foi construído em uma elevação, de modo que estava acima de todas as construções do local, com exceção da catedral.

No pátio havia um mosaico de madrepérola, e partes das paredes eram incrustadas com ouro. Havia estátuas negras nas alcovas, segurando bastões de incenso acesos em suas mãos frias. Soldados, a postos a cada quatro metros, observavam com atenção quem passava.

– Quem mora ali? – perguntou Eragon admirado.

– Marcus Tábor, governante desta cidade. Ele responde apenas ao rei e à sua própria consciência, que não tem estado muito ativa recentemente – respondeu Brom. Eles deram a volta no palácio, olhando para as casas gradeadas e enfeitadas que o cercavam.

Ao meio-dia, não tinham descoberto nada útil, então pararam para almoçar. –

Esta cidade é grande demais para investigarmos juntos – disse Brom. – Você continuará sozinho. Encontre-me na Globo Dourado ao anoitecer. – Ele olhou fixamente para Eragon debaixo de suas grossas sobrancelhas. – Estou confiando que você não fará nenhuma burrice.

– Não farei – prometeu Eragon. Brom deu a ele algumas moedas e saiu andando na direção oposta.

Durante o resto do dia, Eragon falou com comerciantes e trabalhadores, tentando ser o mais gentil e simpático que podia. Suas perguntas levaram-no de um extremo da cidade para outro e vice-versa. Parecia que ninguém sabia nada sobre o óleo. Sempre aonde ia, a catedral olhava fixamente para ele. Era impossível escapar de suas torres altas.

Finalmente achou um homem que tinha ajudado a embarcar o óleo de Seithr e se lembrou do armazém para onde aquilo foi levado. Eragon, animado, foi olhar a edificação e voltou para a estalagem. Mais de uma hora se passou antes que Brom voltasse, caindo de cansaço.

– Você descobriu alguma coisa? – perguntou Eragon.

Brom jogou para trás seus cabelos brancos. – Ouvi várias coisas interessantes hoje, e uma delas é que Galbatorix visitará Dras-Leona daqui a uma semana.

– O quê? – admirou-se Eragon.

Brom encostou-se na parede, as rugas em sua testa ficaram mais fundas. – Parece que Tábor tomou liberdades demais ao usar seu poder, e Galbatorix resolveu vir aqui dar uma lição de humildade a ele. Será a primeira vez que o rei sairá de Urû'baen em mais de dez anos.

– Você acha que ele sabe alguma coisa sobre nós? – perguntou Eragon.

– É claro que ele sabe sobre nós, mas tenho certeza de que ninguém revelou a ele o lugar onde estamos. Se tivessem revelado, já estaríamos sob as garras dos Ra'zac. Contudo, isso significa que seja lá o que faremos com os Ra'zac, deve ser feito antes de Galbatorix chegar. Queremos ficar o mais longe possível dele. A única coisa a nosso favor é a certeza de os Ra'zac estarem aqui, preparando a visita dele.

– Quero pegar os Ra'zac – afirmou Eragon apertando os punhos –, mas não farei isso se tiver de lutar com o rei. Ele, provavelmente, me faria em pedaços.

Aquilo pareceu agradar Brom. – Muito bem: cautela. E você está certo, pois não teria a menor chance contra Galbatorix. Agora, conte o que descobriu hoje. Talvez confirme o que ouvi.

Eragon deu de ombros. – A maior parte das coisas foi besteira, mas falei com um

homem que sabia para onde o óleo havia sido levado. O lugar é um velho armazém. Além disso, não descobri nada mais útil.

– Meu dia foi um pouco mais produtivo do que o seu. Descobri a mesma coisa que você, então fui ao armazém e conversei com os trabalhadores. Não precisei falar muito para saber que os tonéis de óleo de Seithr são sempre levados do armazém para o palácio.

– E, depois disso, voltou para cá – concluiu Eragon.

– Não, nada disso! Não me interrompa. Depois, fui ao palácio e consegui entrar no quarto dos empregados fingindo ser um bardo. Durante várias horas, andei por lá, distraindo as camareiras e outras pessoas com poemas e músicas, sem deixar de fazer perguntas. – Brom, lentamente, encheu seu cachimbo de fumo. – As coisas que os empregados descobrem são incríveis. Você sabia que um dos condes tem três amantes e que todas vivem na mesma ala do palácio? – Ele balançou a cabeça e acendeu o cachimbo. – Além dessas curiosidades engraçadas, me disseram, por acidente, para onde o óleo é levado do palácio.

– E é para... – quis saber Eragon impaciente.

Brom tragou seu cachimbo e soltou um anel de fumaça. – Para fora da cidade, é claro. Em toda lua cheia, dois escravos são enviados para a base de Helgrind com provisões para durar um mês. Sempre que o óleo de Seithr chega a Dras-Leona, eles o enviam com provisões. Os escravos nunca mais são vistos. E a única vez em que alguém os seguiu, essa pessoa também desapareceu.

– Pensei que os Cavaleiros tinham acabado com a escravidão – disse Eragon.

– Infelizmente, isso voltou a ser praticado no reinado deste rei.

– Então, os Ra’zac estão em Helgrind – arriscou Eragon pensando na montanha de pedra.

– Lá ou em algum lugar próximo.

– Se eles estiverem em Helgrind, estarão embaixo, protegidos por paredes e portas grossas de pedra, ou no alto, onde só as suas montarias aladas ou Saphira podem chegar. Seja em cima ou embaixo, o esconderijo deles, sem dúvida, estará camuflado. – Ele parou para pensar por um momento. – Se Saphira e eu voarmos em volta de Helgrind, é certo que os Ra’zac nos verão, sem falar em todas as pessoas de Dras-Leona.

– Isso é um problema – concordou Brom.

Eragon fez uma cara feia.

– E se tomarmos o lugar daqueles dois escravos? A lua cheia não está longe. Isso nos daria a oportunidade perfeita de chegar perto dos Ra’zac.

Brom puxava sua barba pensativo. – Isso será muito arriscado. Se os escravos são mortos a distância, estaremos encrencados. Não poderemos ferir os Ra'zac se não pudermos vê-los.

– E não sabemos se os escravos são mortos – destacou Eragon.

– Tenho certeza de que são – disse Brom, com uma expressão séria no rosto. Então, os olhos dele brilharam, e soltou outro anel de fumaça. – Ainda assim, é uma ideia tentadora. Se deixarmos a Saphira escondida por perto e... – A voz dele sumiu. – Pode dar certo, mas teremos de agir rápido. Com o rei chegando, não temos muito tempo.

– Vamos até Helgrind para examinar o lugar? É melhor ver o local de dia para não sermos surpreendidos em nenhuma emboscada.

Brom apontou para o seu cajado.

– Isso pode ser feito depois. Amanhã, voltarei ao palácio e verei como poderemos substituir os escravos. Mas tenho de tomar cuidado para não levantar suspeitas. Eu poderia ser descoberto facilmente por espiões e cortesãos que sabem sobre os Ra'zac.

– Não acredito que nós os encontramos – disse Eragon baixinho. Uma imagem do seu tio morto e da fazenda queimada passou pela sua cabeça. Ele fechou a boca com força.

– A parte mais difícil ainda está por vir, mas, sim, fizemos progresso – afirmou Brom. – Se a sorte nos sorrir, logo você terá a sua vingança, e os Varden estarão livres de um inimigo perigoso. O que acontecerá depois disso dependerá de você.

Eragon abriu sua mente e, contente, contou tudo a Saphira: Achamos o esconderijo dos Ra'zac!

Onde?

Ele explicou rapidamente o que haviam descoberto.

Helgrind, meditou ela. É um lugar perfeito para eles.

Eragon concordou. Quando acabarmos o que temos para fazer aqui, talvez pudéssemos visitar Carvahall.

O que você quer?, perguntou ela, ficando amarga de repente. Voltar para a sua vida antiga? Você sabe que isso não acontecerá, então pare de ficar desejando isso! Em certo momento, terá de decidir que partido tomar. Você se esconderá pelo resto da vida ou ajudará os Varden? São as únicas opções que lhe restam, a não ser que se una a Galbatorix, o que eu nunca aceitaria.

Gentilmente, ele disse: Se devo escolher, entregarei meu destino aos Varden, como você sabe muito bem.

É, mas, às vezes, você precisa se ouvir falando isso. Ela o deixou para meditar sobre suas palavras.

ADORADORES DE HELGRIND

Eragon estava sozinho no quarto quando acordou. Na parede, havia um bilhete rabiscado com carvão onde se lia:

Eragon,

Hoje chegarei muito tarde. As moedas para você comprar comida estão sob o colchão. Explore a cidade, divirta-se, mas não deixe que ninguém o reconheça!

Brom

P.S.: Evite o palácio. Não vá a lugar nenhum sem o seu arco! Mantenha-o preparado.

Eragon apagou tudo o que estava escrito na parede e pegou o dinheiro embaixo da cama. Pendurou o arco em suas costas, pensando: Eu queria não ter de andar armado o tempo todo.

Saiu da estalagem e caminhou vagarosamente pelas ruas, parando para observar qualquer coisa que o interessasse. Havia muitas lojas incomuns, mas nenhuma era tão singular quanto a loja de ervas de Angela, em Teirm. Às vezes, olhava furioso para as casas escuras e claustrofóbicas, desejando estar livre daquela cidade. Quando ficou com fome, comprou uma fatia de queijo, um pedaço de pão e os comeu, sentado em um meio-fio.

Mais tarde, em uma esquina distante em Dras-Leona, ouviu um leiloeiro declamar uma lista de preços. Curioso, seguiu em direção à voz e chegou a uma passagem larga entre duas casas. Dez homens estavam em uma plataforma da altura da cintura. Enfileirada na frente deles, havia uma multidão bem-vestida, que também era colorida e barulhenta. O que será que está à venda?, pensou Eragon.

O leiloeiro terminou sua lista e fez um gesto para que um jovem, atrás da plataforma, se juntasse a ele. O rapaz subiu desengonçado, havia correntes em suas mãos e pés.

– Eis aqui o nosso primeiro item – proclamou o leiloeiro. – Um jovem saudável do deserto de Hadarac, recém-capturado no mês passado e em excelente estado. Olhem para estes braços e pernas; ele é forte como um touro! Daria um perfeito escudeiro, mas se vocês não confiam nele o suficiente para fazer isso, deem-lhe um trabalho pesado. Mas, permitam-me dizer, damas e cavalheiros, isso seria um

desperdício. Ele é muito inteligente, isto é, se conseguirmos fazer que ele fale uma língua civilizada!

A multidão riu, e Eragon rangeu os dentes com raiva. Seus lábios começaram a formar uma palavra que poderia libertar o escravo, e seu braço, que tinha se livrado recentemente da tala, se ergueu. A marca na palma da mão dele brilhou. Estava prestes a liberar a magia quando lhe ocorreu de repente: Ele nunca escapará! O escravo seria preso antes que chegasse às muralhas da cidade. Eragon só pioraria a situação se tentasse ajudar. Abaixou o braço e xingou baixinho. Pense! Foi assim que você se encrencou com os Urgals.

Sem poder fazer nada, viu o escravo ser vendido para um homem alto com nariz de papagaio. O próximo item era uma escrava, uma menina que não devia ter mais de seis anos de idade, que foi arrancada dos braços de sua mãe chorosa. Quando o leiloeiro começou a ouvir as ofertas, Eragon forçou a si mesmo a ir para longe dali, tenso por causa da raiva e daquele ultraje.

Foi preciso caminhar várias quadras até que o choro deixasse de ser ouvido. Queria ver um ladrão tentar roubar a minha saca agora, pensou ele fechando a carranca, quase desejando que aquilo acontecesse mesmo. Frustrado, socou uma parede próxima, ferindo seus dedos.

Este é o tipo de coisa que posso evitar ao lutar contra o Império, percebeu ele. Com Saphira ao meu lado, eu poderia libertar aqueles escravos. Fui agraciado com poderes especiais, seria um egoísmo não usá-los para o bem dos outros. Se eu não fizer isso, talvez não seja mesmo um Cavaleiro.

Demorou um pouco até que percebesse onde estava e ficou surpreso ao se ver na frente da catedral. Suas torres retorcidas eram cobertas de estátuas e ornamentos em forma de arabescos. Gárgulas de aparência zangada agachavam-se ao longo da calha. Bestas fantásticas retorciam-se nas paredes e heróis e reis marchavam pela sua extensão inferior, congelados no mármore frio. Arcos reforçados e vitrais altos pontilhavam as laterais da catedral, junto com colunas de tamanhos diversos. Uma torre solitária protegia a construção como um mastro.

Recuada nas sombras, na frente da catedral, havia uma porta de ferro incrustada com uma carreira de escritos prateados. Eragon reconheceu-os como sendo da língua antiga. Esforçando-se ao máximo, ele leu: Que tu que entras aqui possas entender a tua efemeridade e que possas esquecer tuas ligações ao que te é caro.

Toda a construção fez um frio correr na espinha de Eragon. Havia algo ameaçador nela, como se fosse um predador agachado na cidade, esperando pela próxima vítima.

Uma larga escadaria levava até a entrada da catedral. Eragon subiu-a de modo bem sério e parou perante a porta. Será que posso entrar? Com a consciência pesada, empurrou a porta. Ela abriu-se suavemente, deslizando em suas dobradiças lubrificadas. Deu um passo e entrou.

O silêncio de uma tumba abandonada enchia a catedral vazia. O ar era frio e seco. Paredes nuas estendiam-se até o teto abobadado, que era tão alto que Eragon não se sentia maior do que uma formiga. Vitrais retratando cenas de raiva, ódio e remorso pontilhavam as paredes enquanto raios espectrais de luz banhavam bancos de granito com cores transparentes, deixando todo o resto nas sombras. As mãos dele estavam sombreadas por um azul profundo.

Entre as janelas estavam estátuas com olhos petrificados e pálidos. Retribuiu seus olhares sérios e, lentamente, avançou pelo corredor principal, temendo quebrar o silêncio. Suas botas de couro caminhavam silenciosamente sobre o piso de pedra polida.

O altar era uma grande laje de pedra desprovido de qualquer adorno. Um feixe de luz solitário caía sobre ele, iluminando partículas de poeira douradas que flutuavam no ar. Atrás do altar, os tubos de um órgão perfuravam o teto e abriam-se para os elementos. O instrumento só tocava sua música quando uma tempestade invadia Dras-Leona.

Por respeito, Eragon ajoelhou-se perante o altar e curvou a cabeça. Ele não rezou, mas demonstrou admiração pela catedral em si. Os sofrimentos das vidas que ela já havia testemunhado, como também o desgosto dos elaborados cerimoniais desenrolados entre suas paredes, emanavam das pedras. Era um lugar amedrontador, exposto e frio. Mas, naquele ambiente frígido, veio um vislumbre da eternidade e, talvez, dos poderes que estavam lá.

Finalmente Eragon inclinou sua cabeça e levantou-se. Calmo e com a expressão séria, sussurrou palavras para si mesmo na língua antiga. Depois, virou-se para sair. Ficou paralisado. O coração dele disparou, começou a bater como um tambor.

Os Ra’zac estavam na entrada da catedral, observando-o. Suas espadas estavam desembainhadas, suas lâminas ganhavam um aspecto mais sangrento devido à luz avermelhada. Um chiado sibilante saiu do Ra’zac menor. Nenhum deles se mexeu.

O ódio cresceu em Eragon. Procurava os Ra’zac há tantas semanas que a dor de seus atos assassinos havia se aplacado dentro dele. Mas sua vingança agora era iminente. A ira dele explodiu como um vulcão, abastecida ainda mais pela fúria provocada pela situação dos escravos. Um rugido saiu dos seus lábios, ecoando como um trovão quando sacou depressa o arco de suas costas. Com habilidade,

colocou uma flecha na corda e a soltou. Duas mais seguiram a primeira, instantes depois.

Os Ra'zac desviaram-se com um pulo das flechas em uma velocidade sobre-humana. Sibilaram ao correrem pelo corredor entre os bancos da igreja, seus mantos debatiam-se como asas de corvos. Eragon foi pegar outra flecha, mas, cautelosamente, parou a mão. Se eles sabiam onde me achar, Brom deve estar em perigo também! Eu preciso alertá-lo! Depois, para o horror de Eragon, uma fila de soldados formou-se na catedral, e ele viu de relance um monte de uniformes acavalando-se do lado de fora da porta.

Eragon olhou nervoso os Ra'zac que partiam para o ataque, depois se virou, procurando um meio de fugir. Um vestíbulo à esquerda do altar chamou a sua atenção. Pulou no corredor arqueado e saiu correndo por uma passagem que levava a um claustro onde havia um campanário. As batidas dos pés dos Ra'zac atrás dele fizeram-no apertar seu passo, até que o corredor terminasse abruptamente com uma porta fechada.

Bateu com força, tentando arrombá-la, mas a madeira era forte demais. Os Ra'zac estavam quase em cima dele. Desesperado, respirou fundo e gritou: – Jierda!

Com um clarão, a porta foi feita em pedaços e caiu no chão. Eragon pulou para dentro do pequeno aposento e continuou a correr.

Passou por vários cômodos, assustando um grupo de sacerdotes. Gritos e xingamentos seguiram-no. O sino do claustro deu o alarme. Eragon entrou em disparada por uma cozinha, passou por um par de monges e saiu a toda a velocidade por uma porta lateral. Derrapou e parou em um jardim cercado por um muro alto de tijolos, desprovido de qualquer lugar onde pôr as mãos. Não havia outras saídas.

Eragon virou-se para sair, mas ouviu um chiado baixo quando os Ra'zac se emparelharam ao lado da porta. Desesperado, correu para cima do muro, seus braços latejavam. A magia não poderia ajudá-lo naquele momento. Se tentasse quebrar a muralha de tijolos, poderia ficar cansado demais para correr.

Ele pulou. Com os braços esticados, somente as pontas dos dedos dele alcançaram a extremidade do muro. O resto do seu corpo se bateu contra os tijolos, fazendo-o perder o fôlego. Eragon respirou fundo e tentou se manter pendurado, fazendo de tudo para não cair. Os Ra'zac entraram sorrateiramente no jardim, balançando suas cabeças de um lado para o outro, como lobos farejando sua presa.

Eragon sentiu que eles se aproximavam e usou todas as suas forças para se suspender. Seus ombros doeram quando se jogou por cima do muro e caiu do outro lado. Cambaleou, recuperou o equilíbrio e saiu a toda por um beco no momento em que os Ra'zac pularam o muro. Eletrizado, Eragon aumentou a velocidade da corrida.

Correu por quase dois quilômetros antes de parar para recuperar o fôlego. Sem ter certeza se havia despistado os Ra'zac, entrou em um mercado movimentado e mergulhou embaixo de uma carroça que estava estacionada ali. Como eles me encontraram?, pensou ele, ofegante. Eles não deviam saber onde eu estava... a não ser que algo tenha acontecido a Brom! Ele fez contato mental com Saphira e disse: Os Ra'zac me encontraram. Nós todos estamos em perigo! Veja se Brom está bem. Se estiver, avise-o e peça que me encontre na estalagem. E esteja pronta para vir voando para cá o mais rápido possível. Talvez precisaremos da sua ajuda para fugir.

Ela ficou em silêncio e disse sumariamente: Ele vai encontrá-lo na estalagem. Não fique parado. Você está em grande perigo.

– Como se eu não soubesse – resmungou ele ao sair de baixo da carroça. Eragon voltou correndo para a estalagem Globo Dourado, arrumou os pertences deles rapidamente, selou os cavalos e levou-os para a rua. Brom chegou logo depois, com seu cajado na mão, olhando de cara feia. Ele montou em Fogo na Neve com um pulo e perguntou:

– O que aconteceu?

– Eu estava na catedral quando os Ra'zac apareceram de repente atrás de mim – respondeu Eragon, montando em Cadoc. – Voltei correndo o mais rápido possível, mas eles podem chegar a qualquer minuto. Saphira vai nos encontrar assim que sairmos de Dras-Leona.

– Temos de sair das muralhas da cidade antes que eles fechem os portões, se já não os fecharam – disse Brom. – Se estiverem fechados, será quase impossível escaparmos. Não importa o que você faça, não se separe de mim. – Eragon ficou tenso quando uma fileira de soldados apareceu marchando no final da rua.

Brom xingou, bateu em Fogo na Neve com as rédeas e saiu galopando. Eragon inclinou-se em cima de Cadoc e seguiu Brom. Eles deixaram de bater por pouco várias vezes durante a cavalgada frenética e perigosa, passando por grupos numerosos de pessoas que entupiam as ruas ao se aproximarem das muralhas da cidade. Quando os portões finalmente ficaram ao alcance da vista, Eragon puxou as rédeas de Cadoc apavorado. Os portões já estavam fechados até a metade, e uma

fila dupla de guardas bloqueava a passagem deles.

– Eles nos farão em pedacinhos! – exclamou.

– Precisamos tentar escapar – disse Brom, e sua voz tinha um tom duro. – Eu cuidarei dos guardas, mas você tem de manter os portões abertos para passarmos. – Eragon concordou com a cabeça, rangeu os dentes e enterrou seus calcanhares em Cadoc.

Eles avançaram para cima das fileiras de soldados determinados, que abaixaram suas lanças, deixando-as na altura do peito dos cavalos, e firmaram a outra ponta das suas armas no chão. Embora os cavalos bufassem de medo, Eragon e Brom conseguiram mantê-los no curso. Eragon ouviu os soldados gritando, mas manteve sua atenção nos portões que se fechavam cada vez mais, centímetro por centímetro.

Ao se aproximarem das lanças pontudas, Brom ergueu a mão e falou. As palavras atingiram-nos com precisão, os soldados caíram para os lados como se as suas pernas tivessem sido cortadas. O espaço entre os portões diminuía a cada segundo. Esperando que o esforço que faria não fosse demais para ele, Eragon concentrou-se, invocando seu poder, e gritou:

– Du grind huildr!

Um rangido, produzindo um som grave, emanou dos portões quando eles tremeram, parando de se mover por completo. A multidão e os guardas ficaram em silêncio, olhando tudo aquilo com espanto. Acompanhados pelo som dos cascos dos cavalos batendo no chão, Brom e Eragon saíram correndo, deixando para trás os portões de Dras-Leona. No instante em que estavam livres, Eragon liberou os portões. Eles tremeram e fecharam-se, fazendo um grande barulho.

Ele se inclinou devido ao cansaço esperado, mas conseguiu continuar cavalgando. Brom o observava preocupado. A corrida continuou até se afastarem de Dras-Leona enquanto os trompetes de alarme soavam nas muralhas. Saphira esperava por eles na divisa da cidade, escondida atrás de algumas árvores. Os olhos dela ardiam. Sua cauda chicoteava para frente e para trás.

– Vá, monte nela – disse Brom. – E, desta vez, fique no ar, não importa o que aconteça comigo. Eu irei para o sul. Voe perto de mim, não me importo se Saphira for vista. – Eragon montou em Saphira rapidamente. Enquanto o solo se afastava embaixo dele, viu Brom galopando ao longo da estrada.

Você está bem?, perguntou Saphira.

Estou, respondeu Eragon. Mas só porque tivemos muita sorte.

Uma baforada de fumaça saiu das narinas dela. Todo o tempo que gastamos

procurando os Ra'zac foi inútil.

Eu sei, disse ele, deixando sua cabeça cair em cima de suas escamas. Se os Ra'zac fossem os únicos inimigos na catedral, eu teria ficado e lutado. Mas com todos aqueles soldados ao lado deles, eu não teria a menor chance!

Agora, você sabe que todos falarão de nós. Essa foi uma fuga nem um pouco discreta. Evitar o Império agora será mais difícil do que nunca. Havia um tom de nervosismo em sua voz ao qual ele não estava acostumado.

Eu sei.

Voaram baixo e depressa sobre a estrada. O lago Leona perdeu-se na distância. A terra tornou-se árida e rochosa, repleta de arbustos ressecados e espinhosos e de altos cactos. Nuvens escureciam o céu. Relâmpagos brilhavam ao longe. Quando o vento começou a uivar, Saphira mergulhou de repente em direção a Brom. Ele parou os cavalos e perguntou:

– O que há de errado?

– O vento está forte demais.

– Não está tão ruim assim – retrucou Brom.

– O problema é lá em cima – disse Eragon, apontando para o céu.

Brom xingou e passou para ele as rédeas de Cadoc. Eles continuaram cavalgando, com Saphira seguindo-os a pé, embora ela tivesse dificuldade de acompanhar os cavalos.

O vento ficou mais forte, jogando terra para o alto e girando em um ritmo frenético. Enrolaram cachecóis em volta da cabeça para proteger os olhos. O manto de Brom batia ao sabor do vento enquanto sua barba chicoteava no ar como se tivesse vida própria. Embora não fosse agradável para eles, Eragon esperava que chovesse para que seus rastros fossem apagados.

Logo a escuridão forçou-os a parar. Só com as estrelas para guiá-los, saíram da estrada e montaram acampamento entre duas grandes pedras. Era perigoso demais acender uma fogueira, então tiveram de comer comida fria enquanto Saphira os protegia do vento.

Depois de um parco jantar, Eragon perguntou de repente:

– Como eles nos acharam?

Brom começou a acender seu cachimbo, mas pensou duas vezes e o deixou de lado. – Um dos servos do palácio me alertou que havia espiões entre eles. De algum modo, boatos sobre mim e as minhas perguntas devem ter chegado a Tábor... e, através deles, até os Ra'zac.

– Não podemos voltar a Dras-Leona, não é? – perguntou Eragon.

Brom sacudiu a cabeça. – Só daqui a alguns anos.

Eragon apoiou a cabeça entre suas mãos. – Então, devemos esquecer os Ra'zac? Se deixarmos que Saphira seja vista, eles irão correndo aonde quer que ela esteja.

– E quando eles fizerem isso, haverá cinquenta soldados com eles – disse Brom. – De qualquer maneira, esta não é a hora ideal para falarmos sobre isso. Agora, devemos nos concentrar em continuarmos vivos. Hoje, o perigo será maior, pois os Ra'zac estarão nos caçando no escuro, que é a hora em que eles são mais fortes. Teremos de nos revezar vigiando até de manhã.

– Certo – disse Eragon, ficando em pé. Ele hesitou e apertou os olhos, que captaram um movimento sutil. Uma pequena mancha colorida se destacou da paisagem noturna que os cercava. Deu um passo em direção ao limite do acampamento, tentando enxergar melhor.

– O que foi? – perguntou Brom enquanto desenrolava suas cobertas.

Eragon olhou fixamente para dentro da escuridão e voltou.

– Não sei. Acho que vi alguma coisa. Deve ter sido um pássaro.

Uma dor aguda brotou de sua nuca, e Saphira rugiu. Depois, Eragon caiu inconsciente no chão.

A VINGANÇA DOS RA'ZAC

Um latejar dolorido acordou Eragon. Sempre que o sangue pulsava em sua cabeça, surgia uma nova onda de dor. Fez força para abrir os olhos e apertou-os. Lágrimas encheram-nos quando olhou diretamente para uma lanterna brilhante. Piscou e desviou o olhar. Quando tentou se sentar, percebeu que suas mãos estavam amarradas por trás de suas costas.

Virou-se de modo letárgico e viu os braços de Brom. Eragon ficou aliviado ao ver que eles estavam amarrados juntos. Por que fizeram isso? Esforçou-se para imaginar, até que um pensamento subitamente lhe ocorreu: Eles não amarrariam um homem morto! Mas quem eram "eles"? Virou a cabeça ainda mais e parou quando um par de botas pretas entrou em seu campo de visão.

Eragon olhou para cima, diretamente para o rosto encapuzado de um Ra'zac. O medo percorreu as suas veias. Tentou recorrer à magia e começou a pronunciar uma palavra que mataria os Ra'zac, mas, então, parou, intrigado. Eragon não conseguia se lembrar da palavra. Frustrado, tentou de novo, só para senti-la ficar longe de seu domínio.

Acima dele, o Ra'zac ria satisfeito. – A droga está agindo, não essstá? Acho que você não nos incomodará maisss.

Havia um chacoalhar à esquerda, e Eragon ficou horrorizado ao ver o segundo Ra'zac colocar uma focinheira em Saphira. Suas asas estavam presas ao lado do corpo por correntes negras. Havia grilhões em suas patas. Eragon tentou contatá-la, mas não sentiu nada.

– Ela começou a cooperar bastante quando ameaçamos matar você – disse o Ra'zac sibilando. Agachado perto da lanterna, ele remexia as bolsas de Eragon, examinando e rejeitando vários itens até encontrar Zar'roc. – Mas que coisa linda para alguém tão... insignificante. Acho que vou guardá-la. – Ele inclinou-se para mais perto dele e olhou com desprezo. – Ou, talvez, se você se comportar, nosso mestre vai deixar você lustrá-la. – O hálito molhado tinha cheiro de carne podre.

Então virou a espada em suas mãos e deu um grito agudo quando viu o símbolo na bainha. Seu amigo aproximou-se correndo. Ficaram parados na frente da espada, sibilando e soltando pequenos estalos. Finalmente eles se viraram para Eragon. – Você servirá muito bem ao nosso mestre, com certezzza.

Eragon forçou sua língua grossa a formar algumas palavras.

– Se eu fizer isso, matarei vocês.

Eles sorriram friamente. – Oh, não. Somos valiosos demais. Mas você... você é

dispensável. – Um rugido baixo saiu de Saphira, um pouco de fumaça subiu de suas narinas. Parecia que os Ra'zac não se importavam com aquilo.

A atenção deles foi desviada quando Brom gemeu e rolou para o lado. Um dos Ra'zac agarrou a camisa dele e levantou-o, sem fazer muita força, para o alto. – Essstá passssando.

– Dê mais a ele.

– Vamosss matá-lo – disse o Ra'zac mais baixo. – Ele já nos causou muita dor.

O mais alto correu os dedos pela espada. – É um bom plano, mas lembre que as instruções do rei foram para capturá-los vivos.

– Podemosss dizer que ele morreu quando foi capturado.

– E quanto a essste aqui? – perguntou Ra'zac, apontando a espada para Eragon. – E ssse ele falar?

Seu companheiro riu e sacou uma adaga assustadora.

– Ele não ousaria.

Houve um longo silêncio e um deles disse: – Concordo.

Arrastaram Brom para o centro do acampamento e jogaram-no de jeito que ficasse ajoelhado. Brom caiu para um lado. Eragon via aquilo tudo com um medo que não parava de aumentar. Eu preciso me libertar! Ele forçava as cordas, mas eram fortes demais para serem arrebentadas.

– Agora, não – disse o Ra'zac mais alto, cutucando-o com uma espada. Ele levantou o nariz para o alto e farejou o ar. Parecia que algo o incomodava.

O outro Ra'zac rosnou, puxou a cabeça de Brom para trás e levou a adaga na direção da garganta exposta do ancião. Naquele momento, um zumbido baixo foi ouvido, seguido pelo uivo do Ra'zac. Uma flecha atravessou o ombro dele. O Ra'zac mais próximo de Eragon caiu no chão, quase não conseguindo se desviar da segunda flecha. Correu rapidamente em direção a seu companheiro ferido, e olharam fixamente para a escuridão, sibilando raivosamente. Não fizeram nenhum movimento para deter Brom, que se colocava em pé cambaleante. – Abaixe-se! – berrou Eragon.

Brom cambaleou e foi em direção a Eragon. Conforme mais flechas entravam zumbindo no acampamento, vindas dos agressores invisíveis, os Ra'zac rolaram, escondendo-se atrás de grandes pedras. Houve uma calmaria, depois flechas vieram da direção oposta. Pegos de surpresa, os Ra'zac reagiram lentamente. Seus mantos estavam furados em vários pontos, e uma flecha quebrada foi fincada no braço de um deles.

Com um grito selvagem, o Ra'zac menor fugiu para a estrada, chutando o lado do

corpo de Eragon violentamente quando passou. Seu companheiro hesitou, depois pegou a adaga do chão e foi correndo atrás. Quando ia saindo do acampamento, jogou a faca na direção de Eragon.

Uma luz estranha, de repente, surgiu nos olhos de Brom. Jogou-se na frente de Eragon, sua boca estava aberta em um murmúrio sem som. A adaga o atingiu, produzindo um baque seco, e ele caiu pesadamente em cima de seu ombro. A cabeça dele repousou como se estivesse sem vida.

– Não! – gritou Eragon, embora estivesse se contorcendo de dor. Ouviu passos, seus olhos fecharam-se e não soube de mais nada.

MURTAGH

Durante um longo tempo, Eragon só conseguia notar a dor aguda no lado de seu corpo. Doía cada vez que ele respirava. Parecia que quem tinha sido apunhalado era ele, e não Brom. Sua noção de tempo estava distorcida, era difícil dizer se semanas haviam passado ou se apenas poucos minutos. Quando, finalmente, recobrou a consciência, abriu os olhos e olhou curiosamente para um acampamento a alguns metros de distância. Suas mãos ainda estavam amarradas, mas o efeito da droga devia ter passado, pois ele podia pensar com clareza novamente. Saphira, você está ferida?

Não, mas você e Brom estão. Ela estava curvada em cima de Eragon, suas asas estavam abertas, de modo protetor, de cada lado.

Saphira, você não acendeu aquele fogo, não é? E você também não poderia ter se livrado daquelas correntes sozinha.

Não.

Foi o que pensei. Eragon fez um esforço para ficar de joelhos e viu um jovem sentado do outro lado da fogueira.

O estranho, vestido com roupas surradas, tinha uma expressão calma e segura. Em suas mãos estava um arco e na sua cintura pendia uma longa espada medieval. Um chifre branco com enfeites de prata repousava no colo dele, e o punho de uma adaga saía de sua bota. Seu rosto sério e seus olhos ardentes eram emoldurados por cachos de cabelos castanhos. Ele parecia ser um pouco mais velho do que Eragon e, talvez, alguns centímetros mais alto. Atrás deles, estava preso um cavalo de batalha cinzento. O estranho olhava Saphira com cautela.

– Quem é você? – perguntou Eragon, com a respiração curta.

As mãos do homem apertaram o arco com mais força.

– Murtagh. – A voz dele era baixa e controlada, mas curiosamente emotiva.

Eragon passou suas mãos por baixo das pernas, para que ficassem na sua frente. Rangeu os dentes quando sentiu uma dor aguda no lado do seu corpo. – Por que você nos ajudou?

– Vocês não são os únicos inimigos que os Ra'zac têm. Eu estava atrás deles.

– Você sabe quem eles são?

– Sei.

Eragon concentrou-se nas cordas que prendiam seus punhos e recorreu à magia. Hesitou, consciente de que os olhos de Murtagh estavam em cima dele, depois concluiu que isso não tinha mais a menor importância.

– Jierda! – disse ele com um gemido. As cordas se arrebentaram nos pulsos dele.

Ele esfregou as mãos para fazer o sangue voltar a correr.

Murtagh suspirou espantado. Eragon apoiou-se e tentou ficar em pé, mas suas costelas ardiam de dor. Caiu para trás, arfando entre seus dentes cerrados. Murtagh tentou ajudá-lo, mas Saphira parou-o com um rosnado. – Eu poderia ter ajudado você há muito mais tempo, mas seu dragão não deixou.

– Ela é fêmea, seu nome é Saphira – disse Eragon por entre os dentes. Agora, deixe-o passar! Não posso fazer isso sozinho. Além do mais, ele salvou nossas vidas. Saphira rosnou de novo, mas fechou as asas e afastou-se. Murtagh olhou para ela sem rodeios quando começou a andar para a frente.

Segurou o braço de Eragon, colocando-o de pé gentilmente. Eragon gemeu de dor e teria caído se não tivesse apoio. Eles foram até a fogueira, onde Brom estava deitado de barriga para cima. – Como ele está? – indagou Eragon.

– Mal – respondeu Murtagh, abaixando-o até o chão. – A faca entrou bem no meio das costelas. Você poderá ver como ele está em um minuto, pois antes devemos ver os danos que os Ra'zac fizeram em você. – Ele ajudou Eragon a tirar a camisa e, depois, assoviou. – Ai!

– Ai! – Eragon concordou fracamente. Um grande hematoma se estendia pelo lado esquerdo do corpo dele. A pele estava vermelha, inchada e rachada em vários pontos. Murtagh pôs a mão em cima da ferida e apertou levemente. Eragon gritou, e Saphira rosnou, dando um aviso.

Murtagh olhou de relance para Saphira quando foi pegar um cobertor. – Acho que você está com algumas costelas quebradas. É difícil dizer, mas são pelo menos duas. Talvez, mais. Você tem sorte de não estar cuspindo sangue. – Rasgou o cobertor em várias faixas e enrolou o peito de Eragon.

Eragon voltou a vestir a camisa. – É... tenho sorte. – Inspirou uma pequena quantidade de ar, andou de lado até Brom e viu que Murtagh tinha cortado o lado do manto dele para pôr um curativo na ferida. Com dedos trêmulos, retirou as bandagens.

– Eu não faria isso – alertou Murtagh. – Ele pode sangrar até morrer se não ficar com elas.

Eragon ignorou-o e tirou os panos que enrolavam o corpo de Brom. O ferimento era pequeno e fino, camuflando sua profundidade. O sangue jorrava. Como ele havia aprendido quando Garrow foi ferido, uma lesão provocada pelos Ra'zac demorava a sarar.

Tirou as luvas enquanto revirava sua mente de modo frenético em busca das palavras de cura que Brom havia lhe ensinado. Ajude-me, Saphira, implorou. Estou

fraco demais para fazer isso sozinho.

Saphira agachou-se ao lado dele, fixando seu olhar em Brom. Estou aqui, Eragon. Quando a mente dela se juntou à dele, uma força revigorada entrou em seu corpo. Eragon fez uso do poder combinado dos dois e concentrou-se nas palavras. A mão dele tremia enquanto a mantinha parada sobre a ferida. – Waíse heill! – disse. A palma da mão dele brilhou, e a pele de Brom voltou a ficar normal, como se nunca tivesse sido cortada. Murtagh assistiu ao processo inteiro.

Tudo acabou rapidamente. Enquanto a luz desaparecia, Eragon sentou, sentindo-se mal. Nós nunca fizemos isso antes, disse ele.

Saphira concordou com a cabeça. Juntos, podemos realizar encantos que estão muito acima da nossa capacidade individual.

Murtagh examinou o lado do corpo de Brom e perguntou:

– Ele está completamente curado?

– Eu só posso curar o que está na superfície. Não tenho conhecimento bastante para consertar o que esteja errado por dentro. Agora, depende dele. Fiz tudo que podia. – Eragon fechou os olhos por um momento, extremamente cansado. – Parece... que a minha cabeça está nas nuvens.

– Provavelmente, você precisa comer – disse Murtagh. – Farei uma sopa.

Enquanto Murtagh preparava a refeição, Eragon imaginava quem era aquele estranho. A espada e o arco dele eram da melhor qualidade possível, como também o chifre que ele carregava.

Ou era um ladrão ou devia estar acostumado com dinheiro, muito dinheiro. Por que ele estava perseguindo os Ra'zac? O que eles fizeram para tê-lo como inimigo? Será que trabalha para os Varden?

Murtagh deu a ele uma tigela de caldo. Eragon o tomou e perguntou: – Quanto tempo faz desde que os Ra'zac fugiram?

– Algumas horas.

– Precisamos partir antes que voltem com reforços.

– Você pode até conseguir viajar – disse Murtagh, e apontou para Brom. – Mas ele não consegue. Ninguém consegue se levantar e sair cavalgando depois de ser esfaqueado entre as costelas.

Se fizermos uma maca, você conseguirá carregar Brom com suas garras como fez com Garrow?, perguntou Eragon a Saphira.

Conseguirei, mas o pouso não será dos melhores.

Não importa, desde que você consiga. – Saphira pode levá-lo, mas precisamos de uma maca. Você pode fazer uma? Eu não tenho forças – disse Eragon para

Murtagh.

– Esperem aqui. – Murtagh saiu do acampamento, espada desembainhada. Eragon foi mancando até as suas bolsas e pegou seu arco no local onde ele havia sido jogado pelos Ra'zac. Ele o pendurou, ajeitou sua aljava e pegou Zar'roc, que estava caída nas sombras. Por último, pegou um cobertor para a maca.

Murtagh voltou com dois troncos de árvores jovens. Colocou-os lado a lado no chão e passou o cobertor entre as traves. Depois que prendeu Brom cuidadosamente na maca improvisada, Saphira agarrou os troncos e, laboriosamente, levantou voo.

– Nunca pensei que fosse ver uma coisa assim – disse Murtagh, com um tom de estranheza na voz.

Enquanto Saphira desaparecia no céu escuro, Eragon foi mancando até Cadoc e montou, dolorosamente, na sela.

– Obrigado por ter nos ajudado. Agora, você deve partir. Fique o mais longe possível de nós. Você estará em perigo se o Império encontrá-lo conosco. Não podemos protegê-lo, e não quero que nada de mau aconteça a você por nossa causa.

– Belo discurso – disse Murtagh, apagando a fogueira. – Mas aonde vocês irão? Há algum lugar por perto onde possam descansar em segurança?

– Não – admitiu Eragon.

Os olhos de Murtagh brilharam quando viu o punho da espada.

– Nesse caso, acho que vou acompanhá-los até estarem fora de perigo. Não tenho lugar melhor aonde ir. Além disso, se ficar com vocês, poderei golpear os Ra'zac novamente mais cedo do que se estivesse sozinho. Coisas interessantes acontecem perto de um Cavaleiro.

Eragon hesitou, pois não tinha certeza se devia aceitar a ajuda de um completo estranho. Contudo, ele não estava nem um pouco satisfeito ao saber que estava fraco demais para discutir esse assunto. Se Murtagh não for confiável, Saphira pode colocá-lo para correr. – Se quiser, pode vir conosco. – Ele deu de ombros.

Murtagh concordou com a cabeça e montou seu cavalo de batalha cinzento. Eragon pegou as rédeas de Fogo na Neve e começou a cavalgar para longe do acampamento, avançando na vastidão do campo. Uma meia-lua provia uma luz fraca, e ele sabia que aquilo facilitaria o trabalho dos Ra'zac quanto a localizá-los.

Embora Eragon quisesse interrogar mais Murtagh, ficou em silêncio, poupando suas energias para a cavalgada. Perto do amanhecer, Saphira disse: Eu preciso parar. Minhas asas estão cansadas, e Brom precisa receber cuidados. Descobri um

bom lugar para ficarmos, ele fica a uns quatro quilômetros à frente de onde vocês estão.

Encontraram-na sentada na base de uma grande formação de arenito, que se elevava em curva do chão, como uma grande colina, com as laterais repletas de cavernas de vários tamanhos. Havia abóbadas similares espalhadas por todo aquele local. Saphira parecia estar satisfeita consigo mesma. Achei uma caverna que não pode ser vista do chão. Ela é grande o bastante para todos nós, incluindo os cavalos. Sigam-me. Ela virou-se e começou a escalar o arenito, suas garras afiadas penetravam na rocha. Os cavalos tiveram dificuldade, pois seus cascos com ferraduras não conseguiam ter aderência no arenito. Eragon e Murtagh tiveram de puxar e empurrar os animais durante quase uma hora até que conseguissem chegar ao local escondido.

A caverna tinha uns trinta metros de comprimento e mais de seis metros de largura, entretanto tinha uma entrada estreita que os protegeria do mau tempo e dos olhos dos curiosos. A escuridão tomava conta da extremidade posterior, cobrindo as paredes como se fosse mantas de lã negra e macia.

– Esplêndido – disse Murtagh. – Vou pegar lenha para fazer uma fogueira. – Eragon foi correndo até Brom. Saphira o havia posto em uma pequena laje de pedra no fundo da caverna. Eragon segurou a mão fraca de Brom e olhou ansioso seu rosto escabroso.

Depois de alguns minutos, suspirou e aproximou-se da fogueira que Murtagh tinha acendido.

Comeram em silêncio, depois tentaram dar água a Brom, mas o ancião não quis beber. Frustrados, esticaram seus cobertores e dormiram.

O LEGADO DE UM CAVALEIRO

Acorde, Eragon. Ele se mexeu e resmungou. Preciso da sua ajuda. Há algo errado! Eragon tentou ignorar a voz e quis voltar a dormir.

Levante!

Vá embora, reclamou ele.

Eragon! Um grito ressoou na caverna. Ele levantou-se de repente, tateando à procura de seu arco. Saphira estava curvada em cima de Brom, que tinha rolado para fora da laje e estava caído no chão da caverna. O rosto dele estava contorcido por causa da dor, seus punhos estavam cerrados. Eragon foi correndo para perto dele, temendo o pior.

– Ajude-me a colocá-lo direito. Ele vai se machucar! – gritou para Murtagh, agarrando os braços de Brom. Ele sentiu uma forte dor no lado do corpo quando o ancião começou a espasmar. Juntos, contiveram Brom até que a convulsão dele passasse. Depois, voltaram a colocá-lo cuidadosamente na laje.

Eragon tocou a testa de Brom. A pele estava tão quente que o calor podia ser sentido a quase três centímetros de distância. – Traga água e panos – disse ele, preocupado. Murtagh trouxe o que ele pediu, e Eragon, gentilmente, umedeceu o rosto de Brom, tentando baixar a temperatura. Quando a caverna ficou em silêncio novamente, ele notou que o sol brilhava do lado de fora. Quanto tempo nós dormimos?, perguntou a Saphira.

Um bocado. Fiquei observando Brom durante a maior parte do tempo que vocês dormiram. Ele estava bem até um minuto atrás quando começou a se debater. Acordei você assim que ele caiu no chão.

Ele esticou-se, estremecendo porque suas costelas causaram uma dor aguda. Uma mão, de repente, agarrou o ombro dele. Os olhos de Brom abriram-se de uma vez e ele fixou o olhar em Eragon. – Você! – suspirou ele. – Traga-me o odre de vinho!

– Brom? – exclamou Eragon feliz por ouvi-lo falar. – Você não devia beber vinho, isso só vai fazer você piorar.

– Traga logo, rapaz... apenas traga... – suspirou Brom. A mão dele caiu do ombro de Eragon.

– Volto já, espere. – Eragon foi correndo em direção aos alforjes e revirou-os freneticamente. – Não estou conseguindo achar! – gritou ele, olhando em volta desesperadamente.

– Aqui, tome o meu – disse Murtagh, oferecendo uma bolsa de couro.

Eragon pegou-a e voltou para Brom. – Já estou com o vinho – disse ele se ajoelhando. Murtagh retirou-se para a entrada da caverna para que eles pudessem ter privacidade.

As palavras seguintes de Brom foram fracas e vagas. – Ótimo... – Ele moveu os braços fracamente. – Agora... lave a minha mão direita com o vinho.

– O quê...? – Eragon começou a perguntar.

– Sem perguntas! Não tenho tempo. – Intrigado, Eragon abriu o odre e jogou o líquido na mão de Brom. Esfregou-o na pele do ancião, espalhando-o entre os dedos e nas costas da mão. – Mais – resmungou Brom. Eragon jogou mais vinho na mão dele. Esfregou vigorosamente até que um corante marrom começou a escorrer da palma da mão de Brom, então parou. Eragon ficou boquiaberto devido à surpresa. Havia uma gedwëy ignasia na palma de Brom.

– Você é um Cavaleiro? – perguntou incrédulo.

Um sorriso dolorido cintilou no rosto de Brom. – Uma vez, isso foi verdade... mas agora não é mais. Quando eu era jovem... mais jovem do que você é agora, fui escolhido... escolhido pelos Cavaleiros para entrar para a ordem deles. Enquanto eles me treinavam, me tornei amigo de outro aprendiz... Morzan, antes de ele virar um Renegado. – Eragon suspirou, pois isso havia acontecido há mais de cem anos. – Mas, depois, ele nos traiu com Galbatorix... e na luta em Dorú Areaba, a cidade de Vroengard, meu jovem dragão foi morto. Também era uma fêmea, e o nome dela... era Saphira.

– Por que você não me contou isso antes? – perguntou Eragon docemente.

Brom riu.

– Porque... não havia necessidade. – Ele parou. A respiração estava pesada, e suas mãos cerradas. – Eu sou velho, Eragon... muito velho. Embora meu dragão tenha sido morto, minha vida estendeu-se mais do que a da maioria das pessoas. Você não sabe como é chegar à minha idade, olhar para trás e perceber que não se lembra de muita coisa que passou. E, depois, olhar para a frente e saber que ainda lhe restam tantos anos... Depois de todo esse tempo, eu ainda choro a perda da minha Saphira... e odeio Galbatorix pelo que ele tirou de mim. – Seus olhos febris perfuraram Eragon quando ele disse furiosamente: – Não deixe que isso aconteça com você. Não deixe! Guarde Saphira com a sua vida, pois sem ela a vida não vale ser vivida.

– Você não devia falar desse jeito. Nada vai acontecer com ela – disse Eragon, preocupado.

Brom virou sua cabeça para o lado. – Talvez eu esteja divagando. – O olhar dele

passou cegamente por Murtagh, depois se concentrou em Eragon. A voz de Brom ficou mais forte. – Eragon! Eu não vou durar muito tempo. Esta... esta é uma ferida fatal, ela está drenando as minhas forças. Não tenho energia para combatê-la... Antes que eu parta, você quer a minha bênção?

– Tudo vai acabar bem – disse Eragon, com lágrimas nos olhos. – Você não precisa fazer isso.

– As coisas são assim... Eu devo. Você quer a minha bênção? – Eragon abaixou a cabeça e fez um sinal de aceitação, sobrepujado. Brom encostou uma mão trêmula na testa do rapaz. – Então, eu a dou. Que os anos vindouros tragam-lhe muitas felicidades. – Ele fez um gesto para Eragon chegar mais perto. Muito silenciosamente, sussurrou sete palavras da língua antiga e depois, ainda mais baixo, disse ao rapaz o que elas significavam. – Isso é tudo que eu posso dar a você... Use-as somente em grande necessidade.

Brom, cegamente, virou os olhos para o teto. – E agora... – murmurou – para a maior aventura de todas...

Chorando, Eragon segurou a mão dele, confortando-o da melhor maneira que podia. Sua vigília era resoluta e constante, não foi interrompida nem para comer ou beber. Conforme as horas passavam, uma palidez cinzenta avançava lentamente sobre o corpo de Brom, os olhos dele escureciam devagar. Suas mãos foram ficando geladas, e o ar em volta dele ganhou uma aparência sombria. Sem poder fazer nada para ajudar, Eragon podia apenas ficar olhando a lesão produzida pelos Ra'zac cobrando o seu preço.

A noite estava no começo e as sombras, compridas, quando o corpo de Brom, de repente, ficou rígido. Eragon chamou o nome dele e gritou, pedindo a ajuda de Murtagh, mas eles não podiam fazer mais nada. Enquanto um silêncio sombrio sufocava a caverna, Brom fixou seus olhos firmemente nos de Eragon. Depois, a satisfação encheu o rosto do ancião e um leve sussurro escapou de seus lábios. E foi assim que Brom, o contador de histórias, morreu.

Com dedos trêmulos, Eragon fechou os olhos de Brom e pôs-se de pé. Saphira ergueu a cabeça atrás dele e rosnou de modo pesaroso para o alto, demonstrando seu lamento. As lágrimas rolavam no rosto de Eragon ao mesmo tempo em que uma sensação horrível de perda tomava conta dele. Com muito esforço, ele disse:

– Nós temos de enterrá-lo.

– Podemos ser vistos – alertou Murtagh.

– Não me importo!

Murtagh hesitou, mas depois carregou o corpo de Brom para fora da caverna,

junto com a espada e o cajado dele. Saphira os seguiu. – Para o topo – disse Eragon duramente, apontando para o cume da colina de arenito.

– Mas não podemos cavar na pedra sólida – protestou Murtagh.

– Eu posso.

Eragon subiu até o cume liso, fazendo um grande esforço por causa de suas costelas. Lá, Murtagh deitou Brom na pedra.

Eragon enxugou os olhos e fixou seu olhar na pedra de arenito. Enquanto fazia gestos com uma das mãos, ele disse:

– Moi stenr!

A pedra formou pequenas ondas. Ela se mexia como água, formando uma depressão do comprimento de um corpo no topo da colina. Moldando o arenito como barro molhado, ele levantou paredes, que chegavam à altura da cintura, em volta da cova.

Colocaram Brom dentro do cofre de arenito inacabado, juntamente com seu cajado e sua espada. Dando um passo atrás, novamente Eragon deu forma à pedra usando magia. Ela se fundiu sobre o rosto imóvel de Brom e fluiu para cima, formando um pináculo lapidado. Como tributo final, Eragon escreveu runas na pedra:

AQUI JAZ BROM
Que era um dos Cavaleiros de Dragões
E como um pai
para mim.
Que seu nome viva em glória.

Depois, abaixou a cabeça e chorou copiosamente. Ele ficou em pé como uma estátua viva até a noite, quando a luz deixou de iluminar a terra.

Naquela noite, sonhou com a mulher aprisionada novamente.

Ele sabia que havia algo errado com ela. A respiração era irregular, e ela tremia... mas ele não sabia se era de frio ou de dor. Na semiescuridão da cela, a única coisa claramente iluminada era a mão dela, que pendia pela beira do catre. Um líquido escuro pingava da ponta dos dedos. Eragon sabia que era sangue.

TÚMULO DE DIAMANTE

Quando Eragon acordou, seus olhos pareciam estar cheios de areia, e seu corpo, rígido. A caverna estava vazia, com exceção dos cavalos. A maca não estava mais lá, não restava nenhum sinal de Brom. Andou até a entrada e sentou-se no arenito desgastado. Então, a bruxa Angela estava certa, havia uma morte no meu futuro, pensou, olhando para a terra de modo inexpressivo. O sol cor de topázio proporcionou um calor desértico ao começo da manhã.

Uma lágrima escorreu em seu rosto apático e evaporou sob a luz do sol, deixando uma crosta salgada na pele. Eragon fechou os olhos e absorveu o calor, esvaziando sua mente. Com uma de suas unhas, começou a arranhar o arenito de modo desinteressado. Quando olhou, viu que havia escrito: Por que eu?

Ele ainda estava no mesmo lugar quando Murtagh subiu até a caverna, carregando um par de coelhos. Sem dar uma palavra, ele sentou-se ao lado de Eragon. – Como você está? – perguntou.

– Muito doente.

Murtagh refletiu sobre o que ele falou. – Você vai se recuperar? – Eragon deu de ombros. Depois de alguns minutos de reflexão, Murtagh disse: – Detesto ter de perguntar isso a você neste momento, mas preciso saber... O seu Brom era "o" Brom? Aquele que ajudou a roubar um ovo de dragão do rei, que foi perseguido por todo o Império e que matou Morzan em um duelo? Ouvi você falar o nome dele e li a inscrição que fez no túmulo, mas preciso saber com certeza. Ele era o Brom?

– Era – respondeu Eragon baixinho. Uma expressão preocupada tomou conta do rosto de Murtagh. – Como sabe de tudo isso? Você fala sobre coisas que são segredo para a maior parte das pessoas. E você estava atrás dos Ra'zac na ocasião em que precisávamos de ajuda. Você é um dos Varden?

Os olhos de Murtagh viraram globos inescrutáveis.

– Estou fugindo, como você. – Havia um pesar contido nas palavras dele. – Não pertenço aos Varden ou ao Império. E também não devo satisfação a homem nenhum, exceto a mim mesmo. Quanto à minha ajuda a vocês, admito que ouvi boatos sobre um novo Cavaleiro e concluí que, se eu seguisse os Ra'zac, descobriria se os rumores eram verdadeiros.

– Achei que você queria matar os Ra'zac – disse Eragon.

Murtagh sorriu de modo cruel.

– Eu quero, mas se os tivesse matado, nunca teria encontrado vocês.

Mas Brom ainda estaria vivo... Eu queria que ele estivesse aqui. Ele saberia se Murtagh é confiável ou não. Eragon lembrou como Brom percebeu as intenções de

Trevor em Daret e imaginou se poderia fazer o mesmo com Murtagh. Ele tentou entrar na mente de Murtagh, mas sua invasão foi bloqueada abruptamente por uma parede dura como ferro, que ele tentou circundar. A mente toda de Murtagh estava protegida. Como ele aprendeu a fazer isso? Brom disse que poucas pessoas, se ainda existisse alguma, poderiam manter intrusos longe de suas mentes sem treinamento apropriado. Então, quem é Murtagh para ter tal habilidade? Pensativo e solitário, Eragon perguntou:

– Onde está Saphira?

– Eu não sei – respondeu Murtagh. – Ela me seguiu durante um tempo quando fui caçar, mas, depois, saiu voando para longe. Eu não a vejo desde antes do meio-dia. – Eragon colocou-se de pé e voltou para a caverna. Murtagh o seguiu. – O que vamos fazer agora?

– Não sei ao certo. – E também não quero falar sobre isso. Enrolou seus cobertores e os amarrou nos alforjes na sela de Cadoc. Suas costelas doíam. Murtagh foi preparar os coelhos. Enquanto Eragon arrumava as coisas em suas bolsas, ele descobriu Zar'roc. A bainha vermelha resplandecia brilhantemente. Desembainhou a espada... pesou-a em suas mãos.

Nunca havia carregado Zar'roc na cinta e nunca a usou em combate, exceto quando treinava com Brom, pois ele não queria que as pessoas a vissem. Mas isto não preocupava mais Eragon. Os Ra'zac ficaram surpresos e assustados com a espada. Isso parecia uma razão mais do que suficiente para que ele usasse aquela arma. Sentindo um calafrio, pegou seu arco e pôs Zar'roc na cintura.

A partir deste momento, viverei segundo as leis da espada. Que o mundo inteiro veja quem eu sou. Não tenho medo. Agora, sou um Cavaleiro, total e completamente.

Mexeu nas bolsas de Brom, mas achou apenas roupas, alguns poucos itens esquisitos e uma pequena bolsa de moedas. Eragon pegou o mapa da Alagaësia, colocou as bolsas de lado e agachou-se perto do fogo. Murtagh apertou os olhos quando desviou o olhar do coelho do qual estava tirando a pele. – Essa espada. Posso vê-la? – perguntou ele, limpando as mãos.

Eragon hesitou, relutando a entregar a arma por um momento que fosse, mas acabou concordando com a cabeça. Murtagh examinou o símbolo na lâmina atentamente. O rosto dele ficou com uma expressão extremamente séria. – Onde você arranjou isto?

– Brom me deu. Por quê?

Murtagh devolveu a espada com grosseria para Eragon e cruzou os braços

zangado. Ele ficou com a respiração ofegante. – Essa espada – disse ele cheio de emoção – já foi tão conhecida quanto o seu dono. O último Cavaleiro a empunhá-la foi Morzan, um homem bruto e selvagem. Achei que você fosse inimigo do Império, porém vejo-o carregando uma das armas sangrentas dos Renegados!

Eragon olhou chocado para Zar'roc. Percebeu que Brom devia ter pegado a arma de Morzan depois da luta em Gil'ead. – Brom nunca me contou de onde ela veio – disse ele com sinceridade. – Eu não tinha ideia de que era de Morzan.

– Ele nunca contou isso a você? – perguntou Murtagh com um toque de descrença na voz. Eragon balançou a cabeça. – Isso é estranho. Não consigo pensar em nenhum motivo para que não tenha revelado isso a você.

– Eu também não. Contudo, ele guardava muitos segredos – disse Eragon. Ele não se sentiu tranquilo ao empunhar a espada do homem que traiu os Cavaleiros com Galbatorix. Esta espada já deve, provavelmente, ter matado vários Cavaleiros em seu tempo, pensou com repulsa. E, pior, dragões! – Mesmo assim vou usá-la. Não tenho uma espada inteiramente minha. Até obter uma, usarei Zar'roc.

Murtagh recuou quando Eragon pronunciou o nome dela.

– A escolha é sua – disse ele. Murtagh voltou a tirar a pele do coelho, mantendo o olhar fixo para baixo.

Quando a refeição estava pronta, Eragon comeu lentamente, embora estivesse com muita fome. A comida quente fê-lo sentir-se melhor. Enquanto raspavam seus pratos, ele disse: – Terei de vender meu cavalo.

– Por que não vender o de Brom? – perguntou Murtagh. Parecia que ele havia superado o seu mau humor.

– Fogo na Neve? Porque Brom prometeu cuidar dele. Já que ele... não está mais por perto, farei isso por ele.

Murtagh colocou sua tigela no colo. – Se é isso que você quer, tenho certeza de que nós podemos encontrar um comprador em alguma cidade ou vilarejo.

– Nós? – perguntou Eragon.

Murtagh olhou para ele de lado de um modo calculista. – Você não quer ficar aqui por muito tempo. Se os Ra'zac estiverem por perto, o túmulo de Brom será como um farol. – Eragon não havia pensado nisso. – E as suas costelas vão demorar para ficarem boas. Sei que pode se defender usando magia, mas precisa de um companheiro que possa levantar coisas pesadas e usar uma espada. Estou pedindo para viajar com você, pelo menos, por enquanto. Mas devo alertá-lo, o Império está à minha procura. É certo que algum sangue será derramado.

Eragon riu fracamente e viu-se chorando porque doía muito. Assim que recuperou

o fôlego, disse: – Não me importo se um exército inteiro estiver à sua procura. Você está certo. Eu realmente preciso de ajuda. Ficarei feliz se tiver você ao meu lado, entretanto devo falar com Saphira primeiro. Mas eu preciso alertar você, Galbatorix pode mandar um exército inteiro atrás de mim. Você não estará mais seguro junto a mim e Saphira do que se estivesse sozinho.

– Eu sei disso – respondeu Murtagh com um sorriso ligeiro. – Mas, mesmo assim, isso não me fará mudar de ideia.

– Ótimo – sorriu Eragon com gratidão.

Enquanto conversavam, Saphira entrou engatinhando na caverna e cumprimentou Eragon. Ela ficou feliz ao vê-lo, mas havia grande tristeza em seus pensamentos e palavras. Ela deitou sua grande cabeça azul no chão e perguntou: Você está bem de novo?

Ainda não.

Sinto saudade do velho.

Eu também... Nunca suspeitei que ele fosse um Cavaleiro. Brom! Ele era realmente muito velho, tão velho quanto os Renegados. Tudo o que me ensinou sobre magia, ele deve ter aprendido com os próprios Cavaleiros.

Saphira virou-se levemente. Eu soube o que ele era no momento em que ele me tocou na sua fazenda.

E por que você não me disse? Por quê?

Ele me pediu para que eu não contasse, respondeu simplesmente.

Eragon decidiu não levar esse assunto à frente. Saphira nunca teve a intenção de magoá-lo.

Brom guardou mais de um segredo, disse. Depois falou sobre Zar'roc e a reação de Murtagh quanto a ela. Agora, entendo por que Brom não me falou sobre as origens de Zar'roc quando ele a deu para mim. Se tivesse falado, eu, provavelmente, teria fugido para longe na primeira oportunidade.

Você bem que podia se livrar dessa espada, disse ela com desgosto. Sei que é uma espada singular, mas acho que você ficaria melhor com uma espada normal do que com a arma sanguinária de Morzan.

Talvez. Saphira, qual será o nosso caminho agora? Murtagh se ofereceu para ir conosco. Não conheço o passado dele, mas ele parece honesto. Será que devemos procurar os Varden agora? Só que não sei como achá-los. Brom nunca nos contou.

Ele me disse, revelou Saphira.

Eragon ficou zangado. Por que ele confiou todo esse conhecimento a você e não a mim?

As escamas dela rasparam na rocha seca quando ela se colocou em pé acima dele, seus olhos estavam com um ar solene. Depois que deixamos Teirm e fomos atacados pelos Urgals, Brom me contou muitas coisas, algumas das quais só mencionarei quando forem necessárias. Ele estava preocupado com a própria morte e com o que aconteceria com você depois disso. Um segredo que ele me revelou foi o nome de um homem, Dormnad, que mora em Gil'ead. Ele pode nos ajudar a encontrar os Varden. Brom também queria que você soubesse que, de todas as pessoas na Alagaësia, ele achava que você era a mais capaz para herdar o legado dos Cavaleiros.

As lágrimas encheram os olhos de Eragon. Esse foi o maior elogio que ele poderia ter recebido de Brom. Essa é uma responsabilidade que eu exercerei honrosamente.

Ótimo.

Então, vamos a Gil'ead, afirmou Eragon, sentindo a força e a determinação voltando a ele. E quanto a Murtagh? Você acha que ele deve vir conosco?

Devemos a vida a ele, disse Saphira. Mas, mesmo sem essa dívida, ele viu tanto você quanto a mim. Devemos mantê-lo por perto para que não forneça ao Império nossa localização e nossa descrição, por vontade própria ou não.

Ele concordou com ela e contou sobre o seu sonho. O que eu vi me perturbou. Sinto que o tempo está se esgotando para ela. Algo terrível vai acontecer em breve. Ela está correndo perigo mortal, estou certo disso. Mas não sei como encontrá-la! Ela pode estar em qualquer lugar.

O que o seu coração diz?, perguntou Saphira.

Meu coração morreu há bem pouco tempo, respondeu Eragon com um toque de humor negro. Entretanto, acho que devemos ir para o norte, para Gil'ead. Com um pouco de sorte, essa mulher pode estar presa em uma das cidades ou vilarejos no nosso caminho. Temo que meu próximo sonho com ela mostre uma cova. Eu não suportaria isso.

Por quê?

Não sei ao certo, respondeu ele, dando de ombros. O caso é que quando eu a vejo, sinto como se ela fosse preciosa e que não deveria ser perdida... É muito estranho. Saphira abriu sua boca comprida e riu silenciosamente, suas presas brilhavam. O que foi?, disparou Eragon. Ela balançou a cabeça e afastou-se caminhando silenciosamente.

Eragon resmungou consigo mesmo e comunicou a Murtagh o que haviam decidido. Murtagh disse: – Se vocês acharem esse Dormnad e forem para os

Varden, eu os deixarei. Encontrar os Varden seria tão perigoso para mim quanto entrar desarmado em Urû'baen com uma fanfarra de trompetes anunciando a minha chegada.

– Não vamos nos separar tão cedo – disse Eragon. – O caminho é muito longo até Gil'ead. – A voz dele falhou levemente, e ele semicerrou os olhos ao sol para distrair a si mesmo. – Devemos partir antes que o dia avance mais.

– Você está forte o bastante para viajar? – perguntou Murtagh, franzindo o rosto.

– Preciso fazer algo ou vou enlouquecer – disse Eragon bruscamente. – Praticar esgrima, fazer magias ou ficar sentado girando os polegares não são boas opções no momento. Então, escolho cavalgar.

Apagaram o fogo, arrumaram suas coisas e levaram os cavalos para fora da caverna. Eragon deu as rédeas de Cadoc e de Fogo na Neve para Murtagh dizendo: – Pode ir. Já vou descer. – Murtagh começou a lenta descida a partir da caverna.

Eragon escalou o monte de arenito com dificuldade, descansando quando a dor no lado do seu corpo tornava inviável respirar. Quando chegou ao topo, viu que Saphira já estava lá. Eles ficaram juntos na frente do túmulo de Brom e prestaram suas últimas homenagens. Não acredito que ele se foi... para sempre. Quando Eragon se virou para descer, Saphira esticou seu longo pescoço e tocou o túmulo com a ponta do nariz. Os lados do corpo dela vibraram ao mesmo tempo em que um zumbido baixo encheu o ar.

O arenito em volta do nariz dela brilhava com a cor de orvalho dourado, ficando cada vez mais claro devido às luzes prateadas dançantes. Eragon olhou admirado enquanto formações como galhos de diamante branco se contorciam sobre a superfície do túmulo, formando uma teia de belas filigranas. Sombras brilhantes eram projetadas no chão, refletindo uma gama de raios de cores cintilantes, que se modificavam freneticamente conforme o arenito se transformava. Soltando um bufo de satisfação, Saphira deu um passo atrás e examinou sua obra.

O mausoléu, de momentos antes, esculpido no arenito se transformou em um cofre reluzente feito de pedras preciosas, sob o qual o rosto intocado de Brom podia ser visto. Eragon admirou com saudade o ancião, que parecia estar dormindo. O que você fez?, perguntou a Saphira com admiração.

Eu dei a ele o único presente que podia dar. Agora, o tempo não irá destruí-lo. Ele poderá descansar em paz eternamente.

Obrigado. Eragon colocou a mão no lado do corpo dela. E partiram juntos.

Captura em Gil'ead

Cavalgar foi extremamente doloroso para Eragon, suas costelas quebradas evitaram que eles fossem mais rápido do que o ritmo de uma caminhada, e para ele era impossível respirar fundo sem que sentisse uma dor lancinante. Mesmo assim, recusou-se a parar. Saphira voava perto deles, sua mente estava sempre ligada à dele para passar estímulo e força.

Murtagh cavalgava confiante ao lado de Cadoc, acompanhando suavemente os movimentos do seu cavalo. Eragon observou o animal cinzento durante um tempo. – Você tem um belo cavalo. Qual é o nome dele?

– Tornac, em homenagem ao homem que me ensinou a lutar. – Murtagh bateu de leve no lado do corpo do animal. – Eu o ganhei quando ele era apenas um potro. Você teria dificuldade para encontrar um animal mais corajoso e inteligente em toda a Alagaësia, com exceção de Saphira, claro.

– Ele é um animal magnífico – disse Eragon admirado.

Murtagh riu. – É, mas Fogo na Neve é o único animal que já vi chegar perto dele.

Eles cobriram uma pequena distância naquele dia, contudo Eragon sentia-se feliz por estar em atividade novamente. Isso mantinha sua mente longe de assuntos mais mórbidos. Cavalgavam por uma região desabitada. A estrada para Dras-Leona ficava a vários quilômetros à esquerda. Eles contornariam a cidade por uma boa distância a caminho de Gil'ead, que ficava quase tão ao norte quanto Carvahall.

Venderam Cadoc em um pequeno vilarejo. À medida que o cavalo era levado para longe por seu novo dono, Eragon, com pesar, guardava as poucas moedas que recebeu com a venda.

Foi difícil abrir mão de Cadoc depois de atravessar metade da Alagaësia, e de deixar os Urgals para trás, montado nele.

Os dias passavam quase sem serem notados à proporção que o pequeno grupo viajava em meio ao isolamento. Eragon ficou satisfeito ao saber que ele e Murtagh tinham vários interesses em comum. Passavam horas conversando sobre técnicas de arco e flecha e de caçada.

Havia um assunto, entretanto, que eles evitavam debater, obedecendo a um consenso inconfesso: o passado deles. Eragon não explicou como achou Saphira, como conheceu Brom ou de onde tinha vindo. Murtagh mantinha um silêncio parecido com relação a por que o Império o procurava. Era um acordo simples, mas dava certo.

Todavia, devido à proximidade deles, era inevitável que um descobrisse coisas

sobre o outro. Eragon ficou intrigado com a familiaridade de Murtagh com a luta pelo poder e pela política no Império. Parecia saber o que cada nobre e cortesão fazia e como isso afetava as outras pessoas. Eragon ouvia com cautela, suspeitas fervilhavam em sua mente.

A primeira semana passou sem nenhum sinal dos Ra'zac, o que aplacou alguns medos de Eragon. Mesmo assim, eles se revezavam vigiando durante a noite. Eragon esperava encontrar os Urgals no caminho para Gil'ead, mas também não encontraram nenhum rastro deles. Eu achava que estes lugares remotos estariam repletos de monstros, meditou ele. Porém, não vou reclamar se tiverem ido para outra parte.

Ele não sonhou mais com a mulher. E embora tentasse visualizá-la mentalmente, via apenas uma cela vazia. Sempre que passavam por um vilarejo ou por uma cidade, investigava para ver se havia uma cadeia. Se houvesse, ele se disfarçava e a visitava, mas ela não foi encontrada. Os disfarces ficavam cada vez mais elaborados à medida que via em várias cidades cartazes, com seu nome e descrição, oferecendo uma bela quantia por sua captura.

A viagem rumo ao norte forçou-os a seguir em direção à capital, Urû'baen. Era uma área densamente povoada, o que tornava difícil passarem despercebidos. Soldados patrulhavam as estradas e guardavam as pontes. Levaram vários dias tensos e nervosos para circundá-la.

Assim que passaram por Urû'baen em segurança, eles se encontraram na borda de uma vasta planície. Era a mesma que Eragon havia cruzado depois de sair do vale Palancar, só que agora ele estava do lado oposto. Viajaram acompanhando os limites da planície e continuaram rumo ao norte, seguindo o rio Ramr.

O décimo sexto aniversário de Eragon chegou e passou durante esse tempo. Em Carvahall, uma comemoração teria sido feita para celebrar a entrada dele na idade adulta, mas, naquelas terras desconhecidas, nem chegou a mencionar o fato a Murtagh.

Com quase seis meses de idade, Saphira estava muito maior. Suas asas eram enormes. Cada centímetro delas era necessário para levantar seu corpo musculoso e seus ossos pesados. As presas, que saíam de sua mandíbula, eram quase tão grossas quanto o punho de Eragon, suas pontas eram tão afiadas quanto Zar'roc.

Finalmente, chegou o dia em que Eragon tirou as faixas que enrolavam seu corpo pela última vez. As costelas estavam completamente curadas, deixando-o apenas com uma pequena cicatriz onde a bota do Ra'zac havia cortado sua pele. Com Saphira olhando, ele esticou-se lentamente e, depois, com mais vigor quando não

havia mais dor. Flexionou os músculos satisfeito. Em outras épocas, teria sorrido, mas depois da morte de Brom, tais expressões não surgiam facilmente.

Colocou sua túnica e voltou para perto da pequena fogueira que haviam feito. Murtagh sentou-se ao lado dela, cortando um pedaço de madeira. Eragon desembainhou Zar'roc. Murtagh ficou tenso, embora seu rosto permanecesse calmo. – Agora que estou forte o bastante, você gostaria de treinar esgrima? – perguntou Eragon.

Murtagh jogou a madeira para o lado. – Com espadas afiadas? Nós nos mataríamos.

– Venha cá, me dê a sua espada – disse Eragon. Murtagh hesitou, mas acabou entregando sua comprida espada. Eragon anulou o fio da arma com magia, do modo como Brom havia ensinado. Enquanto Murtagh examinava a lâmina, Eragon disse: – Posso desfazer isso quando terminarmos.

Murtagh verificou o peso de sua arma. Satisfeito, ele disse: – Está boa. – Eragon protegeu o fio de Zar'roc, agachou-se e girou-a em direção ao ombro de Murtagh. As espadas encontraram-se em pleno ar. Eragon afastou-se dando um golpe floreado e reagiu depressa quando Murtagh desviou um golpe, afastando-se graciosamente.

Ele é rápido, pensou Eragon.

Eles lutavam, para frente e para trás, um tentando acertar o outro. Depois de uma série de golpes particularmente intensa, Murtagh começou a rir. Além de ser impossível para qualquer um deles ganhar vantagem sobre o outro, suas forças eram tão equilibradas que eles se cansaram ao mesmo tempo. Reconhecendo com sorrisos suas habilidades mútuas, lutaram até que seus braços ficassem pesados e o suor escorresse por seus corpos.

Finalmente, Eragon gritou: – Chega, basta! – Murtagh parou um golpe em pleno ar e sentou-se ofegante. Eragon cambaleou até sentar-se no chão, o peito dele subia e descia. Nenhum de seus combates com Brom foi tão intenso.

Enquanto inalava o ar a golfadas, Murtagh exclamou: – Você é incrível! Pratico esgrima a vida toda, mas nunca enfrentei alguém como você. Você poderia ser o mestre das armas do rei se quisesse.

– Você é tão bom quanto eu – observou Eragon, ainda ofegante. – O homem que ensinou você a lutar, Tornac, poderia fazer fortuna se abrisse uma escola de esgrima. As pessoas viriam de todas as partes da Alagaësia para aprender com ele.

– Ele morreu – disse Murtagh brevemente.

– Sinto muito.

Dessa forma, lutar ao anoitecer tornou-se um costume deles, o que os mantinha em forma, como um par de espadas idênticas. Tendo recuperado a saúde, Eragon voltou a treinar magia. Murtagh demonstrou-se curioso quanto ao assunto, e logo revelou que conhecia uma quantidade surpreendente de informações sobre como a magia funcionava, embora não conhecesse detalhes precisos e não pudesse realizar atos de magia. Sempre que Eragon treinava falar na língua antiga, Murtagh ouvia em silêncio, perguntando ocasionalmente o que determinada palavra significava.

Nos arredores de Gil'ead, pararam os cavalos lado a lado. Demoraram quase um mês para chegar lá, período no qual a primavera finalmente eliminou os resquícios do inverno. Eragon sentiu que passou por modificações durante a viagem, ficando mais forte e mais calmo.

Ele ainda pensava muito em Brom e falava sobre ele com Saphira, mas, na maior parte do tempo, tentava não trazer à tona lembranças tristes.

De longe podiam ver que a cidade era um lugar rude e bárbaro, repleta de casas feitas de troncos e de cães excessivamente ladradores. Havia uma fortaleza de pedra de formato irregular no centro. O ar era nebuloso, repleto de uma fumaça azul. O lugar parecia mais um posto comercial temporário do que uma cidade permanente. A uns oito quilômetros mais além, via-se o desenho brumoso do lago Isenstar.

Decidiram acampar a três quilômetros de distância da cidade, por segurança. Enquanto o jantar cozinhava, Murtagh disse: – Não sei se você deve entrar em Gil'ead.

– Por quê? Posso me disfarçar muito bem – argumentou Eragon. – E Dormnad vai querer ver a gedwëy ignasia como prova de que sou um Cavaleiro de verdade.

– Talvez – disse Murtagh. – Mas o Império quer você muito mais do que eu. Se eu for capturado, poderei dar um jeito e fugir. Mas se você for preso, eles vão levá-lo ao rei. Você terá uma morte lenta sob tortura, a não ser que se junte a ele. Além disso, Gil'ead é um dos maiores pontos de reunião do exército. Aquelas não são apenas casas, também servem de base militar. Entrar lá seria como se entregar ao rei em uma bandeja de prata.

Eragon pediu a opinião de Saphira. Ela enrolou a cauda em volta das pernas do rapaz e deitou-se perto dele. Você não devia ter me perguntado; ele está com razão. Há certas palavras que posso dar a ele que convencerão Dormnad de que Murtagh está falando a verdade. E ele está certo, se alguém deve se arriscar a ser capturado, deve ser ele, pois conseguiria sobreviver à prisão.

Eragon fez uma expressão de insatisfação no rosto. Não gosto de deixá-lo correr perigo por nossa causa. – Tudo bem, você pode ir – disse ele relutante. – Mas, se algo der errado, irei atrás de você.

Murtagh riu. – Isso daria uma bela lenda: como um Cavaleiro solitário derrotou o exército do rei sem nenhuma ajuda. – Ele riu de novo e ficou em pé. – Há algo que eu deva saber antes de partir?

– Não devíamos descansar e esperar até amanhã? – perguntou Eragon visando cautela.

– Por quê? Quanto mais ficarmos aqui, maiores serão as chances de sermos descobertos. Se esse Dormnad pode levá-lo aos Varden, ele deve ser encontrado o mais rápido possível. Nenhum de nós deve ficar mais de alguns dias perto de Gil'ead.

Novamente a sabedoria flui da boca dele, comentou Saphira friamente. Ela disse a Eragon o que devia ser dito a Dormnad, e ele passou a informação a Murtagh.

– Muito bem – disse Murtagh, ajeitando sua espada. – A não ser que haja problema, voltarei daqui a algumas horas. Deixe um pouco de comida para mim. – Com um aceno de mão, ele montou em Tornac com um pulo e começou a cavalgar. Eragon sentou-se perto da fogueira, batendo de modo apreensivo no cabo de Zar'roc.

As horas passavam, mas Murtagh não voltava. Eragon andava em volta da fogueira, com Zar'roc nas mãos, enquanto Saphira observava Gil'ead com atenção. Somente os olhos dela moviam-se. Nenhum dos dois expressava suas preocupações, embora Eragon discretamente se preparasse para partir, caso um destacamento de soldados deixasse a cidade e se dirigisse ao acampamento deles.

Olhe, disse Saphira de repente.

Eragon virou-se para Gil'ead, alerta. Viu a distância um cavaleiro sair da cidade e galopar de modo frenético para o acampamento deles.

Não gosto disso, disse ele enquanto montava em Saphira. Prepare-se para voar.

Estou preparada para fazer muito mais do que isso.

Quando o homem se aproximou, Eragon reconheceu Murtagh curvado em cima de Tornac. Parecia que ninguém o perseguia, mas ele não diminuiu seu passo frenético. Entrou no acampamento galopando e pulou para o chão, desembainhando sua espada.

– O que há de errado? – perguntou Eragon.

Murtagh fechou o rosto. – Alguém de Gil'ead me seguiu?

– Nós não vimos ninguém.

– Ótimo. Então, deixe-me comer antes de explicar. Estou morrendo de fome. – Pegou depressa uma tigela e começou a comer com entusiasmo. Depois de algumas mordidas, falou com a boca cheia: – Dormnad concordou em nos encontrar fora de Gil'ead assim que o sol nascer amanhã. Se ele se convencer de que você é realmente um Cavaleiro e de que isso não é uma armadilha, levará você aos Varden.

– E onde devemos encontrá-lo? – perguntou Eragon.

Murtagh apontou para o oeste. – Em uma pequena colina do outro lado da estrada.

– E o que aconteceu?

Murtagh colocou mais uma colherada de comida em sua tigela.

– Uma coisa simples, mas é muito perigosa exatamente por isso. Fui visto na rua por uma pessoa que me conhece. Fiz a única coisa que podia fazer e saí correndo. Mas era tarde demais, pois ele me reconheceu.

Não foi algo bom, mas Eragon não tinha noção da gravidade da situação. – Como não conheço seu amigo, devo perguntar: ele vai contar isso a alguém?

Murtagh deu uma risada contida. – Se você o tivesse encontrado, essa pergunta não precisaria de resposta. A língua dele não tem limites, sua boca fica aberta o tempo todo, vomitando tudo o que passa pela cabeça. A questão não é se ele vai contar isso às pessoas, mas para quem ele vai contar. Se o que ele falar chegar aos ouvidos errados, estaremos encrencados.

– Duvido que enviem soldados para procurá-lo no escuro – destacou Eragon. – Podemos, pelo menos, contar que estaremos em segurança até o sol raiar, e, depois disso, se tudo der certo, partiremos com Dormnad.

Murtagh sacudiu a cabeça. – Não, só você vai acompanhá-lo. Como já disse antes, não irei até os Varden.

Eragon olhou triste para ele, pois queria que Murtagh ficasse. Eles ficaram amigos durante suas viagens, e ele não queria que essa amizade acabasse. Começou a protestar, mas Saphira aconselhou-o a se calar e disse gentilmente: Espere até amanhã. A hora não é apropriada.

Tudo bem, disse mal-humorado. Conversaram até as estrelas brilharem no céu, depois foram dormir enquanto Saphira fazia o primeiro turno como vigia.

Eragon acordou duas horas antes do amanhecer, a palma da mão dele formigava. Tudo estava tranquilo e silencioso, mas alguma coisa chamava a sua atenção, como uma coceira em sua mente. Agarrou Zar'roc e ficou em pé, tendo o cuidado de não fazer barulho algum. Saphira olhou para ele curiosa, seus grandes

olhos brilhavam. O que foi, perguntou ela.

Não sei, respondeu Eragon. Ele não viu nada errado.

Saphira farejou o ar curiosamente. Ela sibilou um pouco e ergueu a cabeça. Sinto o cheiro de cavalos por perto, mas eles não estão se movendo. Exalam um odor desconhecido.

Eragon foi rastejando até Murtagh e balançou o ombro dele. Murtagh acordou assustado, sacou depressa uma adaga debaixo de suas cobertas e olhou para Eragon confuso. Eragon fez um gesto para que ele não fizesse barulho, sussurrando: – Há cavalos por perto.

Sem dar uma palavra, Murtagh sacou sua espada. Eles se posicionaram silenciosamente um de cada lado de Saphira, preparando-se para um ataque. Enquanto esperavam, a estrela da manhã começou a surgir no oriente. Um esquilo fez um barulho.

Então um rosnado furioso vindo de trás fez Eragon virar-se, erguendo sua espada. Um grande Urgal estava em pé à beira do acampamento deles, empunhando uma picareta que tinha uma ponta amedrontadora. De onde ele veio? Não vimos as pegadas em nenhum lugar!, pensou Eragon. O Urgal rugiu e balançou sua arma, mas não atacou.

– Brisingr! – gritou Eragon, golpeando-o com magia.

O rosto do Urgal contorceu-se apavorado no momento em que ele explodiu com um lampejo de uma luz azulada. Sangue espirrou em cima de Eragon, e uma massa marrom voou pelos ares. Atrás dele, Saphira deu um alarme e recuou. Eragon virou-se. Enquanto ele estava ocupado com o primeiro Urgal, um bando deles veio correndo do outro lado. Mas que truque estúpido no qual cair!

Houve um barulho alto de aço chocando-se quando Murtagh atacou os Urgals. Eragon tentou se juntar a ele, mas foi barrado por quatro dos monstros. O primeiro jogou a espada em direção ao ombro dele. Desviou-se do golpe e matou o Urgal com magia. Ele acertou o segundo na garganta girando Zar'roc freneticamente e perfurou o coração do terceiro. Ao fazer isso, o quarto correu para cima dele, balançando uma pesada clava.

Eragon viu que ele se aproximava e tentou erguer a espada para bloquear a clava, mas demorou um segundo além do que podia. Conforme ela descia em direção a sua cabeça, ele gritou:

– Voe, Saphira!

Uma explosão de luz encheu seus olhos e ele perdeu a consciência.

Du Súndavar Freohr

As primeiras coisas que Eragon notou foram que ele estava aquecido e seco. Sua bochecha estava pressionada contra um tecido grosso e suas mãos estavam desamarradas. Ele mexeu-se, mas levou alguns minutos para poder ser capaz de se levantar e examinar o ambiente que o cercava.

Ele estava sentado em uma cela, sobre um catre, cheio de calombos. Havia uma janela no alto fechada por grades. A porta da cadeia, que possuía uma pequena janela na metade superior, bloqueada por barras como a da parede, estava trancada de forma segura.

Sangue seco trincou no rosto de Eragon quando ele se mexeu. Demorou um momento para perceber que o sangue não era seu. A cabeça doía horrivelmente – o que era de se esperar, considerando o golpe que havia levado – e sua mente estava estranhamente confusa. Tentou usar magia, mas não podia se concentrar o bastante para lembrar sequer uma das palavras da língua antiga. Eles devem ter me drogado, concluiu finalmente.

Com um gemido se pôs de pé, sentindo falta do peso familiar de Zar'roc na cintura, e foi cambaleando até a janela na parede. Conseguiu olhar por ela ao ficar nas pontas dos pés. Levou um minuto para que seus olhos se ajustassem à claridade do lado de fora. A janela estava no mesmo nível do chão. Uma rua cheia de pessoas apressadas passava bem ao lado da cela dele, atrás da qual havia fileiras de casas de madeira idênticas.

Sentindo-se fraco, Eragon foi escorregando até o chão e fixando nele um olhar inexpressivo. O que ele viu do lado de fora o perturbou, mas não tinha certeza do porquê. Xingando o seu pensamento lento, recostou a cabeça e tentou limpar a mente. Um homem entrou na cela e pôs uma bandeja de comida e uma jarra de água sobre o catre. Quanta gentileza!, pensou sorrindo amigavelmente. Comeu um pouco da sopa de repolho e do pão velho, mal conseguindo engoli-los. Gostaria que ele tivesse me trazido algo melhor, reclamou deixando cair a colher.

De repente, percebeu o que estava errado. Fui capturado pelos Urgals, não por homens! Como vim parar aqui? O cérebro confuso lutava com esse paradoxo sem sucesso. Com um esforço mental, colocou essa descoberta de lado quando viu que não sabia o que fazer com ela.

Ele sentou-se no catre e olhou fixamente para longe. Horas depois, trouxeram mais comida. Eu já estava ficando com fome, pensou de modo pouco claro. Desta vez foi capaz de comer sem ficar enjoado. Quando terminou, decidiu que era hora

de tirar uma soneca. Afinal, ele estava em uma cama, o que mais poderia fazer?

A mente foi se acalmando, o sono começou a tomar conta dele. Foi quando, em algum lugar, um portão fez barulho ao ser aberto e o ruído constante de botas com reforço de aço batendo no piso de pedra encheu o ar. O ruído foi ficando cada vez mais alto até parecer que alguém batia com uma panela dentro da cabeça de Eragon. Ele resmungou consigo mesmo: – Será que não podem me deixar descansar em paz? – Uma curiosidade confusa foi, lentamente, superando sua exaustão, até que conseguiu se arrastar até a porta, piscando como uma coruja.

Pela janela, viu um corredor largo com mais de nove metros de comprimento. A parede oposta estava pontilhada por celas similares à dele. Uma coluna de soldados marchou pelo corredor, com as espadas desembainhadas, de prontidão. Todos os homens trajavam armaduras iguais, seus rostos exibiam a mesma expressão implacável, e seus pés batiam no chão com uma precisão mecânica, nunca perdendo o compasso. O som era hipnótico. Era uma demonstração de força impressionante.

Eragon observou os soldados até ficar entediado. E foi quando notou uma abertura no meio da fileira. Uma mulher inconsciente estava sendo carregada entre dois homens corpulentos.

Seus cabelos longos e escuros como a noite escondiam seu rosto, apesar de haver uma tira de couro amarrada em sua cabeça para manter suas madeixas para trás. Vestia uma calça e uma camisa feitas de couro escuro. Um cinto brilhante estava preso em sua cintura fina, de onde pendia uma bainha vazia em seu lado direito. Botas altas, até o joelho, cobriam suas pernas e seus pés pequenos.

A cabeça dela estava caída para o lado. Eragon suspirou, como se tivesse sido atingido no estômago. Era a mulher dos sonhos dele. Seu rosto esculpido era perfeito como uma pintura. Seu queixo arredondado, suas maçãs do rosto altas e seus cílios longos davam a ela um visual exótico. A única coisa que maculava sua beleza era um arranhão em seu maxilar, mesmo assim era a mulher mais bonita que já havia visto.

O sangue de Eragon ferveu quando olhou para ela. Alguma coisa despertou nele, algo que nunca havia sentido. Era como uma obsessão, só que mais forte, era quase uma loucura inebriante. Então, o cabelo da mulher caiu para o lado, revelando suas orelhas pontudas. Um calafrio correu pelo corpo dele. Ela era uma elfa.

Os soldados continuaram marchando, levando-a para fora do seu campo de visão. Com passos largos, surgiu um homem alto, orgulhoso, uma capa negra

ondulava atrás dele. Seu rosto era mortalmente branco, seu cabelo era vermelho. Vermelho como sangue.

Quando passou pela cela de Eragon, o homem virou a cabeça e olhou diretamente para ele com olhos castanho-avermelhados. Seu lábio superior contraiu-se em um sorriso cruel, revelando seus dentes pontudos, como se tivessem sido lixados. Eragon se jogou para trás. Ele sabia o que o homem era. Ele é um Espectro! Socorro... um Espectro. A procissão continuou, e o Espectro sumiu de vista.

Eragon caiu no chão, abraçando a si mesmo. Mesmo em seu estado inebriado, ele sabia que a presença de um Espectro significava que o mal estava solto por aquelas terras. Sempre que essas criaturas apareciam, rios de sangue corriam. O que um Espectro está fazendo aqui? Os soldados deviam tê-lo matado imediatamente! Então os pensamentos dele voltaram para a elfa, e ele voltou a ser dominado por aquelas estranhas emoções.

Eu preciso fugir. Mas com sua mente confusa, sua determinação passou rapidamente. Voltou para o catre. No momento em que o corredor ficou em silêncio, adormeceu rapidamente.

Assim que Eragon abriu os olhos, ele soube que algo estava diferente. Pensava com mais facilidade, conseguiu perceber que estava em Gil'ead. Eles cometeram um erro. As drogas estão perdendo o efeito! Esperançoso, tentou fazer contato com Saphira e usar sua magia, mas as duas atividades ainda estavam longe de seu alcance.

Uma ponta de preocupação queimava dentro dele quando pensava se ela e Murtagh tinham conseguido fugir. Esticou os braços e olhou pela janela. A cidade estava acabando de acordar, a rua estava vazia, com exceção de dois mendigos.

Pegou a jarra de água, refletindo sobre a elfa e o Espectro. Quando começou a beber, notou que a água tinha um odor suave, como se contivesse algumas gotas de um perfume rançoso. Fazendo uma careta, colocou a jarra no chão. A droga deve estar aí. E também deve estar na comida! Lembrou que quando os Ra'zac o drogaram o efeito levou horas para passar. Se eu puder evitar comer e beber por tempo suficiente, serei capaz de usar magia. Assim, poderei resgatar a elfa... Tal pensamento o fez sorrir. Sentou-se em um canto, sonhando sobre como poderia fazer isso.

O carcereiro corpulento entrou na cela uma hora depois com uma bandeja de comida. Eragon esperou até que ele saísse e levou a bandeja até a janela. A refeição era composta apenas de pão, queijo e uma cebola, mas o cheiro fez seu

estômago roncar de fome. Aceitando forçar a si mesmo a passar um dia sem comer, jogou a comida para fora da janela, na rua, esperando que ninguém tivesse notado.

Eragon estava determinado a superar os efeitos das drogas. Tinha dificuldade para se concentrar durante qualquer período de tempo, mas com o passar do dia a sua acuidade mental aumentava. Começou a lembrar-se de várias palavras da língua antiga, embora nada acontecesse quando as pronunciava. Ele queria gritar de frustração.

Quando o almoço foi entregue, jogou-o fora pela janela como fez com o café da manhã. Podia esquecer a fome, mas era a sede que mais o atormentava. Sua garganta estava ressecada. Pensamentos de água fresca torturavam-no cada vez que sua respiração secava um pouco mais sua boca e sua garganta. Mesmo assim, forçou a si mesmo a ignorar a jarra.

Esqueceu-se de seu desconforto por uma comoção no corredor. Um homem argumentava em voz alta: – Você não pode entrar ali! As ordens foram claras: ninguém pode falar com ele!

– É mesmo? O senhor está disposto a morrer tentando me deter, capitão? – Uma voz suave o cortou.

O domínio ficou claro.

– Não... mas o rei...

– Eu falarei com o rei – interrompeu a segunda pessoa. – Agora, abra a porta.

Depois de uma pausa, chaves chacoalharam do lado de fora da cela de Eragon, que tentou adotar uma expressão lânguida. Preciso agir como se não estivesse entendendo o que está acontecendo. Não posso demonstrar surpresa, não importa o que essa pessoa diga.

A porta abriu. Prendeu a respiração quando olhou para o rosto do Espectro. Era como se estivesse olhando para uma máscara mortuária ou para um crânio polido, com uma pele esticada por cima para dar uma aparência viva. – Saudações – disse o Espectro com um sorriso frio, revelando seus dentes lixados. – Esperei muito tempo para conhecê-lo.

– Quem... quem é você? – perguntou Eragon, embolando as palavras.

– Ninguém muito importante – respondeu o Espectro, seus olhos castanho-avermelhados brilhavam com uma ameaça controlada. Ele sentou jogando seu manto para trás. – Meu nome não importa para uma pessoa em sua posição. E também não significaria nada para você. É em você que tenho interesse. Quem é você?

A pergunta foi imposta com um tom inocente, mas Eragon sabia que devia haver segundas intenções, uma armadilha por trás dela, porém isso conseguiu iludi-lo. Ele tentou lutar contra a pergunta durante um tempo, mas respondeu lentamente, franzindo o rosto: – Não tenho certeza... Meu nome é Eragon, mas isso não é tudo, não é?

Os lábios finos do Espectro se esticaram de forma tensa sobre sua boca quando riu de repente: – Não, não é. Você tem uma mente interessante, meu jovem Cavaleiro. – O Espectro inclinou-se para a frente. A pele em sua testa era fina e translúcida. – Parece que preciso ser mais direto. Qual é o seu nome?

– Era...

– Não! Esse, não! – O Espectro interrompeu-o com um gesto de sua mão. – Você não tem outro nome? Um nome que você usa raramente?

Ele quer saber o meu nome de verdade para poder me controlar!, pensou Eragon. Mas não posso dizer. Eu nem mesmo sei tal nome. Pensou rápido, tentando inventar um logro que ocultaria sua ignorância. E se eu inventar um nome? Ele hesitou – isso poderia entregá-lo facilmente – depois se apressou para criar um nome que resistiria ao escrutínio. Quando estava prestes a dizê-lo, decidiu aproveitar a chance para assustar o Espectro.

Com habilidade, trocou algumas letras, concordou com a cabeça de modo tolo e disse: – Brom me disse uma vez. Era... – A pausa se estendeu por alguns segundos, depois o rosto dele se iluminou, como se tivesse lembrado. – Era Du Súndavar Freohr. – O qual significa, quase literalmente, "morte dos espectros".

Um frio macabro pairou sobre a cela quando o Espectro sentou-se estarrecido, com seus olhos cobertos. Parecia estar meditando profundamente sobre o que havia descoberto. Eragon imaginou se tinha ousado demais. Esperou até que o Espectro se mexesse para perguntar ingenuamente: – Por que você está aqui?

O Espectro olhou-o com seus olhos vermelhos emanando desprezo e sorriu. – Para tripudiar, claro. De que adianta a vitória se não se puder aproveitá-la? – Havia confiança na voz dele, mas não parecia estar tranquilo, como se seus planos tivessem sido atrapalhados. Ele pôs-se de pé de repente. – Preciso cuidar de certos assuntos, mas enquanto eu estiver longe, gostaria que você pensasse em quem preferiria servir: a um Cavaleiro que traiu sua própria ordem ou a um homem como eu, com muita instrução sobre as artes ocultas. Quando chegar a hora de escolher, não haverá meio-termo. – Virou-se para sair, mas olhou de relance para a jarra de água de Eragon e parou, a expressão do seu rosto ficou dura como granito. – Capitão! – gritou ele de repente.

Um homem de ombros largos entrou correndo na cela, espada em punho. – Pois não, senhor? – perguntou ele alarmado.

– Ponha esse brinquedo de lado – instruiu o Espectro. Depois, virou-se para Eragon e disse com uma voz mortífera e baixa: – O rapaz não tem bebido sua água. Por quê?

– Falei com o carcereiro mais cedo. Todos os pratos e jarras voltaram vazios.

– Muito bem – disse o Espectro, tranquilizado. – Mas certifique-se de que ele comece a beber de novo. – O Espectro inclinou-se em direção ao capitão e cochichou no ouvido dele. Eragon ouviu as últimas palavras "... uma dose extra, por precaução". O capitão concordou com a cabeça. O Espectro voltou sua atenção para Eragon. – Conversaremos novamente amanhã, quando terei muito mais tempo disponível. Você devia saber, tenho um fascínio infindável por nomes. Gostarei muito de falar sobre o seu com muito mais detalhes.

O modo como falou fez Eragon sentir uma grande ansiedade.

Assim que saíram, Eragon deitou no catre e fechou os olhos. As lições de Brom provaram seu valor agora, ele se baseou nelas para evitar que entrasse em pânico e para se tranquilizar. Tudo já foi arranjado para mim, eu só preciso tirar vantagem disso. Os seus pensamentos foram interrompidos pelo som de soldados que se aproximavam.

Apreensivo, aproximou-se da porta e viu dois soldados arrastando a elfa corredor abaixo. Quando não podia mais vê-la, Eragon jogou-se no chão e tentou usar a magia de novo. Xingamentos saíram de sua boca quando a magia escapou de seu domínio.

Olhou para a cidade e rangeu os dentes. Era apenas o meio da tarde. Inspirando de maneira que o acalmasse, tentou esperar pacientemente.

Lutando com Espectros

Estava escuro na cela de Eragon quando ele acordou de repente e sentou-se eletrizado. A situação mudou! Sentiu a magia à beira de sua mente durante horas, mas sempre que tentava usá-la, nada acontecia. Com olhos brilhantes devido a uma energia nervosa, fechou as mãos com força e disse: – Nagz reisa! – Tremulando, o cobertor que estava em cima do catre voou para o alto, se enrolou, ganhando a forma de uma bola, do tamanho do punho dele, e caiu no chão produzindo um barulho suave.

Muito animado, Eragon pôs-se de pé. Estava fraco devido ao jejum forçado, mas a emoção superou a sua fome. Agora, o teste de verdade. Concentrou seu pensamento e sentiu a fechadura na porta. Em vez de tentar arrombá-la ou quebrá-la, simplesmente empurrou seu mecanismo interno até a posição de destrancada. Dando um clique, a porta abriu-se rangendo para dentro.

Quando usou a magia pela primeira vez em Yazuac para matar os Urgals, ela consumiu quase todas as suas forças, mas ele ficou muito mais forte desde então. O que, anteriormente, o teria deixado exausto, agora apenas o cansou levemente.

Ele saiu para o corredor cuidadosamente. Preciso achar Zar'roc e a elfa. Ela deve estar em uma dessas celas, mas não tenho tempo para olhar em todas. Quanto a Zar'roc, o Espectro deve estar com ela. Percebeu que seu pensamento ainda estava confuso. Por que estou aqui fora? Eu poderia fugir agora se voltasse para a cela e abrisse a janela usando magia. Mas assim eu não conseguiria resgatar a elfa... Saphira, onde está você? Preciso da sua ajuda. Ele, silenciosamente, repreendeu a si mesmo por não ter feito contato com ela antes. Essa deveria ter sido a primeira coisa a ser feita depois de recuperar suas forças.

A resposta chegou com uma clareza surpreendente. Eragon! Estou sobre Gil'ead. Não faça nada. Murtagh está a caminho.

O quê... Passos interromperam-no. Virou depressa, se abaixando no momento em que um grupo de seis soldados entrou marchando no corredor. Eles pararam de repente, seus olhos piscavam admirados entre Eragon e a porta aberta da cela. O sangue sumiu de seus rostos. Ótimo, eles sabem quem eu sou. Talvez eu possa assustá-los e espantá-los e assim não teremos de lutar.

– Atacar! – gritou um dos soldados, correndo para a frente. Os outros homens sacaram suas espadas e começaram a correr.

Seria loucura lutar contra seis homens desarmado e fraco, mas a lembrança da elfa o manteve no lugar. Ele não poderia abandoná-la. Sem ter certeza se o esforço o deixaria continuar em pé, ele invocou seu poder e ergueu a mão, a gedwëy

ignasia brilhava. O medo ficou claro nos olhos dos homens, mas eram guerreiros experientes e não diminuíram o passo. Conforme Eragon abria a boca para pronunciar as palavras fatais, ouviu um zumbido baixo, um movimento sutil. Um dos homens caiu com uma flecha cravada nas costas. Mais dois foram atingidos antes que pudessem entender o que estava acontecendo.

No final do corredor, por onde os soldados tinham entrado, estava em pé um homem maltrapilho, barbado, com um arco nas mãos. No chão, perto dos pés dele, havia uma muleta caída, que aparentemente não era necessária, pois ele estava em pé ereto e firme.

Os três soldados restantes viraram-se para encarar a nova ameaça. Eragon aproveitou-se da confusão. – Thrysta! – gritou ele. Um dos homens agarrou seu peito com força e caiu. Eragon cambaleou quando a magia cobrou seu preço. Outro soldado caiu depois de ter o pescoço atravessado por outra flecha. – Não o mate! – berrou Eragon, vendo seu salvador mirando no último soldado. O homem barbado abaixou seu arco.

Eragon concentrou-se no soldado na frente dele. O homem estava ofegante, a parte branca de seus olhos aparecia em destaque. Ele parecia entender que sua vida tinha sido poupada.

– Você já viu o que posso fazer – disse Eragon, bruscamente. – Se não responder às minhas perguntas, você passará o resto da sua vida em extrema agonia e tormento. Onde está a minha espada? A bainha e a lâmina são vermelhas. E em que cela está a elfa?

O homem fechou a boca com força.

A palma da mão de Eragon brilhou de forma ameaçadora quando ele recorreu à magia. – Esta é a resposta errada – disse ele depressa. – Você sabe quanta dor um grão de areia pode proporcionar quando ele fica fervendo dentro da sua barriga? Especialmente quando ele não esfriar nem um pouco nos próximos vinte anos e começar a descer queimando lentamente até os dedos dos seus pés? Você já será um velho. – Ele fez uma pausa para dar mais ênfase. – Nada disso acontecerá se me disser o que quero saber.

Os olhos do soldado arregalaram-se, mas permaneceu em silêncio. Eragon pegou um pouco de terra do chão de pedra e o observou calmamente. – Isto é um pouco mais do que um montinho de areia, mas não se preocupe, pois vai descer queimando mais rápido. Porém, vai deixar um buraco maior quando sair. – Ao falar isso, a terra começou a brilhar em um tom cereja, mas não queimava a mão de Eragon.

– Tudo bem! Não coloque isso em mim! – disse o soldado depressa. – A elfa está na última cela à esquerda! Não sei da sua espada, mas deve estar, provavelmente, na sala da guarda lá em cima. Todas as armas ficam lá.

Eragon concordou com a cabeça e sussurrou:

– Slytha. – Os olhos do soldado rolaram para cima e ele caiu desmaiado.

– Você o matou?

Eragon olhou para o estranho, que agora estava a apenas poucos passos de distância. Ele apertou os olhos, tentando ver além da barba.

– Murtagh! É você? – exclamou ele.

– Sou eu – respondeu Murtagh, tirando a barba falsa do seu rosto barbeado. – Não quero que vejam o meu rosto. Você o matou?

– Não, ele só está dormindo. Como você conseguiu entrar aqui?

– Não há tempo para explicar. Precisamos ir para o próximo andar antes que alguém nos ache. Haverá uma rota de fuga para nós em poucos minutos. Não podemos perdê-la.

– Você não ouviu o que eu disse? – perguntou Eragon, apontando para o soldado inconsciente. – Há uma elfa na prisão. Eu vi! Precisamos salvá-la. Precisarei da sua ajuda.

– Um elfo...! – Murtagh atravessou o corredor apressado e resmungando. – Isso é um erro. Devíamos fugir enquanto há chance. – Ele parou na frente da cela que o guarda havia indicado e pegou um monte de chaves debaixo de seu manto surrado. – Peguei de um dos guardas – explicou ele.

Eragon esticou a mão para pegar as chaves. Murtagh deu de ombros e as entregou. Eragon achou a chave certa e abriu a porta. Apenas um raio de luar entrava inclinado pela janela, iluminando o rosto da bela criatura com um tom frio de prata.

Ela olhou para ele, tensa e retraída, pronta para o que quer que acontecesse depois. Ela manteve a cabeça erguida, com uma atitude de rainha. Seus olhos, verde-escuros, quase negros e levemente amendoados como os de uma gata, encontraram os de Eragon. Calafrios percorreram o corpo dele.

Mantiveram seus olhares fixos um no outro durante alguns momentos, depois a mulher tremeu e caiu de repente. Eragon quase não conseguiu pegá-la antes que ela batesse no chão. Era surpreendentemente leve. O aroma de pinho recém-quebrado a cercava.

Murtagh entrou na cela: – Ela é linda!

– Mas está ferida.

– Podemos cuidar dela depois. Você está com forças o bastante para carregá-la? – Eragon negou balançando a cabeça. – Então, eu a carregarei – disse Murtagh enquanto jogava a bela criatura sobre seus ombros. – Agora, para cima! – Ele deu uma adaga a Eragon, depois voltou correndo para o corredor repleto de corpos de soldados caídos.

Com passos largos, Murtagh levou Eragon para uma escadaria de pedra no final do corredor. Enquanto subiam, Eragon perguntou:

– Como vamos sair sem sermos notados?

– Não seremos – resmungou Murtagh.

Isso não aplacou os medos de Eragon. Ele ouvia com atenção, ansioso, para saber se havia algum soldado ou alguma pessoa por perto, temendo o que poderia acontecer se encontrassem o Espectro. No final das escadas havia um salão de banquetes repleto de mesas grandes de madeira. Havia escudos enfileirados nas paredes e o teto de madeira era sustentado por vigas curvas. Murtagh pôs a mulher em uma mesa e olhou preocupado para o teto.

– Você pode fazer contato com Saphira para mim?

– Posso.

– Diga a ela para esperar mais cinco minutos.

Havia gritos ao longe. Soldados passaram marchando na entrada do salão de banquetes. Eragon fechou a boca com força, devido à tensão reprimida. – Seja lá o que você esteja planejando, acho que não temos muito tempo.

– Apenas diga isso a ela e fique fora de vista – disse Murtagh de repente e correu.

Quando Eragon transmitiu o recado, ficou alarmado ao ouvir soldados subindo as escadas. Lutando contra a fome e a exaustão, tirou a elfa de cima da mesa e a escondeu embaixo dela. Agachou-se ao lado, prendendo a respiração e agarrando a adaga com firmeza.

Dez soldados entraram no salão. Revistaram o cômodo apressadamente, olhando embaixo de apenas algumas mesas, e continuaram em seu caminho. Eragon recostou-se contra uma das pernas da mesa e suspirou. O alívio o fez lembrar de repente de seu estômago que roncava e de sua garganta ressecada. Uma grande caneca e um prato com restos de comida, que estavam do outro lado do salão, chamaram sua atenção.

Eragon saiu correndo de seu esconderijo, pegou a comida depressa e voltou velozmente para baixo da mesa. Havia cerveja na caneca, a qual bebeu em dois grandes goles. Uma sensação de alívio correu por todo o seu corpo quando o

líquido frio desceu em sua garganta, aliviando o tecido irritado. Suprimiu um arroto antes de comer desesperadamente um pedaço de pão.

Murtagh voltou carregando Zar'roc, um arco estranho e uma elegante espada sem bainha. Murtagh deu Zar'roc para Eragon. – Encontrei a outra espada e o arco na sala da guarda. Nunca vi armas como estas antes, então presumi que fossem dela.

– Vamos descobrir – disse Eragon, com a boca cheia de pão. A espada, fina e leve, com uma proteção curvada no punho, cujas pontas eram estreitas e afiadas, encaixou-se perfeitamente na bainha que estava na cintura da mulher. Não havia como dizer se o arco era dela, mas sua forma era tão graciosa que ele duvidava que aquilo fosse de outra pessoa.

– E agora? – perguntou ele, enfiando outro pedaço de pão na boca. – Não podemos ficar aqui para sempre. Mais cedo ou mais tarde, os soldados vão nos achar.

– Agora – disse Murtagh, pegando seu próprio arco, preparando uma flecha para ser disparada – nós esperamos. Como eu disse, nossa fuga já foi planejada.

– Você não entende. Há um Espectro aqui! Se formos encontrados, estaremos perdidos!

– Um Espectro! – exclamou Murtagh. – Nesse caso, mande Saphira vir imediatamente. Íamos esperar até a troca da guarda, mas demorar tanto tempo passou a ser muito mais perigoso agora. – Eragon passou o recado sucintamente, evitando distrair Saphira com perguntas. – Você estragou meus planos ao fugir sozinho – queixou-se Murtagh, olhando a entrada do salão atentamente para ver se nenhum soldado apareceria.

Eragon sorriu. – Nesse caso, talvez, eu devesse ter esperado. Mas você escolheu o momento perfeito. Eu não seria capaz nem de engatinhar se tivesse abatido todos aqueles soldados usando magia.

– É bom saber que fui útil – comentou Murtagh. Ele parou de repente ao ouvir soldados correndo por perto. – Vamos torcer para o Espectro não nos localizar.

Uma risada fria encheu o salão.

– Temo que seja tarde demais para isso.

Murtagh e Eragon viraram-se. O Espectro estava sozinho no final do salão. Em sua mão havia uma espada fosca, com um arranhão fino na lâmina. Soltou o broche que prendia a sua capa, deixando o traje cair no chão. O corpo dele era como o de um corredor, magro e compacto, mas Eragon lembrou-se do aviso de Brom e sabia que a aparência daquela criatura era enganadora, que era muitas

vezes mais forte do que qualquer humano normal.

– Então, meu jovem Cavaleiro, você quer testar suas habilidades contra as minhas? – perguntou o Espectro com desdém. – Eu não devia ter acreditado no capitão quando ele disse que você havia ingerido toda a comida. Mas não cometerei o mesmo erro novamente.

– Eu cuidarei dele – disse Murtagh baixinho, baixando seu arco e desembainhando a espada.

– Não – disse Eragon entre os dentes. – Ele me quer vivo, você não. Eu posso detê-lo por algum tempo, mas então é melhor que você tenha uma fuga preparada para nós.

– Tudo bem, vá – disse Murtagh. – Você não terá de segurá-lo por muito tempo.

– Espero que não – disse Eragon, de modo assustador. Sacou Zar'roc e avançou lentamente. A lâmina vermelha brilhava com as luzes das tochas na parede.

Os olhos castanho-avermelhados do Espectro brilhavam como carvões. Ele sorriu levemente. – Você acha mesmo que pode me derrotar, Du Súndavar Freohr? Que nome deplorável. Eu esperava algo mais astuto da sua parte, mas suponho que você só seja capaz disso.

Eragon recusou-se a deixar ser levado à ação. Olhou fixamente para o Espectro, esperando um piscar de olhos ou um movimento de lábio, qualquer coisa que pudesse trair sua próxima investida. Não posso usar magia, pois eu o provocaria a fazer o mesmo. Ele tem de pensar que pode vencer sem recorrer a ela, o que, provavelmente, deve ser verdade.

Antes que algum deles se movesse, houve um estrondo no teto e ele balançou. Poeira caiu dele e deixou o ar cinzento enquanto pedaços de madeira caíam em volta deles, batendo no chão. E do teto também vinham sons de gritos e de metal batendo. Com medo de ser atingido na cabeça pela madeira que caía, Eragon olhou de relance para cima. O Espectro aproveitou-se dessa distração e atacou.

Eragon mal teve tempo de erguer Zar'roc para bloquear um golpe que vinha em direção a suas costelas. As espadas se encontraram, produzindo um som agudo que estremeceu seus dentes e deixou seu braço dormente. Pelos céus! Ele é forte! Eragon segurou Zar'roc com as duas mãos e lançou-a com toda a sua força em direção à cabeça do Espectro, que bloqueou o golpe com facilidade, girando sua espada no ar mais rápido do que Eragon achava ser possível.

Rangidos horríveis soavam acima deles, como cravos de ferro sendo enfiados na rocha. Três grandes rachaduras dividiram o teto. Pedaços das telhas de pedra caíam pelas aberturas. Eragon os ignorou, mesmo quando um deles se espatifou no

chão perto dele. Embora tivesse treinado com um mestre das armas, Brom, e com Murtagh, que também era um exímio espadachim, nunca havia se encontrado em uma situação de tanta desvantagem. O Espectro estava brincando com ele.

Eragon recuou em direção a Murtagh, seus braços tremiam por causa do bloqueio que fazia dos golpes do Espectro. Cada investida parecia ser mais forte do que a última. Eragon não estava mais forte o bastante para invocar sua magia mesmo se quisesse. Então, com um movimento desdenhoso do punho, o Espectro arrancou Zar'roc da mão de Eragon. A força do golpe o fez cair de joelhos, ali, prostrado, permaneceu ofegante. O som dos rangidos estava mais alto do que nunca. Seja lá o que fosse que estivesse acontecendo, estava ficando mais próximo.

O Espectro olhou para baixo, para ele, de modo arrogante: – Você pode ser uma peça importante no jogo que está se desenrolando, mas estou decepcionado se isso é o melhor que você pode fazer. Se os outros Cavaleiros eram tão fracos assim, devem ter controlado o Império apenas por serem em maior número.

Eragon levantou o olhar e balançou a cabeça. Ele já havia percebido qual era o plano de Murtagh. Saphira, agora seria uma boa hora.

– Não, você esqueceu de uma coisa.

– E qual seria essa coisa? – perguntou o Espectro, com uma voz de desprezo.

Houve uma reverberação estrondosa quando um pedaço do teto foi arrancado, revelando o céu noturno.

– Os dragões! – gritou Eragon mais alto do que o barulho e se atirou para longe do alcance do Espectro, que rosnou de raiva, balançando sua espada ferozmente. Ele errou e se jogou depressa para a frente. A surpresa tomou conta do rosto dele quando uma das flechas de Murtagh atingiu-o no ombro.

O Espectro riu e quebrou facilmente a flecha com dois dedos.

– Você terá de fazer muito mais do que isso se quiser me deter. – A próxima flecha acertou-o entre os olhos. O Espectro deu um grito de agonia e contorceu-se de dor, cobrindo o rosto. A pele ficou cinza. Uma névoa formou-se no ar em volta dele, escondendo sua figura. Houve um grito ensurdecedor, e a nuvem desapareceu.

Nada restou onde o Espectro estava, com exceção de sua capa e de uma pilha de roupas. – Você o matou! – exclamou Eragon. Ele sabia que apenas dois heróis lendários haviam sobrevivido ao ataque de um Espectro, conseguindo matá-lo.

– Não tenho certeza – disse Murtagh.

Um homem gritou: – É isso mesmo! Ele falhou. Entrem e peguem-nos! – Soldados com redes e lanças entraram no salão por ambos os lados. Eragon e

Murtagh recuaram, encostando-se na parede, arrastando a elfa com eles. Os homens formaram um meio círculo ameaçador em volta deles. Foi então que Saphira enfiou a cabeça no buraco no teto e rugiu. Agarrou a extremidade da abertura com suas garras poderosas e arrancou outro grande pedaço do teto. Três soldados viraram-se e correram, mas os outros mantiveram suas posições.

Com um estrondo bem alto, a viga central do teto quebrou, fazendo chover pesadas telhas. A confusão espalhou os soldados, que tentavam se livrar do forte bombardeio. Eragon e Murtagh se espremeram contra a parede, evitando os destroços que caíam. Saphira rugiu de novo, e os soldados fugiram, alguns sendo esmagados enquanto corriam.

Com um esforço titânico final, Saphira arrancou o resto do teto antes de pular para dentro do salão com as asas fechadas. Seu peso quebrou uma das mesas, produzindo um alto estalo. Gritando de alívio, Eragon correu para abraçá-la. Ela soltou um zumbido baixo de satisfação. Senti a sua falta, pequenino.

Eu também. Há mais uma pessoa conosco. Você aguenta com nós três?

Claro, respondeu ela chutando telhas e mesas do caminho para que pudesse decolar. Murtagh e Eragon tiraram a mulher de seu esconderijo. Saphira soltou um zumbido, surpresa, quando a viu. Uma elfa!

Sim, é a mulher que eu via nos meus sonhos, confirmou Eragon pegando Zar'roc. Ele ajudou Murtagh a prender a mulher na sela, e os dois montaram em Saphira. Ouvi luta no teto. Ainda há homens lá em cima?

Havia, mas não há mais. Estão prontos?

Estamos.

Saphira pulou para fora do salão, até o telhado da fortaleza, onde estavam caídos os corpos das sentinelas.

– Olhe! – disse Murtagh, apontando. Uma fileira de arqueiros enchia uma torre do outro lado do salão destelhado.

– Saphira, você tem de decolar. Agora! – alertou Eragon.

Ela abriu as asas, correu em direção à beira do prédio e lançou-se para o alto com suas patas fortes. O peso extra em suas costas a fez cair abruptamente. Enquanto ela lutava para ganhar altitude, Eragon ouviu o som de arcos disparando.

Flechas passavam zumbindo por eles no escuro. Saphira rugiu de dor quando foi atingida e se jogou velozmente para a esquerda para evitar as próximas flechas. Mais setas perfuraram o céu, no entanto a noite os protegia da picada fatal dos projéteis. Aflito, Eragon curvou-se em cima do pescoço de Saphira. Você está ferida?

Minhas asas foram perfuradas... mas uma das flechas não atravessou. Ainda está presa. A respiração dela estava ofegante e pesada.

Até onde você pode nos levar?

Longe o bastante. Eragon agarrou a mulher com força enquanto eles sobrevoavam Gil'ead, deixavam a cidade para trás e seguiam rumo ao leste, voando alto no meio da noite.

UM GUERREIRO E UM CURANDEIRO

Saphira deixou-se levar por uma corrente de ar até uma clareira e pousou no topo de uma colina, repousando suas asas abertas no chão. Eragon podia senti-la tremendo embaixo dele. Estavam a apenas uns três quilômetros de distância de Gil'ead.

Na clareira estavam presos Fogo na Neve e Tornac, que relinchou nervosamente quando Saphira chegou. Eragon deslizou para o chão e começou a tratar das feridas de Saphira imediatamente, enquanto Murtagh aprontava os cavalos.

Sem poder ver direito no escuro, Eragon passou as mãos cegamente sobre as asas de Saphira. Encontrou três lugares onde as flechas perfuraram a fina membrana, deixando furos ensanguentados do tamanho de seu polegar. Um pedacinho da ponta de trás da asa esquerda dela também foi arrancado. Ela tremia quando os dedos dele passavam por cima das feridas. Ele, exaustivamente, curou os ferimentos usando palavras da língua antiga. Depois, Eragon voltou-se para a flecha que estava presa em um dos fortes músculos de seu braço alado. A ponta da flecha entrou pelo lado inferior. Sangue quente pingava da ferida.

Eragon chamou Murtagh e instruiu: – Segure a asa para baixo. Tenho de retirar esta flecha. – Ele indicou onde Murtagh devia segurar com força.

Isso vai doer, ele alertou Saphira, mas vai acabar rápido. Tente não resistir, você pode nos machucar.

Ela esticou o pescoço e prendeu uma alta árvore jovem entre seus dentes curvados. Com um golpe de sua cabeça, ela arrancou a planta do chão e segurou-a firmemente entre suas mandíbulas. Estou pronta.

Certo, disse Eragon. – Aguente firme – murmurou ele para Murtagh. Depois, quebrou a ponta da flecha. Tentando não causar mais danos, puxou a haste de madeira para fora do corpo de Saphira. Quando a flecha saiu do músculo, ela jogou a cabeça para trás e soltou um gemido de dor enquanto mordia a árvore fortemente. A asa se contraiu involuntariamente, cortando Murtagh embaixo do queixo e jogando-o no chão.

Com um rosnado, Saphira balançou a árvore, enchendo-os de terra antes que ela a jogasse para longe. Depois que Eragon curou a ferida, ajudou Murtagh a ficar em pé. – Ela me pegou de surpresa – admitiu Murtagh tocando seu queixo arranhado.

Sinto muito.

– Ela não quis machucar você – garantiu Eragon. Ele foi ver como estava a elfa

desacordada. Você terá de carregá-la mais um pouco, disse ele a Saphira. Não podemos levá-la nos cavalos e cavalgar rápido o bastante. Você vai voar com mais facilidade agora, pois já retirei a flecha.

Saphira abaixou a cabeça. Eu a carregarei.

Obrigado, agradeceu Eragon. Ele a abraçou calorosamente. O que você fez foi incrível. Nunca esquecerei isso.

A emoção transpareceu nos olhos dela. Agora, partirei. Ele afastou-se quando ela alçou voo, agitando o ar; os cabelos da elfa debatiam-se ao vento. Segundos depois, eles partiram. Eragon correu para Fogo na Neve, pulou para cima da sela e saiu galopando com Murtagh.

Enquanto cavalgavam, Eragon tentou lembrar o que sabia sobre os elfos. Eles tinham vida longa, esse fato era constantemente repetido, embora ele não soubesse quanto tempo. Falavam a língua antiga, e muitos podiam usar magia. Depois da queda dos Cavaleiros, os elfos ficaram em isolamento. Ninguém havia visto um deles no Império desde então. Então, por que um deles está aqui, agora? E como o Império conseguiu capturá-la? Se ela pode usar magia, provavelmente devia estar drogada, como eu estava.

Viajaram através da noite, não parando nem quando suas forças, que se esgotavam, faziam-nos andar mais devagar. Continuaram no caminho, apesar de os seus olhos estarem ardendo e dos movimentos desajeitados. Atrás, fileiras de homens a cavalo empunhando tochas procuravam a trilha deles em volta de Gil'ead.

Depois de várias horas no escuro, a alvorada iluminou o céu.

Segundo um acordo não declarado, Eragon e Murtagh pararam os cavalos. – Precisamos acampar – sugeriu Eragon exausto. – Preciso dormir... não importa se eles vão nos pegar ou não.

– Concordo – disse Murtagh, esfregando os olhos. – Peça para Saphira pousar. Vamos encontrá-la.

Seguiram as instruções de Saphira e encontraram-na bebendo em um córrego na base de um pequeno penhasco, a elfa ainda estava caída em cima de seu dorso. Saphira os cumprimentou com um gemido suave no momento em que Eragon desmontou.

Murtagh ajudou-o a tirar a elfa da sela de Saphira e a colocá-la no chão. Depois, recostaram-se em uma pedra, exaustos. Saphira examinou a elfa de modo curioso. Por que será que ela ainda não acordou. Já faz horas que saímos de Gil'ead.

Quem sabe o que fizeram com ela?, disse Eragon com raiva.

Murtagh acompanhou os olhares deles. – Pelo que sei, ela é a primeira da espécie dos elfos que o rei capturou. Desde que se isolaram, ele os procura sem sucesso, até agora. Ou o rei achou o esconderijo deles ou ela foi capturada por acaso. Acho que foi por acidente, pois se tivesse encontrado o esconderijo dos elfos, o rei já teria declarado guerra e mandado seu exército ir ao encalço deles. Como isso não aconteceu, a questão é: os soldados de Galbatorix foram capazes de extrair dela o local do esconderijo dos elfos antes de nós a salvarmos?

– Só saberemos quando ela recuperar a consciência. Conte o que aconteceu depois que fui capturado. Como fui parar em Gil'ead?

– Os Urgals estão trabalhando para o Império – disse Murtagh brevemente, jogando seu cabelo para trás. – E, pelo que parece, o Espectro também. Saphira e eu vimos os Urgals entregando você a ele, embora eu não soubesse o que ele era na ocasião, e para um grupo de soldados. Foram eles que o levaram a Gil'ead.

É verdade, disse Saphira enrolando-se perto deles.

A mente de Eragon lembrou-se de repente dos Urgals com quem ele falou em Teirm e do "chefe" que eles mencionaram. Eles falaram do rei! Eu insultei o homem mais poderoso de toda a Alagaësia!, percebeu ele com temor. Lembrou o horror dos aldeões dizimados em Yazuac. Uma sensação doentia, de raiva, percorreu o estômago dele. Os Urgals estavam sob as ordens de Galbatorix! Por que ele cometeria tal atrocidade contra seus próprios súditos?

Porque ele é diabólico, afirmou Saphira.

Com uma expressão zangada no rosto, Eragon exclamou: – Isso vai significar guerra! Assim que o povo do Império souber disso, irá se rebelar e apoiar os Varden.

Murtagh apoiou o queixo em sua mão. – Mesmo que todos soubessem desse ultraje, poucos conseguiriam chegar aos Varden. Com os Urgals sob seu comando, o rei tem guerreiros suficientes para fechar as fronteiras do Império e continuar no controle, sem se importar com o tamanho da revolta do povo. Com tal domínio de terror, ele será capaz de dar a forma que quiser ao Império. E embora seja odiado, o povo poderia ser galvanizado e se juntaria a ele se tivessem inimigos em comum.

– Quem seriam eles? – perguntou Eragon, confuso.

– Os elfos e os Varden. Com os boatos certos, eles podem ser retratados como os monstros mais desprezíveis da Alagaësia, inimigos que esperam para tomar suas terras e riquezas. O Império poderia até dizer que os Urgals foram mal compreendidos durante esse tempo todo e que, na verdade, são amigos e aliados na luta contra terríveis inimigos. Imagino o que o rei prometeu a eles em troca de

seus serviços.

– Isso nunca daria certo – disse Eragon, sacudindo a cabeça. – Ninguém poderia ser enganado tão facilmente sobre Galbatorix e os Urgals. Além disso, por que ele faria isso? Ele já está no poder.

– Mas a autoridade dele é desafiada pelos Varden, com quem o povo simpatiza. Também há Surda, que o desafia desde que se separou do Império. Galbatorix é forte dentro do Império, mas seu braço é fraco fora dele. Quanto às pessoas perceberem seus logros, elas acreditarão no que ele quiser. Isso já aconteceu uma vez. – Murtagh ficou em silêncio e olhou mal-humorado em direção ao horizonte.

As palavras dele perturbaram Eragon. Saphira fez contato mental com ele: Para onde Galbatorix está enviando os Urgals?

O quê?

Tanto em Carvahall quanto em Teirm, você ouviu dizer que os Urgals estavam saindo do local, migrando para o sudeste, como se fossem desbravar o deserto Hadarac. Se o rei realmente os controla, por que ele os está enviando naquela direção? Talvez um exército de Urgals esteja sendo formado para uso particular dele, ou uma cidade desses monstros pode estar sendo erguida.

Eragon tremeu ao pensar nisso. Estou cansado demais para me perturbar com isso. Sejam lá quais forem os planos de Galbatorix, eles só nos causarão problemas. Eu só gostaria de saber onde os Varden estão. Era para lá que devíamos estar indo, mas estamos perdidos sem Dormnad. Não importa o que façamos, o Império nos achará.

Não desista, disse ela encorajando-o. Depois, acrescentou com indiferença: Contudo, provavelmente você deve estar certo.

Obrigado. Ele olhou para Murtagh. – Você arriscou a sua vida para me salvar. Fico lhe devendo por isso. Eu não conseguiria escapar sozinho. – Mas havia mais do que isso. Agora, havia um elo entre eles, firmado na fraternidade da batalha e fortalecido pela lealdade que demonstrou Murtagh.

– Estou feliz por ter ajudado. Eu... – hesitou Murtagh e esfregou o rosto. – Minha maior preocupação agora é como vamos viajar com tantos homens nos procurando. Os soldados de Gil'ead vão nos caçar amanhã. Assim que acharem as pegadas dos cavalos, saberão que não fugimos voando com Saphira.

Eragon concordou com tristeza.

– Como você conseguiu entrar no castelo?

Murtagh riu baixinho. – Pagando um belo suborno e rastejando por uma canaleta imunda do esgoto da cozinha. Mas o plano não teria dado certo sem a Saphira.

Ela... – Ele parou e dirigiu suas palavras para ela. – Quer dizer, você é a única razão por termos escapados de lá com vida.

Eragon, com dignidade, pôs uma das mãos em seu pescoço escamoso. Enquanto ela murmurava satisfeita, olhou cativado para o rosto da elfa. Relutante, ele pôs-se de pé com dificuldade. – Devíamos fazer uma cama para ela.

Murtagh ficou em pé e esticou um cobertor para a mulher. Quando a levantaram para deitá-la, o punho da manga dela rasgou-se em um galho. Eragon começou a arrumar o tecido e espantou-se de repente.

O braço dela estava repleto de hematomas e cortes, alguns já estavam quase curados, enquanto outros estavam abertos e inflamados. Eragon balançou a cabeça com raiva e levantou a manga um pouco mais.

As feridas estendiam-se até o ombro. Com dedos trêmulos, ele desfez o laço na parte de trás da blusa, temendo o que poderia encontrar.

Quando o couro caiu, Murtagh xingou. Suas costas eram fortes e musculosas, mas estavam cobertas por cascas de feridas, que davam à pele um aspecto ressecado, como lama rachada. Ela havia sido açoitada impiedosamente e queimada com ferros quentes com a forma de garras. Nos lugares onde a pele ainda estava intacta, havia manchas roxas e pretas devido aos inúmeros golpes. No ombro esquerdo havia uma tatuagem feita com tinta cor de anil. Era o mesmo símbolo que havia no anel de safira de Brom. Eragon, silenciosamente, jurou que mataria o responsável pela tortura dada àquela mulher.

– Você pode curar isso? – perguntou Murtagh.

– Eu... eu não sei – respondeu Eragon. Ele engoliu em seco uma náusea repentina. – Há muitas feridas.

Eragon!, disse Saphira de repente. Ela é da raça dos elfos. Não pode morrer. Cansado ou não, com fome ou não, você deve salvá-la. Juntarei minhas forças às suas, mas é você que deve invocar a magia.

É verdade... você está certa, murmurou ele, sem conseguir tirar os olhos da bela criatura. Determinado, ele tirou as luvas e disse para Murtagh: – Isso vai levar algum tempo. Pode me arranjar um pouco de comida? E também poderia ferver alguns panos? Não posso curar todas as feridas.

– Não podemos acender uma fogueira se não quisermos ser vistos – retrucou Murtagh. – Você terá de usar panos sem lavá-los, e a comida terá de ser fria. – Eragon fez uma cara feia, mas se conformou. Conforme ele colocava gentilmente uma de suas mãos na coluna da mulher, Saphira acomodou-se perto dele, com seus olhos, brilhantes, fixos nela. Ele respirou fundo, invocou a sua magia e

começou a trabalhar.

Ele pronunciou palavras da língua antiga: – Waíse heill! – Uma luz como a de fogo queimando brilhou embaixo da palma da mão dele, e pele nova, sem manchas aparecia sob ela, juntando-se sem deixar nenhuma cicatriz. Ignorou hematomas e feridas que não representavam risco de vida, pois curar todas elas consumiria a energia de que ele precisava para os ferimentos mais graves. Enquanto Eragon trabalhava, ficou impressionado pelo fato de a mulher ainda estar viva. Foi torturada até chegar à beira da morte várias vezes, com uma precisão que o espantava.

Embora tentasse preservar o recato da bela mulher, não podia deixar de notar que embaixo de todas aquelas feridas desfigurantes seu corpo era extremamente belo. Ele estava exausto e não se deixou levar por isso – embora suas orelhas ficassem vermelhas de vez em quando, e esperasse com ardor que Saphira não soubesse o que ele estava pensando.

Ele trabalhou até a alvorada, parando apenas durante pequenos intervalos para comer ou beber, tentando se refazer de seu jejum, da fuga e, agora, da cura da elfa. Saphira permaneceu ao lado dele, emprestando sua força quando podia. O sol já estava alto no céu quando finalmente se pôs de pé, gemendo quando seus músculos doloridos esticaram-se. As mãos dele estavam com um tom cinzento, e seus olhos estavam ressecados e pareciam cheios de areia. Foi cambaleando até os alforjes e tomou um grande gole do odre de vinho.

– Acabou? – perguntou Murtagh.

Eragon concordou com a cabeça, tremendo. Não se arriscou a falar. O acampamento girou em sua frente, ele quase desmaiou. Você trabalhou muito bem, disse Saphira confortando-o.

– Ela vai viver?

– Eu... eu não sei – disse ele com uma voz desolada. – Os elfos são fortes, mas mesmo eles não podem suportar um abuso como esse sem pagar um preço. Se eu soubesse mais sobre cura, poderia tentar reanimá-la, mas... – Ele gesticulou fracamente. A mão dele tremia tanto que chegou a derramar um pouco do vinho. Outro grande gole ajudou-o a se manter em pé. – É melhor começarmos a cavalgar de novo.

– Não! Você precisa dormir – protestou Murtagh.

– Eu... posso dormir na sela. Mas não podemos nos dar ao luxo de ficar aqui, não com tantos soldados se aproximando de nós.

Murtagh, relutante, acabou concordando.

– Neste caso, guiarei Fogo na Neve enquanto você descansa. – Eles selaram os cavalos, prenderam a elfa em Saphira e deixaram o acampamento. Eragon comia enquanto cavalgava, tentando recuperar a energia perdida antes de se inclinar para a frente, recostar em Fogo na Neve e fechar os olhos.

ÁGUA DA AREIA

Quando pararam para descansar à noite, Eragon não estava se sentindo melhor e seu humor havia piorado. A maior parte do dia foi gasta percorrendo longos desvios para evitar serem achados pelos soldados, que usavam cães de caça. Desmontou de Fogo na Neve e perguntou a Saphira: Como ela está?

Acho que não está pior do que antes. Ela se mexeu levemente algumas vezes, mas foi só isso. Saphira agachou-se perto do chão para que ele pudesse tirar a elfa da sela. Durante um instante, seu corpo macio pressionou o de Eragon. Ele, apressadamente, colocou-a no chão.

Eragon e Murtagh prepararam um jantar simples. Era difícil para eles resistirem à vontade de dormir. Quando acabaram de comer, Murtagh disse: – Não podemos manter esse passo. Não estamos ganhando vantagem sobre os soldados. Em mais um dia ou dois eles podem nos alcançar.

– O que mais podemos fazer? – perguntou Eragon de modo abrupto. – Se fôssemos só nós dois e se você estivesse disposto a deixar Tornac para trás, Saphira poderia sair voando conosco para longe daqui. Mas com a mulher junto? Impossível!

Murtagh olhou para ele atentamente. – Se você quiser seguir sozinho, não vou impedi-lo. Não posso esperar que você e Saphira fiquem aqui, correndo o risco de serem presos.

– Não me insulte – resmungou Eragon. – Eu só estou livre por sua causa. Não vou abandoná-lo à mercê do Império. Eu seria muito mal-agradecido!

Murtagh inclinou a cabeça. – As suas palavras me alegram. – Ele fez uma pausa. – Mas não resolvem o nosso problema.

– E o que pode resolver? – indagou Eragon. Ele apontou para a mulher. – Eu queria que ela pudesse nos dizer onde os elfos estão. Talvez pudéssemos pedir abrigo a eles.

– Considerando como os elfos protegem a si mesmos, duvido que ela revelaria a localização. Mesmo se revelasse, o povo dela poderia não nos receber. Por que eles se disporiam a nos abrigar? Os últimos Cavaleiros que tiveram contato com eles foram Galbatorix e os Renegados. Duvido que guardem boas memórias disso. E eu não tenho nem a honra duvidosa de ser um Cavaleiro igual a você. Não, eles não gostariam de me receber mesmo.

Eles nos aceitariam, disse Saphira confiante, enquanto mudava a posição das

asas para ficar mais confortável.

Eragon deu de ombros. – Mesmo que nos protegessem, não podemos achá-los e será impossível perguntar a ela até que recupere a consciência. Devemos fugir, mas em qual direção: norte, sul, leste ou oeste?

Murtagh entrelaçou os dedos e pressionou os polegares contra suas têmporas. – Acho que a única coisa que podemos fazer é sair do Império. Os poucos lugares seguros dentro dele estão muito longe daqui. Seria difícil chegar a eles sem que fôssemos capturados ou seguidos... Não há nada para nós ao norte, exceto a floresta Du Weldenvarden, onde nós poderíamos nos esconder, mas não gostaria de voltar a passar por Gil'ead. Ao oeste, resta apenas o Império e o oceano. Ao sul, fica Surda, onde você poderia encontrar alguém que lhe diria o caminho até os Varden. Quanto a seguir rumo ao leste... – Ele deu de ombros. – Ao leste, o deserto Hadarac está entre nós e sejam quais forem as terras que existam naquela direção. Os Varden estão em algum lugar depois dele, mas sem as instruções corretas poderíamos levar anos até encontrá-los.

Mas nós estaríamos seguros, acrescentou Saphira. Desde que não encontrássemos nenhum Urgal.

Eragon contraiu a testa. Uma dor de cabeça ameaçava afogar seus pensamentos com pontadas quentes. – É perigoso demais ir para Surda. Teríamos de atravessar a maior parte do Império, evitando todas as cidades e vilarejos. Há pessoas demais entre nós e Surda para passarmos despercebidos.

Murtagh levantou uma sobrancelha.

– Então, você quer atravessar o deserto?

– Não vejo outras opções. Além disso, assim podemos deixar o Império antes que os Ra'zac cheguem aqui. Com seus cavalos alados, eles chegarão a Gil'ead em poucos dias, então não temos muito tempo.

– Mesmo que cheguemos ao deserto antes que eles apareçam por aqui – disse Murtagh –, ainda assim, poderiam nos alcançar. De qualquer maneira será difícil deixá-los para trás.

Eragon esfregou o lado do corpo de Saphira, sentindo a aspereza das escamas sob seus dedos.

– Isso, pressupondo que eles seguirão a nossa pista. Mas, para nos pegar, terão de deixar os soldados para trás, o que será bom para nós. Se houver uma luta, acho que nós três podemos derrotá-los... desde que não sejamos pegos em uma emboscada como Brom e eu fomos.

– Se chegarmos em segurança ao outro lado do deserto Hadarac – disse Murtagh

devagar –, aonde iremos? Aquelas terras estão bem longe do Império. Haverá poucas cidades, se houver alguma. E há o deserto em si. O que você sabe sobre ele?

– Só que é quente, seco e cheio de areia – confessou Eragon.

– Isso resume tudo – retrucou Murtagh. – Ele é repleto de plantas venenosas e que não podem ser comidas, cobras, escorpiões e um sol escaldante. Você viu a grande planície no nosso caminho para Gil'ead?

Era uma pergunta retórica, mas Eragon respondeu assim mesmo:

– Vi e já havia visto outra vez.

– Então, você conhece bem o tamanho dela. Ela preenche o âmago do Império. Agora, imagine algo duas ou três vezes maior e terá a noção da vastidão do deserto Hadarac. É isso que está propondo atravessar.

Eragon tentou visualizar uma área tão gigantesca, mas não foi capaz de lidar com as distâncias envolvidas. Ele pegou o mapa da Alagaësia de sua bolsa. O pergaminho tinha um cheiro de mofado quando ele o desenrolou no chão. Eragon examinou a planície e balançou a cabeça, satisfeito. – Não é para menos que o Império termine no deserto. Tudo do outro lado fica longe demais para Galbatorix controlar.

Murtagh passou a mão pelo lado direito do pergaminho. – Toda a terra além do deserto, que está em branco neste mapa, era dominada por um só senhor quando os Cavaleiros viviam. Se o rei tiver novos Cavaleiros sob seu comando, acho que ele pode expandir o Império a um tamanho nunca imaginado. Mas esse não era o ponto que eu queria destacar. O deserto Hadarac é tão grande e guarda tantos perigos que as chances de o atravessarmos ilesos são mínimas. É uma decisão desesperada de se tomar.

– Nós estamos desesperados – disse Eragon de modo firme. Ele estudou o mapa cuidadosamente. – Se fôssemos pelo meio do deserto, levaríamos mais de um mês para atravessá-lo, talvez até dois. Mas se traçarmos uma rota na direção sudeste, pelas montanhas Beor, podemos atravessá-lo muito mais depressa. Depois, podemos acompanhar as montanhas, em direção ao leste, pelo deserto, ou podemos tomar o rumo oeste, para Surda. Se este mapa estiver certo, a distância entre o ponto onde estamos e as Beor é quase idêntica à que cobrimos no caminho para Gil'ead.

– Mas levamos quase um mês para fazer isso!

Eragon sacudiu a cabeça, impaciente.

– Nossa viagem para Gil'ead foi lenta por causa dos meus ferimentos. Se

apertarmos o passo, levaremos uma fração daquele tempo para chegar às montanhas Beor.

– Basta. Já deixou o seu ponto de vista bem claro – reconheceu Murtagh. – Contudo, antes de concordar com isso, há algo que deve ser resolvido. Como sei que você deve ter notado, peguei suprimentos para nós e para os cavalos enquanto estávamos em Gil'ead. Mas como vamos obter água suficiente para todos? As tribos nômades que vivem no deserto disfarçam seus poços e oásis para que ninguém roube a água. E carregar água o bastante para mais do que um dia é impraticável. Pense na quantidade que a Saphira bebe! Ela e os cavalos bebem mais água de uma vez do que nós dois bebemos em uma semana. A não ser que você saiba fazer chover sempre que precisarmos, não vejo como poder seguir o caminho que você propôs.

Eragon se apoiou em seus calcanhares. Fazer chover estava muito além de suas forças. Ele achava que nem o Cavaleiro mais forte poderia fazer isso. Mover uma massa de ar tão grande seria como tentar erguer uma montanha. Precisava de uma solução que não drenasse todas as suas forças. Será que é possível transformar a areia em água? Isso resolveria o nosso problema, mas só se não consumisse energia demais.

– Eu tenho uma ideia – disse ele. – Deixe-me fazer uma experiência, depois vou lhe dar uma resposta. – Eragon saiu do acampamento com passos largos, com Saphira o seguindo de perto.

O que você vai tentar fazer?, perguntou.

– Não sei – resmungou ele. Saphira, você conseguiria levar água suficiente para nós todos?

Ela balançou sua cabeça enorme. Não. Eu nem sei se seria capaz de levantar tanto peso, sem falar em conseguir voar levando tudo isso.

É uma pena. Ele se ajoelhou e pegou uma pedra que tinha uma cavidade grande o bastante para abrigar um gole de água. Apertou um pouco de terra na depressão e a estudou pensativo. Agora, vinha a parte difícil. De alguma maneira, tinha de converter aquela terra em água. Mas que palavras eu devo usar? Refletiu sobre o problema durante alguns momentos e escolheu duas que ele esperava que fossem dar certo. O frio da magia correu pelo seu corpo, enquanto tentava romper a barreira familiar em sua mente, e ordenou:

– Deloi moi!

Imediatamente a terra começou a absorver a força dele a uma velocidade assombrosa. Eragon lembrou de repente do aviso de Brom de que certas tarefas

consumiriam toda a sua força e acabariam com sua vida. O pânico encheu seu peito. Tentou liberar a magia, mas não conseguiu. Ela ficou ligada a ele até que a tarefa fosse cumprida ou que ele morresse. Tudo o que podia fazer era permanecer imóvel, ficando mais fraco a cada momento.

Quando ficou convencido de que realmente ia morrer ajoelhado ali, a terra brilhou e transformou-se, virando uma pequena poça de água que mal encheria um dedal. Aliviado, Eragon se pôs sentado, ofegante. Seu coração batia dolorosamente, e a fome corroía suas entranhas.

O que aconteceu?, perguntou Saphira.

Eragon balançou a cabeça, ainda chocado pelo gasto das reservas de energia do seu corpo. Ficou feliz por não ter tentado transformar algo maior. Isso não vai dar certo, disse. Eu nem tenho força para sequer beber um copo d'água.

Você deveria ter tido mais cuidado, censurou-o. A magia pode trazer resultados inesperados quando as palavras da língua antiga são combinadas de novas maneiras.

Ele olhou fixamente para ela. Eu sei disso, mas essa era a única forma de testar a minha ideia. Eu não podia esperar até estarmos no deserto! Ele lembrou que ela só estava tentando ajudar. Como você transformou o túmulo de Brom em diamante sem se matar? Eu mal posso com uma pitada de terra, sem falar em todo aquele arenito.

Eu não sei como fiz aquilo, disse ela calmamente. Apenas aconteceu.

Você pode fazer de novo? Mas, desta vez, para fazer água?

Eragon, disse ela, olhando diretamente nos olhos dele, não tenho mais controle sobre as minhas habilidades do que uma aranha tem sobre as dela. Coisas como aquela acontecem quer eu queira ou não. Brom lhe disse que eventos incomuns acontecem perto dos dragões. Ele disse a verdade. Brom não tinha explicação para isso, como eu também não tenho. Às vezes, posso provocar algumas mudanças apenas usando alguns sentimentos, quase sem pensar. No resto do tempo, como neste momento, tenho tantos poderes quanto Fogo na Neve.

Você nunca deixa de ser poderosa, disse ele docemente, colocando uma das mãos no pescoço dela. Ficaram em silêncio durante um longo período. Eragon lembrou-se do túmulo que havia feito para Brom e como ele estava deitado dentro dele. Eragon ainda podia ver o arenito fluindo acima do rosto do ancião.

– Pelo menos, demos a ele um enterro decente – sussurrou ele.

Preguiçosamente, Eragon girou o dedo na terra, produzindo pequenas cristas. Duas delas formaram um vale em miniatura, então ele acrescentou montanhas em

volta. Com a ponta da unha, abriu um rio no meio do vale e o fez mais fundo porque estava raso demais. Acrescentou mais alguns detalhes até que se achou olhando para uma reprodução plausível do vale Palancar. A saudade de casa cresceu dentro dele, e ele apagou o vale com um golpe da mão.

Não quero falar sobre isso, resmungou zangado, evitando as perguntas de Saphira. Cruzou os braços e ficou olhando fixamente para o chão. Quase contra a sua vontade, seus olhos se voltaram para o lugar onde havia raspado a terra. Pôs-se de pé, surpreso. Embora o solo estivesse seco, o sulco que fizera estava ladeado por umidade. Curioso, raspou mais terra e achou uma camada úmida poucos centímetros abaixo da superfície. Olhe para isso, disse animado.

Saphira baixou o nariz até a descoberta dele. Como isso pode nos ajudar? A água no deserto deve estar retida tão fundo no solo que teríamos de cavar semanas para achá-la.

Exato, disse Eragon satisfeito, mas desde que ela esteja lá, posso pegá-la. Veja! Ele aprofundou o buraco e acessou a magia mentalmente. Em vez de transformar a terra em água, ele simplesmente trouxe à superfície a umidade que já estava na terra. Com um gotejar sutil, a água encheu o buraco. Ele sorriu e bebeu dela. O líquido era fresco e puro, perfeito para beber. Viu! Podemos obter tudo o que quisermos!

Saphira cheirou a água. Aqui, tudo bem. Mas e no deserto? Pode não haver água bastante no subsolo para que você possa trazê-la à superfície.

Vai dar certo, garantiu Eragon a ela. Tudo que estou fazendo é trazer a água à superfície, que é uma tarefa bem fácil. Desde que eu faça isso lentamente, minhas forças resistirão. Mesmo que eu tenha de fazer subir a água que esteja a cinquenta passos embaixo da terra, não será problema. Especialmente se você me ajudar.

Saphira olhou para ele de modo incrédulo. Tem certeza? Pense bem na sua resposta, pois nossas vidas estarão em perigo se você estiver errado.

Eragon hesitou, mas depois disse confiante: Tenho certeza.

Então, vá contar ao Murtagh. Ficarei de vigia enquanto vocês dormem.

Mas você ficou acordada a noite toda, como nós, opôs-se ele. Você deve descansar.

Eu ficarei bem. Sou mais forte do que você pensa, disse ela gentilmente.

Ouviu-se o barulho das escamas arrastando umas nas outras enquanto ela se enrolava, mantendo um olho atento na direção do norte, onde estavam seus perseguidores. Eragon a abraçou, e ela produziu um zumbido baixo. Os lados do seu corpo vibraram. Vá.

Ele se demorou e relutante voltou até Murtagh, que perguntou:

– E então? O deserto está franqueado para nós?

– Está – confirmou Eragon.

Ele jogou-se de baixo de sua manta e explicou o que havia descoberto. Quando terminou, Eragon virou-se para a mulher. O rosto dela foi a última coisa que viu antes de dormir.

O RIO RAMR

Eles fizeram um esforço para acordar bem cedo, quando ainda estava escuro. Eragon tremeu por causa do ar frio.

– Como vamos transportar a elfa? Ela não pode ficar no dorso de Saphira por muito tempo, pois vai acabar se machucando nas escamas. Saphira não pode carregá-la em suas garras, pois iria cansá-la e tornaria o pouso muito perigoso. Não daria certo fazer uma maca, pois seria feita em pedaços durante nossa cavalgada, e eu não quero que os cavalos fiquem mais lentos por causa do peso de mais uma pessoa.

Murtagh refletiu sobre a questão enquanto selava Tornac. – Se você montasse em Saphira, poderíamos prender a elfa em Fogo na Neve, mas teríamos o mesmo problema das feridas.

Eu tenho uma solução, Saphira falou inesperadamente. Por que vocês não a amarram embaixo da minha barriga. Eu poderei me movimentar livremente, e ela estará mais segura do que em qualquer outro lugar. O único perigo será se os soldados atirarem flechas em mim, mas posso voar além do alcance delas facilmente.

Nenhum deles poderia ter uma ideia melhor, então adotaram a dela rapidamente. Eragon dobrou um dos cobertores dele ao meio, enrolou o corpo pequeno e delicado da elfa e levou-a até Saphira. Cobertores e roupas extras foram sacrificados para fazerem cordas compridas o bastante para envolver a cintura de Saphira. Usando essas cordas, a elfa foi presa na barriga de Saphira com as costas para dentro, sua cabeça ficou entre as patas dianteiras de Saphira. Eragon examinou o trabalho deles com um olhar crítico. – Temo que suas escamas possam cortar as cordas.

– Teremos de verificá-las frequentemente para ver se não estão desfiando – comentou Murtagh.

Podemos ir agora?, perguntou Saphira, e Eragon repetiu a questão.

Os olhos de Murtagh brilharam perigosamente, um sorriso apertado ergueu seus lábios. Olhou para trás, para o caminho pelo qual vieram, onde a fumaça do acampamento dos soldados era visível, e disse:

– Eu sempre gostei de corridas.

– E agora participamos de uma que vale as nossas vidas.

Murtagh pulou para cima da sela de Tornac e saiu trotando do acampamento. Eragon seguiu bem atrás montando Fogo na Neve. Saphira pulou para o alto com a

elfa. Ela voou baixo, perto do chão, para evitar que fosse vista pelos soldados. Desse modo, os três seguiram em direção ao sudoeste, para o distante deserto Hadarac.

Eragon sempre olhava para trás, de olho em seus perseguidores, enquanto cavalgavam. A mente dele, repetidas vezes, se voltava para a mulher. Uma elfa! Ele, de fato, havia visto uma, e estava com eles! Imaginou o que Roran pensaria disso. Ocorreu-lhe que, se um dia voltasse a Carvahall, teria dificuldade de convencer qualquer pessoa de que todas as suas aventuras aconteceram de verdade.

Durante o resto do dia, Eragon e Murtagh viajaram velozes por aquela terra, ignorando o desconforto e o cansaço. Fizeram os cavalos correrem o mais rápido que podiam sem matá-los. Às vezes, desmontavam e corriam a pé, para darem descanso a Tornac e a Fogo na Neve. Pararam apenas duas vezes, em ambas somente para deixar os cavalos comerem e beberem.

Embora os soldados de Gil'ead estivessem bem atrás naquele momento, Eragon e Murtagh tinham de evitar novos soldados cada vez que passavam perto de uma cidade ou vilarejo. De algum modo, um alerta sobre eles foi dado em toda a região. Por duas vezes, quase caíram em emboscadas na trilha, só escaparam porque Saphira conseguiu farejar os soldados que estavam à frente. Depois do segundo incidente, abandonaram a trilha de vez.

O crepúsculo suavizou o campo quando a noite lançou um manto preto em todo o céu. Viajaram durante toda a noite, vencendo os quilômetros de modo implacável. Nas altas horas da noite, o solo ergueu-se embaixo deles, formando colinas baixas repletas de cactos.

Murtagh apontou para a frente.

– Há uma cidade, Bullridge, a alguns quilômetros à frente, que devemos contornar. Com certeza, devem ter colocado soldados a postos para ver se nos acham. Devíamos tentar passar por eles enquanto está escuro.

Depois de três horas, viram os lampiões amarelados de Bullridge. Uma teia de soldados fazia patrulha entre fogueiras acesas em volta da cidade. Eragon e Murtagh esconderam as bainhas de suas espadas e desmontaram cuidadosamente. Guiaram os cavalos através de um longo desvio em volta de Bullridge, escutando atentamente, para evitar tropeçarem em algum acampamento.

Com a cidade atrás deles, Eragon relaxou um pouco. O amanhecer finalmente encheu o céu com um rubor delicado e esquentou o ar frio da noite. Pararam no alto de uma colina para observar a área que os cercava. O rio Ramr estava à

esquerda, mas também estava a oito quilômetros à direita de onde estavam. O rio continuava rumo ao sul por vários quilômetros e, depois, volvia em torno de si mesmo, formando uma volta circular estreita antes de se curvar para o oeste. Percorreram mais de setenta e sete quilômetros em um dia.

Eragon recostou-se contra o pescoço de Fogo na Neve, satisfeito com a distância que haviam percorrido. – Vamos achar uma ravina ou uma depressão onde possamos dormir sossegados. – Eles pararam perto de uma aglomeração de juníperos e esticaram seus cobertores embaixo deles. Saphira esperou pacientemente enquanto desamarravam a elfa de sua barriga.

– Farei o primeiro turno da vigia e vou acordá-lo no meio da manhã – disse Murtagh colocando sua espada desembainhada em cima dos joelhos. Eragon resmungou, consentindo, e puxou os cobertores até a altura dos ombros.

O anoitecer encontrou-os cansados e sonolentos, mas determinados a continuar. Enquanto preparavam-se para partir, Saphira comentou com Eragon: Esta é a terceira noite desde que salvamos você em Gil'ead, e a elfa ainda não acordou. Estou preocupada. Ela não bebeu ou comeu durante todo esse tempo. Sei pouco sobre elfos, mas ela está fraca. Duvido que consiga sobreviver durante muito tempo se não receber algum alimento.

– O que há de errado? – perguntou Murtagh por cima do dorso de Tornac.

– A elfa – respondeu Eragon, baixando o olhar em direção a ela. – Saphira está preocupada porque ela não acordou nem se alimentou, isso me perturba também. Curei suas feridas, pelo menos na superfície, mas parece que isso não fez bem nenhum a ela.

– Talvez o Espectro tenha mexido na mente dela – sugeriu Murtagh.

– Então, precisamos ajudá-la.

Murtagh ajoelhou-se ao lado da mulher. Ele examinou-a com cuidado, depois balançou a cabeça e pôs-se de pé. – Pelo que vi, ela está apenas dormindo. Parece que eu poderia acordá-la com uma palavra ou com um toque, porém ela continua adormecida. Esse estado de coma pode ser algo que os elfos impõem a si mesmos para fugir da dor dos ferimentos, mas se é assim, por que ela não termina com isso? Agora, não há mais perigo para ela.

– Mas será que ela sabe disso? – perguntou Eragon baixinho.

Murtagh pôs uma das mãos no ombro dele. – Isso precisa esperar. Temos de partir agora ou arriscaremos perder a vantagem que ganhamos com muito esforço. Você pode cuidar dela depois quando pararmos.

– Só farei uma coisa antes – anunciou Eragon. Ele ensopou um pano e espremeu-

o para que a água caísse entre os lábios perfeitos da elfa. Fez isso várias vezes e umedeceu sua testa acima das sobrancelhas uniformes e angulosas, sentindo-se estranhamente protetor.

Seguiram pelas colinas, evitando os topos com medo de serem vistos por sentinelas. Saphira ficou com eles no solo pelo mesmo motivo. Apesar de seu grande corpo, andava silenciosamente, somente a cauda podia ser ouvida arrastando sobre o chão, como uma grande cobra azul.

Finalmente o céu ficou mais claro no leste. A estrela da manhã Aiedail apareceu quando eles chegaram à margem de uma escarpa íngreme coberta de montes de vegetação. A água rugia lá embaixo como se cortasse as pedras e fluísse entre os galhos.

– O Ramr! – disse Eragon mais alto do que o barulho.

Murtagh concordou com a cabeça. – Isso! Precisamos encontrar um lugar para cruzá-lo em segurança.

Não será necessário, disse Saphira. Posso atravessar todos vocês, não importa qual seja a largura do rio.

Eragon ergueu o olhar para seu corpo azul-acinzentado: E quanto aos cavalos? Não podemos deixá-los para trás. Eles são pesados demais para você levantá-los.

Desde que vocês não estejam montados e se eles não se debaterem muito, tenho certeza de que posso carregá-los. Se eu pude me desviar das flechas com três pessoas nas minhas costas, posso, com certeza, voar levando um cavalo, atravessando um rio em linha reta.

Acredito em você, mas só vamos tentar fazer isso se não houver outra saída. É perigoso demais.

Ela desceu a barragem com dificuldade. Não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar tempo aqui.

Eragon seguiu-a, guiando Fogo na Neve. A escarpa acabava de repente no Ramr, onde o rio corria escuro e ágil. Uma névoa branca subia das águas, como sangue soltando vapor no inverno. Era impossível ver o outro lado. Murtagh atirou um galho na corrente e observou-o ser levado, sacudindo na água agitada.

– Você acha que a profundidade é de quanto? – perguntou Eragon.

– Não sei dizer – respondeu Murtagh, com um tom de preocupação na voz. – Você pode ver a distância até o outro lado usando a sua magia?

– Acho que não, a não ser que eu ilumine este lugar como um farol.

Com um golpe de ar, Saphira levantou voo e planou alto sobre o Ramr. Depois de um curto espaço de tempo, ela disse: Estou na outra margem. O rio tem mais

de oitocentos metros de largura. Vocês não podiam ter escolhido um lugar pior para atravessá-lo. O Ramr faz uma curva neste ponto, que é o mais largo dele.

– Oitocentos metros! – exclamou Eragon. Ele falou a Murtagh sobre a oferta de Saphira para levá-los voando à outra margem.

– Prefiro não tentar fazer isso, pelo bem dos cavalos. Tornac não está tão acostumado com Saphira quanto Fogo na Neve. Ele pode entrar em pânico e machucar a ambos. Peça a Saphira para procurar lugares rasos onde possamos atravessar nadando em segurança. Se não houver nenhum ponto com essas características no raio de dois quilômetros, sem importar para que lado seja, então acho que ela poderia nos rebocar em uma jangada.

Atendendo ao pedido de Eragon, Saphira concordou em procurar um lugar mais raso. Enquanto ela explorava, eles agacharam-se perto dos cavalos e comeram pão seco. Não demorou para Saphira voltar, suas asas cor de violeta sussurravam no céu do começo do crepúsculo. O rio é fundo e caudaloso tanto para cima quanto para baixo.

Assim que ouviu isso, Murtagh disse: – É melhor que eu vá primeiro, assim poderei cuidar dos cavalos. – Ele pulou para cima da sela de Saphira. – Tenha cuidado com Tornac. Eu o tenho há muitos anos. Não quero que nada aconteça a ele. – Depois, Saphira decolou.

Quando ela voltou, a elfa inconsciente já havia sido desamarrada de sua barriga. Eragon levou Tornac até Saphira, ignorando o relinchar baixo do cavalo. Saphira apoiou-se nas patas traseiras para poder agarrar o cavalo em volta da barriga com as suas patas dianteiras. Eragon olhou suas garras fantásticas e disse:

– Espere! – Ele reposicionou o cobertor da sela de Tornac, prendendo-o na barriga do animal, de modo a proteger a pele inferior, mais macia, e fez um sinal para que Saphira prosseguisse.

Tornac bufou de medo e tentou sair correndo quando as patas dianteiras de Saphira o agarraram pelos lados, mas ela o segurou com força. O cavalo arregalou os olhos de modo desesperado, o branco dos olhos serviu de mera moldura para as pupilas dilatadas. Eragon tentou acalmar Tornac ao tocar a mente dele, mas o pânico do animal resistiu a seu toque. Antes que Tornac pudesse tentar escapar novamente, Saphira pulou rumo ao céu. As pernas traseiras dela impulsionaram com tanta força que suas garras chegaram a marcar as pedras que estavam embaixo. Suas asas fizeram uma força gigantesca, lutando para erguer a enorme carga. Por um momento, parecia que ela ia cair no chão, mas, com um movimento abrupto para cima, disparou no ar. Tornac relinchava de pavor, dando coices e se

debatendo. O som era terrível, como o de metal chiando.

Eragon xingou, imaginando se havia alguém perto o bastante para ouvir. É melhor você se apressar, Saphira. Ele prestou atenção para ver se escutava alguns soldados enquanto esperava, observando a paisagem escura, procurando a luz de tochas reveladoras. Logo, viu tal luz, em uma fila de homens a cavalo descendo um barranco a quase cinco quilômetros de distância.

Quando Saphira pousou, ele levou Fogo na Neve até ela. O animal tolo de Murtagh está histérico. Ele teve de prender Tornac para evitar que fugisse. Ela agarrou Fogo na Neve e levou-o, ignorando os protestos do cavalo. Eragon observou-a partir, sentindo-se sozinho na noite. Os homens estavam a menos de dois quilômetros de distância.

Finalmente, Saphira chegou para pegá-lo e logo eles estavam novamente em terra firme, com o Ramr atrás deles. Assim que os cavalos se acalmaram e suas selas foram reajustadas, eles recomeçaram sua viagem até as montanhas Beor. O ar estava repleto de cantos de pássaros que acordavam para um novo dia.

Eragon adormecia até quando andava. E mal percebia que Murtagh estava com tanto sono quanto ele. Havia momentos em que nenhum deles guiava os cavalos, e era apenas a vigilância de Saphira que os mantinha no curso.

Finalmente o solo ficou macio e cedia embaixo dos pés deles, forçando-os a parar. O sol estava alto no céu. O rio Ramr não era mais do que uma linha indistinta atrás deles.

Eles haviam chegado ao deserto Hadarac.

O DESERTO HADARAC

Uma vasta extensão de dunas estendia-se até o horizonte como ondas em um oceano. Golpes de vento faziam a areia dourado-avermelhada girar no ar. Árvores irregulares cresciam em pontos espalhados de solo firme, que qualquer fazendeiro declararia ser inapto para plantar. Erguendo-se ao longe, havia uma linha de penhascos de cor púrpura. A desolação impressionante estava isenta de quaisquer animais, com exceção de um pássaro que planava no leve vento ocidental.

– Você tem certeza de que acharemos comida para os cavalos ali? – perguntou Eragon, engolindo as palavras. O ar quente e seco feria sua garganta.

– Está vendo aquilo? – perguntou Murtagh, apontando para os penhascos. – Grama cresce em volta deles. É curta, mas resistente, e os cavalos a acharão satisfatória.

– Espero que você esteja certo – disse Eragon, apertando os olhos em direção ao sol. – Antes de continuarmos, vamos descansar. Meu raciocínio está tão lento quanto uma lesma, e mal posso mover minhas pernas.

Desamarraram a elfa de Saphira, comeram e deitaram na sombra de uma duna para tirar uma soneca. Enquanto Eragon ajeitava-se na areia, Saphira enrolou-se perto dele e esticou suas asas sobre eles. Este lugar é maravilhoso, disse ela. Eu poderia ficar anos aqui sem notar o tempo passando.

Eragon fechou os olhos. Seria um belo lugar para voar, concordou ele sonolento.

Mas não é só isso. Sinto como se tivesse sido feita para este deserto. Ele tem o espaço de que eu preciso, montanhas onde eu poderia me abrigar e presas camufladas que eu poderia passar dias caçando. E o calor! O frio não me incomoda, mas este calor me faz sentir viva e cheia de energia. Ela ergueu sua cabeça em direção ao céu, esticando-se satisfeita.

Você gosta daqui tanto assim?, resmungou Eragon.

Gosto.

Então, quando tudo estiver terminado, talvez possamos voltar... Ele caiu no sono enquanto falava. Saphira estava contente e murmurava baixinho enquanto ele e Murtagh descansavam.

Era a manhã do quarto dia posterior à saída deles de Gil'ead. Já haviam percorrido cerca de cento e setenta quilômetros.

Dormiram apenas durante tempo suficiente para clarear a mente e descansar os cavalos. Nenhum soldado podia ser visto atrás deles, mas isso não os iludiu quanto

a diminuírem o ritmo e seus passos. Eles sabiam que o Império continuaria procurando até que estivessem muito além do domínio do rei. Eragon disse: – Mensageiros devem ter levado a notícia da minha fuga para Galbatorix. Ele já deve ter alertado os Ra'zac, que já devem estar seguindo nossos rastros agora. Vão demorar um tempo para nos alcançar, mesmo voando, mas devemos estar preparados para enfrentá-los a qualquer momento.

E, desta vez, eles vão ver que eu não sou tão fácil de se prender com correntes, disse Saphira.

Murtagh coçou o queixo. – Espero que não consigam nos seguir além de Bullridge. O Ramr foi um modo muito eficaz de despistar quem nos perseguia, há uma boa chance de nossos rastros não serem encontrados de novo.

– Devemos torcer para isso realmente – disse Eragon, enquanto checava a elfa. A condição dela não havia se modificado. Ela ainda não reagia às investidas dele. – Mas não quero confiar na sorte agora. Os Ra'zac podem estar nos seguindo enquanto conversamos.

Ao pôr do sol, eles chegaram aos penhascos que viram de longe naquela manhã. As formações rochosas altas e imponentes elevavam-se acima deles, projetando sombras fracas. A área em volta não tinha dunas em um raio de oitocentos metros. O calor atacou Eragon como um golpe físico quando desmontou de Fogo na Neve, pisando no chão ressecado e rachado. A nuca e o rosto dele estavam queimados pelo sol. Sua pele estava quente e ardendo.

Depois de prenderem os cavalos onde pudessem mordiscar a grama esparsa, Murtagh acendeu uma fogueirinha. – Quantos quilômetros você acha que percorremos? – perguntou Eragon, tirando a elfa de Saphira.

– Eu não sei! – respondeu Murtagh rispidamente. Sua pele estava vermelha, como seus olhos. Ele pegou uma panela e xingou entre os dentes. – Não temos água o bastante. E os cavalos precisam beber.

Eragon estava tão irritado quanto ele por causa do calor e da falta de umidade, mas conseguiu controlar seu gênio.

– Traga os cavalos. – Saphira fez um buraco para ele usando as garras, depois Eragon fechou os olhos, proferindo o encantamento. Embora o solo estivesse seco, havia umidade o bastante para as plantas sobreviverem e o suficiente para ele encher o buraco várias vezes.

Murtagh encheu os odres quando a água se acumulou no buraco e chegou para o lado, deixando os cavalos beberem. Os animais sedentos beberam vários litros dando grandes goles. Eragon foi forçado a retirar o líquido cada vez mais fundo na

terra para satisfazê-los. Isso exauriu suas forças até o limite. Quando os cavalos estavam finalmente saciados, ele disse a Saphira: Se você precisar beber, beba agora. A cabeça dela passou como uma cobra em volta dele, e ela tomou dois longos goles, nada mais.

Antes de deixar a água voltar a penetrar no solo, Eragon bebeu o máximo que podia e observou os últimos pingos desaparecerem na terra. Manter a água na superfície era mais difícil do que ele esperava. Mas, pelo menos, está dentro da minha capacidade, ponderou lembrando com certo prazer como, uma vez, fez um grande esforço para erguer uma pedrinha.

Estava muito frio quando acordaram no dia seguinte. A areia tinha uma tonalidade rosada sob a luz da manhã, e o céu estava nebuloso, escondendo o horizonte. O humor de Murtagh não melhorou com o sono, e Eragon notou que o dele piorava rapidamente. Durante o café da manhã, perguntou: – Você acha que vai demorar para sairmos do deserto?

Murtagh olhou para ele com uma expressão zangada. – Nós atravessamos apenas uma pequena parte, então só posso supor que levaremos uns dois ou três dias.

– Mas veja como já chegamos longe.

– Tudo bem, talvez não demore tanto! Agora, só me importa sair do Hadarac o mais rápido possível. O que estamos fazendo já é muito difícil sem ter de tirar areia dos olhos a cada minuto.

Eles acabaram de comer, e Eragon foi até a elfa. Ela estava deitada como se estivesse morta, parecendo um cadáver, com exceção de sua respiração ritmada.

– Onde está o seu mal? – sussurrou Eragon, tirando uma mecha de cabelo da testa da elfa. – Como você consegue dormir deste jeito e continuar viva? – A imagem dela, alerta e equilibrada na cela da prisão, ainda estava vívida em sua mente. Preocupado, ele a preparou para viajar e depois selou e montou Fogo na Neve.

Ao levantarem acampamento, uma linha de manchas escuras se tornou visível no horizonte, indistinta no ar nebuloso. Murtagh achava que eram colinas distantes. Eragon não estava convencido, mas não podia obter mais nenhum detalhe sobre aquilo.

O problema da elfa enchia os pensamentos dele. Eragon tinha certeza de que algo devia ser feito para ajudá-la ou ela iria morrer, embora não soubesse o quê. Saphira estava tão preocupada quanto ele. Falaram sobre isso durante horas, mas nenhum deles sabia o bastante sobre cura para resolver o problema que os

desafiava.

Ao meio-dia, pararam para um breve descanso. Quando recomeçaram a jornada, Eragon notou que a névoa havia diminuído desde a manhã e que as manchas distantes ganharam mais definição.

Deixaram de ser massas indistintas de um tom azul-púrpura e viraram montanhas grandes, cobertas de florestas, com traços definidos. O ar acima delas era branco, pálido, desprovido de sua tonalidade usual, toda a cor parecia ter sido apagada de uma faixa horizontal do céu, que ficava no topo das colinas e se estendia até os limites do horizonte.

Olhou admirado, mas quanto mais tentava compreender aquilo, mais confuso ficava. Piscou e balançou a cabeça, pensando que devia ser alguma ilusão criada pelo ar do deserto. Contudo, quando abriu os olhos, a incongruência ainda estava lá. De fato, o branco cobria metade do céu na frente deles. Certo de que algo estava terrivelmente errado, começou a falar sobre aquilo com Murtagh e Saphira quando, de repente, entendeu o que estava vendo.

O que eles achavam ser colinas, na verdade, eram as bases de montanhas gigantescas, com vários quilômetros de extensão. Exceto pelas densas florestas ao longo de suas regiões mais baixas, as montanhas eram cobertas inteiramente por neve e gelo. Foi isso que iludiu Eragon e o fez pensar que o céu estava branco. Inclinou o pescoço para trás, tentando ver os picos, mas não estavam visíveis. As montanhas esticavam-se, subindo ao céu, até desaparecerem de vista. Vales estreitos e irregulares, com reentrâncias que quase dividiam as montanhas, formavam gargantas muito fundas. Parecia uma muralha de margens irregulares, cheia de dentes que ligava a Alagaësia aos céus.

Elas não têm fim!, pensou ele admirado. As histórias que faziam menção às montanhas Beor sempre destacavam seu tamanho, mas ele sempre via tais comentários como simples fatores decorativos da narrativa. Contudo, naquele momento, foi forçado a reconhecer sua autenticidade.

Sentindo a surpresa e a admiração dele, Saphira acompanhou o olhar dele com o seu. Em poucos segundos, ela reconheceu as montanhas pelo que eram de fato. Eu me sinto como um filhote recém-saído do ovo novamente. Comparada a elas, até eu me sinto pequena!

Devemos estar perto do fim do deserto, disse Eragon. Só viajamos dois dias e já podemos ver os limites dele e além!

Saphira voava em espiral acima das dunas. De fato, mas considerando o tamanho daqueles picos, eles ainda podem estar a duzentos e cinquenta

quilômetros daqui. É difícil medir distâncias tendo como base algo tão imenso. Elas não seriam um esconderijo perfeito para os elfos ou para os Varden?

Poderiam esconder mais do que os elfos e os Varden, afirmou ele. Nações inteiras poderiam viver lá em segredo, escondidas do Império. Imagine viver com aqueles gigantes pairando acima de você! Ele guiou Fogo na Neve até Murtagh e apontou, sorrindo.

– O que foi? – resmungou Murtagh, examinando o terreno.

– Olhe com atenção – insistiu Eragon.

Murtagh olhou atentamente para o horizonte. Ele deu de ombros.

– O que foi? Não estou.... – As palavras morreram em sua boca, dando espaço para uma expressão de espanto, de queixo caído. Murtagh balançou a cabeça, balbuciando. – Isso é impossível! – Fez tanta força para olhar com os olhos semicerrados que rugas se formaram em seu rosto. Balançou a cabeça de novo. – Eu sabia que as montanhas Beor eram grandes, mas não que tinham esse tamanho monstruoso!

– Vamos torcer para que os animais que vivem lá não tenham seu tamanho proporcional às montanhas – disse Eragon brincando.

Murtagh sorriu. – Será bom ter um pouco de sombra e passar algumas semanas descansando. Estou farto desta marcha forçada.

– Eu também estou cansado – admitiu Eragon. – Mas não quero parar até que a elfa esteja curada... ou ela morrerá.

– Não vejo como continuar viajando poderá ajudá-la – disse Murtagh seriamente. – Uma cama será melhor para ela do que ficar pendurada embaixo de Saphira o dia todo.

Eragon deu de ombros. – Pode ser... Quando chegarmos às montanhas, eu poderia levá-la a Surda, que não fica tão longe. Deve haver um curandeiro que possa ajudá-la. Nós, com certeza, não podemos.

Murtagh protegeu os olhos do sol com a mão e olhou fixamente para as montanhas Beor. – Podemos falar sobre isso depois. Agora, nosso objetivo é chegar até as Beor. Lá, pelo menos, os Ra'zac terão dificuldade para nos encontrar, e estaremos protegidos contra o Império.

Conforme o dia passava, não parecia que as montanhas Beor ficavam mais próximas, embora a paisagem tivesse mudado dramaticamente. A areia transformou-se lentamente, dos grãos soltos de tom avermelhado, em uma terra compacta, de cor escura. Em vez das dunas havia tufos irregulares de plantas e sulcos profundos no chão, onde inundações ocorreram. Uma brisa fria corria pelo

ar, proporcionando um frescor muito bem-vindo. Os cavalos pressentiram a mudança de clima e avançaram ansiosos.

Quando a noite venceu o sol, os sopés das montanhas estavam a meros cinco quilômetros de distância. Hordas de gazelas corriam pelos campos luxuriantes de grama ondulante. Eragon flagrou Saphira olhando para elas de modo apetitoso. Acamparam perto de um riacho, aliviados por terem saído do cruel deserto Hadarac.

UM CAMINHO REVELADO

Fatigados e cansados, mas com sorrisos triunfantes, sentaram em volta da fogueira, congratulando um ao outro. Saphira gritou jubilante, o que assustou os cavalos. Eragon olhou fixamente para as chamas. Estava orgulhoso por terem percorrido quase trezentos quilômetros em cinco dias. Era um feito impressionante, até mesmo para uma pessoa perita em montaria, que trocasse de cavalos com regularidade.

Estou fora do Império. Era um pensamento estranho. Ele nasceu no Império, viveu a vida toda sob o domínio de Galbatorix, perdeu seus amigos mais chegados e seus familiares para os servos do rei e quase morreu, várias vezes, sob o governo dele. Agora, Eragon estava livre. Ele e Saphira não precisariam mais se esquivar dos soldados, evitar cidades ou esconder quem eles eram. Era uma conquista agridoce, pois o custo foi a perda do mundo que ele tinha.

Eragon olhou para as estrelas no crepúsculo. E embora o sonho de estabelecer um lar na segurança do isolamento fosse algo que o agradasse, havia testemunhado coisas erradas em demasia, cometidas em nome de Galbatorix, desde assassinatos à escravidão, para dar as costas para o Império. Agora não era apenas o seu desejo de vingança, pela morte de Brom e de Garrow, que o incentivava. Como Cavaleiro, era dever dele ajudar aqueles que não tinham força para resistir à opressão de Galbatorix.

Com um suspiro, deixou seus pensamentos e passou a observar a elfa deitada ao lado de Saphira. A luz alaranjada do fogo deu uma aparência mais quente a seu semblante. Sombras delicadas dançavam sob as maçãs do rosto. Enquanto observava, uma ideia foi lhe ocorrendo lentamente.

Ele podia ouvir os pensamentos de pessoas e animais, e se comunicar com eles do modo que quisesse, mas isso era algo que não fazia sempre, com exceção de Saphira. Lembrou-se dos conselhos de Brom quanto a não violar a mente de alguém, a não ser que fosse absolutamente necessário. Exceto a vez em que tentou entrar na mente de Murtagh, evitava fazer isso.

Naquele momento, entretanto, ele pensava se seria possível fazer contato com a elfa em seu estado comatoso. Eu poderia descobrir nas memórias dela por que ela continua assim. Mas se ela se recuperar, será que vai me perdoar por tamanha intrusão? ... Não importa, eu devo tentar. Ela está neste estado há quase uma semana. Sem declarar suas intenções para Murtagh ou Saphira, ajoelhou-se ao lado da elfa e colocou a palma da mão em sua testa.

Eragon fechou os olhos e esticou um fio de pensamento, como um dedo

sondador, em direção à mente da elfa. Ele a encontrou sem dificuldade. Ela não era confusa e repleta de dor, como ele antecipava, era lúcida e límpida, como uma nota de um sino de cristal. De repente, uma adaga gelada fincou-se na mente dele. A dor explodiu atrás de seus olhos, com uma profusão de cores. Retraiu-se por causa do ataque, mas notou que estava preso por uma mão de ferro, incapaz de fugir.

Eragon lutou o máximo que podia e usou todas as defesas que lembrava. A adaga entrou na mente dele de novo. Jogou suas próprias barreiras na frente dela, de modo frenético, bloqueando o ataque. A dor foi menos excruciante do que a da primeira vez, mas atrapalhou sua concentração. A elfa aproveitou a oportunidade para esmagar as defesas dele sem piedade.

Um cobertor sufocante apertava Eragon de todas as direções, abafando seus pensamentos. A força dominadora contraía-se lentamente, espremendo a vida para fora dele pouco a pouco, embora ele aguentasse, relutando em desistir.

A elfa apertou a mão de ferro ainda mais, como se quisesse apagá-lo como uma vela. Ele gritou desesperadamente na língua antiga:

– Eka aí fricai un Shur'tugal! Sou um Cavaleiro e amigo! – O abraço mortal não afrouxou seu aperto, mas a compressão parou e ela emanou surpresa.

Um segundo depois, surgiu a desconfiança, mas sabia que ela acreditaria; ele não poderia mentir na língua antiga. Contudo, embora tenha dito que era amigo, isso não significava que não quisesse fazer mal a ela. Pelo que constava a ela, Eragon acreditava ser seu amigo, fazendo aquela afirmação ser verdadeira para ele, embora ela pudesse não considerá-lo amigo. A língua antiga tem as suas limitações, pensou Eragon, esperando que a elfa ficasse curiosa o bastante para soltá-lo.

Ela ficou. A pressão diminuiu e as barreiras em volta da mente dela abaixaram-se de modo hesitante. A elfa, apreensiva, deixou que seus pensamentos se tocassem, como dois animais selvagens que se encontravam pela primeira vez. Um calafrio correu pelo lado do corpo de Eragon. A mente dela era estranha. Parecia ser vasta e poderosa, contando com lembranças de anos inumeráveis. Pensamentos sombrios estavam fora do alcance e da vista, artefatos de sua raça fizeram-no se encolher de medo quando tocaram a mente dele. Apesar de tudo isso, as sensações brilhavam com uma melodia de beleza selvagem e pungente, que expressavam a identidade dela.

Qual é o seu nome?, perguntou ela falando na língua antiga. Sua voz tinha um tom preocupado e estava repleta de um desespero silencioso.

Eragon. E o seu? A mente dela o atraiu mais para perto, convidando-o a submergir no toque lírico de seu sangue. Ele resistiu à convocação com dificuldade, embora seu coração insistisse para aceitar. Pela primeira vez, entendeu a atração sobrenatural dos elfos. Eram criaturas mágicas, livres das leis mortais da terra, tão diferentes dos humanos quanto os dragões eram dos outros animais.

... Arya. Por que você fez contato comigo desta maneira? Ainda sou prisioneira do Império?

Não, você está livre!, respondeu Eragon. Embora não soubesse muitas palavras na língua antiga, ele conseguiu dizer: Eu estava preso em Gil'ead, como você, mas consegui fugir e a salvei. Nos cinco dias que se passaram desde então, atravessamos o deserto Hadarac e estamos acampados perto das montanhas Beor. Você não se mexeu e não disse uma palavra durante todo esse tempo.

Ah... então era Gil'ead. Ela fez uma pausa. Eu sei que minhas feridas foram curadas. Na ocasião, não entendi o porquê. Estava certa que foi para me preparar para novas torturas. Agora sei que foi você. Ela acrescentou docemente: Mesmo assim, não acordei, e você está confuso.

Isso.

Durante o meu cativeiro, um veneno raro, Skilna Bragh, foi dado a mim, junto com a droga para suprimir meus poderes. Todas as manhãs, o antídoto para a dose do dia anterior me era dado à força embora eu me recusasse a tomá-lo. Sem ele, eu morreria em poucas horas. É por isso que permaneço neste transe, que atrasa o progresso do Skilna Bragh, embora não possa detê-lo... Eu pensei na possibilidade de acordar e acabar com a minha vida, negando Galbatorix, mas evitei fazer isso na esperança de que você pudesse ser um aliado... A voz dela definhou fracamente.

Por quanto tempo você pode ficar assim?, perguntou Eragon.

Durante várias semanas, mas temo que não tenho tanto tempo. Esta dormência não pode evitar a morte para sempre... Posso sentir o veneno nas minhas veias agora. A não ser que eu receba o antídoto, sucumbirei ao veneno em três ou quatro dias.

Onde o antídoto pode ser encontrado?

Ele existe em apenas dois lugares fora do Império: com o meu povo e com os Varden. Entretanto, meu lar está além do alcance de alguém montado em um dragão.

E quanto aos Varden? Poderíamos levá-la direto para eles, mas não sabemos onde estão.

Eu direi a você, se der sua palavra de que nunca revelará a localização deles para Galbatorix ou para qualquer pessoa que o sirva. Além disso, deve jurar que não vai me enganar de maneira alguma e que não pretende fazer mal aos elfos, aos anões, aos Varden ou à raça dos dragões.

O que Arya pediu teria sido muito simples se eles não estivessem conversando na língua antiga. Eragon sabia que ela queria juramentos mais comprometedores do que a vida em si. Uma vez feitos, nunca poderiam ser quebrados. Isso pesou grandemente nele enquanto, de modo solene, dava sua palavra, concordando com a promessa.

Entendido... Uma série de imagens estonteantes apareceram de repente na mente dele. Ele viu a si mesmo cavalgando ao longo das montanhas Beor, viajando muitos quilômetros rumo ao leste. Eragon fez o melhor possível para se lembrar da rota enquanto montanhas escarpadas e colinas passavam depressa. Agora, rumava ao sul, ainda acompanhando as montanhas. Depois, tudo virou de repente, quando entrou em um vale estreito e sinuoso. Ele serpenteava entre as montanhas até a base de uma cachoeira espumante, que desaguava em um lago profundo.

As imagens pararam. É longe, disse Arya, mas não deixe que a distância o desanime. Quando você chegar ao lago Kóstha-mérna, no final do rio Dente de Urso, pegue uma pedra, bata no penhasco perto da cachoeira e grite: Aí varden abr du Shur'tugals gata vanta. Você será admitido. Você será desafiado, mas não vacile, por mais perigoso que pareça.

O que eles devem dar a você como antídoto para o veneno?, perguntou ele.

A voz dela tremeu, mas, depois, recuperou suas forças. Diga a eles para me darem o néctar de Túnivor. Agora, você deve me deixar... Já gastei energia demais. Não fale comigo de novo a não ser que não haja esperança de chegar até os Varden. Se for o caso, há informações que devo passar a você para que os Varden possam sobreviver. Adeus, Eragon, Cavaleiro de Dragões... minha vida está em suas mãos.

Arya rompeu o contato. A força sobrenatural que ecoava durante a ligação que eles mantiveram desapareceu. Eragon respirou fundo, tremendo, e fez força para abrir os olhos. Murtagh e Saphira estavam perto dele, um de cada lado, observando preocupados. – Você está bem? – perguntou Murtagh. – Você está ajoelhado aí há quase quinze minutos.

– Estou? – perguntou Eragon piscando.

Está, e fazendo caretas como uma gárgula sentindo dor, comentou Saphira secamente.

Eragon ficou em pé, fazendo uma expressão de dor no rosto quando seus joelhos dormentes se esticaram.

– Eu falei com Arya! – Murtagh franziu o rosto, de modo inquisitivo, como se questionasse se Eragon tinha ficado maluco. Mas Eragon explicou. – A elfa! Esse é o nome dela.

E o que a está molestando?, perguntou Saphira impaciente.

Eragon contou a eles rapidamente a conversa que teve com a mulher. – A que distância estão os Varden? – perguntou Murtagh.

– Não tenho muita certeza – confessou Eragon. – Pelo que ela me mostrou, acho que estão mais longe do que daqui até Gil'ead.

– E devemos cobrir essa distância em três ou quatro dias? – perguntou Murtagh zangado. – Levamos cinco longos dias para chegar aqui! O que você quer fazer, matar os cavalos? Eles estão extremamente exaustos.

– Mas se não fizermos nada, ela morrerá! Se for demais para os cavalos, Saphira pode voar comigo e com Arya, pelo menos chegaremos até os Varden a tempo. Você pode nos encontrar depois de alguns dias.

Murtagh resmungou e cruzou os braços. – É claro, Murtagh, o burro de carga. Murtagh, o tratador de cavalos. Eu devia lembrar que, hoje em dia, só sirvo para isso. Ah, e não vamos esquecer que todos os soldados do Império estão me procurando porque você não conseguiu se defender, e eu tive de sair e salvar você! Isso, acho que seguirei suas instruções e vou levar os cavalos, atrás de você, como um bom servo obediente.

Eragon ficou surpreso com o veneno repentino na voz de Murtagh. – O que há de errado com você? Sou grato pelo que fez. Não há motivo para ficar zangado comigo! Não pedi para você me acompanhar ou para ir me salvar em Gil'ead. A escolha foi sua. Não o forcei a fazer nada.

– Ah, abertamente, não. O que mais eu poderia fazer, além de ajudá-lo contra os Ra'zac? E, depois, em Gil'ead, como eu poderia abandoná-lo e ficar com a consciência tranquila? O seu problema – disse Murtagh cutucando o peito de Eragon – é que você é tão indefeso que força todo mundo a tomar conta de você!

As palavras feriram o orgulho de Eragon, que reconheceu um pouco de verdade nelas. – Não toque em mim – disse entre os dentes.

Murtagh riu, havia um tom ríspido na voz dele: – Se não, o quê? Vai me dar um soco? Você não conseguiria atingir nem uma parede de tijolos. – Ele empurrou Eragon de novo, mas Eragon agarrou o braço dele e o atingiu no estômago.

– Eu avisei, não me toque!

Murtagh se curvou, xingando. Depois, gritou e jogou-se para cima de Eragon. Caíram, embolando braços e pernas, socando um ao outro. Eragon deu um chute em direção ao lado direito do quadril de Murtagh, errou e acertou de leve na fogueira. Fagulhas e brasas incandescentes voaram pelos ares.

Lutaram no chão, um tentando ganhar vantagem sobre o outro. Eragon conseguiu colocar o pé embaixo do peito de Murtagh e empurrou-o com força. Murtagh voou por cima da cabeça de Eragon, caindo estatelado de costas, produzindo um forte baque.

A respiração de Murtagh falhou. Rolou com rigor e se pôs em pé, depois girou para ficar de frente para Eragon, ofegando muito. Partiram um para cima do outro mais uma vez. A cauda de Saphira chicoteou entre eles, acompanhada por um rugido ensurdecedor. Eragon ignorou-a e tentou pular por cima da cauda, mas uma pata cheia de garras o pegou em pleno ar e o jogou no chão.

Basta!

Ele, inutilmente, tentou tirar a musculosa pata de Saphira de cima do seu peito e viu que Murtagh estava preso da mesma maneira. Saphira rugiu de novo, estalando as mandíbulas. Jogou a cabeça para cima de Eragon e olhou fixamente para ele. Logo você! Lutando como um cão faminto por um pedaço de carne. O que Brom diria?

Eragon sentiu seu rosto ficar vermelho e desviou seu olhar. Ele sabia o que Brom diria. Saphira manteve os dois no chão, esperando que se acalmassem, e disse para Eragon enfaticamente: Agora, se não quiser passar a noite embaixo do meu pé, pergunte educadamente a Murtagh o que o está incomodando. Serpenteou sua cabeça até Murtagh e olhou para ele com seu olho azul impassível. E diga a ele que não tolerarei insultos de nenhum de vocês.

Você não vai nos deixar ficar em pé?, reclamou Eragon.

Não.

Relutante, Eragon virou a cabeça em direção a Murtagh, sentindo o gosto de sangue no canto da boca. Murtagh evitou o olhar dele e olhou para o céu. – Então, ela vai nos soltar?

– Não, a não ser que conversemos... Ela quer que eu lhe pergunte qual é realmente o problema – disse Eragon sem jeito.

Saphira rosnou de modo afirmativo e continuou a olhar fixamente para Murtagh. Era impossível para ele escapar do olhar penetrante dela. Finalmente, deu de ombros e balbuciou algo entre os dentes. As garras de Saphira apertaram o peito dele, e sua cauda assobiava no ar. Murtagh lançou para ela um olhar zangado e

disse mais alto, relutante:

– Eu já disse antes: não quero ir até os Varden.

Eragon franziu o rosto. Então, esse era o problema?

– Você não quer... ou não pode ir?

Murtagh tentou se livrar da pata de Saphira com um empurrão, depois desistiu, xingando. – Eu não quero! Eles vão esperar coisas de mim que não posso fazer.

– Você roubou algo deles?

– Queria que fosse tão simples assim.

Eragon girou os olhos, irritado. – Então, o que houve? Você matou alguém importante ou dormiu com a mulher errada?

– Não, eu nasci – disse Murtagh, enigmaticamente. Ele empurrou Saphira de novo. Dessa vez, ela soltou os dois. Eles ficaram em pé, sob os olhares atentos dela, e limparam a terra das costas.

– Você está evitando a pergunta – disse Eragon tocando de leve seu lábio cortado.

– E daí? – disparou Murtagh enquanto andava pesadamente até os limites do acampamento. Depois de um minuto ele suspirou. – Não importa por que estou nessa situação delicada, mas posso dizer que os Varden não me dariam as boas-vindas, mesmo que eu chegasse com a cabeça do rei em uma bandeja. Eles até poderiam me cumprimentar e me deixar participar de um de seus conselhos, mas confiar em mim? Nunca. E se eu chegasse sob circunstâncias menos fortuitas, como as atuais, seria bem provável que eles me colocassem preso a ferros.

– Você não vai me contar o porquê disso tudo? – perguntou Eragon. – Eu também já fiz coisas das quais não me orgulho, então também não sei se passarei pelo julgamento deles.

Murtagh balançou a cabeça lentamente, seus olhos brilhavam.

– Não é nada disso. Não fiz nada que mereça tal tratamento, embora seria mais fácil se fosse assim. Não... meu único erro é existir, em primeiro lugar. – Parou e respirou fundo, trêmulo. – Sabe, meu pai...

Um sibilo abrupto de Saphira o interrompeu de repente: Olhem!

Eles seguiram o olhar dela em direção ao oeste. O rosto de Murtagh ficou branco. – Monstros acima e abaixo!

A uns cinco quilômetros ou mais de distância, paralela à cadeia de montanhas, havia uma fila de silhuetas marchando para o leste. A fileira de soldados, que contava com centenas de homens, esticava-se por quase dois quilômetros. A poeira subia dos seus calcanhares. Suas armas brilhavam na luz que enfraquecia. Um

porta-estandarte ia à frente deles em uma carruagem negra, mantendo erguido um estandarte vermelho.

– É o Império – disse Eragon cansado. – Eles nos acharam... de alguma maneira. – Saphira esticou a cabeça acima do ombro dele e olhou fixamente para os soldados.

– É... mas são Urgals, não são humanos – disse Murtagh.

– Como você sabe?

Murtagh apontou para o estandarte.

– A bandeira ostenta o símbolo pessoal de um líder Urgal. Ele é um bruto impiedoso, dado a atos violentos e à insanidade.

– Você já o encontrou?

Murtagh apertou os olhos. – Uma vez, brevemente. Ainda tenho cicatrizes desse encontro. Esses Urgals podem não ter sido enviados aqui à nossa procura, mas tenho certeza de que já fomos avistados e de que eles nos seguirão. O líder não é do tipo que deixaria um dragão escapar das suas garras, especialmente se ele ouviu falar sobre o que aconteceu em Gil'ead.

Eragon correu até a fogueira e cobriu-a com terra. – Precisamos fugir! Você não quer ir até os Varden, mas eu preciso levar Arya até eles antes que ela morra. Vamos firmar esse compromisso: venha comigo até chegarmos ao lago Kósthamérna, depois você seguirá o seu caminho. – Murtagh hesitou. Eragon acrescentou rapidamente: – Se você partir agora, estando ao alcance da vista dos monstros, eles vão segui-lo. E depois como você ficará? Vai enfrentá-los sozinho?

– Tudo bem – disse Murtagh jogando seus alforjes sobre os flancos de Tornac. – Mas quando chegarmos perto dos Varden, eu partirei.

Eragon queria interrogar Murtagh ainda mais, porém não com os Urgals tão perto. Juntou seus pertences e selou Fogo na Neve. Saphira bateu suas asas e decolou depressa, voando em círculos acima deles. Montou guarda sobre Murtagh e Eragon enquanto eles levantavam acampamento.

Para qual direção devo voar?, perguntou.

Para o leste, acompanhando as Beor.

Contendo as asas, Saphira subiu em uma corrente ascendente e flutuou em uma coluna de ar quente, pairando no céu acima dos cavalos. Imagino por que os Urgals estão aqui. Talvez tenham sido enviados para atacar os Varden.

Então, devemos tentar alertá-los, disse ele guiando Fogo na Neve por entre obstáculos pouco visíveis. Conforme a noite avançava, os Urgals desapareciam na penumbra atrás deles.

Um conflito de desejos

Quando a manhã chegou, a bochecha de Eragon estava irritada por ter sido friccionada contra o pescoço de Fogo na Neve, e ele estava dolorido devido à sua luta com Murtagh. Eles dormiram alternadamente nas selas durante toda a noite. Isso permitiu que se distanciassem da tropa dos Urgals, mas nenhum dos dois podia determinar a vantagem que tinham obtido. Os cavalos estavam exaustos a ponto de quererem parar, mas, ainda assim, mantiveram um passo implacável. Entretanto, se isso era o bastante para escapar, dependia de quão os monstros estavam sossegados... e se os cavalos de Murtagh e Eragon conseguiriam sobreviver.

As montanhas Beor lançavam grandes sombras sobre a terra, roubando o calor do sol. Ao norte, estava o deserto Hadarac, uma fina faixa branca tão brilhante quanto a neve ao meio-dia.

Eu preciso comer, disse Saphira. Já se passaram dias desde a última vez que cacei. A fome está moendo minhas entranhas. Se eu começar agora, poderei pegar alguns daqueles veados para fazer uma boquinha.

Eragon riu por causa do exagero dela. Se você precisa ir, vá. Mas deixe Arya aqui.

Serei rápida. Ele desamarrou a elfa da barriga do dragão e a transferiu para a sela de Fogo na Neve. Saphira voou para longe, desaparecendo em direção às montanhas. Eragon correu ao lado dos cavalos, perto o bastante de Fogo na Neve para evitar que Arya caísse. Nem ele nem Murtagh quebraram o silêncio. A briga de ontem não parecia tão importante por causa dos Urgals, mas os hematomas continuavam presentes.

Saphira conseguiu caçar em uma hora e notificou Eragon sobre seu sucesso. Eragon ficou feliz porque ela voltaria logo. Sua ausência o deixava nervoso.

Pararam em um lago para deixar os cavalos beberem. Eragon puxou uma folha de grama preguiçosamente, girando-a enquanto olhava fixamente para a elfa. Foi despertado abruptamente do seu devaneio pelo som característico de uma espada sendo desembainhada. Instintivamente, pegou Zar'roc e virou-se, em busca do inimigo. Lá estava apenas Murtagh, com sua longa espada a postos. Apontou para uma colina à frente deles, onde um homem alto, vestindo um manto marrom, estava montado em um cavalo avermelhado, com uma clava na mão. Atrás dele havia um grupo de vinte homens em suas montarias. Ninguém se movia.

– Será que são os Varden? – perguntou Murtagh.

Eragon, sorrateiramente, preparou seu arco. – Segundo Arya, eles ainda estão a muitos quilômetros de distância. Esta pode ser uma das patrulhas deles.

– Pressupondo que não sejam bandidos. – Murtagh pulou para cima de Tornac e preparou seu próprio arco.

– Vamos tentar deixá-los para trás? – perguntou Eragon jogando um cobertor em cima de Arya. Os homens poderiam tê-la visto, mas Eragon esperava poder esconder o fato de que ela era uma elfa.

– Não adiantaria nada – disse Murtagh, balançando a cabeça. – Tornac e Fogo na Neve são valentes cavalos de batalha, mas estão cansados e não são bons velocistas. Olhe os cavalos que aqueles homens têm, foram feitos para correr. Eles nos alcançariam em menos de dois quilômetros. Além disso, podem ter algo importante a dizer. É melhor você pedir a Saphira para voltar correndo.

Eragon já estava fazendo isso. Ele explicou a situação e avisou: Não se mostre a não ser que seja necessário. Não estamos no Império, mas ainda não quero que ninguém saiba sobre você.

Não se incomode com isso, respondeu ela. Lembre, a magia pode protegê-lo quando a velocidade e a sorte falham. Ele sentiu que ela levantou voo e que vinha depressa em direção a eles, voando perto do chão.

O bando os observava da colina.

Nervosamente, Eragon agarrou Zar'roc. O punho envolto por cordões estava firme embaixo de sua luva. Ele disse em um tom de voz baixo: – Se eles nos ameaçarem, posso assustá-los com magia. Se isso não adiantar, temos Saphira. Gostaria de saber como reagiriam perante um Cavaleiro; muitas histórias foram contadas sobre o poder deles... Pode ser o bastante para evitarmos uma luta.

– Não conte com isso – disse Murtagh secamente. – Se houver uma luta, teremos de matar vários deles para convencê-los de que não valemos o risco. – Seu rosto exibia uma expressão controlada e impassível.

O homem no cavalo avermelhado fez um sinal com sua clava, mandando seu grupo, a meio-galope, em direção a eles. Os homens balançavam lanças acima da cabeça, gritando entusiasmados conforme se aproximavam. Bainhas de espadas surradas pendiam de suas cintas. As suas armas eram enferrujadas e manchadas. Quatro deles apontaram flechas para Eragon e Murtagh.

O líder girou sua clava no ar e seus homens responderam com gritos enquanto circundavam Eragon e Murtagh de modo selvagem. Os lábios de Eragon contorciam-se. Quase lançou uma explosão de magia no meio deles, mas achou melhor se conter. Ainda não sabemos o que eles querem, lembrou a si mesmo,

segurando sua apreensão crescente.

No momento em que Eragon e Murtagh estavam completamente cercados, o líder puxou as rédeas de seu cavalo. Cruzou os braços e olhou para eles de modo crítico. Ele levantou suas sobrancelhas.

– Bem, esses são melhores do que as porcarias que encontramos! Pelo menos, desta vez, são saudáveis. E nem tivemos de atirar neles. Grieg vai ficar satisfeito. – Os homens riram.

Ao ouvir essas palavras, uma sensação de agonia encheu o peito de Eragon. Uma suspeita rondava a mente dele. Saphira...

– Vocês dois – disse o líder, dirigindo-se para Eragon e Murtagh. – Seria bom que abaixassem suas armas, pois assim evitarão virar alvos vivos para as flechas dos meus homens. – Os arqueiros sorriam de modo sugestivo; os homens riram de novo.

O único movimento de Murtagh foi girar sua espada. – Quem são vocês e o que querem? Somos homens livres viajando por esta terra. Vocês não têm o direito de nos deter.

– Oh! Eu tenho todo o direito – disse o homem, com desdém. – E quanto ao meu nome, escravos não chamam seus senhores desse modo, a não ser que queiram apanhar.

Eragon xingou baixinho. Traficantes de escravos! Ele lembrou-se claramente das pessoas que viu sendo leiloadas em Dras-Leona. A raiva ferveu dentro dele. Olhou fixamente para os homens que os cercavam, com ódio e desgosto renovados.

As linhas de expressão destacaram-se no rosto do líder.

– Soltem suas espadas e rendam-se! – Os traficantes de escravos ficaram tensos, olhando para eles com olhares frios, quando nem Eragon nem Murtagh baixaram suas armas. A palma da mão de Eragon formigava. Ouviu um ruído vindo por trás, depois, um xingamento alto. Espantado, virou-se.

Um dos traficantes tinha puxado o cobertor de cima de Arya, revelando o rosto dela. Ele olhou boquiaberto e berrou: – Torkenbrand, esta aqui é da raça dos elfos! – Os homens agitaram-se, surpresos, enquanto o líder deu esporeadas no seu cavalo para chegar até Fogo na Neve. Olhou para baixo, na direção de Arya, e assoviou.

– Bem, quanto ela deve valer? – perguntou alguém.

Torkenbrand ficou em silêncio por um momento, depois abriu as mãos e disse:

– No mínimo? Fortunas em cima de fortunas. O Império pagará uma montanha de ouro por ela!

Os traficantes de escravos gritaram animados e bateram um nas costas do outro. Um rugido encheu a mente de Eragon quando Saphira apareceu, de repente, ao longe. Ataque agora!, gritou ele. Mas deixe que eles fujam se saírem correndo. Ela fechou as asas imediatamente e mergulhou para o chão. Eragon chamou a atenção de Murtagh com um sinal repentino. Murtagh entendeu a dica. Ele bateu violentamente com o cotovelo no rosto do traficante, jogando o homem para fora de seu cavalo, e golpeou Tornac com os calcanhares.

Jogando sua crina para trás, o cavalo deu um pulo para a frente, girou depressa e recuou. Murtagh brandiu sua espada enquanto Tornac voltava à sua posição normal, enfiando os cascos das patas dianteiras nas costas do traficante caído. O homem gritou.

Antes que os outros traficantes de escravos pudessem reagir, Eragon saiu do meio da confusão e ergueu as mãos, invocando palavras da língua antiga. Um globo de fogo azul índigo bateu no chão, no meio da briga, explodindo em milhões de gotas derretidas, e se dissipando como orvalho aquecido pelo sol.

Um segundo depois, Saphira caiu dos céus, pousando ao lado dele. Ela abriu largamente a boca, exibindo suas presas enormes e rugiu alto.

– Pasmem! – gritou Eragon mais alto do que o furor. – Eu sou um Cavaleiro! – Ele ergueu Zar'roc acima da cabeça, a lâmina vermelha brilhava sob a luz do sol, e a apontou para os traficantes. – Fujam se quiserem viver!

Os homens gritavam de modo incoerente e bateram uns nos outros por causa da pressa para fugir. Na confusão, Torkenbrand foi atingido na testa por um bastão. Ele caiu no chão, abalado. Os homens ignoraram seu líder caído e fugiram correndo, fazendo alarde, lançando olhares temerosos para Saphira.

Torkenbrand lutou para ficar de joelhos. O sangue escorria em sua testa, espalhando-se sobre a face como ramificações vermelhas. Murtagh desmontou e dirigiu-se até ele com passos largos, espada em punho. Torkenbrand ergueu fracamente seu braço, como se fosse repelir um golpe. Murtagh olhou friamente para ele e lançou sua espada em direção ao pescoço de Torkenbrand.

– Não! – gritou Eragon, mas era tarde demais.

O tronco decapitado de Torkenbrand despencou no chão, levantando um monte de poeira. A cabeça dele aterrissou produzindo um baque seco. Eragon correu até Murtagh, a mandíbula dele se agitava furiosamente. – Você ficou maluco? – gritou Eragon enfurecido. – Por que o matou?

Murtagh limpou sua espada no colete de Torkenbrand. O aço deixou uma mancha escura.

– Não entendo por que ficou tão contrariado...

– Contrariado! – explodiu Eragon. – Estou muito mais do que isso! Não lhe ocorreu que poderíamos deixá-lo aqui e seguir nosso caminho? Não! Em vez disso, você se transformou em um carrasco e arrancou a cabeça dele. O homem estava indefeso!

Murtagh ficou perplexo com a raiva de Eragon. – Bem, não podíamos deixar que ele ficasse por perto, ele era perigoso. Os outros fugiram... sem um cavalo, ele não conseguiria chegar longe. Eu não queria que os Urgals o achassem e descobrissem sobre Arya. Então, achei que seria...

– Mas matá-lo? – interrompeu Eragon. Saphira, curiosa, cheirava a cabeça de Torkenbrand. Ela abriu a boca levemente, como se fosse mordê-la, mas pensou duas vezes e foi vagueando para o lado de Eragon.

– Só estou tentando me manter vivo – afirmou Murtagh. – A vida de nenhum estranho é mais importante do que a minha.

– Mas você não pode praticar atos de violência injustificados. Onde está a sua empatia? – protestou Eragon apontando para a cabeça.

– Empatia? Empatia? Que empatia posso ter para com meus inimigos? Devo hesitar quanto a me defender porque isso poderá causar dor a outra pessoa? Se fosse assim, eu já teria morrido há muitos anos! Você deve estar disposto a proteger a si mesmo e as coisas às quais dá valor, não importa a que custo.

Eragon enfiou Zar'roc com toda a força em sua bainha, balançando a cabeça freneticamente. – Você pode justificar qualquer atrocidade com esse argumento.

– Você acha que gosto disso? – gritou Murtagh. – Minha vida é ameaçada desde o dia que nasci! Todas as horas que passei acordado foram gastas evitando o perigo, de uma forma ou de outra. E o sono nunca vem fácil porque sempre me preocupo se viverei para ver outro amanhecer. Se houve algum momento em que me senti seguro, foi dentro do ventre da minha mãe, embora nem lá estivesse a salvo! Você não entende... Se vivesse com esse medo, teria aprendido a mesma lição que aprendi: não corra riscos. – Ele apontou para o corpo de Torkenbrand. – Ele era um risco que eu eliminei. Recuso a me arrepender e não me atormentarei pelo que está feito e superado.

Eragon projetou seu rosto em direção ao de Murtagh.

– Ainda assim, você não fez o certo. – Ele prendeu Arya em Saphira e montou em Fogo na Neve. – Vamos. – Murtagh contornou com Tornac o corpo de Torkenbrand, caído de frente na terra manchada de sangue.

Cavalgaram a uma velocidade que Eragon achava ser impossível uma semana

atrás, os quilômetros desmanchavam-se perante eles como se houvesse asas presas em seus pés. Seguiram rumo ao sul, entre os dois braços abertos das montanhas Beor. Tais braços pareciam pinças prestes a se fecharem. As extremidades deles ficavam a um dia de distância uma da outra. Contudo, a distância parecia ser menor devido ao tamanho das montanhas. Era como se eles estivessem em um vale feito para gigantes.

Quando pararam naquele dia, Eragon e Murtagh jantaram em silêncio, recusando-se a desviar o olhar da comida. Depois de comerem, Eragon disse de forma sucinta: – Farei o primeiro turno da vigia. – Murtagh concordou com a cabeça e deitou em seus cobertores, de costas para Eragon.

Você quer conversar?, perguntou Saphira.

Agora, não, resmungou Eragon. Preciso de algum tempo para pensar. Estou... confuso.

Ela retirou-se da mente dele com um toque suave e com um sussurro:

Eu amo você, pequenino.

E eu amo você, disse ele. Ela enrolou-se, formando uma bola ao lado dele, emprestando-lhe seu calor. Ele ficou sentado, imóvel, no escuro, lutando com sua inquietação.

VOO PELO VALE

De manhã, Saphira levantou voo com Eragon e Arya. Eragon queria ficar longe de Murtagh por um tempo. Ele tremia ajustando suas roupas, deixando-as mais apertadas. Parecia que ia nevar. Saphira ascendeu preguiçosamente em uma corrente e perguntou: Em que você está pensando?

Eragon contemplava as montanhas Beor, que se elevavam muito acima deles, embora Saphira estivesse voando bem alto. Ontem, aquilo foi assassinato. Não tenho outra palavra para isso.

Saphira virou para a esquerda. Foi um ato impetuoso e de mau julgamento, mas Murtagh tentou fazer o certo. Os homens que compram e vendem outros humanos merecem todo tipo de infortúnio que cair sobre eles. Se não estivéssemos comprometidos em ajudar Arya, eu caçaria todos aqueles traficantes de escravos e os faria em pedaços!

Certo, disse Eragon pesaroso. Mas Torkenbrand estava indefeso. Não podia se proteger ou fugir. Um instante a mais e ele, provavelmente, teria se rendido. Murtagh não deu a ele essa chance. Se Torkenbrand estivesse, pelo menos, em condição de lutar, não teria sido tão ruim.

Eragon, mesmo se Torkenbrand tivesse lutado, o resultado teria sido o mesmo. Você sabe tão bem quanto eu que poucos podem se igualar a você e a Murtagh no manejo da espada. Torkenbrand teria morrido de qualquer maneira, embora você ache que teria sido mais justo ou honroso em um duelo, mesmo que eles não estivessem em iguais condições.

Eu não sei o que é certo!, admitiu Eragon agoniado. Não há resposta que faça sentido.

Às vezes, disse Saphira docemente, não existem respostas. Aprenda o que pode sobre Murtagh com isso. Depois, perdoe-o. Se não puder perdoar, pelo menos esqueça, pois ele não desejava fazer mal, mesmo que o ato tenha sido imprudente. A sua cabeça continua no lugar, não é?

Franzindo o rosto, Eragon ajeitou-se na sela. Sacudiu o corpo, como um cavalo tentando se livrar de uma mosca, e verificou a posição de Murtagh por cima do ombro de Saphira. Uma mancha colorida, atrás, na rota que percorreram, chamou a atenção dele.

Os Urgals estavam acampados perto do leito de um riacho que eles haviam atravessado no final do dia anterior. As batidas do coração de Eragon aceleraram. Como os Urgals, mesmo estando a pé, conseguiram se aproximar tanto deles?

Saphira também viu os monstros e fechou as asas, deixando-as perto do seu corpo, e iniciou um mergulho de nariz, cortando o ar. Acho que eles não nos viram, disse ela.

Eragon esperava que não tivessem visto. Olhou com os olhos semicerrados, contra o vento forte, quando ela aumentou o ângulo do mergulho. O líder deve estar impondo a eles um passo rápido demais, disse ele.

É... talvez todos eles morram de cansaço.

Quando eles pousaram, Murtagh perguntou rispidamente:

– O que houve agora?

– Os Urgals estão nos alcançando – disse Eragon. Ele apontou para o acampamento.

– Quanto ainda temos que percorrer? – perguntou Murtagh colocando suas mãos contra o céu, contando as horas até o pôr do sol.

– Normalmente?... acho que uns cinco dias. Na velocidade em que estamos viajando, só uns três. Mas se não chegarmos lá amanhã, os Urgals provavelmente nos alcançarão, e Arya certamente morrerá.

– Ela pode aguentar mais um dia.

– Não podemos contar com isso – contrapôs Eragon. – O único modo de chegarmos aos Varden a tempo é não pararmos para nada, muito menos para dormir. É a nossa única chance.

Murtagh riu amargamente. – Como espera fazer isso? Já estamos há dias sem dormir direito. A não ser que os Cavaleiros sejam feitos de um material diferente de nós, pobres mortais, você deve estar tão cansado quanto eu. Percorremos uma distância impressionante, e os cavalos, caso você não tenha notado, estão a ponto de cair no chão. Outro dia nesse ritmo poderá ser fatal para todos nós.

Eragon deu de ombros. – Então, assim seja. Não temos outra escolha.

Murtagh contemplou as montanhas.

– Eu poderia partir e deixar você ir voando na frente com Saphira... Isso forçaria os Urgals a dividirem seu grupo e lhe daria mais chances de chegar aos Varden.

– Isso seria suicídio – disse Eragon cruzando os braços. – De algum modo, aqueles Urgals andam mais rápido a pé do que nós a cavalo. Passariam por cima de você como fariam com um veado. O único modo de evitá-los é achar abrigo com os Varden. – Apesar de suas palavras, ele não tinha certeza se queria que Murtagh ficasse. Gosto dele, confessou Eragon a si mesmo. Mas não tenho mais tanta certeza de que isso seja bom.

– Eu fugirei depois – disse Murtagh abruptamente. – Quando chegarmos aos

Varden, posso desaparecer por um vale lateral e seguir para Surda, onde poderei me esconder sem chamar muita atenção.

– Então, você vai ficar?

– Dormindo ou não, vou acompanhá-lo até os Varden – prometeu Murtagh.

Com determinação renovada, esforçaram-se para se distanciar dos Urgals, embora seus perseguidores continuassem a aproximar-se de modo desagradável. À noite, os monstros estavam um terço mais perto do que estavam de manhã. Conforme a fadiga corroía as forças dele e de Murtagh, eles dormiam, se revezando, em cima dos cavalos. E quem ficava acordado, levava os cavalos na direção certa.

Eragon confiou cegamente nas lembranças de Arya para guiá-los. Devido à natureza estranha da mente dela, às vezes ele errava a rota, ao custo de um precioso tempo. Gradualmente, seguiram rumo ao sopé do braço leste das montanhas, à procura do vale que os levaria até os Varden. A meia-noite chegou e passou sem dar nenhum sinal dele.

Quando o sol voltou, ficaram satisfeitos ao ver que os Urgals tinham ficado bem atrás. – Este é o último dia – disse Eragon dando um grande bocejo. – Se não estivermos bem próximos dos Varden até o meio-dia, voarei na frente com Arya. Aí, estará livre para ir aonde quiser, mas terá de levar Fogo na Neve junto. Não poderei voltar para pegá-lo.

– Talvez isso não seja necessário, ainda podemos chegar lá a tempo – disse Murtagh. Ele esfregou o cabo de sua espada.

Eragon deu de ombros. – Podemos. – Ele foi até Arya e colocou a mão em sua fronte. Estava úmida e perigosamente quente. Seus olhos mexiam-se de modo inquieto embaixo das pálpebras, como se estivesse tendo um pesadelo. Eragon colocou um pano úmido em sua testa, desejando poder fazer mais.

No fim da manhã, depois que circundaram uma montanha particularmente extensa, Eragon viu um vale estreito, espremido no lado oposto ao deles. Era tão restrito que poderia passar despercebido facilmente. O rio Dente de Urso, que Arya havia mencionado, fluía dele e fazia a volta negligentemente sobre a terra. Sorriu aliviado, era para onde eles deviam ir.

Ao olhar para trás, Eragon ficou alarmado quando viu que a distância entre eles e os Urgals havia diminuído para um pouco menos de cinco quilômetros. Apontou o vale para Murtagh. – Se pudermos entrar ali sem sermos vistos, talvez possamos confundi-los.

Murtagh estava cético. – Vale a pena tentar, mas eles nos seguiram com

facilidade até agora.

Ao se aproximarem do vale, passaram embaixo dos galhos embaraçados da floresta das montanhas Beor. As árvores eram altas, com cascas rachadas e quase negras, com folhas foscas da mesma cor e raízes nodosas que brotavam do solo como joelhos expostos. Pinhas e sementes enchiam a terra, cada uma do tamanho da cabeça de um cavalo. Esquilos de pele escura rangiam os dentes nas copas das árvores, e olhos brilhavam nos buracos que havia nos troncos. Barbas esverdeadas de acônitos embaralhados pendiam dos galhos retorcidos.

A floresta fez Eragon se sentir intranquilo, os pelos em sua nuca ficaram eriçados. Havia algo hostil no ar, como se as árvores percebessem a intrusão deles.

Elas são muito velhas, disse Saphira tocando um tronco com o nariz.

São mesmo, concordou Eragon. Mas não são muito amigáveis. A floresta ficava mais densa conforme avançavam. A falta de espaço fez Saphira levantar voo com Arya. Sem uma trilha clara para seguir, a mata cerrada diminuiu o passo de Eragon e Murtagh. O rio Dente de Urso fazia a volta perto deles, enchendo o ar com o som de água borbulhando. Um pico próximo escurecia o sol, lançando-os em um crepúsculo prematuro.

Na entrada do vale, Eragon percebeu que, embora parecesse uma fenda estreita entre os picos, ele era tão largo quanto muitos vales da Espinha. Era somente o tamanho descomunal das montanhas sombreadas repletas de sulcos que fazia o vale parecer tão limitado. Cachoeiras pontilhavam suas laterais. O céu estava reduzido a uma faixa estreita lá no alto, escondido por nuvens cinzentas. Do solo úmido subia uma neblina espessa que esfriava o ar, tornando a respiração visível. Morangos silvestres espalhavam-se em cima de um tapete de musgos e samambaias, lutando pela escassa luz solar. Brotando de pilhas de madeiras que apodreciam, havia vários cogumelos amarelos.

Tudo estava em silêncio, os sons eram abafados pelo ar pesado. Saphira pousou perto deles em uma clareira, o barulho das asas foi estranhamente encoberto. Olhou o ambiente ao fazer um rápido movimento com a cabeça. Acabei de passar por um bando de pássaros que eram pretos e verdes, com marcas vermelhas nas asas. Nunca vi pássaros como aqueles antes.

Tudo nestas montanhas é estranho, retrucou Eragon. Você se importa se eu montar em você um pouco? Quero ficar de olho nos Urgals.

É claro.

Ele virou-se para Murtagh. – Os Varden estão escondidos no final deste vale. Se corrermos, poderemos chegar lá antes do anoitecer.

Murtagh bufou, com as mãos apoiadas nos quadris. – Como vou sair daqui? Não vejo nenhum vale se juntando a este, e os Urgals vão nos confinar em breve. Preciso de uma rota de fuga.

– Não se preocupe com isso – disse Eragon impaciente. – Este é um vale comprido. É claro que deve haver uma saída mais à frente. – Ele tirou Arya de Saphira e colocou a mulher em cima de Fogo na Neve. – Tome conta de Arya. Vou voar com Saphira. Vou encontrá-los mais à frente. – Ele pulou para cima do dorso de Saphira e prendeu a si mesmo na sela.

– Tenha cuidado – advertiu Murtagh, a testa dele se enrugou, depois fez um som para os cavalos partirem e voltou para a floresta.

Enquanto Saphira pulava em direção ao céu, Eragon disse: Você acha que poderia voar até um daqueles picos? Talvez possamos ver nosso destino, como também uma passagem para Murtagh. Não quero ouvi-lo reclamando durante nossa travessia do vale.

Podemos tentar, concordou Saphira. Mas vai ficar muito mais frio.

Estou usando roupas quentes.

Então, segure-se! De repente, Saphira lançou-se para o alto, jogando-o para trás na sela. As asas dela batiam com força, impulsionando o peso deles para cima. O vale encolheu-se, virando uma fina linha verde abaixo deles. O rio Dente de Urso brilhava como prata trançada onde a luz refletia.

Subiram até a camada das nuvens, uma umidade gelada saturava o ar. Um cobertor cinzento e disforme os envolvia, limitando a visão à distância de um braço. Eragon torcia para que não batessem em nada no meio da escuridão. Ele esticou uma de suas mãos, de forma experimental, mexendo-a no ar. A água se condensou nela e correu pelo seu braço, ensopando sua manga.

O borrão de uma massa cinzenta passou pela cabeça dele, Eragon viu uma pomba de relance, suas asas batiam freneticamente. Havia uma faixa branca em volta da perna dela. Saphira jogou-se para cima do pássaro, sua língua chicoteava, suas mandíbulas estavam abertas ao máximo. A pomba soltou um assovio alto quando os dentes afiados de Saphira produziram um estalo, ao fechar a boca de repente, a um fio de cabelo de distância das penas do rabo dela. Depois, a pomba disparou para longe e desapareceu na neblina, o barulho de suas asas batendo freneticamente foi ficando cada vez mais fraco.

Quando conseguiram subir acima das nuvens, as escamas de Saphira estavam cobertas por milhares de pingos de água que refletiam pequenos arco-íris e que brilhavam com o azul de suas escamas. Eragon sacudiu-se, para tirar a água do

corpo, e tremeu. Ele não podia mais ver o chão, só colinas de nuvens que serpenteavam entre as montanhas.

As árvores nas encostas deram lugar a densas geleiras, azuis e brancas sob o sol. O brilho da neve forçou Eragon a fechar os olhos. Tentou abri-los depois de um instante, mas a luz ofuscou sua vista. Irritado, ficou olhando fixamente para seu cotovelo. Como você consegue suportar isso?, perguntou a Saphira.

Meus olhos são mais fortes do que os seus, respondeu ela.

Estava frio demais. A água no cabelo de Eragon congelou, dando a ele um capacete brilhante. A camisa e a calça pareciam cascas em volta de seus membros.

As escamas de Saphira ficaram escorregadias por causa do gelo, cristais gelados adornavam suas asas. Nunca tinham voado tão alto, mesmo assim os picos das montanhas ainda estavam quilômetros acima deles.

O bater de asas de Saphira foi diminuindo gradativamente, e sua respiração ficou pesada. Eragon ofegava e arfava, parecia que não havia ar suficiente. Lutando contra o pânico, ele agarrou as pontas dos espinhos do pescoço de Saphira em busca de apoio.

Precisamos... sair daqui, disse ele. Pontos vermelhos dançavam na frente de seus olhos. Eu não consigo... respirar. Saphira parecia que não o ouvia, então ele repetiu a mensagem, desta vez mais alto. Novamente, não houve resposta. Ela não pode me ouvir, pensou. Ele se agitou, tendo dificuldade para pensar, depois bateu no lado do corpo dela e gritou:

– Vamos descer!

O esforço o deixou tonto. A visão dele foi desaparecendo lentamente até tudo ficar escuro.

Recuperou a consciência assim que surgiram embaixo das nuvens. Sua cabeça latejava. O que aconteceu?, perguntou ele, ajeitando-se na sela e olhando confuso ao redor.

Você desmaiou, respondeu Saphira.

Ele tentou passar os dedos nos cabelos, mas parou quando sentiu os pedaços de gelo. É, eu sei, mas por que você não me respondeu?

Meu cérebro ficou confuso. As suas palavras não faziam sentido. Quando você perdeu a consciência, notei que havia algo errado e desci. Não tive que descer muito para perceber o que havia acontecido.

Ainda bem que você não desmaiou, disse Eragon com uma risada nervosa. Saphira apenas sacudiu a cauda. Ele olhou com melancolia para onde os picos das montanhas, naquele momento, estavam escondidos pelas nuvens. Foi uma pena

não termos alcançado um daqueles cumes... Bem, agora já sabemos: só podemos sair voando deste vale pelo caminho que viemos. Por que ficamos sem ar? Como temos muito ar aqui embaixo, mas não temos o suficiente lá em cima?

Eu não sei, mas nunca mais ousarei voar tão perto do sol. Devemos nos lembrar dessa experiência. Esse conhecimento pode nos ser útil se tivermos de lutar com outro Cavaleiro.

Espero que isso nunca aconteça, disse Eragon. Vamos voar mais baixo agora. Já tivemos aventuras demais para um dia.

Flutuaram nas suaves correntes de ar, passando de uma montanha para outra, até que Eragon viu o grupo de Urgals que havia chegado à entrada do vale. O que dá a eles tamanha velocidade? E como conseguem suportar esse ritmo?

Agora que estamos mais próximos, disse Saphira, posso ver que esses Urgals são maiores do que os que encontramos antes. Um homem alto mal chega à altura dos ombros deles. Não sei de que terra eles vêm marchando, mas deve ser um lugar terrível para produzir tais monstros.

Eragon olhou atentamente o chão lá embaixo, ele não conseguia enxergar com tantos detalhes como ela. Se eles mantiverem esse passo, alcançarão Murtagh antes de acharmos os Varden.

Não perca as esperanças. A floresta pode dificultar o progresso deles... Seria possível detê-los com magia?

Eragon balançou a cabeça. Detê-los... não. São muitos. Ele pensou na fina camada de neblina que havia no vale e sorriu. Mas, talvez, eu possa atrasá-los um pouco. Ele fechou os olhos, escolheu as palavras que precisava, olhou fixamente para a névoa e proferiu:

– Gath un reisa du rakr!

Houve uma comoção embaixo. Lá de cima, parecia que o chão estava manando, como um grande rio preguiçoso. Uma pesada faixa de neblina formou-se na frente dos Urgals e foi ficando mais densa, erguendo uma parede intimidante, escura como uma nuvem de tempestade. Os Urgals hesitaram perante ela, mas depois continuaram a avançar, como um aríete demolidor que não podia ser detido. A barreira agitava-se em volta deles, tirando do alcance da vista as primeiras fileiras.

O consumo da força de Eragon foi repentino e grandioso, fazendo seu coração ficar leve como o de um passarinho à beira da morte. Ele arfava, seus olhos giravam. Lutou para se livrar da pressão que a magia imprimia, tentando abrir mais a brecha por onde a vida dele fluía. Com um rosnado selvagem, ele livrou-se da força da magia, desfazendo o contato. Gavinhas de magia se debatiam em sua

mente como cobras decapitadas e, relutantes, se retraíram, agarrando-se aos resquícios das forças do rapaz. A muralha de neblina dissipou-se e a névoa foi caindo lentamente no chão como uma torre de lama que desabava. Os Urgals não foram atrasados nem um pouco.

Eragon ficou caído, fraco e ofegante, em cima de Saphira. Foi só naquele momento que ele se lembrou de Brom dizendo: – A magia é afetada pela distância, como uma flecha ou uma lança. Se tentar levantar ou mover algo que esteja a mais de um quilômetro de distância, isso exigirá mais energia do que se estivesse perto.

Não vou me esquecer disso de novo, pensou ele com raiva.

Você nunca devia ter se esquecido disso, acrescentou Saphira enfaticamente. Primeiro, a terra em Gil'ead e agora isso. Você não prestou atenção a nada que Brom lhe ensinou? Se continuar assim, vai acabar se matando.

Eu prestei atenção, insistiu ele esfregando o queixo. Mas faz muito tempo, e não tive a oportunidade de refletir sobre isso. Eu nunca usei magia a distância, então como poderia saber que era tão difícil?

Ela rosnou. Agora, só falta você querer ressuscitar os mortos. Não se esqueça do que Brom disse sobre isso também.

Não esquecerei, disse impaciente. Saphira mergulhou em direção ao chão, procurando Murtagh e os cavalos. Eragon poderia tê-la ajudado, mas mal tinha energia para se manter sentado.

Saphira pousou em um pequeno campo de repente, e Eragon ficou intrigado ao ver os cavalos parados e Murtagh ajoelhado, examinando a terra. Quando Eragon não desmontou, Murtagh foi depressa até ele e perguntou:

– Qual é o problema? – Ele parecia estar zangado, preocupado e cansado ao mesmo tempo.

– ... Eu cometi um erro – disse Eragon com sinceridade. – Os Urgals entraram no vale. Tentei confundi-los, mas esqueci uma das regras da magia, o que me custou muito caro.

Fechando o rosto, Murtagh gesticulou com o polegar por cima do ombro. – Achei alguns rastros de lobos, mas as pegadas têm a largura das minhas mãos juntas e quase três centímetros de profundidade. Há animais aqui que podem ser perigosos até para você, Saphira. – Ele virou-se para ela. – Sei que você não pode entrar na floresta, mas será que poderia ficar voando em círculos em cima de mim e dos cavalos? Isso pode manter essas feras afastadas. Caso contrário, não vai sobrar o bastante de mim para encher um dedal.

– Você nunca perde o senso de humor, não é Murtagh? – perguntou Eragon e um sorriso rápido apareceu no rosto dele. Seus músculos tremiam, tornando a concentração difícil.

– Só na forca. – Murtagh esfregou os olhos. – Não acredito que os mesmos Urgals estejam nos seguindo o tempo todo. Eles precisariam ter asas para nos alcançar.

– Saphira disse que são maiores do que todos os que já vimos – comentou Eragon.

Murtagh xingou, apertando com força o cabo de sua espada. – Está explicado! Saphira, você está certa, pois esses são os Kull, a elite dos Urgals. Eu devia ter percebido que aquele líder importante devia estar no comando deles. Eles não andam a cavalo porque os animais não aguentam o peso. Nenhum tem menos de dois metros e meio de altura, e eles podem correr durante dias sem dormir e, ainda assim, estarão prontos para a batalha. Podem ser precisos cinco homens para matar um deles. Os Kull nunca saem de suas cavernas, exceto para guerrear, então devem estar esperando um grande massacre se saíram em um número tão grande.

– E podemos ficar à frente?

– Quem sabe? – respondeu Murtagh. – Eles são fortes, determinados e numerosos. É possível que tenhamos de enfrentá-los. Se isso acontecer, espero que as sentinelas dos Varden estejam a postos para nos ajudar. Apesar de suas habilidades e de Saphira, não somos páreos para os Kull.

Eragon se moveu para a frente e para trás, hesitante. – Será que pode me dar um pedaço de pão? Preciso comer. – Murtagh trouxe rapidamente um pedaço para ele. O pão estava velho e duro, mas Eragon o comeu satisfeito. Murtagh examinou as paredes do vale, havia preocupação em seus olhos. Eragon sabia que ele estava procurando uma saída. – Haverá uma mais à frente.

– Claro – respondeu Murtagh com um otimismo forçado, depois deu um tapa na coxa. – Precisamos partir.

– Como está Arya? – perguntou Eragon.

Murtagh deu de ombros. – A febre aumentou. Ela está se agitando e se virando. O que poderíamos esperar? As forças dela estão se esgotando. Você devia ir voando com ela até os Varden antes que o veneno cause mais estragos.

– Não vou deixar você para trás – insistiu Eragon ganhando força a cada mordida. – Ainda mais com os Urgals tão perto.

Murtagh deu de ombros novamente. – Seja como você quiser. Mas estou avisando, ela não viverá se você ficar comigo.

– Não fale isso – insistiu Eragon colocando-se ereto na sela de Saphira. – Ajude-me a salvá-la. Ainda somos capazes de fazer isso. Considere como uma vida por uma vida, um reparo pela morte de Torkenbrand.

A expressão no rosto de Murtagh se fechou. – Eu não tenho essa dívida. Você... – Ele parou quando o toque de uma trombeta ecoou pela floresta escura. – Tenho mais coisas a dizer para você depois – disse brevemente andando a passos largos em direção aos cavalos. Pegou as rédeas e saiu, lançando um olhar zangado para Eragon.

Eragon fechou os olhos quando Saphira decolou. Desejava estar deitado em uma cama macia e esquecer os problemas. Saphira, disse ele finalmente, cobrindo as orelhas com as mãos para aquecê-las, e se nós levarmos Arya para os Varden? Assim que ela estiver a salvo, podemos voltar para ajudar Murtagh a sair daqui.

Os Varden não deixariam, disse Saphira. Pelo que consta a eles, você poderia estar voltando aos Urgals para dar a localização do esconderijo. Não chegaremos sob as melhores circunstâncias para ganhar a confiança deles. Vão querer saber por que trouxemos um pelotão de monstros até os seus portões.

Teremos de contar a verdade e esperar que eles acreditem, disse Eragon.

E o que faremos se os Kull atacarem Murtagh?

Vamos lutar, é claro! Não permitirei que ele e Arya sejam capturados ou mortos , disse Eragon indignado.

Houve um toque de sarcasmo nas palavras dela: Quanta nobreza. Oh, nós derrubaríamos vários Urgals, você usando sua magia e sua espada, enquanto minhas armas seriam meus dentes e garras, mas seria inútil no fim. Eles são muito numerosos... Não podemos derrotá-los, podemos apenas ser derrotados.

O que então?, reclamou ele. Não vou abandonar Arya e Murtagh ao sabor do destino.

Saphira agitou a cauda, a ponta produziu um assovio alto. Não estou pedindo que você faça isso. Contudo, se atacarmos primeiro, podemos ganhar alguma vantagem.

Você enlouqueceu? Eles vão... A voz de Eragon sumiu quando ele pensou melhor. Eles não vão poder fazer nada, concluiu ele surpreso.

Exatamente, disse Saphira. Podemos causar muitos danos a partir de uma altura segura.

Vamos jogar pedras neles!, propôs Eragon. Isso fará que eles se espalhem.

Só se os crânios deles não forem duros o bastante para protegê-los. Saphira virou para a direita e rapidamente desceu até o rio Dente de Urso. Ela pegou um

pedregulho de tamanho considerável com as suas garras, enquanto Eragon encheu as mãos com várias pedras do tamanho de um punho. Carregada com as pedras, Saphira planou silenciosamente até estarem sobre o exército Urgal. Agora, exclamou ela, soltando o pedregulho. Ouviu-se o barulho abafado de galhos quebrando quando os projéteis desciam pelo topo da floresta. Segundos depois, uivos ecoaram pelo vale.

Eragon sorriu quando ouviu os Urgals deslocando-se desordenadamente em busca de abrigo. Vamos pegar mais munição, sugeriu inclinando-se em cima de Saphira. Ela rosnou, concordando, e voltou ao leito do rio.

Deu muito trabalho, mas conseguiram prejudicar o avanço dos Urgals, embora fosse impossível detê-los completamente. Os Urgals ganhavam terreno sempre que Saphira ia pegar mais pedras. Apesar disso, os esforços permitiram que Murtagh ficasse à frente dos soldados que avançavam.

O vale ficou mais escuro com o passar das horas. Sem o sol para lhes dar calor, a mordida afiada do frio insinuou-se pelo ar, e a neblina congelou-se nas árvores, cobrindo-as de branco. Os animais noturnos começaram a sair de suas tocas para espiar, a partir de esconderijos sombrios, os estranhos que invadiam seus domínios.

Eragon continuava a examinar as montanhas, procurando uma cachoeira que significaria o final de sua jornada. Ele estava dolorosamente consciente de que cada minuto que passava colocava Arya mais perto da morte. – Mais rápido, mais rápido – sussurrava para si mesmo, observando Murtagh do alto. Antes de Saphira pegar mais pedras, ele disse: Vamos descansar e ver como está Arya. O dia está quase terminando, e temo que o tempo de vida que lhe resta esteja reduzido a poucas horas, ou minutos.

A vida de Arya está nas mãos do destino agora. Você fez sua escolha, preferindo ficar com Murtagh. É tarde demais para mudar isso, pare de se martirizar... Você está fazendo minhas escamas pinicarem. O melhor que podemos fazer agora é continuar bombardeando os Urgals. Eragon sabia que ela estava certa, porém suas palavras não fizeram nada para aplacar sua ansiedade. Recomeçou sua busca pela cachoeira, mas não importava o que estivesse na frente deles, estava oculto por uma imensa cadeia de montanhas.

A verdadeira escuridão começou a encher o vale, acomodando-se em cima das árvores e das montanhas como uma nuvem tingida. Mesmo com sua audição aguçada e com seu faro sensível, Saphira não conseguia mais localizar os Urgals acima da densa floresta. Não havia lua para ajudá-los, levaria horas até que ela se

erguesse acima das montanhas.

Saphira fez uma curva longa e suave para a esquerda e planou em volta das montanhas. Eragon, vagamente, percebeu-as passando por eles e olhou com os olhos semicerrados quando avistou uma fina linha branca à frente. Será que é a cachoeira?, pensou.

Ele olhou para o céu, que ainda ostentava a vermelhidão do pôr do sol. As silhuetas escuras das montanhas curvavam-se juntas, formando uma bacia que encerrava o vale. O fim do vale não está muito distante!, exclamou, apontando para as montanhas. Você acha que os Varden sabem que estamos chegando? Talvez eles enviem soldados para nos ajudar.

Duvido que eles nos prestem assistência até saberem se somos amigos ou inimigos, disse Saphira enquanto dava uma guinada abrupta em direção ao solo. Estou voltando para Murtagh, devemos ficar com ele agora. Como não posso localizar os Urgals, poderiam atacá-lo de surpresa sem que nós percebêssemos.

Eragon soltou Zar'roc em sua bainha, imaginando se estaria forte o bastante para lutar. Saphira pousou à esquerda do rio Dente de Urso e agachou-se de modo cauteloso. A cachoeira rugia ao longe. Lá vem ele, disse Saphira. Eragon ficou atento para ver se ouviria o som de cascos batendo no chão. Murtagh saiu correndo da floresta, mandando os cavalos na frente. Ele os viu, mas não diminuiu o passo.

Eragon desceu de Saphira com um pulo, cambaleando um pouco quando tentou acompanhar o passo de Murtagh. Atrás dele, Saphira foi para o rio, para poder segui-los sem que fosse atrasada pelas árvores. Antes que Eragon pudesse dar as notícias, Murtagh disse: – Eu vi que você jogou pedras com Saphira, quanta pretensão. Os Kull pararam ou deram a volta?

– Eles ainda estão atrás de nós, mas estamos quase chegando ao final do vale. Como está Arya?

– Ela não morreu – disse Murtagh de modo ríspido. A respiração dele acontecia em rajadas curtas. As palavras seguintes foram enganosamente calmas, como as de um homem ocultando uma paixão ardente. – Há um vale ou uma garganta à frente por onde eu possa sair?

Apreensivo, Eragon tentou lembrar se havia visto alguma falha nas montanhas que os cercavam, ele pareceu desligado do dilema de Murtagh durante um tempo.

– Está escuro – respondeu evasivo, abaixando-se para desviar de um galho baixo. – Então, posso não ter visto alguma coisa, mas... não há.

Murtagh xingou explosivamente e parou de repente, puxando com força as rédeas dos cavalos até que parassem também. – Você está dizendo que o único

lugar aonde eu posso ir é direto para os Varden?

– É, mas continue correndo. Os Urgals estão quase nos alcançando!

– Não! – reagiu Murtagh zangado. Ele cutucou com o dedo o peito de Eragon. – Eu o avisei de que não iria até os Varden, mas você foi em frente e me deixou preso entre a cruz e a espada! Quem viu as imagens da elfa foi você. Por que não me disse que era um beco sem saída?

Eragon irritou-se por causa do ataque e retrucou: – Eu só sabia aonde tínhamos de ir e não o que havia no caminho. Não me culpe por você ter optado por nos acompanhar.

Murtagh resmungava furiosamente entre os dentes quando se virou de repente. Tudo que Eragon conseguia ver dele era uma figura imóvel e curvada. Seus próprios ombros estavam tensos, e uma veia latejava no lado de seu pescoço. Ele pôs as mãos na cintura, sua impaciência aumentava.

Por que vocês pararam?, perguntou Saphira alarmada.

Não me distraia, disse Eragon e voltando-se para Murtagh perguntou:

– Qual é o seu problema com os Varden? Que coisa tão terrível é essa que você mantém escondida até agora? Você prefere lutar contra os Kull do que revelá-la? Quantas vezes teremos de passar por isso até você confiar em mim?

Houve um longo silêncio.

Os Urgals!, lembrou Saphira nervosa.

Eu sei, disse Eragon tentando se conter. Mas precisamos resolver isso.

Depressa, depressa.

– Murtagh – disse Eragon em tom sério –, a não ser que você queira morrer, devemos ir aos Varden. Não me deixe entrar nos domínios deles sem saber como reagirão ao ver você. Já é algo perigoso demais sem surpresas desnecessárias.

Finalmente Murtagh se virou para Eragon. A respiração dele estava curta e rápida, como a de um lobo encurralado. Ele fez uma pausa e disse com uma voz agoniada: – Você tem o direito de saber. Eu... eu sou o filho de Morzan, o primeiro e o último dos Renegados.

OS DOIS LADOS DE UM DILEMA

Eragon ficou emudecido. A surpresa rugia em sua mente enquanto tentava rejeitar as palavras de Murtagh. Os Renegados nunca tiveram filhos, muito menos Morzan. Morzan! O homem que entregou os Cavaleiros para Galbatorix e que foi o servo favorito do rei pelo resto da vida. Será que isso é verdade?

O choque de Saphira o atingiu um segundo depois. Ela bateu nas árvores e arbustos quando veio correndo do rio para ficar do lado dele, exibindo as presas e com a cauda erguida de modo ameaçador. Esteja preparado para qualquer coisa, alertou ela. Ele pode ser capaz de usar a magia.

– Você é herdeiro dele? – perguntou Eragon de modo furtivo, pondo a mão em Zar'roc. O que ele pode estar querendo comigo? Será que ele está trabalhando para o rei?

– Eu não escolhi ser assim! – gritou Murtagh. A angústia atormentava o seu rosto. Ele rasgou as roupas, com um ar de desespero no rosto, arrancando a túnica e a camisa, expondo o tronco. – Olhe! – Ele pediu e virou de costas para Eragon.

Inseguro, Eragon inclinou-se para a frente, forçando os olhos na escuridão. Lá, em cima da pele bronzeada e musculosa de Murtagh, havia uma cicatriz esbranquiçada que se estendia do seu ombro direito até o lado esquerdo de sua cintura, um testamento de uma agonia terrível.

– Está vendo isso? – perguntou Murtagh amargamente. Ele começou a falar mais depressa, como se estivesse aliviado por seu segredo ter sido finalmente revelado. – Eu tinha apenas três anos quando ganhei isso. Durante um de seus vários ataques de raiva enquanto estava embriagado, Morzan jogou sua espada na minha direção quando passei correndo. Minhas costas foram abertas por essa espada que você hoje carrega, a única coisa que eu esperava receber como herança, até que Brom a roubou do cadáver do meu pai. Tive sorte, suponho, pois havia um curandeiro por perto que evitou que eu morresse. Você precisa entender, eu não amo o Império ou o rei. Não devo submissão a eles e não desejo fazer mal nenhum a você! – Os apelos dele eram quase frenéticos.

Eragon, ainda inseguro, tirou a mão do cabo de Zar'roc. – Então, o seu pai – ele disse com uma voz hesitante – foi morto por...

– Isso, por Brom – disse Murtagh. Ele voltou a vestir a túnica com um ar desinteressado.

Uma trombeta soou atrás deles, fazendo Eragon gritar: – Vamos, corra comigo. –

Murtagh bateu as rédeas dos cavalos, forçando-os a iniciar um trote exaustivo, seus olhos estavam fixos, olhando para a frente, enquanto Arya sacudia de modo letárgico na sela de Fogo na Neve. Saphira ficou ao lado de Eragon, acompanhando facilmente o ritmo da corrida com suas pernas longas.

Você poderia andar mais facilmente no leito do rio, disse ele quando ela forçou passagem, quebrando vários galhos que impediam seu caminho.

Não vou deixar você com ele.

Eragon ficou satisfeito com a proteção dela.

O filho de Morzan!, disse ele entre passos largos. – É difícil acreditar na sua história. Como vou saber que você não está mentindo?

– Por que eu mentiria?

– Você poderia estar...

Murtagh o interrompeu rapidamente: – Não posso provar nada a você agora. Guarde suas dúvidas até chegarmos aos Varden. Eles me reconhecerão rapidamente.

– Eu preciso saber – pressionou Eragon. – Você serve ao Império?

– Não. E se servisse, o que eu ganharia viajando com você? Se eu estivesse tentando capturá-lo ou matá-lo, o teria deixado na prisão. – Murtagh tropeçou ao pular um tronco caído.

– Você pode estar levando os Urgals até os Varden.

– Então – disse Murtagh rapidamente –, por que ainda estou com você? Agora, já sei onde os Varden estão. Que razão eu teria para me entregar a eles? Se nós fôssemos atacá-los, eu daria a volta e me juntaria aos Urgals.

– Talvez você seja um assassino – afirmou Eragon de modo categórico.

– Pode ser. Mas você não pode ter certeza, não é?

Saphira?, perguntou Eragon simplesmente.

Sua cauda passou zunindo acima da cabeça dele. Se ele quisesse fazer mal a você, já poderia ter feito há muito tempo.

Um galho chicoteou o pescoço de Eragon, fazendo uma linha de sangue aparecer em sua pele. O barulho da cachoeira ficava mais alto. Quero que você observe Murtagh atentamente quando chegarmos aos Varden. Ele pode fazer alguma besteira, e não quero que seja morto por acidente.

Farei o melhor que puder, disse ela enquanto abria caminho com os ombros entre duas árvores, arrancando pedaços das cascas dos troncos. A trombeta soou atrás deles novamente. Eragon olhou de relance por cima do ombro, esperando ver os Urgals surgindo na escuridão. A cachoeira agitava-se vagarosamente à frente

deles, afogando os sons da noite.

A floresta acabou, e Murtagh fez os cavalos pararem. Estavam em uma margem repleta de pedras, diretamente à esquerda da foz do rio Dente de Urso. O profundo lago Kóstha-mérna enchia o vale, bloqueando o caminho. A água resplandecia com o fraco brilho das estrelas. As encostas das montanhas restringiam a passagem em volta do Kóstha-mérna a estreitas faixas de praias em cada um dos lados do lago, ambas com não mais do que alguns centímetros de largura. Na parte posterior do lago, uma larga cortina de água caía do alto de um precipício escuro, formando uma densa espuma que parecia fervilhar.

– Nós vamos até a cachoeira? – perguntou Murtagh tenso.

– Vamos. – Eragon tomou a frente e começou a caminhar pelo lado esquerdo do lago. As pedras embaixo dos pés deles estavam molhadas e cobertas de musgo. Quase não havia espaço para Saphira entre a íngreme encosta da montanha e o lago, ela tinha de andar com duas patas dentro da água.

Eles já haviam percorrido meio caminho até o final da cachoeira quando Murtagh alertou: – Urgals!

Eragon virou-se depressa, pedras voaram debaixo de seus calcanhares. Às margens do Kóstha-mérna, onde eles estavam há apenas alguns minutos, figuras gigantescas surgiram da floresta. Os Urgals se reuniram diante do lago. Um deles apontou para Saphira. Palavras guturais pairaram sobre a água. Imediatamente, a horda dividiu-se e começou a dar a volta em ambos os lados do lago, deixando Eragon e Murtagh sem uma rota de fuga. As margens estreitas fizeram os corpulentos Kull marcharem em fila única.

– Corram! – gritou Murtagh desembainhando sua espada e dando tapas nos flancos dos cavalos. Saphira decolou sem dar aviso e voltou-se em direção aos Urgals.

– Não! – berrou Eragon, gritando com a mente. Volte! Mas ela continuou, sem levar em consideração os apelos dele. Com um esforço agonizante, desviou o olhar dela e se jogou para a frente, arrancando Zar'roc de sua bainha.

Saphira mergulhou para cima dos Urgals, rosnando de modo assustador. Eles tentaram correr, mas estavam presos contra as paredes das montanhas. Ela pegou um dos monstros com as garras e levou o Urgal que gritava para o alto, cortando-o com suas presas. O corpo silencioso caiu no lago um instante depois, faltando um braço e uma perna.

Os Kull continuaram contornando o lago Kóstha-mérna. Com fumaça saindo das narinas, Saphira mergulhou para cima deles novamente. Ela virou e girou quando

uma nuvem de flechas negras foi disparada contra ela. A maior parte dos projéteis ricocheteou em suas escamas laterais, produzindo apenas alguns arranhões, mas ela rugiu quando as outras furaram suas asas.

Os braços de Eragon doeram, compartilhando sua dor, e ele teve de se conter para não voltar correndo para tentar defendê-la. O medo encheu suas veias quando ele viu a fila de Urgals se aproximando deles. Tentou correr mais rápido, mas seus músculos estavam cansados demais, e as rochas eram muito escorregadias.

Depois, com uma grande pancada na água, Saphira mergulhou de cabeça no Kóstha-mérna. Ela submergiu completamente, produzindo ondas por todo o lago. Os Urgals ficaram olhando nervosamente para as águas escuras que cobriam seus pés. Um rosnou algo indecifrável e enfiou sua lança dentro do lago.

A água explodiu quando Saphira saiu das profundezas. As mandíbulas dela agarraram a lança, quebrando-a como um graveto, ao arrancá-la das mãos do Kull com uma torção violenta. Antes que ela pudesse pegar o monstro, os companheiros dele lançaram suas flechas nela, sangrando seu nariz.

Saphira se jogou para trás e sibilou zangada, batendo na água com sua cauda. Mantendo a lança apontada para ela, o líder do bando tentou passar para a frente, mas foi detido quando ela agarrou as pernas dele. A fila dos Urgals foi forçada a parar enquanto ela o detinha. Enquanto isso, os Kull do outro lado do lago ainda corriam em direção à cachoeira.

Eu os prendi, disse ela a Eragon de forma sucinta, mas ande depressa, não posso segurá-los por muito tempo. Os arqueiros na margem já miravam nela. Eragon concentrou-se em andar mais rápido, mas uma pedra cedeu embaixo do pé dele, fazendo-o tropeçar. O braço forte de Murtagh o manteve de pé, e agarrando um o antebraço do outro, gritaram fazendo os cavalos avançar.

Estavam quase chegando à cachoeira. O barulho era ensurdecedor, como o de uma avalanche. Uma parede branca de água jorrava do penhasco, atingindo furiosamente as pedras embaixo e produzindo uma névoa de gotas d'água, que enchiam o ar e escorriam pelo rosto deles. A quatro metros da cortina trovejante, a praia alargava-se, dando a eles espaço para manobrar.

Saphira rugiu quando a lança de um Urgal arranhou seu quadril e voltou a mergulhar. Com sua retirada, os Kull começaram a avançar a passos largos. Eles estavam a apenas algumas centenas de metros de distância. – O que faremos agora? – perguntou Murtagh friamente.

– Eu não sei! Deixe-me pensar! – gritou Eragon tentando lembrar das instruções dadas pelas memórias de Arya. Examinou o solo até achar uma pedra do tamanho

de uma maçã. Ele a pegou e bateu no penhasco perto da cachoeira gritando:

– Aí varden abr du Shur'tugals gata vanta!

Nada aconteceu.

Ele tentou de novo, gritando mais alto do que antes, mas só conseguiu machucar a mão. Virou-se, em desespero, para Murtagh.

– Estamos presos... – As palavras dele foram interrompidas quando Saphira pulou para fora do lago, espirrando água gelada em cima deles. Ela pousou na praia e se agachou, pronta para lutar.

Os cavalos recuaram nervosos, tentando fugir. Eragon fez contato mental para tentar acalmá-los. Atrás de você!, gritou Saphira. Ele virou-se e viu o líder dos Urgals correndo em sua direção, com uma pesada lança em punho. De perto, o Kull era tão alto quanto um pequeno gigante, com pernas e braços tão grossos como troncos de árvores.

Murtagh jogou o braço para trás e atirou sua espada com uma velocidade incrível. A longa arma girou uma vez, atingindo o Kull em cheio no peito, produzindo um barulho abafado de algo sendo quebrado. O grande Urgal tombou no chão soltando uma golfada sufocada. Antes que outro daqueles monstros pudesse atacar, Murtagh correu para a frente e arrancou sua espada do corpo.

Eragon ergueu sua mão, gritando: – Jierda theirra kalfis! – Estalos agudos soaram no penhasco. Vinte dos Urgals que atacavam caíram no Kóstha-mérna, uivando e agarrando suas pernas, de onde se projetavam pedaços de ossos. Sem diminuir o passo, os outros Urgals avançaram, passando por cima de seus companheiros caídos. Eragon lutou contra a sua exaustão, colocando uma das mãos em Saphira para obter apoio.

Uma nuvem de flechas, impossível de se ver na escuridão, passou sobre eles, batendo no penhasco. Eragon e Murtagh se abaixaram, cobrindo a cabeça. Soltando um pequeno rosnado, Saphira pulou, ficando na frente deles, para que as laterais guarnecidas de seu corpo os protegessem e aos cavalos. Um coro de tinidos foi ouvido quando a segunda bateria de flechas ricocheteou em suas escamas.

– E agora? – gritou Murtagh. Ainda não havia abertura nenhuma no penhasco. – Não podemos ficar aqui!

Eragon ouviu Saphira gemer quando uma flecha perfurou a ponta de sua asa, cortando a membrana fina. Ele olhou nervosamente em volta, tentando entender por que as instruções de Arya não tinham dado certo.

– Eu não sei! A abertura devia estar aqui!

– Por que não pergunta a Arya para ter certeza? – exigiu Murtagh. Ele soltou a espada, pegando depressa o arco nas bolsas que estavam em Tornac, e com um movimento rápido, ele disparou uma flecha entre os espinhos das costas de Saphira. Um momento depois, um Urgal caiu na água.

– Agora? Ela está morrendo! Como vai achar energia para dizer alguma coisa?

– Eu não sei – gritou Murtagh. – Mas é melhor você pensar em alguma coisa, pois não podemos enfrentar um exército sozinhos!

Eragon, rosnou Saphira de modo insistente.

O que foi?

Estamos no lado errado do lago! Eu vi as memórias de Arya através de você e acabei de perceber que não estamos no lugar certo. Ela encostou a cabeça no peito quando outra nuvem de flechas veio na direção deles. A cauda se agitou de dor quando elas a atingiram. Não posso mais suportar isso! Eles estão me fazendo em pedaços!

Eragon enfiou Zar'roc com força dentro de sua bainha e gritou:

– Os Varden estão do outro lado do lago! Precisamos passar pela cachoeira! – Notou, sentindo medo, que os Urgals, que se encontravam às margens do Kósthamérna, estavam chegando à queda-d'água.

Os olhos de Murtagh estavam fixos na violenta inundação que bloqueava a passagem deles. – Nunca conseguiremos passar com os cavalos por ali, mesmo se conseguirmos nos manter em pé.

– Vou convencê-los a nos seguir – disse Eragon depressa. – E Saphira pode levar Arya. – Os gritos e berros dos Urgals fizeram Fogo na Neve bufar de modo zangado. A elfa estava relaxada em suas costas, ignorando o perigo.

Murtagh deu de ombros. – É melhor do que apanharmos até morrer. – Ele, de modo ágil, cortou as cordas que prendiam Arya na sela de Fogo na Neve, e Eragon pegou a elfa enquanto ela deslizava até o chão.

Estou pronta, disse Saphira levantando-se, ficando meio agachada. Os Urgals que se aproximavam hesitaram, incertos quanto às intenções dela.

– Agora! – gritou Eragon. Ele e Murtagh jogaram Arya em cima de Saphira e prenderam as pernas dela na sela. No mesmo segundo em que eles terminaram, Saphira abriu suas asas e alçou voo para cima do lago. Os Urgals que estavam atrás dela uivaram quando viram que ela ia escapar. Flechas ricochetearam em sua barriga. Os Kull do outro lado aceleraram o passo, querendo chegar à cachoeira antes de ela pousar.

Eragon usou seu poder mental para entrar nas mentes assustadas dos cavalos.

Usando a língua antiga, ele disse a eles que, a não ser que atravessassem a cachoeira nadando, seriam mortos e devorados pelos Urgals. Embora eles não tenham entendido tudo que ele disse, o significado de suas palavras era extremamente claro.

Fogo na Neve e Tornac jogaram a cabeça para a frente e correram rumo à cortina de água que caía, relinchando quando a corrente bateu nas costas deles. Eles se debatiam, lutando para não ficar embaixo d'água. Murtagh embainhou sua espada e pulou atrás deles; sua cabeça desapareceu no meio da espuma de bolhas antes de voltar à superfície, jogando água pela boca.

Os Urgals estavam bem atrás de Eragon, ele podia ouvir os pés deles quebrando os cascalhos. Com um ardente grito de guerra, ele pulou atrás de Murtagh, fechando os olhos um segundo antes que a água gelada o atingisse.

O tremendo peso da queda-d'água o atingiu nos ombros com uma força capaz de quebrar os ossos. O rugido entorpecedor da água encheu seus ouvidos. Ele foi jogado para o fundo, onde seus joelhos bateram no leito do lago. Ele deu um impulso para cima com todas as suas forças e conseguiu sair parcialmente da água. Antes que pudesse respirar, a cascata voltou a jogá-lo com toda a força para baixo.

Tudo que ele pôde ver foi uma mancha branca conforme a espuma se formava em volta dele. Eragon tentou emergir de modo frenético para aliviar seus pulmões, que ardiam, mas conseguiu emergir apenas alguns centímetros antes de o dilúvio deter sua subida. Ele entrou em pânico, batendo seus pés e braços, lutando com a água. Devido ao peso de Zar'roc e de suas roupas molhadas, voltou para o fundo do lago, incapaz de pronunciar as palavras da língua antiga que poderiam salvá-lo.

De repente, uma mão forte agarrou a parte de trás de sua túnica e arrastou-o pela água. Seu salvador rasgava o lago com braçadas rápidas e curtas. Eragon esperava que fosse Murtagh e não um Urgal. Emergiram e saíram cambaleantes em uma praia repleta de seixos. Eragon tremia violentamente, o corpo dele todo agitava-se de modo involuntário.

Sons de combate surgiram à direita, e ele virou-se na direção deles, esperando um ataque dos Urgals. Os monstros do lado oposto da margem, onde ele estava momentos antes, caíam devido a uma chuva de flechas, que eram disparadas de fendas que pontilhavam a parede do penhasco. Um grande número de Urgals já flutuava de barriga para cima na água, cravados de flechas. Os que estavam na margem de Eragon estavam acuados de modo similar. Nenhum dos dois grupos podia recuar de suas posições expostas, pois fileiras de guerreiros apareceram de alguma forma atrás deles, onde o lago encontrava as encostas das montanhas. A

única coisa que evitava que os Kull mais próximos atacassem Eragon era a chuva constante de flechas, os arqueiros escondidos pareciam estar determinados a manter os Urgals afastados.

Uma voz rouca perto de Eragon disse: – Akh Guntéraz dorzâda! O que eles estavam pensando? Você teria se afogado! – Eragon jogou-se para trás, assustado. Não era Murtagh que estava ao lado dele, mas um homem diminuto, que não passava da altura do cotovelo dele.

O anão estava ocupado torcendo a água de sua longa barba trançada. O peito dele era troncudo, e ele usava um colete feito de elos de ferro, cortado na altura dos ombros, o que revelava seus braços musculosos. Um machado de guerra pendia de uma larga tira de couro presa em volta de sua cintura. Um chapéu, com cobertura de ferro, ostentando um símbolo composto por um martelo cercado por doze estrelas, estava firme em sua cabeça. Mesmo com o chapéu, ele mal chegava a um metro e vinte de altura. Olhou de modo ansioso para a luta e disse:

– Barzul, mas eu desejava poder me juntar a eles!

Um anão! Eragon desembainhou Zar'roc e procurou Saphira e Murtagh. Duas portas de pedras com quase quatro metros de espessura abriram-se no penhasco, revelando um túnel largo, com perto de nove metros de altura, que abria caminho para a profundeza da montanha. Uma fileira de lampiões sem chamas enchia a passagem com uma fraca luz cor de safira que se derramava no lago.

Saphira e Murtagh estavam em pé na frente do túnel, cercados por uma mistura de homens e anões. Ao lado de Murtagh estava um homem calvo e sem barba, vestindo uma túnica roxa e dourada. Ele era mais alto do que todos os outros humanos e segurava uma adaga encostada ao pescoço de Murtagh.

Eragon tentou usar seu poder, mas o homem da túnica disse com uma voz aguda e ameaçadora:

– Pare! Se você usar a magia, matarei seu querido amigo, que teve a delicadeza de dizer que você é um Cavaleiro. Não pense que não saberei se você recorrer à magia. Você não pode esconder nada de mim. – Eragon tentou argumentar, mas o homem rangeu os dentes e apertou ainda mais a adaga contra a garganta de Murtagh. – Basta! Se você disser ou fizer algo que eu não tenha mandado, ele morrerá. Agora, todos para dentro. – Ele foi para o túnel, puxando Murtagh com ele e mantendo os olhos em Eragon.

Saphira, o que devo fazer?, perguntou Eragon rapidamente enquanto os homens e os anões seguiam o captor de Murtagh, levando os cavalos com eles.

Vá com eles, aconselhou ela. E torça para que fiquemos vivos. Ela entrou no

túnel também, extraindo olhares nervosos daqueles que a cercavam. Relutante, Eragon a seguiu, consciente de que os olhos dos guerreiros estavam em cima dele. Seu salvador, o anão, andava ao lado dele, mantendo uma de suas mãos no cabo de seu machado de guerra.

Completamente exausto, Eragon entrou cambaleante na montanha. As portas de pedra fecharam-se atrás deles produzindo apenas um leve som. Olhou para trás e viu uma parede sem nenhuma emenda onde havia estado a abertura. Eles estavam presos lá dentro. Mas será que estavam mais seguros?

CAÇANDO RESPOSTAS

– Por aqui – disparou o homem calvo. Ele deu um passo atrás, mantendo a adaga pressionada embaixo do queixo de Murtagh, depois se virou para a direita, desaparecendo por um portal arqueado. Os guerreiros o seguiram com cautela, suas atenções estavam concentradas em Eragon e Saphira. Os cavalos foram levados para um túnel diferente.

Chocado com todos aqueles eventos, Eragon foi atrás de Murtagh. Ele olhou de relance para Saphira para confirmar se Arya ainda estava presa a seu dorso. Ela precisa tomar o antídoto!, pensou ele freneticamente, sabendo que o veneno Skilna Bragh ainda realizava seu propósito fatal no corpo dela.

Entrou depressa pelo portal arqueado, passando para um corredor estreito atrás do homem calvo. Os guerreiros mantiveram suas armas apontadas para ele. Passaram depressa por uma escultura de um animal peculiar com penas longas. O corredor fazia uma curva acentuada para a esquerda, depois, para a direita. Uma porta abriu-se, e eles entraram em uma sala vazia que tinha espaço bastante para Saphira movimentar-se com tranquilidade. Ouviu-se um baque seco quando a porta foi fechada, depois houve o barulho alto de um trinco fechando-se do lado de fora.

Eragon examinou lentamente o ambiente que o cercava, apertando com força o cabo de Zar'roc. As paredes, o piso e o teto eram feitos de mármore branco polido, que refletia uma imagem fantasmagórica de todos os presentes, como um espelho de leite talhado. Havia um lampião estranho pendurado em cada canto.

– Há uma pessoa ferida... – Ele começou, mas um gesto abrupto do homem calvo o interrompeu.

– Não fale! Isso deve esperar até que você tenha sido testado. – Ele empurrou Murtagh em direção a um dos guerreiros, que encostou uma espada no pescoço do rapaz. O homem calvo entrelaçou as mãos suavemente. – Retire as suas armas e jogue-as para mim. – Um anão soltou a espada de Murtagh, e a arma caiu no chão produzindo um baque metálico.

Detestando a ideia de se separar de Zar'roc, Eragon soltou a bainha e a colocou, junto com a espada, no chão. Ele pôs seu arco e suas flechas ao lado da espada e empurrou a pilha em direção aos guerreiros.

– Agora, afaste-se do seu dragão e aproxime-se de mim lentamente – ordenou o homem calvo.

Confuso, Eragon andou para a frente. Quando eles estavam a um metro de distância, o homem disse:

– Pare aí! Agora, abaixe as defesas em volta da sua mente e permita que eu inspecione seus pensamentos e suas lembranças. Se tentar esconder alguma coisa de mim, pegarei o que quero usando a força... o que poderá enlouquecê-lo. Se você não permitir, seu amigo será morto.

– Por quê? – perguntou Eragon horrorizado.

– Para ter certeza de que você não está a serviço de Galbatorix e para saber por que centenas de Urgals estão batendo na nossa porta – resmungou o homem calvo. Os olhos dele, que eram muito próximos um do outro, deslocavam-se de ponto a ponto com uma velocidade incrível. – Ninguém pode entrar em Farthen Dûr sem ser testado.

– Não há tempo! Precisamos de um curandeiro! – protestou Eragon.

– Silêncio! – rugiu o homem, apertando o manto com seus dedos finos. – Até que você seja examinado, suas palavras serão inúteis!

– Mas ela está morrendo! – retrucou Eragon zangado, apontando para Arya. Eles estavam em uma posição perigosa, mas ele não deixaria que nada fosse feito até que Arya fosse tratada.

– Isso terá de esperar! Ninguém sairá daqui até que tenhamos descoberto a verdade por trás disso tudo! A não ser que você queira...

O anão que salvou Eragon no lago deu um pulo para a frente. – Você está cego, Egraz Carn? Não está vendo que há uma elfa no dragão? Não podemos deixá-la aqui se estiver em perigo. Ajihad e o rei cortarão nossas cabeças se a deixarmos morrer!

O homem apertou os olhos com raiva. Depois de um instante, relaxou e disse baixinho: – Claro, Orik, não poderíamos deixar isso acontecer. – Ele estalou os dedos e apontou para Arya. – Removam-na do dragão. – Dois guerreiros humanos embainharam suas espadas e, hesitantes, aproximaram-se de Saphira, que os observava atentamente. – Depressa! Depressa!

Os homens soltaram Arya da sela e colocaram-na no chão. Um dos homens examinou o rosto dela e disse de repente: – É a portadora dos ovos de dragão, Arya!

– O quê? – exclamou o homem calvo. Orik, o anão, arregalou os olhos com a surpresa. O homem calvo fixou seu olhar frio em Eragon e disse sem rodeios: – Você tem muito o que explicar.

Eragon devolveu aquele olhar intenso com toda a determinação que lhe era possível. – Ela foi envenenada com Skilna Bragh enquanto estava presa. Só o néctar de Túnivor pode salvá-la agora.

A expressão no rosto do homem calvo ficou inescrutável. Ele estava em pé, imóvel, exceto por seus lábios, que se contorciam ocasionalmente. – Muito bem. Levem-na aos curandeiros e digam o que ela precisa. Vigiem-na até que a cerimônia esteja encerrada. Depois, terei novas ordens para vocês. – Os guerreiros concordaram com a cabeça sumariamente e levaram Arya para fora da sala. Eragon os observou saindo, desejando poder acompanhá-la. As atenções dele voltaram de repente para o homem calvo quando ele disse: – Chega disso. Já perdemos tempo demais. Prepare-se para ser examinado.

Eragon não queria que aquele homem careca e ameaçador entrasse na mente dele, expondo todos os seus pensamentos e sentimentos, mas ele sabia que seria inútil resistir. O clima estava tenso. O olhar de Murtagh ardia em sua testa. Finalmente, ele inclinou a cabeça. – Estou pronto.

– Ótimo, então...

Ele foi interrompido quando Orik disse de repente: – É melhor que você não o machuque, Egraz Carn, pois o rei não vai gostar disso.

O homem olhou para o anão de modo irritado, e, depois, encarou Eragon com um pequeno sorriso no rosto. – Só se ele resistir. – Ele abaixou a cabeça e cantou várias palavras inaudíveis.

Eragon suspirou, devido à dor e à surpresa, quando uma sonda mental abria caminho em sua mente. Os olhos dele viraram-se para cima em suas órbitas, e Eragon começou a levantar barreiras em volta de sua mente. O ataque era incrivelmente poderoso.

Não faça isso!, gritou Saphira. Seus pensamentos juntaram-se aos dele, deixando-o mais forte. Você está colocando Murtagh em risco! Eragon hesitou, rangeu os dentes e forçou a si mesmo a baixar suas proteções, expondo-se à sonda voraz. Decepção emanou do homem calvo. O ataque dele se intensificou. A força que vinha da mente dele parecia ser deteriorada e imperfeita, havia algo profundamente errado naquilo tudo.

Ele quer que eu lute com ele!, gritou Eragon quando uma nova onda de dor o atingiu. Um segundo depois, a dor passou, somente para ser substituída por outra onda idêntica. Saphira fez o melhor que pôde para ajudar, mas nem ela foi capaz de bloqueá-la por completo.

Dê o que ele quer, disse ela rapidamente, mas proteja todo o resto. Ajudarei você. A força dele não se compara à minha, já estou ocultando nossa conversa dele.

Então, por que ainda dói?

A dor vem de você.

Eragon apertou os olhos quando a sonda penetrou mais fundo, procurando informações. Parecia um prego que estava sendo enfiado em seu crânio. O homem calvo achou as memórias da infância dele e começou a revistá-las. Ele não precisa disso, tire-o daí, resmungou Eragon zangado.

Não posso, a não ser que coloque você em perigo, disse Saphira. Posso esconder coisas dele, mas tenho de fazer isso antes que ele as alcance. Pense rápido e me diga o que quer manter escondido!

Eragon tentou concentrar-se apesar da dor. Percorreu suas memórias, começando de quando achou o ovo de Saphira. Escondeu partes de suas conversas com Brom, incluindo todas as palavras da língua antiga que havia aprendido. Em suas viagens pelo vale Palancar, Yazuac, Daret e Teirm quase não mexeu em nada. Mas pediu para Saphira esconder tudo de que ele se lembrava sobre Angela, a vidente, e sobre Solembum. Pulou o roubo que fizeram em Teirm para a morte de Brom, para sua prisão em Gil'ead e para as revelações de Murtagh sobre sua verdadeira identidade.

Eragon também queria esconder aquilo, mas Saphira hesitou.

Os Varden têm o direito de saber a quem darão abrigo, especialmente se for o filho de um Renegado!

Esconda logo isso, disse ele nervoso, lutando contra outra onda de agonia. Não serei eu quem vai desmascará-lo, pelo menos, não para esse homem.

Isso será descoberto assim que Murtagh for examinado, alertou Saphira com severidade.

Apenas esconda.

Com as informações importantes escondidas, não havia mais nada para Eragon fazer do que esperar o homem calvo terminar sua inspeção. Era como ficar sentado, sem se mexer, enquanto as suas unhas eram arrancadas com alicates enferrujados. O seu corpo inteiro ficou rígido, suas mandíbulas estavam fechadas com força. Calor irradiava de sua pele, e um fio de suor corria em seu pescoço. Sentiu cada segundo passar dolorosamente enquanto os longos minutos se arrastavam.

O homem calvo abriu caminho entre as lembranças dele lentamente, como se fosse uma videira espinhosa rompendo barreiras em busca da luz do sol. Prestou muita atenção a coisas que Eragon achava irrelevantes, como a mãe dele, Selena, e parecia que se demorava de propósito, como se quisesse aumentar seu sofrimento. Passou um longo tempo examinando as memórias de Eragon sobre os

Ra'zac e, em seguida, o Espectro. Só depois que suas aventuras foram analisadas exaustivamente é que o homem calvo começou a retirar-se da mente de Eragon.

A sonda saiu parecendo uma farpa que era extraída. Eragon tremeu, cambaleou e caiu no chão. Braços fortes ampararam-no no último segundo, deitando-o no chão de mármore frio. Ele ouviu Orik exclamar atrás dele: – Você foi longe demais! Ele não estava forte o bastante para isso!

– Ele viverá. É o que basta – respondeu o homem calvo de forma breve.

Ouviu-se um resmungo zangado. – O que você descobriu?

Silêncio.

– Então, ele é confiável ou não?

As palavras saíram de forma relutante.

– Ele... não é nosso inimigo. – Ouviram-se suspiros de alívio em toda a sala.

Os olhos de Eragon abriram-se, trêmulos. Ele cuidadosamente tentou ficar em pé. – Devagar, agora – disse Orik, passando um braço forte em volta dele, ajudando-o a ficar de pé. Eragon cambaleou, olhando fixamente para o homem calvo. Um rosnado baixo ecoou na garganta de Saphira.

O homem calvo ignorou-os. Ele voltou-se para Murtagh, que ainda estava detido sob a lâmina da espada. – Agora, é a sua vez.

Murtagh retesou o corpo e balançou a cabeça. A espada cortou levemente o seu pescoço. O sangue escorreu pela sua pele.

– Não.

– Você não será protegido aqui se recusar.

– Eragon foi declarado confiável, então não pode ameaçar matá-lo para me influenciar. Já que não pode fazer isso, nada que você disser ou fizer me convencerá a abrir minha mente.

Olhando e sorrindo com desprezo, o homem calvo levantou o que teria sido uma sobrancelha, se ele tivesse alguma. – E a sua própria vida? Ainda tenho isso para ameaçar.

– Isso não lhe adiantaria nada – disse Murtagh com frieza e com tanta convicção que era impossível duvidar de suas palavras.

O homem calvo explodiu com raiva: – Você não tem escolha! – Ele deu um passo à frente e colocou a palma de sua mão na testa de Murtagh, apertando-a para mantê-lo no lugar. Murtagh retesou o corpo ainda mais, a expressão do seu rosto ficou dura como ferro, os punhos cerrados, os músculos do pescoço salientes. Ele obviamente estava combatendo o ataque com toda a sua força. O homem calvo mostrou os dentes com fúria e frustração por causa daquela resistência, os dedos

dele apertavam Murtagh de modo inclemente.

O rosto de Eragon expressava dor, sentindo compaixão, pois conhecia a batalha que eles travavam. Você não pode ajudá-lo?, perguntou a Saphira.

Não, disse ela suavemente. Ele não permite que ninguém entre em sua mente.

Orik olhava de cara feia enquanto observava os combatentes. – Ilf carnz orodüm – resmungou ele. Em seguida, deu um pulo para a frente e gritou: – Basta! – Agarrou o braço do homem calvo e puxou-o para longe de Murtagh com uma força desproporcional ao seu tamanho.

O homem calvo cambaleou para trás, depois se virou para Orik furioso. – Como você ousa? – gritou ele. – Você questionou a minha liderança ao abrir os portões sem permissão e, agora, isso! Você só demonstrou insolência e falta de lealdade. Acha que o seu rei vai protegê-lo agora?

Orik ficou irritado. – Você os teria deixado morrer! Se eu tivesse esperado mais um pouco, os Urgals teriam matado todos eles. – Ele apontou para Murtagh, cuja respiração estava sendo feita em grandes suspiros. – Não temos o direito de torturá-lo para obter informações! Ajihad nunca sancionaria isso. Ainda mais depois de você ter examinado o Cavaleiro e ter descoberto que ele não representa uma ameaça. E eles nos trouxeram Arya.

– Você permitiria que ele entrasse sem ser desafiado? Você é um tolo tão grande ao ponto de pôr todos nós em risco? – exigiu o homem calvo. Os olhos dele estavam animalescos, repletos de raiva. Parecia que estava pronto para fazer o anão em pedaços.

– Ele pode fazer magia?

– Isso eu...

– Ele pode fazer magia? – berrou Orik, a voz grave dele ecoou por toda a sala. De repente, o rosto do homem calvo ficou inexpressivo. Ele entrelaçou as mãos atrás de suas costas.

– Não.

– Então, o que você tem a temer? É impossível conseguir fugir e ele não poderá fazer nenhum mal com todos nós aqui, ainda mais se os seus poderes forem tão grandes quanto você diz serem. Mas não me dê ouvidos, pergunte a Ajihad o que deve ser feito.

O homem calvo olhou o anão fixamente durante alguns instantes, a expressão do seu rosto era indecifrável, depois olhou para o teto e fechou os olhos. Uma rigidez peculiar tomou conta dos ombros enquanto seus lábios se moviam sem produzir som algum. Um franzir de rosto intenso enrugou a pele pálida acima dos olhos, e

seus dedos se entrelaçaram com mais força ainda, como se estivessem estrangulando um inimigo invisível. Ficou daquele jeito durante alguns minutos, isolado em uma comunicação silenciosa.

Quando abriu os olhos, ignorou Orik e falou depressa para os guerreiros: – Saiam, agora! – Enquanto eles saíam pelo portal, dirigiu-se friamente a Eragon. – Como não consegui completar minha investigação, você e... o seu amigo passarão a noite aqui. Ele será morto se tentar sair. – Com essas palavras, virou-se e saiu da sala a passos largos, com a cabeça pálida brilhando sob a luz dos lampiões.

– Obrigado – sussurrou Eragon para Orik.

O anão bufou.

– Vou me certificar de que trarão comida para vocês. – Ele balbuciou algumas palavras entre os dentes e, depois, saiu, balançando a cabeça. A tranca foi fechada mais uma vez pelo lado de fora da porta.

Eragon sentou, sentindo-se estranhamente pensativo devido às emoções daquele dia e à sua marcha forçada. Suas pálpebras estavam pesadas. Saphira ajeitou-se ao lado dele.

Precisamos ter cuidado. Parece que temos tantos inimigos aqui quanto tínhamos no Império. Ele concordou com a cabeça, cansado demais para falar.

Murtagh, cujos olhos estavam vidrados e vazios, encostou-se na parede oposta e foi escorregando até o chão brilhante. Ele apertava a manga contra o corte em seu pescoço para parar o sangramento. – Você está bem? – perguntou Eragon. Murtagh concordou com a cabeça com movimentos rápidos. – Ele conseguiu tirar alguma coisa de você?

– Não.

– Como conseguiu evitar que ele entrasse? Ele é muito forte.

– Eu... eu fui treinado. – Havia uma nota amarga em sua voz.

O silêncio envolveu-os. O olhar de Eragon passou para um dos lampiões que estava pendurado em um canto. Os pensamentos dele fluíam até que ele disse de repente: – Eu não deixei que eles soubessem quem você é.

Murtagh pareceu ficar aliviado. Ele inclinou a cabeça.

– Obrigado por não ter me traído.

– Eles não o reconheceram.

– Não.

– E você ainda afirma ser o filho de Morzan?

– Afirmo – suspirou ele.

Eragon começou a falar, mas parou quando sentiu um líquido quente cair em sua

mão. Ele olhou para baixo e ficou surpreso ao ver um pingo de sangue escuro correndo na pele dele. O sangue caiu da asa de Saphira. Esqueci! Você está ferida!, exclamou levantando-se com esforço. É melhor eu curá-la.

Tome cuidado. É fácil cometer erros quando se está muito cansado.

Eu sei. Saphira abriu uma de suas asas e a abaixou até o chão. Murtagh observou quando Eragon correu as mãos por cima da fina e quente membrana azul dizendo: "Waíse heill", sempre que encontrava um buraco feito por uma flecha. Por sorte, todos os ferimentos eram relativamente fáceis de serem curados, até mesmo os no nariz dela.

Tarefa terminada, Eragon deixou-se cair em cima de Saphira, ofegante. Ele podia sentir o grande coração dela batendo no ritmo constante da vida.

– Tomara que tragam comida logo – disse Murtagh.

Eragon deu de ombros. Estava exausto demais para sentir fome. Cruzou os braços, sentindo falta do peso de Zar'roc na cinta.

– Por que você está aqui?

– O quê?

– Se você fosse mesmo o filho de Morzan, Galbatorix não o deixaria perambular pela Alagaësia livremente. Como você conseguiu achar os Ra'zac sozinho? Por que nunca ouvi dizer que os Renegados tiveram filhos? E o que você está fazendo aqui? – O tom da voz dele elevou-se no final, quase virando um grito.

Murtagh passou as mãos no rosto. – É uma longa história.

– Nós não vamos a lugar nenhum – retrucou Eragon.

– Está tarde demais para conversar.

– Provavelmente, não teremos tempo para fazer isso amanhã.

Murtagh abraçou as suas pernas e apoiou o queixo nos joelhos, balançando-se para a frente e para trás enquanto olhava fixamente para o chão.

– Isso não é uma... – disse e interrompeu a si mesmo. – Eu não quero parar... então, coloque-se em uma posição confortável. Minha história vai demorar um pouco. – Eragon ajeitou-se ao lado do corpo de Saphira e concordou com a cabeça. Saphira olhava os dois com atenção.

Murtagh hesitou na primeira frase, mas a voz dele ganhou força e confiança conforme ele falava. – Pelo que sei, sou o único filho dos Treze Servos, ou Renegados, como são chamados. Pode haver outros, pois os Treze tinham habilidade para esconder o que quisessem, mas duvido que isso tenha acontecido devido a razões que explicarei mais tarde.

"Meus pais conheceram-se em um pequeno vilarejo, e eu nunca soube onde. Na

época, meu pai viajava a serviço do rei. Morzan demonstrou um pouco de ternura à minha mãe, sem dúvida em um golpe para conquistar a confiança dela, e quando ele partiu, ela o acompanhou. Viajaram juntos durante um tempo. E, como já era de se esperar em situações como essa, ela se apaixonou perdidamente por ele. Morzan ficou feliz em saber disso, não só porque daria a ele inúmeras oportunidades para atormentá-la, mas porque também reconheceu a vantagem de ter uma serva que nunca o trairia.

"Desse modo, quando Morzan voltou para a corte de Galbatorix, minha mãe virou o instrumento no qual ele mais confiava. Ele a usava para levar suas mensagens secretas e lhe ensinou algumas magias rudimentares, o que a ajudou a permanecer desconhecida e, quando necessário, a extrair informações das pessoas. Ele fez o melhor que pôde para protegê-la do resto dos Treze, não porque sentisse algo por ela, mas porque poderiam usá-la contra ele se tivessem tal oportunidade... Durante três anos, as coisas foram dessa maneira, até que minha mãe engravidou."

Murtagh fez uma pausa por um momento, mexendo em um cacho de seu cabelo. Ele continuou em um tom entrecortado: – Meu pai era, no mínimo, um homem astucioso. Ele sabia que aquela gravidez colocaria ambos em perigo, sem falar no bebê, que sou eu. Então, no alto da noite, ele a tirou secretamente do palácio e a levou para o seu castelo. Assim que chegaram, ele fez encantos poderosos para evitar que qualquer pessoa entrasse na propriedade dele, com exceção de alguns poucos servos escolhidos a dedo.

"Assim, a gravidez ficou mantida em segredo de todos, exceto de Galbatorix, que conhecia os detalhes íntimos da vida de cada um dos Treze: suas tramas, suas lutas e, mais importante, seus pensamentos. Ele gostava de vê-los brigando uns com os outros e frequentemente ajudava um ou outro em prol de seu próprio divertimento. Mas, por algum motivo, ele nunca revelou minha existência.

"Eu nasci quando se completou o tempo da gestação e fui dado a uma ama de leite para que minha mãe pudesse voltar para o lado de Morzan. Ela não tinha escolha. Morzan permitia que ela me visitasse a cada dois meses, mas, fora isso, ficávamos separados. Outros três anos se passaram dessa maneira, durante os quais ele me deu a... cicatriz que tenho nas costas."

Murtagh pensou por um minuto antes de continuar.

– Eu teria sido criado dessa maneira se Morzan não tivesse sido convocado para achar o ovo de Saphira. Assim que ele partiu, minha mãe, que foi deixada para trás, desapareceu. Ninguém sabe aonde ela foi e por quê. O rei tentou caçá-la, mas seus homens não conseguiram encontrar o rastro dela, sem dúvida devido ao

treinamento de Morzan.

"Na época do meu nascimento, somente cinco dos Treze ainda estavam vivos. Já na partida de Morzan, esse número estava reduzido a três. Quando ele, finalmente, enfrentou Brom em Gil'ead, era o único que restava. Os Renegados morreram de várias maneiras: suicídio, emboscada, uso excessivo de magia... mas, na maior parte, foi graças ao trabalho dos Varden. Soube que o rei ficou terrivelmente zangado por causa dessas perdas.

"Contudo, antes que as notícias das mortes de Morzan e dos outros chegassem até nós, minha mãe voltou. Muitos meses se passaram desde o seu desaparecimento. A saúde dela estava ruim, como se tivesse sofrido de um grande mal, e ela piorou cada vez mais. Depois de duas semanas, ela morreu."

– E o que aconteceu depois? – perguntou Eragon em seguida.

Murtagh deu de ombros: – Eu cresci. O rei me levou para o palácio e mandou que me criassem. Fora isso, ele me deixava em paz.

– Então, por que você partiu?

Murtagh deu uma grande risada. – Fugiu é o termo mais apropriado. No meu último aniversário, quando fiz dezoito anos, o rei me convidou a ir aos aposentos dele para um jantar particular. O recado me surpreendeu, pois eu sempre me distanciei da corte e raramente o encontrava. Nós já havíamos conversado antes, mas sempre sob as atenções dos ouvidos de nobres bisbilhoteiros.

"Eu aceitei o convite, é claro, consciente de que não seria sábio recusá-lo. A refeição foi suntuosa, mas durante o tempo todo os olhos negros dele não saíram de cima de mim. O olhar era desconcertante, parecia procurar algo escondido no meu rosto. Eu não sabia o que fazer e fiz o melhor para conduzir uma conversa educada, mas como ele se recusava a falar, logo poupei meus esforços.

"Quando terminamos a refeição, ele finalmente começou a falar. Como você nunca ouviu a voz dele, fica difícil fazê-lo entender como ela é. As palavras eram hipnotizantes, como uma serpente sussurrando mentiras nos meus ouvidos. É o homem mais convincente e assustador que já ouvi falando. Ele decreveu uma visão, uma fantasia do Império como ele o imaginava. Havia belas cidades construídas por todo o país, repletas de grandes guerreiros, artesãos, músicos e filósofos. Os Urgals, finalmente, erradicados. E o Império se expandiria em todas as direções até alcançar os quatro cantos da Alagaësia. A paz e a prosperidade floresceriam, e mais maravilhosa ainda seria a volta dos Cavaleiros, que governariam com sabedoria os feudos concedidos por Galbatorix.

"Encantado, eu o ouvi falando pelo tempo que deve ter sido várias horas.

Quando parou, ansioso perguntei como os Cavaleiros seriam restaurados, pois todos sabiam que não restavam mais ovos de dragão. Galbatorix manteve-se imóvel e ficou olhando fixamente para mim, pensativo. Ele permaneceu em silêncio durante um longo tempo, mas esticou a mão e me disse: 'Será que você, ó filho do meu amigo, me serviria conforme as minhas ordens para tornar esse paraíso realidade?'

"Embora eu conhecesse a história de como ele e meu pai chegaram ao poder, o sonho que ele pintou para mim era muito tentador, sedutor demais para ser ignorado. O ardor por tal missão encheu o meu ser, e eu me comprometi com ele fervorosamente. Obviamente satisfeito, Galbatorix me deu a sua bênção e me dispensou dizendo: 'Eu o chamarei no momento oportuno.'

"Vários meses se passaram até que ele me chamasse. Quando a convocação chegou, senti minha velha emoção aflorar. Ele me encontrou de modo particular, como antes, mas dessa vez ele não foi tão amigável e fascinante. Os Varden tinham acabado de destruir três brigadas no sul, e a ira dele estava à flor da pele. Ele me deu ordens, em um tom de voz tenebroso, para pegar um destacamento de soldados e destruir Cantos, onde se sabia que os rebeldes se escondiam ocasionalmente. Quando perguntei o que devia fazer com os habitantes de lá e como descobrir se eram realmente culpados, ele gritou: 'Todos eles são traidores! Queime-os na fogueira e enterre suas cinzas com estrume!' Ele continuou falando alto, xingando os inimigos e descrevendo como flagelaria a terra das pessoas que lhe desejassem mal.

"O tom de voz dele estava muito diferente do nosso primeiro encontro e me fez perceber que ele não tinha a compaixão nem a perspicácia para conquistar a lealdade de seu povo, e que ele governava apenas através da força bruta, incentivado somente por suas paixões. Foi naquele momento que senti a determinação de fugir dele e de Urû'baen para sempre.

"Assim que me afastei da presença dele, eu e meu criado fiel, Tornac, nos preparamos para fugir. Partimos naquela mesma noite, mas de alguma forma Galbatorix antecipou minhas ações, pois havia soldados esperando por nós do lado de fora dos portões. Ah, minha espada ficou manchada de sangue, brilhando sob a luz fraca dos lampiões. Nós derrotamos os homens... mas durante a batalha Tornac foi morto.

"Sozinho e cheio de pesar, fugi para a casa de um velho amigo, que me ofereceu abrigo. Enquanto eu estava escondido, prestava muita atenção a todos os boatos, tentando prever as ações de Galbatorix para planejar o meu futuro. Durante esse

tempo, fiquei sabendo que os Ra'zac tinham sido convocados para capturar ou matar alguém. Lembrando dos planos do rei quanto aos Cavaleiros, decidi achar e seguir os Ra'zac, caso eles descobrissem um dragão. E foi como encontrei você... Não tenho mais segredos."

Ainda não sabemos se ele está falando a verdade, alertou Saphira.

Eu sei, disse Eragon. Mas por que ele mentiria para nós?

Ele pode ser louco.

Duvido. Eragon correu um dedo por cima das duras escamas de Saphira, olhando a luz que refletia nelas.

– Então, por que você não se une aos Varden? Eles podem desconfiar de você durante um tempo, mas assim que provar a sua lealdade, vão tratá-lo com respeito. E eles não são, de certo modo, seus aliados? Lutam para acabar com o domínio do rei. Não é isso que você quer?

– Será que tenho de explicar tudo nos mínimos detalhes para você? – perguntou Murtagh. – Não quero que Galbatorix saiba onde estou, o que será inevitável se as pessoas começarem a dizer que me uni aos inimigos dele, coisa que nunca fiz. Esses... – ele fez uma pausa, dizendo em seguida com desgosto – rebeldes não querem apenas destronar o rei, querem destruir o Império também... e eu não quero que isso aconteça. Isso geraria confusão e anarquia. O rei não é perfeito, tudo bem, mas o sistema em si é bom. Quanto a ganhar o respeito dos Varden: Ah! Assim que eu for descoberto, eles me tratarão como um criminoso ou pior. Além disso, cairão suspeitas sobre você, pois nós viajamos juntos!

Ele tem razão, disse Saphira.

Eragon a ignorou.

– A situação não é tão ruim assim – disse ele tentando parecer otimista. Murtagh resmungou com zombaria e desviou o olhar. – Tenho certeza que eles não serão... – Suas palavras foram interrompidas quando a porta se abriu o suficiente para uma mão passar, e duas tigelas foram arrastadas para dentro da sala. Um pão e um grande pedaço de carne crua apareceram logo depois. E a porta fechou-se novamente.

– Finalmente! – resmungou Murtagh indo na direção da comida. Ele jogou a carne para Saphira, que a aparou no ar e a engoliu inteira. Depois, partiu o pão em dois, deu metade para Eragon, pegou sua tigela e recolheu-se em um canto.

Eles comeram em silêncio. Murtagh garfava sua comida com violência. – Vou dormir – anunciou ele, colocando sua tigela no chão sem proferir nem mais uma palavra.

– Boa-noite – disse Eragon. Ele deitou-se ao lado de Saphira, colocando os braços embaixo da cabeça. Ela enrolou seu longo pescoço em volta dele, como um gato se enrola com a própria cauda, e deitou a cabeça a seu lado. Uma de suas asas estendeu-se sobre ele como uma tenda azul, envolvendo-o na escuridão.

Boa-noite, pequenino.

Um pequeno sorriso ergueu os lábios de Eragon, mas ele já estava adormecendo.

A GLÓRIA DE TRONJHEIM

Eragon acordou de repente quando um rosnado soou em seu ouvido. Saphira ainda estava dormindo, os olhos dela agitavam-se nervosamente embaixo de suas pálpebras e o lábio superior dela tremia, como se ela fosse ranger os dentes. Ele sorriu e foi jogado para o lado quando ela rosnou de novo.

Ela deve estar sonhando, concluiu ele. Eragon a observou durante alguns instantes e saiu cuidadosamente debaixo de sua asa. Ficou em pé e espreguiçou-se. A sala estava fria, mas não de um modo que fosse desagradável. Murtagh estava deitado de barriga para cima no lado oposto do cômodo, seus olhos estavam fechados.

Quando Eragon andava em volta de Saphira, Murtagh se mexeu.

– Bom-dia – disse ele baixinho, colocando-se sentado.

– Há quanto tempo você está acordado? – perguntou Eragon sussurrando.

– Há algum tempo. Estou surpreso que Saphira não tenha acordado você antes.

– Estava tão cansado que dormiria até no meio de uma tempestade de trovões – disse Eragon ironicamente. Ele sentou ao lado de Murtagh e apoiou a cabeça na parede. – Você sabe que horas são?

– Não. É impossível saber aqui dentro.

– Alguém já veio nos ver?

– Ainda não.

Eles ficaram sentados juntos, sem se mexer ou falar. Eragon se sentia estranhamente ligado a Murtagh. Eu carrego a espada do pai dele, o que era para ser... sua herança. Somos parecidos sob vários aspectos, mas nossos pontos de vista e criação são completamente diferentes. Pensou na cicatriz de Murtagh e tremeu. Que homem poderia fazer isso com um filho?

Saphira levantou a cabeça e piscou para limpar os olhos. Ela farejou o ar e bocejou largamente, sua língua áspera se enrolou na ponta. Aconteceu alguma coisa? Eragon balançou a cabeça. Espero que me deem mais alguma coisa para comer do que aquele petisco da noite passada. Estou com tanta fome que comeria um rebanho de vacas inteiro.

Eles vão alimentá-la, ele garantiu a ela.

É melhor que alimentem mesmo. Ela pôs-se perto da porta e colocou-se em posição de espera, sua cauda agitava-se. Eragon fechou os olhos, aproveitando o apoio. Dormiu durante um breve tempo, acordou e ficou andando pela sala. Entediado, examinou um dos lampiões. Era feito de um pedaço de vidro inteiriço

em forma de lágrima, tinha duas vezes o tamanho de um limão e estava cheio de uma luz azul suave que não ondulava ou piscava. Quatro hastes finas de metal envolviam o vidro de modo sutil, encontrando-se no topo para formar um pequeno gancho e, novamente, na parte de baixo, onde eram soldadas, formando três pernas delicadas. O artefato em si era encantador.

A inspeção de Eragon foi interrompida por vozes do lado de fora da sala. A porta abriu-se, e doze guerreiros entraram marchando. O primeiro homem levou um susto quando viu Saphira. Foram seguidos por Orik e pelo homem calvo, que declarou: – Vocês foram convocados para se apresentarem a Ajihad, o líder dos Varden. Se quiserem comer, terão de fazê-lo enquanto marchamos. – Eragon e Murtagh ficaram em pé ao mesmo tempo, olhando para ele com suspeição.

– Onde estão nossos cavalos? E será que podem devolver a minha espada e o meu arco? – perguntou Eragon.

O homem calvo olhou para ele com desdém. – Suas armas serão devolvidas quando Ajihad permitir, antes disso, não. Quanto aos seus cavalos, eles os esperam no túnel. Agora, venham!

Quando se virava para sair, Eragon perguntou rapidamente:

– Como está Arya?

O homem calvo hesitou. – Eu não sei. Os curandeiros ainda estão com ela. – Ele saiu da sala, acompanhado por Orik.

Um dos guerreiros apontou. – Você vai na frente. – Eragon passou pelo portal, seguido por Saphira e Murtagh. Voltaram pelo corredor que atravessaram na noite anterior, passando pela estátua do animal de penas longas. Quando chegaram ao enorme túnel por onde tinham entrado na montanha, o homem calvo esperava-os com Orik, que segurava as rédeas de Tornac e Fogo na Neve.

– Vocês cavalgarão em fila única pelo centro do túnel – instruiu o homem calvo. – Se tentarem ir para qualquer outro lugar, serão detidos. – Quando Eragon começava a montar em Saphira, o homem calvo gritou: – Não! Você montará seu cavalo até que eu diga que pode montar o dragão.

Eragon deu de ombros e pegou as rédeas de Fogo na Neve. Ele pulou para cima da sela, guiou Fogo na Neve para a frente de Saphira e disse a ela:

Fique por perto, caso eu precise de ajuda.

É claro, disse ela.

Murtagh montou em Tornac atrás de Saphira. O homem calvo inspecionou a pequena fila formada por eles, depois fez um gesto para os guerreiros, que se dividiram em dois grupos para cercá-los, dando o maior espaço possível para

Saphira. Orik e o homem calvo foram na frente do cortejo.

Depois de olhar para eles mais uma vez, o homem calvo bateu palmas duas vezes e começou a andar para a frente. Eragon deu um tapa de leve nos flancos de Fogo na Neve. O grupo seguiu em direção ao coração da montanha. Ecos enchiam o túnel quando os cascos dos cavalos batiam no chão duro. Os sons eram amplificados na passagem deserta. Portas e portões, ocasionalmente, maculavam as paredes lisas, mas sempre estavam fechados.

Eragon olhava maravilhado o imenso tamanho do túnel, que havia sido perfurado com uma habilidade incrível – as paredes, o piso e o teto foram talhados com precisão milimétrica. Os ângulos nas bases das paredes eram perfeitamente simétricos, e pelo que ele pôde notar, o túnel em si não variava em seu curso nem por um centímetro.

Conforme avançavam, a expectativa de Eragon quanto ao encontro com Ajihad aumentava. O líder dos Varden era uma figura sombria para as pessoas de dentro do Império. Ele havia subido ao poder há quase vinte anos e desde então travava uma guerra ferrenha contra o rei Galbatorix. Ninguém sabia de onde ele tinha vindo ou como se parecia. Falava-se que ele era um exímio estrategista, um guerreiro brutal. Com tal reputação, Eragon se preocupava com o modo que seriam recebidos. Contudo, saber que Brom confiava nos Varden o bastante para tê-los servido ajudava a aplacar seu medo.

Ver Orik novamente levantou novas perguntas em sua mente. O túnel era obviamente trabalho dos anões – ninguém era tão hábil na arte da mineração –, mas será que os anões também faziam parte dos Varden? Ou será que meramente davam abrigo a eles? E qual era o rei que Orik mencionou? Será que era Ajihad? Eragon entendeu naquele momento que os Varden conseguiram evitar que fossem descobertos ao se esconderem embaixo da terra, mas e quanto aos elfos? Onde eles estavam?

Durante quase uma hora, o homem calvo os guiou pelo túnel, nunca fazendo uma curva ou se desviando do caminho. Provavelmente, já devemos ter percorrido quase cinco quilômetros, pensou Eragon. Talvez estejam atravessando a montanha conosco! Finalmente, uma fraca luz branca tornou-se visível à frente deles. Ele forçou os olhos, tentando discernir sua fonte, mas ainda estava longe demais para ser revelado qualquer detalhe. O brilho aumentava, ficando mais forte conforme eles se aproximavam.

Agora, ele conseguia ver grossas pilastras de mármore adornadas com rubis e ametistas, posicionadas em fileira ao longo das paredes. Numerosos lampiões

estavam pendurados entre as pilastras, espalhando no ar um brilho líquido. Adereços dourados brilhavam em suas bases como fios derretidos. Arqueando-se no teto estavam entalhadas cabeças de corvos, cujos bicos estavam abertos como se estivessem gritando. No final do corredor havia duas colossais portas pretas, destacadas por linhas brilhantes prateadas traçando uma coroa de sete pontas, que se estendia em ambos os lados.

O homem calvo parou e ergueu uma de suas mãos. Ele voltou-se para Eragon. – Agora, você montará em seu dragão. Não tente levantar voo. Haverá pessoas olhando, então lembre-se de quem e o que você é.

Eragon desmontou de Fogo na Neve e subiu com dificuldade nas costas de Saphira. Acho que eles querem nos exibir, disse ela enquanto ele se ajeitava em sua sela.

É o que veremos. Eu queria estar com Zar'roc, respondeu ele apertando as amarras em volta das pernas dele.

É melhor não estar usando a espada de Morzan quando os Varden virem você pela primeira vez.

Tem razão. – Estou pronto – avisou Eragon ajeitando os ombros.

– Ótimo – disse o homem calvo. Ele e Orik alinharam-se, um de cada lado de Saphira, afastando-se o suficiente para que ela tomasse, claramente, a liderança. – Agora, aproximem-se das portas. Assim que elas abrirem, sigam o caminho. Andem devagar.

Está pronta?, perguntou Eragon.

É claro. Saphira aproximou-se das portas com passos cadenciados. Suas escamas brilhavam sob a luz, produzindo efeitos cintilantes que dançavam nas pilastras. Eragon respirou fundo para aplacar sua ansiedade.

Sem dar nenhum aviso, as portas abriram-se para fora, apoiadas em dobradiças ocultas. Conforme o vão se abria entre eles, raios de luz solar entravam no túnel, caindo em Saphira e em Eragon. Temporariamente cego, Eragon piscou e apertou os olhos. Quando sua visão se ajustou à luz, ele ficou surpreso.

Eles estavam dentro de uma gigantesca cratera de vulcão. Suas paredes estreitavam-se até uma pequena abertura irregular tão alta que Eragon não podia determinar a distância que ela estava – devia estar a mais de dezenove mil metros de altura. Um suave raio de luz entrava pela abertura, iluminando o centro da cratera, embora deixasse o restante do espaço cavernoso envolvido em um crepúsculo abafado.

A extremidade oposta da cratera, com um azul nebuloso ao fundo, parecia estar

a uns dezesseis quilômetros de distância. Estalactites gigantescas, com centenas de metros de largura e milhares de metros de comprimento, pendiam quilômetros acima deles como brilhantes adagas gigantes. Eragon sabia por experiência própria que ninguém, nem mesmo Saphira, podia chegar até aqueles cumes altíssimos. Bem abaixo, nas paredes internas da cratera, havia tapetes escuros de musgo e líquen que cobriam a rocha.

Ele abaixou o olhar e viu um caminho largo feito com paralelepípedos que se iniciava na soleira das portas. O caminho ia direto para o centro da cratera, onde terminava na base de uma montanha branca como a neve, que brilhava como uma pedra preciosa que ainda não havia sido cortada, produzindo uma explosão de cores. Ela tinha menos de um décimo da altura da cratera que pairava acima e em volta dela, mas sua aparência diminuta era enganadora, pois tinha uns mil e quinhentos metros de altura.

Por mais extenso que fosse, o túnel os fez atravessar apenas um dos lados da parede da cratera. Enquanto Eragon olhava admirado, Orik disse com uma voz grave:

– Olhe bem, humano, pois nenhum Cavaleiro põe os olhos nisto há quase cem anos. O pico alto que está bem acima de nós é o Farthen Dûr, que foi descoberto há milhares de anos pelo patriarca da nossa raça, Korgan, enquanto ele procurava ouro. E no centro está o nosso maior feito, Tronjheim, a cidade-montanha, construída com o mármore mais puro. – As portas pararam com um rangido.

Uma cidade!

Então, Eragon viu a multidão. Ficou tão absorto com aquela visão que não notou um mar de pessoas que se concentravam em volta da entrada do túnel. Elas estavam enfileiradas nos lados do caminho de paralelepípedos, anões e humanos amontoados como árvores em um bosque fechado. Havia centenas... milhares deles. Todos os olhos, todos os rostos estavam concentrados em Eragon. E todos estavam em silêncio.

Eragon segurou a base de um dos espinhos do pescoço de Saphira. Viu crianças vestindo aventais sujos, homens fortes com os nós dos dedos arranhados, mulheres usando vestidos simples e anões troncudos com a aparência surrada, que mexiam em suas barbas. Todos exibiam a mesma expressão tensa, a de um animal ferido quando há um predador por perto e a fuga é impossível.

Uma gota de suor correu pelo rosto de Eragon, mas ele não ousou se mexer para enxugá-la.

O que devo fazer?, perguntou ele nervoso.

Sorria, erga a mão, qualquer coisa!, respondeu Saphira rapidamente.

Eragon tentou forçar um sorriso, mas os lábios dele apenas se estremeceram. Juntando toda a sua coragem, ergueu uma de suas mãos, fazendo um pequeno aceno. Quando nada aconteceu, ruborizou-se de vergonha, abaixou o braço e a cabeça.

Um grito solitário quebrou o silêncio. Alguém aplaudia vigorosamente. Durante um breve segundo, a multidão hesitou, depois um estrondo selvagem emanou dela, e uma onda de som banhou Eragon.

– Muito bem – disse o homem calvo atrás dele. – Agora, comece a andar.

Aliviado, Eragon sentou-se ereto na sela e, brincando, perguntou a Saphira: Vamos? Ela arqueou o pescoço e andou para a frente. Quando passaram pela primeira carreira de pessoas, ela olhou de relance para os dois lados e exalou uma nuvem de fumaça. A multidão ficou em silêncio e retraiu-se, depois, recomeçou a aclamá-lo, o entusiasmo deles só fez aumentar.

Exibicionista, censurou Eragon. Saphira abanou a cauda e o ignorou. Ele olhava curiosamente a multidão que se acotovelava enquanto avançava pelo caminho. Os anões estavam em um número muito maior do que os humanos... e muitos deles olhavam para Eragon com um ar ressentido. Alguns chegaram até a virar as costas para ele com o rosto fechado.

Os humanos eram pessoas duras e robustas. Todos os homens usavam adagas ou facas na cintura, muitos estavam armados como se fossem para a guerra. As mulheres tinham uma postura orgulhosa, mas pareciam esconder uma profunda fadiga. As poucas crianças e bebês olhavam admiradas para Eragon com olhos arregalados. Ele tinha certeza de que essas pessoas enfrentaram muitos períodos difíceis e que fariam o que fosse necessário para se defender.

Os Varden acharam um esconderijo perfeito. As paredes de Farthen Dûr eram altas demais para serem sobrevoadas por um dragão e nenhum exército poderia ter acesso ao interior da cratera, mesmo que conseguisse encontrar as portas escondidas.

A multidão os acompanhava de perto, dando bastante espaço a Saphira. Gradualmente, as pessoas foram se acalmando, embora a atenção de todos permanecesse em Eragon. Ele olhou para trás e viu Murtagh cavalgando tenso na sela, o rosto dele estava pálido.

Eles se aproximaram da cidade-montanha, e Eragon viu que o mármore branco de Tronjheim era altamente polido e talhado, repleto de contornos, como se já tivesse sido moldado no local. A cidade era pontilhada por incontáveis janelas

redondas adornadas com entalhes muito elaborados. Um lampião colorido pendia em cada janela, projetando uma luz suave na pedra que as cercava. Não havia torres ou chaminés visíveis. Diretamente à frente, dois grifos dourados de nove metros guardavam um gigantesco portão de madeira, recuado dezoito metros da base de Tronjheim, acompanhado por duas grandes pilastras que sustentavam uma abóbada lá no alto.

Quando chegaram à base de Tronjheim, Saphira parou para ver se o homem calvo tinha alguma instrução para dar. Como nada foi dito, continuou andando em direção ao portão. As paredes eram ladeadas por pilastras caneladas de jaspe vermelho-sangue. Entre as pilastras havia grandes estátuas de criaturas excêntricas, capturadas para sempre pelo cinzel de um escultor.

O pesado portão abriu-se diante deles produzindo um estrondo, enquanto correntes ocultas baixavam lentamente as traves gigantescas. Um corredor de quatro andares de altura estendia-se direto ao centro de Tronjheim. Os três níveis superiores eram perfurados por carreiras de arcos que revelavam túneis cinzentos, estes faziam uma curva ao longe. Conglomerados de pessoas enchiam os arcos, observando ansiosas Eragon e Saphira. Mas no nível térreo, contudo, os arcos estavam fechados por portas resistentes. Havia ricas tapeçarias penduradas entre os diferentes níveis, bordadas com figuras heroicas e tumultuadas cenas de batalha.

Aplausos encheram os ouvidos deles quando entraram no corredor e começaram seu desfile. Eragon ergueu a mão, produzindo mais gritos de aclamação da multidão, embora muitos anões não tenham se juntado aos gritos de boas-vindas.

O corredor com mais de mil e quinhentos metros de comprimento acabava em um arco ladeado por pilares de ônix preto. Zircônios amarelos, que tinham três vezes o tamanho de um homem, cobriam as colunas escuras, jogando raios amarelos e brilhantes como o ouro por todo o salão. Saphira entrou pela abertura, parou e retraiu o pescoço, produzindo um zumbido em seu peito.

Estavam em um salão circular, com talvez uns trezentos metros de largura, que chegava até o pico de Tronjheim, a mais de mil e quinhentos metros acima, estreitando-se conforme se elevava. As paredes eram orladas por arcos, uma carreira para cada nível da cidade-montanha, e o piso era feito de cornalina polida, sobre a qual estava entalhado um martelo rodeado por doze pentágonos prateados, como no capacete de Orik.

O salão era um ponto de conexão para quatro corredores, incluindo o corredor de onde eles tinham saído, que dividia Tronjheim em quatro partes. Os corredores

eram idênticos, exceto pelo que estava na frente de Eragon. À direita e à esquerda daquele corredor, havia arcos altos que davam para escadas descendentes, que espelhavam umas as outras quando faziam a curva em direção ao subsolo.

O teto era coroado por uma monstruosa estrela de safira avermelhada. A joia tinha uns dezoito metros de diâmetro e sua espessura atingia quase essa medida. A sua superfície foi entalhada de modo a lembrar uma rosa desabrochada. O entalhe foi tão bem-feito que a flor quase parecia real. Uma profusão de lampiões envolvia a extremidade da pedra, que projetava faixas estriadas de uma luz avermelhada sobre tudo abaixo. Os raios brilhantes da estrela dentro da pedra davam a impressão de que um olho gigante pairava sobre eles.

Eragon podia apenas olhar admirado. Nada o havia preparado para isso. Parecia impossível Tronjheim ter sido construída por seres mortais. A cidade-montanha deixava para trás tudo o que ele já havia visto no Império. Duvidava que até mesmo Urû'baen pudesse igualar a riqueza e a grandiosidade que era exibida ali. Tronjheim era um monumento estonteante ao poder e à perseverança dos anões.

O homem calvo foi andando para a frente de Saphira e disse:

– Agora, vocês devem seguir a pé a partir daqui. – Ouviu-se algumas vaias espalhadas na multidão enquanto ele falava. Um anão levou Tornac e Fogo na Neve. Eragon desmontou de Saphira, mas ficou ao lado dela enquanto o homem calvo guiava-os pelo piso de cornalina para o corredor do lado direito.

Eles o seguiram durante algumas centenas de metros até chegarem a um corredor menor. Os guardas não se afastaram apesar do espaço reduzido. Depois de quatro curvas fechadas, chegaram a uma enorme porta de cedro, manchada de preto devido à idade. O homem calvo a abriu e conduziu todos para dentro, exceto os guardas.

AJIHAD

Eragon entrou em uma elegante biblioteca de dois andares cujas paredes estavam cobertas por prateleiras de cedro. Uma escadaria de ferro fundido se contorcia até chegar a uma pequena plataforma elevada com duas cadeiras e uma mesa para leitura. Lampiões brancos pendiam nas paredes e no teto, de modo que se podia ler um livro em qualquer ponto do aposento. O piso de pedra estava coberto por uma intrincada tapeçaria oval. No lado oposto do cômodo, havia um homem em pé atrás de uma mesa de nogueira.

A sua pele resplandecia a cor de ébano oleado. A cabeça era completamente raspada, mas uma barba preta muito bem aparada cobria seu queixo e lábio superior. Traços fortes sombreavam o rosto, e seus olhos sérios e inteligentes espreitavam embaixo de suas sobrancelhas. Os ombros eram largos e fortes, enfatizados por um colete vermelho bordado com fios dourados, que estava por cima de uma camisa cor de púrpura. Ele se portava com grande dignidade, passando um intenso ar de comando.

Quando ele falou, sua voz era forte e confiante: – Bem-vindos a Tronjheim, Eragon e Saphira. Eu sou Ajihad. Por favor, sentem-se.

Eragon ajeitou-se em uma poltrona perto de Murtagh, enquanto Saphira se acomodou de modo protetor atrás deles. Ajihad ergueu a mão e estalou os dedos. Um homem saiu de trás da escada. Era idêntico ao homem calvo que estava ao lado dele. Eragon olhou admirado para os dois e Murtagh ficou tenso.

– A confusão de vocês é compreensível, eles são irmãos gêmeos – disse Ajihad com um pequeno sorriso. – Eu lhes diria os nomes deles, mas eles não os têm.

Saphira sibilou com aversão. Ajihad a observou por um momento, depois sentou-se em uma cadeira de encosto alto atrás da mesa. Os Gêmeos se retraíram para trás da escada e ficaram em pé, impassíveis, lado a lado. Ajihad pressionava os dedos, uns contra os outros, enquanto olhava atentamente para Eragon e Murtagh. Ele os estudou durante um longo tempo com um olhar resoluto.

Eragon mostrou-se constrangido, desconfortável. Depois do que pareceram ser vários minutos, Ajihad abaixou as mãos e acenou para os Gêmeos. Um deles foi correndo para o lado de Ajihad, que sussurrou no ouvido dele. O homem calvo, de repente, ficou pálido e balançou a cabeça vigorosamente. Ajihad franziu a testa, depois concordou com a cabeça como se algo tivesse sido confirmado.

Ele olhou para Murtagh. – Você me colocou em uma posição difícil ao se recusar a ser examinado. Você só recebeu permissão para entrar em Farthen Dûr, porque os Gêmeos me garantiram que poderiam controlá-lo e por causa das suas ações em

favor de Eragon e Arya. Entendo que pode haver coisas que queira manter ocultas em sua mente, mas enquanto fizer isso, não poderemos confiar em você.

– Vocês não confiariam em mim de qualquer maneira – disse Murtagh desafiadoramente.

O rosto de Ajihad ficou obscuro quando Murtagh falou, e os olhos dele brilharam perigosamente.

– Embora vinte e três anos tenham passado desde que ouvi essa voz... eu ainda a reconheço. – Ele ficou em pé de uma maneira ameaçadora, seu peito encheu-se. Os Gêmeos ficaram alarmados e juntaram as cabeças, sussurrando de maneira frenética. – Ela saiu de outro homem, que parecia mais um animal do que uma pessoa. Levante-se.

Murtagh obedeceu preocupado, os olhos dele iam freneticamente dos Gêmeos para Ajihad.

– Tire a camisa – ordenou Ajihad. Dando de ombros, Murtagh retirou sua túnica. – Agora, vire-se. – Enquanto ele se virava para o lado, a luz começou a iluminar a cicatriz nas costas dele.

– Murtagh – proferiu Ajihad. Um sussurro de surpresa emanou de Orik. Sem dar aviso, Ajihad virou-se para os Gêmeos e gritou: – Vocês sabiam disso?

Os Gêmeos curvaram a cabeça. – Descobrimos o nome dele na mente de Eragon, mas não suspeitávamos que este garoto era filho de alguém tão poderoso quanto Morzan. Nunca nos ocorreu...

– E vocês não me disseram nada? – perguntou Ajihad. Ele ergueu uma das mãos, interrompendo a explicação deles. – Falaremos sobre isso depois. – Virou-se para Murtagh de novo. – Primeiro, preciso resolver essa confusão. Você ainda se recusa a ser examinado?

– Eu me recuso – respondeu Murtagh de modo direto, voltando a vestir sua túnica. – Não deixarei que ninguém entre na minha mente.

Ajihad se apoiou em sua mesa. – Haverá consequências desagradáveis se você não deixar. Até os Gêmeos garantirem que você não é uma ameaça, não podemos lhe dar credibilidade, apesar, e talvez por causa, da assistência que você deu a Eragon. Sem essa verificação, as pessoas daqui, anões e humanos, vão fazê-lo em pedaços se souberem da sua presença. Serei forçado a confiná-lo o tempo todo, tanto para a sua proteção quanto para a nossa. E a situação só vai piorar quando Hrothgar, rei dos anões, exigir a sua custódia. Não se coloque em uma situação que pode ser resolvida facilmente.

Murtagh balançou a cabeça com teimosia. – Não... e mesmo que me

submetesse, eu ainda continuaria sendo tratado como um leproso e um excluído. O meu único desejo é partir. Se você me deixar fazer isso pacificamente, nunca revelarei a localização de vocês para o Império.

– O que acontecerá se você for preso e levado para Galbatorix? – perguntou Ajihad. – Ele arrancará todos os segredos da sua mente, não importa a força que você tenha. Mesmo que você consiga resistir, qual é a certeza que temos de que não se juntará a ele no futuro? Não posso correr esse risco.

– Vocês me manterão prisioneiro para sempre? – inquiriu Murtagh ajeitando-se, ficando ereto.

– Não – disse Ajihad. – Só até quando você permitir que seja examinado. Se for considerado confiável, os Gêmeos removerão todas as informações sobre a localização de Farthen Dûr da sua mente antes de você partir. Não correremos o risco de alguém com essas informações cair nas mãos de Galbatorix. O que será feito, Murtagh? Decida rápido ou o caminho será traçado para você.

Pare de resistir, implorou Eragon em silêncio preocupado com a segurança de Murtagh. Essa briga não vale a pena.

Então, Murtagh falou. As palavras saíram lenta e nitidamente:

– Minha mente é o único santuário que ainda não foi roubado de mim. Homens já tentaram invadi-la antes, mas aprendi a defendê-la vigorosamente, pois o único lugar onde estou seguro é junto aos meus pensamentos mais profundos. Você me pediu a única coisa que não posso dar, muito menos para esses dois. – Ele apontou para os Gêmeos. – Faça comigo o que quiser, mas saiba disso: a morte me levará antes que eu me exponha ao escrutínio deles.

A admiração brilhou nos olhos de Ajihad.

– Não estou surpreso com sua escolha, embora esperasse o contrário... Guardas! – A porta de cedro se abriu de repente, e os guerreiros entraram com armas a postos. Ajihad apontou para Murtagh e ordenou: – Levem-no para um quarto sem janelas e fechem bem a porta. Deixem seis homens de guarda e não permitam a entrada de ninguém até que eu vá falar com ele. E também não falem com ele.

Os guerreiros cercaram Murtagh, olhando-o desconfiados. Conforme saíam da biblioteca, Eragon chamou a atenção de Murtagh e balbuciou:

– Sinto muito. – Murtagh deu de ombros, depois olhou para a frente resoluto. Ele desapareceu no corredor com os soldados. O som dos passos foram sumindo lentamente no silêncio.

Ajihad disse de repente: – Quero todos fora deste local, com exceção de Eragon e Saphira. Agora!

Curvando-se, os Gêmeos saíram, mas Orik disse: – Senhor, o rei vai querer saber de Murtagh. E ainda há a questão da minha insubordinação...

Ajihad franziu o rosto e, depois, fez um gesto com a mão. – Eu mesmo falarei com Hrothgar. Quanto aos seus atos... espere do lado de fora até eu chamá-lo. E não deixe os Gêmeos irem embora. Eu também ainda não terminei o que tenho de tratar com eles.

– Perfeitamente – disse Orik, inclinando a cabeça. Ele fechou a porta com um baque sólido.

Depois de um longo silêncio, Ajihad sentou-se dando um suspiro de cansaço. Passou uma das mãos no rosto e olhou fixamente para o teto. Eragon esperou impacientemente até que ele falasse. Como nada acontecia, ele disse de repente: – Arya está bem?

Ajihad baixou o olhar em direção a ele e disse seriamente: – Não... mas os curandeiros me disseram que ela vai se recuperar. Eles cuidaram dela durante a noite toda. O veneno a debilitou terrivelmente. Ela não teria sobrevivido se não fosse por você. Por causa disso, você tem os agradecimentos mais sinceros dos Varden.

Os ombros de Eragon caíram aliviados. Pela primeira vez, ele achou que o esforço do voo deles em Gil'ead tinha valido a pena.

– Então, e agora? – perguntou ele.

– Preciso que você me conte como achou Saphira e tudo que aconteceu desde então – disse Ajihad, formando uma torre com os dedos. – Já sei alguns detalhes por causa da mensagem que Brom nos mandou, e os Gêmeos me contaram outras partes. Mas quero ouvir de você, especialmente os detalhes sobre a morte de Brom.

Eragon ficou relutante em compartilhar suas experiências com um estranho, mas Ajihad era paciente.

Conte, Saphira encorajou gentilmente. Eragon mexeu-se na poltrona e começou sua história. Tudo pareceu estranho no início, mas foi ficando mais fácil conforme ele contava os detalhes. Saphira ajudou-o a se lembrar de coisas claramente ao fazer comentários ocasionais. Ajihad ouviu atentamente o tempo todo.

Eragon falou durante horas, frequentemente fazendo uma pausa entre suas palavras. Contou a Ajihad sobre Teirm, embora tivesse mantido as previsões de Angela para si mesmo. E como ele e Brom encontraram os Ra'zac. Revelou até seus sonhos sobre Arya. Quando chegou a Gil'ead, mencionou o Espectro. O rosto de Ajihad ficou com uma expressão séria e ele recostou-se na cadeira com os olhos

cobertos.

Quando sua narrativa estava completa, Eragon ficou em silêncio, pensando em tudo que havia ocorrido. Ajihad levantou-se, entrelaçou as mãos nas costas e começou a observar distraidamente uma das prateleiras de livros. Depois de um tempo, voltou para a mesa. – A morte de Brom foi uma perda terrível. Era um grande amigo meu e um poderoso aliado dos Varden. Ele nos livrou da destruição várias vezes, usando sua coragem e inteligência. Até agora, mesmo estando morto, nos deu a única coisa que pode garantir nosso sucesso: você.

– Mas o que espera que eu realize? – perguntou Eragon.

– Explicarei tudo em detalhes – disse Ajihad. – Mas devemos cuidar de questões mais urgentes primeiro. A notícia da aliança dos Urgals com o Império é extremamente preocupante. Se Galbatorix está formando um exército de Urgals para nos destruir, os Varden sofrerão pressão para poder sobreviver, embora muitos de nós estejam protegidos aqui em Farthen Dûr. Um Cavaleiro, até mesmo um tão maldoso quanto Galbatorix, fazer um pacto com tais monstros é, de fato, uma prova de loucura. Tenho medo até de pensar no que ele prometeu aos monstros em recompensa pela lealdade instável deles. E também há o Espectro. Pode descrever como era tal criatura?

Eragon fez que sim com a cabeça. – Era alto, magro, muito pálido e com cabelos e olhos vermelhos. Ele estava vestido de preto.

– E quanto à espada dele? Você viu? – perguntou Ajihad energicamente. – Havia um arranhão longo na lâmina?

– Havia – respondeu Eragon surpreso. – Como sabia?

– Porque fui eu que o coloquei lá quando tentava arrancar o coração dele – Ajihad disse com um sorriso macabro. – O nome dele é Durza, um dos inimigos mais cruéis e astuciosos que já passaram por essas terras. Ele é o servo perfeito para Galbatorix e um perigoso inimigo para nós. Você disse que o mataram. Como foi?

Eragon se lembrava de tudo claramente. – Murtagh o atingiu duas vezes. A primeira flecha acertou-o no ombro, a segunda, bem no meio dos olhos.

– Eu temia isso – disse Ajihad, franzindo o rosto. – Vocês não o mataram. Espectros só podem ser destruídos com um golpe certeiro no coração. Qualquer coisa que não seja isso faz que eles sumam e apareçam em outro lugar na forma de espírito. É um processo doloroso, mas Durza sobreviverá e voltará mais forte do que nunca.

Um silêncio deprimente pairou sobre eles como uma profetizante nuvem de

trovão! Depois, Ajihad afirmou: – Você é um enigma, Eragon, um dilema que ninguém sabe como resolver. Todos sabem o que os Varden querem, ou os Urgals ou até mesmo Galbatorix. Mas ninguém sabe o que você quer. E isso o torna mais perigoso, especialmente para Galbatorix. Ele teme você porque não sabe o que você fará a seguir.

– Os Varden me temem? – perguntou Eragon baixinho.

– Não – respondeu Ajihad com cuidado. – Nós temos esperança. Mas se isso se provar falso, aí sim, nós teremos medo. – Eragon olhou para baixo. – Você precisa entender a natureza incomum da sua posição. Há facções que querem que você sirva aos interesses delas e de mais ninguém. No momento em que você entrou em Farthen Dûr, a influência e o poder delas começaram a tentar conquistar você.

– Incluindo a sua? – perguntou Eragon.

Ajihad sorriu, embora os olhos dele continuassem com um ar penetrante.

– Incluindo a minha. Há certas coisas que você deve saber. A primeira é sobre como o ovo de Saphira foi parar na Espinha. Brom lhe contou o que foi feito com o ovo dela depois que ele foi trazido para cá?

– Não – disse Eragon, olhando de relance para Saphira. Ela piscou os olhos e mostrou a língua para ele.

Ajihad bateu levemente na mesa antes de começar. – Quando Brom trouxe o ovo pela primeira vez para os Varden, todos ficaram extremamente interessados no destino dele. Nós achávamos que os dragões tinham sido exterminados. Os anões estavam extremamente preocupados, pois o futuro Cavaleiro devia ser um aliado, embora alguns deles se opusessem a haver um novo Cavaleiro. Enquanto os elfos e os Varden tinham um interesse mais particular nessa questão. A razão era bem simples: durante toda a história, os Cavaleiros foram elfos ou humanos, embora a maioria tenha sido de elfos. Nunca houve um Cavaleiro anão.

"Devido à traição de Galbatorix, os elfos estavam relutantes quanto a deixar qualquer um dos Varden lidar com o ovo, temendo que o dragão dentro dele pudesse eclodir para um humano com instabilidades semelhantes. Era uma situação desafiadora, pois ambas as partes queriam um Cavaleiro do lado delas. Os anões só agravavam o problema ao debater de modo obstinado com os elfos e conosco sempre que tinham uma chance. A tensão aumentou, e logo ameaças foram feitas e foram lamentadas posteriormente. E foi quando Brom sugeriu um compromisso que daria uma oportunidade a todos os lados.

"Ele propôs que o ovo fosse levado dos Varden para os elfos todos os anos. Em cada um desses locais, as crianças desfilariam na frente do ovo, e os portadores

veriam se ele eclodiria para alguém. Caso isso não acontecesse, os portadores do ovo partiriam e voltariam para o outro grupo. Mas, se o dragão realmente nascesse, o treinamento do novo Cavaleiro começaria imediatamente. Durante o primeiro ano ou um pouco mais, ele ou ela seria instruído aqui por Brom. Depois, o Cavaleiro seria levado para os elfos, que terminariam sua educação.

"Relutantes, os elfos aceitaram esse plano... com a condição de que se Brom morresse antes que o dragão nascesse, eles seriam livres para treinar o novo Cavaleiro sem nenhuma interferência. O acordo foi feito favorecendo-os, pois nós dois sabíamos que o dragão provavelmente escolheria um elfo, mas ele proveu uma necessidade urgente de aparente igualdade."

Ajihad fez uma pausa, seus olhos expressivos ficaram melancólicos. Sombras apareceram embaixo de suas maçãs do rosto, destacando-as.

– Esperava-se que esse novo Cavaleiro aproximasse nossas duas raças. Aguardamos por muito mais de uma década, mas o ovo não eclodia. A questão deixou nossas mentes e raramente falávamos sobre ela, exceto para lamentar a inatividade do ovo.

"Então, no ano passado, sofremos uma tremenda perda. Arya e o ovo desapareceram quando ela voltava para Tronjheim de Osilon, a cidade dos elfos. Eles foram os primeiros a perceber que ela estava desaparecida. Também encontraram o cavalo dela e alguns guardas mortos em Du Weldenvarden, além de alguns Urgals mortos perto dali. Mas nem Arya nem o ovo estavam lá. Quando essa notícia chegou a mim, temi que os Urgals estivessem com eles dois e que logo descobrissem a localização de Farthen Dûr e da capital dos elfos, Ellesméra, onde a rainha deles, Islanzadi, vive. Agora entendo que eles estavam trabalhando para o Império, o que é bem pior. Não saberemos exatamente o que aconteceu naquele ataque até Arya acordar, mas deduzi alguns detalhes pelo que você contou."

O colete de Ajihad fez um leve barulho de seda roçando quando ele apoiou os cotovelos na mesa. – O ataque deve ter sido rápido e determinado, ou Arya teria escapado. Sem ter nenhum aviso e sem ter onde se esconder, ela só poderia ter feito uma coisa: usar magia para transportar o ovo para outro lugar.

– Ela pode usar magia? – perguntou Eragon. Arya mencionou que recebeu uma droga para suprimir seus poderes, ele queria confirmar que ela havia se referido à magia. Eragon imaginou se ela poderia lhe ensinar mais palavras da língua antiga.

– Essa foi uma das razões por que ela foi escolhida para guardar o ovo. Bem, Arya não poderia mandá-lo para nós, pois estava longe demais. E o reino dos elfos é protegido por barreiras arcanas para evitar que qualquer coisa passe pelas

fronteiras deles via meios mágicos. Deve ter pensado em Brom e, no desespero, mandou o ovo em direção a Carvahall. Sem ter tempo para se preparar, não estou surpreso que ela tenha errado pela margem que errou. Os Gêmeos me disseram que essa é uma arte imprecisa.

– Por que ela estava mais perto do vale Palancar do que dos Varden? – inquiriu Eragon. – Onde os elfos realmente moram? Onde fica essa... Ellesméra?

O olhar penetrante de Ajihad fixou-se em Eragon enquanto ele pensava naquelas perguntas. – Eu não lhe revelo isso com muito gosto, pois os elfos guardam esse segredo com extremo cuidado. Mas você deve saber, e faço isso como uma demonstração de confiança em você. As cidades deles ficam bem longe, ao norte, nas profundezas da floresta de Du Weldenvarden. Desde a época dos Cavaleiros, ninguém, anão ou humano, foi considerado amigo suficiente dos elfos para entrar em seus salões frondosos. Nem eu sei como chegar a Ellesméra. Quanto a Osilon... baseado onde Arya desapareceu, suspeito que seja perto da fronteira oeste de Du Weldenvarden, na direção de Carvahall. Você deve ter muitas outras perguntas, mas guarde-as até eu terminar.

Ele arrumou suas memórias e falou em um ritmo mais rápido.

– Quando Arya desapareceu, os elfos retiraram seu apoio aos Varden. A rainha Islanzadi envolveu-se pessoalmente na questão e recusou-se a fazer qualquer contato conosco. Por isso, embora eu tenha recebido a mensagem de Brom, os elfos ainda não sabem nada sobre você e Saphira... Sem os suprimentos enviados por eles para sustentar minhas tropas, temos nos saído mal nos últimos meses nos combates contra o Império.

"Com a volta de Arya e com a sua chegada, espero que a hostilidade da rainha diminua. O fato de você ter resgatado Arya nos ajudará muito a reconquistar a simpatia dela. Entretanto, o seu treinamento representará um problema tanto para os Varden quanto para os elfos. Obviamente, Brom teve a chance de ensinar a você, mas precisamos saber quanto ele ensinou. Por essa razão, terá de ser testado para determinar a extensão das suas habilidades. Além disso, os elfos vão querer que você termine seu treinamento com eles, embora eu não tenha certeza de que haverá tempo para isso."

– Por que não? – perguntou Eragon.

– Por vários motivos. Um dos mais importantes entre eles está a notícia que você trouxe sobre os Urgals – respondeu Ajihad, os olhos dele passaram por Saphira. – Entenda, Eragon, os Varden estão em uma posição extremamente delicada. Por um lado, temos de atender os desejos dos elfos se os quisermos como aliados. Ao

mesmo tempo, não podemos enfurecer os anões se quisermos continuar em Tronjheim.

– Mas os anões não são parte dos Varden? – quis saber Eragon.

Ajihad hesitou. – De certa forma, são. Permitem que vivamos aqui e nos dão assistência em nossa luta contra o Império, mas eles são leais apenas ao rei deles. Eu não tenho poder sobre eles exceto para o que Hrothgar me concede, e até ele frequentemente tem problemas com os clãs dos anões. Os treze clãs são subservientes a Hrothgar, mas o chefe de cada clã detém um poder enorme. Escolhem o novo rei dos anões quando o antigo rei morre. Hrothgar simpatiza com nossa causa, mas muitos dos chefes, não. Ele não pode irritá-los desnecessariamente ou perderá o apoio do seu povo. Então, as ações dele em nosso benefício têm sido severamente limitadas.

– Esses chefes dos clãs – disse Eragon –, eles também estão contra mim?

– Temo que vários estejam – revelou Ajihad preocupado. – Há uma longa inimizade entre os anões e os dragões. Antes que os elfos chegassem e promovessem a paz, os dragões tinham o hábito de devorar os rebanhos dos anões e de roubar o ouro deles, e os anões demoram a esquecer os erros do passado. De fato, nunca aceitaram completamente os Cavaleiros ou permitiram que eles policiassem seu reino. A ascensão de Galbatorix ao poder só serviu para convencer muitos deles de que seria melhor nunca mais ter de lidar com os Cavaleiros ou com dragões novamente. – Ele dirigiu as últimas palavras para Saphira.

Eragon disse lentamente: – Por que Galbatorix não sabe onde Farthen Dûr e Ellesméra ficam? Certamente, ele já deve ter ouvido falar delas quando foi instruído pelos Cavaleiros.

– Ter ouvido falar, sim, mas ter visto onde ficam, não. Uma coisa é saber que Farthen Dûr fica nessas montanhas, mas achá-la é algo bem diferente. Galbatorix não esteve em nenhum dos dois lugares antes de seu dragão ser morto. Depois disso, é claro, os Cavaleiros não acreditavam nele. Tentou arrancar a informação de vários Cavaleiros durante sua rebelião, mas eles preferiram morrer do que revelá-la a ele. Quanto aos anões, nunca conseguiu capturar um deles vivo, embora isso seja apenas uma questão de tempo.

– Então, por que ele simplesmente não pega um exército e marcha por Du Weldenvarden até achar Ellesméra? – perguntou Eragon.

– Porque os elfos ainda têm poder suficiente para resistir a ele – respondeu Ajihad. – Ele não ousa testar a sua força contra a deles, pelo menos, ainda não. Mas a feitiçaria maldita dele fica mais forte a cada ano. Com outro Cavaleiro ao

lado dele, seria impossível detê-lo. Ele fica tentando fazer que um dos dois ovos de dragão que estão em seu poder eclodam, mas até agora ele não tem obtido sucesso.

Eragon ficou intrigado. – Como o poder dele pode estar aumentando? A força do corpo dele limita suas habilidades, o poder não pode aumentar sozinho para sempre.

– Nós não sabemos – respondeu Ajihad, erguendo seus ombros largos. – Nem os elfos. Só esperamos que um dia ele seja destruído por um de seus próprios feitiços. – Ele enfiou a mão em seu colete e tirou melancolicamente um pedaço de pergaminho surrado. – Você sabe o que é isto? – perguntou ele, colocando o objeto na mesa.

Eragon inclinou-se para a frente e o examinou. Linhas de letras negras, escritas em uma língua estrangeira, foram redigidas à tinta sobre a página. Grandes partes dos escritos foram destruídos por manchas de sangue. Uma das pontas do pergaminho estava queimada. Ele balançou a cabeça.

– Não. Não sei.

– Isto foi retirado do líder do bando dos Urgals que destruímos na noite passada. O custo disso foram doze homens, eles se sacrificaram para que você pudesse escapar em segurança. Esse idioma é uma invenção do rei, um dialeto que ele usa para se comunicar com seus servos. Levei um bom tempo, mas consegui descobrir seu significado, pelo menos onde estava legível. Está escrito:

> ... a sentinela em Ithrö Zhâda deve permitir que o portador e seus servos passem. Eles partirão com outros da espécie deles e por... mas somente se as duas facções abstiverem-se de lutar. O comando será dado por Tarok, por Gashz, por Durza, por Ushnark, o Poderoso.

Ushnark é Galbatorix. Isso quer dizer "pai" na língua dos Urgals, uma presunção que o agrada.

> Encontrem o que eles acharem adequado para e... Os lacaios e... devem ser mantidos separados. Nenhuma arma deve ser distribuída até... para a marcha.

"Nada mais pode ser lido além daqui, exceto por algumas palavras vagas", disse Ajihad.

– Onde fica essa Ithrö Zhâda? Nunca ouvi falar dela.

– Nem eu – confirmou Ajihad. – O que me faz suspeitar que Galbatorix renomeou um lugar que já existe para seus interesses próprios. Depois de decifrar isto,

perguntei a mim mesmo o que centenas de Urgals faziam perto das montanhas Beor, onde você os viu, e aonde estavam indo. O pergaminho menciona "outros da espécie deles", então presumo que haja mais Urgals no destino aonde iam. Só há um motivo para o rei reunir tamanha força: montar um exército ilegítimo de humanos e monstros para nos destruir. Por enquanto, não podemos fazer nada além de esperar e observar. Sem informações adicionais, não poderemos achar esta Ithrö Zhâda. Contudo, Farthen Dûr ainda não foi descoberta, então há esperança. Os únicos Urgals que a viram morreram ontem à noite.

– Como vocês sabiam que estávamos chegando? – perguntou Eragon. – Um dos Gêmeos nos esperava e havia uma emboscada armada para os Kull. – Ele sabia que Saphira ouvia tudo atentamente. Embora estivesse em silêncio, ela teria coisas a dizer depois.

– Nós temos sentinelas posicionadas na entrada do vale que vocês atravessaram, em ambos os lados do rio Dente de Urso. Eles nos enviaram um pombo-correio para nos alertar – explicou Ajihad.

Eragon imaginou se tal pombo era o mesmo pássaro que Saphira tentara comer.

– Quando o ovo e Arya desapareceram, você contou ao Brom? Ele me disse que não tinha recebido notícias dos Varden.

– Nós tentamos alertá-lo – disse Ajihad –, mas suspeito que nossos homens foram interceptados e mortos pelo Império. E por que outra razão os Ra'zac teriam ido até Carvahall? Depois disso, Brom estava viajando com você e era impossível falar com ele. Fiquei aliviado quando ele me mandou aquela mensagem de Teirm. Não fiquei surpreso com o fato de ele ter procurado Jeod, eles eram velhos amigos. E Jeod podia nos mandar uma mensagem facilmente, pois ele contrabandeia suprimentos para nós via Surda.

"Tudo isso levantou sérias questões. Como o Império sabia onde preparar a emboscada para Arya e, depois, nossos mensageiros no caminho para Carvahall? Como Galbatorix ficou sabendo quais comerciantes nos davam apoio? Os negócios de Jeod foram quase extintos depois que vocês o deixaram, como também os dos outros comerciantes que nos ajudam. Sempre que um dos navios deles zarpa, desaparece. Os anões não podem nos dar tudo de que necessitamos, assim os Varden estão precisando de suprimentos desesperadamente. Receio que temos um traidor, ou traidores entre nós, apesar dos esforços que fazemos ao examinar a mente das pessoas à procura de sinais de traição."

Eragon refletiu profundamente sobre tudo o que tinha acabado de ouvir. Ajihad esperou calmamente até que ele estivesse pronto para falar, sem se incomodar

com o silêncio. Pela primeira vez desde que achou o ovo de Saphira, Eragon sentiu que entendia o que acontecia em torno dele. Pelo menos, ficou sabendo de onde Saphira tinha vindo e o que poderia haver em seu futuro.

– O que o senhor quer de mim? – perguntou ele.

– Como assim?

– Quero dizer, o que esperam de mim em Tronjheim? Vocês e os elfos têm planos para mim, mas e se eu não gostar deles? – Um tom mais duro surgiu em sua voz. – Eu lutarei quando for preciso, festejarei quando houver uma ocasião propícia, lamentarei quando houver dor e morrerei quando chegar a minha hora... mas não deixarei que ninguém me use contra a minha vontade. – Ele fez uma pausa para deixar as palavras ganharem peso. – Os antigos Cavaleiros eram árbitros da justiça e acima de tudo os líderes de sua época. Eu não reclamo tal posição. Duvido que as pessoas aceitariam tamanha submissão, especialmente a alguém tão jovem quanto eu, depois de terem sido livres a vida toda. Mas eu realmente tenho poder e vou usá-lo como achar por bem. O que quero saber é como vocês planejam me usar. Depois, decidirei se concordarei com os seus termos.

Ajihad olhou para ele de uma maneira irônica. – Se você fosse outra pessoa e estivesse perante outro líder, provavelmente teria sido morto devido a esse discurso insolente. O que o faz pensar que revelarei meus planos só porque você exigiu?

Eragon ficou ruborizado, mas não abaixou o olhar.

– Contudo, você tem razão. A sua posição lhe dá o privilégio de dizer tais coisas. Você não pode escapar da política que envolve a sua situação, você será influenciado de um modo ou de outro. Não quero vê-lo se tornar um peão de qualquer grupo ou propósito, além do que você quer. Deve preservar sua liberdade, pois é nela que reside o verdadeiro poder: a capacidade de fazer escolhas independentemente de qualquer líder ou rei. Minha autoridade sobre você será limitada, mas creio que será para o melhor. A dificuldade reside em nos certificarmos de que as pessoas que detenham o poder vão incluí-lo em suas deliberações.

"Além disso, apesar de seus protestos, as pessoas daqui têm certas expectativas quanto a você. Elas vão lhe apresentar seus problemas, não importa o tamanho deles, e exigirão que você os resolva."

Ajihad inclinou-se para a frente, a voz dele tinha um tom extremamente sério. – Haverá casos em que o futuro de alguém estará nas suas mãos... com a sua

palavra, você poderá fazê-lo adernar para a felicidade ou para o infortúnio. Jovens mulheres pedirão sua opinião sobre com quem deverão casar, muitas vão desejá-lo ter como marido, e os velhos perguntarão quais de seus filhos devem receber uma herança. Você deve ser gentil e sábio com todos, pois depositarão sua fé em você. Não fale com desrespeito ou sem pensar, pois suas palavras exercerão um impacto muito maior do que você pretenderá.

Ajihad voltou a recostar-se na cadeira, com os olhos cobertos. – O fardo de uma liderança é a responsabilidade pelo bem-estar das pessoas sob seu comando. Tenho lidado com isso desde o dia em que fui escolhido para liderar os Varden, e agora essa situação também se aplica a você. Tenha cuidado. Não tolerarei injustiças sob meu comando. Não se preocupe com a sua juventude e inexperiência, pois elas passarão logo.

Eragon não ficou confortável com a ideia de as pessoas virem pedir conselhos a ele. – Mas o senhor ainda não disse o que devo fazer aqui.

– Por enquanto, nada. Você percorreu mais de seiscentos quilômetros em oito dias, um feito do qual deve se orgulhar. Sei que apreciará um descanso. Quando estiver recuperado, testaremos sua competência com as armas e a magia. Depois disso, bem, explicarei suas opções, e você terá de decidir o seu rumo.

– E quanto a Murtagh? – perguntou Eragon de modo pungente.

A expressão no rosto de Ajihad endureceu. Ele pôs a mão embaixo de sua mesa e levantou Zar'roc. A bainha polida da espada brilhava sob a luz. Ajihad passou sua mão sobre ela, demorando-se sobre o selo entalhado: – Ele ficará aqui até que permita aos Gêmeos entrarem na mente dele.

– Vocês não podem prendê-lo – contestou Eragon. – Ele não cometeu crime algum!

– Não podemos conceder a liberdade a ele sem termos a certeza de que não se voltará contra nós. Inocente ou não, ele é potencialmente perigoso para nós, como o pai dele era – exclamou Ajihad com um tom de tristeza.

Eragon percebeu que Ajihad não seria convencido do contrário e que a preocupação dele era válida. – Como o senhor conseguiu reconhecer a voz dele?

– Uma vez, encontrei o pai dele – disse Ajihad brevemente. Ele deu um tapa de leve no punho de Zar'roc. – Eu queria que Brom tivesse me dito que tinha pegado a espada de Morzan. Sugiro que você não a use dentro de Farthen Dûr. Muitos aqui se lembram da época de Morzan com raiva, especialmente os anões.

– Eu me lembrarei disso – prometeu Eragon.

Ajihad deu Zar'roc a ele. – Isso me lembra: estou com o anel de Brom, o que ele

enviou como confirmação de sua identidade. Eu o estava guardando para quando ele voltasse para Tronjheim. Mas como agora ele está morto, suponho que pertença a você, e acho que ele ia querer que você ficasse com o anel. – Ele abriu uma gaveta na mesa e pegou a joia.

Eragon a aceitou com reverência. O símbolo entalhado na face da pedra de safira era idêntico à tatuagem no ombro de Arya. Ele pôs o anel no dedo indicador, admirando como refletia a luz. – Eu... eu estou honrado – disse ele.

Ajihad concordou com a cabeça solenemente, empurrou sua cadeira para trás e ficou em pé. Olhou para Saphira e falou com ela, sua voz encheu-se de mais volume. – Não pense que me esqueci de você, ó poderoso dragão. Falei todas essas coisas tanto para o seu benefício quanto para o de Eragon. E é mais importante que você saiba sobre elas, pois cabe a você a tarefa de protegê-lo nesses tempos perigosos. Não subestime o seu poder e não vacile ao lado dele, pois sem você ele com certeza não terá sucesso.

Saphira abaixou a cabeça até que os olhos deles estivessem nivelados e ficou olhando fixamente para ele através de suas pupilas negras em forma de fenda. Eles examinaram um ao outro em silêncio, nenhum dos dois piscou. Ajihad foi o primeiro a se mover. Ele desceu o olhar e disse baixinho:

– De fato, é um prazer conhecer você.

Ele terá sucesso, disse Saphira com respeito. Ela jogou a cabeça para o lado para encarar Eragon. Diga a ele que estou impressionada tanto com Tronjheim quanto com ele. O Império tem razão de temê-lo. Mas comunique a ele, contudo, que se ele tivesse decidido matar você, eu teria destruído Tronjheim e o partido ao meio com meus dentes.

Eragon hesitou, surpreso com o veneno na voz dela, depois passou a mensagem. Ajihad olhou para ela seriamente.

– Eu não esperaria nada menos de alguém tão nobre, mas duvido que conseguiria passar pelos Gêmeos.

Saphira bufou com escárnio: Ora!

Entendendo o que ela quisera falar, Eragon disse: – Então eles devem ser muito mais fortes do que aparentam. Creio que ficariam extremamente apavorados se viessem a se deparar com a fúria de um dragão. Os dois podem ser capazes de me derrotar, mas nunca Saphira. Você devia saber, o dragão de um Cavaleiro aumenta sua magia além dos níveis que um mago normal teria. Brom sempre foi mais fraco do que eu por causa disso. Acho que na ausência dos Cavaleiros, os Gêmeos superestimaram seus poderes.

Ajihad ficou com uma expressão consternada. – Brom era considerado um dos nossos mais fortes mestres de encantos. Só os elfos conseguiam superá-lo. Se o que você disse é verdade, devemos reconsiderar muitas coisas. – Ele curvou-se perante Saphira. – Seja como for, estou feliz por não ter sido necessário fazer mal a nenhum de vocês dois. – Saphira abaixou a cabeça em retorno.

Ajihad pôs-se ereto com um ar altivo e gritou: – Orik! – O anão entrou correndo na biblioteca e ficou em pé em frente à mesa cruzando os braços. Ajihad franziu o rosto ao olhar para ele irritado. – Você me causou muitos problemas, Orik. Tive de ouvir as reclamações de um dos Gêmeos a manhã toda sobre a sua insubordinação. Eles não esquecerão isso até você ser punido. Infelizmente, eles estão certos. É uma questão séria que não pode ser ignorada. Devemos prestar contas.

Os olhos de Orik brilharam em direção de Eragon, mas seu rosto não revelava nenhuma emoção. Ele falou rápido em tons grosseiros: – Os Kull estavam quase em Kóstha-mérna. Atiravam flechas em Saphira, em Eragon e Murtagh, mas os Gêmeos não fizeram nada para detê-los. Como... sheilven, eles se recusaram a abrir os portões mesmo quando vimos Eragon gritando a senha de abertura no outro lado da cachoeira. E eles se recusaram a agir quando Eragon não emergiu no lago. Talvez eu tenha errado, mas não podia deixar um Cavaleiro morrer.

– Eu não tinha forças para poder sair da água sozinho – expressou Eragon. – Eu teria me afogado se ele não tivesse me puxado.

Ajihad olhou de relance para Eragon e, em seguida, perguntou a Orik seriamente: – E depois, por que você se opôs a eles?

Orik ergueu o queixo de modo desafiador.

– Eles não tinham o direito de entrar à força na mente de Murtagh. Mas eu não os teria impedido se soubesse quem ele era.

– Não, você fez o certo, embora fosse mais simples se não o tivesse feito. Não temos o direito de entrar à força na mente de ninguém, não importa quem seja. – Ajihad tocou sua densa barba. – Suas ações foram nobres, mas você contrariou uma ordem direta do seu comandante. A pena por isso sempre foi a morte. – Orik esticou as costas de repente.

– O senhor não pode matá-lo por isso! Ele só estava me ajudando – gritou Eragon.

– Você não tem o direito de interferir – disse Ajihad com severidade. – Orik infringiu a lei e deve sofrer as consequências. – Eragon começou a protestar de novo, mas Ajihad o interrompeu ao erguer a mão. – Mas você está certo. A sentença será atenuada devido às circunstâncias. De agora em diante, Orik, você

está removido do serviço ativo e está proibido de se envolver em qualquer atividade militar sob o meu comando. Entendeu?

O rosto de Orik ficou obscuro, mas depois ele apenas parecia estar confuso. Ele concordou com a cabeça rapidamente: – Entendi.

– Além disso, na falta de suas atividades regulares, vou nomeá-lo guia de Eragon e Saphira durante a estada deles aqui. Você deverá garantir que eles recebam todos os confortos e amenidades que temos para oferecer. Saphira ficará acima da Isidar Mithrim. Eragon poderá se alojar onde quiser. Quando ele se recuperar da viagem, leve-o para o campo de treinamento. Estão esperando por ele – disse Ajihad com um brilho de satisfação nos olhos.

Orik curvou-se humildemente.

– Entendi.

– Muito bem, vocês todos podem ir. Mandem os Gêmeos entrarem quando saírem.

Ao sair, Eragon curvou-se e perguntou:

– Onde posso encontrar Arya? Eu gostaria de vê-la.

– Ninguém tem permissão para visitá-la. Terá de esperar até que ela vá ao seu encontro. – Ajihad desviou o olhar para baixo, para a sua mesa, em um gesto claro de dispensa.

ABENÇOE A CRIANÇA, ARGETLAM

Eragon espreguiçou-se no corredor; ele estava doído por ter ficado sentado durante tanto tempo. Atrás dele, os Gêmeos entraram na biblioteca de Ajihad e fecharam a porta. Eragon olhou para Orik. – Sinto muito por você ter arranjado problemas por minha causa – desculpou-se Eragon.

– Não se incomode – resmungou Orik, puxando sua barba. – Ajihad me deu o que eu queria.

Até Saphira ficou surpresa com tal declaração. – Como assim? – disse Eragon. – Você não pode treinar nem lutar, e está restrito a tomar conta de mim. Como isso pode ser o que você queria?

O anão olhou para ele de modo tranquilizador. – Ajihad é um bom líder. Ele sabe como aplicar a lei e, ainda assim, ser justo. Fui punido pelo comando dele, mas também sou um dos súditos de Hrothgar. Sob o seu domínio, ainda sou livre para fazer o que desejar.

Eragon percebeu que seria imprudente esquecer a dupla lealdade de Orik e a natureza da divisão do poder dentro de Tronjheim.

– Ajihad colocou-o em uma posição poderosa, não foi?

Orik deu uma grande gargalhada. – Sem dúvida nenhuma e, desse modo, os Gêmeos não podem reclamar de nada. Isso, com certeza, vai irritá-los. Ajihad é muito esperto, se é. Vamos, rapaz, sei que deve estar faminto. E temos de alojar o seu dragão.

Saphira sibilou. Eragon disse: – O nome dela é Saphira.

Orik se curvou levemente para ela. – Minhas desculpas. Não me esquecerei disso. – Ele pegou um lampião laranja da parede e guiou-os pelo corredor.

– Há outros em Farthen Dûr que podem usar magia? – perguntou Eragon se esforçando para acompanhar o passo rápido do anão. Segurou Zar'roc cuidadosamente, ocultando com o braço o símbolo na bainha.

– Apenas alguns – disse Orik dando de ombros embaixo de sua cota de malha. – E os que podem usá-la não fazem mais do que curar machucados. Todos tiveram de se juntar para salvar Arya devido à força exigida para poder curá-la.

– Com exceção dos Gêmeos.

– Oeí – resmungou Orik. – Ela não ia querer mesmo que eles a ajudassem. A arte deles não é para curar. Os talentos deles se resumem a tramar e a fazer planos para obterem poder, em detrimento de todos os outros. Deynor, o predecessor de

Ajihad, permitiu que se juntassem aos Varden porque precisava do apoio deles... Ninguém pode se opor ao Império sem lançadores de encantos que possam se defender sozinhos em um campo de batalha. Eles formam um par detestável, mas, de fato, têm suas utilidades.

Eles entraram em um dos quatro túneis principais que dividiam Tronjheim. Aglomerados de anões e humanos andavam calmamente e vozes ecoavam alto no piso polido. As conversações cessaram de repente quando viram Saphira, um grande número de olhos fixou-se nela. Orik ignorou os espectadores e virou à esquerda, rumando para um dos distantes portões de Tronjheim.

– Aonde estamos indo? – perguntou Eragon.

– Para fora destes corredores, assim Saphira poderá voar até o refúgio para dragões chamado Estrela Rosa, que fica acima da Isidar Mithrim. Ele não tem teto, o pico de Tronjheim é aberto para o céu, como o de Farthen Dûr, então ela, quer dizer, você, Saphira, será capaz de voar diretamente para dentro do abrigo. Era lá onde os Cavaleiros ficavam quando visitavam Tronjheim.

– E não fica frio ou úmido sem um teto? – indagou Eragon.

– Não. – Orik balançou a cabeça. – Farthen Dûr nos protege das forças da natureza. Nem chuva nem neve podem entrar aqui. Além disso, as paredes do abrigo são orladas por cavernas de mármore para dragões. Elas provêm todo o abrigo necessário. Vocês só precisam temer as estalactites de gelo. Quando elas caem, dizem que podem dividir um cavalo em dois.

Eu ficarei bem, garantiu Saphira. Uma caverna de mármore é mais segura do que qualquer um dos lugares onde já dormimos.

Talvez... Você acha que Murtagh ficará bem?

Ajihad me parece ser um homem honrado. A não ser que Murtagh tente escapar, duvido que ele seja ferido.

Eragon cruzou os braços, indisposto a falar mais. Ele estava confuso devido à mudança nas circunstâncias do dia anterior. A fuga alucinada deles de Gil'ead estava finalmente terminada, mas seu corpo esperava continuar correndo e cavalgando.

– Onde estão nossos cavalos?

– No estábulo próximo ao portão. Podemos visitá-los antes de sairmos de Tronjheim.

Eles saíram de Tronjheim pelo mesmo portão por onde haviam entrado. Os grifos dourados fulgiam com um brilho colorido proporcionado pelo grupo de lampiões. O sol moveu-se durante a conversa de Eragon com Ajihad, pois a luz não entrava

mais em Farthen Dûr pela abertura da cratera. Sem aqueles raios singelos, o interior da montanha oca ganhou um tom negro aveludado. A única iluminação vinha de Tronjheim, que cintilava brilhantemente na penumbra. O esplendor da cidade-montanha bastava para iluminar o solo a centenas de metros de distância.

Orik apontou para o pináculo branco de Tronjheim. – Carne fresca e água da montanha esperam por você lá em cima – disse ele a Saphira. – Você pode ficar em qualquer uma das cavernas. Assim que fizer sua escolha, a roupa de cama será fornecida e ninguém irá perturbá-la.

– Achei que nós iríamos juntos. Não quero que fiquemos separados – protestou Eragon.

Orik voltou-se para ele. – Cavaleiro Eragon, eu farei de tudo para acomodá-lo, mas será melhor se Saphira esperar no abrigo enquanto você se alimenta. Os túneis até os salões de refeições não são largos o bastante para que ela possa nos acompanhar.

– Por que não podem levar comida para mim lá no abrigo?

– Porque – disse Orik com uma expressão comedida – os alimentos são preparados aqui embaixo, e o caminho até lá em cima é muito longo. Se desejar, um criado poderá subir até o abrigo para levar comida para você. Vai levar algum tempo, mas assim você poderia comer junto com Saphira.

Ele falou sério, pensou Eragon surpreso com o fato de que fariam tamanho sacrifício por ele. Mas o modo como Orik falou o fez imaginar se o anão o estava testando de alguma maneira.

Estou exausta, disse Saphira. E parece que esse abrigo será do meu gosto. Vá, faça a sua refeição e depois me encontre onde eu estiver. Será agradável repousarmos juntos sem o temor de animais selvagens ou soldados. Sofremos as agruras da trilha durante muito tempo.

Eragon olhou pensativo para ela e disse para Orik:

– Comerei aqui embaixo. – O anão sorriu, parecendo satisfeito. Eragon soltou a sela de Saphira para que ela pudesse deitar sem desconforto. Você pode levar Zar'roc com você?

Posso, disse ela segurando a espada e a sela com as garras. Mas fique com seu arco. Devemos confiar nessas pessoas, mas nunca a ponto de beirar a tolice.

Eu sei, disse ele com inquietação.

Com um salto explosivo, Saphira varreu o chão com um golpe de ar e decolou. O som rápido e constante de suas asas batendo era o único que se ouvia na escuridão. Quando ela desapareceu depois da beira do pico de Tronjheim, Orik

soltou um longo suspiro. – Ah, rapaz, você é realmente abençoado. Senti no coração uma saudade repentina do céu aberto, dos penhascos altíssimos e da emoção de caçar como um falcão. Ainda assim, meus pés estão melhores no solo, preferivelmente, embaixo dele. – Ele bateu as palmas das mãos com força. – Negligenciei meus deveres de anfitrião. Sei que está sem jantar desde aquela refeição sofrível que os Gêmeos acharam por bem servir a vocês. Então, venha, vamos encontrar os cozinheiros e tirar carne e pão deles!

Eragon seguiu o anão, voltando a entrar em Tronjheim e em um labirinto de corredores até que chegaram a um salão comprido, repleto de fileiras de mesas de pedra, altas o bastante somente para anões se sentarem. O fogo ardia nos fornos de pedra-sabão atrás de um longo balcão.

Orik pronunciou palavras, em uma língua desconhecida, para um anão robusto e de cara vermelha, que prontamente deu-lhes pratos de pedra repletos de cogumelos e peixes fumegantes. Depois, Orik guiou Eragon, vários lances de escada acima, até uma pequena alcova entalhada na muralha externa de Tronjheim, onde sentaram de pernas cruzadas. Eragon, sem dar uma palavra, começou a consumir seus alimentos.

Quando os pratos estavam vazios, Orik suspirou satisfeito e sacou um cachimbo de cabo comprido. Ele o acendeu dizendo:

– Foi um repasto merecido, embora precisasse de uma bela golada de hidromel para fazê-lo descer apropriadamente.

Eragon inspecionou o terreno lá embaixo.

– Vocês cultivam em Farthen Dûr?

– Não, só há luz do sol bastante para musgos, cogumelos e fungos. Tronjheim não pode sobreviver sem os suprimentos que vêm dos vales vizinhos, razão pela qual muitos de nós escolheram viver em outros locais nas montanhas Beor.

– Então, os anões têm outras cidades?

– Não temos tantas quanto gostaríamos. E Tronjheim é a maior delas todas. – Apoiando-se em um cotovelo, Orik deu uma forte tragada em seu cachimbo. – Você viu apenas os níveis mais baixos, então não ficou evidente, porém a maior parte de Tronjheim é deserta. Quanto mais alto você subir, mais vazio ficará. Andares inteiros permanecem intocados há séculos. A maioria dos anões prefere habitar embaixo de Tronjheim e de Farthen Dûr, nas cavernas e passagens que perfuram a pedra. Com o passar dos séculos, construímos, exaustivamente, túneis embaixo das montanhas Beor. É possível ir de um extremo ao outro da cordilheira sem pôr o pé na superfície.

– Parece um desperdício ter todo aquele espaço em Tronjheim sem estar sendo usado – comentou Eragon.

Orik concordou com a cabeça. – Alguns já debateram em prol de abandonarmos este lugar devido ao seu consumo elevado dos nossos recursos, mas Tronjheim realiza um papel incomensurável.

– Qual?

– Em tempos de aflição, ela pode abrigar nossa nação inteira. Em apenas três momentos na história fomos forçados a recorrer a esse extremo, mas em todas as vezes a cidade nos salvou da destruição certeira. É por isso que sempre a mantemos guarnecida, pronta para ser usada.

– Eu nunca vi algo tão magnífico – admitiu Eragon.

Orik sorriu pegando seu cachimbo. – Fico feliz porque você pensa assim. Foram necessárias gerações para construírem Tronjheim, e nossas vidas são muito mais longas do que as dos homens. Infelizmente, por causa do Império perverso, poucos forasteiros conseguem admirar sua glória.

– Quantos dos Varden estão aqui?

– Anões ou humanos?

– Humanos... Quero saber quantos fugiram do Império.

Orik exalou uma longa baforada de fumaça que se enroscou preguiçosamente na cabeça dele.

– Há por volta de uns quatro mil de sua espécie aqui. Mas esse não é um bom indicador para o que você quer saber. Só as pessoas que desejam lutar vêm para cá. O resto delas está sob a proteção do rei Orrin em Surda.

Tão poucos?, pensou Eragon um tanto decepcionado. Só o exército real contava com quase dezesseis mil soldados quando todos eram convocados, sem contar os Urgals.

– Por que Orrin não luta contra o Império? – perguntou ele.

– Se Orrin demonstrasse qualquer hostilidade – respondeu Orik –, Galbatorix acabaria com ele. Mesmo assim, Galbatorix evita tal destruição por considerar Surda uma ameaça menor, o que é um erro. É devido à ajuda de Orrin que os Varden recebem a maior parte de suas armas e de seus suprimentos. Sem ele, não haveria resistência ao Império. Não fique decepcionado com o número de humanos em Tronjheim. Há muitos anões aqui, muitos mais do que você viu, e todos lutarão quando chegar a hora. Orrin também prometeu nos enviar tropas quando formos lutar com Galbatorix. Os elfos também juraram nos ajudar.

Eragon, distraidamente, fez contato mental com Saphira e viu que ela estava

ocupada comendo um grande pedaço de carne sangrento com muito gosto. Notou mais uma vez o martelo e as estrelas entalhadas no capacete de Orik. – O que isso significa? Vi isso no piso em Tronjheim.

Orik ergueu o capacete de ferro da cabeça e passou um dedo grosso sobre o entalhe. – Este é o símbolo do meu clã. Nós somos os Ingietum, ferreiros e mestres na forja de metais. O martelo e as estrelas estão incrustados no chão de Tronjheim porque eram a insígnia pessoal de Korgan, nosso patriarca. Um clã para governar, com mais doze à sua volta. O rei Hrothgar também é Dûrgrimst Ingietum e proporcionou muita glória e honra à minha casa.

Quando devolveram os pratos ao cozinheiro, passaram por um anão no corredor. Ele parou na frente de Eragon, se curvou e disse respeitosamente:

– Argetlam.

O anão deixou Eragon atrapalhado para responder, corado e com o rosto encabulado, mas também estranhamente satisfeito com tal gesto. Ninguém havia se curvado perante ele antes. – O que ele disse? – perguntou Eragon inclinando-se para ficar mais perto de Orik.

Orik deu de ombros, sem jeito. – É uma palavra da língua dos elfos que era usada para se referir aos Cavaleiros. Ela significa "mão prateada". – Eragon olhou de relance para sua mão enluvada, pensando na gedwëy ignasia que embranqueceu a sua palma. – Você deseja voltar para Saphira?

– Há algum lugar onde eu possa me banhar antes? Não tenho a chance de me livrar da sujeira da estrada há muito tempo. Além disso, minha camisa está manchada de sangue, rasgada e fedendo. Eu gostaria de substituí-la, mas não tenho dinheiro para comprar uma nova. Há como eu trabalhar para poder pagar por uma camisa?

– Você pretende insultar a hospitalidade de Hrothgar, Eragon? – inquiriu Orik. – Enquanto estiver em Tronjheim, você não terá de comprar nada. Você pagará por tudo de outra maneira, Ajihad e Hrothgar cuidarão disso. Venha. Mostrarei onde você poderá tomar um banho e, depois, pegarei uma camisa para você.

Ele desceu com Eragon uma longa escadaria até que estivessem bem abaixo de Tronjheim. Agora, os corredores eram túneis, que apertavam Eragon, pois tinham apenas um metro e meio de altura, e todos os lampiões eram vermelhos.

– Desta forma, a luz não vai cegá-lo quando sair ou entrar em uma caverna escura – explicou Orik.

Entraram em um cômodo vazio em que havia uma porta pequena no lado oposto. Orik apontou. – As piscinas ficam ali, onde você também achará escovões e

sabão. Deixe suas roupas aqui. Haverá novos trajes esperando por você quando sair.

Eragon agradeceu-lhe e começou a se despir. Era um pouco sufocante estar sozinho embaixo da terra, especialmente com um teto de pedra tão baixo. Tirou as roupas rapidamente e, com frio, saiu pela porta, entrando na total escuridão. Deu pequenos passos à frente até que seu pé tocasse a água morna. Depois, relaxou ao entrar nela.

A água da piscina era um tanto salobra, mas reconfortante e calmante. Por um momento, ele ficou com medo de boiar para longe da porta, indo para um lugar mais fundo, mas jogou-se para a frente e descobriu que a água batia apenas em sua cintura. Tateou em uma parede escorregadia até achar o sabão e os escovões, e começou a esfregar-se. Depois, boiou com os olhos fechados, aproveitando o calor.

Quando emergiu, pingando, e entrou no cômodo iluminado, ele encontrou uma toalha, uma delicada camisa de linho e uma calça curta. As roupas couberam nele razoavelmente bem. Satisfeito, saiu, entrando no túnel.

Orik esperava por ele com o cachimbo na mão. Voltaram a subir as escadas até Tronjheim e saíram da cidade-montanha. Eragon olhou de relance para o pico de Tronjheim e chamou Saphira ao fazer contato mental. Enquanto ela descia voando do abrigo para dragões, ele perguntou: – Como vocês se comunicam com as pessoas no topo de Tronjheim?

Orik deu uma risada. – Esse problema foi sanado há muito tempo. Você não notou, mas atrás dos arcos abertos, que ladeiam cada andar, há uma escadaria singular, ininterrupta, que se espirala em volta da parede da câmara central de Tronjheim. A escada sobe até o abrigo para dragões acima da Isidar Mithrim. Nós a chamamos de Vol Turin, a Escadaria Sem Fim. Subir ou descer essa escada rapidamente não é apropriado para emergências e também não é conveniente para o uso casual. Em vez disso, fazemos sinais com os lampiões para transmitir mensagens. Mas também existe outro meio, embora seja usado raramente. Quando Vol Turin foi construída, uma canaleta polida foi aberta ao lado dela. Tal canaleta age como um escorrega gigante tão alto quanto a montanha.

Os lábios de Eragon se contorceram em um sorriso. – E é perigoso?

– Nem pense em usá-lo. O escorrega foi feito para anões, é estreito demais para os homens. Se você escorregasse para fora dele, poderia ser jogado contra as escadas, contra os arcos ou, até mesmo, no espaço vazio.

Saphira pousou a poucos metros de distância, suas escamas raspavam umas nas

outras secamente. Quando ela cumprimentou Eragon, humanos e anões fluíram para fora de Tronjheim, agrupando-se em volta dela, fazendo comentários interessados. Eragon observou a multidão que aumentava desordenadamente.

– É melhor você ir – disse Orik empurrando-o para a frente. – Encontre-me neste portão amanhã de manhã. Estarei esperando.

Eragon hesitou. – Como saberei que o dia amanheceu?

– Mandarei alguém acordá-lo. Agora, vá! – Sem protestar, Eragon espremeu-se, atravessando o grupo de pessoas que se acotovelavam e cercavam Saphira, e montou nas suas costas.

Antes que ela pudesse decolar, uma anciã deu um passo à frente e agarrou o pé de Eragon com um apertão violento. Tentou desvencilhar-se, mas a mão dela parecia uma garra de aço em volta de seu tornozelo; ele não conseguia se livrar do apertão tenaz. Os olhos ardentes e cinzentos que ela fixou nele estavam cercados por rugas cultivadas durante uma vida inteira, a pele estava dobrada em pregas profundas que se estendiam em suas maçãs do rosto caídas. Uma trouxa esfarrapada estava pendurada na dobra do seu braço esquerdo.

Assustado, Eragon perguntou: – O que a senhora quer?

A mulher inclinou o braço, e um pano caiu da trouxa, revelando o rosto de um bebê. Rouca e aflita, ela disse:

– A criança não tem pais. Não há ninguém que possa cuidar dela, apenas eu, mas estou fraca. Abençoe-a com o seu poder, Argetlam. Abençoe-a para que tenha sorte!

Eragon olhou para Orik em busca de ajuda, mas o anão apenas olhou para ele com uma expressão séria no rosto. A pequena multidão ficou em silêncio, esperando a resposta. Os olhos da mulher ainda estavam pregados nele.

– Abençoe-a, Argetlam, abençoe-a – insistiu ela.

Eragon nunca havia abençoado alguém. Isso não era algo que se fazia levianamente em Alagaësia, pois uma bênção poderia, facilmente, dar errado, e mostrar ser mais uma maldição do que uma dádiva, especialmente se fosse dada com má intenção ou falta de convicção. Será que posso ousar aceitar tal responsabilidade?, pensou ele.

– Abençoe-a, Argetlam, abençoe-a.

De repente, convicto, procurou uma frase ou expressão para usar. Nada veio à mente até que, inspirado, pensou na língua antiga. Isso seria uma verdadeira bênção, dada com as palavras do poder, por alguém de poder.

Ele inclinou-se e puxou a luva de sua mão direita. Repousando a palma na testa

do bebê, ele entoou: – Atra gülai un ilian tauthr ono un atra ono waíse skölir frá rauthr.

As palavras deixaram-no, inesperadamente, fraco, como se tivesse usado magia. Ele, lentamente, voltou a calçar a luva e disse à mulher:

– Isso é tudo que posso fazer por ela. Se existem palavras que possam prevenir uma tragédia, são essas.

– Obrigada, Argetlam – sussurrou ela, curvando-se levemente. Começou a cobrir o bebê de novo, mas Saphira bufou e virou-se até que sua cabeça pairasse acima da criança. A mulher ficou paralisada, sua respiração ficou presa no peito. Saphira abaixou o focinho e tocou o bebê entre os olhos com a ponta do nariz, depois, ergueu a cabeça delicadamente.

A multidão inteira suspirou, pois na testa da criança, onde Saphira a havia tocado, uma estrela se formou tão branca e brilhante quanto a gedwëy ignasia de Eragon. A mulher olhou fixamente para Saphira com uma expressão exaltada, com uma gratidão muda estampada nos olhos.

Imediatamente, Saphira alçou voo, golpeando os espectadores espantados com o vento produzido por suas fortes batidas de asa. Conforme o chão diminuía embaixo deles, Eragon respirou fundo e abraçou o pescoço dela com força.

O que você fez?, perguntou ele baixinho.

Eu dei a ela esperança. E você deu a ela um futuro.

A solidão, de repente, tomou conta de Eragon apesar da presença de Saphira. O ambiente que o cercava era estranho demais, pela primeira vez percebeu o quanto estava longe de casa. Uma casa destruída, mas ainda era onde seu coração morava. O que eu me tornei, Saphira?, perguntou ele. Estou apenas no primeiro ano da minha idade adulta, porém já tive uma reunião com o líder dos Varden, sou perseguido por Galbatorix, viajei na companhia do filho de Morzan e, agora, as pessoas me procuram para ganhar bênçãos! Que conselhos posso dar às pessoas que elas já não tenham recebido? Que feitos posso realizar que um exército não possa fazer melhor? É uma insanidade! Eu devia estar em Carvahall com Roran!

Saphira levou um longo tempo para responder, mas suas palavras saíram delicadamente. Um filhote recém-nascido. É isso que você é. Um filhote lutando para ganhar seu lugar no mundo. Posso ser mais jovem do que você em anos, mas sou idosa em meus pensamentos. Não se preocupe com essas coisas. Encontre a paz onde e no que você for. As pessoas amiúde sabem o que deve ser feito. Tudo o que você precisa fazer é mostrar-lhes o caminho, isso é um conselho sábio. Quanto aos feitos, nenhum exército poderia ter dado a bênção que você deu.

Mas aquilo não foi nada, protestou ele. Foi insignificante.

Pelo contrário, nada disso. O que você viu foi o começo de outra história, outra lenda. Você acha que aquela criança vai se contentar em ser atendente em uma taverna ou uma fazendeira, depois de ter a testa marcada por um dragão e suas palavras impostas a ela? Você está subestimando nosso poder e a força do destino.

Eragon inclinou a cabeça. É avassalador. Sinto como se estivesse vivendo uma ilusão, um sonho em que todas as coisas são possíveis. Coisas incríveis acontecem de verdade, eu sei, mas sempre com outras pessoas, sempre em um lugar distante e em outro tempo. Mas encontrei o seu ovo, fui instruído por um Cavaleiro e travei um duelo com um Espectro. E essas não podem ser ações do simples rapaz do campo que sou, ou era. Alguma coisa está me modificando.

É o seu destino que o molda, disse Saphira. Todas as épocas precisam de um ícone, talvez essa condição tenha caído sobre você. Jovens do campo não recebem o nome do primeiro Cavaleiro por acaso. O seu homônimo foi o começo, agora você é a continuação. Ou o fim.

Ah!, disse Eragon, balançando a cabeça. É como se falássemos em charadas... Mas se tudo isso era predestinado, será que nossas escolhas têm alguma importância? Ou será que devemos aprender a aceitar nosso destino?

Saphira disse com determinação:

Eragon, escolhi você de dentro do meu ovo. Você recebeu uma chance pela qual muitos morreriam. Não está satisfeito com isso? Livre sua mente de tais pensamentos. Eles não podem ser respondidos e não o deixarão mais feliz.

De fato, disse ele com tristeza. Mesmo assim, eles continuam a se agitar dentro do meu crânio.

As coisas têm sido... confusas... desde que Brom morreu. Isso me deixou inquieta, reconheceu Saphira, o que o surpreendeu, pois ela raramente parecia estar confusa. Os dois agora estavam sobre Tronjheim. Eragon olhou para baixo, através da abertura em seu pico e viu o chão do abrigo para dragões, nele estava Isidar Mithrim, a grande estrela de safira. Ele sabia que embaixo dela não havia nada, exceto a grande câmara central de Tronjheim. Saphira desceu até o abrigo planando, sem fazer barulho com as asas. Planou suavemente por cima de sua borda, descendo em direção a Isidar Mithrim, pousando com o baque seco de suas garras.

Você não vai arranhá-la?, perguntou Eragon.

Acho que não. Não é uma gema qualquer. Eragon desmontou de Saphira e, lentamente, virou-se fazendo um círculo, absorvendo aquela visão incomum.

Estavam em um cômodo sem teto, com dezoito metros de largura por dezoito metros de altura. As paredes eram pontilhadas pelas entradas escuras das cavernas, que tinham vários tamanhos, desde grutas pouco maiores do que um homem a enormes cavernas maiores do que uma casa. Havia degraus brilhantes nas paredes de mármore para que as pessoas pudessem chegar às cavernas mais altas. Uma enorme passagem arqueada servia de saída para o abrigo para dragões.

Eragon examinou a enorme pedra preciosa embaixo de seus pés e, impulsivamente, deitou em cima. Apertou o rosto contra a safira gelada, tentando ver através dela. Linhas distorcidas e pontos coloridos dançantes brilhavam fracamente através da pedra, mas sua espessura tornava impossível discernir com clareza qualquer coisa que estivesse no chão da câmara a quase dois mil metros abaixo deles.

Eu terei de dormir longe de você?

Saphira balançou sua cabeça enorme.

Não. Há uma cama para você na minha caverna. Venha ver.

Ela virou-se e, sem abrir as asas, deu um pulo para cima, de seis metros de altura, pousando em uma caverna de tamanho médio. Ele escalou as paredes, indo atrás dela.

Por dentro, a caverna era marrom-escura e muito mais profunda do que ele esperava. As paredes entalhadas irregularmente davam a impressão de uma formação natural. Perto da extremidade oposta havia uma grossa almofada, grande o bastante para que Saphira pudesse se enroscar sobre ela. Ao lado, havia uma cama entalhada na parede lateral. A caverna era iluminada por apenas um lampião vermelho, equipado com uma pequena persiana para que sua luz fosse apagada.

Gostei daqui, disse Eragon. Passa segurança.

De fato. Saphira enrolou-se em cima da almofada, observando-o. Com um suspiro, ele afundou no colchão, a exaustão permeava o corpo dele.

Saphira, você não falou muito desde que chegamos aqui. O que você acha de Tronjheim e Ajihad?

Vamos ver... Parece, Eragon, que estamos envolvidos em um novo tipo de operação militar. Espadas e garras são inúteis, mas palavras e alianças podem ter o mesmo efeito. Os Gêmeos não gostam de nós, devemos ficar atentos quanto aos atos fraudulentos que eles possam tramar. Poucos anões confiam em nós. Os elfos não queriam um Cavaleiro humano, então também haverá uma oposição por parte deles. O melhor que podemos fazer é identificar aqueles que estão no poder e nos

tornarmos amigos deles. E rapidamente, também.

Você acha possível continuarmos independentes dos diferentes líderes?

Ela arrastou as asas, colocando-as em uma posição mais confortável.

Ajihad apóia nossa liberdade, mas talvez nossa sobrevivência se torne difícil se não jurarmos lealdade a um grupo ou a outro. Logo saberemos o que acontecerá.

RAIZ DE MANDRÁGORA E LÍNGUA DE SALAMANDRA

Os cobertores estavam amontoados embaixo de Eragon quando ele acordou, mas, mesmo assim, se sentia aquecido. Saphira dormia em sua almofada, a respiração saía em rajadas frequentes.

Pela primeira vez desde que entrou em Farthen Dûr, Eragon se sentiu seguro e esperançoso. Estava aquecido, alimentado e pôde dormir quanto quisesse. A tensão diminuiu dentro dele, tensão que vinha se acumulando desde a morte de Brom e, antes disso, desde que deixou o vale Palancar.

Eu não preciso ter mais medo. Mas e quanto a Murtagh? Não importava se a hospitalidade dos Varden era excelente, ele não podia aceitá-la sem sentir um peso na consciência sabendo que, intencionalmente ou não, era o responsável pela prisão de Murtagh. De algum modo, essa situação tinha de ser resolvida.

O olhar dele passeava pelo teto áspero da caverna enquanto pensava em Arya. Censurando-se por sonhar acordado, inclinou a cabeça e olhou para fora do abrigo para dragões. Um gato grande estava sentado à beira da caverna, lambendo uma de suas patas. O gato olhou de relance para ele, e Eragon viu o brilho de dois olhos vermelhos.

Solembum?, perguntou ele incrédulo.

Obviamente. O menino-gato sacudiu sua grossa juba e bocejou languidamente, exibindo suas longas presas. Ele espreguiçou-se e pulou para fora da caverna, pousando com um baque seco em cima da Isidar Mithrim, que estava seis metros abaixo. Você não vem?

Eragon olhou para Saphira. Agora, ela estava acordada, observando-o imóvel.

Vá. Eu ficarei bem, sussurrou ela. Solembum esperava por ele embaixo do arco que levava para o resto de Tronjheim.

No momento em que os pés de Eragon tocaram Isidar Mithrim, o menino-gato virou-se com um golpe leve de suas patas e desapareceu, atravessando o arco. Eragon foi correndo atrás dele, esfregando o rosto para se livrar do sono. Ele atravessou a passagem arqueada e viu-se em pé no topo de Vol Turin, a Escadaria Sem Fim. Não havia mais aonde ir, então ele desceu para o andar abaixo.

Estava em pé em uma galeria coberta por um teto arqueado que se curvava levemente para a esquerda e contornava a câmara central de Tronjheim. Entre as colunas inclinadas que sustentavam os arcos, Eragon podia ver Isidar Mithrim reluzindo brilhantemente acima dele, como também a base distante da cidade-

montanha. A circunferência da câmara central aumentava a cada andar sucessivamente. A escadaria atravessava o piso da galeria em direção a um andar idêntico abaixo, e descia por um grande número de galerias até desaparecer na distância. A canaleta que servia de escorrega corria pelo lado externo e curvo da escada. No topo de Vol Turin havia uma pilha de almofadas de couro que serviam para escorregar. À direita de Eragon, um corredor empoeirado levava às salas e apartamentos daquele andar. Solembum caminhava lentamente pelo corredor, abanando a cauda.

Espere, disse Eragon.

Tentou alcançar Solembum, mas só conseguiu vislumbrá-lo rapidamente nos corredores abandonados. Depois, quando Eragon fazia uma curva, viu o menino-gato parar em frente a uma porta e miar alto. Espontaneamente, a porta deslizou para dentro. Solembum entrou rápido, depois a porta se fechou. Eragon parou em frente a ela, perplexo. Ergueu a mão para bater, mas, antes que fizesse isso, a porta se abriu mais uma vez, e uma luz morna inundou o local. Depois de um momento de indecisão, deu um passo à frente.

Entrou em uma singela suíte de dois quartos, decorada com entalhes feitos em madeira e plantas presas na parede. O ar era morno, fresco e úmido. Lampiões brilhantes pendiam nas paredes e no teto baixo. Pilhas de itens curiosos entulhavam o chão, ocultando os cantos. Uma grande cama, que estava coberta por mais plantas, encontrava-se no lado oposto do cômodo.

No centro do quarto principal, em uma elegante poltrona de couro, estava sentada a vidente e bruxa Angela. Ela sorriu alegremente.

– O que você está fazendo aqui? – disse Eragon surpreso.

Angela entrelaçou as mãos em cima do colo. – Bem, por que você não senta no chão para que eu lhe conte? Eu lhe ofereceria uma cadeira, mas estou sentada na única disponível. – Perguntas fervilhavam na mente de Eragon enquanto ele se ajeitava entre dois frascos de causticantes e borbulhantes poções verdes.

– Então! – exclamou Angela, inclinando-se para a frente. – Você é um Cavaleiro. Eu já suspeitava disso, mas só fui ter certeza ontem. Sei que Solembum já sabia, mas ele nunca me disse nada. Eu devia ter percebido no momento em que você mencionou Brom. Saphira... Gostei do nome, é apropriado para um dragão.

– Brom morreu – disse Eragon abruptamente. – Os Ra’zac o mataram.

Angela foi pega de surpresa. Ela enrolou rapidamente um cacho de sua espessa cabeleira. – Sinto muito. De verdade – disse ela baixinho.

Eragon sorriu de modo amargo. – Mas você não está surpresa, não é? Afinal,

previu a morte dele.

– Eu não sabia de quem seria aquela morte – disse ela, balançando a cabeça. – Mas, não... Não estou surpresa. Encontrei Brom uma ou duas vezes. Ele não gostava muito da minha atitude "frívola" quanto à magia. Isso o irritava.

Eragon franziu o rosto. – Em Teirm você riu do destino dele e disse que parecia uma piada. Por quê?

A expressão do rosto de Angela ficou séria brevemente.

– Relembrando o fato, foi algo de mau gosto, mas eu não sabia o que se abateria sobre ele. Como posso dizer?... De certo modo, Brom era amaldiçoado. O seu destino era falhar em todas as suas tarefas, exceto em uma, embora nenhuma das falhas fosse culpa dele. Brom escolheu ser um Cavaleiro, mas seu dragão foi morto. Amou uma mulher, mas o afeto dele foi a ruína dela. E foi escolhido, presumo, para guardar e treinar você, mas, no final, também falhou nessa tarefa. A única vez em que teve êxito foi quando matou Morzan, e ele não poderia ter realizado uma façanha melhor do que essa.

– Brom nunca me falou de mulher nenhuma – retrucou Eragon.

Angela deu de ombros negligentemente. – Ouvi essa história de alguém que não poderia ter mentido. Mas chega dessa conversa! A vida continua, e não devemos perturbar os mortos com nossas preocupações. – Ela pegou com as duas mãos uma pilha de juncos que estavam no chão e, habilmente, começou a trançá-los, encerrando a discussão.

Eragon hesitou, mas acabou cedendo. – Tudo bem. Por que você está em Tronjheim em vez de Teirm?

– Ah, até que enfim uma pergunta interessante – disse Angela. – Depois de ouvir novamente o nome de Brom durante a sua visita, pressenti o retorno do passado na Alagaësia. As pessoas comentavam que o Império estava caçando um Cavaleiro. Então eu concluí que o ovo dos Varden devia ter eclodido, aí fechei a minha loja e parti para saber mais sobre essa história.

– Você sabia sobre o ovo?

– Claro que eu sabia. Não sou uma idiota. Tenho muito mais idade do que você possa crer. Pouquíssimas coisas acontecem sem que eu saiba. – Ela fez uma pausa e concentrou-se na trama que fazia. – Bem, eu sabia que devia me aproximar dos Varden o mais rápido possível. Já estou aqui há quase um mês, embora eu não sinta muito apreço por este lugar. Ele é bolorento demais para o meu gosto. E todas as pessoas em Farthen Dûr são muito nobres e sérias. Provavelmente, todas elas estão destinadas a ter uma morte trágica. – Ela soltou um longo suspiro e

surgiu uma expressão de zombaria em seu rosto. – E os anões são apenas um bando de tolos supersticiosos que se contentam com quebrar pedras durante a vida toda. O único aspecto compensador deste lugar é a qualidade dos cogumelos e fungos que brotam dentro de Farthen Dûr.

– Então, por que continua aqui? – perguntou Eragon sorrindo.

– Porque gosto de estar sempre onde eventos importantes vão acontecer – respondeu Angela inclinando a cabeça. – Além disso, se eu tivesse ficado em Teirm, Solembum teria partido sem mim, e eu gosto muito da companhia dele. Mas, diga-me, em quais aventuras você se envolveu desde que conversamos naquela vez?

Durante a hora seguinte, Eragon resumiu suas experiências dos últimos dois meses e meio. Angela ouvia em silêncio, mas quando ele mencionou o nome de Murtagh, ela falou de repente: – Murtagh!

Eragon concordou com a cabeça. – Ele me disse quem era. Mas deixe-me terminar minha história antes de fazer qualquer julgamento. – Ele continuou sua narrativa. Quando terminou, Angela recostou-se pensativa em sua cadeira, seus juncos estavam esquecidos. Sem dar um aviso, Solembum pulou do lugar onde estava escondido e pousou no colo dela. Ele enroscou-se, olhando Eragon de modo arrogante.

Angela acariciou o menino-gato. – Fascinante. Galbatorix aliado dos Urgals. E Murtagh finalmente se revelou... Eu o aconselharia a ter cuidado com Murtagh, mas, obviamente, você está a par desse perigo.

– Murtagh tem sido um amigo leal e um aliado determinado – disse Eragon firmemente.

– Não importa, tenha cuidado. – Angela fez uma pausa e, depois, disse com repulsa. – E também há a questão desse Espectro, Durza. Acho que esse é o maior perigo para os Varden agora, além de Galbatorix. Eu odeio Espectros, pois praticam a espécie de magia mais profana, usando a necromancia. Eu gostaria de arrancar o coração dele com um grampo de cabelo sem ponta e jogá-lo aos porcos!

Eragon ficou surpreso com a impetuosidade repentina dela. – Não entendo. Brom me disse que os Espectros eram feiticeiros que usam espíritos para realizarem seus desejos, mas por que isso os torna tão malignos?

Angela balançou a cabeça. – E não os torna. Feiticeiros ordinários são exatamente isso, ordinários, não são melhores nem piores do que nós. Eles usam sua força mágica para controlar os espíritos e os poderes dos espíritos. Os Espectros, entretanto, abrem mão desse controle em sua busca por poderes

maiores e permitem que seus corpos sejam controlados pelos espíritos. Infelizmente, somente os espíritos mais malignos desejam possuir os humanos e uma vez que se estabeleçam, nunca mais partem. Tal possessão pode acontecer por acidente, se um feiticeiro invocar um espírito mais forte do que ele. O problema é que, depois que um Espectro é criado, é terrivelmente difícil matá-lo. Como sei que você sabe, somente duas pessoas, Laetri, a elfa, e Irnstad, o Cavaleiro, conseguiram sobreviver a esse feito.

– Já ouvi as histórias. – Eragon apontou para o quarto. – Por que você está vivendo em um andar tão alto em Tronjheim? Não é inconveniente ficar tão isolada? E como você trouxe todas essas coisas até aqui em cima?

Angela jogou a cabeça para trás e riu ironicamente. – Quer saber a verdade? Estou me escondendo. Assim que cheguei a Tronjheim tive alguns dias de paz, até que um dos guardas que me deixaram entrar deu com a língua nos dentes sobre quem eu era. Aí, todas as pessoas daqui capazes de usar a magia, embora elas mal sejam dignas desse termo, perturbaram-me para entrar para o grupo secreto delas. Especialmente aqueles Gêmeos drajl que o controlam. Finalmente, ameacei transformar todos eles em sapos, perdão, em rãs. Mas, como isso não os deteve, subi para cá furtivamente no meio da noite. Deu muito menos trabalho do que você imagina, especialmente para alguém com minhas habilidades.

– Você teve de deixar os Gêmeos entrarem na sua mente para ter permissão de entrar em Farthen Dûr? – perguntou Eragon. – Eu fui forçado a deixá-los penetrarem minhas lembranças.

Um brilho gelado surgiu nos olhos de Angela. – Os Gêmeos não ousariam me sondar com medo do que eu poderia fazer com eles. Oh! Eles adorariam fazer isso, mas sabem que tal esforço os deixaria arrasados e gaguejando coisas sem nexo. Eu venho aqui muito antes de os Varden começarem a examinar a mente das pessoas... e eles não vão começar a me sondar agora.

Ela olhou de relance para o outro quarto e disse: – Bem! Esta foi uma conversa muito esclarecedora, mas temo que você tenha de ir agora. Minha poção de raiz de mandrágora com língua de salamandra está prestes a ferver, e preciso ir cuidar dela. Volte novamente quando tiver tempo. E, por favor, não diga a ninguém que estou aqui. Eu odiaria ter de me mudar de novo. Isso me deixaria muito... irritada. E você não vai gostar de me ver irritada!

– Guardarei seu segredo – garantiu Eragon levantando-se.

Solembum pulou do colo de Angela quando ela ficou em pé.

– Ótimo! – exclamou ela.

Eragon despediu-se e saiu do quarto. Solembum guiou-o de volta ao abrigo para dragões, depois o dispensou com um movimento de sua cauda antes de ir embora caminhando lentamente.

O SALÃO DO REI DA MONTANHA

Um anão esperava Eragon no abrigo para dragões. Depois de se curvar e balbuciar: "Argetlam", o anão disse com um sotaque pesado:

– Bom. Acordado. Knurla Orik espera por vocês. – Ele curvou-se de novo e saiu correndo. Saphira pulou para fora da caverna, pousando ao lado de Eragon. Zar'roc estava nas garras dela.

Isso é para quê?, perguntou ele franzindo o rosto.

Ela inclinou a cabeça. Use-a. Você é um Cavaleiro e deve portar uma arma condizente com o seu porte. Zar'roc pode ter uma história sangrenta, mas isso não deve influenciar suas ações. Forje uma nova história para ela e carregue-a com orgulho.

Tem certeza? Lembra o conselho de Ajihad?

Saphira bufou, e uma golfada de fumaça saiu pelas suas narinas. Use-a, Eragon. Se quiser se manter acima das forças aqui, não permita que a censura de alguém dite suas ações.

Como queira, disse ele relutante, prendendo a espada na cinta. Subiu no dorso de Saphira e saíram voando de Tronjheim. Agora, havia tanta luz dentro de Farthen Dûr que a massa indistinta das paredes da cratera, a oito quilômetros em todas as direções, era visível. Enquanto desciam com um movimento em espiral em direção à base da cidade-montanha, Eragon contou a Saphira sobre seu encontro com Angela.

Assim que pousaram perto de um dos portões de Tronjheim, Orik correu para o lado de Saphira. – Meu rei, Hrothgar, deseja ver vocês dois. Desmonte rapidamente. Devemos nos apressar.

Eragon entrou correndo em Tronjheim atrás do anão. Saphira, facilmente, acompanhou o passo deles, mantendo-se ao lado. Ignorando os olhares das pessoas que estavam no corredor ascendente, Eragon perguntou: – Onde encontraremos Hrothgar?

Sem diminuir o passo, Orik disse: – No salão do trono embaixo da cidade. Será uma audiência particular para servir como um ato de otho, de "confiança". Você não precisa se dirigir a ele de um modo especial, mas fale com respeito. Hrothgar se zanga fácil, mas é sábio e consegue enxergar de modo penetrante o que se passa na mente dos homens, então pense bem antes de falar.

Assim que eles entraram na câmara central de Tronjheim, Orik guiou-os até uma

das duas escadas que desciam e ladeavam o hall que havia no lado oposto. Desceram a escada que estava localizada à direita, que se curvava para dentro suavemente, até que estivesse virada para a direção de onde tinham vindo. A outra escada se unia à deles, formando uma larga cascata de degraus levemente iluminados, indo terminar, depois de uns trinta metros, perante duas portas de granito. Uma coroa de sete pontas estava entalhada sobre a superfície de ambas as portas.

Sete anões montavam guarda em cada lado do portal. Empunhavam picaretas polidas e usavam cintos incrustados de pedras preciosas. Quando Eragon, Orik e Saphira se aproximaram, os anões bateram no chão com os cabos das picaretas. Um estrondo grave subiu, rolando escadas acima. As portas abriram-se para dentro.

Um salão escuro, que devia ter de comprimento um pouco mais do que a distância que seria coberta por uma flecha, estava diante deles. O salão do trono era uma caverna natural, as paredes orladas por estalagmites e estalactites, cada uma mais grossa do que o corpo de um homem. Lampiões, pendurados de forma esparsa, produziam uma luz sombria. O piso marrom era liso e polido. No final da sala, no lado oposto, havia um trono negro e uma figura imóvel em cima dele.

Orik curvou-se. – O rei os espera. – Eragon pôs a mão no lado do corpo de Saphira e os dois continuaram caminhando para a frente. As portas fecharam-se atrás deles, deixando-os sozinhos no mal-iluminado salão do trono com o rei.

Os passos ecoavam pela sala conforme avançavam em direção ao trono. Nos intervalos entre as estalagmites e estalactites, havia grandes estátuas. Cada escultura retratava um rei coroado, sentado em um trono, seus olhos sem vida fixados na distância de modo solene. Seus rostos enfileirados ostentavam feições fortes e poderosas. Havia um nome entalhado em runas embaixo de cada par de pés.

Eragon e Saphira caminhavam com passos longos, solenemente, entre as duas fileiras de monarcas mortos há muito tempo. Passaram por mais de quarenta estátuas, depois viram apenas nichos vazios que esperavam futuros reis. Pararam perante Hrothgar no final do salão.

O rei dos anões estava sentado como uma estátua em cima de um trono elevado, esculpido em uma peça singular de mármore preto maciço, sem adorno e com uma precisão milimétrica. Poder emanava do trono, poder que remetia a épocas ancestrais quando os anões governavam Alagaësia sem a oposição de elfos ou humanos. Um capacete de ouro, adornado com rubis e diamantes estava na

cabeça de Hrothgar, em vez de uma coroa. O seu semblante era amargo, desgastado pelo tempo, talhado por muitos anos de experiência. Embaixo de sua testa enrugada brilhavam olhos profundos, duros como pedras e penetrantes. Sobre seu peito poderoso ondulava uma camisa de cota de malha. Sua barba branca estava enfiada embaixo do seu cinto e em seu colo ele segurava um poderoso martelo de guerra com o símbolo do clã de Orik entalhado na cabeça.

Eragon curvou-se desajeitado e ajoelhou-se. Saphira continuou ereta. O rei mexeu-se, como se estivesse despertando de um longo sono, e falou com uma voz grave e alta: – Levante-se, Cavaleiro, você não precisa fazer reverências para mim.

Colocando-se em pé, os olhos de Eragon encontraram o olhar impenetrável de Hrothgar. O rei o examinou, contemplando-o seriamente, depois disse com um som gutural: – Âz knurl deimi lanok. "Cuidado, a rocha se transforma." É um antigo ditado nosso... E, hoje em dia, a rocha está se transformando rápido demais. – Ele bateu com os dedos no martelo de guerra. – Eu não pude encontrá-lo antes, como Ajihad fez, porque fui forçado a lidar com meus inimigos dentro dos clãs. Exigiram que eu negasse abrigo a você e que o expulsasse de Farthen Dûr. Foi preciso muito trabalho da minha parte para convencê-los do contrário.

– Obrigado – disse Eragon. – Eu não previa quanto conflito minha chegada causaria.

O rei aceitou o agradecimento. Ergueu uma mão nodosa e apontou.

– Veja, Cavaleiro Eragon, onde meus antecessores sentam em seus tronos esculpidos. Há quarenta e um, quarenta e dois comigo. Quando eu passar deste mundo para o cuidado dos deuses, minha hírna será colocada ao lado deles. A primeira estátua é a imagem do meu ancestral Korgan, que forjou este martelo, Volund. Há oito milênios, desde o nascimento da sua raça, os anões são senhores em Farthen Dûr. Nós somos os ossos da terra, mais velhos do que os belos elfos e os selvagens dragões. – Saphira mexeu-se levemente.

Hrothgar inclinou-se para a frente, sua voz saiu com um tom muito sério e grave:

– Sou velho, humano, muito mais do que você possa imaginar, velho o bastante para ter visto os Cavaleiros no auge de sua glória, velho o bastante para ter falado com o último líder deles, Vrael, que veio me prestar reverência neste mesmo local onde estamos. Há poucas pessoas vivas que podem afirmar tantas coisas assim. Lembro-me dos Cavaleiros e como eles se intrometiam em nossos assuntos. Eu também me lembro da paz que eles mantinham, que tornava possível andar sem medo de Tronjheim até Narda.

"Agora, você está perante mim, uma tradição perdida restaurada. Diga-me, e

fale com sinceridade, por que você veio a Farthen Dûr? Estou a par dos eventos que o fizeram fugir do Império, mas qual é a sua intenção agora?”

– Por enquanto, Saphira e eu, simplesmente, queremos recuperar nossas forças em Tronjheim – respondeu Eragon. – Não estamos aqui para causar problemas, mas apenas para obtermos abrigo contra os perigos que estamos enfrentando há vários meses. Ajihad deve nos mandar para os elfos, mas até ele fazer isso, não temos o desejo de partir.

– Então, foi apenas o desejo por segurança que os trouxe até aqui? – perguntou Hrothgar. – Vocês pretendem viver aqui e esquecer seus problemas com o Império?

Eragon balançou a cabeça com orgulho, rejeitando aquela questão.

– Se Ajihad lhe falou sobre o meu passado, o senhor deve saber que tenho mágoas o bastante para combater o Império até que não reste mais nada além de cinzas. Contudo, muito mais do que isso... quero ajudar aqueles que não podem fugir de Galbatorix, inclusive meu primo. Tenho a força para ajudar, então devo fazê-lo.

O rei pareceu ficar satisfeito com a resposta. Ele virou-se para Saphira e perguntou: – Dragão, o que você pensa sobre essa questão? Qual foi o motivo que lhe trouxe aqui?

Saphira ergueu a ponta do lábio para rosnar. Diga a ele que estou sedenta pelo sangue dos nossos inimigos e que espero ansiosamente pelo dia em que combateremos Galbatorix juntos. Que eu não sinto compaixão ou misericórdia por traidores e destruidores de ovos como aquele falso rei. Ele me deteve por mais de um século e, até agora, ainda detém dois irmãos meus, que eu libertaria se fosse possível. E diga a Hrothgar que acho que você está preparado para realizar essa tarefa.

Eragon contorceu o rosto ao ouvir as palavras dela, mas as repassou de forma obediente. O canto da boca de Hrothgar ergueu-se, sugerindo um prazer macabro, aumentando as rugas dele. – Vejo que os dragões não mudaram nada com o passar dos séculos. – Ele bateu levemente no trono com um dos nós de seus dedos. – Sabe por que este trono foi talhado de forma tão plana e angular? Para que ninguém se sentasse confortavelmente nele. É o que acontece comigo e abrirei mão dele, sem arrependimentos, quando minha hora chegar. Mas o que existe para lembrá-lo de suas obrigações, Eragon? Se o Império cair, você tomará o lugar de Galbatorix e reclamará sua coroa?

– Não viso usar uma coroa ou ter domínio sobre algum povo – disse Eragon, perturbado. – Ser um Cavaleiro já é responsabilidade demais. Não, eu não tomaria

o trono em Urû'baen... a não ser que não houvesse outro candidato ou alguém com competência bastante para assumi-lo.

Hrothgar advertiu com seriedade: – Certamente, você seria um rei mais compassivo do que Galbatorix, mas nenhuma raça deve ter um líder que não envelhece e que não deixa o trono. A época dos Cavaleiros passou, Eragon. Eles nunca recuperarão seus dias de glória, nem mesmo se os outros ovos de Galbatorix eclodirem.

Uma sombra cruzou o rosto dele enquanto olhava fixamente para o lado de Eragon. – Vejo que você carrega a espada de um inimigo, fui avisado disso e também que viajou com o filho de um Renegado. Não me agrada ver essa arma. – Ele esticou uma de suas mãos. – Eu gostaria de examiná-la.

Eragon desembainhou Zar'roc e entregou-a ao rei, com o cabo virado para o soberano. Hrothgar segurou a espada e passou um olho treinado pela lâmina. O fio da arma capturava a luz dos lampiões, refletindo-a brilhantemente. O rei dos anões testou a ponta com a palma da mão e, depois, disse: – Esta lâmina é um trabalho de mestre. Os elfos raramente concordam em forjar uma espada, preferem arcos e flechas, mas quando forjam, os resultados são incomparáveis. Esta é uma espada que teve um destino cruel, não me agrada vê-la dentro do meu reino. Mas leve-a, se assim desejar. Talvez a sorte dela tenha mudado. — Ele devolveu Zar'roc a Eragon, que a embainhou. – Meu sobrinho demonstrou-se útil durante sua estada aqui?

– Quem?

Hrothgar ergueu uma de suas grossas sobrancelhas. – Orik, o filho da minha irmã caçula. Ele servia a Ajihad como prova do meu apoio aos Varden. Contudo, parece que ele voltou para o meu comando. Fiquei satisfeito ao saber que você o defendeu com suas palavras.

Eragon entendeu que esse foi outro sinal de otho, de "confiança", da parte de Hrothgar.

– Eu não poderia exigir um guia melhor.

– Isso é bom – disse o rei, claramente satisfeito. – Infelizmente, não posso conversar com você por muito mais tempo. Meus conselheiros me esperam, pois há um assunto do qual devo cuidar. Mas devo-lhe dizer isto: se desejar o apoio dos anões dentro do meu reino, primeiro deve provar seu valor a eles. Nós temos excelente memória e não gostamos de decisões apressadas. Palavras não decidirão nada, apenas os atos.

– Não me esquecerei disso – disse Eragon, curvando-se de novo.

Hrothgar concordou com a cabeça majestosamente.

– Então, podem ir.

Eragon virou-se com Saphira, e eles começaram a se retirar do salão do rei da montanha. Orik esperava por eles do outro lado das portas de pedra com uma expressão de ansiedade no rosto. Ficou ao lado deles enquanto subiam de volta para a câmara principal de Tronjheim.

– Deu tudo certo? Vocês foram bem recebidos?

– Acho que sim. Mas o seu rei é cauteloso – respondeu Eragon.

– É por isso que ele tem a vida tão longa.

Eu não gostaria de ver Hrothgar zangado conosco, observou Saphira.

Eragon olhou de relance para ela. É, eu também não. Não sei o que achou de você, parece não aprovar muito os dragões, embora não tenha dito nada.

Isso pareceu divertir Saphira. Nisso ele é sábio, ainda mais que mal bate nos meus joelhos.

No centro de Tronjheim, sobre a brilhante Isidar Mithrim, Orik disse: – A bênção que você deu ontem deixou os Varden agitados como uma colméia virada de cabeça para baixo. A criança que Saphira tocou foi aclamada como uma futura heroína. Ela e sua guardiã foram colocadas nos melhores aposentos. Todos estão comentando sobre o seu "milagre". Todas as mães humanas pretendem achar você e conseguir a mesma bênção para seus filhos.

Alarmado, Eragon furtivamente olhou em volta.

– O que devemos fazer?

– Além de desfazer o que fizeram? – perguntou Orik com sarcasmo. – Fiquem longe da vista do povo o máximo possível. Ninguém poderá entrar no abrigo para dragões, então lá vocês não serão perturbados.

Eragon ainda não queria voltar para o abrigo. Ainda estava cedo, e ele queria explorar Tronjheim com Saphira. Já que estavam fora do Império, não havia razão para ficarem separados. Mas ele queria evitar chamar a atenção, o que seria impossível com ela ao seu lado. Saphira, o que você quer fazer?

Ela o tocou com o nariz, suas escamas arrastavam-se em cima do braço dele. Eu voltarei para o abrigo. Há alguém lá que quero encontrar. Perambule por aí o quanto quiser.

Tudo bem, disse ele, mas quem você quer encontrar? Saphira apenas piscou um enorme olho antes de sair por um dos quatro túneis principais de Tronjheim.

Eragon explicou para Orik aonde ela ia e disse: – Eu gostaria de tomar o café da manhã. E, depois, gostaria de conhecer um pouco mais de Tronjheim. É um lugar

incrível. Só quero ir para os campos de treinamento amanhã, pois ainda não estou completamente recuperado.

Orik concordou com a cabeça, sua barba sacudia em cima de seu peito. – Nesse caso, gostaria de visitar a biblioteca de Tronjheim? Ela é muito antiga e contém pergaminhos de grande valor. Você achará interessante ler a história da Alagaësia que não foi maculada pela mão de Galbatorix.

Com uma sensação de agonia, Eragon lembrou como Brom o ensinou a ler. Pensou se ainda tinha a habilidade necessária para fazer tal coisa. Um longo tempo se passou desde que tinha visto palavras escritas.

– Ótimo, vamos fazer isso.

– Muito bem.

Depois de comerem, Orik guiou Eragon através de uma miríade de corredores até o destino deles. Quando chegaram à entrada arqueada da biblioteca, Eragon entrou com veneração.

O recinto fez com que lembrasse uma floresta. Fileiras de graciosas colunas ramificavam-se, subindo até o teto escuro, guarnecido com vigas, cinco andares acima. Entre os pilares, estantes de livros feitas de mármore negro estavam dispostas em uma sucessão imediata. Prateleiras para pergaminhos cobriam as paredes, intercaladas por corredores estreitos, que recebiam o fluxo de três escadas que desciam se retorcendo. Postos em intervalos regulares ao lado das paredes, havia pares de bancos de pedra que ficavam um de frente para o outro. Entre eles havia pequenas mesas cujas bases fluíam suave e perfeitamente até o chão.

Incontáveis pergaminhos e livros estavam guardados naquele local.

– Este é o verdadeiro legado da nossa raça – disse Orik. – Aqui residem os textos dos nossos maiores reis e estudiosos, desde a Antiguidade até hoje. Aqui também estão registradas as músicas e histórias compostas por nossos artistas. Esta biblioteca provavelmente é a nossa maior riqueza. Entretanto, não há apenas trabalhos nossos, também há obras humanas aqui. A sua raça vive pouco, mas é muito prolífica. E temos pouco ou quase nada dos elfos. Eles guardam seus segredos com muito ciúme.

– Quanto tempo posso ficar aqui? – perguntou Eragon indo em direção às prateleiras.

– Quanto tempo você quiser. Procure-me se tiver alguma pergunta.

Eragon olhou os volumes encantado, buscando ansiosamente aqueles que tinham títulos e capas interessantes. Surpreendentemente, os anões usavam as

mesmas runas para escrever que os humanos. Sentiu-se, de certa forma, desanimado devido à dificuldade de ler depois de meses de negligência. Passava de um livro ao outro, avançando lentamente para dentro da vasta biblioteca. Por fim, ficou imerso em uma tradução dos poemas de Dóndar, o décimo rei dos anões.

Enquanto examinava as graciosas linhas, passos estranhos aproximaram-se por trás da estante dos livros. O som o assustou, mas censurou a si mesmo por ter sido tão tolo, pois não poderia ser a única pessoa na biblioteca. Mesmo assim, recolocou o livro em seu devido lugar silenciosamente e saiu sem fazer alarde, com os sentidos aguçados, evitando o perigo. Ele já havia sofrido várias emboscadas para ignorar tais sensações. Ouviu passos novamente, só que agora eram dois pares. Apreensivo, saiu depressa por uma passagem, tentando se lembrar exatamente onde Orik estava sentado. Deu um passo para o lado em uma esquina e parou de repente quando se viu frente a frente com os Gêmeos.

Os Gêmeos estavam em pé lado a lado, ombros alinhados, com uma expressão apática em seus rostos uniformes. Seus olhos negros de cobra o perfuraram. As mãos deles, escondidas dentro das mangas de seus mantos roxos, mexiam-se levemente. Os dois curvaram-se, mas o movimento estava repleto de insolência e sarcasmo.

– Nós temos procurado você – disse um deles. Sua voz soava desconfortavelmente como a de um Ra'zac.

Eragon suprimiu um tremor. – Por quê? – Ele fez contato mental com Saphira. Ela imediatamente juntou seus pensamentos aos dele.

– Desde que você falou com Ajihad, nós queremos... pedir desculpas por nossos atos. – As palavras foram ditas em um tom de zombaria, mas não de um modo que Eragon pudesse reclamar. – Viemos demonstrar nosso respeito por você. – Eragon ficou vermelho de raiva quando eles se curvaram de novo.

Cuidado!, alertou Saphira.

Conseguiu controlar sua raiva crescente. Não podia deixar a si mesmo ficar irritado por esse confronto. Uma ideia lhe ocorreu e ele falou com um pequeno sorriso:

– Não, quem deve demonstrar respeito por vocês sou eu. Sem a sua aprovação eu nunca teria entrado em Farthen Dûr. – Curvou-se a eles em resposta, fazendo o movimento do modo mais ofensivo possível.

Viu-se um lampejo de irritação nos olhos dos Gêmeos, mas eles sorriram e disseram: – Nós nos sentimos honrados porque alguém tão... importante... como você nos tem em tão alta estima. Sentimo-nos lisonjeados por suas palavras tão

gentis.

Depois, foi a vez de Eragon ficar irritado.

– Eu me lembrarei disso quando precisar.

Saphira intrometeu-se rapidamente nos pensamentos dele. Você está exagerando. Não diga nada do que possa se arrepender. Eles se lembrarão de todas as palavras que puderem usar contra você.

Já estou tendo dificuldade bastante sem você fazendo comentários!, ele disparou. Ela calou-se com um rosnado zangado.

Os Gêmeos se aproximaram, a bainha de seus mantos arrastava levemente no chão. A voz deles ganhou um tom mais amigável.

– Mas também temos procurado você por outra razão, Cavaleiro. Os poucos usuários de magia que habitam em Tronjheim formaram um grupo. Nós nos chamamos de Du Vrangr Gata ou a...

– A Trilha Errante, eu sei – interrompeu Eragon, lembrando o que Angela havia falado sobre isso.

– O seu conhecimento da língua antiga é impressionante – disse um dos Gêmeos suavemente. – Como estávamos dizendo, Du Vrangr Gata soube dos seus feitos fantásticos, e viemos trazer um convite para se juntar a nós. Ficaríamos honrados em ter alguém da sua estatura como sócio. E creio que também podemos ajudá-lo em troca.

– Como?

O outro Gêmeo disse: – Nós dois acumulamos muita experiência quanto às questões da magia. Nós poderíamos orientá-lo... mostrar os encantos que descobrimos e ensinar palavras de poder. Nada nos alegraria mais do que se pudéssemos ajudá-lo, mesmo de uma maneira insignificante, em seu caminho para a glória. Nenhum pagamento seria necessário, embora se você achasse apropriado compartilhar alguns de seus conhecimentos, ficaríamos satisfeitos.

A expressão do rosto de Eragon fechou-se quando ele percebeu o que eles queriam.

– Vocês acham que eu sou idiota? – perguntou ele de modo grosseiro. – Não vou estudar com vocês para que possam descobrir as palavras que Brom me ensinou! Vocês devem ter ficado com muita raiva quando não conseguiram roubá-las da minha mente.

Os Gêmeos, repentinamente, derrubaram sua fachada de sorrisos.

– Não brinque conosco, rapaz! Seremos nós que testaremos suas habilidades com a magia. E isso pode ser muito desagradável. Lembre: basta errar na

formulação de um encanto para matar uma pessoa. Você pode ser um Cavaleiro, mas nós dois ainda somos mais fortes do que você.

Eragon manteve seu rosto inexpressivo, embora seu estômago tivesse dado um doloroso nó.

– Pensarei na sua oferta, mas pode ser...

– Então, esperaremos sua resposta amanhã. Certifique-se de que seja a certa. – Eles sorriram friamente e andaram de modo altivo para o interior da biblioteca.

Eragon fez uma cara feia. Não vou entrar para Du Vrangr Gata, não importa o que eles façam.

Você devia falar com Angela, disse Saphira. Ela já lidou com os Gêmeos antes. Talvez ela possa estar presente quando eles forem testar você. Isso pode evitar que tentem lhe fazer mal.

É uma boa ideia. Eragon ziguezagueou entre as estantes até achar Orik sentado em um banco, polindo seu machado de guerra.

– Eu gostaria de voltar ao abrigo para dragões.

O anão enfiou o cabo do machado em uma alça de couro que havia em seu cinto e levou Eragon até o portão onde Saphira esperava. As pessoas já haviam se juntado em volta dela. Ignorando-as, Eragon montou correndo nas costas dela, e eles escaparam para o céu.

Este problema deve ser resolvido rapidamente. Você não pode permitir que os Gêmeos o intimidem, aconselhou Saphira quando pousou em cima da Isidar Mithrim.

Eu sei. Mas espero que possamos evitar deixá-los zangados. Eles podem ser inimigos poderosos. Ele desmontou rapidamente, mantendo uma das mãos em Zar'roc.

E você também pode ser. Você os quer como aliados?

Ele balançou a cabeça. De fato, não... Direi a eles amanhã que não entrarei para Du Vrangr Gata.

Eragon deixou Saphira em sua caverna e saiu perambulando fora do abrigo. Ele queria ver Angela, mas não lembrava como achar o esconderijo dela, e Solembum não estava lá para guiá-lo. Vagou pelos corredores desertos, esperando encontrar Angela por acaso.

Quando se cansou de olhar para as salas vazias e as intermináveis paredes cinzentas, refez seu caminho até o abrigo. Ao se aproximar, ouviu alguém falando no recinto. Ele parou e escutou, mas a voz clara se silenciou.

Saphira, quem está aí?

Uma mulher... Ela tem um ar autoritário. Vou distraí-la para você entrar. Eragon soltou Zar'roc em sua bainha. Orik disse que os intrusos ficariam longe do abrigo. Então, quem poderia ser ela? Acalmou os nervos e entrou no abrigo, sua mão estava na espada.

Uma jovem mulher estava em pé no centro do abrigo, olhando curiosamente para Saphira, que havia colocado a cabeça para fora da caverna. A mulher parecia ter uns dezessete anos. A estrela feita com a pedra preciosa lançava-lhe uma luz rosada, dando ênfase à cor de sua pele, que tinha o mesmo tom da de Ajihad. Seu vestido de veludo tinha a cor de vinho e era elegantemente cortado. Uma adaga adornada com joias, gasta pelo uso, pendia de sua cintura em uma bainha de couro modelada.

Eragon cruzou os braços, esperando que a jovem o notasse. Ela continuou a olhar para Saphira, depois fez reverência e perguntou docemente: – Por favor, poderia me dizer onde está o Cavaleiro Eragon? – Os olhos de Saphira brilharam de satisfação.

Com um pequeno sorriso, Eragon disse: – Estou aqui.

A jovem virou-se depressa para encará-lo, sua mão voou para a adaga. O rosto dela era formidável, com olhos amendoados, lábios grossos e maçãs do rosto arredondadas. Ela relaxou e fez reverência novamente.

– Eu sou Nasuada – apresentou-se.

Eragon inclinou a cabeça.

– Obviamente, você sabe quem sou, mas o que você quer?

Nasuada sorriu graciosamente. – Meu pai, Ajihad, mandou-me trazer uma mensagem. Gostaria de ouvi-la?

Para Eragon, o líder dos Varden não pareceu ser do tipo inclinado à paternidade e ao matrimônio. Imaginou quem seria a mãe de Nasuada. Ela deve ter sido uma mulher incomum para ter atraído o olhar de Ajihad. – Sim, eu gostaria.

Nasuada jogou o cabelo para trás e relatou: – Ele está satisfeito porque você está se saindo bem, mas aconselhou cautela contra ações como a bênção que você deu ontem. Criam mais problemas do que solucionam. E também recomenda que você prossiga com os testes o mais rápido possível. Ele precisa conhecer a sua capacidade antes de comunicar o fato aos elfos.

– Você veio até aqui em cima só para me dizer isso? – perguntou Eragon pensando na extensão de Vol Turin.

Nasuada balançou a cabeça. – Eu usei o sistema de roldanas que transporta mantimentos para os níveis mais altos. Poderíamos ter enviado a mensagem

usando sinais, mas decidi comunicá-la pessoalmente e conhecer você.

– Você gostaria de se sentar? – convidou Eragon. Ele apontou para a caverna de Saphira.

Nasuada riu levemente. – Não, estão me esperando em outro lugar. Também devo informá-lo de que meu pai decretou que você pode visitar Murtagh, se desejar. – Uma expressão melancólica perturbou suas feições que antes estavam tranquilas. – Falei com Murtagh mais cedo... Ele está ansioso para falar com você. Parecia estar se sentindo muito solitário. Você devia visitá-lo. – Ela ensinou a Eragon como chegar à cela de Murtagh.

Eragon lhe agradeceu as novidades e perguntou: – E Arya? Ela está melhor? Eu posso vê-la? Orik não pôde me dizer muita coisa.

Ela sorriu de forma travessa. – Arya está se recuperando rapidamente, como acontece com todos os elfos. Ninguém tem permissão de vê-la, exceto meu pai, Hrothgar e os curandeiros. Eles passaram muito tempo com ela e ouviram tudo que aconteceu durante sua prisão. – Ela desviou o olhar para Saphira. – Agora, preciso ir. Há algo que você queira que eu transmita a Ajihad em seu nome?

– Não, exceto meu desejo de visitar Arya. E transmita a ele meus agradecimentos pela hospitalidade que tem nos dado.

– Levarei suas palavras diretamente a ele. Adeus, Cavaleiro Eragon. Espero que nos encontremos em breve. – Ela fez uma reverência e saiu do abrigo, com a cabeça erguida.

Se ela realmente veio até aqui em cima só para me conhecer, com roldanas ou não, havia mais alguma intenção nesse encontro do que uma conversa à-toa, comentou Eragon.

Isso, disse Saphira, recolocando a cabeça na caverna. Eragon subiu até ela e ficou surpreso ao ver Solembum enrolado na parte vazia na base do pescoço dela. O menino-gato ronronava profundamente, e a sua cauda, que tinha a ponta preta, balançava-se para frente e para trás. Os dois olharam para Eragon com desaforo, como se perguntassem: "O que foi?"

Eragon balançou a cabeça, sem conseguir conter o riso. Saphira, era Solembum que você queria encontrar?

Os dois piscaram para ele e responderam: Era.

Só perguntei por curiosidade, disse ele. Um sentimento de felicidade borbulhava dentro dele. Isso o fez sentir que os dois seriam amigos e eram criaturas relacionadas com a magia. Ele suspirou, aliviando a tensão do dia enquanto tirava Zar'roc da cinta.

Solembum, você sabe onde Angela está? Eu não a encontrei e preciso do conselho dela.

Solembum apertou com as patas as costas escamosas de Saphira. Ela está em algum lugar de Tronjheim.

Quando ela voltará?

Logo.

Quando?, perguntou ele impacientemente. Preciso falar com ela hoje.

Não tão logo assim.

O menino-gato recusou-se a falar mais, apesar das persistentes perguntas de Eragon. Ele desistiu e aconchegou-se, encostando-se em Saphira. O ronronado de Solembum era um zumbido monótono e grave acima da cabeça dele.

Preciso visitar Murtagh amanhã, pensou ele, girando o anel de Brom.

O TESTE DE ARYA

Na manhã do terceiro dia em Tronjheim, Eragon pulou da cama descansado e cheio de energia. Prendeu Zar'roc na cinta e jogou nas costas seu arco e sua aljava, com somente a metade da capacidade de flechas. Depois de um voo prazeroso dentro de Farthen Dûr com Saphira, encontrou Orik em um dos portões principais de Tronjheim. Eragon perguntou a ele sobre Nasuada.

– Uma garota incomum – respondeu Orik, olhando com reprovação para Zar'roc. – Ela é completamente dedicada ao pai e passa todo o tempo ajudando-o. Acho que ela faz mais por Ajihad do que ele desconfia... Houve ocasiões em que ela lidou habilmente contra os inimigos dele sem revelar sua participação nisso.

– Quem é a mãe dela?

– Isso, eu não sei. Ajihad estava sozinho quando trouxe Nasuada, recém-nascida, para Farthen Dûr. Ele nunca disse de onde ele e Nasuada vieram.

Então, também ela cresceu sem conhecer a mãe. Ele tentou afastar tal pensamento da mente. – Estou inquieto. Seria bom usar meus músculos. Onde devo ir para fazer esse "teste" de Ajihad?

Orik apontou para um lugar ao longe em Farthen Dûr.

– O campo de treinamento fica a oitocentos metros de Tronjheim, mas não podemos vê-lo daqui, porque fica atrás da cidade-montanha. É uma grande área onde tanto os anões quanto os humanos treinam.

Eu também vou, afirmou Saphira.

Eragon passou a mensagem a Orik, e o anão ficou puxando sua barba.

– Essa pode não ser uma boa ideia. Há muitas pessoas no campo de treinamento. Com certeza, você atrairia muita atenção.

Saphira rosnou bem alto: Eu vou! E isso encerrou o assunto.

O barulho desordenado das lutas vindo do campo chegou até eles: as batidas altas produzidas pelos choques de metais, o baque seco das flechas atingindo alvos almofadados, o chocalhar e os estalos de pedaços de madeira sendo quebrados e os gritos dos homens no clima da batalha. Os barulhos eram misturados, entretanto cada grupo tinha ritmos e padrões peculiares.

Grande parte do campo de treinamento estava ocupada por um grupamento de soldados campais, que lutavam com seus escudos e machados de guerra, que eram quase tão altos quanto os homens. Treinavam em grupo, com várias formações diferentes. Exercitando-se ao lado deles, havia centenas de soldados sozinhos armados com espadas, clavas, lanças, machados, chicotes e escudos de todos os

tipos e tamanhos, e Eragon chegou até a ver alguém empunhando um forcado. Quase todos os guerreiros trajavam armaduras, geralmente uma malha com um capacete, as armaduras inteiriças não eram tão comuns. Havia tanto anões quanto humanos, embora os dois grupos evitassem se misturar um com o outro. Atrás dos guerreiros que lutavam, havia uma larga fileira de arqueiros que disparavam frequentemente contra bonecos feitos com sacos cinzentos.

Antes que Eragon tivesse tempo para pensar o que ele deveria fazer, um homem barbado – sua cabeça e seus ombros largos estavam cobertos por uma capa curta com touca de malha – dirigiu-se a passos largos até eles. O resto dele estava protegido com um traje feito com couro de boi que ainda tinha pelos. Uma espada enorme – quase tão grande quanto Eragon – pendia atravessada em cima de suas costas largas. Passou o olhar rapidamente por Saphira e Eragon, como se estivesse avaliando o perigo que eles representavam, e disse em um tom rouco:

– Knurla Orik. Você não aparece aqui há muito tempo. Não restou ninguém para lutar comigo.

Orik sorriu. – Oeí, é porque você machuca todo mundo, dos pés à cabeça, com sua espada monstruosa.

– Todo mundo menos você – corrigiu ele.

– Isso é porque sou mais rápido do que um gigante como você.

O homem olhou para Eragon de novo.

– Sou Fredric. Disseram-me para descobrir o que você sabe fazer. Você é muito forte?

– Forte o bastante – respondeu Eragon. – Tenho que estar em forma para lutar usando magia.

Fredric balançou a cabeça, sua touca tiniu como uma sacola de moedas. – Não há lugar para a magia no que fazemos aqui. A não ser que você tenha servido em um exército, duvido que as lutas das quais você participou tenham durado mais de alguns minutos. A nossa preocupação é se você se sairá bem em uma batalha que possa se arrastar durante horas, ou até mesmo semanas, se for um cerco. Você sabe usar outras armas além da espada e do arco?

Eragon pensou na pergunta. – Somente meus punhos.

– Boa resposta! – riu Fredric. – Bem, vamos começar com o arco para ver como você se sai. Depois, assim que algum espaço ficar livre no campo, tentaremos... – Ele interrompeu seu discurso de repente e olhou para além de Eragon, fechando a carranca.

Os Gêmeos caminhavam de modo altivo em direção a eles, suas cabeças carecas

e pálidas contrastavam com suas túnicas cor de púrpura. Orik resmungou algo em sua própria língua enquanto tirava seu machado de guerra da cinta. – Já disse para vocês ficarem longe da área de treinamento – disse Fredric dando um passo à frente de modo ameaçador. Os Gêmeos pareciam ser frágeis perante o corpanzil dele.

Eles olharam para Fredric com arrogância. – Recebemos ordens de Ajihad para testar a perícia de Eragon com a magia, antes de você fatigá-lo ao bater em pedaços de metal.

Fredric olhou para eles com raiva. – Por que outra pessoa não pode testá-lo?

– Ninguém tem poder bastante – falaram os Gêmeos torcendo o nariz. Saphira soltou um rosnado grave e olhou fixamente para eles. Um filete de fumaça saiu de suas narinas, mas eles a ignoraram. – Venha conosco – ordenaram e foram andando a passos largos para um canto vazio do campo de treinamento.

Dando de ombros, Eragon seguiu-os com Saphira. Atrás, ele ouviu Fredric falar para Orik baixinho: – Devemos evitar que eles vão longe demais.

– Eu sei – respondeu Orik em um tom de voz baixo. – Mas não posso interferir de novo. Hrothgar deixou claro que não poderá me proteger na próxima vez em que isso acontecer.

Eragon fez força para conter sua ansiedade que crescia a cada instante. Os Gêmeos podiam saber mais técnicas e palavras do que ele... Contudo, lembrou-se do que Brom havia dito a ele: os Cavaleiros eram mais fortes com relação à magia do que os homens comuns. Mas será que isso seria o suficiente para resistir ao poder duplo dos Gêmeos?

Não se preocupe tanto, eu ajudarei você, disse Saphira. Nós também somos dois.

Ele tocou-a gentilmente na pata, aliviado por suas palavras. Os Gêmeos olharam para Eragon e perguntaram:

– E qual é a sua resposta para nós, Eragon?

Negligenciando a expressão intrigada de seus companheiros, ele disse secamente: – É não.

Linhas de expressão zangada apareceram no canto da boca dos Gêmeos. Eles viraram-se, de modo que encararam Eragon obliquamente e, curvando-se, desenharam um grande pentagrama no chão. Eles foram para o meio e falaram rispidamente: – Nós começaremos agora. Você tentará cumprir as tarefas que determinarmos a você... é só isso.

Um dos Gêmeos enfiou a mão em seu manto e tirou uma pedra polida do tamanho do punho de Eragon e colocou-a no chão.

– Levante-a até a altura dos seus olhos.

Isso é fácil, comentou Eragon com Saphira. – Stenr reisa! – A pedra tremeu e, depois, começou a subir suavemente. Antes que ela alcançasse mais de trinta centímetros de altura, uma resistência inesperada interrompeu o avanço dela em pleno ar. Um sorriso surgiu nos lábios dos Gêmeos. Eragon olhou fixamente para eles, furioso. Tentavam fazer que Eragon não passasse no teste! Se ele ficasse exausto agora, seria impossível cumprir as outras tarefas mais pesadas. De fato, estavam convencidos de que as forças deles unidas poderiam cansá-lo facilmente.

Mas eu também não estou sozinho, disse Eragon, rangendo os dentes para si mesmo. Saphira, agora! Sua mente uniu-se à dele, e a pedra deu um pulo para cima, vibrando na altura dos olhos. Os Gêmeos olharam de modo cruel.

– Muito... bom – sibilaram. Fredric pareceu ficar intimidado com aquela demonstração de magia. – Agora, mova a pedra em um círculo. – Novamente, Eragon lutou contra os esforços deles para prejudicá-lo e, de novo, para a raiva óbvia da dupla, ele prevaleceu. Os exercícios aumentaram em complexidade e dificuldade até que Eragon fosse forçado a parar e pensar cuidadosamente sobre quais palavras deveria usar. E, cada vez mais, os Gêmeos lutavam com ele amargamente, embora nunca demonstrassem sinais de cansaço no rosto.

Foi só com o apoio de Saphira que Eragon conseguiu se manter firme. Em uma pausa entre duas das tarefas, ele perguntou a ela: Por que eles continuam com este teste? Nossas habilidades já ficaram claras o bastante a julgar pelo que eles viram em minha mente. Ela inclinou a cabeça de modo pensativo. Sabe de uma coisa?, disse intrigado, quando percebeu o que eles queriam. Eles estão usando isso como uma oportunidade para descobrir quais palavras da língua antiga eu sei e para, talvez, aprender coisas novas.

Então, fale baixinho para que eles não possam ouvi-lo e use as palavras mais simples possíveis.

A partir daquele momento, Eragon usou apenas um punhado de palavras básicas para completar as tarefas. Mas encontrar meios para que elas tivessem o mesmo efeito de frases completas explorou a criatividade dele ao máximo. Ele foi recompensado pela frustração que contorcia o rosto dos Gêmeos conforme ele os derrotava uma vez atrás da outra. Não importava quanto tentassem, não conseguiam fazer com que Eragon usasse palavras novas da língua antiga.

Mais de uma hora se passou, mas os Gêmeos não demonstravam sinal de que iam parar. Eragon estava com calor e com sede, mas privou-se de pedir uma pausa, ele persistiria tanto quanto eles. Fizeram vários testes: manipular água,

lançar fogo, adivinhação, malabarismo com pedras, endurecer couro, congelar coisas, controlar o voo de uma flecha e curar arranhões. Ele pensava quanto tempo demoraria até que os Gêmeos ficassem sem novas ideias.

Finalmente, os Gêmeos ergueram as mãos e disseram: – Resta apenas mais uma coisa a fazer. É bem simples. Qualquer usuário competente de magia acharia isso fácil. – Um deles tirou um anel de prata do dedo e entregou-o a Eragon de forma convencida. – Evoque a essência da prata.

Eragon olhou confuso para o anel. O que ele devia fazer? "A essência da prata", o que era isso? E como ela podia ser evocada? Saphira não tinha a menor ideia de como fazer aquilo, e os Gêmeos não iriam ajudar. Ele nunca havia aprendido o nome da prata na língua antiga, embora soubesse que fazia parte de argetlam. Nervoso, ele juntou as duas únicas palavras que combinariam, ethgrí, ou "evocar", com arget.

Colocando-se bem ereto, reuniu o poder que lhe restava e abriu os lábios para fazer a invocação. De repente, uma voz clara e vibrante rompeu o ar.

– Pare!

A palavra caiu em Eragon como água fria, a voz era estranhamente familiar, como uma melodia que ele conhecia. Sentiu um arrepio na nuca. Lentamente Eragon virou-se para a fonte do som.

Uma figura solitária estava em pé atrás deles: Arya. Uma faixa de couro envolvia sua testa, prendendo seus volumosos cabelos negros, que caíam atrás de seus ombros em uma cascata lustrosa. Sua espada delgada pendia na cintura, seu arco, atravessado nas costas. Roupas de couro preto vestiam suas formas torneadas, elas não eram dignas de alguém tão bela. Era mais alta do que a maioria dos homens, sua postura era perfeitamente equilibrada e relaxada. Um rosto sem marcas não refletia o horrível abuso que ela havia enfrentado.

Os ardentes olhos cor de esmeralda de Arya estavam fixos nos Gêmeos, que tinham ficado pálidos de medo. Ela aproximou-se com passos silenciosos e disse em um tom suave, porém ameaçador:

– Que vergonha! É uma vergonha pedir para ele fazer o que apenas um mestre é capaz. É uma vergonha vocês usarem tais métodos. É uma vergonha terem dito a Ajihad que não conheciam as habilidades de Eragon. Ele é competente. Agora, saiam! – Arya franziu o rosto perigosamente, suas sobrancelhas inclinadas encontraram-se como raios, formando um agudo V, e apontou para o anel na mão de Eragon. – Arget! – exclamou ela como um trovão.

A prata brilhou, e uma imagem espectral do anel materializou-se ao lado dele. As

duas coisas eram idênticas, só que a aparição afigurava ser mais pura e brilhava com uma luz incandescente branca. Ao verem aquilo, os Gêmeos viraram-se e saíram depressa, seus mantos debatiam-se ao vento freneticamente. O anel insubstancial desapareceu da mão de Eragon, deixando o círculo de prata para trás. Orik e Fredric estavam em pé, observando Arya com cautela. Saphira agachou-se, pronta para agir.

A elfa examinou todos eles. Seus olhos profundos pararam em Eragon. Depois, virou-se e andou a passos largos até o centro do campo de treinamento. Os guerreiros pararam de lutar e olharam maravilhados para ela. Em poucos momentos, o campo inteiro ficou em silêncio, admirado com a presença dela.

Eragon foi arrastado para a frente de modo inexorável devido ao fascínio que sentia. Saphira falou, mas ele abstraiu os comentários dela. Um grande círculo formou-se em volta de Arya. Olhando apenas para Eragon, ela declarou:

– Reclamo o direito de fazer o seu teste de armas. Desembainhe sua espada.

Ela quer duelar comigo!

Mas eu acho que ela não quer lhe fazer mal, retrucou Saphira lentamente. Ela deu um pequeno empurrão nele com o nariz. Vá e porte-se dignamente. Ficarei observando.

Eragon, relutante, deu um passo à frente. Ele não queria fazer aquilo em um momento em que estava exausto devido ao uso da magia e quando havia tantas pessoas olhando. Além disso, Arya podia não estar em forma para lutar. Fazia apenas dois dias desde que ela havia recebido o néctar de Túnivor. Vou abrandar meus golpes para que ela não se machuque, decidiu ele.

Encararam-se no meio do círculo de guerreiros. Arya desembainhou a sua espada com a mão esquerda. A arma era mais fina do que a de Eragon, porém tão comprida e afiada quanto a dele. Ele tirou Zar'roc suavemente para fora de sua bainha polida e segurou a espada de ponta para baixo ao lado do corpo. Por um longo momento, ficaram imóveis, a elfa e o humano se observando. Passou rapidamente pela mente de Eragon que foi daquela maneira que muitas de suas lutas com Brom haviam começado.

Ele moveu-se para a frente com cautela. Com um movimento veloz e abrupto, Arya pulou para cima dele, visando acertá-lo nas costelas. Eragon, por reflexo, bloqueou o ataque, suas espadas encontraram-se em uma chuva de fagulhas. Zar'roc foi jogada para o lado como se não pesasse mais do que uma mosca. Entretanto, a elfa não tirou vantagem daquela abertura, mas girou para a direita, seus cabelos chicotearam o ar, e atacou o outro lado dele. Ele mal conseguiu deter

o golpe e recuou freneticamente, surpreso com a ferocidade e a velocidade dela.

Tardiamente, Eragon lembrou o aviso de Brom de que até o elfo mais fraco poderia vencer facilmente qualquer humano. Ele tinha tantas chances de derrotar Arya quanto teve com Durza. Ela atacou novamente, mirando a cabeça dele. Ele abaixou-se para evitar aquela lâmina afiada como navalha. Mas então por que ela estava... brincando com ele? Durante longos segundos, ele ficou muito ocupado defendendo-se contra ela para pensar nisso, mas depois percebeu: Ela quer saber o meu nível de perícia.

Ao compreender isso, começou a realizar as sequências de golpes mais complicadas que sabia. Ele fluía de uma posição para outra, combinando-as de forma imprudente, modificando-as de todas as maneiras possíveis. Mas não importava quão inventivo ele fosse, a espada de Arya sempre bloqueava a dele. Ela igualava as ações dele com uma graciosidade sem esforço.

Engajados em uma dança violenta, seus corpos estavam unidos e separados pelas lâminas faiscantes. Às vezes, quase se tocavam, suas peles tensas ficavam separadas pela largura de um fio de cabelo, mas depois o ímpeto da luta os separava, retrocediam por um segundo, somente para se juntarem novamente. Suas imagens sinuosas entrelaçavam-se como formas retorcidas de uma fumaça soprada pelo vento.

Eragon não podia se lembrar de quanto tempo lutaram. Foi atemporal, preenchido apenas por ação e reação. Zar'roc ficou pesada em sua mão, seu braço queimava ferozmente a cada golpe. Finalmente, jogou-se para a frente de maneira abrupta, Arya ligeiramente deu um passo para o lado, passando a ponta de sua espada na altura do maxilar dele com uma velocidade sobrenatural.

Eragon paralisou quando o metal gélido tocou sua pele. Seus músculos tremiam devido ao esforço. Indistintamente, ele ouviu Saphira bufar de emoção e os guerreiros gritando ruidosamente em volta deles. Arya baixou sua espada e a colocou na bainha. – Você passou – disse ela baixinho no meio da balbúrdia.

Chocado, ele lentamente se pôs ereto. Fredric, agora, estava ao lado dele, batendo entusiasmado nas costas do rapaz. – Vocês demonstraram uma habilidade incrível com a espada! Eu até aprendi alguns movimentos novos ao vê-los lutar. E a elfa... estonteante!

Mas eu perdi, protestou ele silenciosamente. Orik elogiou a atuação dele com um sorriso largo, mas tudo que Eragon notava era Arya em pé, solitária e em silêncio. Ela fez um movimento sutil com o dedo, não mais do que uma breve contração, apontando para uma pequena colina a quase dois quilômetros do campo de

treinamento, depois virou-se e saiu andando. A multidão derretia-se perante ela. Um silêncio caía sobre os homens e anões enquanto ela passava.

Eragon virou-se para Orik. – Preciso ir. Voltarei em breve para o abrigo para dragões. – Com um golpe ligeiro, ele colocou Zar'roc em sua bainha e montou em Saphira. Ela decolou do campo de treinamento, que se transformou em um mar de rostos, quando todos olhavam para ela.

À medida que ganhavam altura em direção à colina, Eragon viu Arya correndo abaixo deles, com passos largos e calmos. Saphira comentou: As formas dela o agradam, não é?

Agradam, admitiu ele ficando ruborizado.

O rosto dela tem mais personalidade do que a maioria dos humanos, disse ela torcendo o nariz. Mas é muito comprido, como o de um cavalo, e, no geral, as formas dela são bem insossas.

Eragon olhou para Saphira surpreso. Você está com ciúmes, não está?

Impossível. Nunca sinto ciúmes, ofendeu-se ela.

Mas você está agora, admita! Ele riu.

Estalou as mandíbulas bem alto. Não estou! Ele sorriu e balançou a cabeça, deixando a negação dela prevalecer. Ela pousou pesadamente na colina, sacudindo-o rudemente. Eragon desmontou com um pulo, sem fazer nenhum comentário sobre aquilo.

Arya estava bem próxima, atrás deles. Seus passos largos e céleres a transportaram mais rápido do que os de qualquer corredor que Eragon já havia visto. Quando ela chegou ao topo da colina, sua respiração estava suave e regular. De repente, com um nó na língua, Eragon abaixou seu olhar. Ela passou rapidamente por ele e disse a Saphira: – Skulblaka, eka celöbra ono un mulabra ono un onr Shur'tugal né haina. Atra nosu waíse fricai.

Eragon não reconheceu a maior parte das palavras, mas Saphira, obviamente, entendeu a mensagem. Ela mudou as asas de posição e examinou Arya cuidadosamente. Depois, concordou com a cabeça e emitiu um murmúrio grave. Arya sorriu. – Estou feliz ao vê-la recuperada – disse Eragon. – Não sabíamos se você viveria ou não.

– É por isso que vim até aqui hoje – revelou Arya, virando-se para ele. Sua voz sonora tinha sotaque e era exótica. Ela falava com clareza, com a insinuação de um trinado, como se estivesse prestes a cantar. – Tenho para com você uma dívida que deve ser paga. Você salvou a minha vida. Isso nunca poderá ser esquecido.

– Não foi... nada – respondeu Eragon atrapalhando-se com as palavras, sabendo

que não eram verdadeiras, já no momento em que as pronunciava. Encabulado, ele mudou de assunto. – Como você foi parar em Gil'ead?

A dor marcou o semblante de Arya. Ela olhou para o horizonte.

– Vamos caminhar. – Desceram a pequena colina e andaram com tranquilidade em direção a Farthen Dûr. Eragon respeitou o silêncio de Arya enquanto caminhavam. Saphira andava silenciosamente ao lado deles. Finalmente, Arya ergueu a cabeça e disse com a graça de sua espécie:

– Ajihad me disse que você estava presente quando o ovo de Saphira apareceu.

– Isso. – Pela primeira vez, Eragon pensou na energia que deve ter sido usada para transportar o ovo pelas dezenas de quilômetros que separavam Du Weldenvarden da Espinha. Tentar realizar tal feito era pedir para que um desastre acontecesse, quiçá a morte.

As palavras seguintes dela foram pesadas.

– Então, saiba disso: no momento em que você o contemplou, eu fui capturada por Durza. – A voz dela estava cheia de rancor e pesar. – Era ele que liderava os Urgals que emboscaram e exterminaram meus companheiros, Faolin e Glenwing. De alguma maneira, ele sabia onde nos esperar, não tivemos nenhum aviso. Eu fui drogada e levada para Gil'ead. Lá, Durza recebeu ordens de Galbatorix para descobrir para onde eu tinha enviado o ovo e tudo que eu sabia sobre Ellesméra.

Ela olhou friamente para a frente, suas mandíbulas estavam fechadas com força. – Durante meses, ele tentou descobrir o que queria sem sucesso. Seus métodos eram... hostis. Quando a tortura falhava, ordenava aos soldados a me usarem como queriam. Felizmente, ainda me restavam forças para manipular a mente deles e deixá-los incapazes. Por fim, Galbatorix ordenou que eu fosse levada para Urû'baen. O pavor tomou conta de mim quando soube disso, pois tanto minha mente quanto meu corpo estavam cansados demais e não teriam força para resistir. Se não fosse por você, eu estaria perante Galbatorix no prazo de uma semana.

Eragon tremeu por dentro. Foi incrível ela ter sobrevivido a tantas coisas. A lembrança de seus maus-tratos e ferimentos ainda estava viva em sua mente. Baixinho, ele perguntou:

– Por que você me contou tudo isso?

– Para que você saiba do que eu fui salva. Não ouse pensar que posso ignorar seu ato.

Envergonhado, ele abaixou a cabeça. – O que você fará agora... voltará para Ellesméra?

– Não, ainda não. Há muita coisa a ser feita aqui. Não posso abandonar os Varden. Ajihad precisa da minha ajuda. Vi você ser testado quanto à magia e às armas hoje. Brom o instruiu bem. Você está pronto para prosseguir com seu treinamento.

– Quer dizer que vou para Ellesméra?

– Isso.

Eragon sentiu uma ponta de irritação. Será que ele e Saphira não podiam opinar quanto a esse assunto?

– Quando?

– Ainda será decidido, mas levará algumas semanas.

Pelo menos, eles nos deram esse tempo todo, pensou Eragon. Saphira falou algo a ele, e ele perguntou a Arya: – O que os Gêmeos queriam que eu fizesse?

Os lábios esculpidos de Arya contorceram-se de nojo. – Algo que nem eles podem realizar. É possível falar o nome de um objeto na língua antiga e evocar sua forma verdadeira. Isso requer anos de aperfeiçoamento e grande disciplina, mas a recompensa é o controle completo sobre o objeto. É por isso que o nome verdadeiro da pessoa é sempre mantido em segredo, pois se ele cair nas mãos de alguém que tenha maldade no coração, terá domínio total sobre você.

– É estranho – disse Eragon depois de um momento –, mas antes de ser capturado em Gil'ead, eu a via nos meus sonhos. Era como se eu a visse em uma bola de cristal, e fui capaz de vê-la depois, mas isso acontecia sempre enquanto eu dormia.

Arya mordeu os lábios pensativa. – Houve ocasiões em que sentia como se outra pessoa estivesse me observando, mas eu estava frequentemente confusa e febril. Nunca ouvi falar que alguém, nem nas tradições ou nas lendas, pudesse ter visões durante o sono.

– Eu mesmo não entendo – disse Eragon, olhando para as suas mãos. Ele girava o anel de Brom em seu dedo. – O que a tatuagem nas suas costas significa? Eu não queria vê-la, mas quando estava curando suas feridas... não pude evitar. É igual ao símbolo neste anel.

– Você tem um anel com um yawë nele? – perguntou ela de repente.

– Tenho. Era de Brom. Quer ver?

Ele mostrou-lhe o anel. Arya examinou a pedra de safira e disse:

– Isto é um presente dado apenas aos amigos mais estimados dos elfos. De fato, tão estimados que não damos um destes há séculos. Pelo menos, eu pensava assim. Eu não sabia que a rainha Islanzadi tinha Brom em tão alto apreço.

– Então, eu não deveria usá-lo – disse Eragon temendo ser presunçoso.

– Não, use-o. Ele lhe dará proteção se encontrar meu povo por acaso e poderá ajudá-lo a ganhar a simpatia da rainha. Não fale a ninguém sobre a minha tatuagem. Isso não deve ser revelado.

– Tudo bem.

Ele gostou de conversar com Arya e queria que a conversa deles tivesse demorado mais tempo. Quando se separaram, ele ficou vagando por Farthen Dûr, conversando com Saphira. Apesar da sua insistência, ela se recusou a dizer o que Arya havia dito a ela. Finalmente, seus pensamentos se voltaram para Murtagh e, depois, para o conselho de Nasuada. Vou arranjar alguma coisa para comer, depois irei vê-lo, ele decidiu. Será que poderia me esperar para que eu volte para o abrigo com você?

Eu esperarei. Vá, disse Saphira.

Com um sorriso agradecido, Eragon foi correndo para Tronjheim, comeu em um canto obscuro da cozinha e seguiu as instruções de Nasuada até chegar a uma pequena porta cinza que estava guardada por um homem e por um anão. Quando ele pediu permissão para entrar, o anão bateu na porta três vezes e a destrancou.

– Basta gritar quando quiser sair – disse o homem com um sorriso amigável.

A cela era aquecida e bem iluminada, com uma pia em um canto e uma escrivaninha, munida com penas e tinteiros, em outro. O teto era ricamente adornado com entalhes de imagens laqueadas, o piso era coberto por um tapete felpudo. Murtagh estava deitado em uma cama robusta, lendo um pergaminho. Ele olhou para cima, surpreso, e exclamou alegremente: – Eragon! Eu esperava que você viesse!

– Como... Bem, eu pensei...

– Você pensou que eu estava enfiado em algum buraco de rato comendo pão duro – disse Murtagh colocando-se ereto com um sorriso no rosto. – Na verdade, eu esperava a mesma coisa, mas Ajihad permitirá que eu usufrua de tudo isso enquanto não causar problemas. E eles me trazem lautas refeições, como também tudo que eu quiser da biblioteca. Se eu não tomar cuidado, vou virar um intelectual gorducho.

Eragon riu e, com um sorriso curioso, sentou perto de Murtagh.

– Mas você não está zangado? Você ainda é um prisioneiro.

– Ah, fiquei no começo – disse Murtagh dando de ombros. – Mas quanto mais penso sobre isso, mais percebo que este é o melhor lugar para mim. Mesmo se Ajihad me concedesse a liberdade, eu ficaria no meu quarto a maior parte do

tempo.

– Mas por quê?

– Você sabe muito bem. Ninguém ficaria à vontade perto de mim, conhecendo a minha verdadeira identidade. E sempre haveria pessoas que não conseguiriam se privar de usar palavras e olhares desagradáveis. Mas chega disso, estou ansioso para ouvir as novidades. Vamos, conte.

Eragon recontou os eventos dos últimos dois dias, incluindo seu encontro com os Gêmeos na biblioteca. Quando ele terminou, Murtagh recostou-se, refletindo.

– Eu suspeito – disse ele – que Arya é mais importante do que nós imaginávamos. Pense em tudo que você descobriu: ela é mestre com as armas, poderosa na magia e, acima de tudo, foi escolhida para guardar o ovo de Saphira. Ela não pode ser alguém comum, mesmo entre os elfos.

Eragon concordou.

Murtagh olhou para o teto. – Sabe, acho essa prisão estranhamente pacífica. Pela primeira vez na vida, não preciso ter medo. Eu sei que deveria ter... entretanto alguma coisa neste lugar me transmite tranquilidade. E uma boa noite de sono também ajuda.

– Sei o que você está insinuando – disse Eragon ironicamente. Ele se moveu para um ponto mais macio na cama. – Nasuada disse que o visitou. Ela falou algo interessante?

O olhar de Murtagh voltou-se para um ponto distante, e ele balançou a cabeça.

– Não, ela só queria me conhecer. Ela não parece uma princesa? E a maneira como se porta! Assim que entrou por aquela porta, achei que era uma das ilustres damas da corte de Galbatorix. Eu já vi condes e viscondes com esposas que, comparadas a ela, estavam mais apropriadas para viverem como glutonas do que como membros da nobreza.

Eragon ouviu os elogios dele com uma preocupação que aumentava cada vez mais.

Talvez isso não signifique nada, ele lembrou a si mesmo. Você está tirando conclusões apressadas. Contudo, o agouro não o abandonava. Tentando espantar aquela sensação, ele perguntou: – Quanto tempo você vai permanecer preso, Murtagh? Você não pode se esconder para sempre.

Murtagh deu de ombros negligentemente, mas havia um peso atrás das palavras dele.

– Por enquanto estou gostando de ficar aqui e descansar. Não há razão para buscar abrigo em outro lugar nem para me submeter ao exame dos Gêmeos. Sem

dúvida, vou acabar me cansando disso, mas por enquanto... estou satisfeito.

Os Espectros crescem

Saphira acordou Eragon com uma batida rápida de seu focinho, machucando-o com sua dura mandíbula.

– Ai! – exclamou ele, colocando-se sentado. A caverna estava escura, exceto por um brilho fraco que emanava do lampião coberto. Do lado de fora do abrigo para dragões, a Isidar Mithrim brilhava com milhares de cores diferentes, iluminada por sua guirlanda de lampiões.

Um anão agitado estava em pé na entrada da caverna, apertando suas mãos. – Você precisa vir, Argetlam! Grande problema, Ajihad mandou chamá-lo. Não há tempo!

– O que houve? – perguntou Eragon.

O anão apenas balançou a cabeça, sua barba sacudiu-se.

– Vá, você precisa ir! Carkna bragha! Agora!

Eragon pôs Zar'roc na cinta, pegou seu arco e suas flechas e colocou a sela em Saphira. Daria tudo por uma boa noite de sono, reclamou ela, agachando-se para que ele pudesse montar em suas costas. Bocejou ruidosamente quando Saphira se lançava para fora da caverna.

Orik esperava por eles, com uma expressão séria no rosto, quando pousaram perto dos portões de Tronjheim. – Vamos, os outros estão esperando. – Ele os guiou por Tronjheim até o gabinete de Ajihad. No caminho, Eragon o bombardeou de perguntas, mas Orik dizia apenas: – Eu mesmo não sei de muita coisa, espere para ouvir tudo de Ajihad.

A porta do grande gabinete foi aberta por um par de guardas corpulentos. Ajihad estava em pé atrás de sua mesa, examinando um mapa tristemente. Arya e um homem com braços musculosos também estavam lá. Ajihad levantou o olhar.

– Que bom que você está aqui, Eragon. Conheça Jörmundur, meu subcomandante.

Cumprimentaram-se e viraram suas atenções para Ajihad.

– Eu convoquei vocês cinco porque corremos um grande perigo. Há quase meia hora, um anão saiu correndo de um túnel abandonado sob Tronjheim. Ele estava sangrando e quase inconsciente, mas resistiu ao ponto de poder contar aos anões o que o perseguia: um exército de Urgals, talvez, a um dia de marcha daqui.

Um silêncio causado pelo choque encheu o recinto. Depois, Jörmundur xingou de modo explosivo e começou a fazer perguntas ao mesmo tempo que Orik. Arya permaneceu em silêncio. Ajihad ergueu suas mãos. – Silêncio! Ainda há mais. Os

Urgals não estão se aproximando por cima da terra, mas embaixo dela. Eles estão nos túneis... Vamos ser atacados por baixo.

Eragon levantou sua voz na confusão que houve a seguir: – Por que os anões não souberam disso antes? Como os Urgals descobriram os túneis?

– Tivemos sorte de descobrir isso com essa antecedência! – bramiu Orik. Todos pararam de falar para ouvi-lo. – Há centenas de túneis nas montanhas Beor, desabitados desde o dia em que foram abertos. Os únicos anões que passam por eles são os excêntricos que não querem ter contato com os outros. Facilmente poderíamos não ter recebido aviso nenhum.

Ajihad apontou para o mapa, e Eragon aproximou-se. O mapa retratava a metade sul da Alagaësia, mas, ao contrário do mapa de Eragon, ele mostrava a cordilheira das montanhas Beor em detalhes. O dedo de Ajihad estava na parte das montanhas que tocava a fronteira oriental de Surda.

– Aqui – disse ele –, é de onde o anão alega ter vindo.

– Orthíad! – exclamou Orik. Depois da indagação confusa de Jörmundur, ele explicou: – É uma antiga habitação nossa que foi abandonada assim que Tronjheim foi terminada. Durante o seu auge, era a maior das nossas cidades. Mas ninguém vive lá há séculos.

– E é velha o bastante para que alguns túneis tenham desabado – disse Ajihad. – Foi assim que supomos que ela deve ter sido descoberta pela superfície. Suspeito que Orthíad está sendo chamada agora de Ithrö Zhâda. Era para onde a tropa de Urgals que perseguiam Eragon e Saphira deveria ir, e estou certo de que é para onde os Urgals têm migrado durante o ano todo. De Ithrö Zhâda eles podem ir para onde bem entenderem nas montanhas Beor. Eles têm o poder para destruir tanto os Varden quanto os anões.

Jörmundur curvou-se sobre o mapa, analisando-o cuidadosamente.

– O senhor sabe quantos Urgals estão lá? As tropas de Galbatorix estão com eles? Não podemos planejar uma defesa sem saber a dimensão do exército deles.

Ajihad retrucou tristemente: – Não temos certeza quanto a essas duas coisas, entretanto nossa sobrevivência depende da última questão. Se Galbatorix aumentou as tropas dos Urgals com seus soldados, não teremos nenhuma chance. Mas se ele não fez isso, por não querer que sua aliança com os Urgals seja revelada ou por qualquer outro motivo, é possível alcançarmos a vitória. Nem Orrin nem os elfos podem nos ajudar em um prazo tão curto. Mesmo assim, enviei mensageiros até eles com notícias sobre nosso apuro. Pelo menos, não serão pegos de surpresa se nós cairmos.

Passou a mão sobre sua sobrancelha negra como carvão. – Eu já falei com Hrothgar, e estabelecemos um plano de ação. Nossa única esperança é conter os Urgals em três dos maiores túneis e direcioná-los para dentro de Farthen Dûr, evitando que entrem aos montes em Tronjheim como gafanhotos.

"Preciso que vocês, Eragon e Arya, ajudem os anões a desmonorar os túneis irrelevantes. Essa tarefa é grande demais para os métodos comuns. Dois grupos de anões já estão trabalhando nisso: um do lado de fora de Tronjheim, e outro embaixo dela. Eragon você trabalhará com o grupo que está no exterior. Arya, você ficará com o que está no subsolo. Orik irá guiá-la até eles."

– Por que não desmoronamos todos os túneis em vez de deixar os maiores intocados? – perguntou Eragon.

– Porque – respondeu Orik – isso forçaria os Urgals a removerem o cascalho, e eles poderiam tomar uma direção que não nos seria favorável. Além disso, se nos isolarmos, eles poderiam atacar outras cidades dos anões, as quais não seríamos capazes de ajudar a tempo.

– Também há outra razão – disse Ajihad. – Hrothgar me alertou que Tronjheim repousa sobre uma rede de túneis tão densa que se muitos deles forem enfraquecidos, partes da cidade desabarão, afundando no solo devido ao seu próprio peso. Não podemos correr esse risco.

Jörmundur ouviu tudo atentamente e perguntou: – Então, não haverá combate dentro de Tronjheim? O senhor disse que os Urgals seriam direcionados para fora da cidade, para dentro de Farthen Dûr.

Ajihad respondeu rapidamente: – Exatamente. Não podemos defender o perímetro inteiro de Tronjheim, é grande demais para nossas tropas, então vamos selar todas as passagens e portões que dão acesso a ela. Isso forçará os Urgals a saírem para as áreas planas que cercam Tronjheim, onde há espaço suficiente para nossas tropas manobrarem. Já que os Urgals têm acesso aos túneis, não podemos arriscar uma batalha demorada. Enquanto estiverem aqui, correremos o perigo constante de eles escavarem e emergirem no piso de Tronjheim. Se isso acontecer, ficaremos encurralados, seremos atacados por fora e por dentro. Temos de evitar que os Urgals tomem Tronjheim. Se eles a dominarem, duvido que teremos força para expulsá-los de lá.

– E quanto às nossas famílias? – perguntou Jörmundur. – Não quero ver minha esposa e meus filhos assassinados pelos Urgals.

As rugas de expressão acentuaram-se no rosto de Ajihad.

– Todas as mulheres e crianças estão sendo levadas para os vales adjacentes. Se

formos derrotados, elas terão guias que as levarão até Surda. É tudo que posso fazer.

Jörmundur teve de fazer um esforço para ocultar seu alívio.

– Senhor, Nasuada também vai sair?

– Ela não está satisfeita, mas irá.

Todos os olhos estavam em Ajihad quando ele alinhou os ombros e anunciou: – Os Urgals chegarão em uma questão de horas. Sabemos que são numerosos, mas nós precisamos defender Farthen Dûr. A derrota significará a ruína dos anões, a morte dos Varden e, finalmente, a derrota para Surda e os elfos. Esta é uma batalha que não podemos perder. Agora, vão e realizem suas tarefas! Jörmundur, prepare os homens para lutar.

Saíram do gabinete e se separaram: Jörmundur foi para os alojamentos, Orik e Arya para as escadas que levavam ao subsolo, e Eragon e Saphira até um dos quatro principais salões de Tronjheim. Apesar de ser muito cedo, a cidade-montanha fervia como um formigueiro. As pessoas corriam, gritavam mensagens e carregavam trouxas com seus pertences.

Eragon já havia lutado e matado antes, mas a batalha que os aguardava o fez sentir arrepios de medo no peito. Ele nunca teve a oportunidade de esperar ansiosamente por uma luta. Agora que a tinha, isso o enchia de pavor. Sentia-se seguro quando ia enfrentar poucos oponentes, ele sabia que poderia derrotar facilmente três ou quatro Urgals usando Zar'roc e a magia, mas em um grande conflito, tudo poderia acontecer.

Saíram de Tronjheim e procuraram os anões que deveriam ajudar. Sem sol ou lua, o interior de Farthen Dûr estava escuro como breu, pontuado por lampiões de brilho saltitante dentro da cratera. Talvez eles estejam no lado oposto de Tronjheim, sugeriu Saphira. Eragon concordou e pulou para cima das costas dela.

Eles planaram em volta de Tronjheim até que um amontoado de lampiões apareceu. Saphira virou para a direção deles e, com não mais do que um sussurro, pousou ao lado de um grupo de anões assustados, que estavam ocupados cavando com picaretas. Eragon explicou rapidamente porque eles estavam ali. Um anão de nariz pontudo disse a ele: – Há um túnel a uns quatro metros diretamente abaixo de nós. Qualquer ajuda que você puder dar será bem-vinda.

– Se você esvaziar a área em cima do túnel, verei o que posso fazer. – O anão de nariz pontudo fez uma cara de desconfiado, mas mandou que os escavadores se afastassem do local.

Respirando lentamente, Eragon preparou-se para usar a magia. Seria possível

deslocar toda a terra do túnel, mas ele precisava preservar suas forças para mais tarde. Em vez disso, tentaria desabar o túnel ao concentrar sua força em pontos fracos do seu teto.

– Thrysta deloi – sussurrou ele e enviou tentáculos de força para dentro do solo. Quase que imediatamente, eles encontraram rocha. Ele a ignorou e continuou descendo, até sentir o vazio do túnel. Depois, começou a procurar falhas na rocha. Sempre que encontrava uma, fazia força nela, aumentando-a e alargando-a. Foi um trabalho cansativo, mas não mais desgastante do que seria quebrar a rocha com as mãos. Ele não fez um progresso visível, um fato que não passou despercebido pelos anões impacientes.

Eragon perseverou. Logo, ele foi recompensado por um estalo retumbante que pôde ser ouvido claramente na superfície. Houve um rangido persistente e, depois, o solo escorreu para dentro, como água descendo por um tubo, deixando no chão um buraco com mais de seis metros de diâmetro.

Enquanto os anões fascinados enchiam o túnel com cascalho, o anão de nariz pontudo levou Eragon para o próximo túnel. Este foi muito mais difícil de derrubar, mas conseguiu repetir a façanha. Durante as horas seguintes, demoliu mais de meia dúzia de túneis em Farthen Dûr, com a ajuda de Saphira.

A luz surgia tímida no pequeno pedaço de céu acima deles enquanto ele trabalhava. Não era nada de mais, mas aumentou a confiança de Eragon. Ele afastou-se das ruínas do último túnel destruído e observou o terreno com interesse.

Um grande êxodo de mulheres e crianças, juntamente com os idosos dos Varden, fluía para fora de Tronjheim. Todos levavam fardos de provisões, roupas e pertences. Um pequeno grupo de guerreiros, composto predominantemente de garotos e idosos, acompanhava-os.

A maioria das atividades, entretanto, acontecia na base de Tronjheim, onde os Varden e os anões reuniam seu exército, que era dividido em três batalhões. Cada seção ostentava o estandarte dos Varden: um dragão branco segurando uma rosa acima de uma espada, que apontava para baixo, em um campo roxo.

Os homens estavam em silêncio, de punhos cerrados. Os cabelos deles pendiam livremente, saindo por baixo de seus capacetes. Vários guerreiros tinham apenas uma espada e um escudo, mas havia várias fileiras munidas com lanças e arpões. Na retaguarda dos batalhões, os arqueiros testavam seus arcos.

Os anões trajavam pesadas roupas de batalha. Armaduras feitas com escamas de aço polido iam até a altura dos joelhos, portavam no braço esquerdo pesados escudos redondos, adornados com os brasões de seus clãs. Espadas curtas estavam

embainhadas na cintura enquanto na mão direita eles carregavam picaretas ou machados de guerra. Suas pernas estavam cobertas por uma malha extrafina. Usavam capacetes de ferro e botas guarnecidas com latão.

Uma pequena figura separou-se do batalhão mais distante e foi correndo em direção a Eragon e Saphira. Era Orik, vestido como os outros anões. – Ajihad quer que vocês se juntem ao exército – disse ele. – Não há mais túneis para demolir. Há comida esperando por vocês.

Eragon e Saphira acompanharam Orik até uma barraca, onde acharam pão e água para Eragon e uma pilha de carne seca para Saphira. Comeram sem reclamar, era melhor do que ficar com fome.

Quando terminaram, Orik mandou que esperassem e desapareceu no meio das fileiras de soldados do batalhão. Voltou, liderando uma fila de anões carregados com pilhas altas de armaduras. Orik pegou uma parte e a entregou para Eragon.

– O que é isso? – perguntou Eragon tocando o metal polido. A armadura era ricamente adornada com entalhes e filigranas de ouro. Tinha mais de dois centímetros e meio de espessura em certos lugares e era muito pesada. Nenhum homem poderia lutar levando tanto peso. E havia peças demais para uma pessoa.

– É um presente de Hrothgar – disse Orik com um ar satisfeito consigo mesmo. – Ela ficou tanto tempo junto com nossos outros tesouros que quase foi esquecida. Ela foi forjada em outra época, antes da queda dos Cavaleiros.

– Mas para que serve? – perguntou Eragon.

– Ora, é uma armadura para dragões, é claro! Você acha que os dragões iam para a batalha desprotegidos? Armaduras completas são raras porque eram muito demoradas para serem feitas e porque os dragões estavam sempre crescendo. Contudo, Saphira ainda não é tão grande, então esta deve caber razoavelmente bem nela.

Armadura para dragões! Enquanto Saphira cheirava uma das peças, Eragon perguntou: O que você acha?

Vamos experimentar, disse com um brilho feroz nos olhos.

Depois de uma bela dose de esforço, Eragon e Orik deram um passo atrás para admirarem o resultado. O pescoço inteiro de Saphira, exceto pelos espinhos em sua crista, estava coberto por placas triangulares da armadura que se sobrepunha. A barriga e o peito estavam protegidos pelas placas mais grossas, enquanto as mais leves cobriam sua cauda. As pernas e as costas estavam completamente envolvidas. As asas dela continuaram nuas. Uma placa inteiriça moldada repousava em cima de sua cabeça, deixando sua mandíbula livre para morder.

Saphira arqueou o pescoço para experimentá-la, e a armadura curvou-se suavemente, acompanhando os movimentos dela. Isto me deixará mais lenta, mas ajudará a deter as flechas. Como estou?

Muito ameaçadora, retrucou Eragon com sinceridade. Isso a agradou.

Orik pegou os itens restantes no chão. – Eu também trouxe uma armadura para você, embora tenha me dado um bocado de trabalho para achar uma do seu tamanho. Raramente forjamos armaduras para humanos ou elfos. Não sei para quem esta foi feita, mas nunca foi usada e irá servi-lo bem.

Eragon passou por cima da cabeça uma resistente camisa de malha, com as costas forradas de couro, que chegava até a altura dos joelhos, como uma saia. Ela pendia pesada em seus ombros e tinia quando ele andava. Ele prendeu Zar'roc por cima dela, o que ajudou a evitar que a cota ficasse balançando. Em sua cabeça foi colocado um chapéu de couro, uma touca feita de malha e, finalmente, um capacete dourado e prateado. Proteções metálicas foram postas em seus antebraços e placas de ferro em suas pernas. Em suas mãos havia luvas forradas com cota de malha na parte superior. Finalmente, Orik deu a ele um grande escudo adornado com uma árvore de carvalho.

Sabendo que ele e Saphira tinham ganhado o equivalente a uma pequena fortuna, Eragon curvou-se e disse: – Obrigado por estas ofertas. Recebemos os presentes de Hrothgar com muita satisfação.

– Não me agradeçam agora – disse Orik com um sorriso. – Esperem até as armaduras salvarem suas vidas.

Os guerreiros em volta deles começaram a marchar. Os três batalhões reposicionaram-se em partes diferentes de Farthen Dûr. Sem saberem ao certo o que deviam fazer, Eragon olhou para Orik e disse:

– Suponho que devemos acompanhá-los.

Eles se posicionaram atrás de um batalhão que ia em direção à parede da cratera. Eragon perguntou sobre os Urgals, mas Orik só sabia que batedores foram colocados nos túneis e que nada havia sido visto ou ouvido.

O batalhão parou perto de um dos túneis destruídos. Os anões jogaram cascalho de uma maneira que ninguém pudesse sair facilmente dali. Este deve ser um dos lugares em que eles forçarão os Urgals a sair, comentou Saphira.

Centenas de lampiões estavam presos no topo de estacas fixadas no chão. Elas proviam uma grande área iluminada, que brilhava como o sol da tarde. Fogueiras ardiam em volta da beirada do teto do túnel, enormes caldeirões de piche esquentavam em cima delas. Eragon desviou o olhar, lutando contra a repulsa que

sentia. Era um modo terrível de matar alguém, até mesmo um Urgal.

Fileiras de galhos pontudos estavam sendo enterradas no chão, formando uma barreira espinhosa entre o batalhão e o túnel. Eragon viu uma oportunidade de ajudar e se juntou a um grupo de homens que cavavam trincheiras entre os galhos. Saphira também ajudou, removendo a terra com suas garras gigantes. Enquanto eles trabalhavam, Orik saiu para supervisionar a construção de uma barricada para proteger os arqueiros. Eragon bebia com gratidão no odre sempre que ele passava por perto. Depois que as trincheiras estavam terminadas e munidas com estacas pontudas, Saphira e Eragon descansaram.

Orik retornou, encontrando-os sentados juntos. Ele enxugou a testa. – Todos os homens e anões estão no campo de batalha. Tronjheim foi lacrada. Hrothgar está no comando do batalhão à nossa esquerda. Ajihad está liderando o que está à nossa frente.

– Quem está comandando este?

– Jörmundur. – Orik sentou-se com um resmungo e colocou seu machado de guerra no chão.

Saphira deu um pequeno empurrão em Eragon. Olhe. A mão dele apertou Zar'roc quando viu Murtagh, de capacete, empunhando um escudo dos anões e sua espada medieval, aproximando-se com Tornac.

Orik xingou e levantou-se com um pulo, mas Murtagh disse rapidamente: – Está tudo bem. Ajihad me libertou.

– Por que ele faria isso? – inquiriu Orik.

Murtagh sorriu ironicamente. – Ele disse que esta seria uma oportunidade de provar minhas boas intenções. Aparentemente, ele não acha que eu seria capaz de fazer muitos danos mesmo se eu me voltasse contra os Varden.

Eragon acenou com a cabeça, dando as boas-vindas, relaxando a pressão no punho da espada. Murtagh era um guerreiro excelente e impiedoso, exatamente a pessoa que Eragon gostaria de ter ao seu lado durante uma batalha.

– Como podemos saber que você não está mentindo? – perguntou Orik.

– Porque assim eu digo – anunciou uma voz firme. Ajihad entrou com passos largos no meio deles, armado para a batalha com o peitoral protegido por uma armadura e com uma espada com punho de marfim. Ele pôs uma mão forte no ombro de Eragon e afastou-o até um ponto onde os outros não podiam ouvir. Ele lançou um olhar na armadura de Eragon.

– Ótimo, Orik o equipou.

– De fato... alguma coisa foi vista nos túneis?

– Nada. – Ajihad apoiou-se em sua espada. – Um dos Gêmeos ficará em Tronjheim. Ele observará a batalha do abrigo para dragões e passará informações para mim usando o irmão dele. Sei que você pode se comunicar mentalmente. Preciso que diga aos Gêmeos qualquer coisa, qualquer coisa incomum que você veja na batalha. Além disso, eu passarei ordens para você por intermédio deles. Entendeu?

O pensamento de estar ligado aos Gêmeos encheu Eragon de repugnância, mas ele sabia que seria necessário. – Entendi.

Ajihad fez uma pausa.

– Você não é um soldado de campo ou cavaleiro e difere do tipo de guerreiro que estou acostumado a comandar. A batalha pode me contradizer, mas creio que você e Saphira estarão mais seguros no chão. No ar, serão um alvo fácil para os arqueiros dos Urgals. Você lutará montado em Saphira?

Eragon nunca havia combatido montado em um cavalo, muito menos em Saphira. – Não sei o que faremos. Quando monto em Saphira, fico alto demais para lutar, exceto contra um Kull.

– Temo que haverá muitos deles – disse Ajihad. Ele pôs-se ereto, arrancando sua espada do solo. – O único conselho que lhe dou é evitar riscos desnecessários. Os Varden não podem perdê-lo. – Depois de dizer isso, virou-se e saiu.

Eragon voltou para Orik e Murtagh e acocorou-se perto de Saphira, repousando seu escudo em seus joelhos. Os quatro esperavam em silêncio, como as centenas de guerreiros em volta deles. A luz que entrava pela abertura de Farthen Dûr se enfraquecia à medida que o sol se arrastava para baixo da beira da cratera.

Eragon virou-se para examinar o acampamento e ficou paralisado, seu coração batia forte. A uns nove metros de distância, Arya estava sentada com o arco em seu colo. Embora soubesse que isso seria irracional, ele esperava que ela tivesse ido com as outras mulheres para fora de Farthen Dûr. Preocupado, ele foi correndo até ela. – Você vai lutar?

– Farei o que devo fazer – disse Arya calmamente.

– Mas será perigoso demais!

A expressão no rosto dela ficou séria. – Não tente me mimar, humano. Os elfos treinam tanto seus homens quanto suas mulheres para lutar. Não sou como uma de suas fêmeas indefesas que fogem sempre que há perigo. Eu recebi a tarefa de proteger o ovo de Saphira... na qual falhei. Minha breoal foi desonrada e ficaria ainda mais envergonhada se eu não defendesse você e Saphira neste campo. Você esqueceu que sou mais forte com a magia do que qualquer um aqui, incluindo

você. Se o Espectro aparecer, quem poderá derrotá-lo além de mim? E quem mais teria tal direito?

Eragon olhou para ela sem saber o que dizer, reconhecendo que ela tinha razão e odiando tal fato.

– Então, tome cuidado. – Nervoso, ele acrescentou na língua antiga: – Wiol pömnuria ilian. – Pela minha felicidade.

Arya desviou o olhar, sem graça. A franja de seus cabelos ocultou seu rosto. Ela passou a mão em seu arco polido e murmurou: – É meu destino estar aqui. A dívida deve ser paga.

Ele retirou-se abruptamente e foi até Saphira. Murtagh, curioso, olhou para ele. – O que ela disse?

– Nada.

Envoltos em seus próprios pensamentos, os defensores mergulharam em um silêncio taciturno conforme as horas se arrastavam. A cratera de Farthen Dûr, novamente, ficou escura, exceto pelo brilho sanguíneo dos lampiões e das fogueiras que aqueciam o piche. Eragon se alternava entre examinar de modo míope os elos de aço de sua cota de malha e espiar Arya. Orik, repetidamente, passava uma pedra de amolar na lâmina do seu machado, examinando com frequência o fio entre as passadas. O barulho da pedra raspando no metal era irritante. Murtagh apenas olhava fixamente para o horizonte.

Às vezes, mensageiros atravessavam o acampamento correndo, fazendo os guerreiros ficarem de pé de repente. Mas era sempre um alarme falso. Os homens e os anões ficaram tensos, vozes zangadas eram ouvidas com frequência. A pior parte sobre Farthen Dûr era a falta de vento, o ar era estagnado, sem nenhum movimento. Mesmo quando ficava mais quente, sufocante e repleto de fumaça, não havia alívio.

Conforme a noite se arrastava, o campo de batalha ficou imobilizado, silencioso como a morte. Os músculos estavam tensos devido à espera. Eragon olhava de modo inexpressivo para a escuridão com pálpebras pesadas. Ele se agitava para ficar alerta e tentar se concentrar apesar de seu adormecimento.

Finalmente, Orik disse:

– Está tarde. Nós devíamos dormir. Se algo acontecer, os outros nos acordarão – Murtagh resmungou, mas Eragon estava cansado demais para reclamar. Aconchegou-se perto de Saphira, usando o escudo como travesseiro. Conforme seus olhos se fechavam, viu que Arya ainda estava acordada, vigiando-os.

Seus sonhos foram confusos e perturbadores, repletos de bestas chifrudas e

ameaças que não podiam ser vistas. Repetidas vezes, ele ouvia uma voz grave perguntar: “Você está pronto?” Mas ele nunca respondia. Atormentado por tais visões, seu sono foi leve e intranquilo, até que algo tocou em seu braço. Ele acordou assustado.

BATALHA SOB FARTHEN DÛR

— Começou – disse Arya com uma expressão triste no rosto. As tropas no acampamento estavam em pé, alertas, com armas em punho. Orik girou seu machado para se certificar de que tinha espaço bastante. Arya preparou uma flecha e a segurou pronta para o disparo.

– Um batedor saiu correndo de um túnel há alguns minutos – disse Murtagh a Eragon. – Os Urgals estão chegando.

Juntos, observavam a boca escura do túnel em meio às fileiras de soldados e toras de madeira afiadas. Um minuto passou se arrastando, depois, mais outro... e mais outro. Sem tirar os olhos do túnel, Eragon içou a si mesmo para cima da sela de Saphira, com Zar'roc na mão, um peso confortador. Murtagh montou em Tornac ao lado dele. Depois, um homem gritou:

– Estou ouvindo-os!

Os guerreiros ficaram imóveis, suas mãos seguraram suas armas com mais firmeza. Ninguém se mexia... ninguém respirava. Em algum lugar, um cavalo relinchou.

Gritos roucos dos Urgals rasgaram o ar quando formas escuras começaram a surgir aos montes na boca do túnel. Respondendo a um comando, os caldeirões de piche fervente foram inclinados, derramando o líquido escaldante na garganta faminta do túnel. Os monstros urravam de dor, seus braços debatiam-se. Uma tocha foi jogada no piche borbulhante, um pilar alaranjado de chamas oleosas rugiu na abertura, envolvendo os Urgals em um inferno de fogo. Sentindo repugnância, Eragon olhou para o outro lado de Farthen Dûr, para os outros dois batalhões, e viu chamas idênticas àquelas em cada um deles. Embainhou Zar'roc e preparou seu arco.

Logo, mais Urgals apagaram o fogo do piche e saíram com dificuldade dos túneis, passando por cima de seus irmãos queimados. Agruparam-se, formando uma parede sólida contra os homens e anões. Atrás da paliçada que Orik ajudou a construir, a primeira fileira de arqueiros preparou suas armas e disparou. Eragon e Arya somaram suas flechas àquele enxame fatal e viram as setas devorarem as fileiras de Urgals.

A barreira dos Urgals cedeu, ameaçando ser rompida, mas eles se cobriram com seus escudos e repeliram o ataque. Novamente, os arqueiros dispararam, mas os Urgals continuaram a fluir em direção à superfície em um ritmo selvagem.

Eragon ficou apavorado com o número de bestas. Será que eles teriam de matar

todas aquelas feras? Parecia uma tarefa que só um louco aceitaria. A única coisa que lhe deu coragem foi o fato de não ver nenhum dos soldados de Galbatorix com os Urgals. Pelo menos, até aquele momento.

O exército rival formou uma massa sólida de corpos que parecia se estender infinitamente. Estandartes sombrios e rasgados foram erguidos no meio dos monstros. Notas sinistras ecoaram por Farthen Dûr quando as trombetas de guerra soaram. O grupo inteiro de Urgals atacou com gritos selvagens.

Foram de encontro às fileiras de estacas, cobrindo-as com sangue e cadáveres, conforme os soldados de vanguarda eram trucidados nos obstáculos. Uma nuvem de flechas negras voou sobre a barreira, indo para cima dos defensores agachados. Eragon protegeu-se atrás de seu escudo, e Saphira cobriu a cabeça. As flechas ricochetearam inofensivamente na armadura dela.

Momentaneamente frustrada pelas estacas, a horda dos Urgals correu de um lado para o outro, desorientada. Os Varden juntaram-se, esperando o próximo ataque. Depois de uma pausa, os gritos de guerra foram ouvidos novamente quando os Urgals avançaram. O ataque foi feroz. Seu ímpeto fez os Urgals passarem pelas barreiras de estacas, onde uma fileira de lanceiros atacava freneticamente os monstros, tentando repeli-los. Os lanceiros tiveram um sucesso breve, mas a onda deplorável dos Urgals não podia ser detida, e eles foram superados.

As primeiras linhas de defesa foram rompidas, os corpos principais dos dois exércitos colidiram-se pela primeira vez. Um rugido ensurdecedor foi emitido pelo grupo de homens e anões que corriam para a batalha. Saphira bramiu e pulou em direção ao combate, mergulhando em um turbilhão de ruídos e de ações indistintas.

Com suas mandíbulas e suas garras, Saphira rasgou um Urgal. Seus dentes eram tão letais quanto uma espada, sua cauda funcionava como uma maça gigantesca. De cima de suas costas, Eragon aparou um golpe de martelo de um dos chefes dos Urgals, protegendo suas asas vulneráveis. A lâmina avermelhada de Zar'roc parecia brilhar com prazer quando o sangue corria por sua extensão.

De relance, Eragon viu Orik decepando pescoços dos Urgals com golpes poderosos do seu machado. Ao lado do anão estava Murtagh, montado em Tornac, com o rosto desfigurado por um rosnado feroz, enquanto golpeava com sua espada raivosamente, cortando todas as defesas. Saphira virou-se, e Eragon viu Arya saltar o corpo sem vida de um oponente.

Um Urgal rolou por cima de um anão ferido e golpeou com a espada a perna de

Saphira. A lâmina bateu violentamente na armadura, produzindo uma explosão de fagulhas. Eragon golpeou-o na cabeça, mas Zar'roc ficou presa nos chifres do monstro e foi arrancada da sua mão. Xingando, pulou de cima de Saphira e atacou o Urgal, batendo no rosto dele com o escudo. Arrancou Zar'roc dos chifres com um puxão e se abaixou correndo, quando outro Urgal veio para cima dele.

Saphira, preciso de você!, gritou ele, mas a confusão da batalha os separou. De repente, um Kull pulou em sua direção, com a clava erguida para desferir o golpe. Sem poder erguer o escudo a tempo, Eragon proferiu:

– Jierda! – A cabeça do Kull caiu para trás, dando um alto estalo quando seu pescoço foi quebrado. Mais quatro Urgals sucumbiram às mordidas famintas de Zar'roc, depois Murtagh cavalgou para o lado de Eragon, fazendo a onda de Urgals recuar.

– Vamos! – gritou ele, esticando a mão de cima de Tornac, puxando Eragon para cima do cavalo. Correram em direção a Saphira, que estava envolvida em um embate com vários inimigos. Doze Urgals que empunhavam lanças cercaram-na, espetando-a com suas lanças. Eles já haviam conseguido perfurar as duas asas. Seu sangue manchou o chão. Sempre que avançava para cima de um deles, eles se juntavam e miravam nos olhos dela, forçando-a a recuar. Ela tentou quebrar as lanças com suas garras, mas os Urgals pulavam para trás, evitando-a.

A visão do sangue de Saphira enfureceu Eragon. Ele desceu de Tornac com um pulo, dando um grito selvagem e atingiu o Urgal mais próximo, atravessando-o no peito com Zar'roc, não hesitando um segundo sequer em sua tentativa frenética para libertar Saphira. O ataque dele gerou a distração de que ela precisava para se livrar dos atacantes. Com um coice, ela jogou um Urgal para o alto, indo, logo depois, na direção de Eragon em alta velocidade. Eragon agarrou um dos espinhos do dorso dela e voltou a sentar na sela. Murtagh ergueu a mão, depois foi correndo para cima de outro grupo de Urgals.

Sem precisarem falar nada, Saphira decolou e subiu acima dos exércitos de combatentes, buscando um alívio daquela loucura. A respiração de Eragon estava acelerada. Seus músculos estavam tensos, prontos para repelir o próximo ataque. Todas as fibras do seu ser estavam carregadas de energia, fazendo-o se sentir mais vivo do que nunca.

Saphira circulou durante bastante tempo para eles recuperarem as forças, depois desceu em direção aos Urgals, voando rasteiro para evitar que fossem vistos. Ela aproximou-se dos monstros por trás, onde seus arqueiros estavam reunidos.

Antes que os Urgals percebessem o que estava acontecendo, Eragon decepou a

cabeça de dois arqueiros, e Saphira trucidou outros três. Ela decolou de novo quando deram o alarme, subindo alto, rapidamente ficando fora do alcance das flechas.

Repetiram a tática em flancos diferentes do exército. O ataque surpresa e a velocidade de Saphira, somados à luz fraca, tornavam quase impossível para os Urgals prever onde ela atacaria em seguida. Eragon usava seu arco sempre que Saphira estava no ar, mas ele ficou rapidamente sem flechas. Logo, a única coisa que restava em seu arsenal era a magia, que ele queria deixar reservada até o momento em que fosse desesperadamente necessária.

Os voos de Saphira sobre os combatentes deram a Eragon um entendimento singular de como a batalha progredia. Havia três lutas separadas sendo travadas dentro de Farthen Dûr, cada uma perto da boca de um túnel. Os Urgals estavam em desvantagem devido à dispersão de seus soldados e à incapacidade de seu exército inteiro sair dos túneis de uma vez só. Mesmo assim, os Varden e os anões não podiam evitar que os monstros avançassem e, lentamente, eram forçados a recuar em direção a Tronjheim. Os defensores pareciam insignificantes contra a massa de Urgals, cujos números continuavam a aumentar conforme saíam aos montes dos túneis.

Os Urgals organizaram-se em volta de vários estandartes, cada um representando um clã, mas não estava claro quem comandava todos eles. Os clãs não prestavam atenção uns nos outros, como se estivessem recebendo ordens de outro lugar. Eragon desejou saber quem estava no comando para que ele e Saphira pudessem eliminá-lo.

Lembrando as ordens de Ajihad, começou a passar informações para os Gêmeos. Eles ficaram interessados pelo que ele disse sobre a falta aparente de um líder entre os Urgals e o questionaram rigorosamente. A troca de informações era sutil, breve. Os Gêmeos disseram a ele: Você recebeu ordens de ir ajudar Hrothgar, o combate está ruim para ele.

Entendido, respondeu Eragon.

Saphira voou rapidamente até os anões sitiados, descendo em direção a Hrothgar. Trajando uma armadura dourada, o rei dos anões estava à frente de um pequeno grupo de seus consanguíneos, brandindo Volund, o martelo de seus ancestrais. Sua barba branca refletiu a luz dos lampiões quando ele olhou para cima, em direção a Saphira. A admiração brilhou nos olhos dele.

Saphira pousou ao lado dos anões e enfrentou os Urgals que avançavam. Até o Kull mais violento acovardou-se perante a ferocidade dela, permitindo que os

anões avançassem. Eragon tentava manter Saphira em segurança. O flanco esquerdo dela estava protegido pelos anões, mas à frente e à direita um mar de inimigos rugia. Ele não demonstrou piedade e tirou vantagem de tudo que podia, usando magia sempre que Zar'roc não podia servi-lo. Uma lança ricocheteou em seu escudo, amassando-o e deixando-o com o ombro dolorido. Sacudindo-se para espantar a dor, ele abriu o crânio de um Urgal, misturando miolos com metal e osso.

Ele estava admirado com Hrothgar, que, embora fosse idoso tanto para os padrões dos humanos quanto para os dos anões, ainda lutava com toda a plenitude no campo de batalha. Nenhum Urgal, ou não, podia postar-se perante o rei dos anões e seus guardas e sobreviver. Todas as vezes que Volund atacava, o gongo da morte soava para um inimigo. Depois que uma lança derrubou um de seus guardas, o próprio Hrothgar pegou a lança e, com uma força surpreendente, abateu o monstro que a lançou, atravessando-o ao meio a dezoito metros de distância. Tal heroísmo encorajou Eragon a correr riscos ainda maiores, procurando demonstrar tanta coragem como o poderoso rei.

Eragon jogou-se para a frente, em direção a um Kull gigante que estava quase fora do alcance dele e por pouco não caiu da sela de Saphira. Mas antes que ele pudesse se recompor, o Kull passou correndo pelas defesas de Saphira e girou sua espada. O impacto do golpe pegou em cheio o lado do capacete de Eragon, jogando-o para trás, fazendo sua visão falhar e seus ouvidos zumbirem tempestuosamente.

Aturdido, tentou pôr-se ereto, mas o Kull já estava preparando outro golpe. Conforme o braço do monstro descia, uma fina lâmina de aço brotou de repente do peito dele. Uivando, o monstrengo desabou para o lado. Em seu lugar, estava Angela.

A bruxa usava uma comprida capa vermelha por cima de uma armadura bizarra esmaltada de preto e verde. Ela carregava uma estranha arma que era usada com as duas mãos, um longo cabo de madeira com uma lâmina presa em cada ponta. Angela piscou para Eragon de forma travessa e afastou-se depressa, girando seu bastão-espada freneticamente. Logo atrás dela estava Solembum na forma de um rapaz de cabelos rebeldes. Ele empunhava uma pequena adaga preta, seus dentes afiados eram exibidos em rosnados ferozes.

Ainda atordoado por causa da pancada que levou, Eragon conseguiu ajeitar-se na sela. Saphira pulou para cima, levantando voo, e ficou circundando no alto, deixando que o Cavaleiro se recuperasse. Ele examinou a planície de Farthen Dûr e

viu, para seu espanto, que todas as três frentes de batalha não iam bem. Nem Ajihad, nem Jörmundur, nem Hrothgar conseguiam deter os Urgals, que tinham, simplesmente, um número muito superior de guerreiros.

Eragon pensou em quantos Urgals ele conseguiria matar de uma vez só com a magia. Ele conhecia seus limites muito mal. Se ele quisesse eliminar um número significativo ao ponto de fazer alguma diferença... seria suicídio. Esse seria o preço da vitória.

A luta continuou durante horas intermináveis, uma após a outra. Os Varden e os anões estavam exaustos, mas os Urgals continuavam a avançar com vigor, devido aos reforços que recebiam.

Aquilo foi um pesadelo para Eragon. Embora ele e Saphira lutassem com todo o empenho, sempre havia outro Urgal para tomar o lugar daquele que eles tinham acabado de matar. O corpo dele inteiro doía, especialmente a cabeça. Sempre que ele usava magia, perdia um pouco mais de energia. Saphira estava em melhores condições, embora suas asas estivessem pontilhadas de pequenos ferimentos.

Enquanto Eragon desviava um golpe, os Gêmeos fizeram contato urgente com ele. Há fortes estrondos embaixo de Tronjheim. Parece que os Urgals estão tentando abrir um túnel no meio da cidade. Precisamos de você e de Arya para derrubar os túneis que eles estão escavando.

Eragon se livrou de seu oponente com um golpe de espada. Já vamos para lá. Procurou Arya e a viu engajada em um combate com um grupo de Urgals. Saphira abriu rapidamente o caminho para a elfa, deixando uma pilha de corpos feridos em seu rastro. Eragon esticou a mão e disse:

– Monte!

Arya pulou para cima do dorso de Saphira sem hesitação. Ela passou seu braço direito em volta da cintura de Eragon, empunhando sua espada manchada de sangue com a outra. Quando Saphira se agachou para levantar voo, um Urgal foi correndo em sua direção, uivando, e ergueu um machado e acertou em cheio o seu peito.

Saphira rugiu de dor e se jogou para a frente e seus pés levantaram do chão. Ela abriu as asas de repente, lutando para evitar que caíssem enquanto dava uma forte guinada para o lado, a ponta de sua asa direita chegou a raspar no chão. Embaixo deles, o Urgal jogou o braço para trás para arremessar o machado. Mas Arya ergueu a palma da mão, gritando, e uma bola de energia da cor de uma esmeralda saiu do meio da mão dela, matando o Urgal. Com um golpe colossal dos ombros, Saphira alinhou-se, mal conseguindo passar ilesa sobre as cabeças dos

guerreiros. Ela distanciou-se do campo de batalha com fortes batidas de asas e com dificuldade para respirar.

Você está bem?, perguntou Eragon preocupado. Ele não viu onde ela havia sido atingida.

Vou sobreviver, disse ela zangada. Mas a frente da minha armadura foi amassada. Está machucando meu peito, e estou tendo dificuldade para me mexer.

Pode nos levar até o abrigo para dragões?

... Vamos ver.

Eragon expôs para Arya a condição de Saphira. – Ficarei e ajudarei Saphira quando pousarmos – ofereceu ela. – Assim que ela estiver livre da armadura, vou me juntar a você.

– Obrigado – disse ele. O voo foi laborioso para Saphira. Ela planava sempre que podia. Quando chegaram ao abrigo para dragões, pousou pesadamente em cima da Isidar Mithrim, onde os Gêmeos, supostamente, deviam estar assistindo à batalha, mas não havia ninguém. Eragon pulou para o chão e recuou quando viu o dano que o Urgal fez. Quatro placas de metal no peito de Saphira foram amassadas juntas, tolhendo a capacidade de ela se curvar e respirar direito.

– Tome cuidado – disse ele colocando a mão no lado do corpo dela, e saiu correndo pela passagem arqueada.

Parou e xingou. Estava no topo de Vol Turin, a Escadaria Sem Fim. Devido à sua preocupação com Saphira, ele não havia pensado em como chegaria até a base de Tronjheim, onde os Urgals estavam invadindo. Não havia tempo para descer as escadas. Olhou para a estreita canaleta à direita da escadaria, pegou uma das almofadas de couro e se atirou para cima dela.

O escorrega de pedra era liso como madeira laqueada. Com o couro embaixo dele, Eragon acelerou quase que imediatamente para uma velocidade assustadora, as paredes passavam como borrões por ele, e o ângulo curvo do escorrega o empurrava com força em direção à parede. Eragon ficou completamente deitado para que pudesse ir mais rápido. O ar passava forte por seu capacete, fazendo-o vibrar como um cata-vento no meio de uma ventania. A canaleta era estreita demais para ele, e Eragon estava perigosamente muito próximo de ser cuspido longe, mas enquanto mantivesse seus braços e pernas imóveis, estaria bem.

Foi uma descida rápida, mas ele ainda precisou de quase dez minutos para chegar lá embaixo. O escorrega nivelou-se no final e o fez deslizar um bom pedaço em cima do grande piso de cornalina.

Quando finalmente parou, estava tonto demais para caminhar. Sua primeira

tentativa para ficar em pé o deixou enjoado. Agachou-se, segurou a cabeça com as mãos e esperou as coisas pararem de girar. Quando se sentiu melhor, pôs-se de pé e olhou cuidadosamente em volta.

A grande câmara estava completamente deserta, o silêncio era perturbador. Uma luz rosada descia, filtrada pela Isidar Mithrim. Ele titubeou... Aonde ele devia ir? E tentou fazer contato mental com os Gêmeos. Nada. Ficou paralisado quando um grande estrondo ecoou por Tronjheim.

Uma explosão rasgou o ar. Uma grande placa do piso da câmara cedeu e foi jogada a uns dez metros para o alto. Pedaços pontiagudos de pedra voaram para todos os lados quando ela se espatifou no chão. Eragon deu um passo atrás, impressionado, tateando em busca de Zar'roc. As formas horrendas dos Urgals escalavam para fora do buraco no chão.

Eragon hesitou. Será que deveria fugir? Ou será que deveria ficar e tentar fechar o túnel? Mesmo que tentasse fechá-lo antes que os Urgals o atacassem, será que Tronjheim já teria sido invadida em outro lugar? Ele não poderia achar todos os lugares a tempo para evitar que a cidade-montanha fosse capturada. Mas se eu correr até um dos portões de Tronjheim e abri-lo com uma explosão, os Varden poderiam retomar a cidade sem ter de cercá-la. Antes que pudesse se decidir, um homem alto, trajando uma armadura negra, emergiu do túnel e olhou direto para ele.

Era Durza.

O Espectro empunhava sua espada branca marcada com a rachadura de Ajihad. Um escudo redondo, negro, com uma insígnia rubra repousava em seu braço. Seu capacete escuro era ricamente decorado, como o de um general, e um comprido manto feito de pele de cobra se ondulava em volta dele. A loucura ardia em seus olhos castanho-avermelhados, a loucura típica de quem ama o poder e que se encontra na posição de usá-lo.

Eragon sabia que não era rápido ou forte o bastante para fugir do inimigo que estava diante dele. Imediatamente, alertou Saphira, embora soubesse que seria impossível para ela salvá-lo a tempo. Ele acocorou-se e rapidamente pensou no que Brom havia falado a ele quanto a lutar com outro usuário da magia. Não era nada encorajador. E Ajihad havia dito que os Espectros só podiam ser destruídos se fossem atingidos no coração.

Durza olhou para ele com desdém e disse: – Kaz jtierl trazhid! Otrag bagh. – Os Urgals olharam para Eragon desconfiados e formaram um círculo em volta do perímetro do recinto. Durza aproximou-se lentamente de Eragon com uma

expressão triunfante. – Então, meu jovem Cavaleiro, nos encontramos de novo. Você foi um tolo ao fugir de mim em Gil'ead. Isso somente vai piorar as coisas para você no final.

– Você nunca me capturará vivo – rosnou Eragon.

– É mesmo? – perguntou Durza, erguendo uma sobrancelha. A luz da estrela de safira dava à pele dele uma tonalidade apavorante. – Não estou vendo o seu "amigo" Murtagh por perto para ajudá-lo. Você não pode me deter agora. Ninguém pode!

O medo tocou Eragon. Como ele sabe sobre Murtagh? Pondo todo o escárnio que podia em sua voz, ele caçoou: – Foi bom levar uma flechada?

A expressão no rosto de Durza fechou-se momentaneamente. – Eu serei pago em sangue por causa daquilo. Agora, diga, onde seu dragão está escondido?

– Nunca.

Durza exibiu uma expressão mais zangada ainda. – Então, tirarei essa informação de você à força! – A espada dele assobiou no ar. No momento em que Eragon aparou a espada com seu escudo, uma sonda mental se fincou fundo em seus pensamentos. Lutando para proteger sua consciência, empurrou Durza para trás e atacou com a mente.

Eragon investiu com todas as suas forças contra as barreiras, sólidas como o ferro, em volta da mente de Durza, mas sem nenhum proveito. Girou Zar'roc, tentando pegar Durza de guarda baixa. O Espectro desviou o golpe para o lado sem fazer nenhum esforço, e respondeu ao ataque com a velocidade de um raio.

A ponta da espada atingiu as costelas de Eragon, cortando a cota de malha e deixando-o sem ar. Contudo, a malha cedeu, e a lâmina não cortou a pele dele por um fio. A distração era tudo que Durza precisava para invadir a mente de Eragon e começar a tomar o controle.

– Não! – gritou Eragon jogando-se para cima do Espectro. O rosto dele se contorceu quando lutava com Durza, que puxou com força o braço com que ele empunhava a espada. Durza tentou cortar a mão de Eragon, mas ela estava protegida pela luva com forro de cota, fazendo a espada ser jogada para baixo. Quando Eragon chutou a perna dele, Durza rosnou de raiva e golpeou com seu escudo negro, jogando o rapaz no chão. Eragon sentiu gosto de sangue na boca, o pescoço dele latejava. Ignorando seus ferimentos, rolou e arremessou seu escudo para cima de Durza. Apesar da velocidade superior do Espectro, o pesado escudo feriu-o na cintura. Quando Durza tropeçou, Eragon atingiu-o no braço com Zar'roc. Um fio de sangue desceu pelo braço do Espectro.

Eragon investiu contra ele com sua mente e penetrou nas defesas enfraquecidas de Durza. Um turbilhão de imagens envolveu-o de repente, passando depressa por sua consciência...

Durza como um menino levando uma vida nômade com seus pais na planície deserta. A tribo os abandonou e chamava o pai dele de "violador de juramentos". Mas ele não era Durza na época, mas Carsaib, o nome que a mãe dele cantava suavemente enquanto penteava seus cabelos...

O Espectro cambaleou fortemente, seu rosto contorcido pela dor. Eragon tentou controlar a torrente de memórias, mas a força delas era avassaladora.

Em pé em uma colina perto das sepulturas dos pais, chorando porque os homens não o mataram também. Depois se virando e se afastando sem rumo para o meio do deserto...

Durza encarou Eragon. Um ódio terrível emanava de seus olhos castanho-avermelhados. Eragon estava com um dos joelhos no chão, quase em pé, lutando para blindar sua mente.

Como o velho viu Carsaib deitado, quase morto, em uma duna de areia. Os dias que Carsaib levou para se recuperar e o medo que ele sentiu quando descobriu que seu salvador era um feiticeiro. Como ele implorou para aprender a controlar os espíritos. Como Haeg finalmente concordou. Ele o chamava de "Rato do Deserto"...

Agora, Eragon estava em pé. Durza atacou... espada erguida... escudo ignorado em sua fúria.

Os dias passados treinando sob o sol escaldante, sempre alerta quanto aos lagartos que caçavam para comer. Como o poder dele aumentava lentamente, dando a ele orgulho e confiança. As semanas gastas cuidando de seu mestre adoecido depois de um encanto que deu errado. A alegria dele quando Haeg se recuperou...

Mas não havia tempo para reagir... não havia tempo...

Os bandidos que atacaram durante a noite, matando Haeg. O ódio que Carsaib sentiu, e os espíritos que ele havia invocado para obter vingança. Mas os espíritos eram mais fortes do que ele esperava. Eles se viraram contra ele, possuindo sua mente e seu corpo. Ele gritou. Ele era... EU SOU DURZA!

A espada acertou pesadamente as costas de Eragon, cortando tanto a malha de aço quanto a pele. Ele gritou quando a dor explodiu em seu corpo, forçando-o a ficar de joelhos. A agonia curvou seu corpo e apagou todos os seus pensamentos. Cambaleou, quase perdendo a consciência, o sangue quente escorria pelas suas costas. Durza disse algo que ele não conseguiu ouvir.

Em meio à aflição, Eragon levantou os olhos para os céus, as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Tudo tinha dado errado. Os Varden e os anões estavam destruídos. Ele foi derrotado. Saphira se entregaria pelo bem dele, como ela já havia feito antes, e Arya seria recapturada ou morta. Por que tinha de terminar assim? Que justiça poderia ser essa? Tanta coisa por nada.

Enquanto ele olhava para a Isidar Mithrim muito acima de seu corpo torturado, um clarão de luz rompeu em seus olhos, cegando-o. Um segundo depois, a câmara retumbou com um estrondo ensurdecedor. Então, a visão dele clareou, e ele suspirou descrente.

A estrela de safira foi quebrada em vários pedaços. Um círculo que se expandia, formado por cacos afiados como adagas, despencava em direção ao chão distante, os cacos brilhantes aproximavam-se das paredes. No centro da câmara, voando, descendo, com a cabeça apontada para baixo, estava Saphira. As mandíbulas dela estavam abertas e do meio delas brotava uma grande língua de fogo, de cor amarelo brilhante e com um quê de azul. No dorso dela estava Arya, seus cabelos debatiam-se freneticamente, braço erguido, a palma de sua mão brilhava com uma aura de magia verde.

O tempo pareceu andar mais devagar quando Eragon viu Durza inclinar a cabeça em direção ao teto. Primeiro, o susto, depois a raiva, contorceram o rosto do Espectro. Olhando com desprezo e audácia, ergueu a mão e apontou para Saphira, uma palavra se formava em seus lábios.

Uma reserva de força oculta, de repente, emergiu dentro de Eragon, arrancada das profundezas de seu ser. Seus dedos agarraram com força o cabo de sua espada. Ele atravessou a barreira em sua mente e apoderou-se da magia. Toda a sua dor e sua raiva se concentraram em uma só palavra:

– Brisingr!

Zar'roc ardeu com uma luz sangrenta, chamas sem calor corriam por sua extensão...

Ele jogou-se para a frente...

E acertou Durza no coração.

Durza olhou chocado para a lâmina que se projetava de seu peito. A sua boca

estava aberta, mas, em vez de palavras, um uivo fantasmagórico foi proferido. A espada despencou de seus dedos sem força. Agarrou Zar'roc, como se quisesse arrancá-la, mas ela estava presa firmemente nele.

Então, a pele de Durza ficou transparente. Embaixo dela não havia carne ou ossos, mas padrões contorcidos de escuridão. Ele berrou ainda mais alto quando a escuridão pulsou, rompendo a pele. Com um último grito, Durza foi dilacerado da cabeça aos pés, liberando a escuridão, separadas em três entidades distintas, que atravessaram voando as paredes de Tronjheim e saíram de Farthen Dûr. O Espectro estava acabado.

Despojado de forças, Eragon caiu para trás de braços abertos. Acima dele, Saphira e Arya já haviam quase chegado ao chão, afigurava-se que elas iam se despedaçar junto com os restos letais da Isidar Mithrim. Quando a visão dele falhou, Saphira, Arya e a miríade de fragmentos, todos eles, pareceram parar de cair e ficaram flutuando em pleno ar.

O Sábio Pesaroso

Fragmentos das memórias do Espectro continuavam a lampejar na mente de Eragon. Um furacão de eventos sombrios e emoções tomou conta dele, tornando impossível pensar. Submerso naquele redemoinho, ele não sabia onde estava ou quem era. Encontrava-se cansado demais para se livrar da presença estranha que deixava sua mente nebulosa. Imagens violentas e cruéis do passado do Espectro explodiram atrás de seus olhos até que sua alma gritasse em desespero perante aquelas visões sangrentas.

Uma pilha de corpos se elevou perante ele... inocentes trucidados pelas ordens do Espectro. Viu ainda mais corpos, vilarejos inteiros cheios deles, que perderam a vida depois de uma palavra ou de um gesto da mão daquele feiticeiro. Não havia escapatória da carnificina que o cercava. Ele vacilava como a chama de uma vela, incapaz de resistir àquela onda de maldade. Rezou para que alguém o tirasse daquele pesadelo, mas não havia ninguém para guiá-lo. Se pudesse, pelo menos, lembrar o que ele devia ser: rapaz ou homem, vilão ou herói, Espectro ou Cavaleiro, tudo estava embolado em um frenesi sem sentido. Ele estava perdido, completa e totalmente, naquela massa rolante.

De repente, uma aglomeração de suas próprias memórias irrompeu no meio da nuvem deplorável deixada pela mente malevolente do Espectro. Todos os eventos acontecidos desde que ele encontrou o ovo de Saphira surgiram para ele em uma luz fria de revelações. Suas realizações e suas falhas foram igualmente exibidas. Perdeu muitas das coisas que eram queridas por ele, contudo o destino havia lhe dado dons raros e grandiosos. Pela primeira vez, sentia orgulho, simplesmente, de ser quem ele era. Como em uma reação à sua breve autoconfiança, a escuridão sufocante do Espectro investiu contra ele mais uma vez. A identidade dele vagou em direção ao vazio enquanto a incerteza e o medo consumiam seus sentidos. Quem ele era para achar que podia desafiar os poderes da Alagaësia e continuar vivo?

Lutou contra os pensamentos sinistros do Espectro, primeiramente de modo fraco, depois com mais força. Sussurrou as palavras da língua antiga e viu que elas deram a ele força suficiente para poder resistir à escuridão que embaçava sua mente. Embora suas defesas falhassem perigosamente, começou, lentamente, a dirigir sua consciência abalada para uma pequena concha brilhante em volta de seu âmago. Fora da mente, ele estava consciente de que havia uma dor tão grande que ameaçava acabar com sua própria vida, mas alguma coisa, ou alguém, parecia mantê-la sob controle.

Ele ainda estava fraco demais para clarear sua mente por completo, mas estava lúcido o bastante para avaliar suas experiências desde Carvahall. Aonde ele iria agora... e quem mostraria o caminho a ele? Sem Brom, não havia ninguém que pudesse guiá-lo ou ensiná-lo.

– Venha até mim.

Ele recuou ao toque de outra consciência – tão vasta e poderosa que parecia uma montanha que se avultava sobre ele. E ele percebeu que era essa pessoa que estava bloqueando a dor. Como na mente de Arya, música fluía nesta também, acordes intensos, de tonalidade âmbar-dourado, ressoavam com uma melancolia imperiosa.

Finalmente, ele ousou perguntar: – Quem... quem é você?

– Aquele que pode ajudar. – Com um lampejo de um pensamento inconfesso, a influência do Espectro foi empurrada para o lado como uma teia de aranha indesejada. Livre daquele peso opressor, Eragon permitiu que sua mente se expandisse até que tocasse uma barreira da qual ele não podia passar. – Eu o protegi da melhor maneira que podia, mas você está tão distante que não posso fazer mais do que isolar a sua sanidade da dor.

Novamente: – Quem é você para fazer isso?

Houve um estrondo grave. – Eu sou Osthato Chetowä, o Sábio Pesaroso. E Togira Ikonoka, o Imperfeito Que É Perfeito. Venha até mim, Eragon, pois tenho respostas para suas perguntas. Você não estará seguro até me encontrar.

– Mas como posso encontrá-lo se não sei onde você está? – perguntou ele em desespero.

– Confie em Arya e vá com ela para Ellesméra, eu estarei lá. Tenho esperado por muitas estações, então não se demore ou poderá ser tarde demais... Você é maior do que imagina, Eragon. Pense no que fez e rejubile-se, pois você livrou a terra de um grande mal. Você realizou uma façanha que ninguém mais poderia ter realizado. Muitos têm uma dívida com você.

O estranho tinha razão: o que ele havia feito era digno de honra, de reconhecimento. Não importava o que as suas experiências futuras lhe trouxessem, ele não era mais apenas um peão no jogo do poder. Ele havia transcendido tudo isso e era algo diferente, algo mais. Ele havia se tornado o que Ajihad queria: uma autoridade independente de qualquer rei ou líder.

Ele sentiu aprovação quando chegou a essa conclusão. – Você está aprendendo – disse o Sábio Pesaroso, aproximando-se. Uma visão passou dele para Eragon: uma explosão de cores brotou em sua mente, formando uma figura curvada, vestida de

branco, em pé em um penhasco banhado pela luz do sol. – Chegou a hora de você descansar, Eragon. Quando você acordar, não fale sobre mim a ninguém – disse a figura gentilmente, com o rosto oculto por uma nuvem prateada. – Lembre-se: você precisa ir até os elfos. Agora, durma... – Ele ergueu uma de suas mãos, como em uma bênção, e a paz tomou conta de Eragon.

Seu último pensamento foi que Brom teria sentido orgulho dele.

– Acorde – ordenou uma voz. – Acorde, Eragon, pois você já está dormindo há muito tempo. – Ele se mexeu contra a sua vontade, avesso a ouvir qualquer coisa. O calor que o cercava era confortável demais para ser abandonado. A voz soou de novo. – Levante-se, Argetlam. Precisamos de você!

Ele, relutantemente, forçou a si mesmo a abrir os olhos e viu que estava em uma cama comprida, envolvido por cobertores macios. Angela estava sentada em uma cadeira ao lado dele, olhando para seu rosto atentamente. – Como está se sentindo? – perguntou ela.

Desorientado e confuso, ele permitiu que seus olhos examinassem o pequeno quarto. – Eu... eu não sei – respondeu ele, sua boca estava seca e rachada.

– Então, não se mexa. Você precisa preservar suas forças – disse Angela, passando a mão em seus cabelos cacheados. Eragon viu que ela ainda usava sua armadura. Por que isso? Um acesso de tosse deixou-o tonto, zonzo e todo dolorido. Seus membros febris estavam pesados. Angela pegou no chão um chifre decorado com borda de ouro e o encostou nos lábios dele. – Tome. Beba.

Um hidromel gelado correu por sua garganta abaixo, refrescando-o. O calor floriu em seu estômago e subiu até o seu rosto. Ele tossiu de novo, o que piorou sua cabeça latejante. Como vim parar aqui? Houve uma batalha... nós estávamos perdendo... aí Durza e...

– Saphira! – exclamou ele, colocando-se sentado. Ele caiu para trás quando sua cabeça girou, fechando os olhos, sentindo-se enjoado. – O que houve com Saphira? Ela está bem? Os Urgals estavam vencendo... ela estava caindo. E Arya!

– Elas sobreviveram – garantiu Angela. – E estão esperando você acordar. Você quer vê-las? – Ele concordou fracamente com a cabeça. Angela levantou-se e abriu a porta. Arya e Murtagh entraram em fila. Saphira serpenteou sua cabeça para dentro do quarto depois deles, o corpo dela era grande demais para passar pela porta. O peito dela vibrava enquanto ela murmurava baixinho, seus olhos brilhavam.

Sorrindo, Eragon tocou os pensamentos dela com alívio e gratidão. É bom ver que você está melhor, pequenino, ela disse com ternura.

É bom ver que você também está, mas como...

Os outros querem explicar, então deixarei.

Você cuspiu fogo! Eu vi!

Foi, disse ela com orgulho.

Ele deu um sorriso fraco, ainda confuso, e olhou para Arya e Murtagh. Os dois ostentavam ataduras: Arya no braço e Murtagh na cabeça. Murtagh deu um sorriso largo. – Já era hora de você acordar. Estamos sentados no corredor há horas.

– O que... o que aconteceu? – perguntou Eragon.

Arya estava triste. Mas Murtagh gritou triunfante:

– Nós vencemos! Foi incrível! Quando os espíritos do Espectro, se podemos chamá-los assim, voaram por Farthen Dûr, os Urgals pararam de lutar para vê-los indo embora. Foi como se eles tivessem sido libertados de um encanto, pois os clãs deles, de repente, começaram a brigar uns com os outros. O exército inteiro deles foi desagregado em poucos minutos. Nós os afugentamos depois disso!

– E todos eles morreram? – perguntou Eragon.

Murtagh balançou a cabeça. – Não, muitos deles escaparam fugindo para dentro dos túneis. Os Varden e os anões estão ocupados expulsando-os neste momento, mas isso vai demorar. Eu estava ajudando até que um Urgal me atingiu na cabeça e fui mandado para cá.

– Eles não vão prender você de novo?

A expressão no rosto dele ficou séria. – Ninguém está ligando para isso agora. Muitos dos Varden e dos anões foram mortos. Os sobreviventes estão ocupados tentando se recuperar da batalha. Mas, pelo menos, você tem um motivo para ficar feliz. Você é um herói! Todos estão falando sobre como você matou Durza. Se não fosse por você, nós teríamos perdido.

Eragon ficou perturbado com as palavras dele, mas resolveu deixá-las de lado para refletir sobre elas depois. – Onde estavam os Gêmeos? Eles não estavam onde deviam estar... Não consegui fazer contato com eles. Eu precisei da ajuda deles.

Murtagh deu de ombros. – Disseram-me que eles lutaram bravamente contra um grupo de Urgals que invadiram Tronjheim em outro ponto. Eles, provavelmente, deviam estar ocupados demais para falar com você.

Por alguma razão, isso parecia uma transgressão, mas Eragon não conseguia determinar por quê. Virou-se para Arya. Os olhos grandes e brilhantes dela ficaram fixos nele o tempo todo. – Como vocês não bateram no chão? Você e Saphira estavam... – A voz dele fraquejou.

Ela disse lentamente: – Quando você avisou Saphira sobre Durza, eu ainda estava tentando remover sua armadura danificada. Quando consegui retirá-la, era tarde demais para descer usando a Vol Turin, você teria sido capturado antes que eu chegasse lá embaixo. Além disso, Durza teria acabado com você antes de me deixar tentar salvá-lo. – O tom de pesar surgiu na voz dela. – Então, fiz a única coisa que poderia fazer para distraí-lo: quebrei a estrela de safira.

E eu a levei até lá embaixo, acrescentou Saphira.

Eragon fez força para assimilar aquilo quando outro acesso de vertigem o obrigou a fechar os olhos. – Mas por que nenhum dos pedaços bateu em vocês ou em mim?

– Porque eu não deixei que isso acontecesse. Quando estávamos quase chegando ao chão, eu os segurei imóveis em pleno ar, depois, lentamente, baixei-os até o piso. Caso contrário, eles teriam se espatifado, produzindo milhares de cacos, matando você – declarou Arya com simplicidade. As palavras dela denunciavam o poder que havia dentro dela.

Angela acrescentou amargamente:

– É, e isso quase matou você também. Tive de usar todos os meus conhecimentos para manter vocês dois vivos.

Uma dor aguda repentina correu pelo corpo de Eragon, comparando-se em intensidade à sua cabeça latejante. Minhas costas... Mas ele sentiu que não havia nenhuma atadura nelas. – Há quanto tempo estou aqui? – perguntou apreensivo.

– Há um dia e meio – respondeu Angela. – Você teve sorte de eu estar por perto, caso contrário levaria semanas para ficar curado, se tivesse sobrevivido. – Assustado, Eragon tirou os cobertores de cima do seu tronco e virou-se para tocar as costas. Angela segurou o pulso dele com sua pequena mão, o receio refletia-se nos olhos dela. – Eragon... você precisa entender que meu poder não é como o seu ou como o de Arya. Ele depende do uso de ervas e poções. Há limites para o que eu posso fazer, especialmente com algo tão grande quanto...

Com um puxão, ele libertou seu pulso da mão de Angela e tocou as costas, seus dedos tateavam. Sua pele estava suave e quente, perfeita. Músculos rígidos flexionavam-se embaixo das pontas de seus dedos conforme ele se mexia. Deslizou a mão em direção à nuca e, inesperadamente, sentiu uma saliência dura com mais de um centímetro de largura. Ele a acompanhou, descendo por suas costas, horrorizado. O golpe de Durza o deixou com uma enorme cicatriz nodosa que se esticava do ombro direito até a cintura oposta.

A compaixão tomou conta do rosto de Arya quando ela murmurou:

– Você pagou um preço terrível por sua façanha, Eragon Matador de Espectros.

Murtagh riu de modo estridente.

– É, você agora é igual a mim.

O medo tomou conta de Eragon e ele fechou os olhos. Ele estava desfigurado. Depois, lembrou algo de quando estava inconsciente... uma figura vestida de branco que o ajudou. Um imperfeito que era perfeito, Togira Ikonoka. Ele disse: Pense no que fez e rejubile-se, pois você livrou a terra de um grande mal. Você realizou uma façanha que ninguém mais poderia ter realizado. Muitos têm uma dívida com você...

Venha até mim, Eragon, pois tenho respostas para suas perguntas.

Um toque de paz e contentamento consolou Eragon.

Eu irei.

GUIA DE PRONÚNCIA

Ajihad – aji-RRA-de
Alagaësia – alaga-É-sia
Arya– a-RI-a
Carvahall – car-va-RRAL
Dras-Leona – dras-le-Ô-na
Du Weldenvarden – Du Velden-VAR-den
Eragon – Éragon
Farthen Dûr – farten DÛR
Galbatorix – galbato-RIX
Gil'ead – gile-A-de
Jeod – JE-odi
Murtagh – murTA-gui
Ra'zac – RÁ-zaqui
Saphira – sa-Fi-ra
Shruikan – churui-KAN
Teirm – terimi
Tronjheim – tronje-RREim
Vrael – VRA-el
Yazuac – IA-zu-A-qui
Zar'roc – ZAR-roqui

A LÍNGUA ANTIGA

Nota: Como Eragon ainda não é um mestre da língua antiga, suas palavras e comentários não foram traduzidos literalmente para poupar o leitor de sua gramática deplorável. Citações de outros personagens, contudo, foram deixadas intocadas.

Aí varden abr du Shur'tugals gata vanta. – Um guardião dos Cavaleiros pede passagem
Aiedail – a estrela da manhã
arget – prata
Argetlam – Mão de Prata
Atra gülai un ilian tauthr ono un atra ono waíse skölir frá rauthr. – Que a sorte e a felicidade sigam-no e que você seja protegido contra o infortúnio.
Böetq istalri! – Fogo intenso!
breoal – família; casa
brisingr – fogo
Deloi moi! – Terra, transforme-se!
delois – planta de folhas verdes com flores roxas
Domia abr Wyrda – Domínio do destino (livro)
dras – cidade
draumr kópa – fitar sonhando – encanto para bola de cristal
Du grind huildr! – Segure o portão!
"Du Silbena Datia" – "A Névoa Suspirante" (música-poema)
Du Súndavar Freohr – Morte dos Espectros
Du Vrangr Gata – A Trilha Errante
Du Weldenvarden – A Floresta Protetora
Edoc'sil – Inconquistável
eitha – vá, saia
Eka aí fricai un Shur'tugal! – Eu sou um Cavaleiro e amigo!
ethgrí – evocar
Fethrblaka, eka weohnata néiat haina ono. Blaka eom iet lam. – Pássaro, não vou feri-lo. Voe até a minha mão.
garjzla – inflamar, luz
Gath un reisa du rakr! – Una e ascenda a névoa!
gedwëy ignasia – palma brilhante
Gëuloth du knífr! – Que a faca fique cega!
Helgrind – Os Portões da Morte
iet – meu (informal)
jierda – quebre, bata
Jierda theirra kalfis! – Quebre as pernas deles!
Manin! Wyrda! Hugin! – Memória! Destino! Pensamento!

Moi stenr! – Pedra, transforme-se!
Nagz reisa! – Cobertor, levante-se!
Osthato Chetowä – o Sábio Pesaroso
pömnuria – meu (formal)
Ristvak'baen – Lugar da Dor (baen – usada aqui e em Urû'baen, a capital do Império – é sempre pronunciada com um tom de grande tristeza e pesar)
seithr – bruxa
Shur'tugal – Cavaleiro de Dragão
Skulblaka, eka celöbra ono un mulabra ono un onr Shur'tugal né haina. Atra nosu waíse fricai. – Dragão, eu o respeito e não desejo nenhum mal a você ou ao seu Cavaleiro. Sejamos amigos.
slytha – dormir
Stenr reisa! – Pedra, levante-se!
thyrsta – empurrar, comprimir
Thrysta deloi. – Comprima-se a terra.
Thverr stenr un atra eka hórna! – Atravesse a pedra e deixe-me ouvir!
Togira Ikonoka – O Imperfeito Que É Perfeito
tuatha du orothrim – modificando o conhecimento de um tolo (fase de treinamento dos Cavaleiros)
Varden – Os Guardiões
vöndr – uma vara fina e reta
Waíse heill! – Fique curado!
Wiol pömnuria ilian. – Pela minha felicidade.
wyrda – destino
yawë– sinal de confiança

A LÍNGUA DOS ANÕES

Akh Guntéraz dorzâda! – Pela adoração de Guntéraz!
Âz knurl deimi lanok. – Cuidado, a rocha se transforma.
barzul – uma praga, destino ruim
Carkna bragha! – Grande perigo!
dûrgrimst – clã (literalmente, nossa sala/casa)
Egraz Carn – O Calvo
Farthen Dûr – Nosso Pai
hírna – semelhança, estátua
Ilf carnz orodüm. – É o destino/a obrigação da pessoa.
Ingietum – trabalha com metais, ferreiro
Isidar Mithrim – estrela de safira
knurl – pedra, rocha
knurla – anão (literalmente, feito de pedra)
Kóstha-mérna – Piscina do Pé (um lago)

oeí – sim, afirmativo
otho – confiança
sheilven – covardes
Tronjheim – Capacete de Gigantes
Vol Turin – A Escadaria Sem Fim

A LÍNGUA DOS URGALS

drajl – cria de vermes
Ithrö Zhâda (Orthíad) – Destino rebelde
Kaz jtierl trazhid! Otrag bagh. – Não ataquem! Cerquem-no.
ushnark – pai

AGRADECIMENTOS

Eu criei Eragon, mas seu sucesso é o resultado do esforço entusiasmado de amigos, familiares, fãs, bibliotecários, professores, alunos, dirigentes escolares, distribuidores, livreiros e muitos mais. Eu queria poder citar o nome de todas as pessoas que me ajudaram, mas a lista é muito, muito comprida. Vocês sabem quem vocês são, e eu agradeço a todos!

Eragon foi publicado pela primeira vez no começo de 2002 pela editora dos meus pais, Paolini International LLC. Eles já tinham lançado três livros, então era natural fazer o mesmo com Eragon. Nós sabíamos que Eragon agradaria a uma grande gama de leitores, o nosso desafio era divulgá-lo.

Durante 2002 e no início de 2003, viajei por todos os Estados Unidos fazendo mais de cento e trinta sessões de autógrafos e apresentações em escolas, livrarias e bibliotecas. Minha mãe e eu organizávamos todos os eventos. No começo, eu fazia apenas uma ou duas apresentações por mês, mas conforme fomos ficando mais eficientes quanto à organização dos horários, nossa turnê caseira para este livro se expandiu ao ponto de eu estar viajando quase o tempo todo.

Conheci milhares de pessoas maravilhosas, muitas delas se tornaram fãs e amigos leais. Uma dessas fãs é Michelle Frey, que agora é a minha editora na Knopf Books for Young Readers, e que me fez uma oferta para comprar Eragon. Nem preciso dizer que fiquei encantado porque a Knopf ficou interessada pelo meu livro.

Dessa forma, há dois grupos de pessoas que merecem agradecimentos. O primeiro, que ajudou na produção da edição da Paolini International LLC de Eragon, e o segundo, que foi responsável pela edição da Knopf.

Aqui estão as almas corajosas que ajudaram Eragon a virar realidade:

A turma original: minha mãe, pela sua atenciosa caneta vermelha e pela maravilhosa ajuda com vírgulas, dois pontos, ponto e vírgula e outras pequenas criaturas sortidas. Meu pai, por seu maravilhoso trabalho editorial, por todo o tempo que passou martelando meus pensamentos instáveis, colocando-os de volta no caminho certo, formatando o livro, desenhando a capa e ouvindo tantas apresentações. Minha avó Shirley, por me ajudar a criar começo e fim satisfatórios. Minha irmã, por seus conselhos quanto à trama, por seu bom humor ao ser retratada como uma herbolária em Eragon e pelas longas horas que passou editando o olho de Saphira na capa. Kathy Tyers, por me dar os meios para reescrever, de modo brutal e muito necessário, os três primeiros capítulos. John

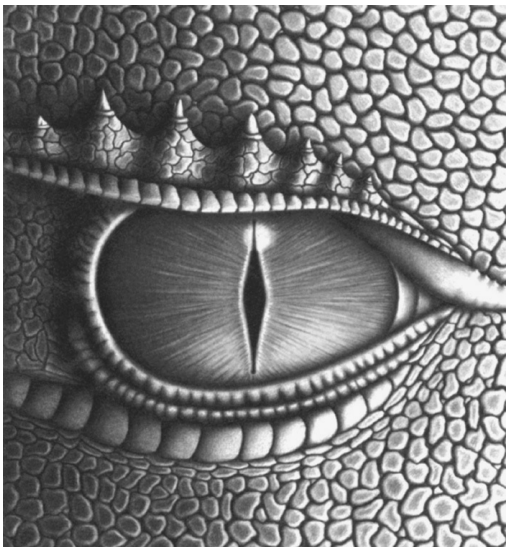
Taliaferro, por seus conselhos e maravilhosa revisão. Um fã chamado Tornado – Eugene Walker – que pegou vários erros de copidesque. E Donna Overall, por seu amor pela história, por seus conselhos quanto à edição e formatação e por seu olhar aguçado com relação a todas as coisas que tinham a ver com elipses, linhas viúvas, órfãs, kerning e frases contínuas. Se existem Cavaleiras de Dragões na vida real, ela é uma delas, correndo, de forma abnegada, ao socorro de escritores perdidos no Pântano das Vírgulas. E agradeço a minha família por me apoiar de todo o coração... e por ler esta saga mais vezes do que qualquer pessoa sã deveria fazer.

A nova turma: Michelle Frey, que não só amou a história o bastante para se arriscar em uma fantasia épica escrita por um adolescente, mas que também conseguiu otimizar o ritmo de Eragon com sua percepção editorial. Meu agente, Simon Lipskar, que me ajudou a achar o melhor lar para Eragon. Chip Gibson e Beverly Horowitz por sua maravilhosa oferta. Lawrence Levy por seu bom humor e consultoria jurídica. Judith Haut, que é um gênio da publicidade. Daisy Kline por sua impressionante campanha de marketing. Isabel Warren-Lynch, que criou a adorável contracapa do livro, seu interior e o mapa. John Jude Palencar, que coloriu a arte da contracapa (de fato, eu me inspirei no nome dele ao batizar o vale Palancar em sua homenagem antes mesmo de ele trabalhar em Eragon). Artie Bennett, o decano da revisão e o único homem vivo a entender a diferença entre ver o futuro e ver o futuro daquilo. E toda a equipe da Knopf, que tornou esta aventura possível.

Finalmente, um agradecimento muito especial aos meus personagens, que enfrentaram bravamente os perigos que os forcei a encarar e sem os quais eu não teria uma história.

Que suas espadas permaneçam afiadas!

Christopher Paolini



Copyright do texto © 2003 by Christopher Paolini
Copyright arte da capa © 2003 by John Jude Palencar
Copyright das ilustrações das páginas ii, iii, iv e 471 © 2002 by Christopher Paolini

Tradução da edição brasileira publicada mediante acordo com a Random House Children's Books, uma divisão da Random House, Inc.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Conversão para E-book
Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P227e
Paolini, Christopher, 1983-
Eragon [recurso eletrônico] / Christopher Paolini; tradução de Nelson Rodrigues Pereira Filho. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
recurso digital (Ciclo a herança; 1)

Tradução de: Eragon
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de Acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8122-099-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana 2. Livros eletrônicos. I. Pereira Filho, Nelson Rodrigues II. Título. III. Série.

12-5074. CDD – 028.5 CDU – 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O amor duradouro que Christopher Paolini sente pela fantasia e pela ficção científica o inspirou a escrever o Ciclo da Herança, série que rapidamente se tornou bestseller internacional. Christopher vive em Montana, onde as paisagens deslumbrantes alimentam suas visões da Alagaësia.

Para saber mais sobre Paolini e o Ciclo da Herança, acesse www.eragon.com e www.alagaesia.com.